



P E N G U I N



C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

GUSTAVE FLAUBERT

A educação sentimental

"Foi como uma aparição:

Ela estava sentada, no meio do banco, sozinha; ou pelo menos ele não avistou ninguém, no deslumbramento que os olhos dela lhe enviaram. No exato instante em que ele passava, ela levantou a cabeça; ele curvou involuntariamente os ombros; e quando foi se postar mais longe, do mesmo lado, ele olhou para ela."

Setembro de 1840. O navio *La Ville-de-Montereau* navega pelo rio Sena em direção ao interior da França. A bordo se encontra Frédéric Moreau, jovem que sonha com os sucessos que o aguardam em sua futura vida em Paris, para onde voltará após uma temporada na província. Mas seu destino começa a se desenrolar ainda durante a viagem, quando pousa os olhos pela primeira vez na sra. Arnoux.

Considerado por muitos a obra-prima de Flaubert, este romance retrata a história de um jovem ávido por amor, riqueza e glória, mas que, em uma época de profundas turbulências políticas e sociais, cujo apogeu é a Revolução de 1848, revela-se incapaz de se engajar em uma causa.

Esta edição conta com um prefácio inédito de Maria Rita Kehl, que relaciona o jovem Frédéric à mais famosa personagem criada pelo autor, Emma Bovary, além do texto clássico de Marcel Proust acerca do romance e do estilo de Flaubert.

Tradução e notas de ROSA FREIRE D'AGUIAR

Prefácio de MARIA RITA KEHL

Posfácio de MARCEL PROUST

P E N G U I N



C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

Imagem de capa: Félix Vallotton (1865-1925), *Le Mensonge*, 1897-98, xilogravura. Coleção particular. © Christie's Images/ Bridgeman Images/ Fotoarena

leia mais

www.penguincompanhia.com.br

ISBN 978-85-8285-056-5



9 788582 850565



COMPANHIA DAS LETRAS

A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL

GUSTAVE FLAUBERT, filho caçula de um médico de província, nasceu na cidade de Rouen, na França, em 1821. Ainda menino, cheio de desprezo romântico pelo mundo burguês, declarou-se “enojado com a vida”. Aos dezoito anos, foi estudar direito em Paris, mas não lamentou quando, apenas três anos depois, uma doença nervosa lhe interrompeu a carreira. Passou a morar com a mãe viúva na casa da família em Croisset, à beira do rio Sena, perto de Rouen. Vivendo de renda, dedicou-se a escrever.

Na obra inicial, particularmente *A tentação de santo Antônio*, deu rédeas à imaginação exuberante, mas, posteriormente, seguindo o conselho dos amigos, disciplinou esse entusiasmo romântico em um esforço para lograr objetividade artística e um estilo harmonioso de prosa. Seu perfeccionismo custava-lhe trabalho árduo e só lhe valeu sucesso limitado. Após a publicação de *Madame Bovary*, em 1857, ele foi processado por ofender a moral pública; seu romance exótico *Salammbô* (1862) foi criticado pelas incrustações de detalhes arqueológicos; *A educação sentimental* (1869), que devia ser a história moral de sua geração, foi muito mal interpretado pela crítica; e a peça política *O candidato* (1874) fracassou desastrosamente. Apenas *Três contos* (1877) obteve grande sucesso, mas foi publicado quando o espírito, a saúde e as finanças de Flaubert haviam chegado a seu ponto mais baixo.

Após a sua morte em 1880, a fama e a reputação de Flaubert cresceram continuamente, reforçadas pela publicação de sua obra-prima cômica inacabada *Bouvard e Pécuchet* (1881) e pelos muitos volumes de sua notável correspondência.

ROSA FREIRE D’AGUIAR nasceu no Rio de Janeiro. Formou-se em jornalismo pela PUC do Rio de Janeiro e nos anos 1970 e 1980 foi correspondente em Paris das revistas *Manchete* e *IstoÉ* e do *Jornal da República*. Em 1986 retornou ao Brasil e desde então trabalha no mercado editorial. Traduziu do francês, espanhol e italiano cerca de cem títulos nas áreas de literatura e ciências humanas, de autores como Céline, Lévi-Strauss, Sabato, Balzac, Montaigne e Stendhal. É autora de *Memória de tradutora* (2004) e editora da coleção Arquivos Celso Furtado (Contraponto/Centro Celso Furtado), na qual já publicou seis títulos. Entre os prêmios que recebeu estão o da União Latina de Tradução Técnica e Científica (2001) por *O universo, os deuses, os homens*, de Jean-Pierre Vernant, e o Jabuti (2009) por *A elegância do ouriço*, de Muriel Barbery, ambos da Companhia das Letras.

MARIA RITA KEHL é psicanalista, jornalista e escritora. Atende em consultório particular desde 1981. Colaborou com os jornais *Movimento*, *Em tempo*, *Folha de S.Paulo* e *Estado de S. Paulo*, e com as revistas *Época* e *Carta Capital*. Entre 2012 e 2014 integrou a Comissão Nacional da

Verdade, encarregada pela presidente Dilma Rousseff de investigar crimes cometidos por agentes do Estado, durante a ditadura, contra militantes políticos. Escreveu, entre outros, *Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade* – tese de doutoramento pela PUC-SP – e *O tempo e o cão: Atualidade das depressões*, ambos publicados pela editora Boitempo, que também prepara o lançamento de *Bovarismo brasileiro: Ensaios*.

VALENTIN LOUIS GEORGES EUGÈNE MARCEL PROUST nasceu em Auteuil-Neuilly-Passy, Paris, em 1871. Acometido por asma e problemas respiratórios desde a infância, teve sua educação escolar interrompida aos onze anos. Apesar da saúde debilitada, serviu no Exército de 1889 a 1890. Durante a juventude, foi um diletante cuja falta de disciplina se antepunha às aspirações literárias. Ocupou um cargo na Bibliothèque Mazarine para atender aos anseios do pai, mas nunca chegou a exercer qualquer função efetiva. Em vida, publicou *Les Plaisirs et les jours* (1896), traduções do escritor inglês John Ruskin (1904 e 1906) e *Pastiches et Mélanges* (1909), uma coletânea de prefácios e artigos publicados no jornal francês *Le Figaro*, além dos primeiros volumes de *Em busca do tempo perdido*. Os sete volumes da obra foram publicados entre 1913 e 1927, e o segundo deles, *À sombra das raparigas em flor*, recebeu o prêmio Goncourt em 1919. Em 1905, Proust perde a mãe, de quem era muito próximo, e recebe uma confortável herança da qual viverá até o final da vida. Passou seus últimos três anos confinado em seu apartamento escrevendo e morreu em 1922 em decorrência de problemas respiratórios.

GUSTAVE
FLAUBERT

A educação
sentimental

Tradução e notas de
ROSA FREIRE D'AGUIAR

Prefácio de
MARIA RITA KEHL

Posfácio de
MARCEL PROUST



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Prefácio — *Observações sobre A educação sentimental*, Maria Rita Kehl
Nota da tradutora

A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL

Primeira parte
Segunda parte
Terceira parte

Posfácio — *A propósito do “estilo” de Flaubert*, Marcel Proust

Cronologia

Prefácio —

Observações sobre *A educação sentimental*

MARIA RITA KEHL

1. BOVARISMO

O título engana. *A educação sentimental* pode sugerir ao leitor desavisado que se trata de um texto carregado de lições de moral. Mas não. Este é o romance mais político de Gustave Flaubert.

Não necessariamente pelo caráter de seu protagonista. Frédéric Moreau é o jovem provinciano que chega a Paris cheio de sonhos romanescos, herdeiro da considerável fortuna de um tio distante. Por que não haveria de imaginar que o dinheiro, que lhe caiu como que vindo do céu, lhe daria os recursos necessários para realizar tais sonhos?

Só que os sonhos de Frédéric não se transformam em projetos. Se Flaubert fosse apenas um grande escritor realista da segunda metade do século XIX, como Balzac, como Dickens, a fantasia do protagonista teria alguma chance de se realizar. Depois de passar por alguns descaminhos, Frédéric se tornaria um ricoço benfeitor dos pobres; seria um personagem em conformidade com a fase de sensibilidade para as desigualdades sociais que se inaugurou (pelo menos para uma parcela dos parisienses) durante a derrocada da monarquia francesa depois da queda de Luís Filipe. Volto a esse ponto.

Mas o protagonista de *A educação sentimental*, romance publicado treze anos depois do inigualável *Madame Bovary*, também é — apesar da diferença de sexo — um *bovarista*. Assim como Emma, Frédéric não é capaz de estabelecer nenhuma relação estratégica entre seus projetos grandiosos e sua condição de pequeno-burguês provinciano (mais uma

vez...!), sonhador e ingênuo diante do jogo de conveniências que ainda regia o que restava da vida em torno da corte, por volta de 1840.

Sim, Frédéric Moreau é um bovarista. Vejamos a definição do termo, cunhado pelo psiquiatra francês Jules de Gaultier no livro intitulado *Le Bovarisme*, de 1912. O *bovarismo* seria o “poder conferido ao homem de conceber-se diferente do que é”, escreve Gaultier.¹

A definição parte do princípio, bastante discutível do ponto de vista da psicanálise, de que o homem mentalmente sadio — ou seja, não *bovarista* — deva ser capaz de conceber-se *idêntico a si mesmo*. Tal projeto já é bastante estranho às sociedades a que chamamos modernas, marcadas que foram pela existência da psicanálise. Esta, como hoje já se tornou quase um clichê, concebe o sujeito como essencialmente *dividido* — ou seja, *não idêntico a si mesmo*. Mesmo que a primeira definição de Gaultier sobre o *bovarismo* seja precedida, como o foi, de “todas as formas de ilusão do *eu...*”, ainda assim subjaz ao conceito a premissa de que a subjetividade não *bovarista* deva ser regida por alguma característica *essencial*, dissociada da fantasia. Depois de Freud, esse ideal foi desacreditado. Mas não me cabe aqui a discussão psicanalítica dessa ideia.

O *bovarista* definido por Gaultier também seria o sujeito inconformado com o destino a que teria sido predestinado a partir de sua origem social. Um sujeito que concebe a si mesmo “diferente do que ele é”. Ora, essa definição, escrita no início da era freudiana,² revela no mínimo certa ingenuidade por parte do autor. Uma das “más notícias” que a psicanálise trouxe, pelo menos ao sujeito ocidental, é que a condição humana é necessariamente conflituosa: não é possível estabelecer uma *essência* humana. A única invariável comum a nós todos — pelo menos os nascidos em sociedades organizadas a partir do tabu do incesto (que para Freud também seria universal) — é a divisão subjetiva. A fantasia de formar um todo indivisível com o Outro materno é recalcada no início da vida psíquica. Embora este não seja um prefácio psicanalítico, vale lembrar que a perda dessa unidade intrauterina é essencial para a constituição do que a psicanálise entende por *sujeito*. Ao sujeito, cabe o destino de não cessar de desejar a unidade perdida. Sem jamais alcançá-la, é bom que se diga. A não ser na perfeição da morte. A um morto já não falta nada. Mas antes do fim inevitável, a vida humana pode ser considerada uma longa tentativa de fazer

o caminho de volta em direção à completude perdida. É próprio do humano conceber a si mesmo “diferente do que é”.

Por outro lado, se aplicarmos a ideia de “conceber-se diferente do que (se) é” ao terreno da vida em sociedade, é importante lembrar que os livros de Flaubert foram escritos em meados do século XIX, quando as possibilidades de ascensão social e superação da origem familiar já eram transmitidas, como ideais, de uma geração a outra. Se a longa tradição monarquista ainda mantinha as posições sociais na dependência das condições de nascimento, as modernas perspectivas de mobilidade social possibilitavam cada vez mais a realização de tais sonhos, considerados devaneios “bovaristas” nas décadas anteriores.

Volto à definição do termo (que não atinge, a meu ver, o status de conceito). Gaultier define o bovarismo como “todas as formas de ilusão do *eu* (e...) a fantasia de tornar-se *outro*. O autor classifica o bovarismo em:

1. Bovarismo moral: ilusão de livre-arbítrio. Sua consequência: a responsabilidade. Ilusão de unidade da pessoa.
2. Bovarismo passional ou o gênio da espécie: por exemplo, o homem presa da paixão de amor.
3. Bovarismo científico ou o gênio do conhecimento.

Vale perguntar ao leitor quem não se reconhece, em algum momento da vida — principalmente entre a adolescência e o fim da juventude —, tomado por uma ou mais dessas fantasias a respeito de si mesmo e do que se pretende alcançar no porvir.

Só os quadros de depressão impedem que os adolescentes e os jovens projetem diante de si um grande destino, um grande amor, plena liberdade de escolha e realizações geniais; talvez só o depressivo esteja a salvo das ilusões bovaristas.

Vale lembrar também que o primeiro herói literário considerado *moderno*, escrito ainda no século XVI — *Dom Quixote de La Mancha*, de Cervantes — também seria, por definição, *bovarista*, se bem que *avant la lettre*. Um que quis viver, e bem o tentou, a ilusão do cavaleiro andante, como os heróis dos romances de um século anterior ao seu que lhe caíram nas mãos. *Bovarista* e *quixotesco*, afinal, são expressões que remetem,

com um grão de sal, às mesmas aspirações que caracterizam o sujeito moderno.³

Todos os grandes personagens de Flaubert são *bovaristas* — a começar por seu santo Antão,⁴ que enlouqueceu por tentar desesperadamente superar-se ao atravessar o deserto em jejum, até cair em tentação, assolado pelo “demônio do meio-dia”. Também teria traços bovaristas a comovente empregada doméstica, que, depois de velha, conserva em seu quarto modesto o cadáver empalhado de um papagaio, seu único amigo em vida.⁵ Sem contar, é claro, a personagem que nomeia o sintoma, a famosa Emma Bovary:⁶ pequeno-burguesa provinciana leitora de romances “para moças”, que tentou sem sucesso superar seu destino medíocre. Não conseguiu; suicidou-se. Como, aliás, outras personagens femininas dos grandes romances da segunda metade do século XIX, que tentam mudar seu destino de esposas infelizes, no período que marcou a passagem do antigo regime (*latu sensu*) para a modernidade. Anna Kariênina, a grande protagonista do romance de mesmo nome escrito por Tolstói, é uma das companheiras de destino à altura (tanto literária quanto moral) de Emma Bovary. A inteligente Capitu, protagonista do romance mais conhecido de Machado de Assis,⁷ não cumpre todos os requisitos para ser considerada uma *bovarista*, mas evoca o tema da falta de perspectivas de um destino mais interessante, frustradas pelas condições de seu sexo e sua origem social.

A diferença do *bovarismo* dos adolescentes contemporâneos — cuja perspectiva de mobilidade de classes está inscrita na vida social pelo menos desde o longínquo século XX — e o dos personagens do romance oitocentista está no fato de que, para aqueles, o destino estava mais ou menos circunscrito desde o nascimento, tanto por causa da origem social de cada um quanto, no caso das mulheres, pela má sorte de pertencer ao sexo feminino. No presente início do século XXI, a perspectiva de mobilidade social que desnorteia os adolescentes em sua busca por um destino menos medíocre está, pelo menos, inscrita nas condições das culturas ocidentais.

2. O APRENDIZ QUE NÃO APRENDEU NADA

Voltemos a Frédéric Moreau, jovem pequeno-burguês que compartilhou com Deslauriers, amigo de adolescência, grandes projetos idealistas. É um herói à deriva — talvez ainda mais do que Emma Bovary, cujos sonhos romanescos eram limitados pela condição de mulher. O subtítulo de *Madame Bovary* é: *Costumes de província*. Embora Frédéric também tenha nascido na província, sua condição de homem e herdeiro da fortuna de um tio distante (como em Machado de Assis, nos romances de Flaubert nenhum protagonista ganha dinheiro com o trabalho) lhe permite grande liberdade de movimentos. Frequenta, em Paris, círculos de alta burguesia e pequena nobreza, por onde circulam outros arrivistas como ele mesmo. Frédéric é pretensioso, indolente e desorientado, mas a simples condição de homem — somada à de herdeiro de uma fortuna razoável — o livra do destino trágico de sua meia-irmã Emma, filha do mesmo pai-autor, Gustave Flaubert.

O *alter ego* de Frédéric Moreau é seu amigo de colégio, o idealista Deslauriers. Pobre, revoltado não apenas com sua condição, mas também com a miséria que observa à sua volta, Deslauriers faz uma espécie de contraponto ao desvario de Frédéric. É o personagem que não perde o prumo. Pede quinze mil francos ao amigo em momento de necessidade, quando quer abrir um jornal político, mas Frédéric prefere emprestá-los à amada sra. Arnoux, para salvá-la da bancarrota sofrida pelo marido. Deslauriers nunca terá o dinheiro pedido ao amigo. É convidado por Frédéric para frequentar alguns salões, mas não vê sentido em se inserir unicamente para conseguir prestígio; aos poucos o amigo também passa a evitá-lo. Mas é com Deslauriers que Frédéric troca as poucas frases nostálgicas e desiludidas que evocam a juventude, no fim do romance.

Flaubert, nesse romance que se passa em Paris em uma época de grandes convulsões sociais, embebe a vida social de *bovarismo*.

É o caso das longas descrições das recepções e dos banquetes — decoração, roupas dos serviçais, cardápios suntuosíssimos, vestimentas de cada um dos comensais a indicar sua condição social, seu maior ou menor acerto, o ridículo de algumas pretensões, a elegância das poucas *femmes comme il faut*⁸ e a ostentação deselegante das outras, que apostam a sorte no encontro com algum bom partido.

É o caso das ambições de Rosanette, moça pobre que frequenta os círculos da nobreza remanescente pós-1789 à custa de prestar e receber

favores; não vou revelar agora se ela consegue casar, subir um pouco na vida e viver infeliz para sempre.

É o caso dos ardores extraconjugais da sra. Dambreuse, sempre frustrada por possuir apenas uma fortuna familiar medíocre, apesar de ter se casado com um homem que “devia amealhar diversas heranças” (p. 280). Frustradas essas esperanças, cessa o interesse dela pelo infeliz marido. Também não vou revelar de quem a sra. Dambreuse se torna amante, à altura de todos os rompantes romanescos que caracterizam o bovarismo.

Mas não é o caso, talvez, da paixão de Frédéric pela sra. Arnoux. Ao menos, o modo como Flaubert descreve o *coup de foudre* que atinge seu protagonista ao encontrá-la pela primeira vez, me parece isento da indefectível ironia empregada pelo autor:

Ela se parecia com as mulheres dos livros românticos. Ele não gostaria de acrescentar nada, de retirar nada de sua pessoa. De repente, o universo acabava de se ampliar. Ela era o ponto luminoso para o qual o conjunto das coisas convergia; — e, embalado pelo movimento da carruagem, de pálpebras semicerradas e olhar nas nuvens, entregou-se a uma alegria sonhadora e infinita. (p. 40)

A seguir, Frédéric fustiga os cavalos com tal ímpeto, por tanto tempo, que o velho cocheiro, a seu lado, é obrigado a implorar para que ele não deixe os animais exauridos.

A paixão de Frédéric pela sra. Arnoux (que se chama simplesmente Marie, para deixar mais clara a alusão à sua pureza nos atos e nos sentimentos) fica, durante muitas dezenas de páginas, à margem dos acontecimentos do romance. Como o protagonista de *A educação sentimental* é um homem, suas peripécias — ao contrário da infeliz Emma Bovary — também são impregnadas pela vida social.

3. QUASE OUTRA REVOLUÇÃO

Passado mais de meio século desde a Revolução de 1789 — ou seja, no longo período da restauração da monarquia —, Flaubert descreve um mundo em que a mobilidade social depende mais de casamentos

convenientes do que do sucesso de empreendimentos pessoais. Por sinal, esse é o pano de fundo de mais da metade das tramas do grande romance oitocentista.

“Quero escrever a história moral dos homens de minha geração”, escreve Flaubert em carta para Marie Sophie Leroyer de Chantepie, “ou, mais precisamente, a história de seus sentimentos. É um livro sobre amor, sobre paixão; mas uma paixão capaz de sobreviver nos dias de hoje, ou seja, uma paixão *inerte*.”⁹ O grifo fica por minha conta, para enfatizar ao leitor contemporâneo o que Flaubert pensava das possibilidades de sobrevivência de uma paixão em uma sociedade em que os casamentos ainda eram movidos pelas perspectivas de ascensão social que ofereciam. Só uma paixão *inerte*, ou seja, estacionada sobre as primeiras idealizações do ser amado sem nunca atravessar as provações do cotidiano conjugal, poderia sobreviver na época em que Gustave Flaubert escreveu seus melhores romances.

Vale observar que a desilusão das mulheres que se casavam cheias de fantasias românticas e depois se decepcionavam foi um dos grandes temas da grande literatura oitocentista. A tal ponto que o romancista André Gide declarou, com ironia, que, se o código napoleônico aprovasse a lei que permitia o divórcio, o triste resultado seria a morte do romance.

À exceção de Deslauriers, pobre advogado idealista, do jornalista Hussonnet e do sr. Arnoux, burguês empreendedor, casado com a mulher por quem Frédéric se apaixona à primeira vista — como não poderia deixar de ser —, nenhum personagem de *A educação sentimental* vive de seu trabalho. Deslauriers forma-se advogado, mas sua origem pobre o priva de “bons contatos” para subir na profissão. Continua pobre, leal ao amigo e sempre revoltado com a desigualdade social.

O pano de fundo de *A educação sentimental* é uma luta de todos contra todos pela escalada social com base em aparências forjadas, casamentos de conveniência, alianças interesseiras, intrigas, aspirações frustradas. O sr. Roque, pai de Louise, por quem Frédéric nutriu, na província, um encantamento infantil, sonha em casá-la com o protagonista que ascende na escala social. E negocia consigo mesmo, em pensamentos: “Se a coroa de conde não viesse [em decorrência do casamento da filha], ele se consolaria com outra coisa” (p. 317).

Frédéric, como é praxe no romance oitocentista, vai morar com Rosanette, a moça fácil que ele despreza, embora ela desperte seu desejo sexual. Ele é um personagem tão bovarista quanto sua antecessora literária. Quando lhe sugerem que se candidate a uma vaga na Assembleia, limita-se a imaginar como ficaria elegante com os trajes de deputado. Contenta-se com o devaneio: não toma nenhuma iniciativa a respeito. “Tornar-se outro”, para Frédéric, é um efeito do manejo das aparências e das circunstâncias sociais que se apresentassem. A diferença, em relação a Emma Bovary, é que, sendo homem, Frédéric tem melhores condições de circulação social e muito, muito mais liberdade de tentar realizar suas fantasias românticas sem se comprometer.

Tudo aquilo que, em *Madame Bovary*, termina em tragédia, em *A educação sentimental* alimenta a paródia.

4. AS BARRICADAS DE PARIS

Só que nem tudo, nesse romance, é paródia. A passagem mais longa e talvez a mais empolgante do livro mais longo de Flaubert não é romântica. Nem romanesca. Acontece quando a cena ficcional se passa dentro de uma cena histórica verdadeira: as famosas “barricadas de Paris”, ocorridas em 1848.

Em meio à narrativa romanesca e irônica da saga de Frédéric, Flaubert insere cerca de quarenta páginas em que a ação se passa durante a grande revolta que tomou conta de Paris em 1848.¹⁰ Ao sair à rua depois do encontro com uma de suas amantes (não direi qual – o leitor saberá), Frédéric perambula a esmo em meio às barricadas de Paris, encontra conhecidos que se engajam na luta – Hussonnet, Deslauriers – e empolga-se com a revolta sem entender bem o que está em jogo. As descrições das barricadas são um dos pontos fortes dessa narrativa, que se inscreve na tradição do grande romance realista europeu. Refiro-me grosso modo à literatura que se embebe nas condições da vida social de sua época.

Diga-se de passagem, que a Revolução de 1848 concluiu-se com a queda de Luís Filipe (o “Rei burguês”), em parte motivada pela atuação de seu primeiro-ministro, François Guizot, que aos poucos restringiu todos os direitos políticos conquistados desde a Revolução de 1789 e empreendeu

uma política repressiva de cerceamento às manifestações públicas. No mesmo dia da queda de Luís Filipe, 25 de fevereiro, instaurou-se a Segunda República, proclamada por Lamartine. Em junho de 1848, a comissão executiva da Assembleia Constituinte ordenou o fechamento das oficinas nacionais, o que deixou mais de 100 mil pessoas desempregadas. As barricadas de junho em Paris foram montadas durante a batalha travada pelos operários em protesto contra o fechamento dessas oficinas. Em 10 dezembro do mesmo ano, Luís Bonaparte foi eleito presidente da República, à frente de um chamado “Partido da Ordem”. Tratava-se, aliás, de um arrivista persistente. Tinha tentado derrubar Luís Filipe em 1836, o que lhe custou alguns anos de exílio na Inglaterra.

Vale ainda lembrar, embora a informação não conste do romance, que a repressão às barricadas de junho levou mais de 3 mil revoltosos a morrer fuzilados e outros 15 mil a ser deportados para as distantes colônias francesas.

Em 1852, Luís Bonaparte sagrou-se imperador Napoleão III (apelidado, no título de um dos livros de Vitor Hugo, de “Napoleão, o pequeno”), o que motivou a famosa frase de Karl Marx de que “a história se repete [...] como farsa”.¹¹ Podemos imaginar que Flaubert, com a ironia que caracteriza sua literatura, tivesse pensado em Luís Bonaparte como um personagem histórico *bovarista*. O que faz sentido, a não se por um detalhe fundamental: ao deter o controle do Exército e da guarda nacional, o herdeiro de Napoleão dispunha dos recursos necessários para “tornar-se outro”. Sua fantasia imperial foi um caso de *farsa* realizada e respaldada por forças políticas e policiais consideráveis. O *bovarismo* de Luís Bonaparte tornou-se realidade.

Gustave Flaubert embebe seu romance no pano de fundo da história da França, contemporânea a sua escrita. Blanqui e Barbès, personagens trágicos desse período, condenados à morte por suas ações revolucionárias, também comparecem em conversas do protagonista com Sénecal, o amigo republicano de Frédéric.

Mas a *bêtise*¹² de Frédéric é incurável. Flaubert recusa ao leitor qualquer perspectiva de devaneio romântico a propósito de seu personagem bonito, jovem e sonhador. Ele frustra até mesmo quando nos oferece algumas tiradas romanescas de seu novo personagem bovarista. Uma briga causada por insinuações maldosas a propósito da honra de sua amada sra. Arnoux,

durante um banquete, resulta no desafio para um duelo. O anfitrião, fidalgo de nome Cisy, emite um gracejo de mau gosto a respeito da sra. Arnoux. Frédéric sente-se obrigado a desafiá-lo, em defesa da honra de sua amada. Flaubert, depois de narrar as preliminares do duelo com todos os detalhes, transforma sua execução em um fiasco. Frédéric se safava, e Cisy apenas esfola um dedo, ao cair no chão. O duelo é cancelado e a honra do valente Frédéric se mantém.

5. FLAUBERT: UM CONSERVADOR CRÍTICO DOS CONSERVADORES

A perspectiva do autor, diante dos eventos de 1848, não é revolucionária. Flaubert, sabemos por suas cartas e pela magistral biografia escrita por Jean-Paul Sartre, é um conservador. Mas seu ponto de vista é sempre crítico em relação ao oportunismo que permeia as disputas pelo poder no período. Lemos por exemplo, na cena em que os convidados a uma recepção em casa da sra. Dambreuse discutiam a respeito da honestidade ou não do sr. Arnoux:

A maioria dos homens que estavam ali tinha servido, pelo menos, a quatro governos; e teria vendido a França ou o gênero humano para garantir sua fortuna, evitar uma falta de dinheiro, uma dificuldade, ou até mesmo por simples baixa, por adoração instintiva da força. Todos declararam que os crimes políticos eram indesculpáveis. Era melhor perdoar àqueles que resultavam da necessidade! E não deixaram de destacar o eterno exemplo do pai de família, roubando o eterno pedaço de pão do eterno padeiro. (p. 312)

Sem dúvida é oportuna, no Brasil de 2017, a reedição de *A educação sentimental*. Nada impede, é verdade, que o romance seja lido — para desgosto do grande Flaubert, que bem temia as leituras romanescas de *Madame Bovary* — como a história de um amor platônico frustrado. Para o leitor romanesco, aliás, o desfecho do longo anseio de Frédéric pelo amor da sra. Arnoux não deixa de ser frustrante. Mas tal frustração romanesca, intencional por parte do autor, não faz mais que confirmar a pretensão

política que embebe as mais de quinhentas páginas de *A educação sentimental*.

“Foi isso que nós tivemos de melhor”, diz Frédéric ao evocar a época em que se passou o romance, quando reencontra o amigo Deslauriers, anos depois. “Sim, talvez tenha sido! Foi isso que tivemos de melhor!” Assim termina o romance mais longo de Gustave Flaubert.

Não deixo de torcer para que a ironia deste que foi um dos maiores expoentes do romance oitocentista não impeça o leitor desta tradução de perceber que o pano de fundo político deste livro é menos estranho à realidade brasileira do que gostaríamos de crer.

NOTAS

1. Jules Gaultier, *Le Bovarisme*. Paris: Mercure de France, 1912, p. 68.
2. Em 1912, Freud já havia estabelecido os principais pilares da teoria psicanalítica: “Estudos sobre a histeria” (1899), “A interpretação dos sonhos” (1900), “Três ensaios sobre a teoria sexual” (1905) e outros ensaios de menor porte mas igual importância.
3. Afirmação que se baseia nas considerações de diversos historiadores do Renascimento, de que o século XVI tenha sido um período fértil em transformações importantes, no Ocidente, e precursor do chamado “Século das Luzes” (o século XVIII). Ver, a respeito, Raymond Klibansky, Erwin Panofsky e Fritz Saxl, *Saturne et la Mélancolie* [1964]. Trad. de Fabienne Durand-Bogaert e Louis Évrard. Paris: Gallimard, 1989.
4. Gustave Flaubert, *La Tentation de saint Antoine* [1874]. Paris: Gallimard, 2006.
5. Id., “Un cœur simple”, in *Trois contes* [1877]. Paris: Gallimard, 2003.
6. Id., *Madame Bovary* [1856]. Paris: Gallimard, 2001.
7. Machado de Assis, *Dom Casmurro* [1899]. São Paulo: Penguin Companhia, 2016.
8. A expressão é de Balzac, em várias passagens da *Comédia humana*. Indica a mulher que sabe compor com perfeição sua imagem em consonância com sua posição social.
9. Gustave Flaubert, *Cartas exemplares*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
10. Ver Alexis de Tocqueville, *Lembranças de 1848. As jornadas revolucionárias em Paris* [1850]. São Paulo: Penguin Companhia, 2011. Trad. de Modesto Florenzano.
11. Ver Karl Marx, *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* [1852]. Pref. de Herbert Marcuse. Trad. de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011. “Hegel faz notar algures que todos os grandes acontecimentos e personagens históricos ocorrem, por assim dizer, duas vezes. Esqueceu-se de acrescentar: a primeira como tragédia, a segunda como farsa.”
12. Atualmente, talvez a melhor tradução para o termo “*bêtise*” seja “bobeira”. Flaubert o emprega várias vezes em suas cartas a amigos e a Louise Colet, a propósito da estupidez que move a maioria dos personagens de *Madame Bovary*.

Nota da tradutora

A edição original de *A educação sentimental* chegou às livrarias no dia 17 de novembro de 1869. Eram dois volumes, publicados pelo editor Michel Lévy, tendo na capa o ano de 1870 e o subtítulo “Histoire d’un jeune homme” [História de um rapaz]. Flaubert ia completar 48 anos. Depois de *Madame Bovary*, ambientado na província, e de *Salammbô*, situado na antiga Cartago, ele pensara em escrever um “romance passado em Paris”, que falasse da sociedade dos anos 1840-60: “Quero fazer a história moral da minha geração; *sentimental* seria mais verdadeiro”.¹ Na juventude, ensaiara tratar dos temas principais que retomaria na obra definitiva: aos dezessete anos, no esboço *Mémoires d’un fou* [Memórias de um louco], contou a paixão de um adolescente por uma mulher casada; quatro anos depois, em *Novembre* [Novembro], antecipou o sentimentalismo do futuro protagonista Frédéric Moreau; e, por volta dos 22 anos, escreveu uma ficção chamada *L’Éducation sentimentale* — que não é, porém, a primeira versão do romance publicado mais de duas décadas depois, embora tenha lhe dado o nome.

Flaubert começou a escrever *A educação sentimental* no dia 1^o de setembro de 1864 e terminou às cinco da manhã do dia 16 de maio de 1869. O manuscrito original somava 2355 páginas, e sua leitura, que ele fez no salão literário da princesa Mathilde, prima do imperador Napoleão III, levou dezesseis horas, divididas em quatro sessões.²

A recepção ao novo romance foi, porém, negativa. Artigos não faltaram. Nos dois primeiros meses, houve pelo menos 25 comentários nos jornais que circulavam em Paris. Flaubert foi acusado, entre outros pecados, de

atacar a magistratura, ser prosaico e materialista, criar personagens tão vulgares quanto a sociedade em que viviam, apelar para baixezas como a descrição de um bordel ou de um baile à fantasia. Em carta à amiga George Sand, ele diz que “seu velho trovador é fortemente denigrado pelas folhas; tratam-me de *cretino* e *canalha*”.³ Queixa-se de quatro jornais que o censuraram “em nome da moral e do ideal”, mas cita outros três que “me exaltaram muito”.⁴

Em meio aos ataques, houve algumas exceções. Seus amigos Émile Zola, Théodore de Banville e Victor Hugo o defenderam em artigos ou cartas. A virulência das críticas, no entanto, calou fundo em Flaubert. Cinco anos depois, ele escrevia a Ivan Turguêniev que “o grande sucesso me abandonou desde *Salammbô*. O que me resta no coração é o fracasso de *A educação sentimental*. Que não tenham compreendido esse livro, eis algo que me surpreende”.⁵

Se os contemporâneos foram severos, a posteridade foi mais generosa. Em 1919, Marcel Proust destacou em longo artigo a originalidade do romance, a ironia no trato dos acontecimentos históricos, e, em especial, um modo novo de escrever. Flaubert era obsessivo com o que designava “os terrores do estilo”, a ponto de reler em voz alta seus manuscritos, à espreita de falhas que pudessem prejudicar a música do texto. Proust percebeu que *A educação sentimental* desafiava a rigidez da gramática francesa e introduzia novas regras narrativas. Tratava-se, para ele, de “uma beleza gramatical que não tem nada a ver com a correção”.⁶ A obra firmou-se, assim, como um romance realista de referência, com um enfoque moderno da passagem do tempo e um retrato muito fiel das diversas facetas da burguesia francesa em expansão.

O romance se estende de 1840 a 1867, período em que a história se acelera e a França conhece a monarquia, a revolução, a república, o império. Frédéric, assim como seu criador, chega a Paris aos dezoito anos para estudar direito, em plena Monarquia de Julho, instaurada em 1830. Presencia sucessivamente a revolução popular de fevereiro de 1848, a queda do rei Luís Filipe, a instalação da II República, o golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte. A cena final do romance se passa no inverno de 1868-9, meses antes de eclodir a guerra franco-prussiana que levará à queda do Segundo Império de Napoleão III. Flaubert introduziu no romance vários episódios desse concentrado de história, como as barricadas da Revolução

de 1848, a invasão do palácio das Tuileries, os violentos embates da população com a polícia, os milhares de mortes e prisões em Paris.

Fracasso de crítica, *A educação sentimental* só teve a segunda edição original, revista e corrigida pelo autor, exatos dez anos depois da primeira, em novembro de 1879, pelo editor Georges Charpentier. Uma comparação entre as duas revela que Flaubert introduziu quase quinhentas correções ou variantes. É a segunda edição, a última publicada com o autor em vida, que serve a esta tradução. Foram consultadas as edições mais fidedignas atualmente em circulação.⁷

Nos quase cinco anos de gestação do romance, Flaubert reuniu uma volumosa documentação sobre os fatos históricos e a gama variada de assuntos que permeiam a obra. Leu dezenas de livros e coleções de jornais, colheu testemunhos dos veteranos da Revolução de 1848, pesquisou o cardápio servido em 1847 no Café Anglais, frequentado pelos amigos de Frédéric, informou-se no hospital Sainte-Eugénie sobre crianças com crupe — “É abominável, mas a arte acima de tudo”,⁸ escreveu à sobrinha —, visitou fábricas de cerâmica, embrenhou-se na floresta de Fontainebleau para identificar nomes de árvores, frequentou funerárias. Os vocabulários específicos, em especial os relativos às modas femininas e aos meios de transporte na França de meados do século XIX, foram conferidos, nesta tradução, em glossários e dicionários contemporâneos ao romance.

A educação sentimental trava um diálogo entre a vida privada de Frédéric e a vida pública francesa, cujos atores figuram ao lado dos personagens. Pensando no leitor menos familiarizado com a história da França, publicamos algumas notas das edições consultadas e acrescentamos muitas outras, visando esclarecer a atuação das personalidades citadas e as alusões históricas ou literárias.

Como outros romancistas do século XIX, Flaubert faz uso frequente de substantivos iniciados com maiúsculas. Em *A educação sentimental* o recurso serve para enfatizar uma intenção explícita de algum personagem, como as referências a Ela — objeto da paixão de Frédéric —, e para destacar conceitos como a Arte, o Poder, a Autoridade discutidos no romance. Todas as maiúsculas foram respeitadas. Também mantivemos a mesma disposição dos parágrafos adotada por Flaubert. E procuramos manter a pontuação da edição original, ainda que em eventual divergência com as regras do português.

Para não sobrecarregar o aparato de notas, dispensamos as referentes à gênese de certas passagens e as variantes em relação aos muitos rascunhos manuscritos. Quem se interessar pela documentação reunida por Flaubert em torno de *A educação sentimental*, assim como por seus arquivos, poderá consultar com proveito o Centre Flaubert da Universidade de Rouen, sua cidade natal.⁹

NOTAS

1. Carta à srta. Leroyer de Chantepie, 6 out. 1864. Esta e todas as cartas abaixo citadas estão disponíveis no Centre Gustave Flaubert, Universidade de Rouen.
2. “A princesa Mathilde me pediu duas vezes que eu lhe lesse fragmentos de meu romance. No terceiro pedido, cedi, e ontem comecei a ler os três primeiros capítulos. Entusiasmo do areópago, impossível de descrever, e é preciso dizer tudo, o que vai me exigir (em meio às minhas outras ocupações) quatro sessões de quatro horas cada uma.” Carta a Caroline Commanville, 23 maio 1869.
3. Carta a George Sand, 3 dez. 1869.
4. Idem.
5. Carta a Ivan Turguêniev, 2 jul. 1874.
6. Marcel Proust, “A propósito do ‘estilo’ de Flaubert”, *La Nouvelle Revue Française*, 1^o jan. 1920, t. XIV, n. 76, pp. 72-90. Ver adiante p. 537.
7. *L’éducation sentimentale*, de Gustave Flaubert, nas seguintes edições: Gallimard/Folio Classique, Paris, 1965; Livre de Poche Classique, Paris, 2002; Garnier-Flammarion, Paris, 2013, 13^a ed. corrigida.
8. Carta a Caroline Commanville, 9 mar. 1868.
9. Cf. Centre Flaubert em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/>>.

A educação sentimental

Primeira parte

I

No dia 15 de setembro de 1840, por volta das seis da manhã, o *La Ville-de-Montereau*, prestes a partir, lançava fumaça em grandes turbilhões diante do Quai Saint-Bernard.

As pessoas chegavam ofegantes; barricas, cabos, cestas de roupa atravancavam a circulação; os marujos não respondiam a ninguém; todos se esbarravam; os pacotes subiam entre os dois tambores, e a barulheira era absorvida no sussurro do vapor que, escapando pelas placas de metal, envolvia tudo com uma nuvem esbranquiçada, enquanto na proa a sineta tilintava sem parar.

Finalmente o navio partiu; e as duas margens, povoadas de armazéns, canteiros de obras e fábricas, desfizeram-se como duas fitas largas que se desenrolam.

Um rapaz de dezoito anos, de cabelos compridos e levando um álbum debaixo do braço, mantinha-se perto do leme, imóvel. Contemplava através do nevoeiro os campanários, os edifícios cujos nomes não sabia; depois abarcou, num último olhar, a ilha Saint-Louis, a Cité, a Notre-Dame; e logo, Paris desaparecendo, soltou um grande suspiro.

O sr. Frédéric Moreau, que acabara de terminar o ensino médio, voltava para Nogent-sur-Seine onde iria se entediar por dois meses, até ir *fazer o seu direito*. A mãe tinha a quantia indispensável e o enviara ao Havre para ver um tio, cuja herança esperava que fosse dele; só na véspera ele retornara de lá, e compensava o fato de não poder ficar na capital voltando à província pelo caminho mais longo.

O tumulto se acalmou; todos tinham se acomodado em seus lugares; alguns, em pé, aqueciam-se em torno da máquina, e a chaminé cuspiam com um ronco lento e ritmado seu penacho de fumaça preta; gotinhas de orvalho escorriam sobre as peças de cobre; o convés estremecia com uma pequena vibração interna, e as duas rodas, girando depressa, revolviam a água.

As margens do rio formavam praias de areia. Avistavam-se troncos de madeira sendo transportados e começando a ondular sob o redemoinho das ondas, ou, dentro de um barco sem velas, um homem sentado a pescar; depois, as brumas errantes dissiparam-se, o sol apareceu, a colina que seguia à direita o curso do Sena aos poucos se abaixou, e surgiu outra, mais perto, na margem oposta.

Árvores a coroavam entre casas térreas cobertas de telhados à italiana. Tinham jardins em declive divididos por muros novos, grades de ferro, gramados, estufas aquecidas e vasos de gerânios, espaçados regularmente em terraços onde era possível admirar o panorama. Ao avistar aquelas residências graciosas, tão tranquilas, mais de um desejava ser seu proprietário, para ali viver até o fim de seus dias, com um bom bilhar, uma chalupa, uma mulher ou algum outro sonho. O prazer totalmente novo de uma excursão marítima facilitava as efusões. Os galhofeiros já começavam suas brincadeiras. Muitos cantavam. Estavam alegres. Serviam-se copinhos e mais copinhos.

Frédéric pensava no quarto que ocuparia por lá, no projeto de um drama, em temas para quadros, em paixões futuras. Achava que a felicidade merecida pela excelência de sua alma custava a chegar. Declamou para si mesmo versos melancólicos; andou pelo convés a passos rápidos; avançou até a proa, pelo lado da sineta — e numa roda de passageiros e marujos, viu um senhor fazendo galanteios a uma camponesa, enquanto mexia no crucifixo de ouro que ela levava no peito. Era um grandalhão de uns quarenta anos e cabelos crespos. Sua compleição robusta enchia uma jaqueta de veludo preto, duas esmeraldas brilhavam na camisa de cambraia, e as calças largas e brancas caíam sobre estranhas botas vermelhas, de couro da Rússia, realçadas por desenhos azuis.

A presença de Frédéric não o constrangeu. O sujeito se virou várias vezes para ele, interpelando-o com piscadelas; em seguida, ofereceu charutos a

todos os que o cercavam. Mas, talvez entediado com essa companhia, foi se instalar mais longe. Frédéric o seguiu.

A conversa versou, primeiro, sobre as diferentes espécies de fumo, e depois, muito naturalmente, sobre as mulheres. O senhor de botas vermelhas deu conselhos ao rapaz; expunha teorias, contava anedotas, citava a si mesmo como exemplo, falando tudo isso em tom paternal, com uma divertida e ingênua perversão.

Era republicano; tinha viajado, conhecia o interior dos teatros, dos restaurantes, dos jornais, e todos os artistas célebres, a quem chamava familiarmente pelos nomes de batismo; Frédéric logo lhe confiou seus projetos; ele os encorajou.

Mas interrompeu-se para observar o cano da chaminé, depois resmoneou depressa um longo cálculo, para saber “quanto cada pancada do êmbolo, a tantas vezes por minuto, devia etc.”. — E, encontrando a soma, admirou longamente a paisagem. Dizia-se feliz por ter escapado dos negócios.

Frédéric sentia certo respeito por ele, e não resistiu à vontade de saber seu nome. O desconhecido respondeu de um só fôlego:

— Jacques Arnoux, proprietário de *L'Art industriel*, no Boulevard Montmartre.

Um criado com galão dourado no boné veio lhe dizer:

— O senhor pode descer? A senhorita está chorando.

Ele desapareceu.

L'Art industriel era um estabelecimento híbrido, compreendendo um jornal de pintura e uma loja de quadros. Frédéric tinha visto aquele título, várias vezes, na vitrine do livreiro de sua terra natal, em imensos prospectos, nos quais o nome de Jacques Arnoux se exibia magistralmente.

O sol dardejava a pino, fazia reluzir as cavilhas de ferro ao redor dos mastros, as placas das amuradas e a superfície da água; esta se dividia na proa em dois sulcos, que se desdobravam até a beira das pradarias. A cada curva do rio, encontrava-se a mesma cortina de choupos pálidos. O campo estava completamente ermo. Havia no céu nuvenzinhas brancas paradas, e o tédio, vagamente disseminado, parecia enlanguescer a marcha do barco e tornar ainda mais insignificante o aspecto dos viajantes.

Salvo alguns burgueses, na primeira classe havia operários, empregados de lojas, com mulheres e filhos. Como então o costume era vestir-se sordidamente em viagem, quase todos usavam velhos barretes gregos ou

chapéus desbotados, mirradas casacas escuras, puídas de tanto esfregarem na escrivaninha, ou sobrecasacas com as casas dos botões arreganhadas de tanto uso no armazém; aqui e ali, um colete de gola deixava ver uma camisa de algodão cru, manchada de café; alfinetes de crisócalo¹ espetavam gravatas esfarrapadas; presilhas costuradas na bainha das calças seguravam chinelos de ourela trançada; dois ou três vadios que seguravam bengalas com cordão de couro lançavam olhares oblíquos, e pais de família arregalavam os olhos, fazendo perguntas. Eles conversavam em pé ou de cócoras, sobre as bagagens; outros dormiam nos cantos; vários comiam. O convés ficava sujo de cascas de nozes, guimbas de charutos, cascas de peras, restos de charcutaria embrulhada em papel; três marceneiros, de avental, estavam parados defronte da cantina; um tocador de harpa, maltrapilho, descansava encostado em seu instrumento; ouviam-se a intervalos o barulho do carvão de pedra na fornalha, um grito, um riso; — e o comandante, na passarela, andava, sem parar, de um tambor a outro. Para voltar a seu assento, Frédéric empurrou a porta da primeira classe, incomodou dois caçadores com seus cães.

Foi como uma aparição:

Ela estava sentada, no meio do banco, sozinha; ou pelo menos ele não avistou ninguém, no deslumbramento que os olhos dela lhe enviaram. No exato instante em que ele passava, ela levantou a cabeça; ele curvou involuntariamente os ombros; e quando foi se postar mais longe, do mesmo lado, ele olhou para ela.

Usava um largo chapéu de palha, com fitas cor-de-rosa que balançavam ao vento, atrás dela. Seus bandós pretos, contornando a ponta das grandes sobancelhas, desciam bem baixo e pareciam comprimir amorosamente o oval do rosto. O vestido de musselina clara, salpicado de pequenos poás, se desdobrava em muitos pregueados. Ela estava bordando alguma coisa; e seu nariz reto, seu queixo, toda a sua pessoa se recortava contra o fundo azul do ar.

Como ela mantinha a mesma pose, ele deu várias voltas, para a direita e para a esquerda, a fim de disfarçar sua manobra; depois, plantou-se bem perto de sua sombrinha, encostada no banco, e fingiu observar uma chalupa no rio.

Nunca tinha visto aquele esplendor de sua pele morena, a sedução de sua cintura, nem aquela delicadeza dos dedos que a luz atravessava. Observava

com espanto seu cesto de costura, como uma coisa extraordinária. Quais seriam seu nome, sua residência, sua vida, seu passado? Desejava conhecer os móveis de seu quarto, todos os vestidos que ela usara, as pessoas que frequentava; e o próprio desejo da posse física desaparecia sob um desejo mais profundo, numa curiosidade dolorosa que não tinha limites.

Uma negra de lenço na cabeça apareceu, segurando pela mão uma garotinha já crescida. A criança, cujos olhos soltavam lágrimas, acabava de acordar; ela a sentou nos joelhos. “A senhorita não estava bem-comportada, embora logo fosse fazer sete anos; assim, sua mãe não ia gostar mais dela; perdoavam demais os seus caprichos.” E Frédéric se alegrava ao ouvir essas coisas, como se tivesse feito uma descoberta, uma aquisição.

Imaginava-a de origem andaluza, talvez nascida nas Antilhas; teria trazido das ilhas aquela negra?

Um xale comprido de franjas violeta estava posto em suas costas, sobre a amurada de cobre. Muitas vezes, no meio do mar, durante as noites úmidas, ela devia ter enrolado a cintura com ele, coberto os pés, dormido debaixo dele! Mas, arrastado pelas franjas, o xale escorregava aos poucos, ia cair na água, e Frédéric deu um pulo e o agarrou. Ela lhe disse:

— Muito obrigada, senhor.

Seus olhos encontraram-se.

— Mulher, você está pronta? —, gritou o sr. Arnoux aparecendo no toldo da escada.

A menina Marthe correu para ele e, pendurada em seu pescoço, puxou-lhe os bigodes. Os sons de uma harpa ressoaram, ela quis ir ver a música; e logo o tocador do instrumento, levado pela negra, entrou na primeira classe. Arnoux o reconheceu, era um antigo modelo; tratou-o com intimidade, o que surpreendeu os presentes. Por fim, o harpista jogou os longos cabelos para trás, estendeu os braços e começou a tocar.

Era uma romança oriental que falava de punhais, flores e estrelas. O homem esfarrapado cantava isso com voz penetrante; as batidas do motor cortavam a melodia num ritmo errado; ele dedilhava com mais força: as cordas vibravam e os sons metálicos pareciam exalar soluços, e como que o lamento de um amor orgulhoso e vencido. Dos dois lados do rio bosques se inclinavam até a beira da água; passava uma corrente de ar fresco; a sra.

Arnoux olhava ao longe, de um jeito vago. Quando a música parou, piscou várias vezes, como se saísse de um sonho.

O harpista se aproximou deles, humildemente. Enquanto Arnoux procurava um trocado, Frédéric estendeu a mão fechada em direção ao boné, e, abrindo-a com pudor, ali depositou um luís de ouro. Não era a vaidade que o levava a dar essa esmola na frente dela, mas um pensamento de bênção a que ele a associava, um gesto do coração, quase religioso.

Mostrando-lhe o caminho, Arnoux o convidou cordialmente a descer. Frédéric afirmou que acabara de almoçar; na verdade, estava morto de fome; e não tinha nem mais um centavo no fundo do bolso.

Em seguida, pensou que tinha, afinal, o direito, como qualquer um, de estar no salão do restaurante.

Em volta das mesas redondas, burgueses comiam, um garçom circulava; o casal Arnoux estava ao fundo, à direita; ele se sentou na banquetta comprida de veludo, depois de apanhar um jornal que estava ali.

Em Montereau deveriam pegar a diligência para Châlons. A viagem deles à Suíça duraria um mês. A sra. Arnoux criticou o marido por sua fraqueza com a criança. Ele cochichou em seu ouvido, talvez um gracejo, pois ela sorriu. Depois deu-se ao trabalho de fechar o cortinado da janela que havia atrás dela.

O teto, baixo e todo branco, refletia uma luz crua. Frédéric, na sua frente, distinguia a sombra de seus cílios. Ela mergulhava os lábios no copo, esfarelava entre os dedos um pouco de casca de pão; o medalhão de lápis-lázuli, preso ao punho por uma correntinha de ouro, de vez em quando tilintava batendo no prato. Os que ali estavam, porém, não pareciam observá-la.

Às vezes, pelas escotilhas via-se deslizar o flanco de uma barca que acostava ao navio para pegar ou deixar passageiros. As pessoas sentadas à mesa se debruçavam nas vigias e iam dizendo os nomes das terras ribeirinhas.

Arnoux se queixava da cozinha: diante da conta, reclamou consideravelmente e exigiu que a reduzissem. Depois levou o rapaz até a proa do barco para beberem grogues. Mas Frédéric logo voltou para debaixo do toldo, para onde a sra. Arnoux retornara. Ela lia um livro fino de capa cinza. Vez por outra os dois cantos da sua boca se levantavam e um raio de prazer iluminava sua testa. Ele teve ciúmes de quem inventara

aquelas coisas com as quais ela parecia absorta. Quanto mais a contemplava, mais sentia abrirem-se abismos entre ambos. Pensava que teria de deixá-la dali a pouco, irrevogavelmente, sem ter lhe arrancado uma só palavra, sem lhe deixar sequer uma lembrança!

Uma planície estendia-se à direita; à esquerda, uma pastagem ia suavemente juntar-se a uma colina, onde se avistavam vinhedos, nogueiras, um moinho na relva e, adiante, pequenos caminhos formando zigue-zagues na rocha branca que tocava uma beira do céu. Que felicidade subir lado a lado, com o braço em volta de sua cintura, enquanto seu vestido varreria as folhas amareladas, ouvindo sua voz, diante do deslumbramento de seus olhos! O barco podia parar, bastaria que eles descessem; e essa coisa tão simples não era, porém, mais fácil do que sacudir o sol!

Um pouco mais longe, descobria-se um castelo de telhado pontiagudo com torrinhinhas quadradas. Um canteiro de flores estendia-se na frente da fachada; e avenidas se enfiavam, como abóbadas negras, sob as tílias altas. Ele a imaginou passando à beira das alamedas arborizadas. Nesse momento, uma dama jovem e um rapaz apareceram na escada, entre os caixotes de laranjeiras. Depois tudo desapareceu.

A menina brincava em volta dele. Frédéric quis beijá-la. Ela se escondeu atrás da empregada; a mãe ralhou com ela por não ser amável com o cavalheiro que salvara seu xale. Seria uma abertura, uma indireta?

“Será que vai enfim falar comigo?”, ele pensou com seus botões.

O tempo ia passando. Como conseguir um convite para a casa dos Arnoux? E ele não imaginou nada melhor do que chamar a atenção dele para a cor do outono, acrescentando:

— O inverno já está chegando, a época dos bailes e dos jantares!

Mas Arnoux estava muito ocupado com as bagagens. A costa de Surville apareceu, aproximaram-se as duas pontes, foram margeando uma cordoaria, depois uma fileira de casas térreas; havia, embaixo, potes de alcatrão, lascas de madeira; e crianças corriam na areia, fazendo roda. Frédéric reconheceu um homem com um colete de mangas, e lhe gritou:

— Venha logo.

Estavam chegando. A duras penas, ele procurou Arnoux no meio da multidão de passageiros, e o outro respondeu apertando-lhe a mão:

— Foi um prazer, caro senhor!

Quando se viu no cais, Frédéric se virou. Ela estava perto do leme, em pé. Ele lhe enviou um olhar em que tentara pôr toda a sua alma; como se ele nada tivesse feito, ela se manteve imóvel. Depois, sem consideração com os cumprimentos de seu doméstico, ele disse:

— Por que não trouxe a carruagem até aqui?

O homem se desculpou.

— Que desastrado! Dê-me dinheiro!

E foi comer num albergue.

Quinze minutos depois, teve vontade de entrar como por acaso no pátio das diligências. Quem sabe ainda a veria?

“Para quê?”, pensou.

E a americana² o levou. Um dos dois cavalos não pertencia à sua mãe. Ela pedira emprestado o do sr. Chambrion, o coletor de impostos, para atrelá-lo ao lado do seu. Isidore, que partira na véspera, repousara em Bray até a noite e dormira em Montereau, tanto assim que os animais, revigorados, trotavam céleres.

Campos ceifados se estendiam a perder de vista. Duas fileiras de árvores margeavam a estrada, os montes de pedras se sucediam: e aos poucos, Villeneuve-Saint-Georges, Ablon, Châtillon, Corbeil e as outras cidades, toda a sua viagem no barco lhe voltou à memória, de maneira tão nítida que agora ele distinguia detalhes novos, peculiaridades mais íntimas; sob o último babado de seu vestido, o pé dela entrava numa apertada botina de seda, marrom; o toldo de cotim formava um amplo dossel sobre sua cabeça, e as pequenas borlas vermelhas do remate estremeciam na brisa, o tempo todo.

Ela se parecia com as mulheres dos livros românticos. Ele não gostaria de acrescentar nada, de retirar nada de sua pessoa. De repente, o universo acabava de se ampliar. Ela era o ponto luminoso para o qual o conjunto das coisas convergia; — e, embalado pelo movimento da carruagem, de pálpebras semicerradas e olhar nas nuvens, entregou-se a uma alegria sonhadora e infinita.

Em Bray, não esperou que dessem aveia aos cavalos, foi em frente, pela estrada, sozinho. Arnoux a chamara de “Marie!”. Ele gritou muito alto: “Marie!”. Sua voz perdeu-se no ar.

Uma vasta mancha púrpura inflamava o céu a ocidente. Grandes medas de trigo, que se erguiam no meio dos restolhos, projetavam sombras

gigantes. Um cão começou a latir numa granja, ao longe. Ele estremeceu, assaltado por uma inquietação sem causa.

Quando Isidore juntou-se a ele, tomou o assento do condutor. Seu desfalecimento passara. Estava muito decidido a se introduzir, de qualquer maneira, na casa dos Arnoux e a eles se ligar. A casa deles devia ser divertida, aliás Arnoux lhe agradava; depois, quem sabe? Então, um fluxo de sangue subiu ao seu rosto: suas têmporas latejavam, ele fez o chicote estalar, sacudiu as rédeas e foi conduzindo os cavalos em tal ritmo que o velho cocheiro repetia:

— Devagar! Mais devagar! Vai deixá-los ofegantes.

Aos poucos Frédéric se acalmou e ouviu o que o seu doméstico dizia.

Esperavam o Senhor com grande impaciência. A srta. Louise chorara porque não pudera ir na carruagem.

— Mas quem é a srta. Louise?

— A menina do sr. Roque, sabe?

— Ah! Tinha esquecido! — retrucou Frédéric, distraído.

No entanto, os dois cavalos não aguentavam mais. Um e outro mancavam; e batiam nove horas em Saint-Laurent quando ele chegou à Place d'Armes, em frente à casa de sua mãe. Essa casa, espaçosa, com um jardim dando para o campo, aumentava a consideração pela sra. Moreau, que era a pessoa mais respeitada na cidade.

Descendia de uma velha família de fidalgos, agora extinta. O marido, um plebeu com quem seus pais a fizeram casar, morrera de um golpe de espada, durante a gravidez dela, deixando-lhe uma fortuna comprometida. Ela recebia três vezes por semana e de vez em quando dava um belo jantar. Mas o número de velas era calculado de antemão, e ela esperava impaciente o pagamento dos aluguéis de suas terras. Esse constrangimento, disfarçado como se fosse um vício, dava-lhe um ar sério. Sua virtude, porém, se exercia sem demonstrações de recato, sem azedume. Suas menores caridades pareciam grandes esmolas. Era consultada sobre a escolha dos domésticos, a educação das moças, a arte das geleias, e o Monsenhor se hospedava em sua casa, nas andanças episcopais.

A sra. Moreau nutria uma alta ambição para o filho. Não gostava de ouvir criticarem o governo, por uma espécie de prudência antecipada. Primeiro, ele precisaria de proteções; depois, graças a seus talentos, se tornaria

conselheiro de Estado, embaixador, ministro. Seus triunfos no colégio de Sens legitimavam esse orgulho; ele conquistara o prêmio de honra.

Quando ele entrou no salão, todos se levantaram com grande alvoroço e o beijaram; e com as poltronas e as cadeiras formaram um amplo semicírculo em torno da lareira. O sr. Gamblin lhe perguntou de imediato sua opinião sobre a sra. Lafarge.³ Esse processo, o furor da época, não deixou de provocar uma discussão violenta; a sra. Moreau a interrompeu, para tristeza, porém, do sr. Gamblin, que a julgava útil para o rapaz em sua qualidade de futuro jurisconsulto, e que saiu do salão, furioso.

Nada devia surpreender num amigo do velho Roque! A respeito do sr. Roque, falou-se do sr. Dambreuse, que acabava de comprar a propriedade de La Fortelle. Mas o recebedor puxara Frédéric à parte, para saber o que pensava da última obra do sr. Guizot.⁴ Todos desejavam conhecer seus projetos; e a sra. Benoît agiu com muito jeito, informando-se sobre seu tio. Como ia aquele bom parente? Não dava mais notícias. Não tinha ele um primo afastado na América?

A cozinheira anunciou que a sopa do Senhor estava servida. Todos se retiraram, por discrição. Depois, assim que ficaram a sós na sala, sua mãe lhe disse baixinho:

— E então?

O velhote o havia recebido muito cordialmente, mas sem revelar suas intenções.

A sra. Moreau suspirou.

“Onde ela estará agora?”, ele pensou.

A diligência ia andando, e, talvez enrolada no xale, ela apoiava no forro do compartimento sua bela cabeça adormecida.

Eles estavam subindo para seus quartos quando um moço do *Le Cygne de la Croix* trouxe um recado.

— Mas o que é?

— É Deslauriers que está me chamando — disse ele.

— Ah! Aquele seu colega! — disse a sra. Moreau com um risinho de desprezo. — É uma hora bem adequada, realmente!

Frédéric hesitou. Mas a amizade foi mais forte. Pegou o chapéu.

— Ao menos, não demore muito! — disse a mãe.

O pai de Charles Deslauriers era um antigo capitão de infantaria, demissionário em 1818; viera se casar de novo, em Nogent, e, com o dinheiro do dote, comprara um cargo de oficial de justiça, suficiente apenas para sustentá-lo. Amargurado com as longas injustiças, sofrendo com as velhas feridas, e sempre saudoso do Imperador, ele despejava sobre os que o cercavam as cóleras que o sufocavam. Poucas crianças apanharam tanto como seu filho. O menino não cedia, apesar das surras. A mãe, quando tentava se interpor, era igualmente maltratada. Afinal, o capitão o empregou no seu escritório e, ao longo do dia inteiro, o mantinha curvado sobre a escrivaninha a copiar certidões, o que o deixou com o ombro direito visivelmente mais forte que o outro.

Em 1833, depois do convite do senhor presidente, o capitão vendeu seu escritório. A mulher morreu de câncer. Ele foi viver em Dijon; em seguida, estabeleceu-se como comerciante de homens⁵ em Troyes; e tendo obtido para Charles uma meia bolsa, o pôs no colégio de Sens, onde Frédéric o conheceu. Mas este tinha doze anos, o outro quinze; aliás, mil diferenças de temperamento e de origem os separavam.

Frédéric possuía em sua cômoda provisões de toda espécie, coisas requintadas, um estojo de toalete, por exemplo. De manhã, gostava de dormir até tarde, olhando as andorinhas, lendo peças de teatro, e, saudoso das doçuras da casa, achava rude a vida do colégio.

Para o filho do oficial de justiça, ela parecia boa. Ele estudava tanto que, ao final de dois anos, pulou para o quarto ano. Mas devido à sua pobreza ou seu humor briguento, uma surda maledicência o cercava. Certa vez, contudo, quando um criado o chamou de filho de vagabundo, em pleno pátio dos Médios, ele pulou em seu pescoço e o teria matado se não fossem três bedéis que intervieram. Frédéric, tomado de admiração, o apertou em seus braços. A partir desse dia, a intimidade foi completa. A afeição de um *grande* certamente lisonjeou a vaidade do pequeno, e o outro aceitou como uma felicidade essa dedicação que se oferecia.

Durante as férias, seu pai o deixava no colégio. Uma tradução de Platão aberta por acaso o entusiasmou. Então ele se apaixonou pelos estudos metafísicos e seus avanços foram rápidos, pois os abordava com a força da juventude e o orgulho de uma inteligência que se libertou; Jouffroy, Cousin,

Laromiguière, Malebranche, os escoceses, tudo o que a biblioteca continha passou por ele. Precisou roubar a chave para conseguir os livros.

As distrações de Frédéric eram menos sérias. Desenhou na Rue des Trois-Rois a genealogia de Cristo, esculpida num poste, e em seguida no pórtico da catedral. Depois de ler os dramas da Idade Média, lançou-se nas memórias: Froissart, Comines, Pierre de l'Estoile, Brantôme.

As imagens que essas leituras levavam a seu espírito o obcecavam tão fortemente que ele sentia necessidade de reproduzi-las. Ambicionava ser, um dia, o Walter Scott⁶ da França. Deslauriers meditava um vasto sistema de filosofia, que teria as mais remotas aplicações.

Conversavam sobre tudo isso, durante os recreios, no pátio, diante da inscrição moral pintada sob o relógio; cochichavam sobre isso na capela, nas barbas de São Luís; sonhavam com isso no dormitório, de onde se domina um cemitério. Nos dias de passeio, punham-se atrás dos outros e conversavam interminavelmente.

Falavam do que fariam mais tarde, quando tivessem saído do colégio. Primeiro, emprenderiam uma grande viagem com o dinheiro que Frédéric tiraria de sua fortuna, na maioridade. Depois, voltariam para Paris, trabalhariam juntos, não se largariam; — e, como distração para seus trabalhos, teriam os amores de princesas em boudoirs de cetim, ou fariam fulgurantes orgias com cortesãs ilustres. Dúvidas sucediam-se aos ímpetos de esperança. Depois de crises de alegria verbosa, caíam em silêncios profundos.

Nas noites de verão, quando tinham andado muito tempo pelos caminhos empedrados à beira dos vinhedos, ou pela estrada principal, em pleno campo, e que os trigos ondulavam ao sol, enquanto aromas de angélica-dos-jardins pairavam no ar, uma espécie de sufocação os atacava, e deitavam-se de costas, atordoados, inebriados. Os outros, em manga de camisa, brincavam de apostar corrida ou soltavam pipa. O vigilante os chamava. Regressavam, seguindo os jardins cruzados por pequenos riachos, depois os bulevares sombreados pelos velhos muros; as ruas desertas ecoavam sob seus passos; o portão se abria, subiam a escada; e ficavam tristes como depois de grandes farras.

O bedel afirmava que juntos eles se exaltavam. Porém, se Frédéric estudou nas turmas adiantadas, foi graças às exortações do amigo; e nas férias de 1837 ele o levou para a casa da mãe.

A sra. Moreau não gostou do rapaz. Ele comeu exageradamente, recusou-se a assistir no domingo aos ofícios religiosos, fez discursos republicanos; por fim, ela pensou saber que ele levava seu filho para lugares pouco frequentáveis. Vigiam-se as relações dos dois. Eles passaram a gostar ainda mais um do outro; e as despedidas foram dolorosas quando, no ano seguinte, Deslauriers foi embora do colégio para estudar direito em Paris.

Frédéric bem que contava ir juntar-se a ele. Fazia dois anos que não se viam; e, tendo terminado os abraços, foram andar pelas pontes para conversar mais à vontade.

O Capitão, que agora era dono de um bilhar em Villenauxe, ficara vermelho de raiva quando o filho exigira suas contas da tutela, e, simplesmente, até lhe cortara os víveres. Mas como Deslauriers queria concorrer mais tarde a uma cátedra de professor na Escola⁷ e não tinha dinheiro, aceitou em Troyes um lugar de escrevente, com um advogado. Com tantas privações, economizaria quatro mil francos, e como não devia tocar em nada da herança materna, sempre teria como trabalhar livremente, durante três anos, à espera de uma colocação. Portanto, devia abandonar o velho projeto dos dois de viverem juntos na capital, ao menos por ora.

Frédéric baixou a cabeça. Era o primeiro de seus sonhos que desmoronava.

— Console-se — disse o filho do Capitão —, a vida é longa, somos jovens. Vou ao seu encontro! Não pense mais nisso!

E o sacudia pelas mãos, e para distraí-lo fez perguntas sobre a viagem.

Frédéric não tinha muito que contar. Mas, à lembrança da sra. Arnoux, sua tristeza desvaneceu. Não falou dela, contido por um pudor. Em compensação, estendeu-se sobre Arnoux, contando suas conversas, suas maneiras, suas relações; e Deslauriers incitou-o fortemente a cultivar essa ligação.

Nos últimos tempos Frédéric não tinha escrito nada; suas opiniões literárias haviam mudado; estimava, acima de tudo, a paixão; Werther, René, Franck, Lara, Lélia e outros mais medíocres o entusiasmavam quase da mesma maneira. Às vezes só a música lhe parecia capaz de expressar suas perturbações interiores; então, sonhava com sinfonias; ou bem era a superfície das coisas que o apreendia, e ele queria pintar. Tinha, porém,

composto uns versos; Deslauriers os achou muito bonitos, mas não pediu para ouvir outros.

Quanto a ele, já não se interessava pela metafísica. A economia social e a Revolução Francesa o preocupavam. Agora, era um pobre-diabo de vinte e dois anos, magro, com a boca larga, o ar decidido. Naquela noite, usava um paletó mal cortado de lã ordinária e seus sapatos estavam brancos de poeira, pois percorrera a pé a estrada de Villenauxe, expressamente para ver Frédéric.

Isidore aproximou-se deles. A Senhora pedia ao Senhor para voltar, e, temendo que estivesse com frio, lhe enviava seu sobretudo.

— Mas fique! — disse Deslauriers.

E continuaram a passear de um extremo a outro das duas pontes que se apoiam sobre a ilha estreita, formada pelo canal e pelo rio.

Quando iam para o lado de Nogent, tinham à frente um quarteirão de casas um pouco inclinadas; à direita, a igreja aparecia por trás dos moinhos de madeira cujas comportas estavam fechadas; e à esquerda, as cercas de arbustos às margens do rio terminavam os jardins, que mal eram visíveis. Mas do lado de Paris, a estrada principal descia em linha reta e os prados se perdiam ao longe, nos vapores da noite. A estrada parecia silenciosa e com uma claridade esbranquiçada. Odores de folhagem úmida subiam até eles; a queda-d'água da represa, cem passos adiante, murmurava com esse ruído doce e surdo que as ondas fazem nas trevas.

Deslauriers parou e disse:

— Essas boas pessoas que dormem tranquilas, que engraçado! Paciência! Um novo 1789 se prepara! Estamos cansados de constituições, de cartas, de sutilezas, de mentiras! Ah! Se eu tivesse um jornal ou uma tribuna, como eu vos libertaria de tudo isso! Mas para realizar o que quer que seja, é preciso dinheiro! Que maldição ser filho de um taberneiro e perder a juventude em busca de pão!

Baixou a cabeça e mordeu os lábios enquanto tiritava sob a roupa fina.

Frédéric jogou em seus ombros a metade do sobretudo. Os dois se enrolaram e, abraçando-se pela cintura, andaram debaixo dele, lado a lado.

— Como quer que eu viva lá, sem você? — perguntou Frédéric. A amargura do amigo trouxera de volta sua tristeza. — Eu teria feito alguma coisa ao lado de uma mulher que me amasse... Por que está rindo? O amor é o alimento e como que a atmosfera do gênio. As emoções extraordinárias

produzem obras sublimes. Quanto a procurar aquela de quem eu precisaria, desisto! Aliás, se um dia a encontrar ela há de me rejeitar. Sou da raça dos deserdados, e me extinguirei com um tesouro que era de pedrarias ou diamantes, sei lá.

A sombra de alguém se alongou no calçamento, ao mesmo tempo que ouviram estas palavras:

— Vosso criado, senhores!

Quem as proferiu foi um homenzinho que vestia uma folgada sobrecasaca marrom e usava um boné que deixava aparecer sob a pala um nariz pontudo.

— Sr. Roque? — disse Frédéric.

— Ele mesmo! — retrucou a voz.

O homem de Nogent justificou a presença contando que voltava de uma inspeção de suas armadilhas de lobos, em sua horta, à beira da água.

— E ei-lo de volta às nossas terras? Muito bem! Soube por minha filhinha. A saúde sempre boa, espero? Não vai partir já, vai?

E foi embora, contrariado sem dúvida pela acolhida de Frédéric.

Na verdade, a sra. Moreau não o frequentava; o velho Roque vivia em concubinato com a empregada e era muito pouco considerado, embora fosse o crupiê das eleições,⁸ e o administrador do sr. Dambreuse.

— O banqueiro que mora na Rue d'Anjou? — continuou Deslauriers. — Sabe o que você deveria fazer, meu caro?

Isidore os interrompeu mais uma vez. Tinha ordens de levar Frédéric, definitivamente. A Senhora se preocupava com sua ausência.

— Bem, bem! Já vamos — disse Deslauriers —, ele não passará a noite fora.

E, depois que o criado foi embora:

— Você deveria pedir a esse velho para introduzi-lo na casa dos Dambreuse; nada é mais útil do que frequentar uma casa rica! Já que tem uma casaca preta e luvas brancas, aproveite! Precisa ir para esse mundo! E mais tarde me levará. Dê um jeito de lhe agradar, e à mulher dele também. Torne-se amante dela!

Frédéric deu um grito de surpresa.

— Mas se estou lhe dizendo coisas clássicas! Lembre-se de Rastignac na *Comédia humana*!⁹ Você triunfará, tenho certeza!

Frédéric tinha tanta confiança em Deslauriers que se sentiu abalado, e, esquecendo a sra. Arnoux, ou incluindo-a na previsão feita sobre a outra,

não pôde deixar de sorrir.

O escrevente acrescentou:

— Último conselho: passe nos exames! Um título é sempre bom; e largue definitivamente os seus poetas católicos e satânicos, tão avançados em filosofia como se era no século XII. O seu desespero é uma tolice. Personalidades muito ilustres tiveram começos mais difíceis, a começar por Mirabeau.¹⁰ Aliás, nossa separação não será tão longa. Farei o pilantra do meu pai me devolver o que é meu. É hora de voltar, adeus! Tem cem vinténs para que eu pague o meu jantar?

Frédéric lhe deu dez francos, o resto da quantia que pegara de Isidore, de manhã.

Enquanto isso, a menos de cinquenta metros das pontes, na margem esquerda brilhava uma luz na claraboia de uma casa térrea.

Deslauriers a avistou. Então, disse enfático, enquanto tirava o chapéu:

— Vênus, rainha dos céus, somos seus servidores! Mas a Penúria é a mãe da Sabedoria. Já nos caluniaram bastante por isso, misericórdia!

Essa alusão a uma aventura comum deixou-os alegres. Partiram rindo muito alto, pelas ruas.

Em seguida, após pagar sua conta no albergue, Deslauriers levou Frédéric até o cruzamento do Hôtel Dieu; — e depois de um prolongado abraço, os dois amigos se separaram.

III

Dois meses depois, Frédéric, ao desembarcar certa manhã na Rue Coq-Héron, pensou imediatamente em fazer sua grande visita.

O acaso o ajudara. O velho Roque fora lhe levar um maço de papéis, pedindo-lhe que o entregasse pessoalmente na casa do sr. Dambreuse; e acompanhava o envio um bilhete sem lacre, em que apresentava o jovem conterrâneo.

A sra. Moreau pareceu surpresa com essa iniciativa. Frédéric disfarçou o prazer que isso lhe causava.

O sr. Dambreuse se chamava, na verdade, conde d'Ambreuse; mas desde 1825, abandonando aos poucos sua nobreza e seu partido, voltara-se para a indústria; e com o ouvido em todas as repartições, a mão em todas as

empresas, à espreita das boas ocasiões, esperto como uma raposa e trabalhador como um *auvergnat*,¹¹ amealhara uma fortuna que se dizia ser considerável; ademais, era oficial da Legião de Honra, membro do Conselho Geral do Aube, deputado, par de França um dia desses; condescendente, aliás, ele cansava o ministro com seus pedidos contínuos de socorro, de condecorações, de autorizações para abrir uma tabacaria; e durante suas implicâncias com o poder, inclinava-se para o centro-esquerda. Sua mulher, a linda sra. Dambreuse, citada nos jornais de modas, presidia as assembleias de caridade. Adulando as duquesas, acalmava os rancores do nobre *faubourg*¹² e dava a entender que o sr. Dambreuse ainda podia se arrepender e prestar bons serviços.

Indo à casa deles, o rapaz se sentia perturbado.

“Teria sido melhor vestir a casaca. Será que me convidarão para o baile na semana que vem? O que vão me dizer?”

Voltou-lhe a segurança ao pensar que o sr. Dambreuse não passava de um burguês, e saltou alegremente do cabriolé para a calçada da Rue d’Anjou.

Depois de empurrar uma das duas portas-cocheiras, atravessou o pátio, subiu a escadaria e entrou num vestíbulo com piso de mármore colorido.

Uma dupla escadaria reta, com uma passadeira vermelha presa por varetas de cobre, apoiava-se nas altas paredes de estuque reluzente. Havia, nos degraus mais baixos, uma bananeira cujas folhas largas caíam sobre o veludo do corrimão. Dois candelabros de bronze sustentavam globos de porcelana suspensos por correntes; os respiradouros dos caloríferos bem abertos exalavam um ar pesado; e só se ouvia o tique-taque de um grande relógio, de pé no outro extremo do vestíbulo, sob uma panóplia.

Tocou uma campainha; apareceu um mordomo, que introduziu Frédéric numa salinha, onde se distinguiam dois cofres-fortes, com escaninhos cheios de cartões. No meio da saleta, o sr. Dambreuse estava escrevendo sobre uma escrivaninha de cilindro.

Percorreu a carta do velho Roque, abriu com o canivete o maço que continha os papéis e os examinou.

Por causa do corpo miúdo, de longe ele podia parecer ainda jovem. Mas os cabelos brancos e ralos, os membros frágeis e sobretudo a extraordinária palidez do rosto acusavam uma natureza deteriorada. Uma energia

implacável repousava em seus olhos esverdeados, mais frios que olhos de vidro. Tinha maçãs do rosto salientes, e mãos com articulações nodosas.

Afinal ele se levantou, dirigiu ao rapaz umas perguntas sobre pessoas do conhecimento de ambos, sobre Nogent, sobre seus estudos; depois o despachou, inclinando-se. Frédéric saiu por outro corredor e viu-se no fundo do pátio, depois das cocheiras.

Um cupê azul, atrelado com um cavalo preto, estava estacionado em frente à escadaria. A portinhola se abriu, uma senhora subiu e o carro, com um ruído surdo, começou a rodar pela areia.

Frédéric chegou à porta-cocheira ao mesmo tempo que ela, mas pelo outro lado. Como o espaço não era largo o suficiente, foi obrigado a esperar. A jovem mulher, debruçada para fora da janelinha, falava baixinho com o porteiro. Frédéric só avistava suas costas, cobertas por uma pelerine violeta. Enquanto isso, mergulhava os olhos dentro do carro, forrado de repes azul com passamanarias e franjas de seda. As roupas da senhora o enchiam; daquela caixinha acolchoada escapava um vago perfume de elegâncias femininas. O cocheiro largou as rédeas, o cavalo roçou abruptamente no batente do portão e tudo aquilo desapareceu.

Frédéric voltou a pé, seguindo pelos bulevares.

Lamentava não ter conseguido distinguir a sra. Dambreuse.

Um pouco mais no alto da Rue Montmartre, um ajuntamento de carruagens o fez virar a cabeça; e, do outro lado, leu numa placa de mármore:

JACQUES ARNOUX

Como não tinha pensado nela mais cedo? A culpa era de Deslauriers, e ele caminhou em direção à loja, mas não entrou; esperou que Ela aparecesse.

As altas vidraças transparentes ofereciam aos olhares, numa disposição hábil, estatuetas, desenhos, gravuras, catálogos, números de *L'Art industriel*; e os preços da assinatura eram repetidos na porta, decorada no meio com as iniciais do editor. Avistavam-se, encostados nas paredes, grandes quadros cujo verniz brilhava, e depois, no fundo, dois baús carregados de porcelanas, bronzes, curiosidades atraentes; uma escadinha os separava, terminada por uma portinhola forrada de veludo; e um lustre

de Saxe antigo, um tapete verde no chão e uma mesa de marchetaria davam àquele interior mais a aparência de um salão do que de uma loja.

Frédéric fingia examinar os desenhos. Depois de infinitas hesitações, entrou.

Um empregado abriu a portinhola e respondeu que o Senhor não estaria “no armazém” antes das cinco horas. Mas se ele pudesse transmitir o recado...

— Não! Voltarei — Frédéric retrucou baixinho.

Os dias seguintes foram empregados em procurar uma moradia; e ele se decidiu por um quarto no segundo andar, numa pensão, na Rue Saint-Hyacinthe.

Levando debaixo do braço um caderno novo em folha, foi ao início dos cursos. Trezentos jovens, de cabeça descoberta, enchiam um anfiteatro onde um velhote de toga vermelha dissertava com voz monótona; penas rangiam sobre o papel. Ele reencontrava naquele auditório o cheiro poeirento das salas de aula, uma cadeira de forma parecida, o mesmo tédio! Durante quinze dias lá esteve. Mas ainda não tinham chegado ao artigo 3, e ele já havia largado o Código Civil, abandonando as institutas na *Summa divisio personarum*.¹³

As alegrias que prometera a si mesmo não chegavam; e depois de ter esgotado todo um gabinete de leitura, ter percorrido as coleções do Louvre, e várias vezes seguidas ter ido a espetáculos, caiu num ócio sem fundo.

Mil coisas novas aumentavam sua tristeza. Precisava fazer o rol de roupa e aturar o porteiro, um matuto com jeito de enfermeiro, que vinha de manhã arrumar sua cama, cheirando a álcool e resmungando. Seu aposento, enfeitado com um relógio de alabastro, lhe desagradava. As paredes divisórias eram finas; ele ouvia os estudantes prepararem o ponche, rir, cantar.

Cansado dessa solidão, procurou um de seus antigos colegas chamado Baptiste Martinon; e o descobriu numa pensão burguesa da Rue Saint-Jacques, queimando as pestanas no código de processo civil, diante de uma estufa de carvão.

Na frente dele, uma mulher com vestido de chita remendava meias.

Martinon era o que se chama um homem muito bonito: alto, bochechudo, com a fisionomia regular e olhos azuis saltados; o pai, um

grande agricultor, destinava-o à magistratura — e, já querendo parecer sério, ele usava a barba aparada em forma de colar.

Como os aborrecimentos de Frédéric não tinham causa racional e ele não podia evocar nenhuma desgraça, Martinon não entendeu nada de suas lamentações a respeito da vida. De seu lado, ele ia toda manhã à Escola, depois passeava no Luxembourg, à noite tomava sua meia xícara de café, e, com mil e quinhentos francos por ano e o amor daquela operária, julgava-se perfeitamente feliz.

“Que felicidade!”, Frédéric exclamou por dentro.

Na Escola ele tinha feito outro conhecimento, o sr. de Cisy, filho de uma grande família e que parecia uma senhorita, pela delicadeza das maneiras.

O sr. de Cisy praticava desenho, amava o gótico. Várias vezes foram juntos admirar a Sainte-Chapelle e a Notre-Dame. Mas a distinção do jovem patricio encobria uma inteligência das mais pobres. Tudo o surpreendia; ria muito da menor brincadeira e mostrava uma ingenuidade tão completa que Frédéric primeiro pensou que ele era um farsante, e finalmente o considerou um palerma.

Assim sendo, os desabafos não eram possíveis com ninguém; e ele continuava à espera do convite dos Dambreuse.

No dia de ano-novo, enviou-lhes cartões de visitas, mas não recebeu nenhum.

Tinha voltado a *L'Art industriel*.

E retornou uma terceira vez, quando viu enfim Arnoux, brigando no meio de cinco a seis pessoas e mal respondendo a seu cumprimento; Frédéric ficou magoado. Mesmo assim continuou tentando saber como chegar a Ela.

Teve primeiro a ideia de aparecer por lá com certa frequência, para negociar o preço dos quadros. Depois pensou em enfiar na caixa do jornal alguns artigos “muito fortes”, o que o levaria a estabelecer relações. Talvez fosse melhor ir direto ao objetivo, declarar seu amor? Então, escreveu uma carta de doze páginas, cheia de movimentos líricos e apóstrofes; mas a rasgou, e nada fez, nada tentou — imobilizado pelo medo do fracasso.

Em cima da loja de Arnoux, havia no primeiro andar três janelas, iluminadas toda noite. Sombras circulavam lá dentro, uma em especial; era a dela; — e ele se deslocava de muito longe para olhar aquelas janelas e contemplar aquela sombra.

Uma negra, com quem um dia ele cruzou nas Tuileries segurando uma garotinha pela mão, lembrou-lhe a negra da sra. Arnoux. Ela devia ir lá, assim como as outras; sempre que ele atravessava as Tuileries seu coração disparava, esperando encontrá-la. Nos dias de sol, continuava o passeio até o fim dos Champs-Élysées.

Mulheres, sentadas com displicência dentro de caleches, e cujos véus flutuavam ao vento, desfilavam ao lado dele, no passo firme de seus cavalos e com um balanço insensível que fazia estalar os couros envernizados. As carruagens se tornavam cada mais numerosas e, diminuindo a marcha a partir do Rond-Point, ocupavam toda a avenida. Crinas ficavam ao lado de crinas, lanternas ao lado de lanternas; os estribos de aço, as barbelas de prata e as fivelas de cobre criavam aqui e ali pontos luminosos entre as calças curtas, as luvas brancas e as peles que caíam sobre o brasão das portinholas. Ele se sentia como que perdido num mundo distante. Seus olhos deambulavam sobre as cabeças femininas; e vagas semelhanças levavam à sua memória a sra. Arnoux. Imaginava-a no meio das outras, num daqueles pequenos cupês, semelhantes ao cupê da sra. Dambreuse. — Mas o sol se punha e o vento frio levantava turbilhões de poeira. Os cocheiros encolhiam o queixo para dentro de suas gravatas, as rodas começavam a girar mais depressa, o macadame rangia; e todas as carruagens desciam a trote a longa avenida, roçando-se, ultrapassando-se, afastando-se umas das outras, e depois, na Place de la Concorde, se dispersavam. Atrás das Tuileries, o céu pegava o tom das ardósias. As árvores do jardim formavam duas massas enormes, violáceas no alto. Os bicos de gás se acendiam; e o Sena, esverdeado em toda a sua extensão, rasgava-se em ondeados de prata contra os pilares das pontes.

Ele ia jantar, mediante o pagamento de quarenta e três soldos, num restaurante da Rue de la Harpe.

Olhava com desprezo o velho balcão de mogno, os guardanapos manchados, a prataria imunda e os chapéus pendurados na parede. Aqueles que o cercavam eram estudantes como ele. Conversavam sobre os professores, as amantes. Ele estava pouco ligando para os professores! E por acaso tinha uma amante? Para evitar essas alegrias, ele chegava o mais tarde possível. Restos de comida cobriam todas as mesas. Os dois garçons, cansados, dormiam nos cantos, e um cheiro de cozinha, de lamparina de azeite e de fumo enchia a sala deserta.

Depois, subia lentamente pelas ruas. Os lampiões balançavam, fazendo tremer na lama longos reflexos amarelados. Sombras esgueiravam-se na beira das calçadas, com guarda-chuvas. O calçamento estava gorduroso, a bruma caía, e parecia-lhe que as trevas úmidas, ao encobri-lo, desciam indefinidamente em seu coração.

Assaltou-o um remorso. Voltou às aulas. Mas como não conhecia nada das matérias dadas, coisas simplíssimas o atrapalhavam.

Começou a escrever um romance intitulado *Sylvio, le fils du pêcheur*. A coisa se passava em Veneza. O herói era ele mesmo; a heroína, a sra. Arnoux. Ela se chamava Antonia; — e, para tê-la, ele assassinava vários fidalgos, queimava uma parte da cidade e cantava debaixo de seu balcão, onde tremulavam na brisa as cortinas de adamascado vermelho do Boulevard Montmartre. As reminiscências em profusão de que se deu conta o desencorajaram; não foi mais longe, e sua ociosidade redobrou.

Então, suplicou a Deslauriers que viesse dividir seu quarto. Eles se arranjariam para viver com seus dois mil francos de pensão; tudo era melhor do que aquela vida intolerável. Deslauriers ainda não podia sair de Troyes. Incitava-o a se distrair, a frequentar Sénécal.

Sénécal era um professor de matemática, homem de cabeça firme e convicções republicanas, um futuro Saint-Just, dizia o escrevente. Frédéric subira três vezes seus cinco andares, mas não recebeu nenhuma visita dele. Não voltou mais lá.

Quis se divertir. Foi aos bailes do Opéra. Essas alegrias tumultuadas o gelavam desde a porta. Aliás, continha-se por receio de uma afronta pecuniária, imaginando que cear trajando um dominó acarretaria despesas consideráveis, e era uma grande aventura.

Parecia-lhe, porém, que deveria ser amado! Às vezes acordava com o coração cheio de esperança, vestia-se cuidadosamente como para um encontro, e fazia caminhadas intermináveis por Paris. Diante de cada mulher que andava na sua frente, ou que se dirigia a seu encontro, pensava: “Ei-la!”. Era sempre uma nova decepção. A lembrança da sra. Arnoux reforçava esses desejos. Talvez a encontrasse no caminho; imaginava, para abordá-la, complicações do acaso, perigos extraordinários dos quais a salvaria.

Assim se passavam os dias, na repetição dos mesmos tédios e dos hábitos contraídos. Ele folheava brochuras sob as arcadas do Odéon, ia ler a *Revue*

des Deux Mondes no café, entrava numa sala do Collège de France, escutava por uma hora uma aula de chinês ou de economia política. Toda semana escrevia longamente a Deslauriers, jantava de vez em quando com Martinon, via às vezes o sr. de Cisy.

Alugou um piano e compôs valsas alemãs.

Uma noite, no teatro do Palais-Royal, avistou, num camarote junto ao proscênio, Arnoux ao lado de uma mulher. Seria ela? O cortinado de tafetá verde, puxado no parapeito do camarote, escondia seu rosto. Finalmente o pano subiu; o cortinado se abriu. Era uma pessoa alta, de uns trinta anos, sem viço, e cujos lábios grossos revelavam, quando ela ria, dentes esplêndidos. Conversava familiarmente com Arnoux e dava-lhe nos dedos umas pancadinhas de leque. Depois, uma moça loura, pálpebras meio vermelhas como se acabasse de chorar, sentou-se entre eles. A partir daí Arnoux ficou meio inclinado sobre seu ombro, dizendo-lhe palavras que ela ouvia sem responder. Frédéric empenhava-se em descobrir a condição daquelas mulheres, trajando modestos vestidos escuros de golas reviradas.

No fim do espetáculo, precipitou-se para os corredores. A multidão os lotava. Na frente dele, Arnoux descia a escada, degrau por degrau, dando o braço às duas mulheres.

De repente, um bico de gás o iluminou. Ele usava um crepe de luto no chapéu. Ela teria morrido, talvez? Essa ideia atormentou Frédéric tão fortemente que, no dia seguinte, correu a *L'Art industriel* e, pagando depressa uma das gravuras espalhadas na vitrine, perguntou ao empregado da loja como ia o sr. Arnoux.

O rapaz respondeu:

— Muito bem!

Frédéric acrescentou, empalidecendo:

— E a Senhora?

— A Senhora também!

Frédéric esqueceu de levar a gravura.

O inverno terminou. Ele ficou menos triste na primavera, começou a preparar seu exame e, tendo passado com um resultado medíocre, partiu em seguida para Nogent.

Não foi a Troyes ver o amigo, para evitar as observações de sua mãe. Depois, no início do ano letivo, abandonou a pensão e pegou, no Quai Napoléon, um quarto e sala, que mobiliou. A esperança de um convite para

a casa dos Dambreuse o abandonara; sua grande paixão pela sra. Arnoux começava a se extinguir.

IV

Certa manhã do mês de dezembro, quando ia à aula de direito processual, teve a impressão de observar que a Rue Saint-Jacques estava mais animada. Os estudantes saíam às pressas dos cafés, ou chamavam-se pelas janelas abertas, de uma casa a outra; os empregados das lojas, no meio da calçada, olhavam com ar inquieto; os postigos se fechavam; e, quando chegou à Rue Soufflot, avistou um grande ajuntamento em torno do Panthéon.

Jovens, em grupos desiguais de cinco a doze, passeavam dando-se o braço e se aproximavam dos grupos maiores que estavam parados aqui e ali; no fundo da praça, encostados nas grades, homens de avental de trabalho peroravam, enquanto policiais perambulavam, de tricórnio cobrindo a orelha e mãos para trás, ao longo das fachadas, fazendo as pedras do calçamento ressoarem sob suas botas pesadas. Todos tinham um ar misterioso, perplexo; evidentemente, esperava-se alguma coisa; cada um retinha uma pergunta na ponta da língua.

Frédéric se viu ao lado de um rapaz louro, de rosto simpático, usando bigode e barbicha como um elegante da época de Luís XIII. Perguntou-lhe o motivo da desordem.

— Não sei de nada — o outro respondeu —, e eles também não! É a moda entre eles, atualmente! Que bela brincadeira!

E caiu na risada.

As petições para a reforma, que eram assinadas na guarda nacional, a par do recenseamento de Humann,¹⁴ e mais outros acontecimentos, causavam em Paris, nos últimos seis meses, inexplicáveis ajuntamentos; e eles se renovaram tantas vezes que os jornais já nem falavam disso.

— Falta-lhies perfil e cor — continuou o vizinho de Frédéric. — Ieu tenho cá pra mim, senhores, que degeneramos! Em os buons tempos de Luís décimo primeiro, quiçá de Benjamin Constant, havia mais motinadas entre os escolares. Ieu os estimo pacíficos que nem carneiros, bobos que nem uma porta, e idôneos que nem quitandeiros, valha-nos Deus! E é isso que se chama de Juventude das escolas!¹⁵

Abriu amplamente os braços, como Frédérick Lemaître interpretando Robert Macaire.¹⁶

— Juventude das escolas, eu te abençoo!

Em seguida, interpelando um trapeiro que remexia em cascas de ostras encostado na porta de um vendedor de vinhos:

— E você aí, faz parte da Juventude das escolas?

O velhote levantou um rosto horroroso em que se distinguiam, no meio de uma barba grisalha, um nariz vermelho e dois olhos estúpidos avinhados.

— Não! Você está mais me parecendo *um desses homens de rosto patibular que a gente vê, em diversos grupos, semeando ouro a mancheias...* Ah! Semeia, meu patriarca, semeia! Corrompe-me com os tesouros de Albion! *Are you English?* Não rejeito os presentes de Artaxerxes!¹⁷ Conversemos um pouco sobre a união alfandegária.¹⁸

Frédéric sentiu alguém tocar em seu ombro; virou-se. Era Martinon, inacreditavelmente pálido.

— Pois é! — ele disse soltando um grande suspiro. — Mais um motim!

Temia ficar comprometido, lamentava-se. Homens de avental de trabalho, sobretudo, o inquietavam, como se pertencessem a sociedades secretas.

— Há por aí sociedades secretas? — perguntou o rapaz de bigode. — É uma velha piada do governo para apavorar os burgueses!

Martinon lhe pediu para falar mais baixo, com medo da polícia.

— E ainda acredita na polícia? Na verdade, quem lhe garante que eu mesmo não seja um informante?

E olhou para ele de tal maneira que Martinon, muito aflito, de início não entendeu a brincadeira. A multidão os empurrava, e os três foram obrigados a se postar na escadinha que ia dar, por um corredor, no novo auditório.

Logo a multidão se dispersou espontaneamente; várias cabeças se descobriram; cumprimentavam o ilustre professor Samuel Rondelot, que, embrulhado em sua grossa sobrecasaca, levantando no ar os óculos prateados e ofegando por causa da asma, avançava a passos tranquilos para dar sua aula. Esse homem era uma das glórias jurídicas do século XIX, o rival dos Zachariæ, dos Rudorff. Sua nova dignidade de par de França em

nada modificara seu jeito. Sabia-se que era pobre, e um grande respeito o cercava.

Enquanto isso, alguns gritaram no fundo da praça:

— Abaixo Guizot!

— Abaixo Pritchard!¹⁹

— Abaixo os vendidos!

— Abaixo Luís Filipe!

A multidão vacilou, e, comprimindo-se contra a porta do pátio que estava fechada, impediu o professor de ir mais longe. Ele parou na frente da escada. Logo o avistaram no último dos três degraus. Ele falou; um burburinho abafou sua voz. Embora havia pouco gostassem dele, agora o odiavam, pois representava a Autoridade. Toda vez que tentava ser ouvido, os gritos recomeçavam. Fez um gesto amplo para pedir aos estudantes que o seguissem. Respondeu-lhe uma vociferação universal. Ele deu de ombros, desdenhoso, e enfiou-se no corredor. Martinon aproveitou o lugar onde estava para também desaparecer.

— Que covarde! — disse Frédéric.

— Ele é prudente! — retrucou o outro.

A multidão explodiu em aplausos. Essa retirada do professor tornava-se uma vitória para eles. Em todas as janelas curiosos olhavam. Alguns entoavam *A Marselhesa*; outros propunham ir à casa de Béranger.

— À de Laffitte!

— À de Chateaubriand!

— À de Voltaire! — berrou o rapaz de bigode louro.

Os policiais tentavam circular, dizendo o mais calmamente que conseguiam:

— Vão embora, senhores, vão embora, retirem-se!

Alguém gritou:

— Abaixo os matadores!

Era uma injúria usual desde os distúrbios do mês de setembro. Todos a repetiram. Vaiavam, assobiavam contra os guardas da ordem pública; estes começavam a empalidecer; um deles não aguentou e, vendo um rapaz baixinho que se aproximava bem perto, rindo na cara dele, o empurrou tão rudemente que o fez cair cinco passos adiante, de costas, em frente à loja do vendedor de vinho. Todos se afastaram; mas quase de imediato ele mesmo rolou, derrubado por uma espécie de Hércules cuja cabeleira,

lembrando um pacote de estopa, saía para fora de um boné de lona encerada.

Parado havia alguns minutos na esquina da Rue Saint-Jacques, ele largara bem depressa uma grande caixa de papelão que levava e pulara no policial, e, mantendo-o derrubado debaixo de si, sulcava seu rosto com grandes socos. Os outros policiais acorreram. O terrível rapaz era tão forte que foram precisos pelo menos outros quatro para contê-lo. Dois o sacudiam pela gola, dois outros o puxavam pelos braços, um quinto lhe dava joelhadas nos rins, e todos o chamavam de bandido, assassino, amotinador. Com o peito nu e as roupas em frangalhos, ele clamava inocência; não conseguira, de sangue-frio, ver baterem numa criança.

— Eu me chamo Dussardier! Trabalho para os irmãos Valinçart, rendas e novidades, na Rue de Cléry. Onde está minha caixa de papelão? Quero minha caixa! — Repetia: — Dussardier!... Rue de Cléry. Minha caixa!

Sossegou, porém, e estoicamente deixou-se conduzir ao posto da Rue Descartes. Um mar de gente o seguiu. Frédéric e o jovem de bigode andavam logo atrás, cheios de admiração pelo empregado e revoltados com a violência do Poder.

À medida que avançava, a multidão ia ficando mais rarefeita.

De vez em quando, os policiais se viravam com ar feroz; e como os arruaceiros não tinham mais nada a fazer, os curiosos mais nada a ver, todos foram embora, pouco a pouco. Passantes com quem eles cruzavam observavam Dussardier e dedicavam-se a comentários ultrajantes em voz alta. Uma velha, na porta de casa, até exclamou que ele tinha roubado um pão; essa injustiça aumentou a irritação dos dois amigos. Finalmente, chegaram em frente ao corpo da guarda. Só restavam umas vinte pessoas. A visão dos soldados bastou para dispersá-las.

Frédéric e seu companheiro, ousados, exigiram ver aquele que acabava de ser preso. A sentinela os ameaçou, caso insistissem, em também encafurná-los lá dentro. Perguntaram pelo chefe do posto e declinaram seus nomes, em sua qualidade de alunos de direito, afirmando que o preso era colega deles.

Fizeram-nos entrar numa sala totalmente vazia, onde havia quatro bancos encostados nas paredes de gesso, enfumaçadas. No fundo, abriu-se uma janelinha. Então apareceu o rosto robusto de Dussardier, que, com sua

cabeleira desgrenhada, seus olhinhos francos e o nariz de ponta quadrada, lembrava confusamente a fisionomia de um bom cão.

— Você não nos reconhece? — Hussonnet perguntou.

Era este o nome do rapaz de bigode.

— Mas... — balbuciou Dussardier.

— Pare de se fazer de imbecil, ora essa — o outro retomou; — a gente sabe que você é estudante de direito, como nós.

Apesar de suas piscadelas, Dussardier não percebia nada. Pareceu se recolher, e depois, de repente:

— Encontraram minha caixa de papelão?

Frédéric ergueu os olhos, desanimado. Hussonnet retrucou:

— Ah! A sua caixa, aquela em que guarda as anotações de aula? Sim, sim! Sossegue.

Redobravam a pantomima. Dussardier entendeu enfim que tinham ido ajudá-lo; e calou-se, temendo comprometê-los. Aliás, sentia uma espécie de vergonha vendo-se alçado ao nível social de estudante e idêntico àqueles rapazes que tinham mãos tão brancas.

— Quer mandar algum recado para alguém? — Frédéric perguntou.

— Não, obrigado, a ninguém!

— Mas, e sua família?

Ele baixou a cabeça sem responder; o pobre rapaz era bastardo. Os dois amigos ficaram espantados com seu silêncio.

— Você tem fumo? — recomeçou Frédéric.

Ele se apalpou, depois retirou do fundo do bolso os restos de um cachimbo — um belo cachimbo de espuma do mar, com uma haste de madeira preta, uma tampa de prata e uma boquilha de âmbar.

Fazia três anos que se esforçava em transformá-lo numa obra-prima. Tivera o cuidado de manter o forninho constantemente apertado dentro de um estojo de camurça, de fumá-lo o mais lentamente possível, sem jamais colocá-lo em cima do mármore, e de, toda noite, pendurá-lo à cabeceira da cama. Agora, sacudia os pedaços na mão cujas unhas sangravam; e com o queixo encostado no peito, as pupilas fixas, embasbacado, contemplava essas ruínas de sua alegria com um olhar de infável tristeza.

— E se lhe déssemos charutos, hein? — disse baixinho Hussonnet, fazendo o gesto de pegá-los.

Frédéric já tinha posto, na beira da janelinha, um porta-charutos cheio.

— Mas sirva-se! Adeus, coragem!

Dussardier se jogou sobre as duas mãos que avançavam. Apertava-as freneticamente, com a voz entrecortada de soluços.

— Como?... Para mim!... Para mim!...

Os dois amigos esquivaram-se à sua gratidão, saíram e foram almoçar no café Tabourey, em frente ao Luxembourg.

Enquanto picava seu bife, Hussonnet contou ao companheiro que trabalhava em jornais de moda e fabricava reclames para *L'Art industriel*.

— Com Jacques Arnoux? — perguntou Frédéric.

— Conhece-o?

— Sim! Não!... Quer dizer, eu o vi, o encontrei.

Perguntou displicentemente a Hussonnet se às vezes via a mulher dele.

— De vez em quando — continuou o boêmio.

Frédéric não ousou prosseguir com as perguntas; aquele homem acabava de assumir um lugar desmedido na sua vida; pagou a conta do almoço, sem que houvesse da parte do outro o menor protesto.

A simpatia era mútua; trocaram endereços, e Hussonnet o convidou cordialmente para acompanhá-lo até a Rue de Fleurus.

Estavam no meio do jardim quando o empregado de Arnoux, prendendo a respiração, contorceu o rosto numa careta abominável e começou a imitar um galo. Então, todos os galos que havia nas redondezas lhe responderam com cocoricós prolongados.

— É um sinal — Hussonnet disse.

Pararam perto do teatro Bobino, diante de uma casa em que se entrava por um corredor. Na claraboia de uma mansarda, entre capuchinhas e ervilhas-de-cheiro, apareceu uma moça de cabeça descoberta, espartilho, e com os dois braços apoiados no parapeito.

— Bom dia, meu anjo, bom dia, queridinha — disse Hussonnet enviando-lhe beijos.

Ele abriu a cancela com um pontapé e desapareceu.

Frédéric o esperou durante toda a semana. Não ousava ir à casa dele, para não parecer impaciente para que lhe retribuísse o almoço; mas o procurou por todo o Quartier Latin. Encontrou-o uma noite e o levou para seu quarto no Quai Napoléon.

A conversa foi longa; desabafaram. Hussonnet ambicionava a glória e os benefícios do teatro. Colaborava em vaudevilles fracassados, “tinha montes

de planos”, fazia coplas; e cantou algumas. Depois, observando na estante um volume de Hugo e outro de Lamartine, derramou-se em sarcasmos sobre a escola romântica. Aqueles poetas não tinham bom senso nem correção, e, acima de tudo, não eram franceses! Gabava-se de saber a língua e catava as frases mais belas com essa severidade rabugenta, esse gosto acadêmico que distinguem as pessoas de humor galhofeiro quando abordam a arte séria.

Frédéric sentiu-se ofendido em suas preferências; tinha vontade de romper a amizade. Por que não arriscar, de imediato, as palavras das quais dependia sua felicidade? Perguntou ao rapaz de letras se podia introduzi-lo na casa dos Arnoux.

A coisa era fácil, e combinaram para o dia seguinte.

Hussonnet não foi ao encontro; e faltou a mais três. Num sábado, por volta das quatro da tarde, apareceu. Mas, aproveitando o carro, parou primeiro no Théâtre-Français para pegar um ingresso de camarote; deu uma parada num alfaiate, numa costureira; escreveu bilhetes que deixou com os porteiros. Finalmente, chegaram ao Boulevard Montmartre. Frédéric atravessou a loja, subiu a escada. Arnoux o reconheceu no espelho colocado diante de sua mesa; e enquanto continuava a escrever, estendeu-lhe a mão por cima do ombro.

Cinco ou seis pessoas, em pé, enchiam o aposento estreito, iluminado por uma só janela que dava para o pátio; um canapê de adamascado de lã marrom ocupava, no fundo, o interior de uma alcova, entre dois reposteiros de tecido semelhante. Sobre a lareira coberta de papelada, havia uma Vênus de bronze; dois candelabros, guarnecidos de velas cor-de-rosa, a ladeavam. À direita, perto de um arquivo, um homem lia jornal numa poltrona, de chapéu na cabeça; as paredes desapareciam atrás de estampas e quadros, gravuras preciosas ou esboços de mestres contemporâneos, enfeitados de dedicatórias, que testemunhavam por Jacques Arnoux a mais sincera afeição.

— Tudo continua correndo bem? — ele perguntou virando-se para Frédéric.

E, sem esperar a resposta, perguntou baixinho a Hussonnet:

— Como se chama o seu amigo?

Depois, bem alto:

— Mas pegue um charuto, em cima do arquivo, na caixa.

L'Art industriel, localizada no ponto central de Paris, era um lugar cômodo para encontros, um terreno neutro em que as rivalidades conviviam familiarmente. Ali se viam, naquele dia, Anténor Braive, o retratista dos reis; Jules Burrieu, cujos desenhos começavam a popularizar as guerras da Argélia; o caricaturista Sombaz, o escultor Vourdat, outros mais, e nenhum correspondia aos preconceitos do estudante. Suas maneiras eram simples, suas falas, livres. O místico Lovarias recitou um conto obsceno; e o inventor da paisagem oriental, o famoso Dittmer, usava debaixo do colete uma camisa de malha de algodão, e tomou um ônibus para ir embora.

Primeiro, falou-se de uma certa Apollonie, uma ex-modelo, que Burrieu pretendia ter reconhecido no bulevar, numa caleche de luxo. Hussonnet explicou essa metamorfose pela série de homens que a sustentavam.

— Como esse marmanjo conhece as moças de Paris! — disse Arnoux.

— Depois do senhor, se sobrarem algumas, cavalheiro — retrucou o boêmio, com uma saudação militar, para imitar o granadeiro oferecendo seu cantil a Napoleão.

Então conversaram sobre algumas telas, para as quais a cabeça de Apollonie tinha servido de modelo. Os confrades ausentes foram criticados. Espantavam-se do preço das obras deles; e todos se queixavam de não ganhar o suficiente, quando entrou um homem de estatura média, casaca fechada por um só botão, olhos vivos, aparência meio louca.

— Que monte de burgueses vocês são! — disse. — O que é que isso importa, misericórdia! Os velhos que confeccionavam obras-primas não se preocupavam com os milhões. Correggio, Murillo...

— Acrescente Pellerin — disse Sombaz.

Mas, sem notar o epigrama, ele continuou a discorrer com tanta veemência que Arnoux foi obrigado a lhe repetir duas vezes:

— Minha mulher precisa do senhor, quinta-feira. Não esqueça!

Essas palavras levaram o pensamento de Frédéric à sra. Arnoux. Será que se entrava na casa dela pelo gabinete perto do divã? Arnoux, para pegar um lenço, acabava de abrir a porta do gabinete; Frédéric avistara, no fundo, um lavabo. Mas do canto da lareira veio uma espécie de resmungo; era o personagem que lia o jornal na poltrona. Tinha quase um metro e noventa, pálpebras meio caídas, cabeleira grisalha, ar majestoso — e chamava-se Regimbart.

— O que é que há, cidadão? — indagou Arnoux.

— Mais uma nova canalhice do governo!

Tratava-se da destituição de um mestre-escola; Pellerin retomou seu paralelo entre Michelangelo e Shakespeare. Dittmer estava indo embora. Arnoux o agarrou para lhe pôr na mão duas cédulas bancárias. Então, Hussonnet, acreditando que o momento era favorável:

— O senhor não poderia me dar um adiantamento, meu querido patrão?...

Mas Arnoux tornara a se sentar e repreendia um velhote de aspecto sórdido e óculos azuis.

— Ah! Que bonito o senhor fez, s. Isaac! Aí estão três obras depreciadas, perdidas! Todo mundo ri de mim! Agora todo mundo as conhece! O que quer que eu faça com elas? Vai ser preciso enviá-las para a Califórnia!... Vá para o diabo! Cale-se!

A especialidade desse homenzinho consistia em pôr na margem inferior desses quadros assinaturas dos mestres antigos. Arnoux se recusava a pagá-lo; despachou-o brutalmente. Depois, mudando de modos, cumprimentou um senhor condecorado, empertigado, com suíças e gravata branca.

Com o cotovelo encostado no fecho da janela, falou com ele por muito tempo, com ar meloso. Finalmente, estourou:

— Ora! Não me constranjo em ter corretores, senhor conde!

O fidalgo se resignou, e Arnoux lhe pagou vinte e cinco luíses, e assim que ele foi embora:

— Como são maçantes esses grandes senhores!

— São todos uns miseráveis! — murmurou Regimbart.

À medida que a hora avançava, as ocupações de Arnoux redobravam; classificava artigos, deslacrava cartas, conferia contas; quando ouvia o barulho do martelo no depósito, saía para vigiar as embalagens e depois retomava a lida; e, enquanto fazia deslizar a pena de ferro no papel, respondia às brincadeiras. À noite, jantaria com seu advogado, e no dia seguinte partiria para a Bélgica.

Os outros conversavam das coisas do dia: o retrato de Cherubini, o hemicycle das Belas-Artes;²⁰ a próxima Exposição. Pellerin deblaterava contra o Instituto. Os mexericos, as discussões se entrecruzavam. O apartamento, de pé-direito baixo, estava tão cheio que ninguém conseguia

se mexer; e a luz das velas cor-de-rosa passava pela fumaça dos charutos como raios de sol na bruma.

A porta, perto do divã, se abriu e uma mulher alta e esguia entrou — com gestos bruscos que faziam tilintar sobre seu vestido de tafetá preto todos os berloques de seu relógio.

Era a mulher entrevista no verão passado, no Palais-Royal. Alguns, chamando-a pelo nome, trocaram com ela apertos de mão. Hussonnet conseguira enfim arrancar uns cinquenta francos; o relógio de pêndulo bateu sete horas; todos se retiraram.

Arnoux pediu a Pellerin que não saísse, e levou a srta. Vatnaz para o gabinete.

Frédéric não ouvia as palavras deles; cochichavam. No entanto, a voz feminina se elevou:

— Há seis meses que o negócio está feito, e eu continuo esperando!

Fez-se um longo silêncio. A srta. Vatnaz reapareceu. Arnoux tinha lhe prometido mais alguma coisa.

— Oh! Oh! Mais tarde, veremos!

— Adeus, homem feliz! — disse ela, saindo.

Arnoux tornou a entrar no gabinete, apressado, esfregou um pouco de brilhantina no bigode, levantou os suspensórios para esticar as presilhas das calças e, enquanto lavava as mãos:

— Eu precisaria de duas bandeiras de porta, a duzentos e cinquenta cada uma, gênero Boucher, está combinado?

— Que seja — disse o artista, enrubescendo.

— Bem! E não se esqueça da minha mulher!

Frédéric acompanhou Pellerin até o fim do Faubourg Poissonnière e lhe pediu licença para ir vê-lo de vez em quando, favor amavelmente concedido.

Pellerin lia todas as obras de estética para descobrir a verdadeira teoria do Belo, convencido de que, quando a encontrasse, faria obras-primas. Cercava-se de todos os auxílios possíveis, desenhos, gessos, modelos, gravuras; e procurava, e se consumia; acusava o tempo, os nervos, o ateliê, saía a fim de encontrar inspiração na rua, estremecia por tê-la agarrado, depois abandonava a obra e sonhava com outra que devia ser mais bela. Assim atormentado por desejos de glória e perdendo os dias em discussões, acreditando em mil tolices, nos sistemas, nas críticas, na

importância de um regulamento ou de uma reforma em matéria de arte, só havia produzido, aos cinquenta anos, esboços. Seu vigoroso orgulho o impedia de sofrer qualquer desânimo, mas estava sempre irritado, e com essa exaltação a um só tempo falsa e natural característica dos comediantes.

Ao se entrar na casa dele, notavam-se dois grandes quadros, nos quais as primeiras cores, postas aqui e ali, formavam na tela branca manchas de marrom, vermelho e azul. Um entrelaçado de linhas a giz estendia-se por cima, como as malhas vinte vezes remendadas de uma rede; de fato, era impossível entender alguma coisa. Pellerin explicava o tema daquelas duas composições indicando com o polegar as partes que faltavam. Uma devia representar *A demência de Nabucodonosor*, a outra, *O incêndio de Roma por Nero*. Frédéric as admirou.

Admirou nus de mulheres descabeladas, paisagens em que pululavam troncos de árvores entortados pela tempestade, e sobretudo alegorias à pena, lembranças de Callot, Rembrandt ou Goya, cujos modelos ele não conhecia. Pellerin já não estimava esses trabalhos de juventude; agora, era a favor do grande estilo; dogmatizou sobre Fídias e Wincklemann, eloquentemente. As coisas ao redor reforçavam o poder de sua palavra: via-se uma caveira em cima de um genuflexório, iatagãs, uma batina de monge; Frédéric a vestiu.

Quando chegava cedo, flagrava-o na ordinária cama de armar, escondida por parte do cortinado; pois Pellerin dormia tarde, frequentava os teatros com assiduidade. Era servido por uma velha maltrapilha, jantava numa baiuca e vivia sem amante. Seus conhecimentos, amontoados a esmo, tornavam divertidos seus paradoxos. Seu ódio contra o homem comum e o burguês extravasava em sarcasmos de um fantástico lirismo, e tinha pelos mestres tal adoração que quase se elevava ao nível deles.

Mas por que nunca falava da sra. Arnoux? Quanto ao marido, ora o chamava de bom sujeito, ora de charlatão. Frédéric ansiava por suas confidências.

Um dia, folheando um de seus cadernos, encontrou no retrato de uma boêmia traços da srta. Vatnaz, e como essa pessoa lhe interessava, quis saber que posição ela ocupava.

Tinha sido, Pellerin acreditava, primeiro professora primária no interior; agora, dava aulas e tentava escrever nos pequenos jornais.

A julgar por seus modos com Arnoux, podia-se, segundo Frédéric, supor que fosse sua amante.

— Ah, que nada! Ele tem outras!

Então o rapaz, virando o rosto que enrubescia de vergonha sob a infâmia de seu pensamento, acrescentou corajoso:

— Com certeza a mulher dele paga na mesma moeda, não?

— De jeito nenhum! Ela é honesta!

Frédéric sentiu remorso e passou a ser mais assíduo no jornal.

As letras maiúsculas que compunham o nome de Arnoux na placa de mármore, no alto da loja, lhe pareciam bem peculiares e cheias de significados, como uma escrita sagrada. A calçada larga, em declive, facilitava a passagem, a porta girava quase sozinha; e a maçaneta, lisa ao toque, tinha a doçura e como que a inteligência de sentir a mão dentro da sua. Insensivelmente ele passou a ser tão pontual como Regimbart.

Todo dia, Regimbart sentava-se ao lado da lareira, em sua poltrona, pegava o *Le National*, não o largava mais, e expressava seu pensamento por exclamações ou um simples encolher de ombros. De vez em quando, enxugava a testa com o lenço enrolado como um chouriço e que ele usava sobre o peito, entre dois botões da sobrecasaca verde. Vestia calça de pregas, sapatos abotinados, uma gravata comprida; e o chapéu de abas viradas fazia com que fosse reconhecido de longe, no meio da multidão.

Às oito da manhã, descia das alturas de Montmartre para tomar vinho branco na Rue Notre-Dame-des-Victoires. Seu almoço, seguido por várias partidas de bilhar, o levava até as três horas. Então se dirigia à Passage des Panoramas, para tomar absinto. Depois da sessão na casa de Arnoux, entrava no boteco Bordelais para tomar vermute; depois, em vez de ir encontrar sua mulher, volta e meia preferia jantar sozinho, num pequeno café da Place Gaillon, onde queria que lhe servissem “pratos caseiros, coisas naturais”! Finalmente transportava-se para outro bilhar e lá ficava até meia-noite, até uma hora da manhã, até o momento em que, apagado o gás e fechadas as janelas, o dono do estabelecimento, exausto, lhe suplicava que saísse.

E não era o amor pelas bebidas que, nesses lugares, atraía o cidadão Regimbart, mas o hábito antigo de neles conversar sobre política; com a idade, sua verve decaía, tinha apenas uma morosidade silenciosa. Quem visse a seriedade de seu rosto pensaria que ele revolvía o mundo em sua

cabeça. Nada saía dali; e ninguém, nem sequer seus amigos, lhe conhecia alguma ocupação, embora afirmasse ter um escritório de negócios.

Arnoux parecia estimá-lo infinitamente. Um dia, disse a Frédéric:

— Esse aí sabe tudo, ora se não! É um homem poderoso!

Outra vez, Regimbart espalhou sobre sua escrivaninha papéis relativos a minas de caulim na Bretanha; Arnoux se servia de sua experiência.

Frédéric mostrou-se mais cerimonioso com Regimbart — a ponto de lhe oferecer absinto de vez em quando; e embora o julgasse estúpido, costumava passar uma boa hora em sua companhia, unicamente porque ele era amigo de Jacques Arnoux.

Depois de ter incentivado mestres contemporâneos em início de carreira, Arnoux, o vendedor de quadros, homem progressista, tentara, embora conservando sua pose artística, estender seus lucros pecuniários. Buscava a emancipação das artes, o sublime a bom preço. Todas as indústrias do luxo parisiense sofreram sua influência, que foi boa para as coisas pequenas e funesta para as grandes. Com sua fúria de adular a opinião pública, ele desviou do caminho artistas hábeis, corrompeu os fortes, exauriu os fracos, e ilustrou os medíocres; deles dispunha por suas relações e por sua revista. Os aprendizes de pintor ambicionavam ver suas obras em sua vitrine, e os estofadores pegavam com ele modelos de móveis. Frédéric o considerava ao mesmo tempo um milionário, um diletante, um homem de ação. Muitas coisas, porém, o espantavam, pois o sr. Arnoux era ardiloso em seu negócio.

Recebia dos confins da Alemanha ou da Itália uma tela comprada em Paris por mil e quinhentos francos e, exibindo uma fatura que a elevava a quatro mil, a revendia por três mil e quinhentos, por condescendência. Um de seus golpes correntes nos pintores era exigir como propina uma miniatura dos quadros, a pretexto de publicar uma gravura; sempre vendia a miniatura e jamais a gravura aparecia. Aos que se queixavam de ser explorados, respondia com um tapinha no ventre. No mais, era excelente, distribuía charutos, tratava com intimidade os desconhecidos, entusiasmava-se com uma obra ou com um homem e, obstinando-se então, não medindo esforços, multiplicava as compras, as correspondências, os reclames. Considerava-se muito honesto, e em sua necessidade de expansão relatava ingenuamente suas desonestidades.

Uma vez, para humilhar um confrade que inaugurava com um grande banquete outro jornal de pintura, pediu a Frédéric para escrever diante de seus olhos, um pouco antes da hora marcada, bilhetes em que os convivas eram desconvidados.

— Isso não ataca a honra, entende?

E o rapaz não se atreveu a lhe recusar esse favor.

No dia seguinte, ao entrar com Hussonnet em seu escritório, Frédéric viu pela porta (aquela que se abria para a escada) a barra de um vestido desaparecendo.

— Mil desculpas! — disse Hussonnet. — Se eu pensasse que havia mulheres...

— Oh! Quanto a essa aí, é a minha — retrucou Arnoux. — Ela veio me fazer uma visitinha de passagem.

— Como? — disse Frédéric.

— Pois é! Ela está voltando para seus aposentos, em casa.

De repente, desfez-se o encanto das coisas do ambiente. O que ele ali sentia confusamente espalhado acabava de se desvanecer, ou melhor, nunca existira. Sentiu uma surpresa infinita e como que a dor de uma traição.

Arnoux, remexendo na gaveta, sorria. Estaria zombando dele? O empregado pôs na mesa um maço de papéis úmidos.

— Ah! Os cartazes! — exclamou o negociante. — Estou longe de conseguir jantar esta noite!

Regimbart estava pegando o chapéu.

— Como? Vai me deixar?

— Sete horas! — disse Regimbart.

Frédéric o seguiu.

Na esquina da Rue Montmartre, virou-se; olhou para as janelas do primeiro andar; e riu por dentro, com pena de si mesmo, lembrando com que amor as contemplara tantas vezes! Onde, afinal, ela vivia? Como encontrá-la agora? A solidão se reabria em torno de seu desejo mais intenso que nunca!

— Você me acompanha? — perguntou Regimbart.

— Para visitar quem?

— O absinto!

E, cedendo a suas obsessões, Frédéric deixou-se levar ao boteco Bordelais. Enquanto seu companheiro, acotovelado, observava a garrafa, ele

olhava à direita e à esquerda. Mas avistou na calçada o perfil de Pellerin; bateu com força na vidraça e, mal o pintor se sentou, Regimbart lhe perguntou por que não era mais visto no *L'Art industriel*.

— Que eu morra, se voltar lá! É um estúpido, um burguês, um miserável, um pilantra!

Essas injúrias aflagavam a raiva de Frédéric. No entanto, estava magoado, pois lhe parecia que elas atingiam um pouco a sra. Arnoux.

— Mas, afinal, o que ele lhe fez? — perguntou Regimbart.

Pellerin bateu com o pé no chão e bufou intensamente, em vez de responder.

Dedicava-se a trabalhos clandestinos, como retratos em branco e preto ou pastiches de grandes mestres para amadores pouco esclarecidos; e como esses trabalhos o humilhavam, geralmente preferia se calar. Mas “o imundo do Arnoux” o exasperava demais. Desabafou.

Depois de uma encomenda, da qual Frédéric fora testemunha, ele lhe levava dois quadros. O negociante, então, permitiu-se fazer críticas! Criticou a composição, a cor e o desenho, o desenho sobretudo, em suma, não quis saber deles por preço nenhum. Mas, forçado pelo vencimento de uma promissória, Pellerin os vendera ao judeu Isaac; e quinze dias depois o próprio Arnoux os vendia a um espanhol, por dois mil francos.

— Nem um centavo a menos! Que patifaria! E faz muitas outras, palavra! Um dia desses vamos vê-lo no banco dos réus.

— Como você exagera! — disse Frédéric com voz tímida.

— Pois sim! Bem! Eu exagero! — exclamou o artista, dando um forte soco na mesa.

Essa violência devolveu ao rapaz todo o seu atrevimento. Sem dúvida, era possível comportar-se mais gentilmente; no entanto, se Arnoux achava que aquelas duas telas eram...

— Ruins! Solte a palavra! Acaso as conhece? Essa é sua profissão? Ora, meu filho, eu não admito isso, sabe, os amadores!

— Ei! Essas coisas não são da minha conta! — disse Frédéric.

— Então que interesse tem em defendê-lo? — retrucou Pellerin, friamente.

O rapaz balbuciou:

— Mas... é porque sou amigo dele.

— Abrace-o da minha parte! Boa noite!

E o pintor saiu furioso, sem fazer menção, é claro, à bebida que consumira.

Ao defender Arnoux, Frédéric tinha convencido a si próprio. No calor da eloquência, viu-se tomado de ternura por aquele homem inteligente e bom, que seus amigos caluniavam e que agora trabalhava sozinho, abandonado. Não resistiu à necessidade singular de revê-lo imediatamente. Dez minutos depois, empurrava a porta da loja.

Arnoux elaborava, com seu empregado, cartazes imensos para uma exposição de quadros.

— Ora, ora! O que o traz aqui?

Essa pergunta bem simples embaraçou Frédéric; e, não sabendo o que responder, perguntou se por acaso não tinham encontrado seu bloquinho, um bloquinho encadernado de couro azul.

— Aquele onde guarda as cartas das mulheres? — perguntou Arnoux.

Frédéric, corando como uma virgem, se defendeu dessa suposição.

— Suas poesias, então? — retrucou o negociante.

Ele manipulava os cartazes espalhados, discutia sua forma, cor, a borda; e Frédéric se sentia cada vez mais irritado com seu ar reflexivo, e sobretudo com suas mãos que passeavam pelos cartazes — mãos gordas, meio moles, de unhas chatas. Por fim, Arnoux se levantou; e dizendo “Está pronto!”, passou-lhe a mão no queixo, familiarmente. Essa intimidade desagradou a Frédéric, que recuou; depois, ele cruzou a soleira da porta do escritório, pela última vez na vida, pensou. A própria sra. Arnoux achava-se como que diminuída pela vulgaridade do marido.

Na mesma semana, recebeu uma carta em que Deslauriers anunciava que chegaria a Paris na quinta-feira seguinte. Então, atirou-se violentamente nesse afeto mais sólido e mais elevado. Um homem daqueles valia todas as mulheres. Já não precisaria de Regimbart, de Pellerin, de Hussonnet, de ninguém! A fim de melhor hospedar o amigo, comprou uma caminha de ferro, uma segunda poltrona, separou a roupa de cama; e na quinta-feira de manhã, estava se vestindo para ir ao encontro de Deslauriers quando tocaram a campainha de sua porta. Arnoux entrou.

— Uma palavrinha apenas! Ontem me enviaram de Genebra uma bela truta; contamos com sua presença, daqui a pouco, às sete horas em ponto... É na Rue de Choiseul, 24 *bis*. Não esqueça!

Frédéric precisou sentar. Seus joelhos bambeavam. Repetia-se: “Enfim! Enfim!”. Depois escreveu ao seu alfaiate, ao chapeleiro, ao sapateiro; mandou entregar esses três bilhetes por três moços diferentes. A chave girou na fechadura e apareceu o porteiro, com uma mala no ombro.

Frédéric, ao ver Deslauriers, começou a tremer como uma mulher adúltera diante do olhar do marido.

— Mas o que foi que lhe deu? — disse Deslauriers. — Você deve ter recebido uma carta minha, não?

Frédéric não teve a força de mentir.

Abriu os braços e jogou-se em seu peito.

Em seguida, o escrevente lhe contou sua história. O pai não quisera lhe prestar contas de sua tutela, imaginando que aquelas contas prescreveriam em dez anos. Mas, sendo bom em direito processual, Deslauriers arrancara, por fim, toda a herança da mãe, sete mil francos líquidos, que tinha ali, com ele, numa carteira velha.

— É uma reserva, em caso de desgraça. Tenho de pensar em investi-los e em me arranjar, eu mesmo, já amanhã de manhã. Por hoje, férias completas, e sou todo seu, meu velho!

— Ah! Não se constranja! — disse Frédéric. — Se tiver para esta noite algo importante...

— Mas ora essa! Eu seria um tremendo patife...

Esse epíteto, lançado ao acaso, tocou Frédéric em pleno coração, como uma alusão ultrajante.

O porteiro dispusera sobre a mesa, perto da lareira, costeletas, uma galantina, uma lagosta, uma sobremesa e duas garrafas de vinho de Bordeaux. Uma recepção tão boa comoveu Deslauriers.

— Você me trata como um rei, palavra!

Conversaram sobre o passado, sobre o futuro; de vez em quando davam-se as mãos por cima da mesa, olhando-se um minuto com enternecimento. Mas um moço de recados trouxe um chapéu novo. Deslauriers observou, bem alto, como o forro era brilhante.

Depois, o alfaiate em pessoa foi entregar a casaca já passada a ferro.

— Ao que tudo indica, você vai se casar — disse Deslauriers.

Uma hora depois, chegou um terceiro indivíduo e retirou de um grande saco preto um par de botas envernizadas, esplêndidas. Enquanto Frédéric as provava, o sapateiro observava, malicioso, o calçado do provinciano.

— O cavalheiro não precisa de nada?

— Obrigado — retrucou o escrevente, escondendo sob a cadeira os velhos sapatos de cadarço.

Essa humilhação constrangeu Frédéric. Ele renunciava ao propósito de fazer sua confissão. Finalmente, exclamou, como que agarrado por uma ideia:

— Ah! Puxa vida, ia esquecendo!

— O que mesmo?

— Esta noite janto fora!

— Na casa dos Dambreuse? Por que nunca fala deles nas suas cartas?

Não era na casa dos Dambreuse, mas na dos Arnoux.

— Deveria ter me avisado! — disse Deslauriers. — Eu teria vindo um dia depois.

— Impossível! — retrucou bruscamente Frédéric. — Convidaram-me só hoje de manhã, há pouco.

E para se redimir de sua falta e distrair o amigo, desfez as correias emaranhadas de sua mala, arrumou na cômoda todos os pertences dele, quis lhe dar a própria cama, e dormir no quartinho da lenha. Depois, a partir das quatro horas, começou os preparativos de sua toalete.

— Você tem bastante tempo! — disse o outro.

Finalmente, vestiu-se e partiu.

“Aí estão os ricos!”, pensou Deslauriers.

E foi jantar na Rue Saint-Jacques, num restaurantezinho que conhecia.

Frédéric parou várias vezes na escada, de tão forte seu coração batia. Uma de suas luvas, justa demais, arrebentou; e enquanto escondia o rasgão sob o punho da camisa, Arnoux, que subia atrás, o pegou pelo braço e o fez entrar.

A antessala, decorada à chinesa, tinha uma lanterna pintada no teto e bambus nos cantos. Ao atravessar o salão, Frédéric tropeçou numa pele de tigre. Não tinham acendido os candelabros, mas dois candelários ardiam no boudoir bem ao fundo.

A srta. Marthe veio dizer que a mamãe estava se vestindo. Arnoux a levantou pelos ombros, para beijá-la; depois, querendo ele mesmo escolher na adega certas garrafas de vinho, deixou Frédéric com a criança.

Ela crescera muito desde a viagem de Montereau. O cabelo castanho descia em longos cachos encaracolados sobre os braços nus. O vestido,

mais bufante que o saiote de uma bailarina, deixava ver as barrigas da perna róseas, e toda a sua amável pessoa cheirava a fresco como um buquê. Ela recebeu os cumprimentos do senhor com ares faceiros, encarou-o com seus olhos profundos e depois, esgueirando-se entre os móveis, desapareceu como um gato.

Ele já não sentia nenhuma perturbação. Os globos dos candeeiros, cobertos de uma renda de papel, irradiavam uma luz leitosa que suavizava a cor das paredes forradas de cetim malva. Através das lâminas do guarda-fogo, semelhante a um grande leque, viam-se os carvões na lareira; encostado no relógio de pêndulo, havia um pequeno cofre com fechos de prata. Aqui e ali, coisas íntimas estavam espalhadas: uma boneca no centro da conversadeira, um lenço no espaldar de uma cadeira, e, sobre a mesa de trabalhos manuais, um tricô de lã do qual saíam duas agulhas de marfim, com a ponta para baixo. Era um lugar sossegado, honrado e familiar, tudo ao mesmo tempo.

Arnoux voltou; e pela outra portinha apareceu a sra. Arnoux. Como estava envolta em sombra, primeiro ele só distinguiu sua cabeça. Usava um vestido de veludo preto e, nos cabelos, um longo aplique argelino de filetes de seda vermelha que, enrolado em seu pente, lhe caía sobre o ombro esquerdo.

Arnoux apresentou Frédéric.

— Ah! Reconheço o Senhor perfeitamente — ela respondeu.

Depois, todos os convidados chegaram, quase ao mesmo tempo: Dittmer, Lovarias, Burrieu, o compositor Rosenwald, o poeta Théophile Lorris, dois críticos de arte colegas de Hussonnet, um fabricante de papel e, por fim, o ilustre Pierre-Paul Meinsius, o último representante da grande pintura, que carregava galhardamente, junto com sua glória, seus oitenta anos e seu ventre proeminente.

Quando passaram à sala de jantar, a sra. Arnoux tomou seu braço. Ficava uma cadeira vazia, para Pellerin. Arnoux gostava dele, embora o explorasse. Aliás, temia sua língua afiada — tanto assim que, para dobrá-lo, publicara em *L'Art industriel* o retrato dele, acompanhado de elogios hiperbólicos: e Pellerin, mais sensível à glória que ao dinheiro, apareceu por volta das oito horas, todo ofegante. Frédéric imaginou que tinham se reconciliado fazia muito tempo.

A companhia, os pratos, tudo lhe agradava. A sala, tal como um parlatório da Idade Média, era forrada de couro batido; um aparador holandês se erguia diante de um suporte com cachimbos turcos; e ao redor da mesa, os copos da Boêmia, de diversas cores, produziam no meio das flores e frutas como que uma iluminação num jardim.

Ele teve de escolher entre dez espécies de mostarda. Comeu gaspacho, caril, gengibre, melros da Córsega, lasanhas romanas; bebeu vinhos extraordinários, lip-fraoli²¹ e tokai. Efetivamente, Arnoux se gabava de receber bem. Cortejava, visando os comestíveis, todos os condutores de mala-posta, e era ligado a cozinheiros de grandes casas, que lhe passavam seus molhos.

Mas a conversa, sobretudo, é que divertia Frédéric. Seu gosto pelas viagens foi afagado por Dittmer, que falou do Oriente; matou sua curiosidade das coisas do teatro ao escutar Rosenwald falar do Opéra; e a existência atroz da boêmia lhe pareceu engraçada graças à alegria de Hussonnet, que narrou, de um jeito pitoresco, como passara todo um inverno tendo como alimento apenas queijo da Holanda. Depois, uma discussão entre Lovarias e Burrieu, sobre a escola florentina, lhe revelou obras-primas, lhe abriu horizontes, e ele custou a conter o entusiasmo quando Pellerin exclamou:

— Deixem-me em paz com sua hedionda realidade! O que é que isso quer dizer, a realidade? Uns veem preto, outros, azul, a maioria vê bobagens. Nada menos natural do que Michelangelo, nada mais forte! A preocupação com a verdade exterior denota a baixeza contemporânea; e a arte se tornará, se continuarmos assim, sei lá que patetice, abaixo da religião como poesia, e da política como interesse. Vocês não alcançarão o objetivo da arte — sim, o objetivo da arte!, que é nos causar uma exaltação impessoal, com pequenas obras, apesar de todas as espertezas da execução. Aí estão os quadros de Bassolier, por exemplo: é bonito, agradável, limpinho, levinho! Dá para pôr no bolso, levar na viagem! Os tabeliães compram isso por vinte mil francos; em matéria de ideia, não valem três tostões; mas, sem a ideia, nada é grande! Sem grandeza, nada é belo! O Olimpo é uma montanha! O monumento mais ousado serão sempre as Pirâmides. Mais vale a exuberância que o gosto, o deserto que uma calçada, e um selvagem que um cabeleireiro!

Frédéric, ao ouvir essas coisas, olhava para a sra. Arnoux. Elas caíam em seu espírito como metais na fornalha, somavam-se à sua paixão e produziam amor.

Estava sentado três assentos depois dela, do mesmo lado. De vez em quando ela se inclinava um pouco, virando a cabeça para dirigir umas palavras à sua filhinha; e, como então sorrisse, uma covinha se formava em sua face, o que dava a seu rosto um ar de bondade mais delicada.

No momento dos licores, ela desapareceu. A conversa tornou-se mais livre; o sr. Arnoux brilhou, e Frédéric se espantou com o cinismo daqueles homens. No entanto, a preocupação com a mulher estabelecia entre os outros e ele como que uma igualdade, que o elevava em sua autoestima.

Voltando ao salão, pegou, para disfarçar, um dos álbuns que estavam sobre a mesa. Os grandes artistas da época o haviam ilustrado com desenhos, tinham posto prosa, versos, ou simplesmente suas assinaturas; entre os nomes famosos, havia muitos desconhecidos, e os pensamentos curiosos só apareciam sob um excesso de bobagens. Todos continham uma homenagem mais ou menos direta à sra. Arnoux. Frédéric teria sentido medo de escrever uma linha ao lado deles.

Ela foi buscar no boudoir o pequeno cofre de fechos de prata, que ele observara em cima da lareira. Era um presente do marido, uma obra do Renascimento. Os amigos de Arnoux o felicitaram, a mulher lhe agradeceu; Arnoux se sentiu tomado de ternura e lhe deu, na frente de todos, um beijo.

Em seguida, ficaram conversando aqui e ali, em grupos; o tal Meinsius estava com a sra. Arnoux, numa bergère perto da lareira; ela se inclinava para ouvi-lo, suas cabeças se tocavam; — e Frédéric teria aceitado ser surdo, inválido e feio em troca de um nome ilustre e de cabelos brancos, em suma, em troca de alguma coisa que o entronizasse numa intimidade daquela. Seu coração se consumia, furioso com a própria juventude.

Mas ela foi até o canto do salão onde ele estava, perguntou-lhe se conhecia alguns dos convidados, se gostava de pintura, desde quando estudava em Paris. Cada palavra que saía de sua boca parecia, para Frédéric, algo novo, um vínculo exclusivo com sua pessoa. Olhava atentamente as franjas de seu cabelo, cujas pontas acariciavam seu ombro nu; seus olhos não desgrudavam dela, e enterrava sua alma na brancura daquela carne

feminina; não ousava, porém, erguer as pálpebras para vê-la de mais alto, face a face.

Rosenwald os interrompeu, pedindo à sra. Arnoux que cantasse alguma coisa. Ele tocou o prelúdio, ela esperou; seus lábios se entreabriram, e um som puro, longo e melodioso subiu pelo ar.

Frédéric não entendeu nada das palavras italianas.

Aquilo começava num ritmo grave, como um canto de igreja, depois, animando-se num crescendo, multiplicava as explosões sonoras e se acalmava de repente; e a melodia voltava amorosamente, com uma oscilação ampla e indolente.

Ela se mantinha de pé, perto do teclado, de braços caídos, olhar perdido. Às vezes, para ler a música piscava os olhos avançando a testa, um instante. Sua voz de contralto adotava nas cordas baixas uma entonação lúgubre que gelava, e então seu belo rosto, de sobrancelhas grandes, inclinava-se para o ombro; o peito se enchia, os braços se afastavam, o pescoço, de onde escapavam trinados, caía para trás, molemente, como que sob beijos aéreos; ela soltou três notas agudas, tornou a descer, lançou uma ainda mais alta, e, depois de um silêncio, terminou com uma fermata.

Rosenwald não saiu do piano. Continuou a tocar, para si mesmo. De vez em quando, um dos convidados desaparecia. Às onze horas, como os últimos estavam indo embora, Arnoux saiu com Pellerin, a pretexto de acompanhá-lo. Era dessas pessoas que se dizem doentes quando não *deram uma voltinha* depois do jantar.

A sra. Arnoux encaminhara-se para a antessala; Dittmer e Hussonnet a cumprimentaram, ela lhes estendeu a mão; estendeu-a também a Frédéric; e ele sentiu como uma penetração em todos os átomos da pele.

Deixou os amigos; precisava estar só. Seu coração transbordava. Por que aquela mão oferecida? Seria um gesto irrefletido ou um encorajamento? “Ora essa! Estou louco!” Aliás, o que importava, já que agora podia frequentá-la perfeitamente à vontade, viver em sua atmosfera?

As ruas estavam desertas. Às vezes passava uma carroça pesada, abalando os paralelepípedos. As casas se sucediam com suas fachadas cinza, suas janelas fechadas; e ele pensava desdenhosamente em todos aqueles seres humanos deitados atrás daquelas paredes, que existiam sem vê-la, e dos quais nem um sequer desconfiava que ela existisse! Já não tinha consciência do ambiente, do espaço, de nada; e batendo no chão com o salto,

golpeando com a bengala os postigos das lojas, ia sempre em frente, ao acaso, alucinado, arrastado. Um ar úmido o envolveu; deu por si já na beira do cais.

Os lampiões brilhavam em duas linhas retas, indefinidamente, e longas chamas vermelhas balançavam na profundidade da água. Ela era cor de ardósia, enquanto o céu, mais claro, parecia sustentado pelas grandes massas de sombra que se levantavam de cada margem do rio. Edifícios que não se distinguiam pareciam redobrar a escuridão. Um nevoeiro luminoso pairava mais alto, sobre os telhados; todos os ruídos se fundiam num só burburinho; soprava um leve vento.

Ele se deteve no meio do Pont-Neuf, e, com a cabeça descoberta e o peito à mostra, aspirava o ar. No entanto, sentia subir do fundo de si alguma coisa de inexaurível, um afluxo de ternura que o enfraquecia, como o movimento das ondas diante de seus olhos. O relógio de uma igreja soara uma hora, lentamente, parecendo uma voz que o tivesse chamado.

Então foi tomado por um desses arrepios da alma em que parecemos transportados para um mundo superior. Veio-lhe uma capacidade extraordinária, cujo objeto ele não sabia qual era. Perguntou-se, seriamente, se seria um grande pintor ou um grande poeta; — e decidiu-se pela pintura, pois as exigências desse ofício o aproximariam da sra. Arnoux. Tinha, portanto, encontrado sua vocação! O objetivo de sua existência agora era claro, e o futuro, infalível.

Quando fechou a porta, ouviu alguém roncando no quartinho escuro, perto do quarto. Era o outro. Não pensava mais nele.

Seu rosto se refletia no espelho. Achou-se belo; — e ficou um minuto se olhando.

V

No dia seguinte, antes do meio-dia, tinha comprado uma caixa de tintas, pincéis, um cavalete. Pellerin aceitou lhe dar aulas, e Frédéric o levou ao seu apartamento para ver se nada faltava entre seus utensílios de pintura.

Deslauriers voltara. Um rapaz ocupava a segunda poltrona. O escrevente disse, apontando para ele:

— É ele! Aqui está! Sénécal!

O rapaz desagradou a Frédéric. Sua testa era realçada pelo corte do cabelo à escovinha. Alguma coisa de duro e frio perfurava seus olhos cinzentos; e sua comprida sobrecasaca preta, todo o seu traje cheirava a pedagogo e a eclesiástico.

Primeiro, conversaram sobre as coisas do dia, entre outras, sobre o *Stabat* de Rossini; Sénécal, questionado, declarou que nunca ia ao teatro. Pellerin abriu a caixa de tintas.

— É para você, tudo isso? — perguntou o escrevente.

— Com certeza!

— Ora veja! Que ideia!

E se debruçou sobre a mesa, onde o professor de matemática folheava um livro de Louis Blanc. Ele mesmo o trouxera, e lia em voz baixa uns trechos enquanto Pellerin e Frédéric examinavam juntos a palheta, a espátula, os tubos; depois foram conversar sobre o jantar dos Arnoux.

— O negociante de quadros? — Sénécal perguntou. — Boa bisca, realmente!

— Mas por quê? — perguntou Pellerin.

Sénécal retrucou:

— Um homem que arranja dinheiro com torpezas políticas!

E começou a falar de uma famosa litogravura, representando toda a família real entregue a ocupações edificantes; Luís Filipe segurava um código, a rainha, um missal, as princesas bordavam, o duque de Nemours cingia um sabre; o sr. de Joinville mostrava um mapa geográfico a seus jovens irmãos; percebia-se, ao fundo, uma cama com dois compartimentos. Essa imagem, intitulada *Uma boa família*, tinha feito as delícias dos burgueses, mas causara aflição nos patriotas.²² Pellerin, num tom melindrado como se fosse o autor daquilo, respondeu que todas as opiniões se equivaliam; Sénécal protestou. A Arte devia visar exclusivamente à moralização das massas! Só se deviam reproduzir temas que levassem às ações virtuosas; os outros eram nocivos.

— Mas isso depende da execução! — Pellerin gritou. — Eu posso fazer obras-primas!

— Então azar o seu! Ninguém tem o direito...

— Como?

— Não, senhor! Ninguém tem o direito de me fazer interessar por coisas que eu reprovoo. Por que precisamos dessas ninharias trabalhosas, das quais

é impossível tirar qualquer proveito, dessas Vênus, por exemplo, com todas as paisagens de vocês? Não vejo nisso nenhum ensinamento para o povo! Mostrem-nos as misérias dele, é melhor! Entusiasmem-se com os sacrifícios dele! Ai, meu Deus!, temas não faltam: a granja, a oficina...

Pellerin balbuciava, de tanta indignação, e, acreditando ter encontrado um argumento:

— Molière, você aceita?

— Vá lá! — disse Sénécal. — Admiro-o como precursor da Revolução Francesa.

— Ah! A Revolução! Que arte! Nunca houve época mais lastimável!

— Nem maior, cavalheiro!

Pellerin cruzou os braços, e o olhou de frente:

— Você está me parecendo um famoso guarda nacional!

Seu antagonista, acostumado a discussões, respondeu:

— Mas *não* sou! E a detesto tanto quanto você! Mas com princípios assim, corrompem-se as massas! Aliás, isso é muito bom para o Governo! Ele não seria tão forte sem a cumplicidade de um monte de farsantes como esse aí.

O pintor fez a defesa do negociante, porque as opiniões de Sénécal o exasperavam. Ousou até afirmar que Jacques Arnoux era um verdadeiro coração de ouro, devotado aos amigos, carinhoso com a mulher.

— Oh! Oh! Se lhe oferecessem uma boa quantia para que ela servisse de modelo, ele não recusaria.

Frédéric ficou lívido.

— Então ele lhe fez muito mal, cavalheiro?

— A mim? Não! Eu o vi uma vez, no café, com um amigo. Só isso.

Sénécal falava a verdade. Mas se agastava diariamente com os reclames de *L'Art industriel*. Para ele, Arnoux era o representante de um mundo que ele considerava funesto à democracia. Republicano austero, desconfiava que havia corrupção em todas as elegâncias, não sentindo, aliás, nenhuma necessidade delas; era de uma probidade inflexível.

A conversa custou a retomar. O pintor logo se lembrou de seu encontro, o professor, de seus alunos; e quando saíram, depois de um longo silêncio, Deslauriers fez diversas perguntas sobre Arnoux.

— Você vai nos apresentar mais tarde, não é, meu velho?

— Com certeza — disse Frédéric.

Depois cuidaram de sua instalação. Deslauriers obtivera, sem dificuldade, um lugar de segundo escrevente com um advogado, fizera sua inscrição na Escola de Direito, comprara os livros indispensáveis — e a vida com que tanto tinham sonhado começou.

Foi encantadora, graças à beleza da juventude deles. Como Deslauriers não mencionou nenhum arranjo pecuniário, Frédéric tampouco falou. Ele arcava com todas as despesas, arrumava o armário, cuidava da casa; mas se precisassem dar uma carraspana no porteiro, o escrevente se encarregava, prosseguindo, como no colégio, seu papel de protetor e de mais velho.

Separados durante o dia todo, reencontravam-se à noite. Um e outro se instalavam na frente da lareira e se punham a estudar. Não custavam a se interromper. Eram desabafos sem fim, alegrias sem causa, às vezes disputas, a respeito da lamparina que vazava fumaça, ou de um livro perdido, cóleras de um minuto que os risos acalmavam.

A porta do quartinho da lenha ficava aberta e eles conversavam de longe, em suas camas.

De manhã, passeavam em mangas de camisa pelo terraço; o sol se levantava, ligeiras brumas passavam sobre o rio, ouviam-se uns ganidos no mercado das flores, ao lado; — e a fumaça de seus cachimbos turbilhonava no ar puro, que refrescava seus olhos ainda inchados; aspirando-o, sentiam espalhar-se uma vasta esperança.

Quando não chovia, no domingo, saíam juntos; e de braço dado iam pelas ruas. Quase sempre a mesma reflexão lhes ocorria ao mesmo tempo, ou então conversavam sem nada ver ao redor. Deslauriers ambicionava a riqueza, como meio de poder sobre os homens. Gostaria de impressionar muita gente, fazer muito barulho, ter três secretários às suas ordens, e organizar um grande jantar político uma vez por semana. Frédéric mobiliava um palácio mourisco, para viver deitado sobre divãs de caxemira, com o sussurro de um chafariz, servido por pajens negros — e essas coisas sonhadas tornavam-se, enfim, tão nítidas que elas o desolavam como se as tivesse perdido.

— Para que conversar sobre tudo isso — dizia Frédéric —, já que nunca teremos essas coisas?

— Quem sabe? — Deslauriers retrucava.

Apesar de suas opiniões democráticas, ele o incitava a introduzir-se na casa dos Dambreuse. O outro fazia objeções às suas tentativas.

— Ora! Volte lá! Vão convidá-lo!

Em meados do mês de março, receberam, entre faturas bastante altas, a do dono do restaurante que lhes levava o jantar. Frédéric, sem dispor da quantia suficiente, pediu emprestados dez escudos a Deslauriers; quinze dias depois, reiterou o mesmo pedido, e o escrevente o repreendeu pelas despesas que fazia quando ia ver Arnoux.

De fato, não tinha a menor moderação. Uma vista de Veneza, uma vista de Nápoles e outra de Constantinopla ocupavam o centro das três paredes, temas equestres de Alfred de Dreux aqui e ali, uma escultura de Pradier em cima da lareira, números de *L'Art industriel* sobre o piano, e encadernações no chão, pelos cantos, atulhavam a casa de tal maneira que era difícil pegar um livro, mexer os cotovelos. Frédéric alegava que precisava daquilo tudo para sua pintura.

Trabalhava na casa de Pellerin. Mas volta e meia Pellerin estava fora — tinha o costume de assistir a todos os enterros e acontecimentos que os jornais deviam noticiar; — e Frédéric passava horas inteiras sozinho no ateliê. A calma daquele grande aposento, onde só se ouviam os passinhos dos camundongos, a luz que caía do teto, e até o ronco da estufa, tudo o mergulhava primeiro numa espécie de bem-estar intelectual. Depois, seus olhos, abandonando a obra, se fixavam nas lasquinhas da parede descascada, entre os bibelôs da estante, ao longo dos torsos onde a poeira acumulada criava como que farrapos de veludo; e, tal como um viajante perdido no meio de um bosque em que todos os caminhos levam ao mesmo lugar, continuamente, ele encontrava no fundo de cada ideia a lembrança da sra. Arnoux.

Fixava dias para ir à casa dela; chegando ao segundo andar, diante de sua porta, hesitava em bater. Passos se aproximavam; abriam e, ao ouvir as palavras “A senhora saiu”, era uma libertação, e como um fardo a menos em seu coração.

Encontrou-a, porém. Na primeira vez, havia três senhoras com ela; em outra tarde, o professor de caligrafia da srta. Marthe apareceu. Aliás, os homens que a sra. Arnoux recebia não lhe faziam propriamente visitas. Não voltou mais, por discrição.

Mas, para que o convidassem para os jantares da quinta-feira, não deixou de se apresentar na *L'Art industriel*, toda quarta-feira, regularmente; e lá ficava depois de todos os outros, mais tempo que Regimbart, até o último

minuto, fingindo olhar uma gravura, percorrer um jornal. Por fim, Arnoux lhe dizia: “Está livre amanhã à noite?”. Ele aceitava antes que a frase chegasse ao fim. Arnoux parecia tomar-se de afeto por ele. Mostrou-lhe a arte de identificar os vinhos, de queimar o ponche, de fazer assados de galinhas; Frédéric seguia docilmente seus conselhos — amando tudo o que dependia da sra. Arnoux, seus móveis, seus domésticos, sua casa, sua rua.

Durante esses jantares, quase não falava; contemplava-a. Na têmpera direita, ela exibia um sinalzinho; seus bandós eram mais negros que o resto do cabelo e sempre como que um pouco úmidos nas pontas; de vez em quando arrumava-os, só com dois dedos. Ele conhecia a forma de cada uma de suas unhas, deliciava-se em escutar o fru-fru de seu vestido de seda quando ela passava junto às portas, aspirava escondido o cheiro de seu lenço; seu pente, suas luvas, seus anéis eram para ele coisas particulares, importantes como obras de arte, quase animadas como pessoas; todas ocupavam seu coração e aumentavam sua paixão.

Faltava-lhe força para esconder isso de Deslauriers. Quando voltava da casa da sra. Arnoux, acordava-o como por descuido, para poder falar dela.

Deslauriers, que dormia no quartinho da lenha, perto da bica, dava um longo bocejo. Frédéric se sentava ao pé de sua cama. Primeiro falava do jantar, depois contava mil detalhes insignificantes, em que via marcas de desprezo ou de afeto. Uma vez, por exemplo, ela havia recusado seu braço, para tomar o de Dittmer, e Frédéric ficou desconsolado.

— Ah! Que besteira!

Ou então ela o chamara de seu “amigo”.

— Então vá em frente, com gosto!

— Mas não me atrevo — dizia Frédéric.

— Pois bem, não pense mais nisso! Boa noite.

Deslauriers se virava para o espaço entre a cama e a parede e adormecia. Não entendia nada desse amor, que ele via como uma derradeira fraqueza de adolescência; e como certamente essa intimidade já não lhe bastava, Frédéric imaginou reunir os amigos comuns uma vez por semana.

Eles chegavam aos sábados, lá pelas nove horas. As três cortinas de pano argelino²³ eram cuidadosamente corridas; o candeeiro e quatro velas ardiam; no meio da mesa, o pote de tabaco e os muitos cachimbos se espalhavam entre as garrafas de cerveja, o bule de chá, uma garrafa de rum

e uns docinhos. Conversavam sobre a imortalidade da alma, comparavam os professores.

Uma noite, Hussonnet introduziu um rapaz alto que vestia uma sobrecasaca curta demais nos punhos, e com um jeito acanhado. Era o jovem que tinham ido ver no posto de polícia, no ano anterior.

Não tendo conseguido reaver a caixa de rendas perdida na briga, o patrão o acusara de roubo, ameaçara-o com os tribunais; agora ele era empregado de uma empresa de transportes de mercadorias. De manhã, Hussonnet o encontrara numa esquina qualquer; e agora o trazia, pois Dussardier, por gratidão, queria ver “o outro”.

Estendeu a Frédéric o porta-charutos ainda cheio, e que ele guardara religiosamente na esperança de devolvê-lo. Os jovens o convidaram a voltar. Ele não se fez de rogado.

Todos simpatizavam uns com os outros. Primeiro, o ódio deles ao governo tinha a magnitude de um dogma indiscutível. Só Martinon tentava defender Luís Filipe. Cobriam-no com os lugares-comuns que circulavam nos jornais: o embastilhamento de Paris, as leis de setembro,²⁴ Pritchard, lorde Guizot — a tal ponto que Martinon se calava, receando ofender alguém. Em sete anos de colégio, não merecera nenhum castigo, e, na Escola de Direito, sabia agradar aos professores. Costumava usar uma sobrecasaca grossa, cor de betume, e galochas de borracha; mas uma noite apareceu num traje de casamento: colete de veludo com gola trespassada, gravata branca, corrente de ouro.

O espanto redobrou quando se soube que ele saía da casa do sr. Dambreuse. De fato, o banqueiro Dambreuse tinha acabado de comprar de Martinon pai uma partida considerável de madeira; como o homem lhe apresentou seu filho, ele convidara os dois para jantar.

— Havia muita trufa? — perguntou Deslauriers; — E você pegou pela cintura a esposa dele, entre uma porta e outra, *sicut decet*?²⁵

Então a conversa enveredou para as mulheres. Pellerin não admitia que houvesse belas mulheres (preferia os tigres); aliás, a fêmea do homem era uma criatura inferior na hierarquia estética:

— O que os seduz é particularmente o que a degrada como ideia; quero dizer, os seios, os cabelos...

— Mas — objetou Frédéric — longos cabelos pretos, com grandes olhos pretos...

— Ah! Isso é sabido! — exclamou Hussonnet. — Chega! Mulher que bem se arreja nunca é feia! Coisas antigas? Estou aqui para servi-los! Pois, afinal, vejamos, sem brincadeira! Uma cortesã é mais divertida que a Vênus de Milo! Sejamos gauleses, diacho! E Regência, se pudermos!²⁶

Corram bons vinhos; mulheres, dignem-se a sorrir!

É preciso passar da morena à loura! — É sua opinião, s. Dussardier?

Dussardier não respondeu. Todos o pressionaram para conhecer seus gostos.

— Pois bem — ele disse corando —, eu gostaria de amar a mesma, sempre!

Isso foi dito de tal modo, que houve um instante de silêncio, uns ficando surpresos com essa candura, outros descobrindo aí, talvez, o secreto desejo de suas almas.

Sénécal pôs no alizar seu caneco de cerveja, e declarou, dogmático, que como a prostituição era uma tirania e o casamento uma imoralidade, era melhor se abster. Deslauriers encarava as mulheres como uma distração, nada mais. O sr. de Cisy nutria todo tipo de temor em relação a elas.

Educado sob os olhares de uma avó devota, ele considerava a companhia desses jovens atraente como um lugar perigoso e instrutiva como uma Sorbonne. Não lhe poupavam lições; e ele se mostrava cheio de zelo, a ponto de querer fumar, apesar dos males de coração que sempre o atormentavam, regularmente. Frédéric o cercava de atenções. Admirava a nuance de suas gravatas, a pele de seu casaco e, mais que tudo, as botas, finas como luvas e que pareciam um acinte em matéria de limpeza e delicadeza; sua carruagem o esperava embaixo, na rua.

Uma noite em que ele acabava de sair, e que a neve caía, Sénécal começou a ter pena do cocheiro dele. Depois, discursou contra as luvas amarelas, contra o Jockey Club. Dava mais importância a um operário do que a esses cavalheiros.

— Eu, pelo menos, trabalho! Sou pobre!

— Vê-se logo — disse afinal Frédéric, impaciente.

O professor ficou ressentido com ele, por essa frase.

Mas como Regimbart dissera que conhecia um pouco Sénécal, Frédéric, querendo fazer uma delicadeza ao amigo de Arnoux, lhe pediu para ir às

reuniões do sábado, e o encontro foi agradável para os dois patriotas.

Eram, porém, diferentes.

Sénécal — que tinha um crânio pontudo — só considerava os sistemas. Regimbart, ao contrário, não via nos fatos mais do que fatos. O que o inquietava, principalmente, era a fronteira do Reno.²⁷ Ele pretendia ser entendido em artilharia, e se fazia vestir pelo alfaiate da École Polytechnique.

No primeiro dia, quando lhe ofereceram doces, deu de ombros, desdenhoso, dizendo que aquilo convinha às mulheres; e não pareceu mais amável nas vezes seguintes. Assim que as ideias alcançavam certo patamar, ele murmurava: “Oh! Nada de utopias, nada de sonhos!”. Em matéria de arte (embora frequentasse os ateliês, onde às vezes dava, por condescendência, uma aula de esgrima), suas opiniões não eram transcendentais. Comparava o estilo do sr. Marrast com o de Voltaire, e a srta. Vatnaz com Madame de Staël, por causa de uma ode à Polônia, “na qual havia coração”. Em suma, Regimbart aborrecia todo mundo e, especialmente, Deslauriers, pois o Cidadão era íntimo de Arnoux. Ora, o escrevente ambicionava frequentar aquela casa, esperando fazer ali conhecimentos proveitosos. “Quando afinal você vai me levar lá?”, ele dizia. Arnoux andava sobrecarregado de trabalho, ou então estava saindo de viagem; depois, era porque não valia a pena, os jantares iam acabar.

Se fosse preciso arriscar sua vida pelo amigo, Frédéric o teria feito. Mas como queria se mostrar por seu ângulo mais favorável, como vigiava sua linguagem, suas maneiras e sua roupa a ponto de ir ao escritório de *L’Art industriel* sempre irrepreensivelmente enlucado, temia que Deslauriers, com a velha casaca preta, o jeito de procurador e os discursos petulantes, desagradasse à sra. Arnoux, o que podia comprometê-lo, rebaixá-lo junto a ela. Admitia de bom grado os outros, mas aquele ali, justamente, o teria constrangido mil vezes mais. O escrevente percebia que ele não queria cumprir sua promessa, e o silêncio de Frédéric lhe parecia um agravamento de injúria.

Gostaria de guiá-lo de forma absoluta, vê-lo se desenvolver segundo o ideal da juventude deles; e a vagabundagem de Frédéric o revoltava, como uma desobediência e uma traição. Aliás, Frédéric, tomado de obsessão pela sra. Arnoux, costumava falar do marido dela; e Deslauriers iniciou uma intolerável lenga-lenga, que consistia em repetir seu nome cem vezes por

dia, no fim de cada frase, como um tique de idiota. Quando batiam à porta, ele respondia: “Entre, Arnoux!”. No restaurante, pedia um queijo de Brie “a exemplo de Arnoux”; e de noite, fingindo ter um pesadelo, acordava seu companheiro aos berros: “Arnoux! Arnoux!”. Finalmente, um dia Frédéric, fora de si, lhe disse num tom lamentável:

— Mas me deixe em paz com Arnoux!

— Nunca! — respondeu o escrevente.

*Sempre ele! Ele em toda parte! Ou ardente ou gélida,
A imagem do Arnoux...*²⁸

— Cale a boca! — exclamou Frédéric levantando a mão. E retomou, suave: — É um assunto que me causa sofrimento, você bem sabe.

— Ah, desculpe, meu rapaz — retrucou Deslauriers inclinando-se bem baixo —, de agora em diante se respeitarão os nervos da senhorita! Perdão mais uma vez! Mil desculpas!

Assim terminou a brincadeira.

Mas, três semanas depois, numa noite, ele lhe disse:

— Pois é, vi há pouco a sra. Arnoux!

— Onde?

— No Palais-Royal, com Balandard, o advogado; uma mulher morena, não é, de estatura média?

Frédéric fez um sinal de assentimento. Esperava que Deslauriers falasse. À menor palavra de admiração, ele teria desabafado amplamente, estava pronto para adulá-lo; o outro continuava calado; enfim, não aguentando mais, perguntou com ar indiferente o que pensava dela.

Deslauriers a achava “bonita, embora sem ter nada de extraordinário”.

— Ah! Você acha — disse Frédéric.

Chegou o mês de agosto, época de seu segundo exame. De acordo com a opinião corrente, quinze dias deviam bastar para preparar as matérias. Frédéric, não duvidando de suas forças, engoliu de saída os quatro primeiros livros do Código Processual, os três primeiros do Código Penal, vários trechos de Instrução Criminal e uma parte do Código Civil, com as anotações do sr. Poncelet. Na véspera, Deslauriers o mandou fazer uma

recapitulação que se prolongou até de manhã; e para aproveitar os últimos quinze minutos, continuou a interrogá-lo na rua, enquanto caminhavam.

Como vários exames estavam ocorrendo simultaneamente, havia muita gente no pátio, entre outros Hussonnet e Cisy; não deixavam de ir a essas provas quando se tratava de colegas. Frédéric vestiu a toga preta tradicional; depois, acompanhado pela multidão, entrou com três outros estudantes numa sala grande, iluminada por janelas sem cortinas e guarnecida de bancos ao longo das paredes. No centro, cadeiras de couro cercavam uma mesa, coberta com um pano verde. Ela separava os candidatos dos senhores examinadores de toga vermelha, todos portando estolas de arminho no ombro, com chapéus de galões dourados na cabeça.

Frédéric era o penúltimo da lista, uma posição ruim. À primeira pergunta sobre a diferença entre uma convenção e um contrato, deu a definição de uma para o outro; e o professor, um bom sujeito, lhe disse: “Não se perturbe, senhor, recomponha-se!”, e depois, tendo feito duas perguntas fáceis seguidas de respostas obscuras, ele passou enfim ao quarto candidato. Frédéric ficou desmoralizado com esse começo pífilo. Deslauriers, na frente, no público, lhe fazia sinal de que nem tudo estava perdido; e na segunda interrogação, sobre direito criminal, ele se mostrou sofrível. Mas depois da terceira, relativa ao testamento místico, e tendo o examinador permanecido impassível o tempo todo, sua angústia redobrou; pois Hussonnet juntava as mãos como para aplaudir, enquanto Deslauriers encolhia os ombros o tempo todo. Por fim, chegou o momento em que teve de responder sobre o Processo! Tratava-se da oposição de terceiros. O professor, chocado por ter ouvido teorias contrárias às suas, perguntou-lhe num tom brutal:

— Senhor, é essa a sua opinião? Como concilia o princípio do artigo 1351 do Código Civil com essa via de ataque extraordinária?

Frédéric sentia uma intensa dor de cabeça por ter passado a noite sem dormir. Um raio de sol, entrando a intervalos por uma gelosia, bateu no seu rosto. De pé, atrás da cadeira, ele bamboleava e cofiava o bigode.

— Continuo esperando a sua resposta! — recomeçou o homem de chapéu dourado.

E como certamente o gesto de Frédéric o agastasse:

— Não é na sua barba que vai encontrá-la!

Esse sarcasmo provocou um riso no auditório; o professor, lisonjeado, amansou. Fez-lhe mais duas perguntas sobre o aprazamento e sobre o processo sumário, depois baixou a cabeça em sinal de aprovação; o ato público tinha terminado. Frédéric voltou para o vestíbulo.

Enquanto o bedel lhe tirava a toga, para repassá-la imediatamente a outro, seus amigos o cercaram, acabando por assustá-lo com suas opiniões contraditórias sobre o resultado do exame. Logo alguém proclamou, com voz sonora, na entrada da sala: “O terceiro estava... reprovado!”.

— Liquidado! — disse Hussonnet —, vamos embora!

Diante da guarita, encontraram Martinon, vermelho, emocionado, com um sorriso nos olhos e a auréola do triunfo na testa. Acabava de passar sem dificuldade em seu último exame. Só restava a tese. Dali a quinze dias teria seu diploma de bacharel em direito. Sua família conhecia um ministro, “uma bela carreira” se abria à sua frente.

— Esse aí, pensando bem, destrói você — disse Deslauriers.

Nada é tão humilhante como ver os bobalhões terem êxito nas empreitadas em que fracassamos. Frédéric, envergonhado, respondeu que estava pouco ligando. Suas pretensões eram mais altas; e como Hussonnet parecia ir embora, ele o chamou de lado para dizer:

— Nem uma palavra sobre tudo isso na casa deles, é claro!

Era fácil guardar o segredo, já que no dia seguinte Arnoux partia em viagem para a Alemanha.

À noite, voltando para casa, o escrevente encontrou o amigo singularmente mudado: fazia piruetas, assobiava; e como o outro se espantasse com esse humor, Frédéric declarou que não iria para a casa da mãe; dedicaria as férias a estudar.

Diante da notícia da partida de Arnoux, uma alegria o invadira. Podia ir lá, muito à vontade, sem receio de ser interrompido em suas visitas. A convicção de uma segurança absoluta lhe daria coragem. Enfim, não seria afastado, não seria separado d’Ela! Alguma coisa mais forte que uma corrente de ferro o amarrava a Paris, uma voz interior lhe gritava para ficar.

Obstáculos se opunham a isso. Ele os superou escrevendo à mãe; primeiro, confessava seu fracasso, causado por mudanças feitas no programa — um acaso, uma injustiça; — aliás, todos os grandes advogados (citava os nomes) tinham sido reprovados em exames. Mas contava se apresentar de novo em novembro. Ora, não tendo tempo a perder, não iria

para casa este ano; e pedia, além do dinheiro de um trimestre, duzentos e cinquenta francos para as aulas particulares de direito, muito úteis; tudo isso ornamentado de remorsos, condolências, meiguices e declarações de amor filial.

A sra. Moreau, que o esperava no dia seguinte, ficou duplamente triste. Escondeu a desventura do filho e lhe respondeu “que viesse assim mesmo”. Frédéric não cedeu. Seguiu-se uma desavença. No fim da semana, porém, recebeu o dinheiro do trimestre junto com a soma destinada às aulas explicativas, e que serviu para pagar uma calça cinza-pérola, um chapéu de feltro branco e uma bengalinha com castão de ouro.

Quando tudo aquilo estava em sua posse:

“Será que eu tive uma ideia estúpida?”, ele pensou.

E foi invadido por uma grande hesitação.

Para saber se iria à casa da sra. Arnoux, jogou três vezes no ar umas moedas. Foram três bons presságios. Portanto, a fatalidade ordenava. Um fiacre o levou à Rue de Choiseul.

Subiu célere a escada, puxou o cordão da campainha; a qual não tocou; ele se sentia prestes a desmaiar.

Depois sacudiu, com um gesto furioso, a pesada borla de seda vermelha. Um carrilhão tocou, silenciou gradualmente, e nada mais se ouviu. Frédéric teve medo.

Grudou a orelha na porta; nem um pio! Pôs o olho no buraco da fechadura, e só avistou na antessala duas pontas de bambu, na parede, entre as flores do papel. Por fim, ia dar meia-volta quando reconsiderou. Desta vez, deu uma pancadinha, leve. A porta se abriu; e na soleira, com os cabelos desgrenhados, o rosto rubro e o ar amuado, Arnoux em pessoa apareceu.

— Ora veja! Que diabo o traz? Entre!

Ele o introduziu, não no boudoir ou no seu quarto, mas na sala de jantar, onde se via em cima da mesa uma garrafa de champanhe e dois copos; e, num tom brusco:

— Tem algo a me pedir, caro amigo?

— Não! Nada! Nada! — balbuciou o rapaz, buscando um pretexto para a visita.

Por fim, disse que fora saber notícias suas, pois pensava que ele estivesse na Alemanha, a partir do relato de Hussonnet.

— De jeito nenhum! — continuou Arnoux. — Que avoado é esse rapaz, entende tudo errado!

Para disfarçar sua perturbação, Frédéric andava pela sala de um lado a outro. Batendo no pé de uma cadeira, fez cair uma sombrinha que estava ali em cima; o cabo de marfim se quebrou.

— Meu Deus! — exclamou —, fico triste por ter quebrado a sombrinha da sra. Arnoux!

Diante dessas palavras, o negociante levantou a cabeça e abriu um singular sorriso. Frédéric, aproveitando a ocasião que se oferecia de falar dela, acrescentou timidamente:

— Será que não poderei vê-la?

Ela estava na terra dela, perto da mãe doente.

Ele não ousou fazer perguntas sobre a duração dessa ausência. Perguntou apenas qual era a terra da sra. Arnoux.

— Chartres! Isso o surpreende?

— Eu? Não! Por quê? Por nada neste mundo!

Em seguida, não encontraram absolutamente nada a se dizer. Arnoux, que enrolara um cigarro, rodava em volta da mesa, bufando. Frédéric, de pé, encostado na estufa, contemplava as paredes, a cômoda, o assoalho: e imagens encantadoras desfilavam por sua memória, ou melhor, diante de seus olhos. Finalmente se retirou.

No chão da antessala havia uma página de jornal, amassada como uma bola; Arnoux a pegou e, levantando-se na ponta dos pés, enfiou-a na campainha, para poder, disse ele, continuar sua sesta interrompida. Depois, dando-lhe um aperto de mão:

— Avise ao porteiro, por favor, que não estou em casa!

E fechou a porta nas costas dele, violentamente.

Frédéric desceu a escada degrau por degrau. O insucesso dessa primeira tentativa o desencorajou sobre o acaso das outras. Então iniciaram-se três meses de tédio. Como ele não tinha nenhum trabalho, sua ociosidade reforçava a tristeza.

Passava horas a olhar, do alto de sua sacada, o rio que corria entre cais acinzentados, enegrecidos, de ponte em ponte, pelos restos dos esgotos, e com uma barcaça de lavadeiras atracada à margem, onde às vezes crianças se divertiam, no lodo, dando banho num cãozinho. Seus olhos, desprezando à esquerda a ponte de pedra da Notre-Dame e três pontes

suspensas, se dirigiam sempre para o Quai aux Ormes, sobre um maciço de árvores antigas, semelhantes às tílias do porto de Montereau. A torre Saint-Jacques, o Hôtel de Ville, Saint-Gervais, Saint-Louis, Saint-Paul se erguiam em frente, entre os telhados que se confundiam — e o Gênio da Colonne de Juillet resplandecia a oriente como uma larga estrela de ouro, enquanto no outro extremo a cúpula das Tuileries arredondava, no céu, sua pesada massa azul. Era daquele lado, lá atrás, que devia estar a casa da sra. Arnoux.

Voltava para o quarto; depois, deitado no sofá, entregava-se a uma meditação desordenada: planos de livros, projetos sobre como se portar, arrebatamentos para o futuro. Finalmente, para se livrar de si mesmo, saía.

Subia ao acaso o Quartier Latin, em geral tão tumultuado, mas deserto naquela época, pois os estudantes tinham ido para a casa da família. Os grandes muros dos colégios, como alongados pelo silêncio, tinham um aspecto mais sombrio ainda; ouviam-se ruídos tranquilos de todo tipo, batimentos de asas nas gaiolas, o ronco de um torno, o martelo de um sapateiro; e os vendedores de roupas, no meio das ruas, interrogavam com o olhar cada janela, em vão. No fundo dos cafés solitários, a senhora do balcão bocejava entre garrações cheios; os jornais continuavam arrumados sobre a mesa dos gabinetes de leitura; na oficina das passadeiras, roupas estremeciam sob as lufadas do vento morno. De vez em quando, parava na vitrine de um alfarrabista; um ônibus, que descia rente à calçada, fazia-o se virar; e chegando à frente do Luxembourg, já não ia mais longe.

Às vezes, a esperança de uma distração o atraía para os bulevares. Depois das ruelas escuras exalando frescores úmidos, ele chegava a grandes praças desertas, deslumbrantes de luz, em cujas beiradas do calçamento os monumentos desenhavam recortes de sombra negra. Mas recomeçava o movimento das carroças, das lojas, e a multidão o atordoava — sobretudo no domingo — quando, desde a Bastilha até a Madeleine, tudo era uma imensa vaga ondulante sobre o asfalto, no meio da poeira, num rumor contínuo; e ele sentia repugnância pela baixeza dos rostos, a estupidez das conversas, a satisfação imbecil transpirando nas testas em suor! No entanto, a consciência de valer mais que aqueles homens atenuava o cansaço de olhá-los.

Todo dia ele ia à *L'Art industriel*; — e para saber quando voltaria a sra. Arnoux informava-se longamente sobre sua mãe. A resposta de Arnoux não variava: “as melhoras continuavam!”, e sua mulher, com a menina,

estariam de volta na semana seguinte. Quanto mais ela custava a voltar, mais Frédéric mostrava-se inquieto — tanto assim que Arnoux, enternecido diante de tanto afeto, o levou cinco ou seis vezes para jantar no restaurante.

Nesses longos face a face, Frédéric percebeu que o negociante de quadros não era muito afeito a coisas do espírito. Arnoux deve ter se dado conta desse esfriamento; mas era a ocasião de lhe retribuir um pouco suas delicadezas.

Portanto, querendo fazer as coisas direito, Frédéric vendeu a um belchior todas as suas roupas novas, mediante a quantia de oitenta francos; e, tendo-a acrescido dos cem outros que lhe restavam, foi à casa de Arnoux convidá-lo para jantar. Regimbart estava lá. Foram ao Les Trois-Frères-Provençaux.

O Cidadão começou por tirar a sobrecasaca e, certo da deferência dos dois outros, fez o pedido. Porém, por mais que tivesse se deslocado até a cozinha para falar pessoalmente com o chef, descido à adega da qual conhecia todos os cantos, e mandado chamar o dono do estabelecimento, em quem “passou um sabão”, não ficou contente nem com os pratos, nem com os vinhos, nem com o serviço! A cada prato novo, a cada garrafa diferente, desde o primeiro bocado, o primeiro gole, deixava cair o garfo ou afastava o copo para longe; depois, acotovelando-se sobre a toalha com toda a extensão de seu braço, exclamava que já não se podia jantar em Paris! Afinal, sem saber o que imaginar para sua boca, Regimbart pediu vagens ao azeite, “muito simplesmente”, as quais, embora não muito benfeitas, o acalmaram um pouco. Depois, teve um diálogo com o garçom, a respeito dos antigos garçons do Provençaux: “Que fim levava Antoine? E um certo Eugène? E Théodore, o baixinho, que sempre servia embaixo? Naquele tempo havia uma comida muito mais distinta, e garrafas de Bourgogne como nunca mais se voltará a ver!”.

Em seguida, conversaram sobre o valor dos terrenos no subúrbio, uma especulação de Arnoux, infalível. Enquanto esperava, ele perdia nos juros. Já que não queria vender por nenhum preço, Regimbart lhe descobriria alguém; e esses dois senhores fizeram, com um lápis, cálculos até o fim da sobremesa.

Foram tomar café na Passage du Saumon, num botequim que ficava no entressolo. Frédéric assistiu, em pé, a intermináveis partidas de bilhar, regadas com inúmeras canecas de cerveja; — e ficou ali, até meia-noite, sem

saber por quê, por covardia, por idiotice, na esperança confusa de um acontecimento qualquer favorável a seu amor.

Quando, afinal, tornaria a vê-la? Frédéric se desesperava. Mas certa noite, quase no fim de novembro, Arnoux lhe disse:

– Minha mulher voltou ontem, sabe!

No dia seguinte, às cinco horas, ele entrava na casa dela.

Começou com felicitações à sua mãe, cuja doença tinha sido tão grave.

– Que nada! Quem lhe disse?

– Arnoux.

Ela fez um leve “ah”, depois acrescentou que de início tivera sérios receios, agora desfeitos.

Mantinha-se perto da lareira, na bergère estofada. Ele estava no canapé, com o chapéu entre os joelhos; e a conversa foi difícil, pois ela o abandonava a cada minuto e ele não encontrava nenhuma deixa para introduzir seus sentimentos. Mas quando se queixou de estar estudando as chicanas, ela retrucou: “Sim... entendo..., os negócios...!”, baixando o rosto, absorta de repente em suas reflexões.

Ele tinha sede de conhecê-las, e aliás não pensava em outra coisa. O crepúsculo aumentava a sombra ao redor dos dois.

Ela se levantou, tendo uma compra a fazer, depois reapareceu com um chapéu de veludo e um manto preto, bordado de pele de esquilo. Ele se atreveu a se oferecer para acompanhá-la.

Não se via mais nada; o tempo estava frio e um denso nevoeiro, esbatendo a fachada das casas, deixava um mau cheiro no ar. Frédéric o aspirava, deliciado; pois sentia através do acolchoado da roupa a forma de seu braço; e sua mão, presa numa luva de camurça com dois botões, sua mãozinha que ele gostaria de cobrir de beijos, se apoiava em sua manga. Por causa do calçamento escorregadio eles bambeavam um pouco; parecia-lhe que estavam os dois como que embalados pelo vento, no meio de uma nuvem.

O brilho das luzes no bulevar trouxe-o de novo à realidade. A ocasião era propícia, o tempo era pouco. Ele se deu até a Rue de Richelieu para declarar seu amor. Mas quase de imediato, em frente a uma loja de porcelanas, ela parou de repente dizendo-lhe:

– Chegamos, muito obrigada! Até quinta, como de costume, está bem?

Os jantares recomeçaram; e quanto mais frequentava a sra. Arnoux, mais aumentavam seus langores.

A contemplação daquela mulher o abatia, assim como o uso de um perfume forte demais. Aquilo desceu às profundezas de seu temperamento e tornou-se quase uma maneira geral de sentir, um modo novo de existência.

As prostitutas que encontrava sob os lampiões de gás, as cantoras soltando trinados, as amazonas a galope em seus cavalos, as burguesas a pé, as costureirinhas na janela, todas as mulheres lhe lembravam aquela, por semelhanças ou por contrastes violentos. Ele olhava, ao sabor das lojas, as caxemiras e as rendas, imaginando-as enroladas em seus quadris, costuradas em seu espartilho, e os pingentes de pedrarias criando fogos na sua cabeleira negra. Nas barracas das feirantes, as flores desabrochavam para que ela as escolhesse ao passar; na vitrine das sapatarias, as pequenas pantufas de cetim debruadas de penas de cisne pareciam esperar seus pés; todas as ruas levavam à sua casa: as carruagens só estacionavam nas praças para chegar lá mais depressa; Paris se referia à sua pessoa, e a grande cidade com todas as suas vozes sussurrava como uma imensa orquestra, ao redor dela.

Quando ia ao Jardin des Plantes, a visão de uma palmeira o arrastava para países distantes. Viajavam juntos, na corcova de dromedários, sob o toldo armado nas costas dos elefantes, no camarote de um iate entre arquipélagos azuis, ou lado a lado em cima de duas mulas com guizos, que tropeçam nas plantas, contra colunas quebradas. Às vezes, parava no Louvre diante de quadros antigos; e como seu amor abarcava até mesmo os séculos idos, ele a substituíria por personagens das pinturas. Com um penteado da Idade Média, ela rezava de joelhos atrás de um vitral de chumbo. Senhora de Castela ou de Flandres, ela se mantinha sentada, com uma gola engomada e um corpete de barbatanas e pregas bufantes. Depois ela descia alguma grande escadaria de pórfiro, entre senadores, sob um pátio de penas de avestruz, dentro de um vestido de brocado. Outras vezes, ele sonhava com ela de calças de seda amarela, sobre as almofadas de um harém; — e tudo o que era belo, o cintilar das estrelas, certas árias musicais, o ritmo de uma frase, um perfil, o levavam a pensar nela de um modo brusco e insensível.

Quanto a esforçar-se em torná-la sua amante, tinha certeza de que qualquer tentativa seria inútil.

Uma noite, Dittmer, que estava chegando, beijou-a na testa; Lovarias fez o mesmo, dizendo:

— Permita-me? É o privilégio dos amigos, não é mesmo?

Frédéric balbuciou:

— Parece-me que todos nós somos amigos?

— Nem todos são velhos amigos! — ela retrucou.

Era, indiretamente, rejeitá-lo de antemão.

Aliás, que fazer? Dizer-lhe que a amava? Ela sem dúvida o despacharia; ou então, indignando-se, o expulsaria de casa! Ora, preferia todas as dores à horrível eventualidade de não mais vê-la.

Invejava o talento dos pianistas, as cicatrizes dos soldados. Desejava uma doença perigosa, esperando dessa maneira interessá-la.

Uma coisa o espantava, é que não tinha ciúme de Arnoux; e não podia imaginá-la senão vestida — de tal maneira seu pudor parecia natural e empurrava seu sexo para uma sombra misteriosa.

No entanto, sonhava com a felicidade de viver com ela, de tratá-la sem cerimônia, de passar a mão nos bandós, longamente, ou de se pôr no chão, de joelhos, com os dois braços enlaçando a sua cintura, bebendo a sua alma nos olhos! Para isso, teria de subverter o destino; e, incapaz de agir, amaldiçoando Deus e acusando-se de ser covarde, dava voltas em seu desejo, como um prisioneiro na cela. Uma angústia permanente o sufocava. Ficava horas a fio imóvel, ou explodia em lágrimas; e, um dia que não tivera a força de se conter, Deslauriers lhe disse:

— Mas arre! O que você tem?

Frédéric sofria dos nervos. Deslauriers não acreditou em nada daquilo. Diante de uma dor dessa, sentiu sua ternura despertar e o reconfortou. Um homem como ele deixar-se abater, que tolice! Na juventude ainda passa, mas mais tarde é perda de tempo.

— Você está me estragando o meu Frédéric! Quero de volta o antigo. Garçon, mais um do mesmo! Aquele lá me agradava! Vejamos, fume um cachimbo, animal! Sacuda-se um pouco, você me deixa consternado!

— É verdade — disse Frédéric —, estou louco!

O escrevente continuou:

— Ah! Velho trovador, sei muito bem o que o aflige! O coraçãozinho? Confesse! Ora! Uma que a gente perde, quatro que a gente acha! A gente se consola das mulheres virtuosas com as outras. Quer que lhe apresente mulheres? Basta ir ao Alhambra. (Era um baile público recém-aberto no alto dos Champs-Élysées, e que se arruinou já na segunda temporada, por um luxo prematuro nesse tipo de estabelecimento.) Pelo que dizem, lá a gente se diverte. Vamos? Você levará seus amigos, se quiser; e até deixo que leve Regimbart!

Frédéric não convidou o Cidadão. Deslauriers se privou de Sénécal. Levaram apenas Hussonnet e Cisy, além de Dussardier; e o mesmo fiacre deixou os cinco na porta do Alhambra.

Duas galerias mouriscas se estendiam à direita e à esquerda, paralelas. Em frente, a parede de uma casa ocupava todo o fundo, e o quarto lado (o do restaurante) exibia um claustro gótico de vitrais coloridos. Uma espécie de teto chinês abrigava o estrado onde os músicos tocavam; o chão ao redor era coberto de betume, e lanternas venezianas penduradas em postes formavam de longe, acima das quadrilhas, uma coroa de luzes multicoloridas. Aqui e ali, um pedestal sustentava uma bacia de pedra, de onde jorrava um filete de água. Avistavam-se nas folhagens estátuas de gesso, Hebes ou Cupidos pintados com uma tinta a óleo luzidia; e as numerosas alamedas, cobertas de uma areia muito amarela cuidadosamente limpa, faziam o jardim parecer muito mais vasto do que era.

Estudantes passeavam com suas amantes; vendedores de lojas de novidades se pavoneavam, com uma bengala entre os dedos; colegiais fumavam charutos de qualidade; velhos solteiros acariciavam com um pente sua barba tingida; havia ingleses, russos, gente da América do Sul, três orientais de barrete vermelho com borlas de seda. Cortesãs, costureiras e mocinhas tinham ido lá esperando encontrar um protetor, um apaixonado, uma moeda de ouro, ou simplesmente pelo prazer da dança; e seus vestidos com túnica verde-água, azul, cereja, ou violeta, passavam, agitavam-se entre os ébanos e os lilases. Quase todos os homens usavam tecidos quadriculados, alguns, calças brancas, apesar do frescor da noite. Acendiam-se os bicos de gás.

Hussonnet, por suas relações com os jornais de modas e os pequenos teatros, conhecia muitas mulheres; enviava-lhes beijos com a ponta dos dedos, e de vez em quando deixava os amigos e ia conversar com elas.

Deslauriers ficou com inveja desses modos. Abordou cinicamente uma loura alta, com um vestido de nanquim. Depois de tê-lo observado com cara de tédio, ela lhe disse: “Não! Nada de confiança, meu filho!”, e virou as costas.

Ele recomeçou, perto de uma morena gorda, que certamente era louca, pois deu um pulo já na primeira palavra, ameaçando-o, se ele continuasse, de chamar os policiais. Deslauriers se esforçou para rir; depois, descobrindo uma mulherzinha sentada afastada, sob um lampião, propôs-lhe uma contradança.

Os músicos, empoleirados no estrado, em poses de macaco, arranhavam e sopravam, impetuosamente. O maestro, em pé, batia o compasso de um modo automático. O salão estava lotado, todos se divertiam; laços desfeitos dos chapéus roçavam em gravatas, botas se enfiavam debaixo das saias; tudo aquilo saltava em cadência; Deslauriers apertava contra si a mulherzinha, e, tomado pelo delírio do canção, se balançava no meio das quadrilhas como uma grande marionete. Cisy e Dussardier continuavam seu passeio; o jovem aristocrata olhava de soslaio para as moças, e apesar das exortações do empregado não ousava falar com elas, imaginando que sempre havia na casa daquelas mulheres “um homem escondido no armário com uma pistola, e que sai para fazer você pagar letras de câmbio”.

Voltaram para perto de Frédéric. Deslauriers já não dançava; e todos se perguntavam como terminar a noite, quando Hussonnet exclamou:

— Vejam! A marquesa de Amaëgui!

Era uma mulher pálida, de nariz arrebitado, com mitenes até os cotovelos e grandes brincos pretos que pendiam ao longo das faces, como duas orelhas de cachorro. Hussonnet lhe disse:

— Que tal organizarmos uma festinha na sua casa, uma folia oriental? Tente recrutar umas amigas suas para estes cavaleiros franceses! Bem, o que é que a constrange? Está esperando o seu hidalgo?

A andaluza baixou a cabeça; conhecendo os hábitos pouco luxuosos de seu amigo, ela receava ter de arcar com as bebidas. Por fim, depois que ela soltou a palavra “dinheiro”, Cisy lhe ofereceu cinco napoleões, toda a sua bolsa; a coisa ficou resolvida. Mas Frédéric não estava mais lá.

Pensara reconhecer a voz de Arnoux, avistara um chapéu de mulher, e se enfiara bem depressa no bosque ao lado.

A srta. Vatnaz estava sozinha com Arnoux.

— Desculpe-me! Estou atrapalhando?

— Por nada deste mundo! — retrucou o negociante.

Frédéric, pelas últimas palavras da conversa deles, tinha entendido que ele ocorrera ao Alhambra para conversar com a srta. Vatnaz sobre um negócio urgente; e talvez Arnoux não estivesse totalmente tranquilo, pois lhe disse com ar inquieto:

— Tem certeza absoluta?

— Certeza absoluta! Todos gostam do senhor! Ah, que homem!

E ela lhe fazia beicinho, avançando seus lábios grossos, quase sanguinolentos de tão vermelhos que eram. Mas tinha olhos admiráveis, fulvos, com pontos dourados nas pupilas, cheios de espírito, amor e sensualidade. Iluminavam, como candeeiros, a pele meio amarelada de seu rosto magro. Arnoux parecia gostar de suas grosserias. Inclinou-se para o seu lado lhe dizendo:

— Seja boazinha, me dê um beijo!

Ela o pegou pelas orelhas e o beijou na testa.

Nesse instante as danças pararam; e no lugar do maestro apareceu um belo rapaz, muito gordo e de uma brancura de cera. Tinha longos cabelos pretos penteados à maneira de Cristo, um colete de veludo azul com grandes palmas de ouro, vaidoso que nem um pavão, estúpido que nem uma porta; e depois de saudar o público iniciou uma cançoneta. Era um matuto narrando pessoalmente sua viagem à capital; o artista falava baixo-normando, fingia-se de embriagado; o refrão:

*Ai! Com'eu ri, com'eu ri,
Nessa safada Paris!*

provocava um entusiasmante bate-pé. Delmas, “cantor expressivo”, era esperto demais para deixá-lo esfriar. Logo lhe passaram uma guitarra, e ele gemeu uma romança intitulada “O irmão da albanesa”.

A letra lembrava a Frédéric aquela que o homem esfarrapado cantava, entre os tambores do barco. Seus olhos se grudavam involuntariamente na barra do vestido que estava à sua frente. Depois de cada copla, havia uma longa pausa — e o sopro do vento nas árvores parecia o barulho das ondas.

A srta. Vatnaz, afastando com a mão os galhos de uma alfena que lhe escondia a visão do estrado, contemplava o cantor, fixamente, com as narinas abertas, os olhos semicerrados, e como perdida numa alegria séria.

— Muito bem! — disse Arnoux. — Compreendo por que veio esta noite ao Alhambra! Delmas lhe agrada, minha querida.

Ela não quis confessar.

— Ah! Quanto pudor!

E, mostrando Frédéric:

— Será por causa dele? Estaria errada. Não há rapaz mais discreto!

Os outros, que procuravam o amigo, entraram na sala das plantas. Hussonnet os apresentou a Arnoux, que fez uma distribuição de charutos e presenteou o grupo com sorvetes.

A srta. Vatnaz enrubescera ao ver Dussardier.

Logo se levantou, e estendendo-lhe a mão:

— Não me reconhece, sr. Auguste?

— Como? Conhece-a? — perguntou Frédéric.

— Estivemos na mesma casa! — ele retrucou.

Cisy o puxava pela manga, saíram; e, mal desapareceu, a srta. Vatnaz começou a elogiar seu caráter. Até acrescentou que ele tinha o *gênio do coração*.

Depois conversaram sobre Delmas, que poderia, como mímico, fazer sucesso no teatro; seguiu-se uma discussão em que se misturaram Shakespeare, a censura, o estilo, o povo, as receitas da Porte Saint-Martin,²⁹ Alexandre Dumas, Victor Hugo e Dumersan. Arnoux conhecera várias atrizes famosas; os jovens inclinaram-se para ouvi-lo. Mas suas palavras eram abafadas pela barulheira da música; e assim que a quadrilha ou a polca terminavam, todos se precipitavam para as mesas, chamavam o garçom, riam; as garrafas de cerveja e limonada gasosa espoucavam nas folhagens, mulheres gritavam como galinhas; às vezes, dois cavaleiros queriam se duelar; um ladrão foi preso.

No galope, os bailarinos invadiram as alamedas. Ofegantes, sorridentes, e de rosto vermelho, desfilavam num turbilhão que levantava os vestidos e as abas das casacas; trombones rugiam mais forte; o ritmo se acelerava; atrás do claustro medieval, ouviam-se crepitações, petardos estouravam, sóis começaram a rodar, o clarão dos fogos de artifício verde-esmeralda

iluminou por um minuto todo o jardim; — e, no último foguete, a multidão exalou um grande suspiro.

Ela se dispersou lentamente. Uma nuvem de pólvora pairava no ar. Frédéric e Deslauriers andavam entre as pessoas, passo a passo, quando um espetáculo os deteve: Martinon recebia o troco na chapelaria; e acompanhava uma mulher de uns cinquenta anos, feia, magnificamente vestida, de um nível social problemático.

— Esse marmanjo — disse Deslauriers — é menos simples do que se imagina. Mas onde, afinal, está Cisy?

Dussardier lhes mostrou o bar, onde avistaram o filho dos bravos, na frente de um caneco de ponche, em companhia de um chapéu rosa.

Hussonnet, que se ausentara por cinco minutos, reapareceu na mesma hora.

Uma moça se apoiava em seu braço, chamando-o bem alto de “meu gatinho”.

— Mas não! — ele lhe dizia. — Não! Em público não! Melhor me chamar de Visconde! Dá um ar de cavaleiro, de Luís XIII e botas elegantes, que me agrada! Sim, meus amigos, esta é uma antiga! Ela é um amor, não é mesmo? — E pegava seu queixo. — Cumprimente estes senhores! Todos são filhos de pares de França! Convivo com eles para que me nomeiem embaixador!

— Como o senhor é louco! — suspirou a srta. Vatnaz.

Ela pediu a Dussardier que a acompanhasse até a porta.

Arnoux os viu se afastarem, e depois, virando-se para Frédéric:

— A Vatnaz lhe agradaria? Por sinal, você não é sincero sobre esse assunto! Será que esconde seus amores?

Frédéric, que empalidecera, jurou não esconder nada.

— É que não se conhece nenhuma amante sua — retrucou Arnoux.

Frédéric teve vontade de citar um nome, ao acaso. Mas a história poderia ser contada a *ela*. Respondeu que, de fato, não tinha amante.

O negociante o criticou.

— Esta noite era uma boa ocasião! Por que não fez como os outros, que vão todos embora com uma mulher?

— Pois bem, e o senhor? — disse Frédéric, impaciente com tamanha persistência.

— Ah, eu, meu menino! É diferente! Eu volto para junto da minha!

Chamou um cabriolé e desapareceu.

Os dois amigos voltaram a pé. Soprava um vento leste. Não falaram, nem um nem outro. Deslauriers lamentava-se por não ter *brilhado* na frente do diretor de um jornal, e Frédéric afundava-se na tristeza. Por fim, disse que o bailinho tinha lhe parecido uma idiotice.

— Culpa de quem? Se você não nos tivesse trocado pelo seu Arnoux.

— Ora! Tudo o que eu poderia ter feito seria completamente inútil!

Mas o escrevente tinha teorias. Bastava, para obter as coisas, desejá-las intensamente.

— Mas você mesmo, há pouco...

— Eu estava pouco ligando para elas! — disse Deslauriers, cortando curto a alusão. — E vou lá me meter com mulheres?

E deblaterou contra as pieguices, as tolices delas; em suma, não lhe agradavam.

— Então não faça pose! — disse Frédéric.

Deslauriers se calou. Depois, de repente:

— Quer apostar cem francos que eu *pego* a primeira que passar?

— Quero! Aceito!

A primeira que passou era uma mendiga horrorosa; e eles já perdiam a esperança no acaso quando, no meio da Rue de Rivoli, avistaram uma moça alta levando na mão uma caixinha.

Deslauriers a abordou debaixo das arcadas. Ela se virou bruscamente para o lado das Tuileries, e logo pegou a Place du Carrousel; lançava olhares à direita e à esquerda. Correu atrás de um fiacre; Deslauriers a agarrou. Andava perto dela, falando-lhe com gestos expressivos. Finalmente ela aceitou seu braço e continuaram ao longo dos cais. Depois, na altura do Châtelet, por pelo menos vinte minutos passearam pela calçada, como dois marinheiros montando guarda. Mas de repente atravessaram o Pont au Change, o Mercado de Flores, o Quai Napoléon. Frédéric foi atrás deles. Deslauriers lhe deu a entender que os incomodaria, e que ele seguisse o seu exemplo.

— Quanto você ainda tem?

— Duas moedas de cem vinténs.

— É suficiente! Boa noite!

Frédéric foi tomado pelo espanto que se sente em ver uma brincadeira dar certo: “Ele está zombando de mim”, pensou. “E se eu fosse atrás?” Será

que Deslauriers pensava que lhe invejava esse amor? “Como se eu não tivesse um, e cem vezes mais raro, mais nobre, mais forte!” Impelia-o uma espécie de raiva. Chegou diante da porta da sra. Arnoux.

Nenhuma das janelas externas era do seu aposento. No entanto, ele continuava de olhos grudados na fachada — como se tivesse acreditado, por essa contemplação, conseguir rachar as paredes. Agora, sem dúvida, ela estava descansando, tranquila como uma flor adormecida, com seus belos cabelos pretos entre as rendas do travesseiro, os lábios semicerrados, a cabeça sobre o braço.

Mas foi a de Arnoux que apareceu. Ele se afastou, para fugir dessa visão.

O conselho de Deslauriers veio-lhe à lembrança; ficou horrorizado. Então perambulou pelas ruas.

Quando um pedestre avançava, ele tentava enxergar seu rosto. De vez em quando, um raio de luz lhe passava entre as pernas, descrevia rente ao calçamento um imenso quarto de círculo; e um homem surgia, na sombra, com sua bota e sua lanterna. Aqui e ali, o vento sacudia o tubo de metal de uma chaminé; sons distantes se elevavam, misturando-se ao zumbido de sua cabeça, e ele tinha a impressão de ouvir nos ares o vago ritornelo das contradanças. O movimento de sua caminhada entretinha essa embriaguez; viu-se no Pont de la Concorde.

Então lembrou-se mais uma vez daquela noite do outro inverno — em que, saindo da casa dela pela primeira vez teve de parar, de tanto seu coração batia disparado sob o abraço de suas esperanças. Todas, agora, estavam mortas!

Nuvens escuras corriam pela face da lua. Ele a contemplou, sonhando com a grandeza dos espaços, com a miséria da vida, com o nada de tudo. Raiou o dia; seus dentes estalavam; e, semiadormecido, molhado pela bruma e coberto de lágrimas, perguntou-se por que não acabar com tudo. Um só gesto a fazer! O peso de sua testa o arrastava, ele via seu cadáver boiando na água; Frédéric se debruçou. O parapeito era um pouco largo, e foi por lassidão que não tentou pulá-lo.

Um pavor o assaltou. Voltou para os bulevares e se aboletou num banco. Agentes de polícia o acordaram, convencidos de que “tinha feito uma farra”.

Recomeçou a andar. Mas como sentia muita fome, e todos os restaurantes estavam fechados, foi cear numa taberna dos Halles. Depois,

considerando que ainda era muito cedo, perambulou pelos arredores do Hôtel de Ville, até oito e quinze.

Fazia muito tempo que Deslauriers despachara sua donzela; e agora escrevia sobre a mesa, no meio do quarto. Pelas quatro horas, Cisy entrou.

Graças a Dussardier, na noite da véspera ele se arrumara com uma dama; e chegara a acompanhá-la na carruagem, com o marido, até a porta de sua casa, onde marcaram um encontro. Estava saindo de lá. Ninguém tinha ouvido falar naquele nome!

— O que quer que eu faça? — disse Frédéric.

Então o fidalgo se pôs a divagar; falou da srta. Vatnaz, da andaluza, de todas as outras. Por fim, com muitas perífrases, expôs o objetivo de sua visita; fiando-se na descrição do amigo, vinha para que ele o ajudasse numa iniciativa, depois da qual se veria definitivamente como um homem; e Frédéric não recusou. Contou a história a Deslauriers, sem tocar na verdade sobre o que lhe dizia respeito pessoalmente.

O escrevente achou que “agora ele estava indo muito bem”. Essa deferência diante de seus conselhos aumentou seu bom humor.

Era graças a isso que ele seduzira, já no primeiro dia, a srta. Clémence Daviou, bordadeira a ouro para fardas militares, a pessoa mais doce que existia, esbelta como um junco, com grandes olhos azuis, continuamente perplexos. O escrevente abusava de sua candura, até fazê-la crer que tinha sido condecorado; enfeitava sua sobrecasaca com uma fita vermelha, quando estavam a sós, mas dela se privava em público, para não humilhar o patrão, dizia. Aliás, mantinha-a à distância, deixava-se acariciar como um paxá e a chamava de “moça do povo”, para brincar. Toda vez ela lhe levava pequenos ramos de violetas. Frédéric não gostaria de um amor assim.

No entanto, quando saíam de braço dado, para se dirigirem a uma saleta reservada nos restaurantes Pinson ou Barrillot, ele sentia uma tristeza singular. Frédéric não tinha ideia de como, já fazia um ano, toda quinta-feira ele fizera Deslauriers sofrer quando escovava as unhas antes de ir jantar na Rue de Choiseul!

Uma noite em que, do alto do balcão, Frédéric acabava de vê-los partir, avistou de longe Hussonnet, no Pont d’Arcole. O boêmio começou a chamá-lo com sinais e Frédéric desceu os cinco andares:

— A coisa é a seguinte: sábado que vem, 24, vai ser a festa da padroeira da sra. Arnoux.

— Como assim, já que ela se chama Marie?

— Angèle também, mas pouco importa! Festejarão na casa de campo, em Saint-Cloud; estou encarregado de avisá-lo. Você encontrará um veículo às três horas, no jornal! Está combinado! Desculpe tê-lo incomodado. Mas tenho muito que fazer!

Mal Frédéric deu meia-volta, seu porteiro lhe entregou uma carta:

“O sr. e a sra. Dambreuse pedem ao sr. F. Moreau que lhes dê a honra de jantar em sua residência no sábado 24 do corrente — RSVP”

“Tarde demais!”, pensou.

Contudo, mostrou a carta a Deslauriers, que exclamou:

— Ah! Finalmente! Mas você não parece contente. Por quê?

Frédéric, tendo hesitado um pouco, disse que tinha outro convite para o mesmo dia.

— Dê-me o prazer de mandar passear a Rue de Choiseul. Nada de besteiras! Vou responder por você, se isso o incomoda.

E o escrevente redigiu uma aceitação, em terceira pessoa.

Nunca tendo visto a alta sociedade a não ser em meio à febre de suas invejas, Deslauriers a imaginava como uma criação artificial, funcionando em virtude de leis matemáticas. Um jantar em alguma casa, o encontro com um homem bem colocado, o sorriso de uma mulher bonita podiam, por uma série de ações que se deduziam umas das outras, ter resultados gigantescos. Certos salões parisienses eram como essas máquinas que pegam a matéria em estado bruto e a devolvem com um valor cem vezes maior. Ele acreditava nas cortesãs aconselhando os diplomatas, nos ricos casamentos obtidos por intrigas, no gênio dos condenados às galés, nas docilidades do acaso sob a mão dos fortes. Por fim, considerava tão útil o convívio com os Dambreuse, e falou tão bem, que Frédéric já não sabia que decisão tomar.

Nem por isso deveria deixar de oferecer um presente à sra. Arnoux, já que era a festa da sua padroeira; pensou, naturalmente, numa sombrinha, para reparar seu gesto desastrado. Ora, descobriu uma de seda furta-cor, com um pequeno cabo de marfim cinzelado, e que chegava da China. Mas custava cento e setenta e cinco francos e ele não tinha um tostão, já vivendo do crédito do semestre seguinte. No entanto, ele a queria, fazia questão, e apesar de sua repugnância recorreu a Deslauriers.

Deslauriers lhe respondeu que não tinha dinheiro.

— Eu preciso — disse Frédéric —, preciso muito!

E como o outro repetiu a mesma desculpa, ele se enfureceu.

— Você bem que podia, às vezes...

— O quê, afinal?

— Nada!

O escrevente compreendeu. Tirou de sua reserva a quantia em questão e, depois de entregar moeda por moeda:

— Não lhe peço um recibo, já que vivo pendurado em você!

Frédéric pulou no seu pescoço, com mil promessas afetuosas. Deslauriers ficou frio. Depois, no dia seguinte, vendo a sombrinha em cima do piano:

— Ah! Era para isso!

— Talvez eu mande entregar — disse Frédéric, covardemente.

O acaso o ajudou, pois à noitinha recebeu um bilhete de borda preta, no qual a sra. Dambreuse lhe anunciava a perda de um tio, desculpava-se por adiar o prazer de conhecê-lo.

Já às duas horas ele chegou à redação do jornal. Em vez de esperar para levá-lo no seu carro, Arnoux partira na véspera, não resistindo à necessidade de ar livre.

Todo ano, quando brotavam as primeiras folhas, por vários dias seguidos ele saía de manhã, fazia longas caminhadas pelos campos, bebia leite nas granjas, brincava com as aldeãs, informava-se sobre as colheitas e trazia pés de alface embrulhados no lenço. Enfim, realizando um velho sonho, ele comprara uma casa de campo.

Frédéric falava com o empregado, quando a srta. Vatnaz apareceu e ficou desapontada ao não ver Arnoux. Ele ainda ficaria lá uns dois dias, talvez. O empregado aconselhou-a a “ir lá”, ela não podia ir; que escrevesse uma carta, mas ela temia que a carta se perdesse. Frédéric se ofereceu para levá-la pessoalmente. Ela escreveu, rapidamente, e lhe suplicou que a entregasse sem testemunhas.

Quarenta minutos depois, ele desembarcava em Saint-Cloud.

A casa, cem passos mais adiante da ponte, ficava a meia altura da colina. Os muros do jardim estavam escondidos por duas fileiras de tílias, e um vasto gramado descia até a beira do rio. O portão de grade estava aberto, Frédéric entrou.

Arnoux, deitado na relva, brincava com uma ninhada de gatinhos. Essa distração parecia absorvê-lo infinitamente. A carta da srta. Vatnaz o tirou

de seu torpor.

— Diabo, diabo! Que maçada! Ela tem razão; tenho de ir embora.

Depois, tendo enfiado a missiva no bolso, teve o prazer de lhe mostrar sua propriedade. Mostrou tudo, a cocheira, o galpão, a cozinha. O salão ficava à direita, e, do lado de Paris, dava para um avarandado de ripas, carregado de clematitas. Mas, acima de suas cabeças, estalou um gorjeio; a sra. Arnoux, pensando estar sozinha, divertia-se em cantar. Fazia escalas, trinados, arpejos. Havia longas notas que pareciam se manter suspensas; outras caíam precipitando-se, como gotinhas de uma cascata; e sua voz, passando pela gelosia, cortava o grande silêncio e subia para o céu azul.

Ela parou de repente, quando o sr. e a sra. Oudry, dois vizinhos, chegaram.

Depois, ela mesma apareceu no alto da escadaria; e quando descia os degraus, ele viu seu pé. Calçava sapatinhos abertos, de couro castanho avermelhado, com três tiras transversais, que desenhavam em suas meias uma grade dourada.

Os convidados chegaram. Salvo o dr. Lefaucheux, advogado, eram os convivas da quinta-feira. Cada um levava um presente: Dittmer, uma echarpe síria, Rosenwald, um álbum de romances, Burrieu, uma aquarela, Sombaz, sua própria caricatura, e Pellerin, um desenho a carvão, representando uma espécie de dança macabra, hedionda fantasia de execução medíocre. Hussonnet se dispensara de qualquer presente.

Frédéric esperou os outros, antes de dar o seu presente.

Ela lhe agradeceu muito. Então, ele disse:

— Mas... é quase uma dívida! Fiquei tão aborrecido!

— Com o quê, afinal? — ela retrucou. — Não estou entendendo!

— Está na mesa! — disse Arnoux, tomando-o pelo braço; e depois, ao ouvido: — Você não é nada esperto, hein!

Nada era tão agradável como a sala de jantar, pintada de verde-água. Numa das extremidades, uma ninfa de pedra molhava o dedo do pé numa bacia em forma de concha. Pelas janelas abertas avistava-se todo o jardim com o vasto gramado, ladeado por um velho pinheiro da Escócia quase inteiramente desfolhado; canteiros de flores abaulavam o gramado de forma desigual; e, além do rio, desdobravam-se, num largo semicírculo, o Bois de Boulogne, Neuilly, Sèvres, Meudon. Em frente ao portão de grade, bem adiante, um barquinho à vela ia bordejando.

Primeiro comentaram a vista que tinham, depois, sobre a paisagem em geral; e as conversas começavam quando Arnoux deu ordem ao criado de atrelar uma americana por volta das nove e meia. Uma carta do responsável por seu caixa o convocava.

— Quer que eu volte com você? — perguntou a sra. Arnoux.

— Mas certamente! — e, fazendo-lhe um belo cumprimento: — Bem sabe que não posso viver sem a sua companhia!

Todos a cumprimentaram por ter um marido tão bom.

— Ah! É que não estou sozinha! — ela retrucou baixinho, mostrando a filhinha.

Depois, como a conversa caiu de novo na pintura, falou-se de um Ruysdael, do qual Arnoux esperava somas consideráveis, e Pellerin lhe perguntou se era verdade que o famoso Saül Mathias, de Londres, tinha ido, no mês passado, lhe oferecer vinte e três mil francos pelo quadro.

— Nada mais verdadeiro! — e, virando-se para Frédéric: — É, aliás, aquele cavalheiro que levei ao Alhambra outro dia, um tanto a contragosto, garanto-lhe, pois esses ingleses não são nada engraçados!

Frédéric, desconfiando de que na carta da srta. Vatnaz houvesse alguma história de mulher, admirara a facilidade do sr. Arnoux para encontrar uma desculpa honesta a fim de dar o fora; mas sua nova mentira, absolutamente inútil, deixou-o de olhos arregalados.

O negociante acrescentou, de um jeito simples:

— Como é mesmo o nome do seu amigo, aquele rapaz alto?

— Deslauriers — disse Frédéric prontamente.

E, para reparar os erros que sentia ter cometido com o amigo, elogiou-lhe a inteligência superior.

— Ah! É mesmo? Mas ele não tem jeito de ser tão bom rapaz como o outro, o empregado da firma de transportes.

Frédéric amaldiçoou Dussardier. Ela ia pensar que ele convivia com gente vulgar.

Em seguida, falaram dos embelezamentos da capital, dos bairros novos, e o tal Oudry chegou a citar, entre os grandes especuladores, o sr. Dambreuse.

Frédéric, aproveitando a ocasião para se valorizar, disse que o conhecia. Mas Pellerin se lançou numa catilinária contra os comerciantes; vendedores de velas ou de prata, ele não via diferença. Depois, Rosenwald e Burrieu

conversaram sobre porcelanas; Arnoux falava de jardinagem com a sra. Oudry; Sombaz, galhofeiro da velha escola, se divertia em debochar do marido dela; chamava-o de Odry, como o ator, declarou que ele devia descender de Oudry, o pintor dos cachorros, pois a protuberância dos animais era visível na sua testa. Quis até lhe apalpar o crânio, o outro se defendeu por causa da peruca; e terminaram a sobremesa às gargalhadas.

Depois de tomarem o café sob as tílias, fumando, e de terem dado muitas voltas no jardim, foram passear à beira do rio.

O grupo parou diante de um pescador, que limpava suas enguias numa venda de peixe. A srta. Marthe quis vê-las. Ele esvaziou o caixote na relva; e a menina ficou de joelhos para agarrá-las, rindo de prazer, gritando de pavor. Todas se perderam. Arnoux pagou-as.

Em seguida, surgiu a ideia de fazerem um passeio de canoa.

Um lado do horizonte começava a empalidecer, enquanto do outro um vasto alaranjado se estendia no céu e estava mais púrpura no alto das colinas, que ficaram completamente pretas. A sra. Arnoux estava sentada sobre uma pedra grande, tendo aquele clarão de incêndio atrás de si. As outras pessoas passeavam, aqui e acolá; Hussonnet, na beira do rio, fazia ricochetes na água.

Arnoux voltou, seguido por uma velha chalupa em que, apesar das recomendações mais sensatas, empilhou seus convidados. Ela afundava; foi preciso desembarcar.

As velas já ardiam no salão, todo forrado de tecido azul-esverdeado, e com candelabros de cristal encostados nas paredes. A velha Oudry dormia sossegada numa poltrona, e os outros ouviam o sr. Lefaucheux dissertar sobre as glórias da ordem dos advogados. A sra. Arnoux estava sozinha perto da janela, Frédéric se aproximou.

Conversaram sobre o que se estava dizendo. Ela admirava os oradores; ele preferia a glória dos escritores. Mas, ela prosseguiu, o prazer de convencer as massas diretamente devia ser maior quando a própria pessoa vê que transmite às almas todos os sentimentos da sua. Esses triunfos não tentavam Frédéric, que não tinha ambições.

— Ah! Por quê? — ela perguntou. — É preciso ter um pouco!

Estavam lado a lado, em pé no vão da janela. Diante deles, a noite se estendia como um imenso véu escuro salpicado de prata. Era a primeira vez que não falavam de coisas insignificantes. Ele até acabou conhecendo suas

antipatias e seus gostos: certos perfumes lhe faziam mal, os livros de história a interessavam, ela acreditava nos sonhos.

Ele se lançou no capítulo das aventuras sentimentais. Ela lamentava os desastres da paixão, mas era revoltada com as torpezas hipócritas; e essa retidão de caráter se applicava tão bem à beleza regular de seu rosto, que parecia depender dela.

Às vezes, sorria, fixando os olhos nele, um minuto. Então, ele sentia seus olhares lhe penetrando a alma, como esses grandes raios de sol que descem até o fundo da água. Amava-a sem ideias preconcebidas, sem esperança de retribuição, de modo absoluto; e nesses arroubos mudos, semelhantes a ímpetos de gratidão, gostaria de cobrir sua testa com uma chuva de beijos. No entanto, um sopro interno o elevava como que para fora de si; era um desejo de se sacrificar, uma necessidade de devoção imediata, e tanto mais forte porque não podia satisfazê-la.

Não partiu com os outros, Hussonnet também não. Deviam voltar na carruagem; e a americana esperava ao pé da escadaria, quando Arnoux desceu para o jardim e foi colher rosas. Depois, com o ramo amarrado por um barbante, e como as hastes não fossem do mesmo tamanho, mexeu no bolso cheio de papéis, pegou um ao acaso, enrolou-as, consolidou sua obra com um alfinete forte e a ofereceu à mulher, com certa emoção.

— Tome, minha querida, desculpe-me por tê-la esquecido!

Mas ela deu um gritinho; o alfinete, preso sem cuidado, a ferira, e ela subiu para o quarto. Esperaram por ela quase quinze minutos. Finalmente reapareceu, pegou Marthe, jogou-se na carruagem.

— E o seu ramalhete? — perguntou Arnoux.

— Não! Não! Não vale a pena!

Frédéric correu para ir pegá-lo; ela gritou:

— Não o quero!

Mas ele o levou assim mesmo, dizendo que acabava de pô-lo no invólucro, pois encontrara as flores no chão. Ela as enfiou atrás, na plataforma de couro, sobre o assento, e partiram.

Frédéric, sentado a seu lado, observou que ela tremia horivelmente. Depois, quando cruzaram a ponte, e como Arnoux virasse à esquerda:

— Não! Está enganado! É por ali, à direita!

Parecia irritada; tudo a incomodava. Por fim, quando Marthe fechou os olhos, ela apanhou o ramalhete e o jogou pela portinhola, depois pegou o

braço de Frédéric, fazendo-lhe sinal, com a outra mão, para jamais falar disso.

Em seguida, apertou o lenço contra os lábios e não se mexeu mais.

Os dois outros, no assento, falavam de gráfica, de assinantes. Arnoux, que conduzia sem atenção, perdeu-se no meio do Bois de Boulogne. Então se enfiaram por trilhas. O cavalo andava a passo; os galhos das árvores roçavam na capota. Frédéric só via os dois olhos da sra. Arnoux, na sombra; Marthe se deitara em cima dela, e ele lhe segurava a cabeça.

— Ela o está cansando! — disse a mãe.

Ele respondeu:

— Não! Oh, não!

Lentos turbilhões de poeira se levantavam; atravessaram Auteuil; todas as casas estavam fechadas; aqui e ali um lampião iluminava a quina de um muro, depois entravam nas trevas; a certa altura, ele percebeu que ela chorava.

Seria um remorso? Um desejo? O quê, então? Essa tristeza, que ele não conhecia, o interessava como uma coisa pessoal; agora havia entre eles um laço novo, uma espécie de cumplicidade; e disse-lhe, com a voz mais carinhosa que conseguiu:

— Está passando mal?

— Sim, um pouco — ela retrucou.

O carro ia andando, e as madressilvas e as silindras, ultrapassando as cercas dos jardins, enviavam na noite lufadas de odores que amoleciam. As inúmeras pregas de seu vestido cobriam-lhe os pés. Ele tinha a impressão de se comunicar com toda a sua pessoa por intermédio daquele corpo de criança deitado entre ambos. Debruçou-se sobre a garotinha e, afastando seus lindos cabelos castanhos, beijou-a na testa, suavemente.

— É muita bondade sua! — disse a sra. Arnoux.

— Por quê?

— Porque gosta de crianças.

— Não de todas.

Nada acrescentou, mas estendeu a mão esquerda, na lateral, e deixou-a bem aberta — imaginando que ela talvez fizesse o mesmo e que ele encontraria a sua. Depois teve vergonha e a retirou.

Logo chegaram ao calçamento. O carro ia mais depressa, os bicos de gás se multiplicavam, era Paris. Hussonnet, em frente ao Garde-Meuble,³⁰

saltou do banco. Frédéric esperou que chegassem ao pátio para descer; depois se emboscou na esquina da Rue de Choiseul e avistou Arnoux subindo célere em direção aos bulevares.

Já no dia seguinte começou a estudar, com todas as suas forças.

Via-se num tribunal do júri, numa noite de inverno, no final dos arrazoados, quando os jurados estão pálidos e a multidão esbaforida quase arrebenta as divisórias do pretório, falando já há quatro horas, resumindo todas as provas, descobrindo novas, e sentindo a cada frase, a cada palavra, a cada gesto, a lâmina da guilhotina suspensa atrás de si, levantando-se; depois, na tribuna da Câmara, orador que traz nos lábios a salvação de todo um povo, afogando os adversários sob suas prosopopeias, esmagando-os com uma réplica, raios e entonações musicais na voz, irônico, patético, enlevado, sublime. Ela estaria ali, em algum lugar, em meio aos outros, escondendo sob o véu as lágrimas de entusiasmo; depois se encontrariam; — e os desencorajamentos, as calúnias e as injúrias não o atingiriam se ela dissesse: “Ah! Como isso é bonito!”, passando-lhe na testa suas mãos leves.

Essas imagens fulguravam como faróis no horizonte de sua vida. Seu espírito, excitado, tornou-se mais ágil e mais forte. Trancou-se até o mês de agosto e foi aprovado no último exame.

Deslauriers, que tivera tanta dificuldade em estudar com ele, mais uma vez, para o segundo exame, no fim de dezembro, e para o terceiro, em fevereiro, espantou-se com seu ardor. Então, as velhas esperanças voltaram. Dali a dez anos Frédéric deveria ser deputado; a quinze, ministro; por que não? Com o patrimônio que breve receberia, poderia, primeiro, fundar um jornal; seria o início; depois, veriam. Quanto a ele, continuava a ambicionar uma cátedra na Escola de Direito; e defendeu tão notavelmente sua tese para se doutorar que ela lhe valeu felicitações dos professores.

Frédéric defendeu a sua três dias depois. Antes de sair de férias, teve a ideia de um piquenique, para encerrar as reuniões do sábado.

Mostrou-se alegre. A sra. Arnoux estava, agora, junto da mãe, em Chartres. Mas logo a reencontraria, e acabaria sendo seu amante.

Deslauriers, admitido no mesmo dia no grupo de oratória de Orsay, fizera um discurso muito aplaudido. Embora fosse comedido, embriagou-se, e na sobremesa disse a Dussardier:

— Você é honesto! Quando eu for rico, vou nomeá-lo meu administrador.

Todos estavam felizes; Cisy não terminaria o direito; Martinon ia continuar seu estágio na província, onde seria nomeado substituto; Pellerin se dispunha a fazer um grande quadro figurando *O Gênio da Revolução*; Hussonnet, na semana seguinte, deveria ler para o diretor do teatro *Délassements* o projeto de uma peça, e não duvidava do sucesso:

— Pois, quanto à estrutura do drama, concordam com o que proponho! Quanto às paixões, conheço-as de perto, pois já passei por poucas e boas; quanto às tiradas espirituosas, são minha profissão!

Deu um pulo, caiu sobre as duas mãos e andou algum tempo em volta da mesa, de pernas para o ar.

Essa criancice não tirou Sénécal do sério. Ele acabava de ser expulso da pensão, por ter batido no filho de um aristocrata. Como sua miséria aumentava, ele atacava a ordem social, amaldiçoava os ricos; e desabafou no ombro de Regimbart, que estava cada vez mais desiludido, entristecido, desgostoso. Agora o Cidadão se virava para as questões orçamentárias, e acusava a Camarilla de perder milhões na Argélia.³¹

Como não conseguia dormir sem antes passar pelo botequim Alexandre, desapareceu já às onze horas. Os outros se retiraram mais tarde; e Frédéric, ao se despedir de Hussonnet, soube que a sra. Arnoux devia ter voltado na véspera.

Foi, portanto, à agência de transporte para trocar a passagem para o dia seguinte, e por volta das seis da tarde foi à casa dela. Seu regresso, disse-lhe o porteiro, fora adiado por uma semana. Frédéric jantou sozinho, depois perambulou pelos bulevares.

Nuvens rosa formando faixas alongavam-se acima dos telhados; as lojas começavam a subir as grades; carroças de regar água despejavam uma chuva em cima da poeira, e um frescor inesperado se misturava às emanações dos cafés, deixando ver por suas portas abertas, entre prateados e dourados, flores em buquês que se refletiam nos espelhos altos. As pessoas andavam lentamente. Grupos de homens conversavam no meio da calçada; e mulheres passavam com uma indolência nos olhos e essa tez de camélia que a lassidão dos grandes calores confere às carnes femininas. Alguma coisa extraordinária se espalhava, envolvia as casas. Nunca Paris lhe

parecera tão bonita. Ele só avistava, no futuro, uma interminável série de anos igualmente repletos de amor.

Parou diante do teatro da Porte Saint-Martin para olhar o cartaz; e, na falta do que fazer, comprou um ingresso.

Representavam uma velha peça de fadas. Os espectadores eram raros; e nas lucarnas da torrinha, o dia se recortava em quadradinhos azuis, enquanto as lamparinas da ribalta formavam uma só linha de luzes amarelas. O palco representava um mercado de escravos em Pequim, com sininhos, tam-tans, sultanas, gorros pontudos e trocadilhos. Depois, baixado o pano, ele zanzou pelo foyer, solitário, e admirou no bulevar, ao pé da escadaria, um grande landau verde, atrelado com dois cavalos brancos, conduzidos por um cocheiro de calças curtas.

Voltava para o seu lugar quando, no primeiro camarote do proscênio, entraram uma senhora e um cavalheiro. O marido tinha um rosto pálido, rodeado por um filete de barba grisalha, com a roseta de oficial, e esse aspecto glacial que se atribui aos diplomatas.

A mulher, pelo menos vinte anos mais moça, nem alta nem baixa, nem feia nem bonita, usava os cabelos louros enrolados num coque à inglesa, um vestido de corpete liso, e um grande leque de renda preta. Para que gente de um mundo daqueles tivesse ido ao espetáculo naquela temporada, era preciso supor um acaso, ou o tédio de passar a noite a sós. A senhora mordiscava o leque e o senhor bocejava. Frédéric não conseguia lembrar onde tinha visto aquele rosto.

No entreato seguinte, quando atravessava um corredor, encontrou os dois; diante do vago cumprimento que fez, o sr. Dambreuse, ao reconhecê-lo, se aproximou e desculpou-se imediatamente das negligências imperdoáveis. Era uma alusão aos inúmeros cartões de visita enviados, a conselho do escrevente. Entretanto, confundia as épocas, acreditando que Frédéric estava no segundo ano de direito. Depois o invejou por partir para o campo. Ele precisaria repousar, mas os negócios o prendiam em Paris.

A sra. Dambreuse, encostada em seu braço, inclinava ligeiramente a cabeça; e a amenidade espiritual de seu rosto contrastava com a expressão triste de pouco antes.

— Mas por lá se encontram belas distrações! — disse ela depois das últimas palavras do marido. — Como este espetáculo é bobo!, não é,

cavalheiro? — E os três ficaram em pé, conversando sobre teatros e peças novas.

Frédéric, acostumado com os trejeitos das burguesas provincianas, não vira em nenhuma mulher tamanho desembaraço nas maneiras, essa simplicidade que é um requinte e na qual os ingênuos percebem a expressão de uma simpatia instantânea.

Contavam com ele, assim que voltasse; o sr. Dambreuse o encarregou de transmitir suas lembranças ao s. Roque.

Frédéric não deixou de contar essa acolhida a Deslauriers, logo que voltou para casa.

— Excelente! — retrucou o escrevente. — E não se deixe enrolar por sua mãezinha! Volte logo!

No dia seguinte à chegada, depois do almoço, a sra. Moreau levou o filho para o jardim.

Disse estar feliz em vê-lo bem colocado, pois não eram tão ricos como se pensava; a terra dava pouco; os rendeiros pagavam mal; ela mesma fora obrigada a vender sua carruagem. Por fim, expôs-lhe a situação deles.

Nas primeiras dificuldades de sua viuvez, um homem astucioso, o sr. Roque, lhe concedera empréstimos em dinheiro, renovados, prolongados, contra sua vontade. De repente, ele fora cobrá-los; e ela se submetera às suas condições, cedendo-lhe por um preço irrisório a granja de Presles. Dez anos depois, seu capital desaparecia na falência de um banqueiro, em Melun. Por horror às hipotecas e para manter as aparências, úteis para o futuro do filho, quando o sr. Roque tornou a aparecer ela o escutou, mais uma vez. Mas agora, estava quite. Em suma, restavam-lhe cerca de dez mil francos de renda, sendo dois mil e trezentos dele, era todo o seu patrimônio!

— Não é possível! — exclamou Frédéric.

Ela fez um gesto de cabeça significando que era muito possível.

Mas seu tio lhe deixaria alguma coisa?

Nada era menos certo.

E deram uma volta pelo jardim, sem se falar. Finalmente ela o atraiu contra o peito e, com voz abafada pelas lágrimas:

— Ah! Meu pobre menino! Tive de abandonar muitos sonhos!

Ele se sentou no banco, à sombra da grande acácia.

O que ela lhe aconselhava era se estabelecer como escrevente com o dr. Prouharam, advogado, que lhe cederia seu escritório; se este se valorizasse, ele poderia revendê-lo, e encontrar um bom partido.

Frédéric já não escutava. Olhava mecanicamente por cima da cerca, para o outro jardim, em frente.

Uma garotinha de uns doze anos, cabelos ruivos, estava ali, sozinha. Fizera uns brincos com as bagas da sorveira; seu corpete de pano cinza deixava à mostra os ombros, um pouco dourados pelo sol; manchas de geleia maculavam sua saia branca; — e havia como que uma graça de jovem animal selvagem em toda a sua pessoa, ao mesmo tempo nervosa e franzina. A presença de um desconhecido a surpreendia, com certeza, pois ela parou abruptamente, com o regador na mão, dardejando-o com suas pupilas de um verde-azul límpido.

— É a filha do sr. Roque — disse a sra. Moreau. — Ele acaba de se casar com a criada e perfilhar sua filha.

VI

Arruinado, espoliado, perdido!

Ele continuava no banco, como atordoado por uma comoção. Amaldiçoava a sorte, gostaria de bater em alguém; e para reforçar seu desespero, sentia pesar sobre si uma espécie de ultraje, uma desonra; — pois Frédéric imaginara que sua fortuna paterna se elevaria um dia a quinze mil libras de renda, e fizera os Arnoux saberem disso, indiretamente. Portanto, ia passar por um fanfarrão, um pilantra, um desonesto qualquer, que se introduzira na casa deles com a esperança de algum proveito! E ela, a sra. Arnoux, como ia revê-la agora?

Isso, aliás, era completamente impossível, tendo apenas três mil francos de renda! Não podia continuar morando num quarto andar, ter como doméstico o porteiro, e apresentar-se com pobres luvas pretas azuladas na ponta, um chapéu engordurado, a mesma sobrecasaca, durante um ano. Não! Não! Jamais! No entanto, sem ela a existência era intolerável. Muitos que não tinham fortuna viviam bem, Deslauriers entre outros; — e achou-se covarde por dar tamanha importância a coisas mediócras. A miséria, talvez, centuplicaria suas faculdades. Exaltou-se, pensando nos grandes homens

que trabalham nas águas-furtadas. Uma alma como a da sra. Arnoux deveria se comover com esse espetáculo, ela se enterneceria. Assim, essa catástrofe era, afinal, uma felicidade; como esses terremotos que deixam à mostra tesouros, ela lhe revelara as secretas opulências de sua natureza. Mas só existia no mundo um único lugar para valorizá-las: Paris! Pois em suas ideias a arte, a ciência e o amor (essas três faces de Deus, como diria Pellerin) dependiam exclusivamente da capital.

De noite, declarou à mãe que voltaria para lá. A sra. Moreau ficou surpresa e indignada. Era uma loucura, um absurdo. Seria melhor que ele seguisse os seus conselhos, isto é, ficasse perto dela, num escritório. Frédéric deu de ombros: “Ora essa!”, considerando-se insultado com a proposta.

Então, a boa senhora empregou outro método. Com voz meiga e pequenos soluços, começou a falar de sua solidão, de sua velhice, dos sacrifícios que tinha feito. Agora, que ela era mais infeliz, ele a abandonava. Depois, aludindo a seu fim próximo:

— Um pouco de paciência, meu Deus!, em breve você estará livre.

Essas lamentações se repetiram vinte vezes por dia, durante três meses; e ao mesmo tempo, as delicadezas do lar o corrompiam; ele se deliciava por ter uma cama mais macia, toalhas sem rasgões; tanto assim que, cansado, irritado, vencido afinal pela terrível força da doçura, Frédéric se deixou conduzir até o dr. Prouharam.

Ali, não mostrou ciência nem aptidão. Até então o haviam considerado um rapaz de muitos talentos, que deveria ser a glória da região. Foi uma decepção pública.

Primeiro, ele pensou: “Devo avisar a sra. Arnoux”, e por uma semana meditou sobre cartas ditirâmbicas, e bilhetes curtos em estilo lapidar e sublime. O medo de confessar sua situação o retinha. Depois pensou que era melhor escrever ao marido. Arnoux conhecia a vida e saberia compreendê-lo. Por fim, depois de quinze dias de hesitação:

“Ora! Não devo mais revê-los; que me esqueçam! Pelo menos não terei decaído na lembrança dela! Pensará que estou morto, e sentirá saudades... talvez.”

Como as resoluções excessivas lhe custavam pouco, jurara a si mesmo nunca mais voltar a Paris, e nem sequer informar-se sobre a sra. Arnoux.

Porém, sentia saudades até mesmo do cheiro do gás e da barulheira dos ônibus. Sonhava com todas as palavras que ela lhe dissera, com o timbre de sua voz, com a luz de seus olhos — e, considerando-se um homem morto, não fazia mais nada, absolutamente.

Levantava-se muito tarde e olhava pela janela as atrelagens das empresas de transportes que passavam. Seus primeiros meses, sobretudo, foram abomináveis.

Em certos dias, porém, uma indignação contra si mesmo o assaltava. Então saía. Ia pelos prados, semicobertos durante o inverno pelas cheias do Sena. Linhas de choupos os dividem. Aqui e ali, ergue-se uma pontezinha. Perambulava até a noite, esmagando com seus passos as folhas amarelas, aspirando a bruma, pulando as valas; à medida que suas artérias batiam mais forte, desejos de ação furiosa o arrebatavam; queria se tornar caçador na América, servir a um paxá no Oriente, embarcar como marujo; e exalava sua melancolia em longas cartas a Deslauriers.

Este se esfalfava para subir na vida. O comportamento covarde de seu amigo e suas eternas lamentações lhe pareciam uma estupidez. Logo a correspondência entre eles tornou-se quase nula. Frédéric dera todos os móveis a Deslauriers, que ficara em seu apartamento. Sua mãe lhe falava disso de vez em quando; um dia, enfim, ele lhe contou o presente que dera, e ela estava lhe passando um carão quando ele recebeu uma carta.

— O que há? Você está tremendo? — ela lhe disse.

— Não tenho nada! — retrucou Frédéric.

Deslauriers lhe informava que hospedara Sénécal; e, fazia quinze dias, viviam juntos. Portanto, agora Sénécal se espalhava no meio das coisas que provinham dos Arnoux! Ele podia vendê-las, fazer observações a respeito, brincadeiras. Frédéric se sentiu ferido, até o fundo da alma. Subiu para o quarto. Tinha vontade de morrer.

Sua mãe o chamou. Era para consultá-lo a propósito de uma plantação no jardim.

Esse jardim, à maneira de um parque inglês, era cortado no meio por uma cerca de estacas, e a metade pertencia ao s. Roque, que possuía outro, para os legumes, na beira do rio. Os dois vizinhos, brigados, abstinham-se de aparecer nas mesmas horas. Mas desde que Frédéric voltara, o homenzinho passeava por ali com mais frequência e não poupava cortesias ao filho da sra. Moreau. Condoía-se por ele morar numa cidade pequena. Um dia,

contou que o sr. Dambreuse pedira notícias suas. Outra vez, estendeu-se sobre o costume da Champagne, onde o ventre enobrecia.³²

— Naquela época, o senhor teria sido um aristocrata, já que a sua mãe se chama De Fouvens. E digam o que disserem! Um sobrenome é alguma coisa! Afinal de contas — acrescentou, olhando-o com ar esperto —, isso só depende do ministro da Justiça.

Essa pretensão de aristocracia destoava singularmente de sua pessoa. Como era baixo, a sobrecasaca marrom comprida exagerava o comprimento do busto. Quando tirava o boné, via-se um rosto quase feminino com um nariz extremamente pontudo; seus cabelos cor de palha pareciam uma peruca; cumprimentava todo mundo inclinando-se bem baixo, roçando nas paredes.

Até os cinquenta anos, contentara-se com os serviços de Catherine, uma lorena da mesma idade dele e fortemente marcada pelas bexigas. Mas por volta de 1834 trouxe de Paris uma bela loura, de semblante servil, mas “porte de rainha”. Breve a viram se pavonear com grandes brincos, e tudo se explicou pelo nascimento de uma filha, declarada com os nomes de Élisabeth-Olympe-Louise Roque.

Catherine, em seu ciúme, esperava execrar essa criança. Ao contrário, gostou dela. Cercou-a de cuidados, atenções e carinhos, para suplantar a mãe e torná-la odiosa, empreitada fácil, pois a sra. Éléonore se esquecia completamente da menina, preferindo conversar com os fornecedores. Já no dia seguinte ao do casamento foi visitar a subprefeitura, parou de tutear as criadas, e achou que devia, por bom-tom, mostrar-se severa com a criança. Assistia às suas lições; o professor, um velho burocrata da prefeitura, não sabia o que fazer. A aluna se insurgia, recebia tabefes, e ia chorar no colo de Catherine, que invariavelmente lhe dava razão. Então, as duas mulheres brigavam; o sr. Roque as fazia se calar. Ele se casara por ternura pela filha, e não queria que a atormentassem.

A menina costumava usar um vestido branco esfarrapado, com uma calça guarnecida de rendas; e nas grandes festas saía vestida como uma princesa, para mortificar um pouco os burgueses, que impediam seus rebentos de conviver com ela, tendo em vista seu nascimento ilegítimo.

Vivia sozinha, no seu jardim, demorava-se no balanço, corria atrás das borboletas, e depois, de repente, parava para contemplar os besouros descendo sobre as roseiras. Eram esses hábitos, provavelmente, que davam

ao seu rosto uma expressão ao mesmo tempo de atrevimento e devaneio. Aliás, tinha o tamanho de Marthe, tanto assim que Frédéric lhe dissera, no segundo encontro deles:

— Quer me permitir beijá-la, senhorita?

A pessoinha levantou a cabeça e respondeu:

— Quero sim!

Mas a cerca de estacas separava um do outro.

— Tem que subir aí em cima — disse Frédéric.

— Não, me levante!

Ele se debruçou sobre a cerca e a pegou por baixo dos braços, beijando-a nas duas faces; depois a recolocou no chão, pelo mesmo processo, que se renovou nas vezes seguintes.

Sem mais reservas do que as de uma criança de quatro anos, assim que ouvia seu amigo chegar ela corria ao seu encontro, ou então, escondendo-se atrás de uma árvore, soltava um ganido de cachorro para assustá-lo.

Um dia que a sra. Moreau saíra, ele a fez subir até o seu quarto. Ela abriu todos os frascos de perfume e lambuzou abundantemente os cabelos com brilhantina; depois, sem o menor acanhamento, deitou-se na cama, onde ficou esticadinha, acordada.

— Imagino que eu sou sua mulher — ela dizia.

No dia seguinte, ele a avistou banhada em lágrimas. Ela confessou “que chorava seus pecados”, e, quando ele tentou conhecê-los, ela respondeu, baixando os olhos:

— Não me interrogue mais!

A primeira comunhão se aproximava; tinham-na levado de manhã para se confessar.

O sacramento não a tornou mais comportada. Às vezes tinha verdadeiros acessos de raiva; recorriam ao sr. Frédéric para acalmá-la.

Volta e meia ele a levava em seus passeios. Enquanto devaneava ao andar, ela colhia papoulas à beira dos trigais, e, quando o via mais triste que de costume, tentava consolá-lo com palavras gentis. Seu coração, privado de amor, entregou-se a essa amizade de criança; desenhava para ela uns homenzinhos, contava histórias e começou a lhe fazer leituras.

Iniciou com os *Annales romantiques*, uma coletânea de versos e prosa, então famosa. Depois, esquecendo sua idade, de tal forma sua inteligência o encantava, leu sucessivamente *Atala*, *Cinq-Mars*, *Les Feuilles d'automne*.

Mas uma noite (naquele mesmo dia ela ouvira *Macbeth*, na tradução simples de Letourneur), ela acordou gritando: “A mancha! A mancha!”; seus dentes estalavam, ela tremia, e, fixando olhos apavorados na mão direita, esfregava-a dizendo: “A mancha continua!”. Finalmente, o médico chegou e prescreveu evitar emoções.

Os burgueses só viram nisso um prognóstico desfavorável para os seus bons costumes. Dizia-se que “o filho Moreau” queria, mais tarde, fazer dela uma atriz.

Logo se produziu outro acontecimento, a saber, a chegada do tio Barthélemy. A sra. Moreau lhe deu seu quarto de dormir, e levou a condescendência a ponto de servir carne nos dias magros.

O velhote foi razoavelmente amável. Eram comparações perpétuas, entre o Havre e Nogent, cujo ar ele achava pesado, eram o pão ruim, as ruas mal calçadas, a comida medíocre e os habitantes, uns preguiçosos. “Que comércio pobre na terra de vocês!” Criticou as extravagâncias de seu finado irmão, enquanto ele, de seu lado, amealhara vinte e sete mil libras de renda! Finalmente, partiu uma semana depois, e já no estribo da carruagem soltou estas palavras pouco tranquilizadoras:

— Fico sempre muito satisfeito de sabê-los em boa situação.

— Você não terá nada! — disse a sra. Moreau ao voltar para a sala.

Ele só tinha ido por insistência dela; e durante oito dias ela solicitara, talvez muito às claras, alguma deixa de sua parte. Arrependia-se de ter agido assim, e permanecia em sua poltrona, cabisbaixa, os lábios apertados. Frédéric, na sua frente, a observava; e os dois se calavam, como havia cinco anos, no regresso de Montereau. Essa coincidência, oferecendo-se à sua mente, lhe lembrou a sra. Arnoux.

Nesse momento, soaram chicotadas sob sua janela, ao mesmo tempo que uma voz o chamava.

Era o velho Roque, sozinho em sua carroça. Ia passar o dia todo em La Fortelle, na casa do sr. Dambreuse, e propôs cordialmente levar Frédéric.

— Comigo, não precisa de convite; não tenha medo!

Frédéric ficou tentado a aceitar. Mas como explicaria sua presença definitiva em Nogent? Não tinha um traje conveniente; por último, o que diria sua mãe? Recusou.

Desde então, o vizinho se mostrou menos amigável. Louise ia crescendo; a sra. Éléonore adoeceu gravemente; e o relacionamento se desfez, para

grande satisfação da sra. Moreau, que temia, para a permanência de seu filho ali, o convívio com aquela gente.

Ela sonhava em lhe comprar o cartório do tribunal; Frédéric não rejeitava de todo essa ideia. Agora, ele a acompanhava à missa, de noite jogava uma partida de imperial, acostumava-se com a província, e nela se enterrava; — e até seu amor assumira como que uma doçura fúnebre, um encanto entorpecedor. De tanto despejar sua dor nas cartas, misturá-la com leituras, levá-la pelo campo e espalhá-la por todo lado, ele quase a secara, tanto assim que a sra. Arnoux passou a ser para ele uma morta cujo túmulo ele se espantava de não conhecer, a tal ponto esse afeto se tornara tranquilo e resignado.

Um dia, 12 de dezembro de 1845, pelas nove da manhã, a cozinheira subiu ao seu quarto com uma carta. O endereço, em letras maiúsculas, tinha sido escrito por um desconhecido; e Frédéric, sonolento, não se apressou em abri-la. Finalmente, leu:

Justiça de paz do Havre, Terceiro Arrondissement.

Senhor,

O sr. Moreau, seu tio, tendo morrido *ab intestat*...³³

Ele herdaria!

Como se um incêndio tivesse deflagrado atrás da parede, pulou da cama, pés descalços e de camisa: passou a mão no rosto, duvidando de seus olhos, acreditando que ainda sonhava, e para se firmar na realidade escancarou a janela.

Tinha nevado; os telhados estavam brancos; — e ele até reconheceu no pátio uma tina de lavar roupa que na véspera, à noite, o fizera tropeçar.

Releu a carta três vezes seguidas; nada mais verdadeiro! Toda a fortuna do tio! Vinte e sete mil libras de renda! — e uma alegria frenética o transtornou, diante da ideia de rever a sra. Arnoux. Com a nitidez de uma alucinação, viu-se ao lado dela, na casa dela, levando-lhe um presente dentro de papel de seda, enquanto à porta estaria estacionado o seu túlburi, não, melhor um cupê!, um cupê preto, com um criado de libré marrom; ouvia o cavalo relinchar e o barulho da barbeta do freio se confundindo com o murmúrio de seus beijos. Aquilo se renovaria todos os dias,

infinitamente. Ele os receberia em sua casa; a sala de jantar seria de couro vermelho, o boudoir, de seda amarela, divãs por todo lado! E que cômodas! Que vasos da China! Que tapetes! Essas imagens chegavam tão tumultuadas que ele sentia a cabeça rodar. Então, lembrou-se da mãe; e desceu, ainda com a carta na mão.

A sra. Moreau tentava conter a emoção e teve um desfalecimento. Frédéric a pegou nos braços e a beijou na testa.

— Minha boa mãe, agora pode comprar de volta a sua carruagem; mas ria, não chore, seja feliz!

Dez minutos depois, a notícia já circulava nas redondezas. Então, o dr. Benoist, o sr. Gamblin, o sr. Champion, todos os amigos acorreram. Frédéric escapou um minuto para escrever a Deslauriers. Outras visitas se seguiram. A tarde se passou em felicitações. Esqueciam-se até da mulher de Roque, que, porém, estava “muito mal”.

À noite, quando ficaram os dois sozinhos, a sra. Moreau aconselhou o filho a instalar-se em Troyes, como advogado. Sendo mais conhecido em sua terra do que em outra, poderia mais facilmente encontrar partidos vantajosos.

— Ah! Aí já é demais! — exclamou Frédéric.

Mal tinha sua felicidade nas mãos e queriam pegá-la. Comunicou sua resolução formal de morar em Paris.

— Para fazer o quê?

— Nada!

A sra. Moreau, surpresa com esses modos, lhe perguntou o que pretendia ser.

— Ministro! — retrucou Frédéric.

E afirmou que não estava brincando nem um pouco, que pretendia se lançar na diplomacia, que seus estudos e seus instintos o levavam a isso. Primeiro entraria para o Conselho de Estado, com a proteção do sr. Dambreuse.

— Então você o conhece?

— Mas claro! Pelo sr. Roque!

— Estranho — disse a sra. Moreau.

Ele lhe despertara no coração os velhos sonhos de ambição. Ela se conformou com isso, internamente, e já não falou dos outros.

Se tivesse escutado sua impaciência, Frédéric teria partido naquele instante. No dia seguinte, todos os lugares nas diligências estavam reservados; ele se remoeu até as sete da noite do dia seguinte.

Estavam se sentando para jantar quando na igreja soaram três longas badaladas; e a criada, ao entrar, anunciou que a sra. Éléonore acabava de morrer.

Essa morte, afinal de contas, não era uma desgraça para ninguém, nem mesmo para sua filha. A menina estaria melhor ainda, mais tarde.

Como as duas casas eram próximas, ouvia-se um grande vaivém, um ruído de palavras; e a ideia daquele cadáver ali perto dava um toque fúnebre à separação deles. Duas ou três vezes, a sra. Moreau enxugou os olhos. Frédéric estava com o coração apertado.

Terminado o jantar, Catherine o reteve entre duas portas. A senhorita queria, de qualquer maneira, vê-lo. Esperava-o no jardim. Ele saiu, pulou a cerca, e, enquanto ia dando umas pancadinhas nas árvores, dirigiu-se para a casa do sr. Roque. Luzes brilhavam numa janela no segundo andar; depois apareceu nas trevas uma forma, e uma voz cochichou:

— Sou eu.

Ela parecia maior do que era, talvez por causa do vestido preto. Não sabendo com que frase abordá-la, contentou-se em pegar suas mãos suspirando:

— Ah! Minha pobre Louise!

Ela não respondeu. Olhou profundamente para ele, por muito tempo. Frédéric temia perder o carro; acreditava ouvir o ruído de rodas ao longe, e, para terminar:

— Catherine me avisou que você tinha alguma coisa...

— Sim, é verdade! Eu queria dizer ao senhor...

Esse *senhor* o surpreendeu; e, como ela continuasse calada:

— Muito bem, o quê?

— Não sei mais. Esqueci! É verdade que o senhor vai partir?

— Vou, agorinha.

Ela repetiu:

— Ah! Agorinha?... Para sempre?... Não vamos mais nos ver?

Soluços a sufocaram.

— Adeus! Adeus! Então me beije!

E ela o apertou nos seus braços, com arrebatamento.

-
1. Liga de cobre, estanho e zinco, imitando ouro e usado em bijuteria barata.
 2. Carruagem de aluguel de quatro rodas, leve e aberta, puxada por dois cavalos.
 3. Acusada de ter envenenado o marido com arsênico, a sra. Lafarge foi condenada, em 1840, a trabalhos forçados perpétuos, embora não se encontrasse arsênico no cadáver. Foi indultada em 1852 e morreu no mesmo ano.
 4. François Guizot (1787-1874), historiador e líder da ala reacionária do partido conservador, foi várias vezes ministro e primeiro-ministro em 1847-8e. É autor da famosa frase “Enriquecei-vos”, que conclamava os franceses a poupar e enriquecer. Averso às reformas exigidas pela população, acabou provocando a Revolução de 1848 e a queda da Monarquia de Julho, de Luís Filipe. Sua “última obra” é *Vie, correspondance et écrits de Washington*, de 1840.
 5. Pela lei de 1832, o serviço militar durava sete anos e os recrutas eram selecionados por sorteio. Quem tirava um número ruim podia comprar um substituto. Os “comerciantes de homens” serviam de intermediários para essas transações.
 6. Walter Scott (1771-1832) foi o grande nome do romance histórico na época do romantismo, e leitura favorita de Flaubert na adolescência.
 7. A Faculdade de Direito de Paris.
 8. O cargo tinha conotação pejorativa, pois pela lei eleitoral de 1831, que instituíra o voto censitário, as eleições eram acessíveis a muito poucos, o que favorecia a corrupção. O crupiê eleitoral costumava comprar votos em troca da promessa de vantagens pessoais.
 9. Rastignac, herói de *O pai Goriot*, de Balzac, é o típico jovem idealista que, depois de entender os mecanismos da sociedade, torna-se um arrivista.
 10. Honoré Gabriel Riqueti, conde de Mirabeau (1749-91), revolucionário e político, nasceu com um pé torto, dois grandes dentes e a cabeça imensa. A ama de leite teria dito, ao apresentar o bebê ao pai: “Não se apavore”. E o parteiro acrescentou: “Ele terá muita dificuldade em falar”. Mirabeau sofria de freio da língua mas ficou conhecido como “o Orador do povo”. Com fama de libertino, endividado, teve uma juventude difícil e foi preso a pedido do próprio pai.
 11. Os habitantes da Auvergne, região montanhosa e, na época, muito pobre, eram vistos como trabalhadores, tenazes e avarentos, e foram maciçamente colonizar possessões francesas.
 12. Alusão ao Faubourg Saint-Germain e ruas adjacentes, onde os nobres e a alta burguesia de centro-direita moravam em palacetes.
 13. “A mais alta divisão entre as pessoas.”
 14. Tratava-se da reforma pelo direito de voto que deveria ampliar o corpo eleitoral baixando o “censo”, isto é, o rendimento necessário para ser eleitor. A campanha começou em 1840 e as petições eram encaminhadas à guarda nacional, formada exclusivamente por cidadãos capazes de pagar a farda e as armas. O ministro das Finanças Jean Georges Humann ordenou, em 1841, um recenseamento visando reorganizar a arrecadação dos impostos, mas a medida foi interpretada como um aumento da carga tributária, o que ocasionou tumultos populares.
 15. Declaração em pseudofrancês do Renascimento.
 16. Frédérick Lemaître (1800-76), ator famoso que representou Robert Macaire no melodrama *L’Auberge des Adrets*, de B. Antier, Saint-Amand e Paulyanthe. O personagem era um vigarista disfarçado de banqueiro ou jornalista.
 17. Artaxerxes, rei da Pérsia do século V a.C., pediu ao médico grego Hipócrates que o ajudasse a combater uma epidemia que dizimava o exército persa. Hipócrates recusou os presentes magníficos que lhe ofereciam e respondeu que a honra o proibia de socorrer os inimigos de sua pátria.
 18. Referência à união alfandegária que se propunha entre França, Bélgica, Espanha e Suíça, destinada a competir com a Inglaterra (cujo nome antigo era Albion). A anglofobia era corrente na

época.

19. Em 1843, Pritchard, missionário protestante e cônsul inglês no Taiti, organizou uma insurreição antifrancesa nas ilhas Marquesas, arquipélago francês então cobijado pela Inglaterra. Preso e expulso, foi considerado mártir pelos ingleses. O episódio envenenou as relações entre os dois países até 1844, quando o governo francês lhe pagou uma indenização, o que agravou a anglofobia dos franceses.

20. O retrato de Cherubini, pintado por Ingres, e a decoração de Paul Delaroche no hemiciclo da Escola de Belas-Artes eram muito contestados, um por ser antiquado, a outra por ser muito avançada.

21. Corruptela do vinho *Liebfraumilch*.

22. O título da litogravura, tirado de um quadro de Greuze, representa os clichês da época de Luís Filipe, o “rei burguês”, divulgados pela propaganda oficial. Desde a Revolução Francesa, “patriotas” são os republicanos.

23. Pano listrado de muitas cores, com o qual se faziam echarpes; nos anos 1840, quando a França se lançava na conquista colonial do Magreb, esse tecido evocava o romântico luxo oriental.

24. Em 1840 iniciou-se a construção de um sistema de fortificações em torno de Paris, para a defesa contra um hipotético inimigo externo, mas os parisienses consideravam esses fortes novas “bastilhas” onde prender os habitantes da capital. As leis de setembro entraram em vigor depois de um atentado ao rei Luís Filipe e reforçaram a censura e o poder da polícia.

25. “Como deve ser.”

26. Alusão à libertinagem da corte e da nobreza durante a regência (1715-23) de Filipe II, entre a morte de Luís XIV e a maioridade de Luís XV.

27. Desde a Revolução Francesa, parte da opinião pública, como os republicanos patriotas, exigia a ocupação da margem esquerda do Reno para a França se precaver de possíveis ataques prussianos.

28. Paródia do poema “Lui”, de Victor Hugo, sobre Napoleão: “Sempre ele! Ele em toda parte! — Ou ardente ou gélida,/ Sua imagem sem cessar abala meu pensamento”.

29. O Théâtre de la Porte Saint-Martin apresentava, com muito sucesso, melodramas com histórias de fadas e espetáculos de fantasmagoria.

30. Edifício que atualmente é o Ministério da Marinha, na Place de la Concorde.

31. A Camarilla era, na Espanha, o conselho íntimo do rei, e, no vocabulário da época, designava o grupo dos políticos mais chegados ao primeiro-ministro François Guizot. Em 1844 a França restabelecera as fronteiras entre Argélia e Marrocos, depois de uma campanha militar vitoriosa contra os marroquinos, mas Guizot abriu mão de cobrar os 20 milhões de francos-ouro da dívida de guerra.

32. Alusão ao fato de que a mãe podia transmitir os títulos de nobreza aos filhos, segundo o modelo da lei sálica.

33. *Sem ter redigido testamento*. Portanto, deixando a fortuna para o descendente mais direto, o sobrinho.

Segunda parte

I

Quando ele sentou no seu lugar, no cupê, ao fundo, e a diligência partiu, levada pelos cinco cavalos correndo ao mesmo tempo, sentiu uma embriaguez submergi-lo. Como um arquiteto que faz a planta de um palácio, organizou de antemão sua vida. Encheu-a de delicadezas e esplendores; ela subia até o céu; uma prodigalidade de coisas aparecia ali; e essa contemplação foi tão profunda que os objetos exteriores tinham desaparecido.

Ao pé da encosta de Sourdun, deu-se conta de onde estava. Só tinham percorrido cinco quilômetros, no máximo! Ficou indignado. Baixou o postigo para ver a estrada. Perguntou várias vezes ao condutor em quanto tempo, ao certo, chegariam. Acalmou-se, porém, e ficou em seu canto, de olhos abertos.

A lanterna, pendurada no banco do postilhão, iluminava as ancas dos cavalos de tiro. Mais adiante, ele só avistava as crinas dos outros cavalos, que ondulavam como vagas brancas; seus bafos formavam um nevoeiro de cada lado da parelha; as correntinhas de ferro tilintavam, as vidraças tremiam no caixilho; e o carro pesado, num ritmo igual, andava pelo calçamento. Aqui e ali, distinguiam-se o muro de uma granja, ou um albergue, isolado. Às vezes, passando pelos vilarejos, o forno de um padeiro projetava clarões de incêndio, e a silhueta monstruosa dos cavalos corria pela outra casa, em frente. Nas postas, quando tinham desatrelado, fazia-se um grande silêncio, por um minuto. No alto, alguém batia os pés, debaixo do toldo, enquanto na soleira de uma porta uma mulher em pé protegia

com a mão sua vela. Depois, o cocheiro pulava para o estribo e a diligência tornava a partir.

Em Mormans, ouviram bater uma hora e quinze.

“Então é hoje”, ele pensou, “hoje mesmo, daqui a pouco!”

Mas paulatinamente suas esperanças e suas lembranças, Nogent, a Rue de Choiseul, a sra. Arnoux, sua mãe, tudo se confundiu.

Um ruído surdo de tábuas o acordou, estavam cruzando o Pont de Charenton, em Paris. Então, seus dois companheiros, tirando um o boné, o outro o lenço, puseram o chapéu e conversaram. O primeiro, um homem gordo e vermelho, de casaca de veludo, era um negociante; o segundo ia à capital para consultar um médico; — e, temendo tê-lo incomodado durante a noite, Frédéric lhe pediu desculpas, espontaneamente, de tal forma sua alma estava enternecida pela felicidade.

Como a plataforma da estação estava provavelmente inundada, seguiram sempre em frente, e o campo recomeçou. Ao longe, fumegavam altas chaminés de fábricas. Depois viraram para Ivry. Subiram uma rua; de repente ele avistou o domo do Panthéon.

A planície, revolvida, lembrava vagas ruínas. A muralha das fortificações formava ali um bojo horizontal; e nas calçadas de terra que margeavam a estrada, arvorezinhas sem galhos eram protegidas por ripas eriçadas de pregos. Estabelecimentos de produtos químicos se alternavam com terrenos de vendedores de madeira. Portas altas, como há nas granjas, deixavam ver, por seus batentes entreabertos, o interior de pátios ignóbeis, cheios de imundícies, com poças de água suja no centro. Bistrôs grandes, cor de sangue de boi, mostravam no primeiro andar, entre as janelas, dois tacos de bilhar pendurados numa coroa de flores pintadas; aqui e ali um casebre de taipa, semiconstruído, estava abandonado. Depois, a fila dupla de casas não mais se interrompeu; e sobre a nudez de suas fachadas, destacava-se, de longe em longe, um gigantesco charuto de lata, para indicar uma tabacaria. Tabuletas de parteiras representavam uma matrona de touca, embalando um pequerrucho numa manta debruada de renda. Cartazes cobriam a quina dos muros e, quase inteiramente rasgados, tremiam ao vento como farrapos. Operários de avental passavam, e carroças de cervejeiros, furgões de lavadeiras, carriolas de açougueiros; caía uma chuva fina, fazia frio, o céu estava pálido, mas dois olhos que para ele valiam o sol brilhavam atrás da bruma.

Pararam muito tempo na barreira, pois vendedores de aves e ovos, carreteiros e um rebanho de carneiros atravancavam a passagem. O guarda, com o chapéu enterrado, ia e vinha na frente de sua guarita para se esquentar. O funcionário da barreira subiu na imperial e uma fanfarrinha de cornetim irrompeu. Desceram o bulevar a trote largo, os balancins batendo, os tirantes flutuando. A ponta do chicote comprido estalava no ar úmido. O cocheiro lançava seu grito sonoro: “Arre! Arre! Oê!”, e os varredores pulavam para trás, a lama salpicava nas janelas, cruzavam com carroças, cabriolés, ônibus. Finalmente, apareceu a grade do Jardin des Plantes.

O Sena, amarelado, quase tocava o tabuleiro das pontes. Exalava um frescor. Frédéric o aspirou com todas as suas forças, saboreando esse bom ar de Paris que parece conter eflúvios amorosos e emanações intelectuais; sentiu ternura ao avistar o primeiro fiacre. E amava até mesmo a soleira dos negociantes de vinho, coberta de palha, até mesmo os engraxates com suas caixas, até mesmo os jovens quitandeiros sacudindo o torrador de café. Mulheres trotavam debaixo de guarda-chuvas; ele se inclinava para ver seus rostos; um acaso poderia ter feito aparecer a sra. Arnoux.

As lojas desfilavam, a multidão aumentava, o barulho tornava-se mais forte. Depois do Quai Saint-Bernard, do Quai de la Tournelle e do Quai Montebello, pegaram o Quai Napoléon, e ele quis ver suas janelas, mas estavam longe. Depois cruzaram o Sena no Pont-Neuf, desceram até o Louvre; e pelas ruas Saint-Honoré, Croix-des-Petits-Champs e Du Bouloi, alcançaram a Rue Coq-Héron, e entraram no pátio do hotel.

Para que seu prazer durasse, Frédéric vestiu-se o mais lentamente possível, e foi a pé até o Boulevard Montmartre; sorria com a ideia de rever, dali a pouco, na placa de mármore, o nome querido; ergueu os olhos. Mais nenhuma vitrine, mais nenhum quadro, nada!

Correu à Rue de Choiseul. Os Arnoux não moravam mais lá, e uma vizinha estava tomando conta da casinha do porteiro; Frédéric o esperou, e finalmente ele apareceu, já não era o mesmo. Não sabia o endereço deles.

Frédéric entrou num café e, enquanto almoçava, consultou o *Almanach du commerce*. Havia trezentos Arnoux, mas nenhum Jacques Arnoux! Onde afinal estavam morando? Pellerin devia saber.

Foi ao alto do Faubourg Poissonnière, ao ateliê dele. Como a porta não tinha campainha nem aldraba, deu uns murros e chamou, gritou. Só o vazio lhe respondeu.

Depois pensou em Hussonnet. Mas onde descobrir um homem desse? Certa vez, ele o acompanhara até a casa de sua amante, na Rue de Fleurus. Chegando à Rue de Fleurus, Frédéric se deu conta de que ignorava o nome da senhorita.

Recorreu à delegacia de polícia. Perambulou de escada em escada, de sala em sala. A sala das informações estava fechando. Disseram-lhe para passar de novo no dia seguinte.

Depois entrou em todos os negociantes de quadros que conseguiu descobrir, para saber se não conheciam Arnoux. O sr. Arnoux não fazia mais esse comércio.

Finalmente, desanimado, exausto, doente, voltou para o hotel e foi dormir. Quando estava se deitando entre os lençóis, uma ideia o fez pular de alegria:

“Regimbart! Que imbecil que eu sou de não ter pensado nele!”

No dia seguinte, já às sete horas chegou à Rue Notre-Dame-des-Victoires, em frente à loja de um vendedor de bebidas, onde Regimbart tinha o costume de tomar vinho branco. Ainda não estava aberta; deu uma volta pelas redondezas, e meia hora depois se apresentou de novo. Regimbart estava saindo. Frédéric se lançou pela rua. Até acreditou avistar ao longe seu chapéu; um rabeção e carruagens de luto se interpuseram. Passado o obstáculo, a visão tinha desaparecido.

Felizmente, lembrou-se de que o Cidadão almoçava todo dia às onze horas em ponto num restaurantezinho da Place Gaillon. Bastava ter paciência; e depois de um interminável passeio da Bolsa à Madeleine, e da Madeleine ao Gymnase, Frédéric, às onze em ponto, entrou no restaurante da Place Gaillon, certo de encontrar Regimbart.

— Não conheço! — disse o dono num tom arrogante.

Frédéric insistiu; ele retrucou:

— Não o conheço mais, cavalheiro! — erguendo sobrancelhas majestosas e com meneios de cabeça, que ocultavam um mistério.

Mas no último encontro deles, o Cidadão tinha falado do botequim Alexandre. Frédéric devorou um brioche e, pulando para um cabriolé, perguntou ao cocheiro se não havia em algum lugar, nas alturas de Sainte-Geneviève, um certo café Alexandre. O cocheiro o levou à Rue des Francs-Bourgeois-Saint-Michel, a um estabelecimento com esse nome, e à sua

pergunta: “O sr. Regimbart, por favor?”, o dono lhe respondeu, com um sorriso extraordinariamente simpático:

— Ainda não o vimos, cavalheiro — enquanto lançava para a esposa, sentada no balcão, um olhar de entendimento.

E em seguida, virando-se para o relógio:

— Mas chegará, espero, daqui a dez minutos, quinze no máximo. Célestin, depressa, os jornais! — O que quer tomar?

Embora não precisasse tomar nada, Frédéric engoliu um copo de rum, depois um copo de kirsch, depois um copo de curaçau, depois diferentes grogues, tanto frios como quentes. Leu todo o *Le Siècle* do dia, e o releu; examinou, até nos grãos do papel, a caricatura do *Charivari*; no fim, sabia de cor os anúncios. De vez em quando, botas ressoavam na calçada, era ele! E a forma de alguém se perfilava nas vidraças, mas sempre passava adiante!

Para se distrair, Frédéric mudava de lugar; ia se instalar no fundo, depois à direita, depois à esquerda; e ficava no meio da banquetta, com os dois braços esticados. Mas um gato, pisando delicadamente no veludo do encosto, lhe deu medo ao pular de repente para lambeir as manchas de xarope na bandeja; e a criança da casa, um intolerável fedelho de quatro anos, brincava com uma matraca nos degraus do balcão. Sua mãe, mulherzinha pálida de dentes estragados, sorria com ar estúpido. Mas o que afinal podia estar fazendo Regimbart? Frédéric o esperava, perdido num desespero ilimitado.

A chuva batia como granizo, em cima do capô do cabriolé. Pela fresta da cortina de musselina, ele viu na rua o pobre cavalo, mais imóvel que um cavalo de pau. A valeta, agora um enorme riacho, corria entre dois raios das rodas, e o cocheiro, abrigando-se com a coberta, cochilava; mas, temendo que seu burguês se esquivasse, de vez em quando ele entreabria a porta, por onde a água escorria como um rio; — e se os olhares pudessem gastar as coisas, Frédéric teria dissolvido o relógio de tanto fixar os olhos nele. O relógio funcionava, porém. O sr. Alexandre andava de um lado para o outro, repetindo: “Ele virá, sossegue! Ele virá!”, e, para distraí-lo, fazia discursos, falava de política. Chegou até à condescendência de lhe propor uma partida de dominó.

Afinal, às quatro e meia Frédéric, que estava lá desde o meio-dia, levantou-se num pulo, declarando que não esperaria mais.

— Eu mesmo não estou entendendo nada — respondeu o dono com um ar cândido —, é a primeira vez que o sr. Ledoux falta!

— Como? Sr. Ledoux?

— Mas claro, senhor!

— Eu disse Regimbart! — exclamou Frédéric, exasperado.

— Ah! Mil desculpas! O senhor está fazendo confusão! — Não é, sra. Alexandre, o cavalheiro não disse sr. Ledoux?

E, interpelando o garçom:

— O senhor mesmo não ouviu, como eu?

Para se vingar do patrão, talvez, o garçom se contentou em sorrir.

Frédéric se fez levar para os bulevares, indignado com o tempo perdido, furioso com o Cidadão, implorando sua presença como a de um deus, e bem decidido a extraí-lo do fundo das adegas mais distantes. Seu carro o irritava, dispensou-o; suas ideias se embaralhavam, e depois todos os nomes de cafés que ele ouvira aquele imbecil pronunciar jorraram em sua memória, ao mesmo tempo, como as mil peças de um fogo de artifício: café Gascard, café Grimbert, café Halbout, botequim Bordelais, Havanais, Havrais, Boeuf-à-la-mode, cervejaria Allemande, Mère Morel; e foi a todos, sucessivamente. Mas de um, Regimbart acabava de sair; em outro, talvez aparecesse; num terceiro, fazia seis meses que não o viam; aliás, ontem encomendara um assado para sábado. Por fim, no restaurante Vautier, Frédéric, abrindo a porta, esbarrou no garçom.

— Conhece o sr. Regimbart?

— Como, senhor, se o conhece? Sou eu que tenho a honra de servi-lo. Está lá em cima; acabando de jantar!

E, com o guardanapo no braço, o dono do estabelecimento em pessoa se aproximou:

— Pergunta pelo sr. Regimbart, senhor? Estava aqui há instantes.

Frédéric soltou um palavrão, mas o dono do restaurante afirmou que o encontraria, sem falta, no Bouttevilain.

— Dou-lhe minha palavra de honra! Ele saiu um pouco antes que de costume, pois tem uma reunião de negócios com uns senhores. Mas o encontrará, repito, no Bouttevilain, na Rue Saint-Martin, 92, segunda escada, à esquerda, no fundo do pátio, entressolo, porta à direita!

Finalmente, o avistou pela fumaça dos cachimbos, sozinho, no fundo do balcão, depois do bilhar, com uma caneca de cerveja à sua frente, o queixo

caído e numa atitude meditativa.

— Ah! Há tempos que o procurava!

Sem se emocionar, Regimbart lhe estendeu dois dedos apenas, como se o tivesse visto na véspera, soltou várias frases insignificantes sobre a abertura da sessão parlamentar.

Frédéric o interrompeu, dizendo-lhe com o ar mais natural que conseguiu:

— Arnoux vai bem?

A resposta custou a chegar, Regimbart gargarejava com o líquido.

— Sim, vai bem!

— Mas onde ele mora, agora?

— Ah... na Rue Paradis-Poissonnière — respondeu o Cidadão, espantado.

— Que número?

— Trinta e sete, santo Deus! Você é engraçado!

Frédéric se levantou:

— Como, já está indo?

— Sim, sim, tenho de dar uma volta, um negócio que estava esquecendo.

Adeus!

Frédéric foi do botequim para o prédio de Arnoux, como que levado por um vento morno e com a facilidade extraordinária que sentimos nos sonhos.

Logo se viu num segundo andar, defronte de uma porta cuja campainha tilintava; apareceu uma criada; uma segunda porta se abriu; a sra. Arnoux estava sentada perto da lareira. Arnoux deu um pulo e o beijou. Sua mulher tinha no colo um garotinho de três anos, mais ou menos; sua filha, agora do tamanho dela, estava em pé, do outro lado da lareira.

— Permita-me que lhe apresente este cavalheiro — disse Arnoux, pegando seu filho por baixo do braço.

E ele se divertiu alguns minutos em fazê-lo pular no ar, muito alto, para recebê-lo nos braços.

— Você vai matá-lo! Ah, meu Deus! Mas acabe com isso! — exclamava a sra. Arnoux.

Mas Arnoux, jurando que não havia perigo, continuava, e até mesmo ciciava carícias no patoá marselês, sua língua materna. “Ah! Molequim corajoso, meu roxinolzinho bonito!” Depois, perguntou a Frédéric por que

ficara tanto tempo sem lhes escrever, o que tinha conseguido fazer por lá, o que o trazia de volta.

— Eu, agora, caro amigo, sou negociante de faianças. Mas falemos de você!

Frédéric alegou um longo processo, a saúde da mãe; insistiu muito nisso, a fim de se tornar interessante. Em suma, fixava-se em Paris, desta vez definitivamente; e não disse nada da herança — temendo prejudicar o seu passado.

As cortinas, assim como os móveis, eram de adamascado de lã marrom; duas almofadas se tocavam, contra o estofado; uma chaleira esquentava na lareira; e o quebra-luz do abajur, na beira da cômoda, escurecia o apartamento. A sra. Arnoux vestia um robe de chambre de merino azulão. Com o olhar voltado para as cinzas e uma das mãos no ombro do garotinho, ela desfazia, com a outra, o laço do casaquinho; o pirralho, só de camisa, chorava coçando a cabeça, como o filho do sr. Alexandre.

Frédéric esperava por espasmos de alegria; — mas as paixões se estiolam quando mudam de lugar, e, já não encontrando a sra. Arnoux no ambiente em que a conhecera, ela lhe parecia ter perdido alguma coisa, e exibir confusamente como que uma degradação, em suma não ser a mesma. A calma de seu coração o deixava estupefato. Indagou sobre os antigos amigos, Pellerin entre outros.

— Não o vejo com frequência — disse Arnoux.

Ela acrescentou:

— Já não recebemos como antigamente!

Seria para avisá-lo de que não lhe fariam nenhum convite? Mas Arnoux, prosseguindo as cordialidades, de improviso o criticou por não ter ido jantar com eles; e explicou por que tinha mudado de ramo.

— O que se pode fazer numa época de decadência como a nossa? A grande pintura passou de moda! Aliás, pode-se pôr arte em qualquer lugar. Eu, como sabe, amo o Belo! Um dia desses terei de levá-lo à minha fábrica.

E quis lhe mostrar, imediatamente, alguns de seus produtos no depósito da sobreloja.

As travessas, as sopeiras, os pratos e as vasilhas abarrotavam o chão. Encostados às paredes empilhavam-se ladrilhos para revestir banheiros e gabinetes de toalete, com temas mitológicos no estilo do Renascimento, enquanto, no centro, uma estante dupla, subindo até o teto, suportava

baldes para gelo, vasos de flores, candelabros, pequenas jardineiras e grandes estatuetas policromadas figurando um negro ou uma pastora ao estilo Pompadour. As demonstrações de Arnoux aborreciam Frédéric, que estava com frio e fome.

Correu ao Café Anglais, ceou esplendidamente e, enquanto comia, pensava:

“E eu me afligindo por lá com as minhas dores! Mal e mal ela me reconheceu! Que burguesa!”

E, numa brusca manifestação de sanidade, tomou resoluções egoístas. Sentia o coração duro como a mesa onde pousava os cotovelos. Agora podia se atirar no meio da sociedade, sem medo. Veio-lhe a ideia de procurar os Dambreuse; poderia servir-se deles; depois se lembrou de Deslauriers. “Ah! Azar o dele, dane-se!” No entanto, enviou-lhe por um moço de recados um bilhete marcando encontro no dia seguinte no Palais-Royal, para almoçarem juntos.

A fortuna não sorria para Deslauriers.

Apresentara-se no concurso de professor com uma tese sobre *o direito de testar*, na qual defendia que se devia restringi-lo tanto quanto possível — e como seu adversário o estimulava a dizer bobagens, dissera muitas, sem que os examinadores reagissem. Depois, quis o acaso que ele tirasse no sorteio, como tema de aula, *a prescrição*. Então, Deslauriers se entregara a teorias deploráveis; as velhas contestações deviam se produzir assim como as novas; por que o proprietário ficaria privado de seu bem por só poder fornecer os títulos de propriedade trinta e um anos depois? Isso era conferir a segurança do homem honesto ao herdeiro do ladrão enriquecido. Todas as injustiças eram consagradas por uma extensão desse direito, que era a tirania, o abuso da força! Ele até exclamara:

— Vamos aboli-lo; e os francos já não pesarão sobre os gauleses,¹ os ingleses sobre os irlandeses, os ianques sobre os peles-vermelhas, os turcos sobre os árabes, os brancos sobre os negros, a Polônia...

O presidente o interrompera:

— Bem! Bem, senhor! Não temos o menor interesse nas suas opiniões políticas, o senhor vai se reapresentar mais tarde!

Deslauriers não quis se reapresentar. Mas aquele malfadado título XX do livro III do Código Civil se tornara para ele um obstáculo do tamanho de uma montanha. Estava elaborando uma grande obra sobre *A prescrição*

considerada como base do direito civil e do direito natural dos povos; e andava perdido em Dunot, Rogérius, Balbus, Merlin, Vazeille, Savigny, Troplong e outras leituras consideráveis. A fim de se dedicar a isso mais facilmente, demitira-se de seu lugar de escrevente-chefe. Vivia dando aulas particulares, fabricando teses; e, nas sessões do grupo de retórica, assustava por sua virulência o partido conservador, todos os jovens doutrinários discípulos do sr. Guizot — a tal ponto que, em certos grupos, tinha uma espécie de celebridade, um tanto misturada com desconfiança por sua pessoa.

Chegou ao encontro usando um sobretudo grosso forrado de flanela vermelha, como o de Sénécal, antigamente.

O respeito humano pelas pessoas que passavam os impediu de se abraçarem longamente, e foram até o Véfour, de braço dado, rindo de prazer, com uma lágrima no fundo dos olhos. Depois, assim que ficaram a sós, Deslauriers exclamou:

— Ah! Puxa, agora vamos levar um vidão.

Frédéric não gostou dessa maneira de se associar, imediatamente, à sua fortuna. O amigo demonstrava demasiada alegria para os dois, e insuficiente para ele só.

Em seguida, Deslauriers contou seu fracasso, e, aos poucos, seus trabalhos, sua existência, falando de si estoicamente, e dos outros com azedume. Tudo o desagradava. Nem um só homem bem colocado que não fosse um cretino ou um canalha. Por um copo mal lavado, enfureceu-se com o garçom, e, diante da crítica anódina de Frédéric:

— Como se eu fosse me incomodar com pilantras desse tipo, que ganham de seis a oito mil francos por ano, que são eleitores, elegíveis talvez! Ah, não, não mesmo!

Depois, com ar esperto:

— Mas esqueço que estou falando com um capitalista, com um Mondor,² pois agora você é um Mondor!

E, voltando à herança, expressou esta ideia: que as sucessões colaterais (coisa injusta em si, embora se alegrasse com aquela) seriam abolidas, um dia desses, na próxima revolução:

— Você acha? — indagou Frédéric.

— Conte com isso! — respondeu. — Isso não pode durar! É muito sofrimento! Quando vejo na miséria gente como Sénécal...

“Sempre o Sénecal!”, pensou Frédéric.

— Fora isso, o que há de novo? Continua apaixonado pela sra. Arnoux? Passou, hein?

Frédéric, não sabendo o que responder, fechou os olhos e baixou a cabeça.

A respeito de Arnoux, Deslauriers lhe contou que seu jornal pertencia agora a Hussonnet, o qual o transformara. Agora se chamava “*L’Art*, instituto literário, sociedade de ações de cem francos cada uma; capital social: quarenta mil francos”, com a faculdade para cada acionista de plantar ali o seu artigo; pois “a sociedade tem por objetivo publicar as obras dos iniciantes, poupar ao talento, talvez ao gênio, as crises dolorosas que embriagam etc. Está vendo que piada?”. Havia, porém, algo a fazer, era altear o tom do dito jornal, e depois, de repente, conservando os mesmos redatores e prometendo a continuação do folhetim, oferecer aos assinantes um jornal político; os adiantamentos não seriam enormes.

— Vejamos, o que você pensa? Quer se meter nisso?

Frédéric não rejeitou a proposta. Mas tinha de esperar que seus negócios se resolvessem.

— Então, se precisar de alguma coisa...

— Obrigado, meu filho! — disse Deslauriers.

Em seguida, fumaram uns *puros*, acotovelados na borda de veludo, na janela. O sol brilhava, o ar estava fresco, bandos de pássaros esvoaçantes caíam no jardim; as estátuas de bronze e de mármore, lavadas pela chuva, reluziam; empregadas de avental conversavam sentadas nas cadeiras; e ouviam-se os risos das crianças, com o murmúrio contínuo produzido pelo jato do chafariz.

Frédéric sentiu-se perturbado com o azedume de Deslauriers; mas sob a influência do vinho que circulava em suas veias, meio adormecido, entorpecido, e recebendo a luz em pleno rosto, sentia apenas um imenso bem-estar, voluptuosamente estúpido, como uma planta saturada de calor e umidade. Deslauriers, de olhos semicerrados, olhava ao longe, vagamente. Seu peito arfava, e começou a dizer:

— Ah! Era mais bonito quando Camille Desmoulins, ali em pé sobre uma mesa, incitava o povo a ir até a Bastilha! Naquele tempo eles viviam, podiam se afirmar, provar sua força! Simples advogados comandavam generais, uns pés-rapados derrubavam reis, ao passo que agora...

Calou-se, e depois, de repente:

— Ora! O futuro é grande!

E, pensando na própria tarefa, tamborilou nas vidraças e declamou estes versos de Barthélemy:³

Ela reaparecerá, a terrível Assembleia

Com que, após quarenta anos, vossa cabeça se

[perturba.

Colosso que sem medo marcha a passo poderoso.

— Já não sei o resto! Mas é tarde, e se fôssemos embora?

E continuou, na rua, a expor suas teorias.

Frédéric, sem escutá-lo, observava na vitrine dos comerciantes os tecidos e os móveis convenientes para sua instalação; e foi talvez o pensamento da sra. Arnoux que o fez deter-se na vitrine de um brechó, diante de três pratos de faiança. Eram decorados com arabescos amarelos, de reflexos metálicos, e custavam cem escudos cada. Mandou separá-los.

— Eu, no seu lugar — disse Deslauriers —, compraria, de preferência, prata — revelando, por esse amor ao fausto, o homem de origem modesta.

Assim que ficou sozinho, Frédéric foi ver o famoso Pomadère, onde encomendou três calças, duas casacas, uma peliça forrada de pele e cinco coletes; depois, viu um sapateiro, um camiseiro e um chapeleiro, ordenando a todos que se apressassem o mais possível.

Três dias depois, à noite, ao voltar do Havre, encontrou em casa seu guarda-roupa completo; e, louco para usá-lo, decidiu fazer naquele mesmo instante uma visita aos Dambreuse. Mas era muito cedo, oito horas apenas.

“E se eu fosse à casa dos outros?”, pensou.

Arnoux, sozinho, diante do espelho, estava se barbeando. Ele lhe propôs levá-lo a um lugar onde se divertiria, e, ao ouvir o nome do sr. Dambreuse:

— Ah! Vem a calhar! Lá vai encontrar amigos dele; venha, então! Vai ser divertido!

Frédéric se desculpava, a sra. Arnoux reconheceu sua voz e deu-lhe boa-noite do outro lado da divisória, pois sua filha estava indisposta e ela mesma não se sentia bem; e se ouvia o barulho de uma colher batendo num vidro, e todo aquele frêmito de coisas delicadamente mexidas que se

forma no quarto de um doente. Depois, Arnoux desapareceu, para se despedir da mulher. Ele multiplicava suas razões:

— Você sabe que é sério! Preciso ir, preciso estar lá, esperam-me.

— Vá, vá, meu amigo. Divirta-se!

Arnoux berrou para um fiacre.

— Palais-Royal! Galerie Montpensier, 7.

E, deixando-se cair sobre as almofadas:

— Ah! Como estou cansado, meu caro! Acabo explodindo. Aliás, posso muito bem lhe dizer, a você.

Inclinou-se para seu ouvido, misterioso:

— Tento encontrar o vermelho de cobre dos chineses.

E explicou o que eram o vidrado e o fogo brando.

Chegando à Casa Chevet, entregaram-lhe uma grande cesta, que ele mandou pôr no fiacre. Depois, escolheu “para sua pobre mulher” uvas, abacaxis, diferentes curiosidades alimentícias, e recomendou que fossem enviadas cedo, no dia seguinte.

Em seguida, foram a um fabricante de fantasias; tratava-se de um baile. Arnoux pegou uma calça de veludo azul, um casaco combinando, uma peruca vermelha; Frédéric, um dominó; e desceram a Rue de Laval, até uma casa iluminada no segundo andar por lanternas coloridas.

Já ao pé da escada, ouvia-se o som dos violinos.

— Para que diacho está me levando? — perguntou Frédéric.

— Para a casa de uma boa moça! Não tenha medo!

Um cavaliariço lhes abriu a porta, e entraram na antessala, onde paletós, mantôs e xales estavam empilhados nas cadeiras. Uma jovem, fantasiada de dragão de Luís XV, cruzava a antessala naquele momento. Era a srta. Rose-Annette Bron, dona da casa.

— E então? — disse Arnoux.

— Está resolvido! — ela respondeu.

— Ah! Obrigado, meu anjo!

E quis beijá-la.

— Ai, tome cuidado, imbecil! Vai estragar minha maquiagem!

Arnoux apresentou Frédéric.

— Divirta-se, senhor, seja bem-vindo!

Afastou uma portinha atrás de si e começou a gritar, enfática:

— O sr. Arnoux, Ajudante de Cozinha, e um Príncipe amigo dele!

Frédéric ficou, primeiro, ofuscado pelas luzes; só via seda, veludo, ombros nus, uma massa de cores que se balançava aos sons de uma orquestra escondida pelas plantas, entre as paredes forradas de seda amarela, com retratos em pastel, aqui e ali, tocheiras de cristal no estilo Luís XVI. Candeeiros altos, cujos globos foscos pareciam bolas de neve, dominavam cestas de flores postas sobre consoles, nos cantos; — e, em frente, depois de uma segunda sala menor, distinguia-se, numa terceira, uma cama de colunas torcidas, com um espelho veneziano à cabeceira.

As danças pararam, houve aplausos e gritos de alegria ao verem Arnoux avançando com sua cesta na cabeça; as vitualhas formavam um calombo no meio. “Cuidado com o lustre!” Frédéric levantou os olhos: era o velho lustre de porcelana de Saxe que ornamentava a loja de *L’Art industriel*; a lembrança dos velhos dias passou em sua memória; mas um soldado de infantaria de farda ordinária, com esse ar aparvalhado que a tradição confere aos recrutas, plantou-se na sua frente, afastando os dois braços para acentuar o espanto; e ele reconheceu, apesar do horroroso bigode preto extrapontado que o desfigurava, seu velho amigo Hussonnet. Num patoá meio alsaciano, meio negro, o boêmio o cobriu de felicitações, chamando-o de seu coronel. Frédéric, atrapalhado com toda aquela gente, não sabia o que responder. Depois que um arco bateu no atril da partitura, dançarinos e dançarinas puseram-se em seus lugares.

Eram cerca de sessenta, as mulheres, em maioria, como aldeãs ou marquesas, e os homens, quase todos maduros, com figurinos de carreiros, carregadores de lenha, ou marinheiros.

Frédéric, tendo encostado na parede, olhou a quadrilha diante dele.

Um velho gaiteiro, vestido como um doge veneziano, com uma samarra comprida de seda púrpura, dançava com a sra. Rosanette, que usava uma casaca verde, uma calça de malha e botas moles com esporas douradas. O casal à sua frente se compunha de um Albanês carregado de iatagãs e de uma Suíça de olhos azuis, branca como leite, gorducha como uma codorna, em mangas de camisa e corpete vermelho. Para valorizar a cabeleira que lhe descia até os joelhos, uma loura alta, figurante do Opéra, se vestira de mulher selvagem; e por cima da malha marrom só havia uma tanga de couro, pulseiras de miçangas e um diadema de lantejoula, de onde se elevava um feixe alto de penas de pavão. Na frente dela, um Pritchard, metido numa casaca preta grotescamente larga, batia o compasso com o

cotovelo sobre a caixa de rapé. Um pequeno pastor com ares de um Watteau, azul e prata como um luar, batia o cajado no tirso de uma Bacante coroada de uvas, com uma pele de leopardo no flanco esquerdo e coturnos de fitas douradas. Do outro lado, uma Polonesa, com um spencer de veludo vermelho-claro, balançava seu saiote de gaze sobre as meias de seda cinza-pérola, presas em botinas cor-de-rosa debruadas de pele branca. Ela sorria para um quarentão barrigudo, fantasiado de Coroinha, e que pulava muito alto, levantando com a mão a sobrepeliz e segurando com a outra o barrete vermelho. Mas a rainha, a estrela, era a srta. Loulou, famosa dançarina dos bailes públicos. Como agora estava rica, usava uma gola larga de renda sobre o casaco de veludo liso; e a calça folgada de seda vermelho vivo, colante no quadril e apertada na cintura por um lenço de caxemira, trazia ao longo de toda a costura pequenas camélias brancas naturais. Seu rosto pálido, um pouco inchado e de nariz arrebitado, parecia mais insolente ainda pelo desgrenhado da peruca sobre a qual se prendia um chapéu de homem, de feltro cinza, achatado à mão no lado da orelha direita; e nos pulos que ela dava, seus escaupins de fivelas de diamantes alcançavam quase o nariz do vizinho, um Barão medieval alto e todo atrapalhado numa armadura de ferro. Havia também um Anjo, com um gládio de ouro na mão, duas asas de cisne nas costas, e que, indo e vindo, perdendo a todo minuto seu cavaleiro, um Luís XIV, não entendia nada das figuras e atrapalhava a contradança.

Frédéric, olhando para aquelas pessoas, tinha um sentimento de abandono, um mal-estar. Ainda pensava na sra. Arnoux e lhe parecia participar de algo hostil se tramando contra ela.

Quando a quadrilha terminou, a sra. Rosanette foi falar com ele. Estava meio ofegante, e o gorjal de sua fantasia, polido como um espelho, levantava suavemente sob seu queixo.

— E o senhor, cavalheiro — disse ela —, não dança?

Frédéric se desculpou, não sabia dançar.

— É mesmo? Mas, e comigo? Dança comigo?

E, apoiando-se num só quadril, com o outro joelho um pouco para dentro, acariciando com a mão esquerda o castão de nácar da espada, observou-o por um minuto, com ar meio suplicante, meio debochado. Finalmente, disse “Boa noite!”, fez uma pirueta e desapareceu.

Frédéric, descontente consigo mesmo, e não sabendo o que fazer, pôs-se a perambular pelo baile.

Entrou no boudoir, estofado de seda azul-clara, com buquês de flores dos campos, enquanto no teto, dentro de um círculo de madeira dourada, uns Amores, emergindo de um céu azul, brincavam sobre nuvens em forma de edredom. Essas elegâncias, que hoje seriam misérias para as colegas de Rosanette, o fascinaram; e admirou tudo: as trepadeiras artificiais ornamentando o contorno do espelho, as cortinas da lareira, o divã turco, e, num vão da parede, uma espécie de tenda forrada de seda rosa, com musselina branca por cima. Móveis pretos de marchetaria de cobre guarneciam o quarto de dormir, onde se erguia, sobre um estrado coberto de uma pele de cisne, o grande leito de baldaquim e penas de avestruz. Alfinetes com cabeça de pedrarias, enfiados em novelos, anéis em cima de bandejas, medalhões de círculo dourado e cofrezinhos de prata se distinguiam na sombra, sob o clarão espalhado por um candeeiro da Boêmia, suspenso por três correntes. Por uma portinhola entreaberta, via-se uma estufa quente ocupando toda a largura de um terraço, terminado por um viveiro de pássaros no outro extremo.

Aquele era um ambiente feito para agradar. Numa abrupta revolta de sua juventude, jurou a si mesmo desfrutá-lo, e tomou coragem; depois, voltando à entrada do salão, onde agora havia mais gente (tudo se agitava numa espécie de pulverulência luminosa), ficou em pé contemplando as quadrilhas, piscando os olhos para ver melhor — e aspirando os lânguidos perfumes de mulheres, que circulavam como um imenso beijo espalhado.

Mas perto dele, do outro lado da porta, estava Pellerin; — Pellerin em traje a rigor, o braço esquerdo sobre o peito e segurando na mão direita, junto com o chapéu, uma luva branca, rasgada.

— Puxa, faz muito tempo que não o vemos! Mas por onde andava? Saiu de viagem, para a Itália? Um estereótipo, a Itália, não é? Não tão rígida como dizem? Pouco importa! Traga-me seus esboços um dia desses.

E, sem esperar a resposta, o artista começou a falar de si mesmo.

Fizera muitos progressos, tendo reconhecido definitivamente a bobagem do traço. Numa obra, não se devia buscar tanto a beleza e a unidade, mas o caráter e a diversidade das coisas.

— Pois tudo existe na natureza, portanto tudo é legítimo, tudo é plástico. Trata-se somente de captar o tom, é isso. Descobri o segredo! — E, dando-

lhe uma cotovelada, repetiu várias vezes: — Descobri o segredo, sabe? Por exemplo, olhe-me aquela mulherzinha de penteado de esfinge dançando com um postilhão russo, é nítido, seco, definido, tudo em planos distintos e em tons crus; anil debaixo dos olhos, uma placa de cinábrio no rosto, bistre nas têmporas: pif! paf! — E atirava, com o polegar, como que pinceladas no ar. — Ao passo que a gorda, ali — continuou, mostrando uma peixeira de vestido cereja com um crucifixo dourado no pescoço e um lenço de cambraia amarrado nos ombros —, são só redondos; as narinas se achatam como as abas de seu gorro, os cantos da boca se levantam, o queixo baixa, tudo é gordo, vaporoso, copioso, tranquilo e ensolarado, um verdadeiro Rubens! Elas são perfeitas, porém! Então, onde está o tipo? — Ele se empolgava. — O que é uma bela mulher? O que é o belo? Ah! O belo!, você me dirá...

Frédéric o interrompeu para saber quem era um pierrô com perfil de bode, que estava abençoando todos os dançarinos no meio de uma pastorela.

— Um pé-rapado! Um viúvo, pai de três garotos. Deixa-os com uma mão atrás, outra na frente, passa a vida no clube, e dorme com a empregada.

— E aquele, fantasiado de Bailio, que conversa no vão da janela com uma Marquesa Pompadour?

— A marquesa é a sra. Vandaël, antiga atriz do Gymnase, amante do doge, o conde de Palazot. Lá se vão vinte anos que estão juntos; não se sabe por quê. Que belos olhos tinha essa mulher, antigamente! Quanto ao cidadão perto dela, chamam-no de capitão d'Herbigny, um velho que já viu poucas e boas e só tem como fortuna sua cruz da Legião de Honra e sua pensão, serve de tio para as mocinhas de subúrbio nas solenidades, acerta os duelos e janta fora.

— Um canalha? — disse Frédéric.

— Não! Um homem honesto!

— Ah!

O artista lhe citou mais outros, quando, observando um senhor que usava, como os médicos de Molière, uma túnica comprida de sarja preta, mas bem aberta de alto a baixo, a fim de mostrar todos os seus berloques:

— Isso lhe mostra quem é o dr. Des Rogis, furioso por não ser célebre; escreveu um livro de pornografia médica, engraxa de bom grado as botas da alta sociedade, é discreto; essas senhoras o adoram. Ele e a esposa

(aquela castelã magra de vestido cinza) perambulam juntos em todos os lugares públicos, e outros. Apesar da penúria do casal, têm o seu *dia* — chás artísticos em que declamam versos. — Tome cuidado!

De fato, o Doutor os abordou; e logo formaram, os três, na entrada do salão, um grupo de conversadores, ao qual foi se juntar Hussonnet, depois o amante da Mulher Selvagem, um jovem poeta exibindo debaixo de um mantel curto à Francisco I a mais lastimável anatomia, e por fim um jovem espirituoso, fantasiado de Turco de subúrbio. Mas sua jaqueta de galões amarelos tinha viajado tão bem nas costas de dentistas ambulantes, sua calça larga de pregas era de um vermelho tão desbotado, seu turbante enrolado como uma enguia à moda tártara era de um aspecto tão pobre, todo o seu traje, enfim, era tão deplorável e notável, que as mulheres não disfarçavam a repugnância. O Doutor o consolou com grandes elogios à Lenhadora, sua amante. Esse Turco era filho de um banqueiro.

Entre uma quadrilha e outra, Rosanette se dirigiu à lareira, onde estava sentado numa poltrona um velhote baixo e gordo, de casaca marrom com botões dourados. Apesar das faces enrugadas que caíam sobre a gravata branca alta, seus cabelos ainda louros, e frisados naturalmente como o pelo de um caniche, lhe conferiam um ar galhofeiro.

Ela o escutou, debruçada sobre seu rosto. Depois, serviu-lhe um copo de xarope; e nada era tão gracioso como suas mãos sob os punhos de rendas que saíam pelas mangas da casaca verde. Depois de beber, o homenzinho beijou essas mãos.

— Mas é o sr. Oudry, o vizinho de Arnoux!

— Ele já o perdeu! — disse, rindo, Pellerin.

— Como assim?

Um postilhão de Longjumeau agarrou-a pela cintura, pois uma valsa começava. Então, todas as mulheres, sentadas em banquetas em volta do salão, levantaram-se em fila, prontamente; e suas saias, suas echarpes, seus penteados começaram a rodopiar.

Rodopiavam tão perto dele que Frédéric distinguia as gotinhas de suor de suas testas; — e esse movimento giratório, cada vez mais intenso e regular, vertiginoso, comunicando a seu pensamento uma espécie de embriaguez, fazia surgirem outras imagens, enquanto todas passavam, no mesmo deslumbramento, e cada uma delas com uma excitação particular dependendo do gênero de sua beleza. A Polonesa, que se abandonava

langorosa, inspirava-lhe o desejo de mantê-la contra seu coração, os dois deslizando num trenó por uma planície coberta de neve. Horizontes de volúpia tranquila, à beira de um lago, num chalé, se desenrolavam sob os passos da Suíça, que valsava de torso reto e pálpebras baixas. Depois, de repente, a Bacante, jogando para trás sua cabeça morena, o fez sonhar com carícias devoradoras, em bosque de loureiros-rosas, em noite de tempestade, e ao ruído confuso dos tamborins. A Peixeira, que estava esbaforida com o compasso muito rápido, dava risadas; e ele gostaria de, bebendo com ela nos Porcherons,⁴ amassar o seu lenço com as duas mãos, como nos velhos tempos. Mas a Lenhadora, cujos artelhos leves mal afloravam o soalho, parecia guardar na flexibilidade dos membros e na seriedade do rosto todos os requintes do amor moderno, que tem a exatidão de uma ciência e a mobilidade de um pássaro. Rosanette girava, com a mão no quadril; sua peruca com um carrapito, pulando sobre a gola, soltava pó de íris⁵ ao redor; e a cada rodopio, por pouco ela não atingia Frédéric com a ponta das esporas douradas.

No último acorde da valsa, a srta. Vatnaz apareceu. Usava um lenço argelino na cabeça, muitas piastras na testa, antimônio⁶ na borda dos olhos, uma espécie de paletó de caxemira preta caindo em cima de uma saia clara de lamê prateado, e segurava na mão um pandeiro.

Às suas costas andava um rapaz alto, dentro da fantasia clássica de Dante, e que era (agora ela não mais escondia) o antigo cantor do Alhambra — o qual, chamando-se Auguste Delamare, fizera-se chamar primitivamente Anténor Dellamarre, depois Delmas, depois Belmar, e por fim Delmar, assim modificando e aperfeiçoando seu nome, de acordo com sua glória crescente; pois trocara os bailes populares pelo teatro, e, por sinal, acabava de estrear, ruidosamente, no Ambigu, em *Gaspardo le Pêcheur*.

Hussonnet, ao avistá-lo, fechou a cara. Desde que tinham recusado sua peça, ele execrava os atores. Não se imaginava a vaidade desses senhores, daquele ali sobretudo! — “Metido que só vendo!”

Depois de um leve cumprimento a Rosanette, Delmar se encostara na lareira; e ficou imóvel, a mão sobre o coração, o pé esquerdo para a frente, os olhos para cima, com a coroa de louros dourados por cima do capuz, esforçando-se para pôr no olhar muita poesia e fascinar as senhoras. Formara-se, de longe, um grande círculo ao seu redor.

Mas a Vatnaz, depois de beijar efusivamente Rosanette, foi pedir a Hussonnet para rever, do ponto de vista do estilo, uma obra de educação que ela queria publicar: *La Guirlande des jeunes personnes*, coletânea de literatura e moral. O homem de letras prometeu sua ajuda. Então, ela lhe perguntou se ele não poderia, num dos jornais a que tinha acesso, promover de alguma forma o seu amigo e até lhe confiar, mais tarde, um papel. Hussonnet chegou a esquecer de tomar um copo de ponche.

Arnoux é que preparara a bebida; e, seguido pelo cavaleiro do conde, que transportava uma bandeja vazia, o oferecia às pessoas, com satisfação.

Quando passou diante do sr. Oudry, Rosanette o deteve.

— E então, e aquele negócio?

Ele corou um pouco; por fim, dirigindo-se ao homenzinho:

— Nossa amiga me disse que o senhor faria o obséquio...

— Mas como não, meu vizinho! Sou todo seu!

E o nome do sr. Dambreuse foi pronunciado; como conversavam à meia-voz, Frédéric os ouvia confusamente; dirigiu-se para o outro canto da lareira, onde Rosanette e Delmar conversavam.

O cabotino tinha uma cara vulgar, feita, como os cenários de teatro, para ser contemplada à distância, mãos grossas, pés grandes, um maxilar pesado; e difamava os atores mais ilustres, tratava com empáfia os poetas, dizia: “minha voz, meu físico, meus meios”, embelezando o discurso com palavras pouco inteligíveis para ele mesmo, e que ele adorava, como “morbidezza, análogo e homogeneidade”.

Rosanette o escutava com pequenos gestos aprobatórios de cabeça. Via-se a admiração desabrochar sob a maquiagem de suas faces, e algo úmido passava como um véu por seus olhos claros, de cor indefinível. Como um homem daquele podia encantá-la? Frédéric se excitava interiormente ao desprezá-lo mais ainda, para banir, talvez, certa inveja que sentia dele.

A srta. Vatnaz estava agora com Arnoux; e, enquanto ria muito alto, de vez em quando dava uma olhada para sua amiga, que o sr. Oudry não perdia de vista.

Depois, Arnoux e a Vatnaz desapareceram; o homenzinho foi cochichar com Rosanette.

— Pois bem, sim, está combinado! Deixe-me em paz.

— E ela pediu a Frédéric que fosse à cozinha ver se o sr. Arnoux estava lá.

Um batalhão de copos semivazios cobria o assoalho; e as caçarolas, as marmitas, o tabuleiro do peixe, a frigideira salteavam. Arnoux comandava os criados, chamando-os pelo nome, batia a maionese com mostarda, provava os molhos, ria com a empregada.

— Bem — disse —, avisem a ela! Vou mandar servir.

Já não se dançava, as mulheres iam de novo se sentar, os homens passeavam. No meio do salão uma das cortinas penduradas numa janela estufava de vento; e a Esfinge, apesar das advertências de todos, expunha à corrente de ar seus braços suados. Onde, afinal, estava Rosanette? Frédéric a procurou mais longe, até no boudoir e no quarto. Alguns, para ficar sozinhos, ou a dois, tinham se refugiado ali. A sombra e os cochichos se misturavam. Havia risinhos por baixo de lenços, entreviam-se na beira dos corpetes frêmitos de leque, lentos e suaves como batidas de asas de pássaro ferido.

Ao entrar na estufa, ele viu, debaixo das largas folhas de um tinhorão, perto do chafariz, Delmar deitado de costas no canapê de tecido; Rosanette, sentada perto dele, passava a mão por seus cabelos; e olhavam-se. No mesmo momento, Arnoux entrou pelo outro lado, o do viveiro de pássaros. Delmar se levantou num pulo, depois saiu a passos tranquilos, sem se virar; e até parou perto da porta, para colher uma flor de hibisco com a qual guarneceu a lapela. Rosanette inclinou o rosto; Frédéric, que a via de perfil, observou que ela chorava.

— Nossa! Mas o que você tem? — disse Arnoux.

Ela deu de ombros, sem responder.

— É por causa dele? — continuou.

Ela estendeu os braços em volta do seu pescoço, e beijando-o na testa, lentamente:

— Bem sabe que sempre te amarei, meu amor. Não pensemos mais nisso! Vamos cear!

Um lustre de cobre com quarenta velas iluminava a sala, cujas paredes desapareciam sob velhas faianças penduradas; e essa luz crua, caindo a pique, tornava ainda mais branco, entre as entradas e as frutas, um gigantesco linguado que ocupava o centro da toalha cercada por pratos cheios de sopa de marisco. Com um fru-fru de tecidos, as mulheres, amassando as saias, mangas e echarpes, sentaram-se uma ao lado da outra; os homens, em pé, instalaram-se nos cantos. Pellerin e o sr. Oudry foram

postos perto de Rosanette; Arnoux estava em frente. Palazot e sua amiga acabavam de ir embora.

— Boa viagem — ela disse —, ataquemos!

E o Coroinha, homem facecioso, fazendo um grande sinal da cruz, começou o *Benedicite*.

As senhoras ficaram escandalizadas, e principalmente a Peixeira, mãe de uma menina que ela queria tornar uma mulher honesta. Arnoux também “não gostava disso”, achando que se devia respeitar a religião.

Um relógio alemão, munido de um galo, batia duas horas e provocou piadas pesadas sobre o cuco. Falas de todo tipo se seguiram: trocadilhos, anedotas, bazófias, apostas, mentiras vistas como verdades, asserções improváveis, um tumulto de palavras que logo se dispersou em conversas particulares. Os vinhos circulavam, os pratos se sucediam, o Doutor trinchava. Lançavam-se de longe uma laranja, uma rolha; deixavam seus lugares para ir conversar com alguém. Volta e meia Rosanette se virava para Delmar, imóvel atrás dela; Pellerin conversava, o sr. Oudry sorria. A srta. Vatnaz comeu, quase sozinha, a pirâmide de lagostins, e as carapaças estalavam sob seus dentes compridos. O Anjo, sentada no banquinho do piano (único lugar onde suas asas lhe permitiam ficar), mastigava plácida, sem parar.

— Que bom garfo! — repetia o Coroinha perplexo —, que bom garfo!

E a Esfinge bebia aguardente, gritava se esgoelando, saracoteava como um demônio. De repente suas faces incharam, e, não resistindo mais ao sangue que a sufocava, levou o guardanapo aos lábios e depois o jogou debaixo da mesa.

Frédéric a viu.

— Não é nada!

E, diante de sua insistência para que ela saísse e fosse se cuidar, ela respondeu lentamente:

— Ora! Para quê? Isso ou outra coisa dá no mesmo! A vida não é tão engraçada!

Então ele estremeceu, invadido por uma tristeza glacial, como se tivesse avistado mundos inteiros de miséria e desespero, um aquecedor a carvão perto de uma cama de tiras de lona, e os cadáveres do necrotério com avental de couro, e a torneira de água fria que corre sobre seus cabelos.

Enquanto isso, Hussonnet, agachado aos pés da Mulher Selvagem, vociferava com voz rouca, para imitar o ator Grassot:

— Não sejas cruel, ó Celuta! Esta pequena festa de família é encantadora! Inebriai-me de volúpias, meus amores! Brinquemos! Brinquemos!

E começou a beijar o ombro das mulheres. Elas se arrepiavam, pinicadas por seu bigode; depois ele resolveu quebrar contra a cabeça um prato, dando-lhe uma pancadinha. Outros o imitaram; os cacos de louça voavam como ardósias na ventania, e a Lenhadora exclamou:

— Não se acanhem! Isso não custa nada! O burguês que os fabrica nos dá de brinde!

Todos os olhos se fixaram em Arnoux. Ele retrucou:

— Ah! Mediante fatura, permitam-me! — tentando, provavelmente, passar por não ser, ou já não ser, o amante de Rosanette.

Mas duas vozes furiosas se elevaram:

— Imbecil!

— Atrevido!

— Às suas ordens!

— Às suas!

Era o Cavaleiro Medieval e o Postilhão Russo que brigavam; este afirmara que as armaduras dispensavam ser corajoso, o outro tomara isso como injúria. Queria lutar, todos se interpuseram, e o Capitão, no meio do tumulto, tentava ser ouvido.

— Senhores, escutem-me! Uma palavra! Tenho experiência, senhores!

Rosanette, tendo batido a faca num copo, acabou conseguindo silêncio; e, dirigindo-se ao Cavaleiro que mantinha seu elmo, depois ao Postilhão que usava um gorro de pelos compridos:

— Retire primeiro a sua caçarola! Isso me irrita! — e o senhor, aí no fundo, a sua cabeça de lobo. — Queiram me obedecer, que diachos! Mas olhem para minhas dragonas! Sou a Marechala de vocês!

Eles cumpriram a ordem e todos aplaudiram gritando:

— Viva a Marechala! Viva a Marechala!

Então, ela pegou em cima do móvel uma garrafa de vinho de Champagne e a despejou do alto, nas taças que lhe estendiam. Como a mesa era muito larga, os convivas, as mulheres sobretudo, foram para junto dela, erguendo-se na ponta dos pés, sobre os travessões das cadeiras, o que formou por um minuto um grupo piramidal de penteados, ombros nus, braços

esticados, corpos debruçados; — e longos jatos de vinho rutilavam naquilo tudo, pois o Pierrô e Arnoux, nos dois cantos da sala, cada um abrindo uma garrafa, salpicavam os rostos. Os passarinhos do viveiro, cuja porta alguém deixara aberta, invadiram a sala, apavorados, esvoaçando ao redor do lustre, batendo nas vidraças, nos móveis; e alguns, pousando nas cabeças, formavam no meio das cabeleiras como que flores grandes.

Os músicos tinham ido embora. Empurraram o piano da antessala para o salão. A Vatnaz se sentou e, acompanhada do Coroinha que tocava pandeiro, iniciou uma contradança furiosa, golpeando as teclas como um cavalo que bate pé, e rebolando a cintura, para melhor marcar o compasso. A Marechala arrastou Frédéric, Hussonnet fazia a roda, a Lenhadora se desconjuntava como um palhaço, o Pierrô tinha modos de orangotango, a Selvagem, de braços abertos, imitava o balanço de uma chalupa. Por fim todos, não aguentando mais, pararam; e abriram uma janela.

A luz do dia entrou, com o frescor da manhã. Houve uma exclamação de espanto, depois um silêncio. As chamas amarelas tremeluziam, fazendo de vez em quando estalar as arandelas; fitas, flores e pérolas cobriam o chão; manchas de ponche e de xarope emporcalhavam os consoles; os estofados estavam sujos, as roupas amassadas, poeirentas; as tranças pendiam sobre os ombros; e a maquiagem, escorrendo com o suor, revelava faces pálidas, cujas pálpebras vermelhas piscavam.

A Marechala, fresca como ao sair de um banho, tinha as faces rosadas, os olhos brilhantes. Jogou ao longe sua peruca; e seus cabelos caíram ao redor como uma juba, só deixando ver de toda a sua roupa a calcinha, o que produziu um efeito ao mesmo tempo cômico e agradável.

A Esfinge, cujos dentes batiam de febre, precisou de um xale.

Rosanette correu ao quarto para buscá-lo, e como a outra a seguisse, ela lhe fechou a porta na cara, prontamente.

O Turco observou, bem alto, que não tinham visto o sr. Oudry sair. Ninguém entendeu essa malícia, de tão cansados estavam.

Depois, esperando as carruagens, agasalharam-se nas capelinas e nos mantôs. Bateu sete horas. O Anjo continuava na sala, sentada diante de uma pasta de manteiga e sardinhas; e a Peixeira, perto dela, fumava cigarros, dando-lhe conselhos sobre a vida.

Finalmente, os fiacres chegaram e os convidados se foram. Hussonnet, comprometido com um artigo para a província, devia ler antes do almoço

cinquenta e três jornais; a Selvagem tinha um ensaio no teatro, Pellerin, uma modelo; o Coroinha, três encontros. Mas o Anjo, invadida pelos primeiros sintomas de uma indigestão, não conseguiu se levantar. O Barão medieval a levou até o fiacre.

— Tome cuidado com as asas dela! — gritou pela janela a Lenhadora.

Estavam no patamar quando a srta. Vatnaz disse a Rosanette:

— Adeus, querida! Estava muito boa, a sua noite.

Depois, inclinando-se ao seu ouvido:

— Fique com ele!

— Até tempos melhores — replicou a Marechala dando as costas, devagar.

Arnoux e Frédéric voltaram juntos, como tinham ido. O negociante de faianças tinha um ar tão sombrio que seu companheiro pensou que estivesse indisposto.

— Eu? De jeito nenhum!

Ele mordia o bigode, franzia o cenho, e Frédéric lhe perguntou se não eram seus negócios que o atormentavam.

— Nem um pouco!

Depois, de repente:

— Conhece o sr. Oudry, não conhece?

E, com uma expressão de rancor:

— Ele é rico, esse velho pilantra!

Em seguida, Arnoux falou de uma fornada importante que se devia terminar naquele dia, na sua fábrica. Queria vê-la. O trem partia dali a uma hora. — Mas preciso ir dar um beijo na minha mulher.

“Ah! A mulher dele!”, pensou Frédéric.

Depois foi se deitar, com uma dor intolerável no occipital; bebeu uma garrafa de água, para matar a sede.

Outra sede lhe veio, a das mulheres, do luxo e de tudo o que comporta a vida parisiense. Sentia-se meio zozzo, como um homem que desce de um navio; e na alucinação do primeiro sono, via passar e repassar continuamente os ombros da Peixeira, os quadris da Lenhadora, as panturrilhas da Polonesa, a cabeleira da Selvagem. Depois, dois grandes olhos pretos que não estavam no baile apareceram; e leves como borboletas, ardentes como tochas, iam, vinham, vibravam, subiam na cornija, desciam até sua boca. Frédéric se esforçava em reconhecer aqueles olhos, sem conseguir. Mas já o sonho o tomara; parecia-lhe que estava

atrelado perto de Arnoux, no timão de um fiacre, e que a Marechala, escanchada em cima dele, o estripava com suas esporas douradas.

II

Frédéric encontrou, na esquina da Rue Rumfort, um pequeno palacete e comprou-o, ao mesmo tempo que o cupê, o cavalo, os móveis e duas jardineiras vindas de Arnoux, para pôr dos dois lados da porta do salão. Atrás desse aposento havia um quarto e um gabinete. Veio-lhe a ideia de ali alojar Deslauriers. Mas como a receberia, *a ela*, sua futura amante? A presença de um amigo seria um constrangimento. Derrubou a parede divisória para aumentar o salão, e fez do gabinete uma sala de fumar.

Comprou os mapas que amava, Viagens, Atlas, Dicionários, pois tinha um sem-número de planos de trabalho; apressava os operários, percorria as lojas e, na impaciência de usufruir daquilo, levava tudo sem regatear.

A partir das faturas de seus fornecedores, Frédéric percebeu que proximamente teria de desembolsar uns quarenta mil francos, não incluídos os direitos de sucessão, que ultrapassariam trinta e sete mil; como sua fortuna era em bens territoriais, escreveu ao tabelião do Havre pedindo que vendesse uma parte deles, para se livrar das dívidas e ter algum dinheiro à disposição. Depois, querendo enfim conhecer essa coisa vaga, cintilante e indefinível que se chama *a alta sociedade*, perguntou, por um bilhete, aos Dambreuse se podiam recebê-lo. A senhora respondeu que esperava sua visita no dia seguinte.

Era dia de recepção. Carruagens estacionavam no pátio. Dois mordomos se precipitaram até a marquise, e um terceiro, do alto da escadaria, começou a andar à sua frente.

Ele cruzou uma antessala, uma segunda sala, depois um grande salão de janelas altas, e cuja lareira monumental suportava um pêndulo em forma de esfera, com dois vasos de porcelana monstruosos onde se erguiam, como dois arbustos dourados, dois feixes de arandelas. Quadros ao estilo do Espagnolet⁷ estavam pendurados nas paredes; pesados reposteiros de tapeçaria caíam majestosos; e as poltronas, os consoles, as mesas, todo o mobiliário, de estilo Império, tinha algo imponente e diplomático. Frédéric sorria de prazer, involuntariamente.

Por fim, chegou a um aposento oval com lambris de pau-rosa, lotado de móveis graciosos e iluminado por uma só vidraça que dava para um jardim. A sra. Dambreuse estava ao pé da lareira, uma dúzia de pessoas formava um círculo ao seu redor. Com uma palavra amável, ela lhe fez sinal para se sentar, mas sem parecer surpresa por não tê-lo visto há tanto tempo.

Quando ele entrou, todos vangloriavam a eloquência do padre Cœur. Depois, deploraram a imoralidade dos domésticos a respeito de um roubo praticado por um criado de quarto; e os mexericos se seguiram. A velha dama de Sommery estava resfriada, a srta. de Turvisot ia casar, os Montcharron não voltariam antes do fim de janeiro, os Bretancourt também não, agora ficava-se até tarde no campo; e a indigência dos comentários era como que reforçada pelo luxo das coisas do ambiente; mas o que diziam era menos estúpido do que a maneira de conversar, sem objetivo, sem continuidade e sem animação. Havia ali, porém, homens versados na vida, um ex-ministro, o padre de uma grande paróquia, dois ou três altos funcionários do governo; atinham-se aos lugares-comuns mais batidos. Alguns pareciam viúvas cansadas, outros tinham modos de negociantes desonestos; e velhotes acompanhavam suas mulheres, de quem poderiam ser avós.

A sra. Dambreuse recebia a todos com graça. Assim que se falava de um doente, ela franzia o cenho dolorosamente, e assumia um ar alegre quando se tratava de bailes ou festas. Logo seria obrigada a se privar disso, pois ia mandar tirar do internato uma sobrinha do marido, órfã. Exaltaram a sua dedicação; era conduzir-se como verdadeira mãe de família.

Frédéric a observava. A pele mate do rosto parecia tensa, e de um frescor sem brilho, como a de uma fruta em conserva. Mas seus cabelos, presos em espiral à moda inglesa, eram mais finos que a seda, seus olhos, de um azul brilhante, todos os seus gestos, delicados. Sentada ao fundo, na conversadeira, ela acariciava as franjas vermelhas de uma tela japonesa, para valorizar as mãos, talvez, longas mãos delgadas, quase magras, com dedos levantados na ponta. Usava um vestido de chamalote cinza, com corpete subido, qual uma puritana.

Frédéric lhe perguntou se este ano não iria a La Fortelle. A sra. Dambreuse não sabia de nada. Aliás, era o que ele imaginava: Nogent devia entediá-la. As visitas iam chegando. Era um sussurro contínuo de vestidos sobre os tapetes; as senhoras, sentadas na beira das cadeiras, davam

gritinhos, articulavam duas ou três palavras e, ao final de cinco minutos, iam-se com suas filhas jovens. Logo ficou impossível acompanhar a conversa, e Frédéric se retirava quando a sra. Dambreuse lhe disse:

— Todas as quartas-feiras, não é mesmo, sr. Moreau? — resgatando com essa única frase o que mostrara de indiferença.

Ele estava contente. No entanto, aspirou na rua uma prolongada lufada de ar; e, por necessidade de um ambiente menos artificial, Frédéric se lembrou de que devia uma visita à Marechala.

A porta da antessala estava aberta. Dois cãezinhos havaneses acorreram. Uma voz gritou:

— Delphine! Delphine! — É você, Félix?

Ele continuava de pé, sem avançar; os dois cãezinhos ainda latiam. Finalmente Rosanette apareceu, enrolada numa espécie de penhoar de musselina branca enfeitado de rendas, e com pés descalços dentro de babuchas.

— Ah! Desculpe! Confundi-o com o cabeleireiro. Um minuto! Já venho!

E ele ficou sozinho na sala de jantar.

As persianas estavam fechadas. Frédéric percorria a sala com os olhos, lembrando-se da barulheira da outra noite, quando reparou no centro, em cima da mesa, um chapéu de homem, um velho feltro cheio de amassados, gordurento, imundo. De quem era então aquele chapéu? Mostrando imprudentemente o forro descosturado, parecia dizer: “No fim das contas, estou pouco ligando! Sou o dono!”.

A Marechala voltou. Pegou o chapéu, abriu a estufa, jogou-o lá dentro, fechou de novo a porta (outras portas, ao mesmo tempo, abriam-se e fechavam) e, tendo feito Frédéric passar para a cozinha, o introduziu no seu gabinete de toailete.

Logo se via que era o lugar da casa mais frequentado, e como que seu verdadeiro centro moral. Um pano persa com grandes folhagens forrava as paredes, as poltronas e um vasto divã reclinável; sobre uma mesa de mármore branco havia, espaçadas, duas grandes bacias de louça azul; prateleiras de cristal formando uma estante no alto estavam apinhadas de frascos, escovas, pentes, bastões de cosmético, caixas de pó de arroz; a lareira se refletia num espelho alto e inclinável; uma toalha pendia para fora de uma banheira, e exalavam-se aromas de pasta de amêndoa e benjoim.

— Vai me desculpar a desordem! Esta noite, tenho um jantar fora.

E, quando se virou para trás, quase esmagou um dos cãezinhos. Frédéric os achou encantadores. Ela levantou os dois e, erguendo para ele os focinhos pretos:

— Vejamos, deem um risinho, beijem o cavalheiro.

Um homem, vestindo uma sobrecasaca suja de gola de pele, entrou abruptamente.

— Félix, meu rapaz — ela disse —, você terá o seu negócio no domingo que vem, sem falta.

O homem começou a penteá-la. Contava-lhe novidades de suas amigas, a sra. de Rochegune, a sra. de Saint-Florentin, a sra. Lombard, todas tão nobres como os do palacete dos Dambreuse. Depois, falou de teatros: naquela noite havia uma representação extraordinária no Ambigu.

— A senhora vai?

— Que nada, não! Vou ficar em casa.

Delphine apareceu. Rosanette ralhou com ela por ter saído sem sua autorização. A outra jurou que “voltava do mercado”.

— Pois bem, então me traga a sua caderneta! — Posso?

E, lendo a caderneta à meia-voz, Rosanette fazia observações sobre cada item. A soma estava errada.

— Devolva-me vinte centavos!

Delphine devolveu, e quando ela a despachou:

— Ah! Virgem Santa! Como se sofre com essa gente!

Frédéric ficou chocado com essa recriminação. Lembrava-lhe demais as outras, e estabelecia entre as duas casas uma espécie de igualdade desagradável.

Delphine voltou e se aproximou da Marechala para cochichar algo ao seu ouvido.

— Ei, não! Não quero!

Delphine retornou.

— Senhora, ela insiste!

— Ai, que amolação! Ponha-a para fora!

No mesmo instante, uma velha senhora vestida de preto empurrou a porta. Frédéric não ouviu nada, não viu nada; Rosanette se precipitara para o quarto, ao seu encontro.

Quando reapareceu, estava com as maçãs do rosto vermelhas e sentou-se numa das poltronas, sem falar. Uma lágrima rolou em sua face; depois,

virando-se para o rapaz, disse baixinho:

— Qual é o seu primeiro nome?

— Frédéric.

— Ah! Federico! Não se incomoda se eu lhe chamar assim?

E olhava para ele de um jeito meigo, quase amoroso. De repente, deu um grito de alegria ao ver a srta. Vatnaz.

A mulher artista não tinha tempo a perder, devendo, às seis em ponto, presidir sua mesa como anfitriã; e ofegava, não aguentando mais. Primeiro, retirou da cesta uma corrente de relógio junto com um papel, depois, diferentes objetos, aquisições.

— Fique sabendo que há na Rue Joubert luvas de pele por trinta e seis soldos, magníficas! O seu tintureiro pede mais oito dias. Quanto à guipure, eu disse que passaríamos de novo. Bugneaux recebeu o adiantamento. Só isso, não é? São cento e oitenta e cinco francos que você me deve!

Rosanette foi pegar numa gaveta dez napoleões. Nenhuma das duas tinha troco, Frédéric o ofereceu.

— Depois os devolvo — disse a Vatnaz, enfiando os quinze francos na bolsa. — Mas o senhor é um malvado. Não gosto mais do senhor, outro dia só me tirou para dançar uma vez! — Ah! Minha querida, descobri no Quai Voltaire, numa loja, um quadro de colibris empalhados que são uns amores. No seu lugar, eu me daria de presente. Veja! O que acha?

E exibiu um velho corte de seda rosa que ela comprara no Temple para fazer um gibão medieval para Delmar.

— Ele veio hoje, não veio?

— Não!

— É estranho!

E, um minuto depois:

— Aonde você vai à noite?

— À casa de Alphonsine — disse Rosanette, o que era a terceira versão sobre como deveria passar a noite.

A srta. Vatnaz continuou:

— E o Velho da Montanha,⁸ o que há de novo?

Mas com uma brusca piscadela a Marechala mandou-a se calar; e levou de novo Frédéric até a antessala, para saber se em breve veria Arnoux.

— Peça então a ele que venha; não na frente da esposa, é claro!

No alto dos degraus, havia um guarda-chuva encostado na parede, perto de um par de tamancos.

— As galochas da Vatnaz — disse Rosanette. — Que pé, hein? Ela é forte, essa minha amiguinha!

E num tom melodramático, fazendo rolar a última letra da palavra:

— Não dá para confiarr!

Frédéric, atrevendo-se com essa espécie de confiança, quis beijá-la no pescoço. Ela disse, fria:

— Ah, beije! Não custa nada!

Ele se sentia leve ao sair de lá, não duvidando de que logo a Marechala ia se tornar sua amante. Esse desejo despertou outro; e, apesar da espécie de rancor que guardava por ela, teve vontade de ver a sra. Arnoux.

Aliás, devia ir, para dar o recado de Rosanette.

“Mas, agora”, pensou (batiam seis horas), “Arnoux provavelmente está em casa.”

Adiou a visita para o dia seguinte.

Ela se mantinha na mesma atitude do primeiro dia, e costurava uma camisa de criança. O garotinho, a seus pés, brincava com uma coleção de bichos de madeira; Marthe, um pouco adiante, escrevia.

Primeiro, ele a cumprimentou pelos filhos. Ela respondeu sem nenhum exagero dessas bobagens maternas.

O quarto tinha um aspecto tranquilo. Um belo sol passava pelas vidraças, as quinas dos móveis reluziam, e, como a sra. Arnoux estava sentada perto da janela, um raio grande, batendo nos cachinhos de sua nuca, penetrava com um fluido dourado sua pele âmbar. Então, ele disse:

— Aí está uma mocinha que cresceu muito nestes três anos! Lembra-se, senhorita, de quando dormia no meu colo, na carruagem? — Marthe não se lembrava. — Uma noite, voltando de Saint-Cloud?

A sra. Arnoux fez um olhar singularmente triste. Seria para proibi-lo de qualquer alusão à lembrança comum dos dois?

Seus belos olhos pretos, cuja esclerótica brilhava, mexiam-se suavemente sob pálpebras meio pesadas, e havia na profundidade das pupilas uma bondade infinita. Ele foi novamente invadido por um amor mais forte que nunca, imenso; era uma contemplação que o entorpecia, no entanto ele a sacudiu. Como se valorizar? Por que meios? E, depois de pensar bastante,

Frédéric não encontrou nada melhor do que o dinheiro. Começou a falar do tempo, que era menos frio que no Havre.

— Esteve lá?

— Sim, para um negócio... de família... uma herança.

— Ah! Fico muito contente — ela retrucou, com um ar de prazer tão verdadeiro que ele ficou tocado, como se ela lhe tivesse prestado um grande favor.

Depois ela lhe perguntou o que queria fazer, pois um homem deve se dedicar a alguma coisa. Ele se lembrou de sua mentira e disse que esperava chegar ao Conselho de Estado, graças ao sr. Dambreuse, deputado.

— Talvez o conheça, não?

— De nome, apenas.

Depois, em voz baixa:

— *Ele* o levou ao baile, outro dia, não foi?

Frédéric se calou.

— Era o que eu queria saber, obrigada.

Em seguida, fez-lhe duas ou três perguntas discretas sobre sua família e a província. Era muito amabilidade dele ter ficado lá por tanto tempo, sem se esquecer deles.

— Mas... eu conseguiria? — ele rebateu. — Tinha alguma dúvida disso?

A sra. Arnoux se levantou.

— Creio que tem por nós uma boa e sólida afeição. Adeus... até logo!

E esticou-lhe a mão de uma maneira franca e viril. Não era aquilo um compromisso, uma promessa? Frédéric se sentia muito alegre de viver; segurava-se para não cantar, precisava se expandir, praticar generosidades e dar esmolas. Olhou ao redor para ver se não havia ninguém a socorrer. Nenhum miserável passou; e sua veleidade de dedicação desapareceu, pois não era homem de procurar ao longe as ocasiões.

Depois tornou a se lembrar dos amigos. O primeiro em quem pensou foi Hussonnet, o segundo, Pellerin. A posição ínfima de Dussardier demandava, naturalmente, alguma consideração; quanto a Cisy, alegrava-se em lhe mostrar um pouco a sua fortuna. Portanto, escreveu aos quatro para que fossem à festa da cumeeira de sua casa, no domingo seguinte, às onze em ponto, e encarregou Deslauriers de trazer Sénécal.

O professor fora demitido de seu terceiro pensionato por não ter desejado a distribuição de prêmios, costume que ele considerava funesto à

igualdade. Agora estava com um construtor de máquinas, e fazia seis meses que não morava mais com Deslauriers.

A separação deles não tinha sido difícil. Sénécal, nos últimos tempos, recebia homens de macacão, todos patriotas, todos trabalhadores, todos bravos homens, mas cuja companhia parecia fastidiosa ao advogado. Aliás, certas ideias de seu amigo, excelentes como armas de guerra, lhe desagradavam. Ele se calava, por ambição, preferindo poupá-lo a fim de orientá-lo, pois esperava impaciente uma grande reviravolta com que contava abrir caminho, ter o seu lugar.

As convicções de Sénécal eram mais desinteresseiras. Toda noite, quando seu trabalho terminava, voltava para a água-furtada e buscava nos livros como justificar seus sonhos. Fizera anotações no *Contrato social*. Entupia-se de *La Revue Indépendante*. Conhecia Mably, Morelly, Fourier, Saint-Simon, Comte, Cabet, Louis Blanc; a grande leva de escritores socialistas, aqueles que reivindicam para a humanidade o nível das casernas, aqueles que gostariam de diverti-la num lupanar ou vergá-la em cima de um balcão; e, da mistura de tudo isso, criara um ideal de democracia virtuosa, com o duplo aspecto de uma terra em meação e de uma fábrica de fiação, uma espécie de Lacedemônia americana em que o indivíduo só existiria para servir a Sociedade, mais onipotente, absoluta, infalível e divina que os grandes lamas e os Nabucodonosor. Não tinha nenhuma dúvida sobre a eventualidade próxima dessa concepção; e Sénécal, com seus raciocínios de geômetra e uma boa-fé de inquisidor, aferrava-se a tudo o que julgava lhe ser hostil. Os títulos nobiliários, as condecorações, os penachos, as librés sobretudo, e até as reputações mais sonoras o escandalizavam — e seus estudos, assim como seus sofrimentos, avivavam todo dia seu ódio essencial a qualquer distinção ou superioridade.

— O que é que eu devo a esse senhor para lhe fazer cortesias? Se ele quisesse saber de mim, poderia ter vindo!

Deslauriers o arrastou.

Encontraram o amigo em seu quarto de dormir. Estores e cortinas duplas, espelho veneziano, nada faltava; Frédéric, de casaco de veludo, estava reclinado numa bergère, fumando cigarros de tabaco turco.

Sénécal se contristou, como falsos beatos levados a encontros de prazer. Deslauriers abarcou tudo aquilo num só olhar; depois, cumprimentando-o bem baixinho:

— Excelência! Apresento-lhe meus respeitos!

Dussardier pulou no seu pescoço.

— Então agora você é rico? Ah! Antes isso, valha-me, antes isso!

Cisy apareceu, com um crepe no chapéu. Desde a morte da avó, desfrutava de uma fortuna considerável, e queria menos se divertir do que se distinguir dos outros, não ser como todo mundo, em suma, “ter estilo”. Era sua expressão.

Era meio-dia, porém, e todos bocejavam; Frédéric esperava alguém. Quando ouviu o nome de Arnoux, Pellerin fez careta. Considerava-o um renegado desde que abandonara as artes.

— E se o dispensássemos? O que acham?

Todos aprovaram.

Um criado de polainas altas abriu a porta e avistaram a sala de jantar com seu rodapé alto de carvalho com relevos dourados, e os dois aparadores carregados de louça. As garrafas de vinho aqueciam perto da estufa; as lâminas das facas novas cintilavam ao lado das ostras; havia no tom leitoso dos copos de vidro fosco como que uma doçura promissora, e a mesa desaparecia sob a caça, as frutas, coisas extraordinárias. Essas atenções foram desdenhadas por Sénécal.

Ele começou pedindo pão caseiro (o mais duro possível) e, a esse respeito, falou dos crimes de Buzançais e da crise da subsistência.⁹

Nada disso teria acontecido caso se protegesse melhor a agricultura, se tudo não fosse entregue à concorrência, à anarquia, à deplorável máxima do “*laissez faire, laissez passer*”!¹⁰ Assim é que se constituía o feudalismo do dinheiro, pior que o outro! Mas que tomassem cuidado! O povo, no final, se cansará, e poderá cobrar seus sofrimentos dos detentores do capital, seja por desterros sangrentos, seja pela pilhagem de seus palacetes.

Frédéric entreviu, num lampejo, uma onda de homens de braços nus invadindo o grande salão da sra. Dambreuse, quebrando os espelhos a golpes de picareta.

Sénécal prosseguia: tendo em vista a insuficiência dos salários, o operário era mais infeliz do que o hilota, o negro e o pária, sobretudo se tem filhos.

— Será que deve se livrar deles por asfixia, como lhe aconselhava já não sei que médico inglês, discípulo de Malthus?¹¹

E, virando-se para Cisy:

— E estaremos reduzidos aos conselhos do infame Malthus?

Cisy, que ignorava a infâmia e até mesmo a existência de Malthus, respondeu que se socorriam, porém, muitas misérias, e que as classes altas...

— Ah! As classes altas! — disse, debochando, o socialista. — Primeiro, não há classes altas; só somos altos pelo coração! Não queremos esmolas, entendam! Mas a igualdade, a justa repartição dos produtos.

Só pedia que o operário pudesse se tornar capitalista, assim como o soldado se tornava coronel. Os eleitos de uma corporação, ao menos, ao limitarem o número de aprendizes, impediam o excesso de trabalhadores, e o sentimento de fraternidade era alimentado pelas festas, pelas bandeiras.

Hussonnet, como poeta, tinha saudade das bandeiras; Pellerin também, predileção que lhe viera no café Dagneaux, quando ouvia conversarem os partidários do falanstério. Declarou que Fournier era um grande homem.

— Essa não! — disse Deslauriers. — É um velho animal!, que vê nas derrubadas dos impérios efeitos da vingança divina! É como o sr. Saint-Simon e sua igreja, com seu ódio à Revolução Francesa: um monte de pilantras que gostariam de nos desenterrar o catolicismo!

O sr. de Cisy, provavelmente para se informar ou dar de si uma boa opinião, começou a dizer baixinho:

— Então esses dois sábios não são da opinião de Voltaire?

— Esse aí, pode ficar com ele! — retrucou Sénécal.

— Como? Eu, eu pensava...

— Não, pois é! Ele não amava o povo!

Depois a conversa caiu nos acontecimentos contemporâneos: os casamentos espanhóis, os esbanjamentos de Rochefort, o novo capítulo de Saint-Denis,¹² o que levaria a dobrar os impostos. Segundo Sénécal, já se pagava, porém, o bastante!

— E por quê, meu Deus? Para construir palácios destinados aos macacos do Museu de História Natural, fazer desfilar pelas nossas praças brilhantes estados-maiores, ou manter, entre os mordomos do Castelo, uma etiqueta gótica!

— Li em *La Mode* — disse Cisy — que no dia de São Fernando, no baile das Tuileries, todo mundo estava fantasiado de bufão.

— Se não é de dar pena! — disse o socialista, levantando os ombros de desgosto.

— E o museu de Versailles! — exclamou Pellerin. — Falemos dele! Esses imbecis encolheram um Delacroix e espicharam um Gros! No Louvre, restauraram tão bem, raspam e mexeram em todas as telas que, em dez anos, talvez não sobre nenhuma. Quanto aos erros do catálogo, um alemão escreveu a respeito um livro inteiro. Os estrangeiros estão pouco ligando para a gente, palavra de honra!

— Sim, somos o escárnio da Europa — disse Sénecal.

— É porque a Arte está enfeudada na Coroa.

— Enquanto vocês não tiverem o sufrágio universal...

— Permitam-me! — Pois o artista, recusado há vinte anos em todos os salões, estava furioso com o Poder. — Ei! Que nos deixem em paz. Quanto a mim, não peço nada! Só que as Câmaras deveriam estatuir sobre os interesses da Arte. Seria preciso criar uma cátedra de estética, e cujo professor, homem ao mesmo tempo prático e filósofo, conseguisse, espero, arregimentar as massas.

— Você bem faria, Hussonnet, se dissesse uma palavrinha a respeito de tudo isso no seu jornal!

— E será que os jornais são livres? Será que nós somos? — disse Deslauriers, arrebatado. — Quando a gente pensa que pode haver até vinte e oito formalidades para permitir um barquinho num rio, isso me dá vontade de ir viver entre os antropófagos! O Governo nos devora! Tudo é dele, a filosofia, o direito, as artes, o ar do céu; e a França agoniza, debilitada, sob a bota do gendarme e a batina do carola!

Assim o futuro Mirabeau derramava sua bile, amplamente. Por fim, pegou o copo, levantou-se e, com um punho no quadril, o olho inflamado:

— Bebo à destruição completa da ordem atual, isto é, a tudo que se chama Privilégio, Monopólio, Direção, Hierarquia, Autoridade, Estado! — E, alteando a voz: — Que eu gostaria de quebrar assim! — e lançou sobre a mesa o belo copo com pé, que se estilhaçou em mil cacos.

Todos aplaudiram, Dussardier principalmente.

O espetáculo das injustiças fazia seu coração pular. Inquietava-se por Barbès;¹³ era dos que se jogam debaixo das carruagens para prestar socorro aos cavalos caídos. Sua erudição se limitava a duas obras, uma chamada *Crime des rois*, a outra, *Mystères du Vatican*. Escutara o advogado de boca aberta, deliciado. Por fim, não aguentando mais:

— O que eu reprovo em Luís Filipe é abandonar os poloneses!

— Um momento! — disse Hussonnet. — Primeiro, a Polônia não existe; é uma invenção de La Fayette!¹⁴ Os poloneses, em geral, estão todos no Faubourg Saint-Marceau, e os verdadeiros se afogaram junto com Poniatowski.¹⁵

Em suma, “já não dava um tostão por aquilo”, estava “desiludido com tudo isso!”. Era como essas histórias sem pé nem cabeça mas que volta e meia circulam, era como a revogação do édito de Nantes e “essa velha piada da noite de São Bartolomeu!”.

Sénécal, sem defender os poloneses, ressaltou as últimas palavras do homem de letras. Afinal, haviam-se caluniado os papas que defendiam o povo, e ele chamava a Liga¹⁶ de “aurora da Democracia, um grande movimento igualitário contra o individualismo dos protestantes”.

Frédéric estava meio surpreso com essas ideias. Elas entediavam Cisy, provavelmente, pois ele orientou a conversa para os quadros vivos do Gymnase, que na época atraíam muita gente.

Sénécal se afligia com aquilo. Tais espetáculos corrompiam as filhas do proletário; além disso, exibiam um luxo insolente. Assim, aprovava os estudantes bávaros que tinham ultrajado Lola Montès.¹⁷ A exemplo de Rousseau, ele fazia mais caso da mulher de um carvoeiro do que da amante de um rei.

— Vocês estão inventando lorotas! — retrucou, majestoso, Hussonnet. E tomou a defesa daquelas senhoras, em favor de Rosanette. Depois, como falasse de seu baile e da fantasia de Arnoux:

— Dizem que ele não vai lá bem das pernas, não é? — indagou Pellerin.

O negociante de quadros acabava de enfrentar um processo por seus terrenos de Belleville, e atualmente estava numa companhia de caulim da baixa Bretanha, junto com outros trapaceiros de sua laia.

Dussardier sabia mais a respeito; pois o patrão dele, o sr. Moussinot, fora colher informações sobre Arnoux junto ao banqueiro Oscar Lefebvre, e este respondera que o julgava pouco sólido, conhecendo algumas de suas renovações de pedido de crédito.

A sobremesa chegara ao fim; passaram ao salão, forrado, como o da Marechala, de adamascado amarelo, no estilo Luís XVI.

Pellerin criticou Frédéric por não ter preferido o estilo neogrego; Sénécal riscou fósforos nas paredes forradas; Deslauriers não fez nenhuma observação. Fez na biblioteca, que chamou de biblioteca de moça. A

maioria dos literatos contemporâneos lá estava. Foi impossível falar de suas obras, pois Hussonnet, logo em seguida, contava anedotas sobre suas pessoas, criticava seus semblantes, seus costumes, suas roupas, exaltando os espíritos de décima quinta categoria, desacreditando os de primeira, e deplorando, é claro, a decadência moderna. Tal musiquinha de aldeão continha, por si só, mais poesia que todos os líricos do século XIX; Balzac era superestimado, Byron demolido, Hugo não entendia nada de teatro etc.

— Mas por que — disse Sénecal — você não tem os livros dos nossos poetas-operários?

E o sr. de Cisy, que se ocupava de literatura, espantou-se de não ver sobre a mesa de Frédéric “algumas dessas fisiologias novas, fisiologia do fumante, do pescador à linha, do funcionário da barreira”.

Conseguiram agastá-lo de tal forma que Frédéric teve vontade de pô-los para fora, pelos ombros. “Mas estou parecendo um idiota!” E, pegando Dussardier à parte, perguntou se podia lhe ser útil em alguma coisa.

O bravo rapaz ficou enternecido. Com seu emprego de caixeiro, não precisava de nada.

Em seguida, Frédéric levou Deslauriers até seu quarto e, tirando da escrivania dois mil francos:

— Tome, meu amigo, guarde no bolso! É o saldo de minhas velhas dívidas.

— Mas... e o jornal? — indagou o advogado. — Falei do assunto com Hussonnet, você bem sabe.

E como Frédéric respondeu que se sentia “um pouco atrapalhado, agora”, o outro deu um sorriso molesto.

Depois dos licores, beberam cerveja; depois da cerveja, grogues; e voltaram a fumar cachimbos. Por fim, às cinco da tarde, todos foram embora; e andavam lado a lado, sem conversar, quando Dussardier começou a dizer que Frédéric os havia recebido muito bem. Todos concordaram.

Hussonnet comentou que o almoço foi um pouco pesado. Sénecal criticou a futilidade de seu interior. Cisy pensava o mesmo. Faltava-lhe “estilo”, sem a menor dúvida.

— Eu acho — disse Pellerin — que ele bem podia ter me encomendado um quadro.

Deslauriers se calava, segurando no bolso da calça as notas de dinheiro.

Frédéric ficara sozinho. Pensava nos amigos, e sentia entre os outros e ele como que um grande fosso cheio de sombras a separá-los. Estendera-lhes a mão, porém, e eles não tinham respondido à franqueza de seu coração.

Lembrou-se das palavras de Pellerin e de Dussardier sobre Arnoux. Era uma invenção, uma calúnia talvez? Mas por quê? E anteviu a sra. Arnoux, arruinada, chorando, vendendo os móveis. Essa ideia o atormentou a noite toda; no dia seguinte, foi à casa dela.

Não sabendo como fazer para comunicar o que tinham lhe contado, perguntou-lhe à guisa de início de conversa se Arnoux continuava com os terrenos de Belleville.

— Sim, continua.

— Agora ele está numa companhia de caulim da Bretanha, creio?

— É verdade.

— A fábrica funciona muito bem, não é?

— Bem... suponho.

E, como ele hesitasse:

— Mas o que há? Está me dando medo!

Ele lhe contou a história da renovação do crédito. Ela baixou a cabeça, e disse:

— Eu desconfiava!

De fato, Arnoux, para fazer uma boa especulação, recusara-se a vender seus terrenos, pedira dinheiro a granel dando-os como garantia, e, não encontrando compradores, pensara em se recuperar com a instalação de uma manufatura. As despesas tinham ultrapassado os orçamentos. Ela não sabia mais que isso; ele evitava qualquer pergunta e afirmava continuamente que “tudo ia muito bem”.

Frédéric tentou tranquilizá-la. Talvez fossem dificuldades passageiras. Aliás, se soubesse de alguma coisa lhe comunicaria.

— Ah! Sim, por favor! — disse ela juntando as mãos, com um ar encantador de súplica.

Portanto, ele podia ser útil. Ei-lo entrando em sua vida, em seu coração!

Arnoux apareceu.

— Ah! Quanta amabilidade, vir me pegar para jantar!

Frédéric ficou mudo.

Arnoux falou de coisas indiferentes, depois avisou à mulher que chegaria muito tarde, tinha um encontro com o sr. Oudry.

— Na casa dele?

— Mas é claro, na casa dele.

Confessou, enquanto descia a escada, que, como a Marechala estava livre, iam juntos fazer uma esbórnica no Moulin-Rouge; e como sempre precisava de alguém para ouvir suas efusões, fez-se acompanhar por Frédéric até a porta da Marechala.

Em vez de entrar, ele ficou passeando na calçada, observando as janelas do segundo andar. De repente, as cortinas se abriram.

— Ah! Muito bem! O s. Oudry não está mais em casa. Boa noite!

Seria então o velho Oudry que a sustentava? Frédéric não sabia agora o que pensar.

A partir desse dia, Arnoux foi ainda mais cordial que antes; convidava-o para jantar na casa de sua amante, e logo Frédéric frequentava ao mesmo tempo as duas casas.

A de Rosanette o divertia. Iam lá à noite, à saída do clube ou do espetáculo; tomavam uma xícara de chá, jogavam uma partida de víspera; no domingo, brincavam de charadas; Rosanette, mais turbulenta que os outros, distinguia-se por suas invenções engraçadas, como correr de gatinhas ou enfiar um barrete de algodão. Para olhar os passantes pela janela, tinha um chapéu de couro duro; fumava cachimbos turcos, cantava canções tirolesas. De tarde, na falta do que fazer, recortava flores num pedaço de tecido persa, colava-as ela mesma em suas almofadas, lambuzava de maquiagem seus dois cãezinhos, queimava pastilhas de incenso, ou tirava cartas. Incapaz de resistir a um desejo, apaixonava-se por um bibelô que tinha visto, não dormia, corria a comprá-lo, trocava-o por outro, e estragava os tecidos, perdia joias, desperdiçava dinheiro, teria vendido sua camisola por um camarote no proscênio. Volta e meia, pedia a Frédéric a explicação de uma palavra que tinha lido, mas não ouvia a resposta, pois pulava depressa para outra ideia, multiplicando as perguntas. Depois de espasmos de alegria, eram as raivas infantis; ou então sonhava, sentada no chão, diante da lareira, cabeça baixa e joelho entre as mãos, mais inerte que uma cobra entorpecida. Distraída, vestia-se na frente dele, puxava com lentidão as meias de seda, depois lavava o rosto com muita água, meneando a cintura como uma náíade que se arrepia; e o riso de seus dentes brancos, as faíscas de seus olhos, sua beleza, sua alegria deslumbravam Frédéric e lhe fustigavam os nervos.

Quase sempre, ele encontrava a sra. Arnoux ensinando o filhinho a ler, ou atrás da cadeira de Marthe, que fazia escalas ao piano; quando estava às voltas com um trabalho de costura, era para ele uma grande felicidade apanhar, às vezes, sua tesoura. Todos os seus movimentos eram de uma majestade tranquila; suas mãozinhas pareciam feitas para distribuir esmolas, para enxugar lágrimas: e sua voz, um pouco surda naturalmente, tinha entonações acariciantes e como levezas de brisa.

Ela não se exaltava com a literatura, mas seu espírito era encantador, graças às palavras simples e penetrantes. Amava as viagens, o barulho do vento nos bosques, e passear de cabeça descoberta debaixo da chuva. Frédéric escutava essas coisas deliciado, acreditando ver que tinha início um abandono de si mesma.

O convívio com essas duas mulheres era na sua vida como que duas músicas: uma brincalhona, empolgada, divertida; a outra, grave e quase religiosa; e, vibrando ao mesmo tempo, elas sempre soavam mais alto e, pouco a pouco, se misturavam; — pois se a sra. Arnoux chegava apenas a roçá-lo com o dedo, a imagem da outra, imediatamente, se apresentava ao seu desejo, porque desse lado ele tinha uma chance menos distante; e na companhia de Rosanette, quando lhe ocorria sentir o coração comovido, ele se lembrava imediatamente de seu grande amor.

Essa confusão era provocada por semelhanças entre as duas residências. Um dos baús que antigamente era visto no Boulevard Montmartre agora enfeitava a sala de jantar de Rosanette, o outro, o salão da sra. Arnoux. Nas duas casas, os serviços de mesa eram parecidos, e encontrava-se até o mesmo barrete de veludo em cima das bergères; depois, uma profusão de presentinhos, abanos, caixas, leques iam e vinham da casa da amante para a da esposa, pois, sem o menor constrangimento, Arnoux, muitas vezes, tomava de uma o que lhe tinha dado, para oferecer à outra.

A Marechala ria com Frédéric desses maus modos. Um domingo, depois do jantar, levou-o para atrás da porta e lhe mostrou no sobretudo de Arnoux um saco de doces que ele acabava de escamotear de cima da mesa, para, provavelmente, deliciar sua pequena família. O sr. Arnoux se entregava a essas travessuras, que beiravam a torpeza. Para ele, fraudar o imposto na barreira era um dever; nunca ia ao espetáculo pagando, com um ingresso de segunda sempre pretendia se enfiar na primeira, e contava, como sendo uma excelente farsa, que costumava, nos banhos frios, pôr na

caixinha de gorjeta do rapaz um botão da cueca em vez de uma moeda de cinquenta centavos, o que não impedia a Marechala de amá-lo.

Um dia, porém, ela disse, a seu respeito:

– Ah! Pensando bem, ele me aborrece! Estou farta! Azar, encontrarei outro, juro!

Frédéric acreditava que o “outro” já tinha sido encontrado e se chamava sr. Oudry.

– Pois é, Rosanette, o que é que isso tem de mais?

Depois, com lágrimas na voz:

– E olhe que peço a ele muito pouca coisa, ele não quer, esse animal! Não quer! Quanto às promessas dele, ah, é diferente!

Até lhe prometera um quarto de seus lucros nas famosas minas de caulim; nenhum lucro aparecia, como tampouco o xale de caxemira com o qual a tapeava havia seis meses.

Frédéric pensou, imediatamente, em presentear-lá com o xale. Arnoux podia tomar isso como uma lição e se zangar.

Porém ele era bom, sua própria mulher dizia. Mas tão louco! Em vez de levar todos os dias gente para jantar em casa, agora cuidava de seus conhecidos no restaurante. Comprava coisas completamente inúteis, como correntes de ouro, pêndulos, artigos do lar. A sra. Arnoux até mostrou a Frédéric, no corredor, uma enorme provisão de chaleiras, escalfetas e samovares. Finalmente, um dia, ela confessou suas preocupações: Arnoux a fizera assinar uma promissória, subscrita à ordem do sr. Dambreuse.

Enquanto isso, Frédéric mantinha seus projetos literários, por uma espécie de questão de honra em relação a si mesmo. Quis escrever uma história da estética, resultado de suas conversas com Pellerin, depois quis dramatizar diferentes épocas da Revolução Francesa e compor uma grande comédia por influência indireta de Deslauriers e Hussonnet. No meio de seu trabalho, volta e meia o rosto de uma ou de outra passava à sua frente; ele lutava contra a vontade de vê-la, não demorava a ceder; e ficava mais triste ao voltar da casa da sra. Arnoux.

Certa manhã em que ruminava sua melancolia ao pé da lareira, Deslauriers entrou. Os discursos incendiários de Sénécal haviam preocupado seu patrão, e mais uma vez ele se via sem recursos.

– O que você quer que eu faça? – disse Frédéric.

— Nada! Você não tem dinheiro, eu sei. Mas não se incomodaria de lhe arrumar um lugar, seja por meio do sr. Dambreuse, seja por Arnoux?

Este devia estar precisando de engenheiros em seu estabelecimento. Frédéric teve uma inspiração: Sénécal poderia avisá-lo das ausências do marido, levar cartas, ajudá-lo em mil ocasiões que se apresentassem. De homem para homem, sempre se prestam esses favores. Aliás, daria um jeito de utilizá-lo sem que ele se desse conta. O acaso lhe oferecia um auxiliar, era de bom augúrio, precisava agarrá-lo; e, fingindo indiferença, respondeu que talvez a coisa fosse factível e que cuidaria disso.

Cuidou, imediatamente. Arnoux tinha muito trabalho na fábrica. Procurava o vermelho de cobre dos chineses; mas suas cores se volatilizavam no cozimento. Para evitar rachaduras nas faianças, misturava cal à argila; mas a maioria das peças quebrava, o esmalte das pinturas na cerâmica crua criava bolhas, as placas grandes empenavam; e, atribuindo esses desacertos ao equipamento ruim da fábrica, ele queria construir outras amassadeiras, outros secadores. Frédéric se lembrou de algumas dessas coisas; e o abordou anunciando que tinha descoberto um homem muito qualificado, capaz de encontrar seu famoso vermelho. Arnoux deu um pulo, e depois de ouvi-lo respondeu que não precisava de ninguém.

Frédéric exaltou os prodigiosos conhecimentos de Sénécal, ao mesmo tempo engenheiro, químico e contador, sendo um matemático de primeira grandeza.

O fabricante de louças aceitou vê-lo.

Os dois se desentenderam sobre os emolumentos. Frédéric interpôs-se e conseguiu, depois de uma semana, fazê-los chegar a um acordo.

Mas como a fábrica ficava em Creil, Sénécal não podia ajudá-lo em nada. Essa reflexão, muito simples, abateu sua coragem como uma desventura.

Pensou que quanto mais Arnoux ficasse distante de sua mulher, mais teria chances perto dela. Então, começou a fazer a apologia de Rosanette, continuamente; comentou todos os seus erros em relação a ela, contou as vagas ameaças do outro dia, e até falou do xale de caxemira, sem silenciar que ela o acusava de avareza.

Arnoux, magoado com a palavra (e, aliás, aceitando suas inquietações), levou o xale de caxemira para Rosanette, mas ralhou com ela por ter se queixado a Frédéric; como ela dissesse ter-lhe cem vezes lembrado sua promessa, ele alegou que não se recordava, tendo ocupações demais.

No dia seguinte, Frédéric foi à casa dela. Embora fossem duas horas, a Marechala ainda estava deitada; e, à sua cabeceira, Delmar, instalado diante de uma mesinha, terminava uma fatia de foie gras. Ela gritou de longe: “Ele é meu, ele é meu!”, e depois, pegando-o pelas orelhas, beijou-o na testa, agradeceu-lhe muito, tratou-o com intimidade, quis até fazê-lo sentar em sua cama. Seus lindos olhos meigos cintilavam, sua boca úmida sorria, seus dois braços roliços saíam da camisola sem mangas; e de vez em quando ele sentia, através da cambraia, os firmes contornos de seu corpo. Delmar, enquanto isso, revirava os olhos.

— Mas, realmente, minha amiga, minha querida amiga!

O mesmo aconteceu nas vezes seguintes. Assim que Frédéric entrava, ela ficava em pé em cima de uma almofada, para que ele a beijasse melhor, chamava-o de “um amor, um querido”, punha-lhe uma flor na lapela, arrumava sua gravata; essas gentilezas sempre redobravam quando Delmar estava lá.

Seriam insinuações? Frédéric achou. Quanto a enganar um amigo, Arnoux, se estivesse no lugar do outro, não se acanharia! E tinha, de fato, o direito de não ser virtuoso com a amante dele, tendo-o sempre sido com sua mulher; pois acreditava ter sido, ou melhor, gostaria de acreditar nisso, para justificar sua prodigiosa covardia. Achava-se, porém, estúpido, e resolveu, simplesmente, haver-se com a Marechala.

Portanto, uma tarde, quando ela se abaixava diante da cômoda, aproximou-se e fez um gesto de uma eloquência tão pouco ambígua que ela se empertigou, toda vermelha. Recomeçou em seguida; então, ela se desfez em lágrimas, dizendo que era muito infeliz e que não era razão para que a desprezassem.

Ele reiterou as tentativas. Ela fez um outro gênero, que foi rir o tempo todo. Ele achou astucioso replicar no mesmo tom, exagerando-o. Mas mostrou-se engraçado demais para que ela o julgasse sincero; e a camaradagem deles era um obstáculo à expansão de qualquer emoção séria. Por fim, um dia ela respondeu que não aceitava os restos de outra.

— Que outra?

— Ora, sim! Vá encontrar a sra. Arnoux!

Pois Frédéric costumava falar dela; Arnoux, de seu lado, tinha a mesma mania; no final, ela se impacientava ao ouvir sempre elogiarem aquela mulher; e sua acusação era uma espécie de vingança.

Frédéric mostrou-se rancoroso com ela.

Por sinal, ela começava a irritá-lo tremendamente. Às vezes, posando de experiente, falava mal do amor com um riso cético que dava coceira e vontade de esbofeteá-la. Quinze minutos depois, era a única coisa que havia no mundo e, cruzando os braços sobre o peito, como para apertar alguém, murmurava: “Oh! Sim, é bom! É tão bom!”, de pálpebras semicerradas e meio desfalecida de embriaguez. Era impossível conhecê-la, saber, por exemplo, se amava Arnoux, pois debochava dele e parecia ciumenta. O mesmo quanto à Vatnaz, que ela chamava de miserável, outras vezes de sua melhor amiga. Tinha, enfim, em toda a sua pessoa e até no modo de prender o cabelo em coque, algo inexprimível que parecia um desafio; — e ele a desejava pelo prazer, sobretudo, de vencê-la e dominá-la.

Como fazer? Pois volta e meia ela o despachava sem a menor cerimônia, aparecendo um minuto, entre uma porta e outra, para cochichar: “Estou ocupada! Até à noite!”, ou então a encontrava com doze pessoas; e quando estavam a sós, ele juraria ser uma aposta, tamanhos os empecilhos que se sucediam. Convidava-a para jantar, ela sempre recusava; uma vez, aceitou, mas não foi.

Uma ideia maquiavélica surgiu no seu cérebro.

Conhecendo por Dussardier as recriminações que Pellerin lhe fazia, imaginou encomendar-lhe o retrato da Marechala, um retrato em tamanho natural, que exigiria muitas sessões; ele não faltaria a nem uma única; a impontualidade habitual do artista facilitaria os encontros a sós. Portanto, exortou Rosanette a se deixar pintar, para oferecer seu rosto ao querido Arnoux. Ela aceitou, pois já se via no centro do Grande Salão, no lugar de honra, com uma multidão à sua frente, e os jornais falando a respeito, o que com toda a certeza “a lançaria”.

Quanto a Pellerin, aceitou a proposta avidamente. Esse retrato devia colocá-lo como um grande homem, e ser uma obra-prima.

Passou em revista em sua memória todos os retratos dos mestres que conhecia, e finalmente decidiu-se por um Ticiano, que seria realçado com ornamentos à Veronese. Portanto, executaria seu projeto sem sombras falsas, numa luz crua iluminando as carnações com um só tom, fazendo brilhar os acessórios.

“E se eu lhe pusesse”, pensou, “um vestido de seda cor-de-rosa, com um albornoz oriental? Ah, não! Vulgar, o albornoz! Ou melhor, e se eu a

vestisse de veludo azul, contra um fundo cinza, muito colorido? Poderia também lhe dar uma gola de guipure branca, com um leque preto e uma cortina escarlate atrás?”

E, assim procurando, ampliava a cada dia sua concepção e se maravilhava.

Sentiu o coração acelerar quando Rosanette, acompanhada por Frédéric, chegou à sua casa para a primeira sessão. Colocou-a de pé, em cima de uma espécie de estrado, no centro do apartamento; e, queixando-se do dia e lastimando não estar no seu antigo ateliê, a fez primeiro acotovelar-se num pedestal, e depois sentar-se numa poltrona, e sucessivamente, afastando-se e aproximando-se dela para corrigir com um piparote as pregas de seu vestido, olhava-a com as pálpebras semicerradas e consultava com uma palavra Frédéric.

— Pois bem, não! — exclamou. — Volto à minha ideia! Vou fazê-la como uma veneziana!

Ela usaria um vestido de veludo encarnado com um cinto de ourivesaria, e sua larga manga forrada de arminho deixaria ver o braço nu tocando no corrimão de uma escada atrás de si. À esquerda, uma grande coluna iria até o alto da tela juntar-se a um detalhe de arquitetura, descrevendo um arco. Embaixo se perceberiam, vagamente, maciços de laranjeiras quase pretos onde se recortaria um céu azul, riscado de nuvens brancas. No balaústre, coberto por um tapete, haveria, sobre um prato de prata, um buquê de flores, um rosário de âmbar, um punhal e um cofre de marfim antigo meio amarelado, derramando cequins de ouro; alguns até cairiam no chão, aqui e ali, formando uma série de respingos brilhantes, de maneira a induzir o olhar para a ponta de seu pé, pois ela estaria no penúltimo degrau, num gesto natural e em plena luz.

Foi buscar uma caixa de quadros, que pôs em cima do estrado para representar o degrau; depois arrumou como acessórios em cima um banquinho, à guisa de balaustrada, sua jaqueta, um escudo, uma lata de sardinhas, um pacote de penas, uma faca, e quando jogou diante de Rosanette uma dúzia de moedas, pediu que ela adotasse a pose.

— Imagine que essas coisas aí são riquezas, presentes esplêndidos. A cabeça um pouco à direita! Perfeito! E não se mexa mais! Essa atitude majestosa vai bem com o seu gênero de beleza.

Ela usava um vestido xadrez com um grande regalo e se continha para não rir.

— Quanto ao penteado, vamos misturá-lo com um cordão de pérolas: isso sempre faz um belo efeito nos cabelos vermelhos.

A Marechala reclamou, dizendo que não tinha cabelos vermelhos.

— Mas deixe! O vermelho dos pintores não é o dos burgueses!

Ele começou a esboçar a posição dos volumes; e estava tão preocupado com os grandes artistas do Renascimento, que falava deles. Por uma hora, sonhou alto com aquelas existências magníficas, cheias de gênio, glória e suntuosidades, com entradas triunfais nas cidades, e festas ao clarão dos archotes, entre mulheres seminuas, belas como deusas.

— A senhora foi feita para viver naqueles tempos. Uma criatura da sua categoria teria merecido um príncipe!

Rosanette achava muito gentis esses cumprimentos. Marcaram o dia da sessão seguinte; Frédéric se encarregaria de levar os acessórios.

Como o calor da estufa a deixara meio tonta, voltaram a pé pela Rue du Bac e chegaram ao Pont Royal.

Fazia um lindo dia, glacial e esplêndido. O sol baixava; algumas vidraças das casas, na Cité, brilhavam ao longe como placas de ouro, enquanto atrás, à direita, as torres da Notre-Dame se perfilavam pretas contra o céu azul, indolentemente banhado no horizonte em vapores cinza. O vento soprou; e como Rosanette declarou que estava com fome, entraram na Pâtisserie Anglaise.

Jovens mulheres com os filhos comiam em pé encostadas no bufê de mármore, onde se amontoavam, sob campânulas de vidro, os pratos de docinhos. Rosanette engoliu duas tortas de creme. O açúcar em pó formava bigodes no canto de sua boca. De vez em quando, para limpá-lo, ela puxava do regaço o lenço; e seu rosto parecia, sob a capa de seda verde, uma rosa desabrochada entre folhas.

Recomeçaram a andar; na Rue de la Paix, ela parou em frente à loja de um ourives e observou uma pulseira; Frédéric quis oferecê-la de presente.

— Não — disse ela —, guarde o seu dinheiro.

Essa frase o magoou.

— Mas o que é que o bebê tem? Está triste?

E quando a conversa retomou, ele voltou, como de hábito, às declarações de amor.

— Você sabe muito bem que é impossível!

— Por quê?

— Ah! Porque...

Andavam lado a lado, ela encostada em seu braço, e os babados do vestido lhe batendo nas pernas. Então ele se lembrou de um crepúsculo de inverno, em que, na mesma calçada, a sra. Arnoux andava assim a seu lado; e essa lembrança o absorveu tanto que já não via Rosanette e já não pensava nela.

Ela olhava ao acaso, diante de si, deixando-se um pouco arrastar como uma criança preguiçosa. Era a hora em que todos voltavam do passeio, e carruagens desfilavam a trote largo sobre o calçamento seco. Como os elogios de Pellerin lhe voltassem talvez à memória, ela deu um suspiro.

— Ah! Aquelas é que são felizes! Sou feita para um homem rico, decididamente.

Ele retrucou num tom brutal:

— No entanto, já tem um!

Pois o sr. Oudry passava por ser três vezes milionário.

Tudo o que ela queria era se livrar dele.

— Quem a impede?

E ele fez brincadeiras amargas sobre aquele velho burguês de peruca, mostrando-lhe que um relacionamento daqueles era indigno, e que ela devia rompê-lo!

— Sim — respondeu a Marechala, como que falando para si mesma. — É o que provavelmente acabarei fazendo!

Frédéric ficou encantado com esse desinteresse. Ela ia mais devagar, ele achou que ela estava cansada. Ela se obstinou em não querer carro e se despediu dele diante de sua porta, enviando-lhe um beijo com a ponta dos dedos.

“Ah, que pena! E pensar que os imbecis me acham rico!”

Estava sombrio ao chegar em casa.

Hussonnet e Deslauriers o esperavam.

O boêmio, sentado em sua mesa, desenhava cabeças de turcos, e o advogado, de botas enlameadas, cochilava no divã.

— Ah! Até que enfim! — exclamou. — Mas que jeito arisco! Pode me escutar?

Sua popularidade como professor diminuía, pois ele entupia os alunos de teorias desfavoráveis para os exames. Advogara duas ou três vezes, perdera, e cada nova decepção o empurrava com mais força para seu velho sonho:

um jornal em que poderia se exhibir, se vingar, despejar sua bile e suas ideias. Fortuna e reputação, aliás, se seguiriam. Com essa esperança é que ele embaíra o boêmio, pois Hussonnet possuía um jornal.

Agora, este fazia a tiragem em papel rosa; inventava notícias falsas e sensacionalistas, compunha charadas, tentava promover polêmicas, e até (a despeito do local) queria organizar concertos! A assinatura por um ano “dava direito a um lugar na plateia nos principais teatros de Paris; ademais, a administração se encarregava de fornecer aos senhores estrangeiros todas as informações desejáveis, artísticas e outras”. Mas a tipografia fazia ameaças, deviam três meses de aluguel ao proprietário, e surgiam dificuldades de todo tipo; e Hussonnet teria deixado o *L’Art* morrer se não fossem as exortações do advogado, que diariamente lhe levantava o moral. Ele o levava até lá para dar mais peso à sua iniciativa.

— Viemos por causa do jornal — disse.

— Nossa! Você ainda pensa nele! — respondeu Frédéric, com ar distraído.

— Claro que penso!

E expôs de novo seu plano. Graças aos artigos sobre a Bolsa, entrariam em contato com financistas e assim obteriam os cem mil francos de caução, indispensáveis.¹⁸ Mas para que o jornal pudesse se transformar em jornal político era preciso, antes, ter uma ampla clientela e, para isso, decidir fazer algumas despesas, tanto em gastos de papelaria quanto de impressão, escritório, em suma, uma quantia de quinze mil francos.

— Não tenho fundos — disse Frédéric.

— E nós então! — disse Deslauriers cruzando os braços.

Frédéric, magoado com o gesto, retrucou:

— A culpa é minha?...

— Ah! Muito bem! Eles têm lenha na lareira, trufas à mesa, uma boa cama, uma biblioteca, um carro, todas as comodidades! Mas que outro fique tiritando debaixo de telhas-vãs, jante por uns tostões, trabalhe como um condenado e se atole na miséria! É culpa deles?

E repetia: “É culpa deles?”, com uma ironia ciceroniana que cheirava a Palácio da Justiça. Frédéric queria falar.

— Aliás, compreendo, existem as necessidades... aristocráticas; pois com certeza... alguma mulher...

— Pois bem, e se fosse isso? Não sou livre?...

— Ah! Muito livre!

E, depois de um minuto de silêncio:

— É tão cômodo, as promessas!

— Meu Deus! Não as nego! — disse Frédéric.

O advogado continuou:

— No colégio, fazemos juramentos, vamos constituir uma falange, vamos imitar os *Treize* de Balzac!¹⁹ Depois, quando nos reencontramos: Boa noite, meu velho, vá passear! Pois aquele que poderia ajudar o outro guarda preciosamente tudo, só para ele.

— Como assim?

— Pois é, você nem sequer nos apresentou aos Dambreuse!

Frédéric olhou para ele; com sua pobre sobrecasaca, seus óculos embaçados e seu rosto pálido, o advogado lhe pareceu tão pedante que ele não pôde impedir um sorriso de desdém nos lábios. Deslauriers percebeu e enrubescou.

Já estava com o chapéu, para ir embora. Hussonnet, muito preocupado, tentava amansá-lo com olhares suplicantes, e como Frédéric lhe desse as costas:

— Vejamos, meu rapaz! Seja o nosso Mecenaz! Proteja as artes!

Frédéric, num brusco gesto de resignação, pegou uma folha de papel, rabiscou algumas linhas e entregou-a a ele. O rosto do boêmio se iluminou. Depois, repassando a carta a Deslauriers:

— Peça desculpas, cavalheiro!

O amigo suplicava ao notário que lhe enviasse o quanto antes quinze mil francos.

— Ah! Aí o reconhecimento! — disse Deslauriers.

— Palavra de fidalgo! — acrescentou o boêmio —, você é um bravo, vamos colocá-lo na galeria dos homens úteis!

O advogado prosseguiu:

— Você não perderá nada, a especulação é excelente.

— Por Deus! — exclamou Hussonnet —, eu poria minha cabeça no cadafalso.

E falou tantas besteiras e prometeu tantas maravilhas (em que talvez acreditasse) que Frédéric não sabia se era para debochar dos outros ou de si mesmo.

Nessa noite, recebeu uma carta da mãe.

Ela se espantava por ainda não vê-lo ministro, embora meio de brincadeira. Depois, falava de sua saúde, e informava que agora o sr. Roque ia visitá-la. “Desde que ficou viúvo, pensei que não era inconveniente recebê-lo. Louise está muito mudada, para melhor.” E como postscriptum: “Você não me diz nada sobre o seu belo conhecido, o sr. Dambreuse; em seu lugar, eu me serviria dele”.

Por que não? Suas ambições intelectuais o haviam abandonado e sua fortuna (ele se dava conta) era insuficiente; pois, pagas as dívidas e entregue aos outros a quantia combinada, sua renda diminuiria quatro mil francos, pelo menos! Aliás, sentiu necessidade de sair dessa vida, de se agarrar em alguma coisa. Assim, no dia seguinte, jantando na casa da sra. Arnoux, disse que sua mãe o atormentava para que ele abraçasse uma profissão.

— Mas pensei — ela replicou — que o sr. Dambreuse ia fazê-lo entrar no Conselho de Estado. Isso lhe cairia muito bem.

Portanto ela assim desejava. Ele obedeceu.

O banqueiro estava, como na primeira vez, sentado em seu escritório, e com um gesto lhe pediu para esperar uns minutos, pois um senhor de costas para a porta o entretinha com assuntos graves. Tratava-se de carvão mineral e de uma fusão entre diversas empresas.

Os retratos do general Foy e de Luís Filipe faziam pendant de cada lado do espelho; arquivos com gavetinhas subiam encostados no lambri até o teto, e havia seis cadeiras de palha; o sr. Dambreuse não precisava, para seus negócios, de um local mais bonito; era como essas cozinhas escuras onde se elaboram grandes festins. Frédéric observou em especial dois cofres gigantescos, erguidos nos cantos. Conjecturava quantos milhões podiam caber ali dentro. O banqueiro abriu um, e a porta de ferro girou, só deixando ver no interior cadernos de papel azul.

Por fim, o indivíduo passou em frente a Frédéric. Era o s. Oudry. Os dois se cumprimentaram, corando, o que pareceu espantar o sr. Dambreuse. Aliás, ele se mostrou muito amável. Nada era mais fácil do que recomendar seu jovem amigo ao ministro da Justiça. Ficariam felicíssimos em tê-lo; e terminou suas cortesias convidando-o para uma festa que dava dali a uns dias.

Frédéric subia no cupê para ir à casa deles quando chegou um bilhete da Marechala. À luz das lanternas, leu:

“Caro, segui os seus conselhos. Acabo de expulsar meu Osage.²⁰ A partir de amanhã à noite, liberdade! Diga-me se não sou valente.”

Nada mais! Mas era convidá-lo para o lugar vago. Ele soltou uma exclamação, apertou o bilhete no bolso e partiu.

Dois guardas municipais a cavalo estacionavam na rua. Uma fileira de lampiões ardia nas duas portas-cocheiras; e no pátio, criados gritavam para fazer as carruagens avançarem até o pé da escada, sob a marquise. Depois, de repente, no vestíbulo o barulho silenciava.

Grandes árvores enchiam o vão da escada; globos de porcelana derramavam uma luz que ondulava nas paredes como reflexos de cetim branco. Frédéric subiu alegremente os degraus. Um porteiro anunciou seu nome: o sr. Dambreuse lhe estendeu a mão; quase de imediato, a sra. Dambreuse apareceu.

Usava um vestido malva enfeitado de rendas, os cachos de seu penteado eram mais abundantes que de costume, e nem uma só joia.

Queixou-se de suas raras visitas, deu um jeito de dizer alguma coisa. Os convidados chegavam; à guisa de cumprimento, jogavam o torso de lado, ou se dobravam, ou apenas baixavam o rosto; depois passava um casal, uma família, e todos se dispersavam no salão já cheio.

No centro, sob o lustre, um pufe enorme suportava uma jardineira cujas flores, inclinando-se como penachos, pendiam para a cabeça das mulheres sentadas em roda, enquanto outras ocupavam as bergères formando duas linhas retas, interrompidas simetricamente pelo cortinado das janelas, de veludo nacarado, e pelas altas vidraças das portas de lintel dourado.

Os homens em profusão que permaneciam de pé no assoalho, de chapéu na mão, formavam de longe uma só massa negra em que as fitas das lapelas criavam pontos vermelhos aqui e ali, e que se tornava mais escura pela monótona brancura das gravatas. Salvo os jovenzinhos de barba nascente, todos pareciam se entediar; alguns dândis, com ar enfadonho, balançavam-se de um pé para outro. As cabeças grisalhas e as perucas eram numerosas; de quando em quando, um crânio calvo luzia; e sob o aspecto murcho dos rostos, púrpura ou muito pálidos, percebia-se o vestígio de imensos cansaços — as pessoas que ali estavam lidavam com a política ou com os negócios. O sr. Dambreuse também havia convidado vários cientistas, magistrados, dois ou três médicos ilustres, e rejeitava com gestos humildes os elogios que lhe faziam sobre sua festa e as alusões à sua riqueza.

Por todo lado circulava uma criadagem com largos galões dourados. As grandes tocheiras, como buquês de fogo, exibiam-se nas paredes forradas; refletiam-se nos espelhos; e no fundo da sala de jantar, forrada por uma treliça de jasmim, o bufê parecia um altar-mor de catedral ou uma exposição de ourivesaria — tantos eram os pratos, campânulas, talheres e colheres de prata e vermeil, em meio a cristais facetados que entrecruzavam, por cima das carnes, cintilações irisadas. Os três outros salões estavam apinhados de objetos de arte: paisagens de mestres nas paredes, marfins e porcelanas na beira das mesas, chinesices sobre os consoles; biombos de laca se abriam na frente das janelas, tufo de camélias subiam pelas lareiras; e uma música ligeira vibrava, ao longe, como um zumbido de abelhas.

As quadrilhas não eram numerosas, e os dançarinos, pelo jeito displicente de arrastar os escarpins, pareciam se desincumbir de um dever. Frédéric ouvia frases como estas:

- Esteve na última festa de caridade do Palacete Lambert, senhorita?
- Não, senhor!
- Daqui a pouco vai fazer um calor!
- Ah! É verdade, abafado!
- Mas de quem é essa polca?
- Meu Deus! Não sei não, senhora!

E atrás dele, três velhotes sirigaitas, postados num vão, cochichavam obscenidades; outros conversaram sobre ferrovias, livre-comércio; um desportista contava uma história de caça; um legitimista e um orleanista discutiam.

Zanzando de grupo em grupo, ele chegou ao salão dos jogadores, onde, numa roda de pessoas graves, reconheceu Martinon, “agora servindo no Ministério Público na capital”.

Seu rosto gordo cor de cera enchia convenientemente a barba em forma de colar, a qual era uma maravilha, de tal maneira os pelos pretos estavam bem igualados; e, mantendo um justo meio-termo entre a elegância requerida pela idade e a dignidade que sua profissão exigia, ele prendia o polegar na axila como era costume entre os janotas, depois metia a mão no colete à maneira dos doutrinários. Embora tivesse botas superenvernizadas, usava as têmperas raspadas, para criar uma testa de pensador.

Depois de algumas palavras ditas friamente, virou-se para seu conciliábulo. Um proprietário dizia:

— É uma classe de homens que sonham com a agitação da sociedade!

— Pedem a organização do trabalho! — prosseguiu outro. — Isso é concebível?

— Que se há de fazer! — disse um terceiro. — Quando vemos o sr. de Genoude dar a mão ao *Le Siècle*!

— E os próprios conservadores intitulem-se progressistas! Para nos trazerem o quê?! A República! Como se ela fosse possível na França!

Todos declararam que a República era impossível na França.

— Pouco importa — observou bem alto um senhor. — Nós nos preocupamos demais com a Revolução; publicam-se sobre isso montes de histórias, de livros!...

— Sem falar — disse Martinon — que talvez haja temas de estudo mais sérios!

Um funcionário do Ministério atacou os escândalos do teatro:

— Assim, por exemplo, esse novo drama *La Reine Margot*²¹ ultrapassa verdadeiramente os limites! Onde estava a necessidade de nos falar dos Valois? Tudo isso mostra a realza sob um aspecto desfavorável! É como a imprensa de vocês! As leis de setembro, por mais que se diga, são infinitamente brandas, demais! Quanto a mim, eu gostaria de tribunais marciais para amordaçar os jornalistas! À menor insolência, arrastados perante um conselho de guerra! E aí vamos ver!

— Ah! Tome cuidado, senhor, tome cuidado! — disse um professor —, não ataque nossas preciosas conquistas de 1830! Respeitemos nossas liberdades.

O melhor teria sido descentralizar, dividir pelos campos o excedente das cidades.

— Mas elas estão gangrenadas! — exclamou um católico. — Façam com que se reforce a Religião!

Martinon apressou-se em dizer:

— De fato, é um freio!

Todo o mal jazia nessa vontade moderna de elevar-se acima de sua classe, de ter luxo.

— No entanto — objetou um industrial —, o luxo favorece o comércio. Por isso aprovo o duque de Nemours, que exige calças curtas²² em suas festas.

— O sr. Thiers foi de calças compridas. Conhecem a frase dele?²³

— Sim, encantadora! Mas ele resvala para o demagogo, e seu discurso sobre a questão das incompatibilidades não deixou de ter influência depois do atentado de 12 de maio.²⁴

— Ah, ora essa!

— Há! Há!

O círculo foi obrigado a se abrir para dar passagem a um criado que trazia uma bandeja e tentava entrar no salão dos jogadores.

Sob o quebra-luz verde das velas, fileiras de cartas e de moedas de ouro cobriam a mesa. Frédéric parou diante de uma delas, perdeu os quinze napoleões que tinha no bolso, fez uma pirueta e se viu na entrada do boudoir onde então estava a sra. Dambreuse.

Havia um monte de mulheres, umas perto das outras, em cadeiras sem encosto. Suas saias compridas, bufantes, pareciam vagas de onde emergia uma cintura, e os seios ofereciam-se aos olhares pelo decote dos corpetes. Quase todas levavam na mão um raminho de violetas. O tom mate de suas luvas realçava a brancura humana de seus braços; franjas, ramos pendiam sobre os ombros, e às vezes se pensava, devido a certos estremecimentos, que o vestido fosse cair. Mas a decência dos rostos temperava as provocações da roupa; várias tinham até mesmo uma placidez quase bestial, e aquela reunião de mulheres seminuas fazia pensar no interior de um harém; veio ao espírito do rapaz uma comparação mais grosseira. Com efeito, belezas de todos os tipos se encontravam ali: inglesas com perfil de gravura romântica, uma italiana cujos olhos pretos fulguravam como um Vesúvio, três irmãs vestidas de azul, três normandas, frescas como macieiras de abril, uma grande ruiva com uma joia de ametistas; — e as brancas cintilações dos diamantes que tremiam em egretes nos cabelos, as manchas luminosas de pedrarias espalhadas sobre o peito, e o brilho suave das pérolas acompanhando os rostos se misturavam ao reflexo dos anéis de ouro, a rendas, pó, penas, ao escarlata das boquinhas, ao nácar dos dentes. O teto, arredondado numa cúpula, dava ao boudoir a forma de corbelha; e uma corrente de ar perfumado circulava sob o abanar dos leques.

Frédéric, postado atrás delas com o monóculo no olho, não julgava irrepreensíveis todos os ombros; pensava na Marechala, o que lhe reprimia as tentações, ou o consolava.

Olhava, porém, para a sra. Dambreuse, e a achava encantadora, apesar de sua boca meio larga e das narinas muito abertas. Mas sua graça era especial.

Os cachos da cabeleira tinham como que um langor apaixonado, e sua testa cor de ágata parecia conter muitas coisas e denotava um mestre.

Ela postara perto de si a sobrinha do marido, moça bastante feia. De vez em quando, dava-se ao trabalho de receber as que entravam; e o murmúrio das vozes femininas crescia, formando um chilreio de pássaros.

Falavam dos embaixadores tunisianos e de suas roupas. Uma dama assistira à última recepção da Academia; outra falou do *Don Juan* de Molière, com nova representação no Théâtre-Français. Mas, designando com uma olhadela a sobrinha, a sra. Dambreuse pôs um dedo na boca e o sorriso que lhe escapou desmentia essa austeridade.

De repente, Martinon apareceu, em frente, pela outra porta. Ela se levantou. Ele lhe ofereceu o braço. Frédéric, para vê-lo prosseguir com seus galanteios, atravessou as mesas de jogo e foi encontrá-los no grande salão; a sra. Dambreuse tratou de largar seu cavaleiro e conversou com ele familiarmente.

Entendia que ele não jogasse, não dançasse.

— Na juventude somos tristes!

Depois, abarcando o baile com um só olhar:

— Aliás, nada disso tem graça! Pelo menos para certas naturezas!

E parou diante da fileira de poltronas, distribuindo aqui e ali palavras amáveis, enquanto os velhos, que usavam binóculos com duas hastes, iam cortejá-la. Apresentou alguns deles a Frédéric. O sr. Dambreuse tocou levemente seu cotovelo e o levou para o terraço.

Tinha visto o ministro. A coisa não era fácil. Antes de ser apresentado como auditor ao Conselho de Estado, devia fazer um exame; Frédéric, assaltado por uma confiança inexplicável, respondeu que conhecia as matérias.

O financista não parecia surpreso, depois de todos os elogios que o sr. Roque fizera a ele.

Ao ouvir esse nome, Frédéric reviu a pequena Louise, sua casa, seu quarto; e lembrou-se de noites parecidas, em que ele ficava na janela ouvindo os carroceiros que passavam. Essa lembrança de suas tristezas trouxe-lhe ao pensamento a sra. Arnoux; e calou-se, continuando a andar pelo terraço. Na escuridão as janelas formavam placas vermelhas alongadas; o barulho do baile diminuía; as carruagens começavam a ir embora.

— Mas por que insiste no Conselho de Estado? — continuou o sr. Dambreuse.

E afirmou, num tom de liberal, que as funções públicas não levavam a nada, ele conhecia algo a respeito; mais valiam os negócios. Frédéric objetou a dificuldade de aprendê-los.

— Ah, qual o quê! Em pouco tempo eu o deixaria bem informado.

Acaso queria associá-lo às suas empresas?

O rapaz vislumbrou, como num raio, a imensa fortuna que viria.

— Vamos entrar — disse o banqueiro. — O senhor ceia conosco, não?

Eram três horas, todos partiam. Na sala de jantar uma mesa servida esperava os íntimos.

O sr. Dambreuse avistou Martinon, e, aproximando-se de sua mulher, em voz baixa:

— Foi você que o convidou?

Ela retrucou, seca:

— Mas claro!

A sobrinha não estava lá. Beberam muito bem, riram muito alto; e brincadeiras arriscadas não chocaram, pois todos sentiam essa leveza que se segue às obrigações meio longas. Só Martinon mostrou-se sério; recusou-se a beber champanhe, para fazer-se de bom moço, mas suave e muito educado, pois quando o sr. Dambreuse, que sentia um aperto no peito, queixou-se de opressão, ele se informou várias vezes sobre sua saúde e depois dirigiu os olhos azulados para a sra. Dambreuse.

Ela interpelou Frédéric para saber que moças tinham lhe agradado. Ele não havia reparado em nenhuma, e, aliás, preferia as mulheres de trinta anos.

— Talvez não seja má ideia! — ela respondeu.

Depois, quando vestiam as peliças e os sobretudos, o sr. Dambreuse lhe disse:

— Venha me ver uma manhã dessas, e conversaremos!

Martinon, ao pé da escada, acendeu um charuto; e, ao tragá-lo, oferecia um perfil tão pesado que seu companheiro soltou esta frase:

— Você tem uma cabeça bonita, palavra!

— Ela já fez algumas virarem! — retrucou o jovem magistrado, com um ar ao mesmo tempo convencido e envergonhado.

Ao se deitar, Frédéric passou em revista aquela festa. Primeiro, sua roupa (ele se observara nos espelhos várias vezes), desde o corte da casaca até o nó dos escaupins, não merecia o menor reparo; ele falara com homens bem considerados, vira de perto mulheres ricas, o sr. Dambreuse se mostrara excelente, e a sra. Dambreuse, quase insinuante. Pesou, uma a uma, suas menores palavras, seus olhares, mil coisas não analisáveis e, no entanto, expressivas. Seria incrivelmente belo ter uma amante daquelas! Pensando bem, por que não? Ele valia tanto quanto qualquer um! E se ela não fosse tão difícil? Em seguida, Martinon voltou à sua memória; e, ao pegar no sono, ele sorria, de pena desse bom rapaz.

A lembrança da Marechala o acordou; as palavras do seu bilhete: “A partir de amanhã à noite”, eram mesmo uma proposta de encontro para aquele dia. Esperou até as nove horas e correu para a casa dela.

Na frente dele, alguém que subia a escada fechou a porta. Ele tocou a campainha; Delphine foi abrir e afirmou que a senhora não estava.

Frédéric insistiu, rogou. Precisava lhe comunicar alguma coisa muito grave, só uma palavrinha. Por fim, o argumento da moeda de cem soldos venceu, e a empregada o deixou sozinho na antessala.

Rosanette apareceu. Estava de camisola, cabelos soltos; e, balançando a cabeça, fez de longe com os dois braços um grande gesto exprimindo que não podia recebê-lo.

Frédéric desceu a escada, devagar. Esse capricho ultrapassava todos os outros, ele não entendia nada.

Defronte da casinha do porteiro, a srta. Vatnaz o deteve.

— Ela o recebeu?

— Não!

— Puseram-no porta afora?

— Como sabe?

— Vê-se! Mas venha! Vamos sair! Estou sufocando!

Levou-o para a rua. Estava ofegante. Ele sentia aquele braço magro tremer sobre o seu. De repente, ela explodiu:

— Ah! O miserável!

— Quem, afinal?

— Mas é ele! Ele! Delmar!

Essa revelação humilhou Frédéric; ele prosseguiu:

— Tem mesmo certeza?

— Mas se lhe digo que o segui! — exclamou a Vatnaz; — eu o vi entrar! Compreende agora? Aliás, eu devia esperar por isso; fui eu, na minha estupidez, que o levei à casa dela. E se soubesse, meu Deus! Eu o recolhi, alimentei, vesti; e todas as minhas iniciativas nos jornais! Eu gostava dele como uma mãe! — Depois, com um risinho: — Ah! É que o cavalheiro precisa de vestidos de veludo! É um investimento que ele faz, imagine só! E ela! Dizer que a conheci costurando roupa de baixo! Não fosse eu, mais de vinte vezes ela teria caído na lama. Mas vou afundá-la na lama! Ah, vou! Quero que ela morra no hospital! Vão saber de tudo!

E, assim como uma torrente de água de lavar louça que carrega imundícies, sua cólera fez passar tumultuosamente por baixo de Frédéric as indecências de sua rival.

— Ela dormiu com Jumillac, com Flacourt, com o pequeno Allard, com Bertinaux, com Saint-Valéry, o bexiguento. Não! O outro! São dois irmãos, pouco importa! E quando tinha complicações, eu arranjava tudo. O que é que eu ganhava? Ela é tão avarenta! E depois, o senhor há de convir, era uma bela condescendência eu ir vê-la, pois, afinal, não somos do mesmo mundo! Acaso sou uma prostituta? Acaso me vendo? Sem contar que ela é burra como uma porta! Escreve categoria com *th*. Aliás, eles são bem parecidos: formam um par, embora ele se intitule artista e se ache um gênio! Mas, meu Deus! Se ao menos ele tivesse um pingo de inteligência, não teria cometido uma infâmia dessa! Não se abandona uma mulher superior em troca de uma sem-vergonha! Mas, afinal, estou pouco ligando. Ele está ficando feio! Eu o execro! Se o encontrasse, taí, cuspiria na cara dele. — Cuspiu. — Pois é, assim é que o trato agora! E Arnoux, hein? Não é abominável? Ele lhe perdoou tantas vezes! Ninguém imagina os sacrifícios que ele fez! Ela deveria beijar os pés dele! É tão generoso, tão bom!

Frédéric se deliciava ao ouvi-la denigrir Delmar. Ele aceitara Arnoux. Aquela perfídia de Rosanette lhe parecia uma coisa anormal, injusta; e, conquistado pela emoção da solteirona, chegava a sentir por ele quase que uma ternura. De repente, viu-se diante de sua porta; a srta. Vatnaz, sem que ele tivesse notado, o fizera descer o Faubourg Poissonnière.

— Aqui estamos — ela disse. — Eu não posso subir. Mas o senhor, nada o impede?

— Para fazer o quê?

— Para lhe dizer tudo, santo Deus!

Frédéric, como que acordando sobressaltado, compreendeu a infâmia para a qual era empurrado.

— E então? — ela prosseguiu.

Ele levantou os olhos para o segundo andar. O candeeiro da sra. Arnoux ardia. Nada, de fato, o impedia de subir.

— Espero-o aqui. Vá logo!

Essa ordem acabou de esfriá-lo, e ele disse:

— Ficarei lá em cima muito tempo. Seria melhor voltar. Irei amanhã à sua casa.

— Não, não! — retrucou a Vatnaz, batendo o pé. — Pegue-o! Leve-o! Faça com que ele os flagre!

— Mas Delmar já não estará lá!

Ela baixou a cabeça.

— É, talvez seja verdade!

E ficou sem falar, no meio da rua, entre os carros; depois, encarando-o com seus olhos de gata selvagem:

— Posso contar com o senhor, não posso? Agora, entre nós dois, é sagrado! Faça isso, então. Até amanhã!

Frédéric, atravessando o corredor, ouviu duas vozes que se respondiam. A da sra. Arnoux dizia:

— Não minta! Não minta, ora essa!

Entrou. Calaram-se.

Arnoux andava de um lado para o outro, e a senhora estava sentada na cadeirinha perto da lareira, extremamente pálida, com o olhar parado. Frédéric fez um gesto para se retirar. Arnoux pegou sua mão, feliz com o auxílio que lhe chegava.

— Mas receio... — disse Frédéric.

— Fique, ora! — soprou Arnoux ao seu ouvido.

A senhora retomou:

— É preciso ser indulgente, sr. Moreau! São dessas coisas que às vezes encontramos nos lares.

— É que aí as colocamos — disse Arnoux, galhofeiro. — As mulheres têm desses caprichos! Assim, esta aí, por exemplo, não é má. Não, ao contrário! Pois bem, faz uma hora que se diverte em implicar comigo falando de um monte de histórias.

— Elas são verdadeiras! — retrucou a sra. Arnoux, impaciente. — Pois, afinal, você o comprou.

— Eu?

— Sim, você mesmo! No Persan!

“O xale de caxemira!”, pensou Frédéric.

Ele se sentia culpado e tinha medo.

Ela acrescentou, logo em seguida:

— Foi no mês passado, num sábado, 14.

— Ah! Nesse dia, justamente, eu estava em Creil! Portanto, como vê...

— De jeito nenhum! Pois no dia 14 nós jantamos com os Bertin.

— No dia 14?... — disse Arnoux, levantando os olhos como para procurar uma data.

— E até, o caixeiro que o vendeu era um louro!

— E eu lá posso me lembrar do caixeiro?

— Mas ele escreveu, com você ditando, o endereço: 18, Rue de Laval.

— Como você sabe? — disse Arnoux, perplexo.

Ela deu de ombros.

— Ah! É muito simples: estive lá para reparar meu xale de caxemira e um chefe de seção me informou que acabavam de enviar outro, parecido, para a sra. Arnoux.

— É culpa minha se existe na mesma rua uma sra. Arnoux?

— Sim! Mas não Jacques Arnoux — ela retrucou.

Então, ele começou a divagar, clamando inocência. Era um engano, um acaso, uma dessas coisas inexplicáveis, como acontece. As pessoas não deviam ser condenadas por simples suspeitas, vagos indícios; e citou o exemplo do infeliz Lesurques.²⁵

— Em suma, afirmo que você se engana! Quer que lhe dê minha palavra de honra?

— Não vale a pena!

— Por quê?

Ela o encarou, sem dizer nada; depois esticou a mão, pegou o cofre de prata em cima da lareira, e lhe entregou uma fatura grande aberta.

Arnoux enrubesceu até as orelhas e suas feições descompostas incharam.

— E então?

— Mas... — ele respondeu devagar — o que é que isso prova?

— Ah! — disse ela, com uma entonação singular de voz, em que havia dor e ironia. — Ah!

Arnoux mantinha a fatura entre as mãos, e a revirava, sem tirar os olhos da folha, como se devesse descobrir a solução de um grande problema.

— Ah! Sim, sim, me lembro — disse afinal. — É uma encomenda. — Você deve saber do que se trata, não é, Frédéric? — Frédéric se calava. — Uma encomenda da qual fui encarregado... pelo... pelo s. Oudry.

— E para quem?

— Para a amante dele!

— Para a sua! — exclamou a sra. Arnoux, levantando-se muito empertigada.

— Juro a você...

— Não recomece! Eu sei tudo!

— Ah! Muito bem! Quer dizer que me espionam?

Ela retrucou, fria:

— Isso fere, talvez, a sua delicadeza?

— A partir do momento em que nos exaltamos — prosseguiu Arnoux, buscando o chapéu — e que não há meios de raciocinar!

Depois, com um grande suspiro:

— Não se case, meu pobre amigo, não, creia em mim!

E deu no pé, precisando tomar ar.

Então, fez-se um grande silêncio; e tudo, no apartamento, pareceu mais imóvel. Um círculo luminoso, acima da lamparina a óleo, embranquecia o teto, enquanto nos cantos a sombra se estendia como véus pretos superpostos; ouvia-se o tique-taque do relógio junto com a crepitação do fogo.

A sra. Arnoux acabava de sentar de novo, na poltrona do outro canto da lareira; mordida os lábios, tiritando; suas mãos se levantaram, um soluço lhe escapou, ela chorava.

Ele se pôs na cadeirinha; e com uma voz carinhosa, como se adota com um doente:

— Não pense que eu não partilho...?

Ela não respondeu. Mas, continuando bem alto suas reflexões:

— Eu o deixo bastante livre! Não tinha necessidade de mentir!

— Certamente — disse Frédéric.

Era, sem dúvida, consequência de seus hábitos, ele não havia pensado nisso, e talvez nas coisas mais graves...

— Mas o que vê de mais grave?

— Oh! Nada!

Frédéric se inclinou, com um sorriso de obediência. Arnoux, contudo, possuía certas qualidades; gostava dos filhos.

— Ah! E faz tudo para arruiná-los!

Isso vinha de seu temperamento demasiado espontâneo; pois, afinal, era um bom rapaz.

Ela exclamou:

— Mas o que quer dizer isso, um bom rapaz?

Ele o defendia assim, da maneira mais vaga que conseguia encontrar, e, embora com pena dela, no fundo da alma alegrava-se, deliciava-se. Por vingança ou necessidade de afeto, ela se refugiaria nele. Sua esperança, desbragadamente aumentada, reforçava seu amor.

Nunca ela lhe parecera tão cativante, tão profundamente bela. De vez em quando, uma aspiração arfava seu peito; os dois olhos, imóveis, pareciam dilatados por uma visão interna, e a boca permanecia entreaberta como para lhe entregar a alma. Às vezes, apertava com força o lenço; ele gostaria de ser aquele pedacinho de cambraia todo encharcado de lágrimas. Sem querer, olhava para a cama, no fundo da alcova, imaginando sua cabeça sobre o travesseiro; e via aquilo tão bem que se continha para não tomá-la nos braços. Ela cerrou as pálpebras, mais calma, inerte. Então ele se aproximou, mais perto, e, debruçado, examinou avidamente seu rosto. Um ruído de botas ecoou no corredor, era o outro. Eles o ouviram fechar a porta do quarto, Frédéric perguntou à sra. Arnoux, com um sinal, se devia ir lá.

Ela replicou “sim”, da mesma forma; e essa troca muda de pensamentos era como um consentimento, um início de adultério.

Arnoux, prestes a se deitar, desabotoava a sobrecasaca.

— Pois então, como ela vai?

— Ah! Melhor! — disse Frédéric. — Isso vai passar!

Mas Arnoux estava pesaroso.

— Você não a conhece! Agora ela está com os nervos!... Caixeiro imbecil! É nisso que dá ser bom demais! Se eu não tivesse dado esse maldito xale a Rosanette!

— Não se arrependa! Ela lhe é extremamente grata!

— Acha?

Frédéric não duvidava. A prova é que acabava de despachar o sr. Oudry.

— Ah! Pobre gatinha!

E, no excesso de sua emoção, Arnoux queria correr até a casa dela.

— Não vale a pena! Venho de lá. Ela está doente!

— Mais uma razão!

Tornou a vestir prontamente a sobrecasaca e pegou o castiçal. Frédéric se amaldiçoou por sua besteira e lhe comunicou que ele devia, por decência, ficar esta noite ao lado da mulher. Não podia abandoná-la, seria muito ruim.

— Francamente, estaria errado! Por lá, não há nenhuma urgência! Vá amanhã! Vamos! Faça isso por mim.

Arnoux pousou o castiçal e lhe disse, abraçando-o:

— Você é bom, de fato!

III

Então começou uma existência miserável para Frédéric. Ele foi o parasita da casa.

Se alguém estava indisposto, ia três vezes por dia saber notícias, ia ao afinador de piano, inventava mil amabilidades; e aguentava com cara de contente as birras da srta. Marthe e as carícias do jovem Eugène, que sempre lhe passava as mãos sujas no rosto. Assistia aos jantares em que o senhor e a senhora, um na frente do outro, não trocavam uma palavra; ou, então, Arnoux irritava a mulher com observações estapafúrdias. Terminado o jantar, ele brincava no quarto com o filho, escondia-se atrás dos móveis, ou o levava nas costas, andando de quatro, como o rei Henrique IV com seu filho. Por fim, ia embora; e ela abordava imediatamente o eterno assunto de queixa: Arnoux.

Não era seu mau comportamento que a indignava. Mas ela parecia sofrer em seu orgulho, e deixava ver sua repugnância por esse homem sem delicadeza, sem dignidade, sem honra.

— Ou melhor, ele é louco! — dizia.

Frédéric, com muito jeito, solicitava suas confidências. Logo conheceu toda a sua vida.

Seus pais eram pequeno-burgueses de Chartres. Um dia, Arnoux, desenhando na beira do rio (naquele tempo se achava pintor), a avistara quando ela saía da igreja e a pedira em casamento; por causa de sua fortuna, não hesitaram. Aliás, ele a amava perdidamente. Acrescentou:

— Meu Deus, ele ainda me ama! A seu jeito!

Nos primeiros meses, viajaram pela Itália.

Arnoux, apesar do entusiasmo pelas paisagens e obras-primas, só sabia se lamentar do vinho, e organizava piqueniques com ingleses, para se distrair. Alguns quadros bem revendidos o levaram ao comércio das artes. Depois, empolgou-se com uma manufatura de faiança. Atualmente, outras especulações o tentavam; e tornando-se cada vez mais vulgar, adotava hábitos grosseiros e dispendiosos. Ela lhe criticava menos os vícios do que todas as suas ações. Nenhuma mudança poderia acontecer, e sua desgraça, a dela, era irreparável.

Frédéric afirmava que, da mesma forma, sua existência também havia falhado.

Era, porém, muito jovem. Por que se desesperançar? E ela lhe dava bons conselhos: “Trabalhe! Case-se!”. Ele respondia com sorrisos amargos; pois, em vez de expressar o verdadeiro motivo de sua tristeza, fingia outra, sublime, bancava um pouco Antony, o maldito²⁶ — linguagem, de resto, que não deturpava de todo seu pensamento.

A ação, para certos homens, é tanto mais impraticável quanto mais forte é o desejo. A desconfiança de si mesmos os atrapalha, o temor de desagradar os apavora; aliás, as afeições profundas parecem as mulheres honestas: temem ser descobertas, e passam pela vida de olhos baixos.

Embora conhecesse melhor a sra. Arnoux (por causa disso, talvez), era ainda mais covarde que antes. Toda manhã jurava a si mesmo ser ousado. Um invencível pudor o impedia; e não conseguia se guiar de acordo com nenhum exemplo, pois aquela se diferenciava das outras. Pela força de seus sonhos, ele a colocara fora das condições humanas. Sentia-se, ao lado dela, menos importante na terra do que os fiapos de seda que escapavam de sua tesoura.

Depois, pensava em coisas monstruosas, absurdas, como surpresas, de noite, com narcóticos e chaves falsas — tudo lhe parecendo mais fácil do

que enfrentar seu desdém.

Aliás, os filhos, as duas empregadas, a disposição dos aposentos constituíam obstáculos intransponíveis. Portanto, resolveu possuí-la só para ele, e viveriam juntos bem longe, num lugar ermo; e até buscava saber se seria num lago muito azul, à beira de uma praia muito suave, e se seria na Espanha, na Suíça ou no Oriente; e escolhendo de propósito os dias em que ela parecia mais irritada, dizia-lhe que seria preciso sair dali, imaginar um jeito, e que ele não via outro além da separação. Mas, pelo amor aos filhos, ela jamais chegaria a esse extremo. Tamanha virtude aumentou seu respeito.

Suas tardes se passavam em relembrar a visita da véspera, em desejar a da noite. Quando não jantava com eles, pelas nove horas, Frédéric postava-se na esquina da rua; e assim que Arnoux puxava a grande porta, ele subia prontamente os dois andares e perguntava à empregada com ar ingênuo:

— O senhor está?

Depois, fingia-se surpreso por não encontrá-lo.

Era frequente Arnoux voltar inesperadamente. Então, era preciso acompanhá-lo até um pequeno café da Rue Sainte-Anne, que agora Regimbart frequentava.

O Cidadão começava por articular contra a Coroa alguma nova ofensa. Depois conversavam, trocando-se injúrias amistosamente; pois o fabricante de faiança considerava Regimbart um pensador de alto nível, e, entristecido ao ver tantos recursos perdidos, implicava com ele por causa da sua preguiça. O Cidadão julgava Arnoux um homem de muito bom coração e de imaginação, mas decididamente imoral demais; assim, tratava-o sem a menor indulgência e até recusava-se a jantar na casa dele, porque “a cerimônia o aborrecia”.

Às vezes, na hora da despedida, Arnoux sentia uma fomezinha. “Precisava” comer uma omelete ou batatas cozidas; e como nunca havia comestíveis no estabelecimento, mandava buscá-los. Esperavam. Regimbart não ia embora, e terminava, resmungando, por aceitar alguma coisa.

Mantinha-se, porém, sóbrio, pois ficava horas a fio diante do mesmo copo cheio pela metade. Como a Providência não governava as coisas segundo suas ideias, ele caía na melancolia, já não queria nem sequer ler os jornais, e soltava uns rugidos só de ouvir o nome da Inglaterra. Uma vez, exclamou por causa de um garçom que o servia mal:

— Será que já não temos afrontas suficientes do Estrangeiro?

Fora dessas crises, mantinha-se taciturno, meditando “um golpe infalível para mandar para os ares todo o barraco”.

Enquanto estava perdido em suas reflexões, Arnoux, com voz monótona e um olhar meio embriagado, contava anedotas incríveis em que ele sempre brilhara, graças ao seu atrevimento; e Frédéric (isso talvez decorresse de semelhanças profundas) sentia certa empolgação por sua pessoa. Censurava-se por essa fraqueza, achando que, ao contrário, deveria odiá-lo.

Arnoux se lamentava na frente dele do humor da mulher, sua teimosia, suas prevenções injustas. Antigamente ela não era assim.

— No seu lugar — dizia Frédéric —, eu lhe daria uma pensão e iria viver sozinho.

Arnoux nada respondia; e, um instante depois, iniciava os elogios. Ela era boa, dedicada, inteligente, virtuosa; e, passando às qualidades corporais, era pródigo nas revelações, com o atordoamento dessas pessoas que exibem seus tesouros nos albergues.

Uma catástrofe perturbou seu equilíbrio.

Ele entrara, como membro do Conselho de vigilância, numa companhia de caulim. Mas, fiando-se em tudo o que lhe diziam, assinara relatórios inexatos e aprovara, sem conferir, os inventários anuais fraudulentamente feitos pelo gerente. Ora, a companhia afundara, e Arnoux, civilmente responsável, acabava de ser condenado, com os outros, à garantia de perdas e danos, o que lhe acarretava uma perda de cerca de trinta mil francos, agravada pelos motivos do julgamento.

Frédéric soube disso por um jornal, e saiu desabalado para a Rue Paradis.

Receberam-no no quarto da senhora. Era a hora do pequeno almoço. Canecas de café com leite atulhavam uma mesinha perto da lareira. Chinelos estavam espalhados no tapete, roupas em cima das poltronas. Arnoux, de ceroulas e casaco de malha, tinha os olhos vermelhos e o cabelo arrepiado; o pequeno Eugène chorava, por causa da caxumba, enquanto mordiscava sua fatia de pão; a irmã comia tranquilamente; a sra. Arnoux, um pouco mais pálida que de costume, servia os três.

— Pois é — disse Arnoux, soltando um grande suspiro —, sabe como é! — E tendo Frédéric feito um gesto de compaixão: — É isso! Fui vítima de minha confiança!

Depois se calou; e seu abatimento era tão forte que rejeitou o pequeno almoço. A sra. Arnoux levantou os olhos, com um encolher de ombros. Ele passou as mãos na testa.

— No fim das contas, não sou culpado. Nada tenho a me recriminar. É uma desgraça! Vamos nos safar! Ah! Paciência!

E começou a comer um brioche, obedecendo, aliás, às solicitações da mulher.

À noite, quis jantar a sós com ela, numa salinha particular, no Maison d'Or. A sra. Arnoux não entendeu esse gesto vindo do coração, até mesmo se ofendeu por ser tratada como uma cortesã; — o que, por parte de Arnoux, ao contrário, era prova de afeto. Depois, como ele se entediava, foi se distrair com a Marechala.

Até agora, tinham-lhe deixado passar muitas coisas, graças ao seu temperamento bondoso. Seu processo o classificou entre as pessoas corruptas. Sua casa ficou como que isolada.

Frédéric, por questão de honra, achou que devia frequentá-los mais que nunca. Alugou uma frisa no Italiens e toda semana os levava. No entanto, eles estavam nessa fase em que, nos casamentos desiguais, uma invencível lassidão resulta das concessões que se fizeram e torna intolerável a existência. A sra. Arnoux se continha para não estourar, Arnoux ficava sombrio; e o espetáculo daqueles dois seres infelizes entristecia Frédéric.

Ela o encarregara, já que ele gozava de sua confiança, de indagar sobre os negócios dele. Mas Frédéric tinha vergonha, sofria por partilhar seus jantares ambicionando a mulher dele. Continuava, porém, dando-se como desculpa o dever de defendê-la, e pensando que poderia se apresentar uma ocasião de lhe ser útil.

Oito dias depois do baile, fizera uma visita ao sr. Dambreuse. O financista lhe oferecera umas vinte ações de sua empresa de hulha; Frédéric não voltara lá. Deslauriers lhe escrevia cartas; ele as deixava sem resposta. Pellerin o instara a ir ver o retrato; ele sempre o despachava. Cedeu, porém, a Cisy, que insistia em conhecer Rosanette.

Ela o recebeu muito gentilmente, mas sem pular no seu pescoço, como outrora. Seu amigo ficou feliz por ser admitido na casa de uma impura, e sobretudo por conversar com um ator: Delmar estava lá.

Um drama, em que ele representara um camponês que dá uma lição a Luís XIV e profetiza 1789, o pusera em tamanha evidência que lhe fabricavam

incessantemente o mesmo papel; e, agora, sua função consistia em ridicularizar os monarcas de todos os países. Como cervejeiro inglês, ele invectivava contra Carlos I; como estudante de Salamanca, amaldiçoava Filipe II; ou, como pai sensível, indignava-se com a Pompadour, e isso era o mais divertido! Para vê-lo, os garotos o esperavam na porta da coxia; e sua biografia, vendida nos entreatos, o retratava cuidando de sua velha mãe, lendo o Evangelho, assistindo os pobres, em suma, com cores de um são Vicente de Paula misturado com Bruto e Mirabeau. Dizia-se: “Nosso Delmar”. Ele tinha uma missão, tornava-se Jesus Cristo.

Tudo isso fascinara Rosanette, e ela se livrara de Oudry sem pensar em nada, pois não era ambiciosa.

Arnoux, que a conhecia, aproveitara-se disso por muito tempo para mantê-la com poucos gastos; o homem aparecera, e os três tiveram o cuidado de não se explicar com franqueza. Depois, imaginando que ela despachava o outro para ficar só com ele, Arnoux aumentara sua pensão. Mas suas exigências se renovavam com uma frequência inexplicável, já que ela levava uma vida menos dispendiosa; vendera até o xale de caxemira, fazendo questão de se livrar das velhas dívidas, como dizia; e ele continuava a dar, pois ela o enfeitiçava e abusava dele, sem dó. Assim, as faturas e as cobranças judiciais choviam na casa. Frédéric sentia a proximidade de uma crise.

Um dia, foi ver a sra. Arnoux. Ela havia saído. O senhor trabalhava embaixo, na loja.

De fato, entre seus jarros de porcelana, Arnoux tentava *enrolar* uns recém-casados, burgueses da província. Falava dos torneados e do torneamento, do entalhe e do vidrado; os outros, sem querer demonstrar que não estavam entendendo nada, faziam sinais de aprovação e compravam.

Quando os fregueses saíram, contou que tivera, de manhã, uma pequena altercação com a mulher. Para evitar as observações sobre as despesas, afirmara que a Marechala não era mais sua amante.

— E até lhe disse que ela era a sua amante.

Frédéric ficou indignado; mas recriminações poderiam traí-lo; balbuciou:

— Ah! Fez mal, muito mal!

— O que tem de mais? — disse Arnoux. — Onde está a desonra de passar por amante dela? Eu mesmo sou! Você não ficaria lisonjeado de ser?

Ela teria falado? Seria uma alusão? Frédéric se apressou em responder:

— Claro! Sim! Pelo contrário.

— Pois então, e daí?

— Sim, é verdade! Não tem nada de mais.

Arnoux prosseguiu:

— Por que não vai mais lá?

Frédéric prometeu que iria.

— Ah! Ia esquecendo! Você deveria... ao falar de Rosanette... soltar para minha mulher alguma coisa... sei lá o quê, mas você vai descobrir... alguma coisa que a convença de que é amante dela. Peça-lhe isso como um favor, hein?

O rapaz, como única resposta, fez uma careta ambígua. Essa calúnia o perdia. Nessa mesma noite foi à casa da sra. Arnoux, e jurou que a alegação de Arnoux era falsa.

— Verdade mesmo?

Ele parecia sincero; e ela respirou fundo e lhe disse: “Acredito”, com um belo sorriso; depois, baixou a cabeça e, sem olhar para ele:

— Aliás, ninguém tem nenhum direito sobre você!

Então, ela não adivinhava nada, e o desprezava, já que não pensava que ele pudesse amá-la o suficiente para lhe ser fiel! Frédéric, esquecendo suas tentativas junto à outra, achava que essa permissão era ultrajante.

Em seguida, ela lhe pediu para ir algumas vezes “à casa dessa dama” para ver um pouco como andavam as coisas.

Arnoux apareceu e, cinco minutos depois, quis arrastá-lo para a casa de Rosanette.

A situação ia ficando intolerável.

Ele esqueceu esse assunto graças à carta do tabelião, que devia lhe enviar no dia seguinte quinze mil francos; e, para reparar sua negligência com Deslauriers, foi imediatamente comunicar-lhe essa boa notícia.

O advogado morava na Rue des Trois-Maries, no quinto andar, dando para o pátio. Seu gabinete, pequeno aposento ladrilhado, frio, e forrado de papel acinzentado, tinha como principal decoração uma medalha de ouro, seu prêmio de doutorado, inserida numa moldura de ébano encostada no espelho. Uma biblioteca de mogno guardava atrás dos vidros cerca de cem volumes. A mesa, com tampo de couro, ficava no centro do apartamento. Quatro velhas poltronas de veludo verde ocupavam os quatro cantos; e

aparas de madeira queimavam na lareira, onde sempre tinha um feixe de lenha pronto para ser queimado quando tocassem a campainha. Era a hora de suas consultas; o advogado usava uma gravata branca.

O anúncio dos quinze mil francos (provavelmente ele não contava mais com isso) causou-lhe um risinho de prazer.

— Que bom, meu rapaz, que bom, é muito bom!

Jogou lenha no fogo, tornou a sentar, e falou imediatamente do jornal. A primeira coisa a fazer era livrar-se de Hussonnet.

— Esse cretino me cansa! Quanto a prejudicar alguma opinião, o mais equânime, a meu ver, e o mais eficaz é não ter nenhuma.

Frédéric pareceu surpreso.

— Mas sem dúvida! Seria hora de tratar a política cientificamente. Os velhos do século XVIII estavam começando, quando Rousseau e os literatos aí introduziram a filantropia, a poesia e outras pilhérias, para a grande alegria dos católicos; aliança natural, de resto, já que todos os reformadores modernos (posso provar) acreditam na Revelação. Mas se você rezar missas pela Polônia, se no lugar do Deus dos dominicanos, que era um carrasco, você pegar o Deus dos românticos, que é um tapeceiro; se, por fim, você não tiver do Absoluto uma concepção mais ampla que os seus ancestrais, a monarquia penetrará por meio das suas formas republicanas, e o seu barrete frígio nunca será mais do que um barrete sacerdotal! Só que o regime celular terá substituído a tortura, o ultraje à religião terá substituído o sacrilégio, o acordo europeu terá substituído a Santa Aliança; e nessa bela ordem que admiramos, feita de restos luís-catorzianos, de ruínas voltairianas, com a cal do Império por cima e fragmentos de Constituição inglesa, veremos os conselhos municipais tentando humilhar o prefeito, os conselhos gerais tentando humilhar o representante do Estado, as Câmaras tentando humilhar o rei, a imprensa tentando humilhar o poder, e a administração tentando humilhar todo mundo! Mas as belas almas se extasiam perante o Código Civil, obra fabricada, diga-se o que se disser, num espírito mesquinho, tirânico; pois o legislador, em vez de cumprir sua obrigação, que é regularizar o costume, pretendeu modelar a sociedade como um Licurgo! Por que a lei constringe o pai de família em matéria de testamento? Por que dificulta a venda forçada dos imóveis? Por que pune como delito a vagabundagem, que não deveria ser nem mesmo uma contravenção? E há muitas outras coisas! Conheço-as! Assim, vou escrever

um pequeno romance intitulado *História da ideia de justiça*, que será engraçado! Mas estou com uma sede tremenda! E você?

Debruçou-se na janela e gritou para o porteiro ir buscar uns grogues no bar.

— Em resumo, vejo três partidos..., não! Três grupos — e dos quais nenhum me interessa: os que têm, os que não têm mais e os que tentam ter. Mas todos concordam na idolatria imbecil à Autoridade! Exemplos: Mably recomenda que se impeça os filósofos de publicar suas doutrinas; o sr. Wronski, geômetra, chama a censura, em sua linguagem, de “repressão crítica da espontaneidade especulativa”; o padre Enfantin abençoa os Habsburgo por “terem passado, por cima dos Alpes, uma mão pesada para comprimir a Itália”; Pierre Leroux quer nos forçar a ouvir um orador, e Louis Blanc inclina-se por uma religião de Estado, de tal forma esse povo de vassalos tem paixão por governo! No entanto, nem um só é legítimo, apesar de seus sempiternos princípios. Mas como *princípio* significa *origem*, é preciso se reportar sempre a uma revolução, a um ato de violência, a um fato transitório. Assim, o princípio do nosso é a soberania nacional, compreendida na forma parlamentar, embora o parlamento não convenha! Mas em que a soberania do povo seria mais sagrada do que o direito divino? Uma e outro são duas ficções! Basta de metafísica, nada de fantasmas! Não há necessidade de dogmas para se mandar varrer as ruas! Dirão que destruo a sociedade! Pois bem, e daí? Onde estaria o mal? É de fato uma beleza, a sua sociedade!

Frédéric teria muitas coisas a responder. Mas, vendo-o longe das teorias de Sénécal, estava cheio de indulgência. Contentou-se em objetar que um sistema desse os faria odiar tudo em geral.

— Ao contrário, como teremos dado a cada partido um aval de ódio contra seu vizinho, todos contarão conosco. Você também vai se meter nisso, e vai nos fazer crítica transcendente!

Era preciso atacar as ideias feitas, a Academia, a Escola Normal, o Conservatório, a Comédie-Française, tudo o que parecia uma instituição. Por aí é que dariam um conjunto de doutrina à publicação deles. Depois, quando estivesse bem implantado, de repente o jornal passaria a ser diário; então, atacariam as pessoas.

— E vão nos respeitar, esteja certo!

Deslauriers realizava seu velho sonho: uma chefia de redação, isto é, a felicidade inexprimível de dirigir os outros, de cortar como bem entender os seus artigos, de encomendá-los, de recusá-los. Seus olhos brilhavam atrás dos óculos, exaltava-se e ia tomando uns goles, um após outro, mecanicamente.

— Você terá de dar um jantar uma vez por semana. É indispensável, ainda que a metade dos seus rendimentos vá nisso! Todos vão querer ir, será um centro para os outros, uma alavanca para você; e, manejando a opinião pelas duas pontas, literatura e política, antes de seis meses, você verá, estaremos dando as cartas em Paris.

Frédéric, ao escutá-lo, tinha uma sensação de rejuvenescimento, como um homem que, depois de uma longa permanência num quarto, é transportado para o ar livre. Esse entusiasmo o conquistava.

— Sim, fui um preguiçoso, um imbecil, você tem razão!

— Até que enfim! — exclamou Deslauriers; — reencontro o meu Frédéric! E pondo-lhe a mão debaixo do queixo:

— Ah! Você me fez sofrer. Pouco importa! Mesmo assim gosto de você.

Estavam em pé e se olhavam, enternecidos um e outro, e prestes a se abraçar.

Um gorro de mulher apareceu na soleira da antessala.

— Por que veio aqui? — perguntou Deslauriers.

Era a srta. Clémence, sua amante.

Ela respondeu que, passando por acaso diante do prédio, não conseguiu resistir ao desejo de vê-lo; e, para fazerem um lanchinho juntos, lhe trazia doces, que pôs em cima da mesa.

— Cuidado com os meus papéis! — prosseguiu, azedo, o advogado. — Aliás, é a terceira vez que a proíbo de vir durante minhas consultas.

Ela quis beijá-lo.

—Vá embora! Caia fora!

Empurrou-a, ela deu um grande soluço.

— Ah! Você acaba me aborrecendo!

— É que eu te amo!

— Não peço que me amem, mas que me sirvam!

Essa frase, tão dura, interrompeu as lágrimas de Clémence. Ela se plantou diante da janela, e ali ficou, imóvel, com a testa encostada na vidraça.

Sua atitude e seu mutismo irritavam Deslauriers.

— Quando tiver terminado, mande chamar o seu carro, está bem?

Ela se virou, sobressaltada.

— Está me mandando embora?

— Exatamente!

Ela o encarou com seus grandes olhos azuis, na certa para uma última súplica, depois cruzou as duas pontas do xale, esperou mais um minuto e foi embora.

— Você deveria chamá-la de volta — disse Frédéric.

— Qual o quê!

E como precisava sair, Deslauriers passou para a cozinha, que era seu gabinete de toalete. Sobre o ladrilho havia um par de botas e, ao lado, as sobras de um magro almoço; num canto do chão, via-se um colchão com um cobertor enrolado.

— Essa é a prova — ele disse — de que recebo poucas marquesas! É fácil viver sem elas, sabe! E sem as outras também. As que não custam nada roubam o nosso tempo; é dinheiro, de uma outra forma; ora, não sou rico! E além disso, todas são tão bobas! Tão bobas! Você consegue conversar com uma mulher?

Separaram-se na esquina do Pont-Neuf.

— Então, está combinado! Amanhã você me trará a coisa, assim que a receber.

— Combinado! — disse Frédéric.

No dia seguinte, ao acordar, recebeu pelo correio um vale de quinze mil francos contra o Banco.

Aquele papel amarrotado lhe representou quinze sacos grandes de dinheiro; e pensou que com uma quantia daquelas poderia: primeiro, manter sua carruagem por três anos, em vez de vendê-la como proximamente seria obrigado a fazer, ou comprar duas belas armaduras damasquinadas que tinha visto no Quai Voltaire, e depois mil outras coisas, pinturas, livros, e quantos buquês de flores, presentes para a sra. Arnoux! Tudo, enfim, teria valido mais do que arriscar, do que perder tanto dinheiro naquele jornal! Deslauriers lhe parecia pretensioso, sua insensibilidade da véspera o deixava mais frio em relação a ele, e Frédéric estava entregue a esses queixumes quando ficou muito surpreso de ver entrar Arnoux — que se sentou na beira de sua cama, pesadamente, como um homem arrasado.

— Mas o que há?

— Estou perdido.

Precisava depositar naquele mesmo dia, no escritório do advogado Beauminet, tabelião na Rue Sainte-Anne, dezoito mil francos, emprestados por um certo Vanneroy.

— É um desastre inexplicável! E no entanto eu lhe dei uma hipoteca que devia tranquilizá-lo! Mas ele me ameaça com uma cobrança judicial se não for pago esta tarde, daqui a pouco!

— E daí?

— Daí, é muito simples! Ele vai desapropriar meu imóvel. O primeiro anúncio me arruína, só isso! Ah! Se eu encontrasse alguém para me adiantar essa maldita quantia, ele tomaria o lugar de Vanneroy e eu estaria salvo! Por acaso não a teria?

O vale tinha ficado sobre a mesa de cabeceira, perto de um livro. Frédéric levantou o volume e o colocou em cima do papel, respondendo:

— Meu Deus, não, meu caro amigo!

Mas lhe custava dizer não a Arnoux.

— Como não encontra ninguém que quisesse...?

— Ninguém! E pensar que daqui a oito dias terei dinheiro entrando! Talvez me devam... cinquenta mil francos até o fim do mês!

— Não poderia pedir aos indivíduos que lhe devem que fizessem um adiantamento...

— Ah, bem, sim!

— Mas tem alguns valores, letras?

— Nada!

— Que fazer? — disse Frédéric.

— É o que me pergunto — prosseguiu Arnoux.

Calou-se, e andava pelo quarto de um lado para o outro.

— Não é por mim, meu Deus! Mas por meus filhos, por minha pobre mulher!

Depois, separando cada palavra:

— Enfim... serei forte... Vou empacotar tudo isso... e vou procurar fortuna... não sei onde!

— Isso não! — exclamou Frédéric.

Arnoux retrucou, calmo:

— Como quer que eu viva em Paris, agora?

Fez-se um longo silêncio.

Frédéric começou a dizer:

— Quando devolveria esse dinheiro?

Não que ele o tivesse, pelo contrário! Mas nada o impedia de ver amigos, tomar providências. E chamou o criado, para se vestir. Arnoux lhe agradeceu.

— Precisa de dezoito mil francos, não é?

— Ah! Eu me contentaria perfeitamente com dezesseis mil! Pois bem que conseguiria uns dois mil e quinhentos, três mil, com minha prataria, se Vanneroy, porém, me der até amanhã; e lhe repito, você pode afirmar, jurar ao credor que, daqui a oito dias, talvez até cinco ou seis, o dinheiro será reembolsado. Aliás, a hipoteca responde por ele. Portanto, não há perigo, entende?

Frédéric garantiu que entendia e que ia sair imediatamente.

Ficou em casa, amaldiçoando Deslauriers, pois queria manter sua palavra, mas também servir a Arnoux.

“E se eu me dirigisse ao sr. Dambreuse? Mas com que pretexto pedir dinheiro? Ao contrário, cabe a mim levá-lo, para as suas ações da hulha! Ah! Que ele vá passear com as suas ações! Não lhe devo nada!”

E Frédéric aplaudia a própria independência, como se tivesse recusado um favor ao sr. Dambreuse.

“Bem”, pensou em seguida, “já que sofro uma perda desse lado... pois com quinze mil francos eu poderia ganhar cem mil! Na Bolsa, às vezes se vê isso... Portanto, já que falta a um, não estou livre?... Aliás, que Deslauriers espere! — Não, não, é errado, vamos lá!”

Olhou para o relógio de parede.

“Ah! Não há pressa! O Banco só fecha às cinco horas.”

E às quatro e meia, depois de ter recebido o dinheiro:

“Agora é inútil! Eu não o encontraria; irei à noite!”, dando-se assim a possibilidade de voltar atrás em sua decisão, pois sempre sobra na consciência algo dos sofismas que lá despejamos; a consciência guarda um gostinho disso, como de um licor ruim.

Passeou pelos bulevares e jantou sozinho num restaurante. Depois ouviu um ato no Vaudeville, para se distrair. Mas as cédulas bancárias o atrapalhavam, como se as tivesse roubado. Não teria ficado triste de perdê-las.

Ao voltar para casa, encontrou uma carta contendo estas palavras:

O que há de novo?

Minha mulher junta-se a mim, caro amigo, na esperança etc.

Seu.

E uma rubrica.

“Sua mulher! Ela me suplica!”

No mesmo instante, apareceu Arnoux, para saber se ele havia encontrado a quantia urgente.

— Tome, aqui está! — disse Frédéric.

E, vinte e quatro horas depois, respondeu a Deslauriers:

— Não recebi nada.

O advogado voltou, três dias seguidos. Instava-o a escrever ao tabelião. Até se ofereceu para fazer a viagem ao Havre.

— Não! É inútil! Vou eu!

Terminada a semana, Frédéric pediu timidamente ao sr. Arnoux seus quinze mil francos.

Arnoux adiou para o dia seguinte, depois para dali a dois dias. Frédéric arriscava-se, saía de casa já com noite cerrada, temendo ser flagrado por Deslauriers.

Uma noite, alguém esbarrou nele na esquina da Madeleine. Era Deslauriers.

— Vou buscá-los — ele disse.

E Deslauriers o acompanhou até a porta de uma casa, no Faubourg Poissonnière.

— Espere-me!

Esperou. Por fim, depois de quarenta e três minutos, Frédéric saiu junto com Arnoux e lhe fez sinal para esperar mais um pouco. O negociante de faianças e seu companheiro subiram, de braço dado, a Rue Hauteville, e depois pegaram a Rue de Chabrol.

A noite estava escura, com rajadas de vento morno. Arnoux andava devagar, enquanto falava sobre as Galeries du Commerce: uma série de passagens cobertas que levariam do Boulevard Saint-Denis ao Châtelet, especulação maravilhosa, da qual ele morria de vontade de participar; e

parava de vez em quando, para ver nas vitrines das lojas o rosto das costureirinhas, e depois retomava seu discurso.

Frédéric ouvia os passos de Deslauriers atrás dele, como reprimendas, como golpes batendo na sua consciência. Mas não ousava formular sua reclamação, por uma vergonha culpada, e receando que fosse inútil. O outro se aproximava. Ele se decidiu.

Arnoux, num tom muito distante, disse que, como suas cobranças não tinham ocorrido, atualmente não podia devolver os quinze mil francos.

— Você não está precisando, não é mesmo?

Nesse momento, Deslauriers alcançou Frédéric e o puxou à parte:

— Seja franco, tem os quinze mil francos, sim ou não?

— Pois bem, não! — disse Frédéric —, eu os perdi!

— Ah! E em quê?

— No jogo!

Deslauriers não respondeu nem uma palavra, cumprimentou-o baixinho e foi embora. Arnoux aproveitara a ocasião para acender um charuto numa tabacaria. Voltou, perguntando quem era aquele rapaz.

— Ninguém! Um amigo!

Em seguida, três minutos depois, diante da porta de Rosanette:

— Mas suba — disse Arnoux —, ela ficará contente de vê-lo. Que selvagem você é agora!

Em frente, um lampião o iluminava; e com seu charuto entre os dentes brancos e seu ar feliz, ele tinha algo de intolerável.

— Ah! A propósito, meu tabelião esteve de manhã com o seu, para essa inscrição de hipoteca. Foi minha mulher que me lembrou.

— Uma mulher sensata! — retrucou mecanicamente Frédéric.

— E como!

E Arnoux começou a elogiá-la. Ninguém a igualava em matéria de espírito, coração, economia; acrescentou em voz baixa, revirando os olhos:

— E como corpo de mulher!

— Adeus! — disse Frédéric.

Arnoux fez um gesto.

— Ora essa! Por quê?

E, com a mão meio esticada para ele, o examinou, muito desconcertado com a raiva de seu rosto.

Frédéric retrucou secamente:

— Adeus!

Desceu a Rue de Bréda como uma pedra que rola, furioso com Arnoux, fazendo o juramento de nunca mais revê-lo, nem a ela tampouco, magoado, desconsolado. Em vez da ruptura que esperava, eis que o outro, ao contrário, começava a amá-la, e inteiramente, desde a ponta dos cabelos até o fundo da alma. A vulgaridade daquele homem desesperava Frédéric. Então, tudo pertencia àquele lá! Encontrava-o à porta da cortêsã; e a mortificação de uma ruptura somava-se à raiva de sua impotência. Aliás, a honestidade de Arnoux oferecendo garantias para seu dinheiro o humilhava; gostaria de estrangulá-lo; e por cima da tristeza pairava em sua consciência, como uma bruma, o sentimento de sua covardia diante do amigo. Lágrimas o sufocavam.

Deslauriers descia a Rue des Martyrs, praguejando bem alto de indignação; pois seu projeto, tal como um obelisco destruído, agora lhe parecia de uma altura extraordinária. Considerava-se roubado, como se tivesse sofrido um grande prejuízo. Sua amizade por Frédéric estava morta, o que o alegrava; era uma compensação! Um ódio contra os ricos o invadiu. Decidiu-se pelas posições de Sénécal e prometeu a si mesmo servi-las.

Enquanto isso, Arnoux, comodamente sentado numa bergère ao lado da lareira, sorvia sua xícara de chá com a Marechala no colo.

Frédéric não voltou à casa deles; e para se distrair de sua paixão calamitosa, abraçou o primeiro assunto que se apresentou e resolveu escrever uma *História do Renascimento*. Empilhou sobre a mesa, a esmo, os humanistas, os filósofos e os poetas; ia ao gabinete das estampas ver as gravuras de Marco Antônio; tentava entender Maquiavel. Pouco a pouco, a serenidade do trabalho o acalmou. Ao mergulhar na personalidade dos outros, esqueceu a sua, o que talvez seja a única maneira de não sofrer por causa dela.

Um dia em que tomava notas, tranquilamente, a porta se abriu e o criado anunciou a sra. Arnoux.

Era mesmo ela! Sozinha? Que nada! Pois segurava a mão do pequeno Eugène, seguido pela criada de avental branco. Sentou-se; e, depois de ter tossido:

— Faz muito tempo que não vai à nossa casa.

Como Frédéric não encontrava desculpa, ela acrescentou:

— Foi uma delicadeza de sua parte!

Ele retrucou:

— Que delicadeza?

— O que fez por Arnoux! — ela disse.

Frédéric fez um gesto significando: “Estou pouco ligando! Era por você!”.

Ela mandou a criança brincar com a criada, no salão. Trocaram umas frases sobre a saúde, depois a conversa murchou.

Usava um vestido de seda escura, da cor de um vinho da Espanha, e um casaco de veludo preto, debruado de marta; dava vontade de passar a mão nessa pele, e seus longos bandós, bem lisos, atraíam os lábios. Mas uma emoção a perturbava e, virando os olhos para o lado da porta:

— Está um pouco quente, aqui!

Frédéric adivinhou a intenção prudente de seu olhar.

— Desculpe! Os dois batentes só estão encostados.

— Ah! É verdade!

E ela sorriu, como para dizer: “Não receio nada”.

Ele logo lhe perguntou o que a levava ali.

— Meu marido — ela prosseguiu com esforço — me encarregou de vir aqui, não ousando, ele mesmo, tomar essa providência.

— E por quê?

— Conhece o sr. Dambreuse, não é?

— Sim, um pouco!

— Ah, um pouco.

Calou-se.

— Não importa! Conclua.

Então ela contou que, na antevéspera, Arnoux não conseguira pagar quatro letras de mil francos subscritas à ordem do banqueiro, e nas quais ele a fizera apor sua assinatura. Ela se arrependia de ter comprometido a fortuna dos filhos. Mas tudo era melhor que a desonra; e se o sr. Dambreuse sustasse as diligências, breve lhe pagariam, certamente; pois ela ia vender uma casinha que tinha em Chartres.

— Pobre mulher! — murmurou Frédéric. — Irei! Conte comigo!

— Obrigada!

E levantou-se para ir embora.

— Ah! Não há pressa!

Ela ficou em pé, examinando o troféu de flechas mongóis suspenso no teto, a biblioteca, as encadernações, todos os utensílios para escrever; levantou a bacia de bronze que continha as penas; seus saltos de sapato pisaram diferentes locais do tapete. Tinha ido várias vezes à casa de Frédéric, mas sempre com Arnoux. Agora, estavam a sós — a sós, em sua própria casa; — era um acontecimento extraordinário, quase uma sorte grande.

Ela quis ver seu jardimzinho; ele lhe ofereceu o braço para lhe mostrar seus domínios, trinta pés de terreno, cercado por casas, ornamentado com arbustos nos cantos e um canteiro no meio.

Estavam nos primeiros dias de abril. As folhas dos lilases já verdejavam, um ventinho puro soprava no ar, e passarinhos pipiavam, alternando seu canto com o barulho distante da forja de um carroceiro.

Frédéric foi buscar uma pá de lareira; e enquanto passeavam lado a lado, a criança levantava montes de areia na alameda.

A sra. Arnoux não acreditava que ele teria, mais tarde, uma grande imaginação, mas era de temperamento meigo. Sua irmã, ao contrário, tinha uma sequidão natural que às vezes a magoava.

— Isso vai mudar — disse Frédéric. — Nunca se deve perder a esperança.

Ela replicou:

— Nunca se deve perder a esperança.

Essa repetição mecânica de sua frase lhe pareceu uma espécie de estímulo; colheu uma rosa, a única do jardim.

— Lembra-se... de um certo buquê de rosas, uma noite, na carruagem?

Ela ficou um pouco vermelha; e com ar de compaixão zombeteira:

— Ah, eu era muito jovem!

— E com esta — retomou Frédéric em voz baixa —, acontecerá o mesmo?

Ela respondeu, enquanto fazia girar a haste entre os dedos, como o fio de uma roca:

— Não! Vou guardá-la!

Chamou, com um gesto, a criada, que pegou no colo a criança; depois, na soleira da porta, na rua, a sra. Arnoux aspirou a flor, inclinando a cabeça para o ombro, e com um olhar tão meigo quanto um beijo.

Quando ele tornou a subir para o gabinete, contemplou a poltrona onde ela se sentara e todos os objetos que ela tocara. Algo dela circulava ao seu redor. A carícia de sua presença ainda durava.

“Então ela veio aqui!”, pensou.

E as ondas de uma ternura infinita o submergiram.

No dia seguinte, às onze horas, bateu à porta do sr. Dambreuse. Receberam-no na sala de jantar. O banqueiro almoçava, em frente à mulher. A sobrinha estava ao lado dela, e do outro lado a preceptora, uma inglesa fortemente marcada pela bexiga.

O sr. Dambreuse convidou o jovem amigo a tomar assento no meio deles, e diante de sua recusa:

— Em que lhe posso ser útil? Sou todo ouvidos.

Frédéric confessou, afetando indiferença, que vinha fazer um pedido para um certo Arnoux.

— Ah! Ah! O ex-negociante de quadros — disse o banqueiro, com um riso mudo descobrindo suas gengivas. — Antigamente, Oudry era seu fiador; eles se desentenderam.

E começou a percorrer as cartas e os jornais postos perto dos talheres.

Dois criados serviam, sem fazer barulho no assoalho; e o pé-direito da sala, que tinha três reposteiros de tapeçaria e duas fontes de mármore branco, o polimento dos réchauds, a disposição dos aperitivos, e até as pregas bem passadas dos guardanapos, todo aquele bem-estar luxuoso formava no pensamento de Frédéric um contraste com um outro almoço, na casa de Arnoux. Não ousava interromper o sr. Dambreuse.

A senhora observou seu constrangimento.

— Às vezes vê nosso amigo Martinon?

— Ele virá esta noite — disse prontamente a mocinha.

— Ah! Você sabia disso? — retrucou a tia, encarando-a com um olhar frio.

Depois, um dos mordomos se inclinou em seu ouvido:

— A sua costureira, minha filha!... Miss Johnson!

E a preceptora, obediente, desapareceu com a aluna.

O sr. Dambreuse, perturbado pelo vaivém das cadeiras, perguntou o que estava acontecendo.

— É a sra. Regimbart!

— Veja! Regimbart! Conheço esse nome. Já vi sua assinatura.

Frédéric abordou enfim a questão; Arnoux merecia que se interessassem por ele; ia até mesmo, com o único objetivo de cumprir seus compromissos, vender uma casa de sua mulher.

— Ela tem fama de ser muito bonita — disse a sra. Dambreuse.

O banqueiro acrescentou com ar bondoso:

— É amigo... íntimo deles?

Frédéric, sem responder claramente, disse que lhe ficaria muito grato se ele levasse em consideração...

— Pois bem, já que isso lhe agrada, que seja! Esperaremos! Ainda tenho tempo. E se descêssemos ao meu escritório, vamos?

O almoço terminara; a sra. Dambreuse inclinou-se ligeiramente, enquanto sorria com um riso singular, repleto ao mesmo tempo de cortesia e ironia. Frédéric não teve tempo de refletir, pois o sr. Dambreuse, assim que ficaram sozinhos:

— O senhor não veio buscar as suas ações.

E, sem permitir que ele se desculpasse:

— Bem! Bem! É justo que conheça o negócio um pouco melhor.

Ofereceu-lhe um cigarro e começou.

A União Geral das Hulhas Francesas estava constituída; agora apenas se aguardava o decreto. Só o fato de ter havido a fusão diminuía as despesas de administração e mão de obra, aumentava os lucros. Além do mais, a sociedade visava a uma coisa nova, que era interessar os operários por sua empresa. Ela lhes construiria casas, alojamentos salubres; enfim, constituía-se como fornecedora de seus empregados, entregaria a eles tudo a preço de custo.

— E eles ganharão, cavalheiro: o verdadeiro progresso é isso, é responder vitoriosamente a certas lamúrias republicanas! Temos em nosso conselho (exibiu o prospecto) um par de França, um cientista do Instituto, um oficial superior da arma de engenharia, reformado, nomes conhecidos! Tais elementos tranquilizam os capitais temerosos e convocam os capitais inteligentes! — A Companhia teria para si as encomendas do Estado, depois as ferrovias, a marinha a vapor, os estabelecimentos metalúrgicos, o gás, as cozinhas burguesas. — Assim, nós aquecemos, nós iluminamos, nós penetramos até o lar dos mais humildes casais. Mas como, há de me dizer, poderemos garantir a venda? Graças a direitos protecionistas, meu caro, e os obteremos; isso é conosco! Eu, aliás, sou francamente proibicionista! O país acima de tudo!

Havia sido nomeado diretor; mas faltava-lhe tempo para cuidar de certos detalhes, da redação entre outros.

— Ando um pouco embaralhado com os meus autores, esqueci o meu grego! Eu precisaria de alguém... que pudesse traduzir minhas ideias.

E, de repente:

— Não quer ser esse homem, com o título de secretário-geral?

Frédéric não soube o que responder.

— Bem, o que o impede?

Suas funções se limitariam a escrever, todos os anos, um relatório para os acionistas. Estaria em contato diário com os homens mais respeitados de Paris. Representando a Companhia junto aos operários, ele se faria adorar, naturalmente, o que lhe permitiria, mais tarde, meter-se no Conselho Geral, na deputação.

Os ouvidos de Frédéric zuniam. De onde vinha aquela benevolência? Ele se desfez em agradecimentos.

Mas, disse o banqueiro, ele não deveria depender de ninguém. A melhor maneira era pegar as ações, “investimento fantástico, aliás, pois o seu capital garante a sua posição, assim como a sua posição garante o seu capital”.

— A quanto, aproximadamente, ele deve se elevar? — perguntou Frédéric.

— Meu Deus! O que for de seu agrado; de quarenta a sessenta mil francos, suponho.

Essa quantia era tão ínfima para o sr. Dambreuse, e sua autoridade, tão grande, que o rapaz decidiu imediatamente vender uma granja. Aceitou. O sr. Dambreuse marcaria, um dia desses, um encontro para fecharem os arranjos entre eles.

— Assim, posso dizer a Jacques Arnoux...?

— Tudo o que quiser! Pobre rapaz! Tudo o que quiser!

Frédéric escreveu aos Arnoux que sossegassem, e mandou seu criado entregar a carta, a que responderam:

— Muito bem!

Sua iniciativa, porém, merecia mais. Ele esperava uma visita, ou pelo menos uma carta. Não recebeu visita. Nenhuma carta chegou.

Haveria esquecimento por parte deles ou era de propósito? Já que a sra. Arnoux fora lá uma vez, o que a impediria de voltar? A espécie de subentendido, de confissão que ela lhe fizera era, então, apenas uma manobra executada por interesse? “Estão zombando de mim? Ela é

cúmplice?” Certo pudor, apesar de sua vontade, o impedia de retornar à casa deles.

Certa manhã (três semanas depois de se terem visto), o sr. Dambreuse lhe escreveu dizendo que o esperava naquele dia, dali a uma hora.

A caminho, o pensamento dos Arnoux o assaltou de novo; e, não descobrindo nenhuma razão para o comportamento deles, foi tomado por uma angústia, um pressentimento fúnebre. Para se livrar dele, chamou um cabriolé e foi à Rue Paradis.

Arnoux estava em viagem.

— E a senhora?

— No campo, na fábrica!

— Quando o senhor volta?

— Amanhã, sem falta!

Ele a encontraria sozinha; era o momento. Algo imperioso gritava em sua consciência: “Vá lá!”.

E o sr. Dambreuse? “Pois é, paciência! Direi que estava doente.” Correu até a estação; depois, no vagão: “Estarei errado, talvez? Ah, ora! Pouco importa!”.

À direita e à esquerda estendiam-se planícies verdes; o trem avançava; as casinhas das estações deslizavam como cenários, e a fumaça da locomotiva despejava sempre do mesmo lado seus grandes flocos que dançavam algum tempo sobre a relva e depois se dispersavam.

Sozinho no banco, Frédéric olhava aquilo, entediado, perdido nesse langor causado pelo próprio excesso de impaciência. Guindastes e armazéns apareceram. Era Creil.

A cidade, construída na vertente de duas colinas baixas (a primeira nua e a segunda coroada por um bosque), com a torre da igreja, as casas desiguais e a ponte de pedra, lhe parecia ter algo alegre, discreto e bom. Uma grande embarcação chata descia à flor da água, que marulhava fustigada pelo vento; galinhas, ao pé do calvário, ciscavam na palha; uma mulher passou levando roupa molhada na cabeça.

Depois da ponte, ele se encontrou numa ilha, onde se veem à direita as ruínas de uma abadia. Um moinho girava, barrando em toda a sua extensão o segundo braço do Oise, que se descortina da manufatura. A importância da construção surpreendeu grandemente Frédéric. Sentiu mais respeito por

Arnoux. Três passos adiante, pegou uma ruela, terminada ao fundo por uma grade.

Entrou. A porteira o chamou gritando:

— Tem autorização?

— Para quê?

Frédéric, num tom brutal, disse que ia ver o sr. Arnoux.

— Quem é que é o sr. Arnoux?

— O chefe, o patrão, o proprietário, ora essa!

— Não, senhor, aqui é a fábrica do sr. Leboeuf e do sr. Milliet!

A boa mulher estava brincando, com certeza. Operários chegavam; ele abordou dois ou três; a resposta foi a mesma.

Frédéric saiu do pátio cambaleando como um bêbado; e parecia tão apatetado que, no Pont de la Boucherie, um burguês que estava fumando cachimbo lhe perguntou se procurava alguma coisa. Esse aí conhecia a manufatura de Arnoux. Estava instalada em Montataire.

Frédéric informou-se a respeito de um carro, mas só se encontrava transporte na estação. Voltou para lá. Uma caleche desconjuntada, atrelada a um cavalo velho cujos arreios descosturados pendiam nos varais, estacionava na frente da sala das bagagens, solitária.

Um menino se ofereceu para descobrir “o s. Pilon”. Voltou dez minutos depois; o s. Pilon estava almoçando. Frédéric, não aguentando mais, partiu. A cancela da passagem estava fechada. Foi preciso esperar que dois trens passassem. Finalmente, precipitou-se pelo campo.

A vegetação monótona o fazia parecer um imenso pano de bilhar. Escórias de ferro estavam enfileiradas nas duas beiras da estrada, como marcos de pedra. Um pouco mais longe, chaminés de fábrica fumegavam, umas perto das outras. Na sua frente erguia-se, sobre uma colina redonda, um pequeno castelo com torrinhas, junto ao campanário quadrado de uma igreja. Abaixo, muros longos formavam linhas irregulares entre as árvores; e bem abaixo, estendiam-se as casas do vilarejo.

São casas térreas, com escadas de três degraus, feitas de blocos sem cimento. Ouvia-se, a intervalos, a sineta de um quitandeiro. Passos pesados enfiavam-se na lama preta, e uma chuva fina caía, riscando com mil traços o céu pálido.

Frédéric seguia pelo meio do calçamento; depois encontrou à esquerda, na entrada de um caminho, um grande arco de madeira que exibia em

letras douradas: FAIANÇAS.

Não tinha sido à toa que Jacques Arnoux escolhera a vizinhança de Creil; ao instalar sua manufatura o mais perto possível da outra (oficializada há muito tempo), ele provocava no público uma confusão favorável a seus interesses.

O corpo principal da construção apoiava-se na beira de um rio que cruza o Prado. A casa do patrão, cercada por um jardim, se distinguiu pela escadaria, ornamentada com quatro vasos de onde se erguiam uns cactos. Montes de terra branca secavam debaixo dos galpões; havia outros ao ar livre; e no meio do pátio estava Sénecal, com seu eterno paletó azul forrado de vermelho.

O ex-professor estendeu a mão fria.

— Vem para ver o patrão? Ele não está.

Frédéric, desconcertado, respondeu simplesmente:

— Eu sabia. — Mas, logo se refazendo: — É para um negócio que diz respeito à sra. Arnoux. Ela pode me receber?

— Ah! Faz três dias que não a vejo — disse Sénecal.

E iniciou uma ladainha de queixas. Ao aceitar as condições do fabricante, pensara ficar em Paris, e não se enfiar naquele campo, longe dos amigos, privado de jornais. Pouco importa! Tinha superado isso! Mas Arnoux parecia não dar a menor atenção ao mérito dele. Aliás, era limitado e retrógrado, ignorante como uma mula. Em vez de procurar aperfeiçoamentos artísticos, teria sido melhor introduzir aparelhos de aquecimento de hulha e de gás. O burguês *enterrava-se*: Sénecal acentuou a palavra. Em suma, suas ocupações o desagradavam; e quase intimou Frédéric a interceder em seu favor, para que aumentassem seu salário.

— Fique tranquilo! — disse o outro.

Não encontrou ninguém na escada. No primeiro andar, enfiou a cabeça pela porta de uma sala vazia; era o salão. Chamou, muito alto. Não responderam; provavelmente a cozinheira tinha saído, a empregada também; por fim, chegando ao segundo andar, empurrou uma porta. A sra. Arnoux estava sozinha, diante de um armário com espelho. O cinto de seu penhoar entreaberto caía ao longo dos quadris. Todo um lado de seus cabelos lhe formava uma onda preta sobre o ombro direito; e ela estava com os dois braços levantados, segurando o coque com uma das mãos, enquanto a outra espetava um grampo. Deu um grito e desapareceu.

Depois voltou, vestida corretamente. Sua cintura, seus olhos, o fru-fru de seu vestido, tudo o encantou. Frédéric se continha para não cobri-la de beijos.

— Peço desculpas — disse ela —, mas eu não podia...

Ele teve o atrevimento de interrompê-la:

— No entanto..., estava muito bem... ainda há pouco.

Com certeza ela achou meio grosseiro o cumprimento, pois as maçãs de seu rosto ruborizaram-se. Ele temia tê-la ofendido. Ela retrucou:

— Que bom acaso o traz aqui?

Ele não soube o que responder; e, depois de um risinho que lhe deu tempo de refletir:

— Se eu lhe dissesse, me acreditaria?

— Por que não?

Frédéric contou que tivera, na noite da véspera, um sonho pavoroso:

— Sonhei que a senhora estava gravemente doente, prestes a morrer.

— Oh! Nem eu, nem meu marido nunca ficamos doentes!

— Só sonhei consigo — disse ele.

Ela o olhou, calma.

— Nem sempre os sonhos se realizam.

Frédéric balbuciou, buscou as palavras, e afinal se lançou numa longa frase sobre a afinidade das almas. Existia uma força capaz, através dos espaços, de pôr em contato duas pessoas, avisá-las sobre o que sentem e fazê-las se juntar.

Ela o ouvia, de cabeça baixa, enquanto abria seu belo sorriso. Ele a observava de soslaio, com alegria, e desabafava seu amor mais livremente diante dessa facilidade de um lugar comum. Ela propôs mostrar-lhe a fábrica; e como insistia, ele aceitou.

Para distraí-lo, primeiro, com algo divertido, ela o fez ver a espécie de museu que decorava a escada. Os exemplares presos nas paredes ou colocados sobre pequenas tábuas atestavam os esforços e os entusiasmos sucessivos de Arnoux. Depois de ter procurado o vermelho de cobre dos chineses, ele quisera fazer maiólicas, faenzas, cerâmicas etruscas, orientais, tentara alguns aperfeiçoamentos realizados mais tarde. Assim, notavam-se na série vasos grandes cobertos de mandarins, escudelas de um castanho furta-cor, potes realçados com inscrições árabes, jarros ao gosto do Renascimento, e pratos grandes com dois personagens, que eram como

que desenhados com sanguina, de um jeito gracioso e vaporoso. Agora fabricava letras para tabuletas, rótulos para vinho; mas sua inteligência não era elevada o suficiente para alcançar a arte, tampouco burguesa o suficiente para visar exclusivamente o lucro, tanto assim que, sem contentar a ninguém, arruinava-se. Os dois estavam considerando essas coisas quando a srta. Marthe passou.

— Então você não o reconhece? — perguntou-lhe a mãe.

— Claro que sim! — ela retrucou cumprimentando-o, enquanto com seu olhar límpido e desconfiado, seu olhar de virgem, parecia murmurar: “O que você vem fazer aqui, hein?”, e subiu os degraus com a cabeça meio de banda.

A sra. Arnoux levou Frédéric até o pátio, depois explicou em tom sério como as terras são trituradas, limpas e peneiradas.

— O importante é a preparação das massas.

E o introduziu numa sala repleta de cubas, onde um eixo vertical armado de braços horizontais girava sobre si mesmo. Frédéric se recriminava por não ter, claramente, recusado havia pouco a proposta dela.

— São os amassadores — ela disse.

Ele achou grotesca a palavra, e como que inconveniente em sua boca.

Correias largas pendiam de uma ponta à outra do teto e se enrolavam em tambores, e tudo se mexia de um modo contínuo, matemático, irritante.

Saíram dali e passaram perto de uma cabana em ruína, que outrora servira para guardar os utensílios de jardinagem.

— Ela já não tem utilidade — disse a sra. Arnoux.

Ele retrucou com voz trêmula:

— A felicidade pode caber ali dentro!

A barulheira da bomba a fogo abafou suas palavras, e eles entraram na oficina das moldagens.

Homens sentados a uma mesa estreita pousavam diante de si, sobre um disco girando, uma quantidade de massa; a mão esquerda raspava o interior, a direita acariciava a superfície, e viam-se nascer jarros, como flores que desabrocham.

A sra. Arnoux exibiu os moldes para as peças mais difíceis.

Em outra sala, praticavam-se os filetes, as caneluras e ranhuras, as linhas salientes. No andar de cima, retiravam-se as costuras, e enchiam-se com gesso os buraquinhos que as operações anteriores tinham deixado.

Ao lado das claraboias, nos cantos, no meio dos corredores, por todo lado se enfileiravam as peças de cerâmica.

Frédéric começava a se entediar.

— Talvez isso o canse? — disse ela.

Temendo que tivesse de limitar a visita àquilo, ele fingiu, ao contrário, grande entusiasmo. Até lamentava não ter se dedicado àquela indústria.

Ela pareceu surpresa.

— Com certeza! Eu poderia ter vivido ao seu lado!

E, como ele buscasse seu olhar, a sra. Arnoux, a fim de evitá-lo, pegou em cima de um console bolinhas de massa, vindas dos ajustes mal-acabados, achatou-as numa bolacha e imprimiu sua mão ali em cima.

— Posso levar comigo? — disse Frédéric.

— Você é tão criança, meu Deus!

Ele ia responder, Sénécal entrou.

Já na soleira o senhor subdiretor percebeu uma infração ao regulamento. As oficinas deviam ser varridas toda semana; estavam no sábado, e, como os operários não tinham feito nada, Sénécal lhes declarou que teriam de ficar mais uma hora.

— Azar o de vocês!

Eles se debruçaram sobre as peças, sem murmurar; adivinhava-se a raiva de cada um pela respiração rouca do peito. Eram, aliás, pouco fáceis de ser mandados, tendo sido, todos, expulsos da grande fábrica. O republicano os administrava com pulso firme. Homem de teorias, só considerava as massas, e mostrava-se impiedoso com os indivíduos.

Frédéric, constrangido com a presença do outro, perguntou baixinho à sra. Arnoux se não havia como ver os fornos. Desceram para o térreo; e ela estava explicando o uso das caixinhas quando Sénécal, que os seguira, interpôs-se entre eles.

Continuou, ele mesmo, a demonstração, estendeu-se sobre os diferentes tipos de combustível, o processo de enfiar, os piroscópios, as bocas do forno, os engobos, os lustros e os óxidos metálicos, pródigo nos termos de química, cloreto, sulfureto, bórax, carbonato. Frédéric não entendia nada, e a cada minuto se virava para a sra. Arnoux.

— Você não está escutando — disse ela. — E olhe que o sr. Sénécal é muito claro. Sabe todas essas coisas muito melhor que eu.

O matemático, lisonjeado com esse elogio, propôs mostrar a aplicação das cores. Frédéric interrogou a sra. Arnoux com um olhar ansioso. Ela permaneceu impassível, sem dúvida não querendo nem ficar sozinha com ele nem deixá-lo. Ele lhe ofereceu o braço.

— Não! Muito obrigada! A escada é muito estreita!

E, quando chegaram ao alto, Sénécal abriu a porta de uma sala cheia de mulheres.

Manejavam pincéis, frascos, conchas, placas de vidro. Ao longo da cornija, encostadas na parede, enfileiravam-se tábuas entalhadas; uns pedacinhos de papel fino rodopiavam; e uma estufa de ferro fundido exalava um calor enjoativo que se misturava ao cheiro da terebintina.

Quase todas as operárias vestiam roupas sórdidas. Notava-se uma, no entanto, que usava uma touca fina e brincos compridos. Delgada e ao

mesmo tempo cheinha, tinha grandes olhos pretos e os lábios carnudos de uma negra. Seu peito abundante sobressaía debaixo da blusa, amarrada na cintura pelo cordão da saia; e com um cotovelo na bancada, enquanto o outro caía, ela olhava ao longe, vagamente, para o campo. Ao seu lado havia uma garrafa de vinho e charcutaria.

O regulamento proibia comer nas oficinas, medida de limpeza para o trabalho e de higiene para os trabalhadores.

Sénécal, por sentido do dever ou necessidade de despotismo, exclamou de longe, indicando um cartaz dentro de uma moldura:

— Ei! A senhorita aí, Bordelesa! Leia-me bem alto o artigo 9.

— Está bem, e depois?

— Depois, senhorita? São três francos de multa que pagará!

Ela o encarou, impudente.

— O que é que isso me importa? O patrão, quando voltar, vai tirar a sua multa! Estou pouco ligando para o senhor, meu caro!

Sénécal, que andava com as mãos às costas, como um bedel numa sala de estudos, contentou-se em sorrir.

— Artigo 13, insubordinação, dez francos!

A Bordelesa voltou para o trabalho. A sra. Arnoux, por conveniência, não dizia nada, mas suas sobrancelhas se franziram. Frédéric murmurou:

— Ah! Para um democrata, você é muito duro!

O outro respondeu magistralmente:

— A democracia não é a sem-vergonhice do individualismo. É a posição comum, sob a lei, a divisão do trabalho, a ordem!

— Você esquece a humanidade! — disse Frédéric.

A sra. Arnoux tomou-lhe o braço; Sénécal, talvez ofendido com essa aprovação silenciosa, foi embora.

Frédéric sentiu imenso alívio. Desde a manhã buscava a ocasião de se declarar; ela chegara. O gesto espontâneo da sra. Arnoux lhe parecia conter promessas; e ele pediu, a fim de aquecer os pés, para subir até os seus aposentos. Quando se viu sentado perto dela, seu acanhamento voltou; faltava-lhe o ponto de partida. Felizmente, Sénécal veio-lhe à mente.

— Nada mais idiota — disse ele — do que aquela punição!

A sra. Arnoux retrucou:

— Há severidades indispensáveis.

— Como! A senhora, que é tão boa! Oh! Engano-me! Pois às vezes gosta de fazer sofrer!

— Não compreendo os enigmas, meu amigo.

E seu olhar austero, mais ainda que a palavra, o deteve. Frédéric estava determinado a prosseguir. Um livro de Musset encontrava-se casualmente em cima da cômoda. Ele virou umas páginas, depois começou a falar do amor, de seus desesperos e de seus entusiasmos.

Tudo isso, segundo a sra. Arnoux, era criminoso ou falso.

O jovem sentiu-se ferido por essa negação; e, para combatê-la, citou como prova os suicídios que se veem nos jornais, exaltou os grandes tipos literários, Fedra, Dido, Romeu, Des Grieux. Enrolava-se cada vez mais.

Na lareira, o fogo não ardia, e a chuva fustigava as vidraças. A sra. Arnoux, sem se mexer, permanecia com as duas mãos nos braços da poltrona; as abas de sua touca caíam como as faixas de uma esfinge; seu perfil puro se recortava pálido no meio da sombra.

Ele tinha vontade de se jogar de joelhos na frente dela. Ouviu um estalido no corredor, não ousou.

Aliás, sentia-se impedido por uma espécie de temor religioso. Aquele vestido, confundindo-se com as trevas, lhe parecia desmesurado, infinito, impossível de levantar; e justamente por isso seu desejo redobrava. Mas o medo de fazer demais e de não fazer o suficiente lhe tirava qualquer discernimento.

“Se lhe desagrade”, ele pensava, “que me expulse! Se me quer, que me encoraje!”

Disse suspirando:

— Então não admite que se possa amar... uma mulher?

A sra. Arnoux retrucou:

— Quando é para casar, ele a desposa; quando pertence a outro, afasta-se.

— Então, a felicidade é impossível?

— Não! Mas nunca a encontramos na mentira, nas inquietações e no remorso.

— Pouco importa! Se ela é recompensada por alegrias sublimes!

— A experiência é cara demais!

Ele quis atacá-la pela ironia.

— Então a virtude seria covardia?

– Diga, de preferência, clarividência. Mesmo para aquelas que esqueceriam o dever ou a religião, o simples bom senso pode bastar. O egoísmo cria uma base sólida para a sensatez.

– Ah! Que máximas burguesas as suas!

– Mas não me gabo de ser uma grande senhora!

Nesse momento, o garotinho acorreu.

– Mamãe, vem jantar?

– Sim, daqui a pouco!

Frédéric se levantou; nesse momento Marthe apareceu.

Ele não conseguia se decidir a ir embora; e, com um olhar cheio de súplicas:

– Essas mulheres de que fala são, então, muito insensíveis?

– Não! Mas surdas quando é preciso.

E ela continuava de pé, na soleira do quarto, com os dois filhos a seu lado. Ele se inclinou sem dizer uma palavra. Ela respondeu silenciosamente ao seu cumprimento.

O que sentiu primeiro foi uma estupefação infinita. Essa maneira de fazê-lo entender a inanidade de sua esperança o esmagava. Sentia-se perdido como um homem caído no fundo de um abismo, que sabe que não será socorrido e que deve morrer.

No entanto, andava, mas sem nada enxergar, ao léu; tropeçava nas pedras; enganou-se de caminho. Um barulho de tamancos soou perto de seu ouvido: eram os operários que saíam da fundição. Então reconheceu onde estava.

No horizonte, as lanternas da ferrovia traçavam uma linha de fogo. Chegou quando um trem partia, deixou-se ser empurrado para um vagão e adormeceu.

Uma hora depois, nos bulevares, a alegria de Paris à noite recuou de repente sua viagem para um passado já distante. Quis ser forte, e aliviou o coração rebaixando a sra. Arnoux com epítetos injuriosos:

“É uma imbecil, uma bocó, uma tosca, não pensemos mais nisso!”

Voltando para casa, encontrou no escritório uma carta de oito páginas em papel de filigrana azul e com as iniciais R.A.

Começava com críticas amistosas:

“Que fim você levou, meu caro? Ando entediada.”

A letra era tão abominável que Frédéric ia jogar fora o envelope quando viu, como postscriptum:

“Conto com você amanhã para me levar às corridas.”

Que significava esse convite? Era mais uma brincadeira da Marechala? Mas não se zomba duas vezes do mesmo homem a troco de nada; e, tomado de curiosidade, releu atentamente a carta.

Frédéric distinguiu: “Mal-entendido... ter pego o caminho errado... desilusões... Pobres crianças que somos!... Semelhantes a dois rios que se juntam! Etc.”.

Esse estilo contrastava com a linguagem corrente da cortesã. Que mudança teria, então, ocorrido?

Guardou muito tempo as folhas entre os dedos. Cheiravam a íris; e havia na forma dos caracteres e no espaçamento irregular das linhas como que uma desordem na toailete, que o perturbou.

“Por que eu não iria?”, pensou afinal. “Mas, e se a sra. Arnoux soubesse? Ah, que saiba! Melhor assim! E que fique com ciúme! Isso me vingará!”

IV

A Marechala estava pronta e esperava por ele.

— Muita gentileza sua! — disse ela, encarando-o com seus lindos olhos, meigos e alegres ao mesmo tempo.

Depois de ter dado o nó no chapéu, sentou no sofá e ficou calada.

— Vamos? — disse Frédéric.

Ela olhou para o relógio de pêndulo.

— Ah! Não! Não antes de uma hora e meia — disse como se tivesse se imposto esse limite à sua incerteza.

Finalmente, tendo chegado a hora:

— Muito bem, *andiamo, caro mio!*

E deu um último toque nos bandós, e recomendações a Delphine.

— A senhora volta para jantar?

— Ora, por quê? Jantaremos juntos em algum lugar, no Café Anglais, onde ele quiser!

— Está bem!

Seus cachorrinhos latiam em torno dela.

— Podemos levá-los, não acha?

Frédéric os carregou, ele mesmo, até o carro. Era uma berlinda de aluguel com dois cavalos de posta e um postilhão; ele pusera seu criado no assento traseiro; a Marechala pareceu satisfeita com suas atenções; depois, assim que se sentou, perguntou se ultimamente ele tinha ido à casa de Arnoux.

— Faz um mês que não vou — disse Frédéric.

— Encontrei-o anteontem, e ele até teria vindo hoje. Mas está com problemas de todo tipo, mais um processo, sei lá o quê. Que homem estranho!

— Sim! Muito estranho!

Frédéric acrescentou com ar indiferente:

— A propósito, continua a ver... como é mesmo o nome dele?... Aquele antigo cantor... Delmar?

Ela retrucou, seca:

— Não! Acabou-se.

Portanto, a ruptura entre eles era certa. Frédéric passou a ter esperança.

Desceram a passo o Quartier Bréda; as ruas, por causa do domingo, estavam desertas, e rostos de burgueses apareciam atrás das janelas. O carro pegou um ritmo mais acelerado; ao barulho das rodas os passantes se viravam, o couro da capota arriada brilhava, o criado curvava a cintura, e os dois havaneses, um perto do outro, pareciam dois regalos de arminho, colocados sobre almofadas. Frédéric se deixava levar pelo embalo da suspensão. A Marechala virava a cabeça à direita e à esquerda, sorrindo.

Seu chapéu de palha nacarada tinha um enfeite de renda preta. O capuz de seu albornoz flutuava ao vento; e ela se abrigava do sol debaixo de uma sombrinha de cetim lilás, pontuda no alto como um pagode.

— Que amores de dedinhos! — disse Frédéric, pegando-lhe suavemente a outra mão, a esquerda, enfeitada com uma pulseira de ouro em forma de corrente. — Nossa, que gracinha; de onde vem?

— Ah! Faz muito tempo que a tenho — disse a Marechala.

O rapaz nada objetou a essa resposta hipócrita. Preferia “aproveitar a circunstância”. E, sempre segurando seu punho, encostou os lábios entre a luva e a manga.

— Pare com isso, vão nos ver!

— Ora! O que é que tem de mais?

Depois da Place de la Concorde, pegaram pelo Quai de la Conférence e pelo Quai de Billy, onde se observa um cedro num jardim. Rosanette acreditava que o Líbano ficava na China; ela mesma riu de sua ignorância e pediu a Frédéric para lhe dar aulas de geografia. Depois, deixando à direita o Trocadéro, cruzaram o Pont de Iéna e pararam, por fim, no meio do Champ de Mars, perto de outros carros, já estacionados no hipódromo.

As colinas de relva estavam cobertas de gente do povo. Avistavam-se curiosos no balcão da Escola Militar; e os dois pavilhões externos de pesagem, as duas tribunas dentro do recinto e uma terceira defronte da tribuna do rei, estavam repletos de uma multidão bem-vestida que demonstrava, pelo porte, reverência a esse divertimento ainda novo. O público das corridas, mais especial naquele tempo, tinha um aspecto menos vulgar; era a época das presilhas nas calças, dos coletes de veludo e das luvas brancas. As mulheres, com cores brilhantes, usavam vestidos compridos e, sentadas nos degraus das arquibancadas, pareciam como que grandes canteiros de flores, salpicados de preto, aqui e ali, pelos trajés escuros dos homens. Mas todos os olhares se viravam para o célebre argelino Bou-Maza,²⁷ que se mantinha impassível, entre dois oficiais de estado-maior, numa das tribunas particulares. A do Jockey Club continha exclusivamente senhores sisudos.

Embaixo, os mais entusiastas haviam se posto em frente à pista, protegida por duas linhas de estacas que suportavam cordas; no imenso espaço oval que essa alameda descrevia, vendedores de limonada com alçaçuz agitavam a matraca, outros ofereciam o programa das corridas, outros alardeavam charutos, um vasto zumbido se elevava; os guardas municipais passavam e repassavam; uma sineta, suspensa num poste coberto de algarismos, tilintou. Cinco cavalos apareceram e o público voltou para as tribunas.

Enquanto isso, nuvens espessas afloravam com suas volutas a copa dos olmos, em frente. Rosanette tinha medo de chuva.

— Tenho uns guarda-chuvas grandes — disse Frédéric — e tudo o que é preciso para nos distrairmos — acrescentou levantando o bagageiro, onde havia mantimentos dentro de um cesto.

— Ótimo! Nós nos entendemos!

— E nos entenderemos melhor ainda, não é?

— Pode ser! — ela disse enrubescendo.

Os jóqueis, de casaca de seda, tentavam alinhar os cavalos e os seguravam com as duas mãos. Alguém baixou uma bandeira vermelha. Então, os cinco, inclinando-se sobre as crinas, deram a largada. Primeiro, ficaram apertados numa só massa; esta logo se alongou, se dividiu; o que usava casaca amarela quase caiu no meio da primeira volta; por muito tempo houve uma incerteza entre Filly e Tibi. Depois, Tom Pouce apareceu à frente; mas Clubstick, lá atrás desde a largada, juntou-se a eles e chegou em primeiro lugar, vencendo Sir Charles por dois corpos de vantagem; foi uma surpresa, todos gritaram, as barracas de madeira vibravam de tanta trepidação.

— Estamos nos divertindo! — disse a Marechala. — Eu te amo, meu querido!

Frédéric já não duvidou de sua felicidade; esta última frase de Rosanette a confirmava.

A cem passos dele, num cabriolé milorde, apareceu uma dama. Ela se debruçava para fora da portinhola, depois se recolhia prontamente; isso recomeçou várias vezes, Frédéric não conseguia distinguir seu rosto. Uma suspeita o invadiu, pareceu-lhe que era a sra. Arnoux. Impossível, porém! Por que teria ido lá? Ele desceu do carro, a pretexto de passear pela pesagem.

— Você não está sendo galante! — disse Rosanette.

Ele não deu ouvidos e avançou. Puxada a rédea, o milorde começou a trotar.

No mesmo momento, Frédéric foi agarrado por Cisy.

— Olá, meu caro! Como vai? Hussonnet está ali! Mas está escutando?

Frédéric tentava se soltar para ir ver o milorde. A Marechala lhe fazia sinal para voltar para perto dela. Cisy a avistou e queria a todo custo ir cumprimentá-la.

Desde que terminara o luto por sua avó, ele realizava seu ideal, conseguia *ter estilo*. Colete xadrez, casaca curta, grandes laçarotes bufantes no escarpim e convite preso na fita do chapéu, nada de fato faltava ao que ele mesmo chamava de seu “chique”, um chique anglófilo e mosqueteiro. Começou se queixando do Champ de Mars, turfe execrável, depois falou das corridas de Chantilly e das brincadeiras que faziam por lá, jurou que conseguia beber doze taças de vinho de Champagne durante as doze badaladas de meia-noite, propôs à Marechala que apostassem, afagou

suavemente seus dois cachorrinhos; e com o outro cotovelo encostado na portinhola, continuava a falar bobagens, com o castão da bengalinha na boca, as pernas afastadas, os quadris esticados. Frédéric, ao seu lado, fumava, enquanto tentava descobrir que fim levava o milorde.

Como a sineta tocara, Cisy foi embora, para grande prazer de Rosanette, a quem ele muito amolava, dizia ela.

O segundo páreo não teve nada de especial, o terceiro tampouco, a não ser um homem que foi levado de maca. O quarto, em que oito cavalos disputaram o Prêmio da Cidade, foi mais interessante.

Os espectadores das tribunas tinham subido nos bancos. Os outros, em pé dentro dos carros, acompanhavam segurando binóculos a evolução dos jóqueis; viam-nos correr como manchas vermelhas, amarelas, brancas e azuis por toda a extensão da multidão que rodeava o hipódromo. De longe, a velocidade deles não parecia excessiva; no outro extremo do Champ de Mars, até pareciam ir mais lentamente e só avançar por uma espécie de deslizamento, em que o ventre dos cavalos encostava na terra sem que suas pernas esticadas se dobrassem. Mas, voltando muito depressa, eles cresciam; a passagem deles cortava o vento, o chão tremia, as pedras voavam; o ar, engolfando-se nas jaquetas dos jóqueis, as fazia ondular como velas; com grandes chicotadas eles fustigavam os animais para alcançar o poste, que era o objetivo. Retiravam-se os algarismos, outros eram pendurados; e em meio aos aplausos, o cavalo vitorioso se arrastava até a pesagem, todo coberto de suor, os joelhos retesados, o pescoço baixo, enquanto seu cavaleiro, como que agonizando na sela, ria às gargalhadas.

Uma contestação atrasou a última largada. A multidão, que se entediava, dispersou-se. Grupos de homens conversavam ao pé das tribunas. Os assuntos eram livres; mulheres da sociedade partiram, escandalizadas com a vizinhança das cortesãs.

Havia também celebridades de bailes públicos, atrizes de bulevar; — e não eram as mais belas que recebiam mais homenagens. A velha Georgine Aubert, essa que um autor de vaudeville chamava de Luís XI da prostituição, horripelantemente maquiada e soltando de vez em quando uma espécie de riso que parecia um grunhido, permanecia toda recostada dentro de sua caleche comprida, sob uma palatina de marta como em pleno inverno. A sra. De Remoussot, agora famosa por seu processo, reinava no

assento de um breque, em companhia de americanos; e Thérèse Bachelu, com seu ar de virgem gótica, enchia com seus doze folhos o interior de um *escargot*²⁸ que tinha, no lugar da plataforma de proteção, uma jardineira cheia de rosas. A Marechala ficou com inveja dessas glórias; para que reparassem nela, começou a fazer grandes gestos e a falar muito alto.

Uns cavalheiros a reconheceram, enviaram-lhe cumprimentos. Ela respondia dizendo seus nomes a Frédéric. Todos era viscondes, duques e marqueses; e ele se empavonava, pois todos os olhos expressavam um certo respeito por sua boa sorte.

Cisy não parecia menos feliz na roda de homens maduros que o cercava. Sorriam do alto de suas gravatas, como se caçoando dele; por fim, deu um tapinha na mão do mais velho e avançou em direção da Marechala.

Ela estava comendo, com uma gulodice afetada, uma fatia de foie gras; Frédéric, por obediência, a imitava, segurando no colo uma garrafa de vinho.

O milorde reapareceu, era a sra. Arnoux. Ela ficou extraordinariamente pálida.

— Dê-me champanhe! — disse Rosanette.

E, levantando o mais alto possível sua taça cheia, exclamou:

— Ei, ó ali! As mulheres honestas, a esposa do meu protetor, ó ei!

Risos estouraram ao redor, o milorde desapareceu. Frédéric a puxava pelo vestido, ia se enfurecer. Mas Cisy estava ali, na mesma atitude de há pouco; e com um acréscimo de atrevimento, convidou Rosanette a jantar, naquela mesma noite.

— Impossível! — ela respondeu. — Vamos juntos ao Café Anglais.

Frédéric, como se nada tivesse ouvido, permaneceu mudo; e Cisy se afastou da Marechala, com ar desapontado.

Enquanto ele falava com ela, em pé na portinhola da direita, Hussonnet aparecera pelo lado esquerdo, e, ouvindo a referência ao Café Anglais:

— É um lindo estabelecimento! E se fôssemos lá fazer uma boquinha, hein?

— Como quiserem — disse Frédéric, afundado num canto da berlinda e olhando no horizonte o milorde desaparecer, sentindo que algo irreparável acabava de acontecer e que ele perdera seu grande amor. E a outra estava ali, ao seu lado, o amor alegre e fácil! Mas, cansado, cheio de desejos

contraditórios e já nem mais sabendo o que queria, sentia uma tristeza incomensurável, uma vontade de morrer.

Um grande ruído de passos e vozes o fez levantar a cabeça; as crianças, pulando por cima das cordas da pista, iam olhar as tribunas; estavam indo embora. Caíram pingos de chuva. O vaivém das carruagens aumentou. Hussonnet estava perdido.

— Pois é, melhor assim! — disse Frédéric.

— Preferimos ficar a sós? — retrucou a Marechala, pondo a mão sobre a dele.

Então passou na frente deles, com cintilações de cobre e aço, um esplêndido landau atrelado a quatro cavalos conduzidos à Daumont²⁹ por dois jóqueis com veste de veludo, de franjas douradas. A sra. Dambreuse estava ao lado do marido, Martinon na outra banquetta, em frente; os três pareciam espantados.

“Reconheceram-me!”, pensou Frédéric.

Rosanette quis que parassem, para ver melhor o desfile. A sra. Arnoux podia reaparecer. Ele gritou para o cocheiro:

— Ande! Vá andando! Adiante!

E a berlinada se lançou em direção dos Champs-Élysées, no meio dos outros carros, caleches, *briskas*, *wurts*, tandens, tîlburis, dogcarts, *tapissières* com cortina de couro onde cantavam operários já tocados, *demi-fortunes*³⁰ dirigidas com prudência pelos próprios pais de família. Dentro de vitórias cheias de gente, algum menino, sentado sobre os pés dos outros, deixava as duas pernas penduradas para fora. Em grandes cupês de assento de pano passeavam viúvas ricas que cochilavam, ou um magnífico cavalo veloz passava puxando uma liteira simples e graciosa como a casaca preta de um dândi. Enquanto isso, o temporal apertava. Abriam-se guarda-chuvas, chapéus de sol, impermeáveis; as pessoas gritavam-se de longe: “Bom dia! — Está tudo bem? — Sim! — Não! — Até logo!”, e os rostos se sucediam numa velocidade de sombras chinesas. Frédéric e Rosanette não se falavam, sentindo uma espécie de estupor ao ver perto deles, continuamente, todas aquelas rodas girando.

Por instantes, as filas de carros, muito apressados, paravam ao mesmo tempo em várias linhas. Então, ficavam uns ao lado dos outros e todos se examinavam. Por trás dos painéis com brasões, olhares indiferentes recaíam sobre a multidão; olhos cheios de inveja brilhavam no fundo dos fiacres;

sorrisos de maledicência respondiam aos portes de cabeça orgulhosos; bocas escancaradas expressavam admirações imbecis; e aqui e ali, algum pedestre, no meio da rua, jogava-se para trás num salto, para evitar um cavaleiro que galopava entre os carros, e conseguia sair dali. Depois, tudo recomeçava a se movimentar; os cocheiros largavam as rédeas, baixavam os chicotes; os cavalos, animados, sacudindo as barbelas, espirravam espuma ao redor; e as garupas e os arreios úmidos fumegavam no vapor de água que o sol poente atravessava. Ao passar pelo Arco do Triunfo, o sol alongava até a altura de um homem uma luz avermelhada, que fazia cintilar os eixos das rodas, as maçanetas das portinholas, a ponta dos timões, as argolas das selas; e nos dois lados da grande avenida — verdadeiro rio em que ondulavam as crinas, as roupas, as cabeças humanas — erguiam-se árvores muito reluzentes de chuva, como duas muralhas verdes. O azul do céu, no alto, reaparecendo em certos pontos, tinha delicadezas de cetim.

Então, Frédéric se lembrou dos dias já distantes em que invejava a felicidade inexprimível de estar num daqueles carros, ao lado de uma daquelas mulheres. Possuía essa felicidade, nem por isso era mais feliz.

A chuva cessara. Os passantes, refugiados entre as colunas do Garde-Meubles, iam embora. Na Rue Royale, transeuntes subiam em direção ao bulevar. Defronte do palacete do Ministério das Relações Exteriores, uma fila de curiosos estava parada nos degraus.

Na altura dos Bains-Chinois, como havia buracos no calçamento, a berlinda diminuiu a marcha. Um homem de sobretudo cor de avelã andava na beira da calçada. Um respingo jorrou de baixo das molas e foi parar em suas costas. O homem se virou, furioso. Frédéric empalideceu; reconhecera Deslauriers.

Na porta do Café Anglais, dispensou o carro. Rosanette já havia entrado, enquanto ele pagava o cocheiro.

Encontrou-a na escada, conversando com um senhor. Frédéric pegou seu braço. Mas, no meio do corredor, um segundo senhor a deteve.

— Vá andando — ela disse —, já o encontro!

E ele entrou sozinho na salinha reservada. Pelas duas vidraças abertas via-se gente nas janelas das outras casas, bem defronte. Largos reflexos estremeciam no asfalto que secava, e uma magnólia posta na beira do balcão perfumava a sala. Esse perfume e esse frescor relaxaram seus nervos; afundou-se no divã vermelho, sob o espelho.

A Marechala voltou; e, beijando-o na testa:

— Estamos tristes, meu pobre bebê?

— Talvez! — ele retrucou.

— Você não é o único, ora essa! — O que queria dizer: “Esqueçamos cada um as nossas tristezas para uma felicidade comum!”.

Depois ela colocou uma pétala de flor entre os lábios e a estendeu, para que ele a beijasse. Esse gesto, cheio de graça e de uma meiguice quase lasciva, enterneceu Frédéric.

— Por que me dá desgosto? — ele perguntou, pensando na sra. Arnoux.

— Eu? Desgosto?

E, em pé na frente dele, olhava-o, com os cílios entreabertos e as duas mãos nos ombros.

Toda a sua virtude, todo o seu rancor afundaram numa covardia sem fim.

Ele prosseguiu:

— Já que você não quer me amar! — puxando-a para o seu colo.

Ela se deixava levar; ele enlaçava a sua cintura com os dois braços; o frufu de seu vestido de seda o inflamava.

— Onde eles estão? — disse a voz de Hussonnet no corredor.

A Marechala se levantou abruptamente e foi para o outro extremo da sala reservada, ficando de costas para a porta.

Pediu ostras; sentaram-se à mesa.

Hussonnet não foi nada engraçado. De tanto escrever diariamente sobre temas de todo tipo, ler muitos jornais, ouvir muitas discussões e emitir paradoxos para deslumbrar, acabara perdendo a noção exata das coisas, cegando a si mesmo com seus fracos petardos. As dificuldades de uma vida outrora leviana, mas agora difícil, o mantinham numa agitação perpétua; e sua impotência, que não queria confessar para si mesmo, o tornava rabugento, sarcástico. A propósito de *Ozai*, um balé novo, fez um ataque em regra contra a dança, e a propósito da dança, contra o Opéra; depois, a propósito do Opéra, contra o Italiens, com os italianos substituídos agora por uma trupe de atores espanhóis, “como se não estivéssemos fartos dos Castelas!”. Frédéric ficou chocado em seu amor romântico pela Espanha; e para interromper a conversa, informou-se sobre o Collège de France, do qual acabavam de excluir Edgar Quinet e Mickiewicz.³¹ Mas Hussonnet, admirador de Joseph de Maistre, declarou-se a favor da Autoridade e do Espiritualismo. Duvidava, porém, dos fatos mais bem provados, negava a

história, e contestava as coisas mais positivas, a ponto de exclamar, diante da palavra “geometria”: “Essa geometria é uma piada!”. E tudo isso entremeado de imitações de atores. Sainville era seu modelo predileto.

Essas maluquices eram uma maçada para Frédéric. Num gesto de impaciência, ele agarrou com a bota um dos cachorrinhos debaixo da mesa.

Os dois animais começaram a latir de um modo odioso.

— Você deveria tê-los mandado para casa! — ele disse bruscamente.

Rosanette não confiava em ninguém.

Então, ele se virou para o boêmio.

— Vejamos, Hussonnet, sacrifique-se!

— Ah! Sim, meu filho! Seria muito amável!

Hussonnet foi embora, sem se fazer de rogado.

De que maneira pagavam por sua condescendência! Frédéric não pensou mais nisso. Começava até a se alegrar com aquele *tête-à-tête* quando um garçom entrou.

— Senhora, tem alguém à sua procura!

— Como? De novo?

— Mas eu preciso ir ver! — disse Rosanette.

Ele tinha sede dela, necessidade. Aquele sumiço parecia-lhe uma deslealdade, quase uma grosseria. O que ela queria, afinal? Já não bastava ter ultrajado a sra. Arnoux? Aliás, pior para esta! Agora, odiava todas as mulheres; e lágrimas o sufocavam, pois seu amor não era reconhecido e sua concupiscência era enganada.

A Marechala tornou a entrar, e, apresentando-lhe Cisy:

— Convidei o cavalheiro. Fiz bem, não fiz?

— Como não! Certamente!

Frédéric, com um sorriso de supliciado, fez sinal ao fidalgo para se sentar.

A Marechala começou a percorrer o cardápio, detendo-se nos nomes esquisitos.

— E se comêssemos, por exemplo, um turbante de coelhos à Richelieu e um pudim à D’Orléans?

— Ah! À D’Orléans, não! — exclamou Cisy, que era legitimista e pensou ter dito um gracejo.

— Prefere um linguado à Chambord?

Essa cortesia chocou Frédéric.

A Marechala decidiu-se por um simples turnedô, lagostins, trufas, uma salada de abacaxi, sorvete de baunilha.

— Depois veremos. Por ora é isso. Ah! Estava esquecendo! Traga-me um salaminho! Com alho, não!

E ela chamava o garçom de “jovem”, batia no copo com a faca, jogava no teto o miolo do pão. Quis logo beber o vinho de Bourgogne.

— Não se toma esse vinho desde o início — disse Frédéric.

Segundo o visconde, isso se fazia às vezes.

— Ah, não! Nunca!

— Sim, faz-se, garanto!

— Ah! Está vendo?

O olhar com que ela acompanhou essa frase significava: “Esse aí é um homem rico, escute-o!”.

Enquanto isso, a porta se abria a cada minuto, os garçons se esgoelavam, e num piano infernal, no salão reservado ao lado, alguém martelava uma valsa. Depois, as corridas os levaram a falar de equitação e dos dois sistemas rivais. Cisy estava defendendo Baucher, Frédéric, o conde d’Aure,³² quando Rosanette deu de ombros.

— Chega, meu Deus! Ele conhece melhor isso do que você, ora bolas!

Mordiscava uma romã, com o cotovelo encostado na mesa; as velas do candelabro à sua frente tremiam ao vento; aquela luz branca penetrava em sua pele de tons nacarados, punha um rosado em suas pálpebras, fazia brilhar os globos de seus olhos; o vermelho da fruta se confundia com o púrpura de seus lábios, suas narinas finas latejavam; e toda a sua pessoa tinha algo de insolente, inebriante e sufocante que exasperava Frédéric, e no entanto lhe jogava no coração desejos alucinantes.

Depois ela perguntou, com voz calma, de quem era aquele grande landau com uma libré marrom.

— Da condessa Dambreuse — retrucou Cisy.

— Eles são muito ricos, não são?

— Ah! Riquíssimos!, se bem que a sra. Dambreuse, que é muito simplesmente uma srta. Boutron, filha de um prefeito, tenha uma fortuna medíocre.

O marido, ao contrário, devia amealhar diversas heranças, que Cisy enumerou; frequentava os Dambreuse, conhecia a história deles.

Frédéric, para lhe ser desagradável, teimou em contradizê-lo. Afirmou que a sra. Dambreuse se chamava De Boutron, e certificava sua nobreza.

— Tanto faz! Eu bem que gostaria de ter o carro dela! — disse a Marechala, virando-se para trás na poltrona.

E a manga de seu vestido, escorregando um pouco, deixou à mostra, no pulso esquerdo, uma pulseira ornada de três opalas.

Frédéric a viu.

— Ora essa! Mas...

Os três se olharam e enrubesceram.

A porta se entreabriu discretamente, a aba de um chapéu apareceu, depois o perfil de Hussonnet.

— Desculpem se atrapalho os apaixonados!

Mas parou, espantado de ver Cisy e de que Cisy tivesse tomado o seu lugar.

Trouxeram mais um prato; e como ele estava morto de fome, apanhava ao acaso, entre os restos do jantar, carne num prato, uma fruta na cesta, bebia com uma só mão, servia-se com a outra, enquanto ia contando sua missão. Os dois totós tinham sido entregues. Nada de novo em casa. Ele encontrara a cozinheira com um soldado, história falsa, inventada unicamente para produzir efeito.

A Marechala tirou seu chapéu do cabide. Frédéric se precipitou sobre a campainha, gritando de longe para o garçom:

— Um carro!

— Tenho o meu — disse o visconde.

— Mas, cavalheiro!

— Pois é, cavalheiro!

E encaravam-se nas pupilas, ambos pálidos e com as mãos trêmulas.

Por fim, a Marechala pegou o braço de Cisy e, apontando para o boêmio à mesa:

— Cuide dele, então! Está se engasgando. Eu não gostaria que a dedicação dele pelos meus cãezinhos o matasse!

A porta se fechou.

— E então? — disse Hussonnet.

— E então, o quê?

— Eu pensava...

— O que é que você pensava?

— Você não...?

Completou a frase com um gesto.

— Ei, não! Nunca na vida!

Hussonnet não insistiu mais.

Ao se convidar para jantar, tinha um objetivo. Seu jornal, que já não se chamava *L'Art*, mas *Le Flambar*, com a epígrafe “Artilheiros, aos vossos canhões!”, não prosperava de jeito nenhum, e ele gostaria de transformá-lo numa revista semanal, sozinho, sem a ajuda de Deslauriers. Voltou a falar do antigo projeto e expôs seu novo plano.

Frédéric, talvez não entendendo, respondeu com coisas vagas. Hussonnet apanhou vários charutos em cima da mesa e disse: “Adeus, meu caro”, e desapareceu.

Frédéric pediu a conta. Era longa; e o garçom, com o guardanapo debaixo do braço, esperava seu dinheiro quando um outro, um indivíduo pálido que parecia Martinon, veio lhe dizer:

— Peça desculpas, no balcão esqueceram de incluir o fiacre.

— Que fiacre?

— O que esse senhor pegou há pouco, para os cachorrinhos.

E o rosto do garçom alongou-se, como se estivesse com pena do pobre rapaz. Frédéric teve vontade de lhe dar um tabefe. Deixou de gorjeta os vinte francos do troco.

— Obrigado, meu senhor! — disse o homem do guardanapo, com uma grande reverência.

Frédéric passou o dia seguinte ruminando sua raiva e sua humilhação. Criticava-se por não ter esbofeteado Cisy. Quanto à Marechala, jurou nunca mais revê-la; outras igualmente belas não faltariam; e já que precisava de dinheiro para possuir essas mulheres, jogaria na Bolsa o preço de sua granja, ficaria rico, esmagaria com seu luxo a Marechala e todo mundo. Quando anoiteceu, espantou-se de não ter pensado na sra. Arnoux.

“Melhor assim! Para quê?”

Dois dias depois, já às oito horas, Pellerin foi visitá-lo. Começou por elogios sobre o mobiliário, afagos. Depois, bruscamente:

— Você estava nas corridas, domingo?

— Sim, infelizmente!

Então o pintor discursou contra a anatomia dos cavalos ingleses, elogiou os cavalos de Géricault, os cavalos do Partenon.

— Rosanette estava com você? — E pôs-se a enaltecê-la, com muito jeito.

A frieza de Frédéric o desconcertou. Ele não sabia como chegar ao retrato.

Sua primeira intenção tinha sido fazer um Ticiano. Mas aos poucos a coloração variada de seu modelo o seduzira; e trabalhara de verdade, acumulando pasta sobre pasta e luz sobre luz. Primeiro, Rosanette ficou encantada; seus encontros com Delmar tinham interrompido as sessões e deixado a Pellerin todo o tempo de se maravilhar. Depois, quando a admiração arrefeceu, ele se perguntara se à sua pintura não faltara grandeza. Fora rever os Ticianos, compreendera a distância, reconhecera seu erro; e começara a repassar os contornos, simplesmente. Em seguida, procurara, ao atenuá-los, diluir e misturar os tons da cabeça e do fundo; e o rosto tomara consistência, as sombras tomaram vigor; tudo parecia mais firme. Por fim, a Marechala retornara. E até se permitira fazer objeções; o artista, naturalmente, havia perseverado. Depois de grandes furores contra a idiotice dela, pensara que ela pudesse ter razão. Então iniciara-se a era das dúvidas, espasmos do pensamento que provocam câimbras no estômago, as insônias, a febre, a repugnância por si mesmo; tivera a coragem de fazer retoques, mas sem o coração e sentindo que seu trabalho estava ruim.

Só se queixou de ter sido recusado no Salão, e depois criticou Frédéric por não ter ido ver o retrato da Marechala.

— Estou pouco ligando para a Marechala!

Uma declaração dessa o encorajou.

— Pensa que essa estúpida não quer mais saber do retrato, agora?

O que ele não dizia é que exigira dela mil escudos. Ora, a Marechala pouco se preocupara em saber quem pagaria, e, preferindo tirar de Arnoux coisas mais urgentes, nem sequer tinha lhe falado disso.

— Pois bem, e Arnoux? — disse Frédéric.

Ela o jogara para cima do pintor. O ex-negociante de quadros não tinha o que fazer com aquele retrato.

— Ele afirma que isso cabe a Rosanette.

— De fato, cabe a ela.

— Como? Foi ela que me mandou vir vê-lo! — retrucou Pellerin.

Se ele tivesse acreditado na excelência da obra, talvez não tivesse pensado em explorá-la. Mas uma quantia (e uma quantia considerável) seria um

desmentido à crítica, uma reafirmação de si mesmo. Frédéric, para se livrar dele, indagou as condições, cortesmente.

A extravagância da quantia o revoltou, e respondeu:

— Não! Ah, não!

— Mas você é amante dela, foi você que me fez a encomenda!

— Eu fui o intermediário, permita-me!

— Mas não posso ficar com isso nos braços!

O artista se exaltava.

— Ah! Não pensei que você fosse tão ambicioso!

— Nem você tão avaro! Seu criado, a seu dispor!

Ele acabava de sair quando Sénécal apareceu.

Frédéric, perturbado, teve um gesto de inquietação.

— O que há?

Sénécal contou sua história.

— No sábado, pelas nove horas, a sra. Arnoux recebeu uma carta que a chamava a Paris; como ninguém, por acaso, estava lá para ir a Creil buscar um carro, ela quis que eu mesmo fosse. Recusei, pois isso não faz parte das minhas funções. Ela foi embora e voltou domingo à noite. Ontem de manhã, Arnoux dá as caras na fábrica. A Bordelesa se queixou. Não sei o que se passa entre eles, mas ele retirou a multa, na frente de todo mundo. Trocamos palavras fortes. Em suma, ele me apresentou as contas, e aqui estou!

Depois, acentuando as palavras:

— Aliás, não me arrependo, cumpri meu dever. Pouco importa, foi por sua causa.

— Como? — exclamou Frédéric, temendo que Sénécal tivesse adivinhado algo.

Sénécal não tinha adivinhado nada, pois prosseguiu:

— Quero dizer que, sem você, eu talvez tivesse encontrado algo melhor.

Frédéric foi tomado por um certo remorso.

— Em que posso lhe ser útil, agora?

Sénécal pedia um emprego qualquer, uma colocação.

— Isso é fácil para você. Conhece tanta gente, o sr. Dambreuse entre outros, pelo que Deslauriers me disse.

Essa lembrança de Deslauriers foi desagradável para o amigo. Ele não se preocupara em voltar à casa dos Dambreuse, desde o encontro no Champ

de Mars.

— Não sou suficientemente íntimo da casa para recomendar alguém.

O democrata engoliu estoicamente essa recusa, e depois de um minuto de silêncio:

— Tudo isso, tenho certeza, vem da Bordelesa e também da sua sra. Arnoux.

Esse *sua* tirou do coração de Frédéric o pouco de boa vontade que tinha com ele. Por delicadeza, porém, alcançou a chave da escrivaninha.

Sénécal se antecipou.

— Obrigado!

Depois, esquecendo suas misérias, falou das coisas da pátria, das Legiões de Honra prodigalizadas na festa do Rei, de uma mudança de gabinete, dos casos Drouillard e Bénier,³³ escândalos da época, discursou contra os burgueses e previu uma revolução.

Um punhal japonês pendurado na parede deteve seu olhar. Pegou-o, manejou o cabo e depois o jogou sobre o sofá, com ar de desdém.

— Bem, adeus! Preciso ir a Notre-Dame-de-Lorette.

— Ora! Por quê?

— Hoje é o serviço religioso pelo aniversário de Godefroy Cavaignac.³⁴ Esse aí morreu no trabalho! Mas nem tudo está acabado... Quem sabe?

E Sénécal estendeu a mão, grave.

— Talvez nunca mais nos vejamos! Adeus!

Esse adeus, repetido duas vezes, seu cenho franzido ao contemplar o punhal, sua resignação e o ar solene, sobretudo, deram o que pensar a Frédéric, que logo não pensou mais nisso.

Na mesma semana, seu tabelião do Havre lhe enviou a venda da granja, cento e setenta e quatro mil francos. Ele a dividiu em duas partes, investiu a primeira no Estado, e foi levar a segunda a um agente de câmbio para jogá-la na Bolsa.

Comia nos bares da moda, frequentava os teatros e tentava se distrair, quando Hussonnet lhe escreveu uma carta, em que narrava alegremente que a Marechala, já no dia seguinte às corridas, despachara Cisy. Frédéric ficou feliz, sem tentar saber por que o boêmio lhe informava essa aventura.

Quis o acaso que ele encontrasse Cisy, três dias depois. O fidalgo mostrou presença de espírito e o convidou para jantar na quarta-feira seguinte.

Frédéric, na manhã desse dia, recebeu uma notificação de um oficial de justiça: o sr. Charles-Jean-Baptiste Oudry lhe comunicava que, nos termos de um julgamento do tribunal, ele se apresentara como comprador de uma propriedade situada em Belleville, pertencente ao sr. Jacques Arnoux, e que ele estava pronto para pagar os duzentos e vinte e três mil francos, montante do preço da venda. Mas resultava do mesmo ato que, como a soma das hipotecas que gravavam o imóvel ultrapassava o preço de aquisição, o crédito de Frédéric estava completamente perdido.

Todo o mal vinha de não ter renovado a tempo uma inscrição hipotecária. Arnoux se encarregara dessa providência, e em seguida a esquecera. Frédéric exaltou-se com ele, e quando a raiva passou:

“Pois é, e depois... o quê? Se isso pode salvá-lo, melhor assim! Não morrerei por isso! Não pensemos mais no assunto!”

Mas, remexendo na papelada sobre a mesa, encontrou a carta de Hussonnet, e caiu no postscriptum em que não tinha reparado da primeira vez. O boêmio pedia cinco mil francos exatos para dar a partida ao negócio do jornal.

“Ah! Esse aí me enche a paciência!”

E recusou brutalmente num bilhete lacônico. Depois, vestiu-se para ir ao Maison d’Or.

Cisy apresentou seus convidados, começando pelo mais respeitável, um senhor gordo de cabelos brancos:

— O marquês Gilbert des Aulnays, meu padrinho. O sr. Anselme de Forchambeaux — disse em seguida (era um jovem louro e franzino, já calvo); depois, designando um quarentão de jeito simples: — Joseph Boffreu, meu primo; e aqui está meu antigo professor, o sr. Vezou (personagem meio carroceiro, meio seminarista, com grandes suíças e uma casaca comprida, abotoada embaixo por um só botão, de maneira a formar um xale no peito).

Cisy ainda esperava alguém, o barão de Comaing, “que talvez venha, não é certo”. Saía a cada minuto, parecia aflito; por fim, às oito horas passaram para uma sala magnificamente iluminada e espaçosa demais para o número de convivas. Cisy a escolhera de propósito, pela pompa.

Um centro de mesa de vermeil, cheio de flores e frutas, ocupava o meio da mesa, coberta de pratos de prata, de acordo com a velha moda francesa; pratinhos, com salgados e temperos, formavam uma moldura ao redor;

jarras de vinho rosado gelado eram vistas a distâncias regulares; cinco copos de diferentes alturas estavam alinhados diante de cada prato, junto com coisas cujo uso se desconhecia, mil engenhosos utensílios para se servir; — e havia, só para o primeiro serviço: um embutido de esturjão regado com champanhe, um presunto de York ao tokai, tordos gratinados, codornas assadas, um folheado com béchamel, um ensopado de perdizes vermelhas, e, nos dois extremos de tudo isso, palitinhos de batata trufada. Um lustre e girândolas iluminavam o aposento, forrado de adamascado vermelho. Quatro criados de casaca preta mantinham-se atrás das poltronas de marroquim. Diante desse espetáculo, os convivas exclamaram surpresos, sobretudo o preceptor.

— Nosso anfitrião, palavra de honra, fez verdadeiras loucuras! É lindo demais!

— Isso? — disse o visconde de Cisy —, que nada!

E, desde a primeira colherada:

— Pois bem! Meu velho Des Aulnays, acaso esteve no Palais-Royal para ver *Père et Portier*?

— Você bem sabe que não tenho tempo! — retrucou o marquês.

Suas manhãs eram ocupadas por um curso de arboricultura, suas noites, pelo Cercle Agricole, e todas as tardes por estudos nas fábricas de instrumentos aratórios. Morando em Saintonge três quartos do ano, aproveitava as viagens à capital para se instruir; e seu chapéu de abas largas, posto sobre um console, estava cheio de livros.

Mas Cisy, dando-se conta de que o sr. de Forchambeaux recusava o vinho:

— Beba, ora essa! Não está muito valente para seu último jantar de solteiro!

Diante dessa frase, todos se inclinaram e o congratularam.

— E a jovem pessoa — disse o preceptor — é encantadora, tenho certeza!

— Meu Deus! — exclamou Cisy. — Pouco importa, ele se engana; o casamento é algo tão idiota!

— Você fala levianamente, meu amigo — respondeu o sr. Des Aulnays, enquanto uma lágrima rolava de seus olhos ao se lembrar da falecida.

E Forchambeaux repetiu várias vezes seguidas, debochando:

— Você também vai chegar lá, vai chegar lá!

Cisy protestou. Preferia se divertir, “ser Regência”. Queria aprender a savate, para visitar as espeluncas da Cité, como o príncipe Rodolphe de *Os mistérios de Paris*; tirou do bolso um cachimbo bem curto, maltratou os criados, bebeu excessivamente; e para dar de si mesmo uma boa opinião, falou mal de todos os pratos. Até as trufas ele mandou de volta, e o preceptor, que se deliciava com elas, disse por baixeza:

— Isto não vale os ovos nevados da senhora sua avó!

Depois, recomeçou a conversar com seu vizinho, o agrônomo, que atribuía à permanência no campo muitas vantagens, quando nada para poder criar suas filhas com gostos simples. O preceptor aplaudia essas ideias e o bajulava, supondo que ele tinha influência sobre seu aluno, de quem desejava, discretamente, ser o administrador de negócios.

Frédéric viera cheio de mau humor com Cisy; a tolice do outro o desarmara. Mas seus gestos, seu rosto, toda a sua pessoa lhe lembrava o jantar do Café Anglais e o agastava cada vez mais; e escutava as observações indelicadas feitas à meia-voz pelo primo Joseph, um bravo rapaz sem fortuna, amante da caça, e bolsista. Cisy, para fazer graça, o chamou de “ladrão” várias vezes; depois, de repente:

— Ah! O barão!

Então entrou um rapagão de trinta anos, que tinha algo rude na fisionomia, flexível nos membros, com o chapéu cobrindo a orelha e uma flor na lapela. Era o ideal do visconde. Cisy estava encantado de tê-lo como conviva; e como sua presença o excitava, até tentou um trocadilho, pois disse, quando passava um galo silvestre:

— Aí está o melhor dos caracteres de La Bruyère!³⁵

Em seguida, dirigiu ao sr. de Comaing uma série de perguntas sobre pessoas desconhecidas da sociedade; e depois, como que tendo uma ideia:

— Mas me diga! Pensou em mim?

O outro deu de ombros.

— Você não tem idade, meu filho! Impossível!

Cisy lhe pedira para ser admitido no seu clube. Mas o barão, certamente tendo pena de seu amor-próprio:

— Ah! Estava esquecendo! Mil felicitações pela sua aposta, meu caro!

— Que aposta?

— A que fez, nas corridas, de ir naquela mesma noite à casa daquela dama.

Frédéric teve a sensação de receber uma chicotada. Logo se acalmou, diante do semblante desconcertado de Cisy.

De fato, já no dia seguinte a Marechala estava arrependida, quando Arnoux, seu primeiro amante, seu homem, aparecera naquele mesmo dia. Os dois tinham dado a entender ao visconde que ele “incomodava”, e o puseram para fora, sem cerimônia.

Ele fez cara de quem não ouviu. O barão acrescentou:

— Que fim levou, essa brava Rose?... Continua a ter belas pernas? — provando com essas palavras que a conhecia intimamente.

Frédéric ficou contrariado com a descoberta.

— Não há por que enrubescer — prosseguiu o barão —, é um bom negócio!

Cisy estalou a língua.

— Humm! Não tão bom assim!

— Ah!

— Meu Deus, sim! Primeiro, não vejo nela nada de extraordinário, e depois apanham-se parecidas tantas quanto se quiser, pois afinal... ela está à venda!

— Não para todo mundo! — respondeu Frédéric, azedo.

— Ele se acha diferente dos outros! — retrucou Cisy —, só rindo!

E um riso percorreu a sala.

Frédéric sentia os batimentos do coração o sufocar. Engoliu dois copos de água, um depois do outro.

Mas o barão guardara boa lembrança de Rosanette.

— Ela ainda está com um certo Arnoux?

— Não sei de nada — disse Cisy. — Não conheço esse senhor!

Ele afirmou, porém, que era um tipo meio vigarista.

— Um momento! — exclamou Frédéric.

— Mas a coisa é certa! Teve até mesmo um processo.

— Não é verdade!

Frédéric se pôs a defender Arnoux. Garantia sua probidade, acabava por acreditar nela, inventava números, provas. O visconde, cheio de rancor, e que aliás estava alto, insistiu em suas asserções, tanto assim que Frédéric lhe disse, grave:

— É para me ofender, cavalheiro?

E olhou para ele, com pupilas ardentes como seu charuto.

— Oh! De jeito nenhum! Até lhe concedo que ele tem algo muito bom: sua mulher.

— Conhece-a?

Cisy, que se levantara, repetiu balbuciando:

— Nossa! Sophie Arnoux, todo mundo conhece essa aí!³⁶

— O que está dizendo?

Cisy, que se levantara, repetiu balbuciando:

— Todo mundo conhece essa aí!

— Cale-se! Ela não é como essas que você frequenta!

— Das quais tenho muito orgulho!

Frédéric lhe atirou o prato na cara.

O prato passou como um raio por cima da mesa, derrubou duas garrafas, demoliu uma compoteira e, espatifando-se em três pedaços no centro de mesa, bateu no ventre do visconde.

Todos se levantaram para segurá-lo. Ele se debatia, gritando, invadido por uma espécie de frenesi; o sr. Des Aulnays repetia:

— Acalme-se! Vejamos, meu filho!

— Mas é medonho! — vociferava o preceptor.

Forchambeaux, lívido como neve, tremia; Joseph ria às gargalhadas; os garçons enxugavam o vinho, recolhiam os cacos no chão; e o barão foi fechar a janela, pois aquela barulheira, apesar do ruído dos carros, poderia ser ouvida no bulevar.

Como todos eles, no momento em que o prato foi jogado, falavam ao mesmo tempo, foi impossível descobrir a razão daquela ofensa, se era por causa de Arnoux, da sra. Arnoux, de Rosanette ou de outra pessoa. O que havia de certo era a brutalidade inqualificável de Frédéric; positivamente, ele se recusou a manifestar o menor arrependimento.

O sr. Des Aulnays tentava serená-lo, o primo Joseph, o preceptor, o próprio Forchambeaux. O barão, enquanto isso, reconfortava Cisy, que, cedendo a uma fraqueza nervosa, se debulhava em lágrimas. Frédéric, ao contrário, se irritava mais e mais; e teriam ficado ali até raiar o dia se o barão não tivesse dito, para terminar a história:

— O visconde, cavalheiro, enviará amanhã à sua casa as testemunhas dele.

— A que horas?

— Ao meio-dia, por favor.

— Perfeitamente, senhor.

Na rua, Frédéric respirou a plenos pulmões. Fazia muito tempo que sufocava o coração. Acabava de soltá-lo, enfim; sentia como um orgulho de virilidade, uma superabundância de forças íntimas que o inebriavam. Precisava de duas testemunhas. A primeira em quem pensou foi Regimbart; e dirigiu-se imediatamente a um botequim da Rue Saint-Denis. A porta estava fechada. Mas havia luz brilhando numa vidraça, no alto da porta, que se abriu, e ele entrou curvando-se bastante sob a marquise.

Uma vela na beira do balcão iluminava a sala deserta. Todos os banquinhos, de pés para cima, estavam postos sobre as mesas. O dono e a dona, com o filho, ceavam no canto perto da cozinha — e Regimbart, de chapéu na cabeça, dividia com eles a refeição, e até atrapalhava o garoto, que era obrigado, a cada garfada, a se virar um pouco de banda. Frédéric, depois de lhe contar por alto a coisa, pediu sua assistência. O Cidadão começou por nada responder; revirava os olhos, tinha ares de refletir, deu várias voltas pela sala e disse afinal:

— Sim, de bom grado!

E um sorriso homicida o relaxou ao saber que o adversário era um nobre.

— Vamos fazê-lo marchar a toque de caixa, fique tranquilo! Primeiro... com a espada...

— Mas talvez — objetou Frédéric — eu não tenha direito...

— Estou lhe dizendo que tem de pegar a espada! — retrucou brutalmente o Cidadão. — Sabe atirar?

— Um pouco.

— Ah! Um pouco! Eles são todos assim, todos! E têm a fúria de rivalizar entre si! Uma sala de armas, o que é que isso prova? Escute: mantenha-se bem à distância, fechando-se sempre em círculos, e recue! Recue! É permitido. Canse-o! Depois jogue-se para cima dele, com vontade! E, sobretudo, nada de truques, nada de golpes à La Fougère!³⁷ Não! Faça uns simples um-dois, e separar. Assim, está vendo?, torcendo o pulso como para abrir uma fechadura. — S. Vauthier, me dê a sua bengala. Ah! Basta isso.

Pegou a varinha que servia para acender o gás, curvou o braço esquerdo, dobrou o direito e começou a dar estocadas na parede. Batia com o pé, animava-se, até fingia encontrar dificuldades, enquanto gritava: “Você está aí? Está aí?”, e sua silhueta enorme se projetava na parede, com seu chapéu que parecia tocar o teto. De vez em quando, o dono do bar dizia: “Bravo!

Muito bem!”. Sua esposa também o admirava, embora emocionada; e Théodore, um antigo soldado, ficava imóvel de espanto; era, aliás, fã do sr. Regimbart.

No dia seguinte cedo Frédéric correu à loja de Dussardier. Depois de uma série de salas, todas repletas de tecidos expostos nas prateleiras, ou estendidos na diagonal sobre as mesas, enquanto aqui e ali cabides de madeira exibiam os xales, ele o avistou numa espécie de gaiola de grade, no meio dos registros, e escrevendo em pé sobre uma escrivaninha. O bravo rapaz largou imediatamente o trabalho.

As testemunhas chegaram antes do meio-dia. Frédéric achou que era de bom-tom não assistir à conferência.

O barão e o sr. Joseph declararam que se contentariam com simples desculpas. Mas Regimbart, tendo como princípio jamais ceder, e insistindo em defender a honra de Arnoux (Frédéric não tinha lhe falado de outra coisa), pediu que o visconde apresentasse suas desculpas. O sr. de Comaing ficou revoltado com o atrevimento. O Cidadão não quis dar o braço a torcer. Como qualquer conciliação se tornava impossível, eles se enfrentariam.

Outras dificuldades surgiram; pois a escolha das armas, legalmente, cabia a Cisy, o ofendido. Mas Regimbart afirmou que, pelo envio da carta de desafio, ele se constituía em ofensor. Suas testemunhas disseram, aos gritos, que uma bofetada, porém, era a mais cruel das ofensas. O Cidadão discorreu sobre as palavras, pois um safanão não era uma bofetada. Por fim, decidiram que sondariam uns militares; e as quatro testemunhas saíram, para ir consultar oficiais num quartel qualquer.

Pararam no do Quai d’Orsay, e o sr. de Comaing, depois de abordar dois capitães, lhes expôs a contestação.

Os capitães não entenderam rigorosamente nada, de tão embrulhada era a coisa devido às frases incidentes do Cidadão. Em suma, aconselharam aqueles cavalheiros a escrever uma ata; depois do quê, decidiriam. Então, transportaram-se para um café; e para fazer as coisas mais discretamente, até designaram Cisy por um H e Frédéric por um K.

Depois voltaram ao quartel. Os oficiais tinham saído. Reapareceram e declararam que, evidentemente, a escolha das armas cabia ao sr. H. Todos retornaram à casa de Cisy. Regimbart e Dussardier ficaram na calçada.

O visconde, ao saber da solução, ficou tão perturbado, que os fez repeti-la várias vezes; e quando o sr. de Comaing chegou às reivindicações de Regimbart, murmurou “no entanto”, não estando longe, por si mesmo, de obtemperar. Depois deixou-se cair numa poltrona e declarou que não duelaria.

— Hein? Como? — disse o barão.

Então Cisy abandonou-se a um fluxo labial desordenado. Queria bater-se com bacamarte, à queima-roupa, com uma só pistola.

— Ou então poremos arsênico num copo, que será sorteado. Isso se faz de vez em quando; eu li!

O barão, naturalmente pouco paciente, tratou-o com rudeza.

— Esses senhores esperam a sua resposta. Pensando bem, é indecente! O que é que prefere? Vejamos! É a espada?

O visconde replicou “sim” com um aceno de cabeça; e o encontro foi marcado para o dia seguinte, na Porte Maillot, às sete horas em ponto.

Dussardier era obrigado a voltar para os seus afazeres, Regimbart ia avisar Frédéric.

Tinham-no deixado o dia todo sem notícias; sua impaciência se tornara intolerável.

— Melhor assim! — ele exclamou.

O Cidadão ficou satisfeito com a sua atitude.

— Exigiram de nós desculpas, acredita? Não era nada, uma simples palavra! Mas os mandei lindamente passear! Como devia, não é mesmo?

— Com certeza — disse Frédéric, enquanto pensava que teria sido preferível escolher outra testemunha.

Depois, quando ficou sozinho, repetiu-se bem alto, várias vezes:

“Vou duelar. Caramba, vou duelar! É estranho!”

E quando andava pelo quarto, passando diante do espelho deu-se conta de que estava pálido.

“Será que terei medo?”

Uma angústia abominável o agarrou diante da ideia de ter medo no local.

“Se, porém, eu fosse morto? Meu pai morreu da mesma maneira. Sim, serei morto!”

E de repente, avistou a mãe, de vestido preto; imagens incoerentes se sucederam em sua cabeça. Sua própria covardia o desesperou. Foi tomado por um paroxismo de bravura, por uma sede sanguinária. Um batalhão não

o teria feito recuar. Amainada essa febre, sentiu-se, com alegria, inabalável. Para se distrair foi ao Opéra, onde apresentavam um balé. Escutou a música, viu de monóculo as bailarinas, e bebeu uma taça de ponche, no intervalo. Mas ao voltar para casa, a visão de seu gabinete, de seus móveis, onde talvez se encontrasse pela última vez, causou-lhe uma fraqueza.

Desceu até o jardim. As estrelas brilhavam; contemplou-as. A ideia de duelar por uma mulher o engrandecia a seus olhos, o enobrecia. Depois, foi dormir em paz.

O mesmo não aconteceu com Cisy. Depois da partida do barão, Joseph tentara levantar seu moral, e como o visconde continuasse frio:

— No entanto, meu bravo, se prefere parar por aqui, irei dizer a ele.

Cisy não ousou responder “certamente”, mas não gostou de seu primo não ter lhe prestado esse favor sem falar nada.

Desejou que Frédéric, durante a noite, morresse de um ataque de apoplexia, ou que surgisse um motim e no dia seguinte houvesse barricadas suficientes para fechar todas as entradas do Bois de Boulogne, ou que um acontecimento impedisse uma das testemunhas de ir; pois o duelo, na falta de testemunhas, não se realizaria. Tinha vontade de fugir num trem expresso para qualquer lugar. Lamentou não saber medicina para tomar alguma coisa que, sem arriscar seus dias, faria acreditar em sua morte. Chegou a desejar estar gravemente doente.

A fim de ter um conselho, um auxílio, mandou buscar o sr. Des Aulnays. O excelente homem tinha retornado para Saintonge, depois de um telegrama que lhe informara sobre a indisposição de uma de suas filhas. Isso pareceu de mau augúrio para Cisy. Felizmente o sr. Vezou, seu preceptor, foi vê-lo. Então ele desabafou.

— Como fazer, meu Deus! Como fazer?

— Eu, em seu lugar, senhor conde, pagaria a um fortão do mercado para lhe dar uma surra.

— Ele sempre saberá quem é o mandante! — retrucou Cisy.

E de vez em quando, dava um gemido; depois:

— Mas será que temos o direito de nos bater em duelo?

— É um vestígio de barbárie! Que se há de fazer!

Por condescendência, o pedagogo convidou-se para jantar. Seu aluno não comeu nada, e, depois da refeição, sentiu necessidade de dar uma volta.

Disse ao passar diante de uma igreja:

— E se entrássemos um pouco... para ver?

O sr. Vezou não queria outra coisa, e até mesmo lhe apresentou a água benta.

Era o mês de Maria, flores cobriam o altar, vozes cantavam, o órgão ecoava. Mas para ele foi impossível rezar, as pompas da religião lhe inspiravam ideias de funerais; ouvia como zumbidos o *De profundis*.

— Vamos embora! Não me sinto bem!

Dedicaram toda a noite a jogar cartas. O visconde esforçou-se para perder, a fim de conjurar a má sorte, e disso o sr. Vezou se aproveitou. Por fim, de manhãzinha, Cisy, que não aguentava mais, desabou sobre o pano verde e teve um sono cheio de sonhos desagradáveis.

Se a coragem, porém, consiste em querer dominar a fraqueza, o visconde foi corajoso, porque, ao ver suas testemunhas que iam buscá-lo, retesou-se com todas as suas forças, já que a vaidade o fazia compreender que uma desistência seria seu fim. O sr. de Comaing o cumprimentou pelo bom aspecto.

Mas, a caminho, o embalo do fiacre e o calor do sol matutino o enfraqueceram. Sua energia caíra. Já nem sequer distinguia onde estava.

O barão se divertiu em aumentar seu pavor, falando do “cadáver” e de como trazê-lo para a cidade, clandestinamente. Joseph dava a réplica; os dois, julgando o caso ridículo, estavam convencidos de que tudo se ajeitaria.

Cisy mantinha a cabeça inclinada sobre o peito; levantou-a devagarinho e observou que não tinham chamado um médico.

— É inútil — disse o barão.

— Então, não há perigo?

Joseph retrucou em tom grave:

— Esperemos!

E ninguém no carro tornou a falar.

Às sete horas e dez minutos chegaram diante da Porte Maillot. Frédéric e suas testemunhas já estavam lá, os três vestidos de preto. Regimbart, em vez de gravata tinha uma gola de crinolina como um soldado; e carregava uma espécie de estojo comprido de violino, especial para esse gênero de aventuras. Trocaram friamente um cumprimento. Depois, todos se meteram no Bois de Boulogne, pelo caminho de Madrid, para encontrar um lugar conveniente.

Regimbart disse a Frédéric, que andava entre ele e Dussardier:

— Pois é, e esse tremelique, o que é que a gente faz com ele? Se precisar de alguma coisa, não se acanhe, eu conheço isso! O medo é natural no homem.

Depois, em voz baixa:

— Não fume mais, isso amolece!

Frédéric jogou o charuto, que o incomodava, e continuou a andar, com passo firme. O visconde avançava atrás, apoiado no braço de suas duas testemunhas.

Raros passantes cruzavam com eles. O céu estava azul, e ouviam-se, em certos momentos, coelhos saltando. Na curva de uma trilha, uma mulher de lenço na cabeça conversava com um homem de avental, e na grande avenida, sob os castanheiros, domésticos de casaco de brim passeavam seus cavalos. Cisy se lembrava dos dias felizes em que, montado no seu alazão e com o monóculo no olho, cavalgava emparelhado com as caleches; essas lembranças reforçavam sua angústia; uma sede intolerável o queimava; o sussurro das moscas se confundia com o batimento de suas artérias; seus pés afundavam na areia; parecia-lhe que estava andando havia uma eternidade.

As testemunhas, sem se deter, vigiavam com os olhos as duas margens da estrada. Deliberaram se iriam até a Croix Catelan ou se ficariam diante dos muros de Bagatelle. Finalmente, pegaram à direita e pararam numa espécie de quincunce, entre pinheiros.

O lugar foi escolhido de modo a dividir igualmente o nível do terreno. Marcaram os dois lugares onde os adversários deviam se colocar. Depois, Regimbart abriu o estojo. Ele continha, sobre um acolchoado de couro vermelho, quatro espadas maravilhosas, cavadas no meio, com cabos enfeitados de filigranas. Um raio luminoso, atravessando as folhas, caiu ali em cima; e para Cisy elas pareceram brilhar como víboras de prata sobre uma poça de sangue.

O Cidadão mostrou que elas eram de comprimento igual; pegou a terceira para si, a fim de separar os combatentes, caso necessário. O sr. de Comaing segurava uma bengala. Fez-se silêncio. Olharam-se. Todos os rostos tinham algo de assustado ou de cruel.

Frédéric tirara a sobrecasaca e o colete. Joseph ajudou Cisy a fazer o mesmo; depois que ele tirou a gravata, viram no seu pescoço uma medalha

benta. Isso fez Regimbart rir de pena.

Então, o sr. de Comaing (para deixar a Frédéric mais um momento de reflexão) tentou apelar para chicanas. Exigiu o direito de pôr uma luva, o de pegar a espada do adversário com a mão esquerda; Regimbart, que estava apressado, não recusou. Por fim, o barão, dirigindo-se a Frédéric:

— Tudo depende do senhor! Nunca há desonra em reconhecer seus erros.

Dussardier fez um gesto de aprovação. O Cidadão se indignou.

— Acredita que estamos aqui para depenar patos, diachos?... Em guarda!

Os adversários estavam um diante do outro, suas testemunhas, ao lado de cada um. Ele gritou o sinal:

— Vamos!

Cisy ficou terrivelmente pálido. Sua lâmina tremia na ponta, como um chicote. Sua cabeça virou para trás, os braços se afastaram, ele caiu de costas, desmaiado. Joseph o levantou; e, enquanto lhe enfiava um frasco debaixo das narinas, sacudiu-o fortemente. O visconde reabriu os olhos, e depois, de repente, pulou como um louco em cima da espada. Frédéric conservara a sua; e o esperava, com o olhar fixo, a mão para cima.

— Parem! Parem! — gritou uma voz que vinha da estrada, ao mesmo tempo que o barulho de um cavalo a galope; e o capô de um cabriolé ia quebrando os galhos! Um homem debruçado para fora abanava um lenço, e continuava a gritar: “Parem! Parem!”;

O sr. de Comaing, pensando numa intervenção da polícia, levantou a bengala.

— Acabem com isso! O visconde está sangrando!

— Eu? — disse Cisy.

De fato, no tombo ele esfolara o polegar da mão esquerda.

— Mas foi ao cair — acrescentou o Cidadão.

O barão fingiu não ouvir.

Arnoux saltara do cabriolé.

— Chego tarde demais! Não! Deus seja louvado!

Segurava Frédéric com os dois braços, o apalpava, cobria seu rosto de beijos.

— Sei o motivo; você quis defender o seu velho amigo! Muito bem, muito bem! Nunca esquecerei! Você é muito bom! Ah!, menino querido!

Contemplava-o e derramava lágrimas, enquanto ria de felicidade. O barão se virou para Joseph.

— Creio que estamos sobrando nessa festinha de família. Acabou-se, não é mesmo, cavalheiros? — Visconde, ponha o braço numa tipoia; tome, aqui está meu lenço. — Depois, com um gesto imperioso: — Vamos! Nada de rancor! Como deve ser!

Os dois combatentes se apertaram a mão, frouxamente. O visconde, o sr. de Comaing e Joseph desapareceram de um lado, e Frédéric foi embora do outro, com seus amigos.

Como o restaurante de Madrid não ficava longe, Arnoux propôs irem tomar uma cerveja.

— Poderíamos até almoçar — disse Regimbart.

Mas, como Dussardier não tinha tempo, limitaram-se a uma bebida, no jardim. Todos sentiam essa beatitude que se segue aos desfechos felizes. O Cidadão, porém, estava zangado por terem interrompido o duelo no bom momento.

Arnoux ficara sabendo por um tal de Compain, amigo de Regimbart; e, num ímpeto afetivo, acorrera para impedi-lo, acreditando, aliás, ser a causa do duelo. Pediu a Frédéric que lhe desse alguns detalhes. Frédéric, comovido com as provas de sua ternura, teve escrúpulos de aumentar sua ilusão:

— Por favor, não falemos mais nisso!

Arnoux achou essa reserva muito delicada. Depois, com sua leviandade de sempre, passou a outra coisa:

— O que há de novo, Cidadão?

E começaram a falar de promissórias, de prazos. Para ficar mais à vontade, foram até cochichar afastados, em outra mesa.

Frédéric distinguiu estas palavras: “Você vai me subscrever... — Sim! Mas você, evidentemente... — Consegui afinal fechar o negócio por trezentos! — Bela comissão, palavra de honra!”. Em suma, estava claro que Arnoux tramava muitas coisas com o Cidadão.

Frédéric pensou em lhe lembrar seus quinze mil francos. Mas sua recente iniciativa proibia as críticas, mesmo as mais suaves. Aliás, ele se sentia cansado. O lugar não era adequado. Adiou para outro momento.

Arnoux, sentado à sombra de um alfeneiro, fumava contente. Ergueu os olhos para as portas dos salões reservados que davam, todos, para o jardim, e disse que tinha estado ali, outrora, muitas vezes.

— Não sozinho, provavelmente? — retrucou o Cidadão.

— Pois sim!

— Que gaiteiro! Um homem casado!

— Pois é, e você então! — continuou Arnoux. E, com um sorriso indulgente: — Tenho até certeza de que esse tratante possui em algum lugar um quarto, onde recebe as mocinhas.

Por um simples franzir de sobrancelhas o Cidadão confessou que era verdade. Então, aqueles dois senhores expuseram seus gostos: Arnoux agora preferia a juventude, as operárias; Regimbart detestava as “pernósticas” e valorizava em primeiro lugar o lado positivo. A conclusão, fornecida pelo negociante de faiança, foi a de que não se devia levar a sério as mulheres.

“Mas ama a dele!”, pensou Frédéric, virando-se; e o julgou um homem desonesto. Estava com raiva dele por causa desse duelo, como se tivesse sido por ele que, havia pouco, arriscara a vida.

Porém era grato a Dussardier por sua dedicação; o empregado, por insistência sua, chegou a lhe fazer uma visita todos os dias.

Frédéric lhe emprestava livros: Thiers, Dulaure, Barante, *Les Girondins*, de Lamartine. O bravo rapaz o escutava com recolhimento e aceitava suas opiniões como as de um mestre.

Uma noite, chegou muito assustado.

De manhã, no bulevar, um homem que corria de perder o fôlego esbarrara nele; e, tendo-o reconhecido como amigo de Sénécál, dissera-lhe:

— Acabam de pegá-lo, vou dar no pé!

Nada mais verdadeiro. Dussardier passara o dia à cata de informações. Sénécál estava atrás das grades, acusado de atentado político.

Filho de um contramestre, nascido em Lyon e tendo tido como professor um ex-discípulo de Chalier, desde sua chegada a Paris ele fora recebido na *Société des Familles*;³⁸ seus hábitos eram conhecidos; a polícia o vigiava. Ele se batera no caso de maio de 1839,³⁹ e desde então mantinha-se à sombra, mas se exaltando cada vez mais, fanático por Alibaud,⁴⁰ misturando suas queixas contra a sociedade com as do povo contra a monarquia, e acordando toda manhã com a esperança de uma revolução que, em quinze dias ou um mês, mudaria o mundo. Por fim, desiludido com a moleza de seus irmãos, furioso com os atrasos que opunham aos seus sonhos e perdendo a esperança na pátria, entrou como químico no complô das bombas incendiárias; e foi flagrado carregando a pólvora que

ele ia experimentar em Montmartre, tentativa suprema de restabelecer a República.

Dussardier não a queria menos, pois ela significava, a seu ver, libertação e felicidade universal. Um dia — aos quinze anos —, na Rue Transnonain, em frente a uma quitanda, vira soldados com a baioneta vermelha de sangue, cabelos colados na coronha dos fuzis; desde aquele tempo, o Governo o exasperava, era a própria encarnação da Injustiça. Confundia um pouco os assassinos e os guardas; um dedo-duro equivalia, a seu ver, a um parricida. Todo o mal espalhado na Terra, ele o atribuía ingenuamente ao Poder; e o odiava com um ódio visceral, permanente, que lhe ocupava todo o coração e refinava a sua sensibilidade. Os discursos de Sénécal o haviam deslumbrado. Que ele fosse culpado ou não, e que sua tentativa fosse odiosa, pouco importava! Do momento em que era vítima da Autoridade, todos deviam ajudá-lo.

— Os Pares o condenarão, com certeza! Depois será levado num carro prisional, como um condenado às galés, e o trancarão no Mont Saint-Michel, onde o Governo os faz morrer! Austen enlouqueceu! Steuben se matou!⁴¹ Para transferir Barbès para uma masmorra, puxaram-no pelas pernas, pelos cabelos! Pisotearam o seu corpo, e sua cabeça ricocheteava de degrau em degrau, por toda a escada. Que abominação! Miseráveis!

Soluços de cólera o sufocavam, e ele andava em círculos pelo quarto, como que sentindo uma grande angústia.

— É preciso, porém, fazer alguma coisa! Vejamos! Eu não sei o quê! Se tentássemos soltá-lo, hein? Quando o levarem para o Luxembourg podemos nos jogar sobre a escolta, no corredor! Uma dúzia de homens determinados enfrentam tudo.

Havia tanto fogo em seus olhos que Frédéric estremeceu.

Sénécal lhe pareceu maior do que ele pensava. Lembrou-se de seus sofrimentos, de sua vida austera; sem ter por ele o entusiasmo de Dussardier, sentia, porém, essa admiração que todo homem que se sacrifica por uma ideia inspira. Pensava que, se o tivesse socorrido, Sénécal não estaria onde estava; e os dois amigos buscaram laboriosamente alguma manobra para salvá-lo.

Foi-lhes impossível chegar a ele.

Frédéric informava-se nos jornais sobre sua sorte, e por três semanas frequentou os gabinetes de leitura.

Um dia, vários números de *Le Flambar* lhe caíram nas mãos. O editorial, invariavelmente, era dedicado a demolir um homem ilustre. Vinham em seguida as notícias do mundo, os mexericos. Depois, fazia-se troça com o Odéon, Carpentras, a piscicultura e os condenados à morte, quando havia. O desaparecimento de um navio fornecia matéria para brincadeiras durante um ano. Na terceira coluna, uma seção de artes publicava, na forma de anedotas ou de conselho, reclames de alfaiates, com relatos de festas, anúncios de vendas, análises de obras, tratando com a mesma tinta um livro de versos e um par de botas. A única parte séria era a crítica dos pequenos teatros, em que se investia contra dois ou três diretores; e os interesses da Arte eram evocados a propósito dos cenários do Funambules ou de uma apaixonada do Délassements.

Frédéric estava quase descartando tudo isso quando seus olhos caíram num artigo intitulado: *Uma franguinha entre três moleques*. Era a história de seu duelo, narrada em estilo buliçoso, gaulês. Ele se reconheceu facilmente, pois era designado por uma brincadeira que aparecia muitas vezes: “Um jovem do colégio de Sens e que tem falta de *senso*”. Representavam-no até como um pobre-diabo de um provinciano, um obscuro bobalhão, tentando abrir caminho entre os grandes senhores. Quanto ao visconde, tinha o papel do mocinho, primeiro na ceia, em que se introduziu à força, depois na aposta, já que levara a senhorita, e finalmente no duelo, em que se comportava como um fidalgo. A bravura de Frédéric não era propriamente negada, mas dava-se a entender que um intermediário, o *protetor* em pessoa, surgira justo a tempo. Tudo isso se concluía com esta frase, cheia talvez de perfídias:

“De onde vem a ternura entre eles? Problema! E, como diz Bazile, que diabo é que se engana aqui?”⁴²

Era, sem a menor dúvida, uma vingança de Hussonnet contra Frédéric, por sua recusa dos cinco mil francos.

Que fazer? Se lhe pedisse satisfações, o boêmio alegaria inocência, e ele nada ganharia com isso. O melhor era engolir a coisa, calado. Afinal de contas, ninguém lia *Le Flambar*.

Ao sair do gabinete de leitura, avistou gente diante da loja de um negociante de quadros. Olhavam um retrato de mulher, com esta legenda, em letras pretas: “Srta. Rose-Annette Bron, proprietário sr. Frédéric Moreau, de Nogent”.

Era ela mesmo — ou aproximadamente —, vista de frente, os seios descobertos, os cabelos soltos, e segurando uma bolsa de veludo vermelho, enquanto atrás um pavão avançava o bico para o seu ombro, cobrindo a parede com suas grandes penas em leque.

Pellerin organizara essa exibição para obrigar Frédéric a fazer o pagamento, convencido de que ele era célebre e de que toda Paris, entusiasmando-se a seu favor, ia comentar essa miséria.

Seria uma conjuração? O pintor e o jornalista tinham armado um golpe juntos?

Seu duelo não havia impedido nada. Ele se tornava ridículo, todo mundo zombava dele.

Três dias depois, no fim de junho, as ações do Norte tiveram quinze francos de alta, e como ele comprara duas mil um mês antes, viu-se ganhando trinta mil francos. Esse afago da fortuna voltou a lhe dar confiança. Pensou que não precisava de ninguém, que todas as suas dificuldades vinham de sua timidez, de suas hesitações. Deveria ter começado com a Marechala brutalmente, recusado Hussonnet desde o primeiro dia, não ter se comprometido com Pellerin; e, para mostrar que nada o atrapalhava, foi à casa da sra. Dambreuse, a uma de suas recepções de sempre.

No centro da antessala, Martinon, que chegava ao mesmo tempo que ele, se virou.

— Como? Você vem aqui? — disse com ar surpreso e até contrariado ao vê-lo.

— Por que não?

E, enquanto buscava a razão de uma abordagem dessa, Frédéric avançou pelo salão.

A luz era fraca, apesar dos abajures dispostos nos cantos; pois as três janelas, escancaradas, exibiam, em paralelo, três grandes quadrados de sombra preta. Sob os quadros, as floreiras da altura de um homem ocupavam os intervalos da parede; e uma chaleira de prata e um samovar se viam ao fundo, num espelho. Um murmúrio de vozes discretas se elevava. Ouviam-se os escarpins estalar sobre o tapete.

Ele distinguiu casacas pretas, depois uma mesa redonda iluminada por um grande abajur, sete ou oito mulheres com toaletes de verão e, um pouco mais longe, a sra. Dambreuse numa cadeira de balanço. Seu vestido

de tafetá lilás tinha mangas com aberturas, de onde escapavam tufo de musselina, o tom suave do tecido combinando com a nuance dos cabelos; e sentava-se um pouco jogada para trás, com a ponta do pé sobre uma almofada — tranquila como uma obra de arte cheia de delicadeza, uma flor de alta cultura.

O sr. Dambreuse e um velhote de cabeleira branca caminhavam ao longo do salão. Alguns conversavam na beira de pequenos divãs, aqui e ali; outros, em pé, formavam um círculo.

Conversavam sobre votos, emendas, subemendas, o discurso do sr. Grandin, a réplica do sr. Benoist. O terceiro partido, decididamente, estava indo muito longe! O centro-esquerda deveria se lembrar um pouco mais de suas origens! O Ministério recebera graves ofensas! O que devia tranquilizar, porém, é que não se via um sucessor para ele. Em suma, a situação era perfeitamente análoga à de 1834.

Como essas coisas aborreciam Frédéric, ele se aproximou das mulheres. Martinon estava perto delas, em pé, com o chapéu debaixo do braço, o rosto de perfil e tão elegante que parecia uma porcelana de Sèvres. Pegou uma *Revue des Deux Mondes* que estava sobre a mesa, entre uma *Imitation* e um *Annuaire de Gotha*, e julgou, olhando de cima, um poeta ilustre, disse que ia às conferências de Saint-François, queixou-se de sua laringe, engolindo de vez em quando uma pastilha de goma; e enquanto isso, falava de música e bancava o frívolo. A srta. Cécile, sobrinha do sr. Dambreuse, bordava um par de punhos, olhava para ele, de baixo, com suas pupilas azul-claras; e miss Johnson, a preceptora de nariz achatado, largara sua tapeçaria; as duas pareciam exclamar internamente:

“Como ele é bonito!”

A sra. Dambreuse virou-se para ele.

— Mas me dê o meu leque, o que está em cima daquele console, ali. Este, não! O outro!

Ela se levantou; e como ele voltava, encontraram-se no meio do salão, frente a frente; ela lhe dirigiu umas palavras, rapidamente, decerto críticas, a julgar pela expressão ativa de seu rosto; Martinon tentava sorrir; depois foi se misturar ao conciliábulo dos homens sérios. A sra. Dambreuse voltou para seu lugar e, inclinando-se para o braço da cadeira, disse a Frédéric:

— Vi alguém, anteontem, que me falou a seu respeito, o sr. de Cisy; conhece-o, não é?

— Sim... um pouco.

De repente a sra. Dambreuse exclamou:

— Duquesa, ah! Que alegria!

E avançou até a porta, ao encontro de uma velha baixinha, que usava um vestido de tafetá carmelita e uma touca de guipure, com fitas compridas. Filha de um companheiro de exílio do conde d'Artois e viúva de um marechal do Império feito par de França em 1830, ela se relacionava tanto com a antiga corte como com a nova e podia obter muitas coisas. Os que conversavam de pé se afastaram, depois retomaram o diálogo.

Agora, a conversa se concentrava no pauperismo, do qual todos os retratos, segundo esses cavalheiros, eram muito exagerados.

— No entanto — objetou Martinon —, a miséria existe, reconheçamos! Mas o remédio não depende da Ciência nem do Poder. É uma questão meramente individual. Quando as classes baixas quiserem se livrar de seus vícios, hão de se libertar de suas necessidades. Que o povo seja mais moral, e será menos pobre!

Segundo o sr. Dambreuse, não se chegaria a nada de bom sem uma superabundância de capital. Portanto, a única maneira possível era confiar, “como queriam, de resto, os saint-simonianos (meu Deus, eles tinham algo de bom! Sejamos justos com todos), confiar, digo, a causa do Progresso aos que podem aumentar a fortuna pública”. Insensivelmente mencionaram as grandes explorações industriais, as ferrovias, a hulha. E o sr. Dambreuse, dirigindo-se a Frédéric, lhe disse baixinho:

— O senhor não veio para o nosso negócio.

Frédéric alegou uma doença; mas, sentindo que a desculpa era muito boba:

— Aliás, precisei de meus fundos.

— Para comprar uma carruagem? — retrucou a sra. Dambreuse, que passava perto dele, com uma xícara de chá na mão; e ela o observou por um minuto, sua cabeça meio inclinada.

Ela acreditava que ele fosse amante de Rosanette; a alusão era clara. Frédéric até ficou com a impressão de que todas as damas o olhavam de longe, cochichando. Para saber melhor o que pensavam, aproximou-se delas, mais uma vez.

Do outro lado da mesa, Martinon, ao lado da srta. Cécile, folheava um álbum. Eram litografias representando trajes espanhóis. Ele lia bem alto as

legendas: “Mulher de Sevilha — Jardineiro de Valência — Picador andaluz”, e, descendo uma vez até o rodapé da página, continuou num só fôlego:

— Jacques Arnoux, editor. — Um de seus amigos, hein?

— É verdade — disse Frédéric, incomodado com esse arzinho.

A sra. Dambreuse prosseguiu:

— De fato, você veio aqui uma manhã... para... uma casa, creio? Sim, uma casa que pertencia à mulher dele. (Isso significava: “É a sua amante”.)

Ele enrubescou até as orelhas; e o sr. Dambreuse, que chegava nesse instante, acrescentou:

— Até parecia interessar-se muito por eles.

Estas últimas palavras acabaram de embaraçar Frédéric. Sua perturbação, visível, pensava ele, iria confirmar as suspeitas, quando o sr. Dambreuse lhe disse mais perto, em tom grave:

— Os senhores não fazem negócios juntos, suponho?

Ele protestou com múltiplos acenos de cabeça, sem entender a intenção do capitalista, que queria lhe dar um conselho.

Sua vontade era ir embora. O medo de parecer covarde o reteve. Um criado retirava as xícaras de chá; a sra. Dambreuse conversava com um diplomata de casaca azul; duas mocinhas, aproximando as testas, mostravam uma à outra um anel; as outras, sentadas em semicírculo em poltronas, mexiam suavemente os rostos brancos, rodeados de cabeleiras pretas ou louras; enfim, ninguém se preocupava com ele. Frédéric recuou; e, por uma série de longos zigue-zagues, estava quase chegando à porta quando, ao passar perto de um console, reparou ali em cima, entre um vaso da China e o lambri, um jornal dobrado ao meio. Puxou-o um pouco e leu estas palavras: *Le Flambar*.

Quem o levara? Cisy! Só podia ser ele, evidentemente. Aliás, pouco se lhe dava! Eles iam acreditar, todos já acreditavam talvez no artigo. Por que essa obstinação? Uma ironia silenciosa o envolvia. Sentia-se como perdido num deserto. Mas a voz de Martinon se elevou:

— A propósito de Arnoux, li entre os acusados das bombas incendiárias o nome de um empregado dele, Sénécal. É o nosso?

— Ele mesmo — disse Frédéric.

Martinon repetiu, gritando bem alto:

— Como! Nosso Sénécal! Nosso Sénécal!

Então, interrogaram-no sobre o complô; seu lugar de assessor do Ministério Público devia lhe fornecer informações.

Martinon confessou não tê-las. Aliás, conhecia muito pouco o personagem, vira-o só duas ou três vezes; considerava-o, definitivamente, um mau elemento! Frédéric, indignado, exclamou:

— De jeito nenhum! É um rapaz muito honesto!

— Mas, cavalheiro — disse um proprietário —, quem conspira não é honesto!

A maioria dos homens que estavam ali tinha servido, pelo menos, a quatro governos; e teria vendido a França ou o gênero humano para garantir sua fortuna, evitar uma falta de dinheiro, uma dificuldade, ou até mesmo por simples baixeza, por adoração instintiva da força. Todos declararam que os crimes políticos eram indesculpáveis. Era melhor perdoar àqueles que resultavam da necessidade! E não deixaram de destacar o eterno exemplo do pai de família, roubando o eterno pedaço de pão do eterno padeiro.

Um administrador até chegou a exclamar:

— Eu, cavalheiro, se soubesse que meu irmão conspira, eu o denunciaria!

Frédéric evocou o direito de resistência; e, lembrando-se de algumas frases que Deslauriers lhe dissera, citou Desolmes, Blackstone, a Declaração de Direitos da Inglaterra, e o artigo 2 da Constituição de 1791. Era até mesmo em virtude desse direito que se havia proclamado a destituição de Napoleão; ele tinha sido reconhecido em 1830, inscrito na introdução da Carta.

— Aliás, quando o soberano desrespeita o contrato, quer a justiça que ele seja derrubado.

— Mas é abominável! — exclamou a mulher de um prefeito.

Todas as outras se calavam, vagamente apavoradas, como se tivessem ouvido o ruído de balas. A sra. Dambreuse balançava-se em sua cadeira, e o ouvia falar, sorrindo.

Um industrial, antigo carbonário,⁴³ tentou lhe demonstrar que os D'Orléans eram uma bela família; houve, sem dúvida, abusos...

— Bem, e então?

— Mas não se deve mencioná-los, caro senhor! Se soubesse como todas essas gritarias da Oposição prejudicam os negócios!

— Estou pouco ligando para os negócios! — prosseguiu Frédéric.

A podridão daqueles velhos o exasperava; e, entusiasmado com a bravura que por vezes agarra os mais tímidos, atacou os financistas, os deputados, o Governo, o rei, tomou a defesa dos árabes, e falou muitas bobagens. Alguns o encorajavam ironicamente: “Mas vamos! Continue!”, enquanto outros murmuravam: “Diachos! Que exaltação!”. Por fim, julgou conveniente retirar-se; e quando estava saindo, o sr. Dambreuse lhe disse, fazendo alusão ao lugar de secretário:

— Ainda não está nada decidido! Mas se apresse!

E a sra. Dambreuse:

— Até breve, então?

Frédéric considerou essa despedida um último deboche. Estava decidido a nunca mais voltar àquela casa, a não mais frequentar aquelas pessoas. Acreditava tê-las ofendido, ignorava quão vasta indiferença há no mundo! Aquelas mulheres, sobretudo, o indignavam. Nem uma só o apoiara, sequer com o olhar. Sentia um rancor por não ter conseguido comovê-las. Quanto à sra. Dambreuse, achava que tinha algo ao mesmo tempo langoroso e seco que impedia defini-la por uma fórmula. Teria um amante? Qual amante? Seria o diplomata ou outro? Martinon, talvez? Impossível! No entanto, sentia uma espécie de ciúme dele, e por ela uma hostilidade inexplicável.

Dussardier, que fora à sua casa naquela noite, como de hábito, o esperava. Frédéric estava com o coração apertado; abriu o peito, e suas queixas, embora vagas e difíceis de entender, entristeceram o bravo empregado; queixava-se até mesmo de seu isolamento. Dussardier, hesitando um pouco, propôs ir à casa de Deslauriers.

Frédéric, ao ouvir o nome do advogado, foi tomado por uma necessidade extrema de revê-lo. Sua solidão intelectual era profunda, e a companhia de Dussardier, insuficiente. Respondeu-lhe que arranjasse as coisas como quisesse.

Deslauriers também sentia, desde a desavença entre eles, uma privação em sua vida. Cedeu facilmente a essa aproximação cordial.

Os dois se abraçaram, depois começaram a conversar sobre assuntos banais.

A reserva de Deslauriers enterneceu Frédéric; e, para lhe fazer como que uma reparação, contou-lhe no dia seguinte sua perda de quinze mil francos, sem dizer que esses quinze mil francos lhe eram originariamente destinados.

O advogado não duvidou, porém. Essa desventura, que lhe dava razão em seus preconceitos contra Arnoux, desarmou completamente seu rancor, e ele não mais falou da antiga promessa.

Frédéric, enganado por esse silêncio, pensou que ele a havia esquecido. Alguns dias depois, perguntou-lhe se não havia uma maneira de reaver seus fundos.

Seria possível discutir sobre as hipotecas anteriores, atacar Arnoux como estelionatário, fazer diligências no domicílio, contra a mulher.

— Não! Não! Contra ela, não — exclamou Frédéric; e, cedendo às perguntas do antigo escrevente, confessou a verdade.

Deslauriers se convenceu de que ele não estava contando tudo, por delicadeza talvez. Essa falta de confiança o magoou.

Estavam, porém, tão ligados quanto antigamente, e até sentiam tanto prazer em se encontrar, que a presença de Dussardier os constrangia. A pretexto de um compromisso, conseguiram se livrar dele, aos poucos. Há homens que têm como missão entre os outros apenas servir de intermediários; passamos por eles como se fossem pontes, e vamos mais longe.

Frédéric nada escondia do velho amigo. Contou-lhe o negócio da hulha e a proposta do sr. Dambreuse. O advogado ficou pensativo.

— É engraçado! Para esse lugar seria preciso alguém muito bom em direito!

— Mas você poderá me ajudar — retrucou Frédéric.

— Sim... pois é... isso mesmo! Com certeza.

Na mesma semana, mostrou-lhe uma carta de sua mãe.

A sra. Moreau recriminava-se por ter julgado mal o sr. Roque, que dera explicações satisfatórias sobre seu comportamento. Depois falava de sua fortuna e da possibilidade, para mais tarde, de um casamento com Louise.

— Talvez não fosse má ideia! — disse Deslauriers.

Frédéric afastou essa ideia; e por sinal, o Roque era um velho vigarista. Isso não tinha nada de mais, segundo o advogado.

No fim de julho, uma baixa inexplicável fez com que as ações do Norte caíssem. Frédéric não tinha vendido as suas; perdeu de uma só vez sessenta mil francos. Seus rendimentos estavam sensivelmente diminuídos. Devia restringir as despesas, ou arrumar uma situação, ou fazer um belo casamento.

Então Deslauriers lhe falou da srta. Roque. Nada o impedia de ir conferir as coisas, pessoalmente. Frédéric andava meio cansado; a província e a casa materna o relaxariam. Partiu.

O aspecto das ruas de Nogent, que ele subiu sob o clarão da lua, lhe trouxe velhas lembranças; e sentia uma espécie de angústia, como os que regressam depois de longas viagens.

Na casa de sua mãe havia os frequentadores de antigamente: os srs. Gamblin, Heudras e Chambrion, a família Lebrun, “aquelas srtas. Auger”; além desses, o velho Roque, e, em frente à sra. Moreau, diante de uma mesa de jogo, a srta. Louise. Agora era uma mulher. Ela se levantou, dando um grito. Todos se agitaram. Ela ficou imóvel, de pé; e os quatro castiçais de prata postos sobre a mesa aumentavam sua palidez. Quando recomeçou a jogar, sua mão tremia. Essa emoção lisonjeou sobremaneira Frédéric, cujo orgulho andava debilitado; pensou: “Você me amará!”, e indo à forra dos desgostos que sofrera por lá, começou a bancar o parisiense, o dândi, deu notícias dos teatros, contou casos da alta sociedade publicados nos pequenos jornais, em suma, deslumbrou os conterrâneos.

No dia seguinte, a sra. Moreau estendeu-se sobre as qualidades de Louise; depois enumerou os bosques e as fazendas que ela possuiria. A fortuna do sr. Roque era considerável.

Ele a amealhara fazendo investimentos para o sr. Dambreuse; pois emprestava a pessoas que podiam oferecer boas garantias hipotecárias, o que lhe permitia pedir suplementos ou comissões. Graças a uma vigilância ativa, o capital não corria nenhum risco. Aliás, o s. Roque nunca hesitava diante de uma penhora; depois resgatava a preço baixo os bens hipotecados, e o sr. Dambreuse, vendo que seus fundos entravam, achava seus negócios muito bem feitos.

Mas essa manipulação extralegal o comprometia perante o seu administrador. Ele não podia lhe recusar nada. Fora a seu pedido que acolhera Frédéric tão bem.

De fato, o velho Roque nutria uma ambição no fundo da alma. Queria que a filha fosse condessa; e, para consegui-lo, sem pôr em risco a felicidade da menina, não conhecia outro rapaz senão aquele.

Com a proteção do sr. Dambreuse, fariam Frédéric ter o título de seu antepassado, pois a sra. Moreau era filha de um conde de Fouvens, aparentado, aliás, das mais velhas famílias da Champagne, os Lavernade, os

D'Étrigny. Quanto aos Moreau, uma inscrição gótica, perto dos moinhos de Villeneuve-l'Archevêque, mencionava um Jacob Moreau que os reedificara em 1596; e o túmulo de seu filho, Pierre Moreau, primeiro escudeiro do Rei no reino de Luís XIV, estava na capela Saint-Nicolas.

Tanta honorabilidade fascinava o sr. Roque, filho de um antigo criado. Se a coroa de conde não viesse, ele se consolaria com outra coisa; pois Frédéric podia chegar à deputação quando o sr. Dambreuse fosse elevado a par, e então ele o ajudaria em seus negócios, obtendo-lhe provisões, concessões. O rapaz lhe agradava, pessoalmente. Em suma, queria-o como genro, porque fazia muito tempo que estava fixado nessa ideia, que só fazia prosperar.

Agora, frequentava a igreja; — e seduzira a sra. Moreau com a esperança do título, sobretudo. Ela evitara, porém, dar uma resposta definitiva.

Portanto, oito dias depois, sem que nenhum compromisso fosse assumido, Frédéric passava pelo “prometido” da srta. Louise; e o s. Roque, pouco escrupuloso, às vezes os deixava juntos.

V

Deslauriers levara da casa de Frédéric a cópia do ato de sub-rogação, com uma procuração nos termos da lei conferindo-lhe plenos poderes; mas depois de subir os cinco andares, e vendo-se sozinho, em seu triste gabinete, em sua poltrona de marroquim, a visão do papel timbrado lhe causou repugnância.

Estava cansado dessas coisas, e dos restaurantes de trinta e dois vinténs, das viagens de ônibus, de sua miséria, de seus esforços. Pegou de novo a papelada; havia outras ao lado; eram os prospectos da companhia de hulha junto com a lista das minas e os detalhes de seu conteúdo, pois Frédéric lhe deixara tudo isso para que desse sua opinião.

Veio-lhe uma ideia: a de ir à casa do sr. Dambreuse e pedir o lugar de secretário. Esse lugar, é claro, estava vinculado à compra de um certo número de ações. Reconheceu a loucura do projeto e pensou:

“Ah! Não! Seria agir mal.”

Então, pensou em como fazer para reaver os quinze mil francos. Uma quantia dessa não era nada para Frédéric! Mas se ele a tivesse, que alavanca!

E o antigo escrevente se indignou de que a fortuna do outro fosse tão grande.

“Faz dela um uso lastimável. É um egoísta. Ora! Estou pouco ligando para os seus quinze mil francos!”

Por que os havia emprestado? Pelos belos olhos da sra. Arnoux. Ela era sua amante! Deslauriers não tinha dúvida. “Aí está mais uma coisa para a qual serve o dinheiro!” Pensamentos odiosos o invadiram.

Depois, pensou na própria pessoa de Frédéric, que sempre exercera sobre ele um encanto quase feminino; e cedo chegou a admirá-lo por um sucesso do qual se reconhecia incapaz.

No entanto, será que a vontade não era o elemento capital de certas iniciativas? E, já que com ela tudo se vence...

“Ah! Seria engraçado!”

Mas teve vergonha dessa perfídia, e um minuto depois:

“Arre! Será que estou com medo?”

A sra. Arnoux (de tanto ouvir falar dela) acabara sendo retratada de uma forma extraordinária em sua imaginação. A persistência desse amor o irritava tanto quanto um problema. Sua austeridade meio teatral agora o aborrecia. Aliás, a mulher da alta sociedade (ou o que ele assim julgava ser) deslumbrava o advogado como símbolo e resumo de mil prazeres desconhecidos. Pobre, ele cobiçava o luxo em sua forma mais óbvia.

“Afim de contas, se ele se zangar, paciência! Comportou-se muito mal comigo, não vou me constranger! Nada me garante que ela é sua amante! Ele me negou isso. Então, estou livre!”

O desejo dessa empreitada não mais o largou. Queria provar as suas forças; — tanto assim que um dia, de repente, ele mesmo engraxou as botas, comprou luvas brancas e pôs-se a caminho, substituindo-se a Frédéric e quase imaginando que fosse ele, por uma singular evolução intelectual em que havia ao mesmo tempo vingança e simpatia, imitação e audácia.

Fez-se anunciar como “o dr. Deslauriers”.

A sra. Arnoux ficou surpresa, não tendo chamado nenhum médico.

— Ah! Mil desculpas! É doutor em direito. Venho para os interesses do sr. Moreau.

Esse nome pareceu perturbá-la.

“Antes disso!”, pensou o antigo escrevente, “já que ela teve interesse por ele, terá por mim!”, encorajando-se com o lugar-comum de que é mais fácil desbançar um amante do que um marido.

Tivera o prazer de encontrá-la, uma vez, no Palais; até citou a data. Tanta memória espantou a sra. Arnoux. Ele continuou, em tom açucarado:

— A senhora já tinha... algumas dificuldades... nos seus negócios!

Ela nada respondeu; portanto, era verdade.

Ele começou a conversar de uma coisa e outra, de sua residência, da fábrica; depois, vendo na beira do espelho uns medalhões:

— Ah, retratos de família, com certeza?

Reparou numa velha senhora, a mãe da sra. Arnoux.

— Parece uma excelente pessoa, um tipo meridional.

E, diante da objeção de que ela era de Chartres:

— Chartres! Linda cidade.

E elogiou a catedral e as tortas de carne de caça; depois, voltando ao retrato, encontrou semelhanças com a sra. Arnoux, e lhe lançou indiretamente uns elogios. Ela não ficou chocada. Ele se sentiu confiante e disse que conhecia Arnoux havia muito tempo.

— É um bom rapaz! Mas que se compromete! Para essa hipoteca, por exemplo, não se imagina uma leviandade...

— Sim! Eu sei — ela disse, dando de ombros.

Esse testemunho involuntário de desprezo animou Deslauriers a prosseguir.

— Sua história do caulim, talvez a senhora ignore, quase terminou muito mal, e até mesmo sua reputação...

Um franzir de cenho o deteve.

Então, passando às generalidades, lamentou-se das pobres mulheres cuja fortuna os maridos dilapidam...

— Mas é dele, senhor; eu não tenho nada!

Pouco importa! Ninguém sabia... Uma pessoa de experiência poderia ser útil. Fez ofertas de dedicação, exaltou os próprios méritos; e a encarava, através dos óculos, que criavam um reflexo.

Um vago torpor a invadia; mas, de repente:

— Vejamos o negócio, por favor!

Ele exibiu a papelada.

— Isto é a procuração de Frédéric. Com um título desse nas mãos de um oficial de justiça que fizer uma cobrança judicial, nada é mais simples: em vinte e quatro horas... (Ela continuava impassível, ele mudou a manobra.) Eu, aliás, não entendo o que o leva a reclamar essa quantia; pois, afinal, não tem a menor necessidade dela!

— Como? O sr. Moreau mostrou-se muito bom...

— Ah! Concordo!

E Deslauriers iniciou os elogios, e depois chegou a denigri-lo, muito suavemente, julgando-o esquecido, egoísta, avarento.

— Achei que ele fosse seu amigo, cavalheiro?

— Isso não me impede de ver seus defeitos. Assim, ele reconhece bem pouco... como eu diria? a simpatia...

A sra. Arnoux virava as folhas do caderno grosso. Interrompeu-o para pedir explicação sobre uma palavra.

Ele se inclinou sobre seu ombro, e ficou tão perto dela que roçou seu rosto. Ela enrubesceu; esse rubor inflamou Deslauriers; beijou-lhe a mão, vorazmente.

— Que está fazendo, cavalheiro!

E, em pé contra a parede, ela o manteve imóvel, diante de seus grandes olhos negros irritados.

— Escute-me! Eu a amo!

Ela deu uma gargalhada, um riso agudo, desesperador, atroz. Deslauriers sentiu uma raiva estrangulá-lo. Conteve-se; e, com cara de um vencido pedindo perdão:

— Ah! Está errada! Eu não agiria como ele...

— Mas de quem está falando?

— De Frédéric!

— Ora! O sr. Moreau não me preocupa muito, já lhe disse!

— Ah! Desculpe!... Desculpe!

Depois, num tom mordaz, e arrastando as frases:

— Eu até acreditava que a senhora se interessasse o suficiente por ele para saber, com prazer...

Ela ficou muito pálida. O antigo escrevente acrescentou:

— Que ele vai se casar!

— Ele!

— Daqui a um mês, no máximo, com a srta. Roque, filha do administrador do sr. Dambreuse. Ele até partiu para Nogent, só para isso.

Ela levou a mão ao coração, como diante do choque de um grande golpe; mas imediatamente tocou a sineta. Deslauriers não esperou que o pusessem para fora. Quando ela se virou, ele tinha desaparecido.

A sra. Arnoux se sentia um pouco sufocada. Aproximou-se da janela para respirar.

Do outro lado da rua, na calçada, um encaixotador em mangas de camisa batia pregos numa caixa. Fiacres passavam. Ela fechou a janela e voltou a se sentar. As casas altas vizinhas interceptavam o sol, e um dia frio entrava no apartamento. Seus filhos tinham saído, nada se mexia ao redor. Era como uma deserção imensa.

“Ele vai se casar! Será possível?”

E um tremor nervoso a invadiu.

“Por que isso? Será que o amo?”

Depois, de repente:

“Mas sim, eu o amo!... Eu o amo!”

Parecia descer para algo profundo, que não acabava nunca. O relógio de pêndulo bateu três horas. Ela ouviu as vibrações do timbre morrer. E permanecia na beira da poltrona, de olhos parados, e sempre sorrindo.

Na mesma tarde, no mesmo momento, Frédéric e a srta. Louise passeavam pelo jardim que o sr. Roque possuía na ponta da ilha. A velha Catherine os vigiava, de longe; andavam lado a lado, e Frédéric disse:

— Lembra-se de quando eu a levava para o campo?

— Como era bom comigo! — ela respondeu. — Ajudava-me a fazer bolos com areia, a encher meu regador, a andar de balanço!

— Todas as suas bonecas, que tinham nomes de rainhas ou marquesas, que fim levaram?

— Não tenho ideia, palavra!

— E o seu cachorrinho Moricaud?

— Afogou-se, o pobre querido!

— E o *Dom Quixote*, cujas gravuras coloríamos juntos?

— Ainda o tenho!

Ele lhe lembrou o dia de sua primeira comunhão, e como ela se comportava direitinho nas vésperas, com seu véu branco e o grande círio, enquanto todas desfilavam ao redor do coro e o sino repicava.

Essas lembranças, sem dúvida, tinham pouco encanto para a srta. Roque; ela não encontrava nada para responder; e um minuto depois:

— Malvado! Que não me deu nem uma vez notícias suas!

Frédéric objetou seus inúmeros trabalhos.

— O que é que você faz?

Ele ficou atrapalhado com a pergunta, e depois disse que estudava política.

— Ah!

E, sem perguntar mais:

— Isso o ocupa, mas eu!...

Então, contou-lhe a aridez de sua vida, não tinha ninguém para ver, nem o menor prazer, nem a menor distração! Desejava montar a cavalo.

— O vigário alega que é inconveniente para uma moça; são uma bobagem, essas conveniências! Antigamente, me deixavam fazer tudo o que eu queria; agora, nada!

— Mas o seu pai a ama!

— Sim, mas...

Ela deu um suspiro, que significava: “Isso não basta para a minha felicidade”.

Depois houve um silêncio. Só ouviam a areia estalando sob seus pés, junto com o murmúrio da queda-d’água; pois o Sena, acima de Nogent, é cortado em dois braços. O que faz girar os moinhos despeja nesse lugar a exuberância das ondas, para juntar-se mais embaixo ao curso natural do rio. E quem vem das pontes avista, à direita na outra margem, uma ribanceira coberta de relva, dominada por uma casa branca. À esquerda, no prado, álamos se estendem, e o horizonte, em frente, é limitado por uma curva do rio, que estava liso como um espelho; grandes insetos patinavam sobre a água calma. Nas margens, há tufos desiguais de caniços e juncos; plantas de toda espécie que foram parar lá desabrochavam em botões dourados, deixavam pender cachos amarelos, erguiam rocas de flores cor de amaranto, formavam ao acaso sabugos verdes. Numa enseada da margem, espalhavam-se nenúfares; e uma fileira de velhos salgueiros escondendo armadilhas para lobos compunha, deste lado da ilha, toda a defesa do jardim.

No lado de cá, no interior, quatro muros com telhadinhos de ardósia fechavam a horta, onde os quadrados de terra, recém-lavrados, formavam

placas marrons. As campânulas dos melões brilhavam em fila, em seu leito estreito; as alcachofras, as vagens, os espinafres, as cenouras e os tomates alternavam-se até um canteiro de aspargos, que parecia um pequeno bosque de penas.

Todo aquele terreno tinha sido, na época do Diretório, o que se chamava uma *folie*.⁴⁴ As árvores, desde então, tinham crescido tremendamente. Uma clematite obstruía as plantações de carpas-europeias, as alamedas estavam cobertas de musgos, por todo lado abundavam espineiros. O gesso de fragmentos de estátuas esfarelava-se sob as plantas. Ao se andar, ficava-se preso em alguns restos de arame das obras. Só sobravam do pavilhão dois quartos no térreo, com restos de papel azul. Na frente da fachada alongava-se uma ramada à italiana, em que, sobre pilares de tijolos, uma grade de estacas suportava uma vinha.

Os dois foram para lá, e como a luz caía pelos buracos desiguais da vegetação, Frédéric, falando de lado com Louise, observava a sombra das folhas em seu rosto.

Tinha nos cabelos ruivos, no coque, um palito encimado por uma bola de vidro que imitava esmeralda; e usava, apesar do luto (de tal forma seu mau gosto era ingênuo), pantufas de palha guarnecidas de cetim rosa, curiosidade vulgar, compradas provavelmente em alguma feira.

Ele se deu conta disso e a felicitou, irônico.

— Não zombe de mim! — ela retrucou.

Depois, observando-o de alto a baixo, desde o chapéu de feltro cinza até as meias de seda:

— Como está elegante!

Em seguida, pediu que lhe indicasse livros para ler. Ele citou alguns. E ela disse:

— Ah! Como é erudito!

Bem pequena, ela se tomara por um desses amores de criança que têm ao mesmo tempo a pureza de uma religião e a violência de uma necessidade. Ele tinha sido seu companheiro, seu irmão, seu mestre, divertira seu espírito, fizera disparar seu coração e despejara involuntariamente até o fundo dela uma embriaguez latente e contínua. Depois, abandonara-a em plena crise trágica, sua mãe recém-falecida, os dois desesperos se confundindo. A ausência o idealizara em sua lembrança; ele voltava com uma certa auréola, e ela se entregava ingenuamente à felicidade de vê-lo.

Pela primeira vez na vida, Frédéric se sentiu amado; e esse prazer novo, que não superava o nível dos sentimentos agradáveis, causou-lhe como que uma dilatação íntima; tanto assim que abriu os braços, jogando a cabeça para trás.

Então passava uma nuvem carregada no céu.

— Ela vai para o lado de Paris — disse Louise; — gostaria de segui-la, não é?

— Eu? Por quê?

— Quem sabe?

E, escutando-o com um olhar agudo:

— Talvez tenha por lá... (ela procurou a palavra) alguma afeição.

— Ora! Não tenho afeição!

— Tem certeza?

— Mas sim, senhorita, claro que sim!

Em menos de um ano ocorrera na jovem uma transformação extraordinária que espantava Frédéric. Depois de um minuto de silêncio, ele acrescentou:

— Deveríamos nos tratar com mais familiaridade, como antigamente; quer?

— Não.

— Por quê?

— Porquê!

Ele insistiu. Ela respondeu, baixando a cabeça:

— Não ousou!

Tinham chegado ao final do jardim, ao areal do Livon. Frédéric, por brincice, começou a fazer ricochetes na água com uma pedra. Ela lhe pediu para sentar. Ele obedeceu; depois, olhando a queda-d'água:

— É como o Niágara!

Ele começou a falar de regiões distantes e de grandes viagens. A ideia de fazê-las a encantava. Ela não teria medo de nada, nem das tempestades nem dos leões.

Sentados lado a lado, apanhavam diante de si punhados de areia, depois os faziam escorregar pelas mãos, enquanto conversavam; — e o vento quente que chegava das planícies lhes trazia, em lufadas, perfumes de lavanda, com o cheiro do alcatrão escapando de uma barca, atrás da eclusa. O sol batia na cascata; os blocos esverdeados da mureta por onde a água

corria apareciam como sob um véu de prata se desenrolando sem fim. Uma longa faixa de espuma brotava embaixo, em cadência. Depois, formava borbotões, turbilhões, mil correntes opostas, que acabavam se confundindo numa só água límpida.

Louise murmurou que invejava a existência dos peixes.

— Deve ser tão doce rolar aí dentro, à vontade, e sentir-se acariciado de todos os lados!

E estremeceu, com gestos de uma meiguice sensual.

Mas uma voz gritou:

— Onde você está?

— A sua empregada a está chamando — disse Frédéric.

— Está bem! Está bem!

Louise não se perturbava.

— Ela vai se zangar — ele retrucou.

— Para mim tanto faz! E aliás... — a srta. Roque dava a entender, por um gesto, que a tinha à sua disposição.

Levantou-se, porém, e depois se queixou de dor de cabeça. E quando passavam diante de um grande depósito de feixes de lenha miúda:

— E se nos metêssemos ali debaixo, *cafuados*?

Ele fingiu não entender essa palavra de patoá, e até implicou com seu sotaque. Aos poucos, os cantos de sua boca se contraíram, ela mordeu os lábios; e afastou-se, emburrada.

Frédéric foi encontrá-la, jurou que não quisera ofendê-la e que gostava muito dela.

— É verdade? — ela exclamou, olhando-o com um sorriso que iluminava todo o seu rosto, um pouco salpicado de sardas.

Ele não resistiu a essa bravura de sentimentos, ao frescor de sua juventude, e prosseguiu:

— Por que eu mentiria?... Duvida... hein? — passando-lhe o braço esquerdo pela cintura.

Um grito, suave como um arrulho, brotou de sua garganta; sua cabeça se virou para trás, ela desfaleceu, ele a segurou. E os escrúpulos de sua probidade foram inúteis; diante daquela virgem se oferecendo um medo o assaltou. Em seguida, ajudou-a a dar uns passos, devagarinho. Suas carícias de linguagem tinham cessado, e não querendo dizer mais nada além de coisas insignificantes, ele lhe falou das pessoas da sociedade de Nogent.

De repente ela o empurrou, e num tom amargo:

— Você não teria coragem de me levar lá!

Ele ficou imóvel, pasmo. Ela caiu no choro, e enfiando a cabeça em seu peito:

— Será que posso viver sem você?

Ele tentava acalmá-la. Ela pôs as duas mãos em seus ombros para vê-lo melhor de frente e, dardejando suas pupilas verdes, de uma umidade quase feroz, nas dele:

— Quer ser meu marido?

— Mas... — retrucou Frédéric, buscando uma resposta. — Com certeza... Não peço mais que isso.

Nesse momento o boné do sr. Roque apareceu atrás de um lilás.

Levou seu “jovem amigo” para uma viagemzinha de dois dias pelas redondezas, pelas suas propriedades; e Frédéric, ao voltar, encontrou na casa da mãe três cartas.

A primeira era um bilhete da sra. Dambreuse convidando-o para jantar na terça-feira anterior. A troco de quê, essa cortesia? Então tinham lhe perdoado a afronta?

A segunda era de Rosanette. Agradecia por ter arriscado a vida por ela; primeiro, Frédéric não entendeu o que ela queria dizer; afinal, depois de muitos rodeios, ela implorava, evocando sua amizade, fiando-se em sua delicadeza, de joelhos, dizia, tendo em vista a necessidade premente, e como quem pede pão, um auxíliozinho de quinhentos francos. Ele resolveu enviá-los imediatamente.

A terceira carta, vinda de Deslauriers, falava da sub-rogação e era longa, obscura. O advogado ainda não tinha tomado nenhuma decisão. Pedia-lhe para não se incomodar: “É inútil que você volte!”, frisando isso com uma insistência estranha.

Frédéric se perdeu em conjecturas de todo tipo, e teve vontade de voltar para lá; essa pretensão de governar o seu comportamento o revoltava.

Aliás, começava a ter saudade do bulevar; e além disso, a mãe o pressionava tanto, o sr. Roque andava tanto ao seu redor, e a srta. Louise o amava tão fortemente, que não poderia ficar mais tempo sem se declarar. Precisava refletir, à distância julgaria melhor as coisas.

Para dar um motivo à viagem, Frédéric inventou uma história; e partiu, dizendo a todos e acreditando ele mesmo que em breve voltaria.

Seu retorno a Paris não lhe deu prazer; chegou à noite, no fim do mês de agosto, o bulevar parecia vazio, os passantes se sucediam com caras carrancudas, aqui e ali fumegava uma caldeira de asfalto, muitas casas estavam com as persianas completamente fechadas; ele chegou em casa, a poeira cobria as cortinas, e, ao jantar sozinho, Frédéric foi invadido por um estranho sentimento de abandono; então pensou na srta. Roque.

A ideia de se casar já não lhe parecia extravagante. Viajariam, iriam à Itália, ao Oriente! E ele a avistava em pé, sobre um montículo, contemplando uma paisagem, ou encostada em seu braço numa galeria florentina, parando na frente dos quadros. Que alegria ver aquela boa criaturinha desabrochar diante dos esplendores da Arte e da Natureza! Saída de seu ambiente, em pouco tempo se tornaria uma companheira encantadora. Aliás, a fortuna do sr. Roque o tentava. No entanto, uma determinação dessa lhe repugnava por ser uma fraqueza, um aviltamento.

Mas estava bem decidido (pouco importa o que tivesse de fazer) a mudar de vida, isto é, a não mais perder seu coração em paixões infrutíferas, e até hesitava em cumprir a missão de que Louise o encarregara. Tratava-se de comprar para ela, de Jacques Arnoux, duas grandes estatuetas policromadas representando negros, como as que estavam na prefeitura de Troyes. Ela conhecia a marca do fabricante, não queria outra. Frédéric temia, se voltasse à casa *deles*, cair mais uma vez no seu velho amor.

Essas reflexões o ocuparam a noite toda; e ia se deitar quando chegou uma mulher.

— Sou eu — disse rindo a srta. Vatnaz. — Venho da parte de Rosanette.

Então tinham feito as pazes?

— Meu Deus, sim! Não sou má, o senhor bem sabe. Além disso, a pobre moça... Seria muito longo lhe contar.

Em suma, a Marechala queria vê-lo, esperava uma resposta, pois a carta tinha passado entre Paris e Nogent; a srta. Vatnaz não sabia o que continha. Então, Frédéric se informou sobre a Marechala.

Agora, ela estava *com* um homem muito rico, um russo, o príncipe Tzernoukoff, que a vira nas corridas do Champ de Mars, no verão passado.

— Tem três carruagens, cavalo de sela, libré, lacaio no estilo chique inglês, casa de campo, camarote no Italiens, e mais um monte de coisas. É isso,

meu caro.

E a Vatnaz, como se tivesse aproveitado essa mudança de fortuna, parecia mais alegre, muito feliz. Tirou as luvas e examinou no quarto os móveis e os bibelôs. Cotava-os pelo preço justo, como um antiquário. Ele deveria tê-la consultado para obtê-los mais em conta; e o felicitava pelo bom gosto:

— Ah! Que gracinha, muito bonito! Só mesmo o senhor para ter essas ideias.

Depois, observando uma porta no fundo da alcova:

— É por aí que saem as mulherzinhas, hein?

E, amistosa, pegou em seu queixo. Ele estremeceu em contato com as mãos compridas, ao mesmo tempo magras e suaves. Ela usava ao redor dos punhos um debrum de renda e, no corpete do vestido verde, passamanarias, como um hussardo. O chapéu de tule preto, com abas caídas, escondia um pouco sua testa; os olhos brilhavam ali embaixo; um cheiro de patchuli escapava de seus bandós; a lamparina a óleo posta sobre uma mesinha salientava seu maxilar; — e de repente, diante daquela mulher feia que tinha na cintura ondulações de pantera, Frédéric sentiu uma cobiça enorme, um desejo de volúpia bestial.

Ela lhe disse em tom meloso, puxando de seu porta-níqueis três quadrados de papel:

— Vai ficar com isto!

Eram três lugares para uma representação em benefício de Delmar.

— Como? Ele?

— Certamente!

A srta. Vatnaz, sem maiores explicações, acrescentou que o adorava mais que nunca. O ator, a acreditar nela, classificava-se definitivamente entre as “sumidades da época”. E não era este ou aquele personagem que ele representava, mas o próprio gênio da França, o Povo! Tinha “a alma humanitária; compreendia o sacerdócio da Arte!”. Frédéric, para se livrar daqueles elogios, deu-lhe o dinheiro dos três lugares.

— Inútil falar disso lá! — Como é tarde, meu Deus! Preciso deixá-lo. Ah! Estava esquecendo o endereço: é na Rue Grange-Batelière, 14.

E, na soleira:

— Adeus, homem amado!

“Amado por quem?”, perguntou-se Frédéric. “Que pessoa singular!”

E tornou a se lembrar de que Dussardier lhe dissera um dia, a respeito dela: “Oh! Não é grande coisa!”, como aludindo a histórias pouco honoráveis.

No dia seguinte, foi à casa da Marechala. Morava numa casa nova, cujos estores avançavam para a rua. Havia em cada andar um espelho na parede, uma jardineira rústica diante das janelas, ao longo de todos os degraus uma passadeira de lona; e quando se chegava de fora, o frescor da escada relaxava.

Foi um criado que abriu, um mordomo de colete vermelho. Na antessala, sentados na banquetta, uma mulher e dois homens, prováveis fornecedores, esperavam, como num vestíbulo de ministro. À esquerda, a porta da sala de jantar, entreaberta, deixava ver garrafas vazias em cima dos bufês, guardanapos no encosto das cadeiras; e, ao longo, estendia-se uma galeria em que varetas douradas sustentavam uma caniçada de rosas. Embaixo, no pátio, dois moços, de braços nus, esfregavam um landau. A voz deles subia até lá, com o barulho intermitente de uma almofaça que batiam numa pedra.

O criado voltou. “A senhora irá recebê-lo”; e o fez cruzar uma segunda antessala, depois um salão grande, forrado de brocatel amarelo, com franjas em espiral nos cantos, que se juntavam no teto e pareciam continuar nos arabescos vegetais do lustre em forma de cordões. Provavelmente tinha havido festa na noite anterior. Cinza de charuto ficara sobre os consoles.

Finalmente, entrou numa espécie de boudoir iluminado confusamente por vitrais coloridos. Trevos de madeira recortada ornamentavam o alto das portas; atrás de uma balaustrada, três colchões de púrpura formavam um divã, onde estava o tubo de um narguilé de platina. Sobre a lareira, em vez de espelho havia uma estante piramidal, oferecendo em suas prateleiras toda uma coleção de curiosidades: velhos relógios de prata, vasos da Boêmia, grampos de pedrarias, botões de jade, esmaltes, figuras de porcelana chinesa, uma pequena Virgem bizantina com manto de vermeil; e tudo isso se fundia, num crepúsculo dourado, com a cor azulada do tapete, o reflexo nacarado dos tamborettes, o tom avermelhado das paredes forradas de couro marrom. Nos cantos, sobre pequenos pedestais, vasos de bronze continham tufos de flores que tornavam pesada a atmosfera.

Rosanette apareceu, usando um casaco de cetim rosa, uma calça de caxemira branca, um colar de piastras e um barrete vermelho rodeado por

um ramo de jasmim.

Frédéric fez um gesto de surpresa; depois disse que estava levando “a coisa em questão”, e apresentou-lhe a nota de dinheiro.

Ela o olhou, muito surpresa; e como ele continuava com a nota na mão, sem saber o que fazer com ela:

— Mas pegue-a!

Ela pegou; depois, jogando-a sobre o divã:

— Você é muito amável.

Era para liquidar um terreno em Bellevue, que ela pagava em anuidades. Uma tal sem-cerimônia magoou Frédéric. Aliás, melhor assim! Isso o vingava do passado.

— Sente-se! — ela disse. — Aqui, mais perto. — E, em tom grave: — Primeiro, tenho de lhe agradecer, meu caro, por ter arriscado a sua vida.

— Ah! Não foi nada!

— Como? Mas foi muito bonito!

E a Marechala lhe demonstrou uma gratidão constrangedora; devia pensar que ele tinha duelado exclusivamente por Arnoux, pois este, que imaginava isso, devia ter cedido à necessidade de lhe contar.

“Ela talvez esteja zombando de mim”, pensou Frédéric.

Não tinha mais nada a fazer ali, e alegando um encontro, levantou-se.

— Não! Fique!

Ele tornou a se sentar e a cumprimentou pela roupa.

Ela respondeu, com ar acabrunhado:

— É o príncipe que me ama assim! E tenho de fumar máquinas como esta! — acrescentou Rosanette, mostrando o narguilé. — E se experimentássemos? Quer?

Trouxeram fogo; como era difícil acender o *tombac*,⁴⁵ ela começou a bater o pé, impaciente. Depois, um langor a invadiu; e ficou imóvel no divã, com uma almofada sob o braço, o corpo meio contorcido, um joelho dobrado, a outra perna bem esticada. A longa serpente de marroquim vermelho, que formava anéis no chão, enrolava-se em seu braço. Ela apoiava o bico de âmbar nos lábios e olhava para Frédéric, piscando os olhos, através da fumaça cujas volutas a envolviam. A aspiração de seu peito fazia a água gorgolejar, e de vez em quando ela murmurava:

— Pobre criança! Pobre queridinho!

Ele tentava encontrar um assunto agradável de conversa; veio-lhe a lembrança da Vatnaz.

Disse que ela lhe parecera muito elegante.

— Puxa! — retrucou a Marechala. — Essa aí está muito feliz de me controlar! — sem acrescentar nem mais uma palavra, de tal maneira havia restrições em sua frase.

Os dois sentiam um constrangimento, um obstáculo. De fato, o duelo de que Rosanette acreditava ser a causa lisonjeira seu amor-próprio. Depois, ela ficou bastante surpresa por ele não ter ido logo à sua casa a fim de tirar partido de sua ação; e, para obrigá-lo a voltar, imaginara aquela necessidade de quinhentos francos. Como era possível que Frédéric não pedisse em troca um pouco de ternura? Esse requinte a maravilhava, e, num ímpeto do coração, disse-lhe:

— Quer vir conosco aos banhos de mar?

— *Conosco*, quem?

— Comigo e com o meu pássaro; farei com que você passe por meu primo, como nas velhas comédias.

— Muitíssimo obrigado!

— Bem, então pegará um alojamento perto do nosso.

A ideia de se esconder de um homem rico o humilhava.

— Não! É impossível.

— Como queira!

Rosanette se virou, com uma lágrima nos olhos. Frédéric percebeu; e, para lhe demonstrar interesse, disse estar contente em vê-la, enfim, numa excelente situação.

Ela deu de ombros. O que, afinal, a afligia? Seria, acaso, porque não a amavam?

— Oh! A mim, sempre me amam!

Acrescentou:

— Resta saber de que maneira!

Queixando-se de “sufocar de calor”, a Marechala abriu o casaco; e, sem outra roupa em volta dos quadris além de sua camisa de seda, inclinou a cabeça para o ombro, com ar de escrava, cheia de provocações.

Um homem de um egoísmo menos refletido não teria pensado que o visconde, o sr. de Comaing ou outro pudesse aparecer. Mas Frédéric fora

muitas vezes enganado por aqueles mesmos olhares para se comprometer em mais uma humilhação.

Ela quis conhecer suas relações, suas distrações; chegou até a se informar sobre seus negócios e a oferecer-se para lhe emprestar dinheiro, caso precisasse. Frédéric, não aguentando mais, pegou o chapéu.

— Pois é, minha cara, tenha muito prazer por lá; adeus!

Ela arregalou os olhos; e depois, num tom seco:

— Adeus!

Ele passou de novo pelo salão amarelo e pela segunda antessala. Havia sobre a mesa, entre um vaso cheio de cartões de visita e uma escrivadinha, um cofre de prata cinzelada. Era o da sra. Arnoux! Então, sentiu uma ternura e ao mesmo tempo como que o escândalo de uma profanação. Sua vontade era pôr as mãos ali, abri-lo. Temeu ser visto, e foi embora.

Frédéric foi virtuoso. Já não voltou à casa dos Arnoux.

Mandou seu criado comprar os dois negros, tendo-lhe feito todas as recomendações indispensáveis; e, na mesma noite, a caixa partiu para Nogent. No dia seguinte, quando ia à casa de Deslauriers, na esquina da Rue Vivienne com o bulevar, a sra. Arnoux apareceu na sua frente, cara a cara.

O primeiro gesto deles foi recuar; depois, o mesmo sorriso lhes veio aos lábios e se aproximaram. Por um minuto, nenhum dos dois falou.

O sol a cercava; — o rosto oval, as sobrancelhas longas, o xale de renda preto moldando a forma dos ombros, o vestido de seda furta-cor, o ramo de violetas no canto do casaco, tudo lhe pareceu de extraordinário esplendor. Uma suavidade infinita se espalhava em seus belos olhos; e, balbuciando ao acaso as primeiras palavras que lhe vieram:

— Como Arnoux está passando? — disse Frédéric.

— Bem, obrigada!

— E seus filhos?

— Vão muito bem!

— Ah!... ah!... — que dia bonito, não é?

— Magnífico, é verdade!

— Está fazendo compras?

— Sim.

E, com uma lenta inclinação de cabeça:

— Adeus!

Ela não lhe estendera a mão, não dissera uma palavra afetuosa, nem sequer o convidara para ir à sua casa, mas pouco importava! Ele não teria trocado esse encontro pela mais bela aventura; e ruminava sua doçura, enquanto seguia seu caminho.

Deslauriers, surpreso de vê-lo, disfarçou o despeito — pois ainda mantinha, por obstinação, alguma esperança junto à sra. Arnoux; e escrevera a Frédéric para ficar por lá, a fim de ser mais livre em suas manobras.

No entanto, disse que tinha ido à casa dela para saber se o contrato deles estipulava a comunhão de bens; nesse caso, poderiam ir contra a mulher; “e ela fez uma cara estranha quando lhe contei do seu casamento”.

— Ora essa! Que invenção!

— Era preciso, para mostrar que você necessitava do seu capital! Uma pessoa indiferente não teria sido tomada pela espécie de síncope que a acometeu.

— É mesmo? — exclamou Frédéric.

— Ah, malandro, você está se traindo! Seja sincero, ande!

Uma covardia imensa invadiu o apaixonado pela sra. Arnoux.

— Mas que nada!... Garanto a você!... Dou minha palavra de honra!

Essas frouxas denegações acabaram de convencer Deslauriers. Ele o parabenizou. Pediu “detalhes”. Frédéric não deu, e até resistiu à vontade de inventá-los.

Quanto à hipoteca, disse-lhe para não fazer nada, para esperar. Deslauriers achou que ele estava errado, e foi até mesmo brutal em suas advertências.

Aliás, andava mais sombrio, maledicente e irascível do que nunca. Em um ano, se a sorte não mudasse, embarcaria para a América ou daria um tiro nos miolos. Em suma, parecia tão furioso contra tudo e de um radicalismo tão absoluto que Frédéric não pôde deixar de lhe dizer:

— Pois você está igual a Sénécal.

Deslauriers, a esse respeito, lhe informou que ele tinha saído da prisão de Saint-Pélagie, já que a instrução não fornecera provas suficientes, talvez, para levá-lo a julgamento.

Na alegria dessa soltura, Dussardier quis “oferecer um ponche” e pediu a Frédéric para “estar presente”, avisando-o porém de que se encontraria com Hussonnet, que se mostrara excelente com Sénécal.

De fato, *Le Flambar* acabava de se associar a um escritório de negócios, e publicava nos seus prospectos: “Representação de vinhedos. — Serviço de publicidade. — Serviço de cobranças e de informações etc.”. Mas o boêmio temia que sua indústria fosse prejudicial à sua consideração literária, e pegara o matemático para cuidar das contas. Embora o lugar fosse medíocre, Sénécal, sem ele, estaria morto de fome. Frédéric, não querendo afligir o bravo empregado, aceitou o seu convite.

Três dias antes, Dussardier encerrara pessoalmente as lajotas vermelhas de sua mansarda, batera a poltrona e tirara o pó da lareira, onde se via, sob um globo, um relógio de alabastro entre uma estalactite e um coco. Como seus dois candelabros e o castiçal não eram suficientes, pedira ao porteiro dois candeeiros; e essas cinco luminárias brilhavam em cima da cômoda, que estava coberta por três guardanapos, para suportar mais decentemente os casadinhos de amêndoa, os biscoitos, um brioche e doze garrafas de cerveja. Em frente, encostada na parede forrada de papel amarelo, uma pequena biblioteca de mogno continha as *Fábulas* de Lachambeaudie, *Os mistérios de Paris*, o *Napoleão* de Norvins — e, no meio da alcova, sorria, num quadro de jacarandá, o rosto de Béranger!⁴⁶

Os convidados eram (além de Deslauriers e Sénécal) um farmacêutico recém-formado, mas que não tinha os fundos necessários para se instalar; um rapaz da *sua* casa de comércio, um vendedor de vinhos, um arquiteto e um senhor empregado nos seguros. Regimbart não pôde ir. Ficaram com pena.

Acolheram Frédéric com grandes manifestações de simpatia, Dussardier já os pusera a par da linguagem que ele usara na casa do sr. Dambreuse. Sénécal se contentou em lhe oferecer a mão, com ar digno.

Sénécal se mantinha de pé encostado na lareira. Os outros, sentados e com o cachimbo na boca, o ouviam discorrer sobre o sufrágio universal, do qual deviam resultar o triunfo da Democracia e a aplicação dos princípios do Evangelho. Aliás, o momento se aproximava; os banquetes reformistas se multiplicavam em todas as províncias; o Piemonte, Nápoles, a Toscana...⁴⁷

— É verdade — disse Deslauriers, cortando-lhe rapidamente a palavra —, isso não pode mais durar muito!

E começou a pintar um quadro da situação.

Nós sacrificamos a Holanda para obter da Inglaterra o reconhecimento de Luís Filipe; e essa famosa aliança inglesa estava perdida, devido aos casamentos espanhóis! Na Suíça, o sr. Guizot, a reboque do austríaco, apoiava os tratados de 1815. A Prússia, com sua Zollverein,⁴⁸ nos preparava complicações. A questão do Oriente continuava pendente.

— O fato de o grão-duque Constantino mandar presentes ao sr. d'Aumale não é razão para se fiar na Rússia. Quanto ao interior, nunca se viu tanta cegueira, tanta besteira! O partido majoritário deles já não se sustenta! Por todo lado, enfim, é, segundo a frase conhecida, nada! nada! nada!⁴⁹ E diante de tantas vergonhas — prosseguiu o advogado, pondo os punhos nos quadris —, eles se declaram satisfeitos!⁵⁰

Essa alusão a uma célebre votação provocou aplausos. Dussardier abriu uma garrafa de cerveja; a espuma respingou nas cortinas, ele não prestou atenção; enchia os cachimbos, cortava o brioche, oferecia-o, descera várias vezes para ver se o ponche ia chegar. Não demoraram a se exaltar, todos sentindo contra o Poder a mesma exasperação, violenta, sem outra causa além do ódio à injustiça; e misturavam às queixas legítimas as críticas mais bobas.

O farmacêutico reclamou do estado deplorável de nossa frota. O corretor de seguros não tolerava as duas sentinelas do marechal Soult. Deslauriers denunciou os jesuítas, que acabavam de se instalar em Lille, publicamente. Sénécal execrava bem mais o sr. Cousin, pois o ecletismo, ao ensinar a extrair a certeza da razão, desenvolvia o egoísmo, destruía a solidariedade; o vendedor de vinhos, compreendendo pouco essas matérias, observou bem alto que se esqueciam de muitas infâmias:

— O vagão real da linha do Norte deve custar oitenta mil francos! Quem pagará?

— Sim, quem pagará? — revidou o empregado do comércio, furioso como se tivessem tirado esse dinheiro do seu bolso.

Seguiram-se recriminações contra as raposas da Bolsa e a corrupção dos funcionários. Devia-se procurar mais no alto da hierarquia, segundo Sénécal, e acusar, em primeiro lugar, os príncipes, que ressuscitavam os costumes da Regência.

— Não viram, ultimamente, os amigos do duque de Montpensier voltar de Vincennes, certamente embriagados, e perturbar com suas canções os operários do Faubourg Saint-Antoine?

— Chegaram até a gritar: “Abaixo os ladrões!” — disse o farmacêutico. — Eu estava lá, eu gritei!

— Antes isso! Finalmente o Povo desperta, depois do processo Teste-Cubières.⁵¹

— Quanto a mim, esse processo me deu pena — disse Dussardier —, porque desonra um velho soldado!

— Sabem — continuou Sénécal — que se descobriu na casa da duquesa de Praslin...⁵²

Mas um pontapé abriu a porta. Hussonnet entrou.

— Salve, meus senhores! — ele disse, sentando-se na cama.

Nenhuma alusão foi feita a seu artigo, que, aliás, ele lamentava, depois que a Marechala o havia repreendido duramente.

Acabava de ver, no teatro de Dumas, *Le Chevalier de Maison-Rouge*, e “achava aquilo uma maçada”.

Uma opinião dessa espantou os democratas — esse drama, por suas tendências, ou melhor, seus cenários, afagava suas paixões. Protestaram. Sénécal, para concluir, perguntou se a peça servia a Democracia.

— Sim..., talvez, mas é de um estilo...

— Pois bem, então é boa; o que é o estilo? É a ideia!

E, sem permitir que Frédéric falasse:

— Portanto, como eu ia dizendo, no caso Praslin...

Hussonnet o interrompeu.

— Ah! Isso aí, é mais uma conversa fiada! Como me aborrece!

— E não só a você! — retrucou Deslauriers. — Ela causou a penhora de nada menos que cinco jornais! Escutem só esta nota.

E, puxando o caderninho, leu:

— “Desde o estabelecimento da melhor das repúblicas, sofremos mil duzentos e vinte e nove processos de imprensa, que resultaram para os escritores em: três mil cento e quarenta e um anos de prisão, mais a leve soma de sete milhões cento e dez mil e quinhentos francos de multa.” — É bonito ou não é, hein?

Todos riram amargamente. Frédéric, animado como os outros, retomou:

— *La Démocratie Pacifique* tem um processo por seu folhetim, um romance intitulado *La Part des femmes*.

— Puxa! Bem! — disse Hussonnet. — Se vão nos proibir de ter nossa parte de mulheres!

— Mas o que é que não é proibido? — exclamou Deslauriers. — É proibido fumar no Luxembourg, proibido cantar o hino a Pio IX!⁵³

— E proíbe-se o banquete dos tipógrafos! — articulou uma voz surda.

Era a do arquiteto, escondido pela sombra da alcova, e calado até então. Ele acrescentou que, na semana anterior, tinham condenado por ultraje ao Rei um certo Rouget.

— Rouget está frito — disse Hussonnet.

Esse gracejo pareceu tão inconveniente a Sénécal, que ele o criticou por defender “o saltimbanco do Hôtel de Ville, o amigo do traidor Dumouriez”.⁵⁴

— Eu? Ao contrário!

Ele achava Luís Filipe um estereótipo, estilo guarda nacional, tudo o que havia de mais quitandeiro e boné de algodão! E, pondo a mão no coração, o boêmio desfiou as frases sacramentais: “É sempre com prazer renovado... A nacionalidade polonesa não perecerá... Nossas grandes obras prosseguirão... Deem-me dinheiro para a minha pequena família...”. Todos riram muito, proclamando-o um sujeito delicioso, cheio de espírito; a alegria redobrou ao verem a poncheira que o dono de um bar trouxera.

As chamas do álcool e das velas logo aqueceram o apartamento; e a luz da mansarda, ao cruzar o pátio, iluminava em frente a beira de um telhado com o cano de uma chaminé que se erguia, negro, na noite. Falavam muito alto, todos ao mesmo tempo; tinham tirado as casacas; esbarravam nos móveis, batiam nos copos.

Hussonnet exclamou:

— Façam subir as grandes damas, para que fique mais *Tour de Nesle*,⁵⁵ cor local, e à la Rembrandt, ora essa!

E o farmacêutico, que mexia o ponche indefinidamente, entoou a plenos pulmões:

*Tenho dois grandes bois em meu estábulo,
Dois grandes bois brancos...*⁵⁶

Sénécal pôs-lhe a mão na boca, não gostava de desordem; e os inquilinos apareciam nas janelas, surpresos com a barulheira insólita que se fazia no apartamento de Dussardier.

O bom rapaz estava feliz, e disse que aquilo lhe lembrava suas pequenas reuniões de antigamente, no Quai Napoléon; no entanto, vários estavam ausentes, como Pellerin...

— Podemos dispensá-lo — retrucou Frédéric.

E Deslauriers pediu notícias de Martinon.

— Que fim levou, esse interessante senhor?

Frédéric, desabafando a má vontade que sentia por ele, logo atacou seu espírito, seu caráter, sua falsa elegância, o homem inteiro. Era mesmo um típico camponês novo-rico! A nova aristocracia e a burguesia não valiam a antiga, a nobreza. Foi o que ele afirmou, e os democratas aprovaram — como se ele tivesse feito parte de uma e eles tivessem frequentado a outra. Ficaram encantados com Frédéric. O farmacêutico até o comparou com o sr. d'Alton-Shée, que, embora par de França, defendia a causa do Povo.

Chegara a hora de ir embora. Todos se separaram com grandes apertos de mão; Dussardier, afetuoso, acompanhou Frédéric e Deslauriers. Assim que chegaram à rua, o advogado pareceu refletir e, depois de um momento de silêncio:

— Quer dizer que você está bravo com Pellerin?

Frédéric não escondeu seu rancor.

O pintor, no entanto, retirara da vitrine o famoso quadro. Não deviam se desentender por ninharias! Para que criar um inimigo?

— Ele cedeu a um instante de mau humor, desculpável num homem que não tem um tostão. Você não consegue entender isso!

E depois que Deslauriers voltou para casa, Dussardier não largou Frédéric; até o exortou a comprar o quadro. De fato, Pellerin, perdendo a esperança de intimidá-lo, havia manobrado com seus amigos para que Frédéric ficasse com aquilo.

Deslauriers voltou a esse assunto, insistiu. As pretensões do artista eram razoáveis.

— Aposto que mediante, talvez, quinhentos francos...

— Ah! Dê-lhe você! Pronto, aqui estão — disse Frédéric.

Na mesma noite o quadro foi levado. Pareceu-lhe mais abominável ainda que da primeira vez. Os meios-tons e as sombras tinham ficado cor de chumbo sob as camadas de retoques, e pareciam escurecidos em relação às luzes, que, ainda brilhantes aqui e ali, destoavam no conjunto.

Frédéric se vingou de lhe ter pagado denigrando-o amargamente. Deslauriers acreditou em sua palavra e aprovou seu comportamento, pois ainda ambicionava constituir uma falange da qual seria o chefe; certos homens se alegram em mandar os amigos fazer coisas que lhes são desagradáveis.

Enquanto isso, Frédéric não retornara à casa dos Dambreuse. Faltavam-lhe os capitais. Seriam explicações que não acabariam mais; hesitava em se decidir. Talvez tivesse razão. Agora, nada era seguro, o negócio da hulha não mais que qualquer outro; era preciso abandonar aquele mundo; por fim, Deslauriers o desviou da empreitada. De tanto ódio, ele se tornava virtuoso; e além disso, preferia Frédéric na mediocridade. Assim continuaria a ser seu igual, e em comunhão mais íntima com ele.

A encomenda da srta. Roque tinha sido muito mal executada. Foi o que o pai dela escreveu, fornecendo as explicações mais detalhadas e terminando a carta com esta brincadeira: “Correndo o risco de lhe dar um trabalho de negro”.

Só restava a Frédéric voltar à casa de Arnoux. Subiu ao depósito e não viu ninguém. Como a casa comercial estava desabando, os empregados imitavam a incúria do patrão.

Passou pela prateleira comprida, carregada de faianças, que ocupava de uma ponta à outra o centro do depósito; depois, chegando ao fundo, diante do balcão, pisou com mais força, para ser ouvido.

O reposteiro subiu, a sra. Arnoux apareceu.

— Como! A senhora aqui! A senhora!

— Sim — ela balbuciou, meio perturbada. — Eu procurava...

Ele viu seu lenço perto da escrivaninha, e adivinhou que descera ao depósito do marido para se dar conta de algo, talvez esclarecer uma inquietação.

— Mas... talvez precise de alguma coisa? — ela disse.

— Coisa de nada.

— Esses caixeiros são intoleráveis! Ausentam-se o tempo todo.

Não devia censurá-los. Ao contrário, ele se felicitava pela circunstância.

Ela o encarou, irônica.

— E então, e esse casamento?

— Que casamento?

— O seu!

— Eu? Nunca na vida!

Ela fez um gesto de denegação.

— E se fosse, afinal? A gente se refugia na mediocridade, por desespero diante do belo com o qual se sonhou!

— Mas nem todos os seus sonhos eram tão... cândidos!

— O que quer dizer?

— Quando passeia nas corridas com... certas pessoas!

Ele amaldiçoou a Marechala. Veio-lhe uma lembrança.

— Mas foi a senhora mesma que, outrora, me pediu para ir vê-la, no interesse de Arnoux!

Ela replicou, balançando a cabeça:

— E se aproveita para se distrair.

— Meu Deus! Esqueçamos todas essas bobagens!

— Está bem, já que vai se casar!

E ela prendeu um suspiro, mordendo os lábios.

Então ele exclamou:

— Mas estou lhe repetindo que não! Pode acreditar que eu, com minhas necessidades intelectuais, meus hábitos, vá me enfiar na província para jogar cartas, vigiar os pedreiros e passear de tamancos? Com que objetivo, então? Contaram-lhe que ela era rica, não é? Ah! Estou pouco ligando para o dinheiro! Será que eu, depois de ter desejado tudo o que há de mais belo, de mais terno, de mais encantador, uma espécie de paraíso com forma humana, e quando finalmente encontrei esse ideal, quando essa visão me esconde todas as outras...

E pegando a cabeça da sra. Arnoux com as duas mãos, começou a beijar suas pálpebras, repetindo:

— Não! Não! Não! Nunca me casarei! Nunca! Nunca!

Ela aceitava essas carícias, imobilizada pela surpresa e pelo arrebatamento.

A porta do depósito que dava para a escada se fechou. Ela deu um pulo; e continuou com a mão estendida, como para lhe ordenar silêncio. Passos se aproximaram. Depois alguém disse lá fora:

— A senhora está aí?

— Entre!

A sra. Arnoux estava com o cotovelo no balcão e girava uma pena entre os dedos, tranquilamente, quando o guarda-livros abriu o reposteiro.

Frédéric se levantou.

— Senhora, muito honrado em cumprimentá-la. O serviço estará pronto, não é? Posso contar com isso?

Ela nada respondeu. Mas essa cumplicidade silenciosa inflamou seu rosto com todos os rubores do adultério.

No dia seguinte, Frédéric voltou à sua casa e foi recebido; e para prosseguir a investida, imediatamente, sem preâmbulo, começou por se justificar sobre o encontro no Champ de Mars. Só o acaso o fizera encontrar-se com aquela mulher. Admitindo que ela fosse bonita (o que não era verdade), como poderia ocupar seu pensamento, ainda que por um minuto, já que amava outra!

— A senhora bem sabe, eu já lhe disse.

A sra. Arnoux baixou a cabeça.

— Estou zangada por ter me dito isso.

— Por quê?

— As conveniências mais simples exigem agora que eu não torne a vê-lo!

Ele alegou a inocência de seu amor. O passado devia lhe responder sobre o futuro; prometera a si mesmo não perturbar sua existência, não mais atordoá-la com seus queixumes.

— Mas ontem meu coração transbordava.

— Não devemos mais pensar naquele momento, meu amigo!

No entanto, que mal haveria em duas pobres criaturas fundirem sua tristeza?

— Pois a senhora tampouco é feliz! Ah! Conheço-a, não tem ninguém que responda às suas necessidades de afeto, de dedicação; farei tudo o que quiser! Não a ofenderei!... Juro!

E deixou-se cair de joelhos, contra a sua vontade, prostrado sob um peso interior grande demais.

— Levante-se! — disse dela —, é uma ordem!

E declarou, imperiosa, que, se ele não obedecesse, nunca mais o reveria.

— Ah! Desafio-a a fazer isso! — retrucou Frédéric. — O que tenho eu a fazer no mundo? Os outros batalham pela riqueza, pela celebridade, pelo poder! Eu, de meu lado, não tenho posição, a senhora é minha ocupação exclusiva, toda a minha fortuna, a finalidade, o centro de minha existência, de meus pensamentos. Não posso mais viver sem a senhora tanto quanto sem o ar do céu! Será que não sente a aspiração de minha alma subir para a

sua, e que ambas devam se confundir, e que estou morrendo por causa disso?

A sra. Arnoux começou a tremer, com todo o seu corpo.

— Ai! Vá embora! Suplico!

A expressão transtornada de seu rosto o deteve. Depois, deu um passo. Mas ela recuava, juntando as mãos.

— Deixe-me! Em nome do céu! Por favor!

E Frédéric a amava tanto, que saiu.

Logo foi invadido pela raiva de si mesmo, declarou-se um imbecil e, vinte e quatro horas depois, voltou.

A senhora não estava. Ele ficou no patamar, atordoado de fúria e indignação. Arnoux apareceu e disse-lhe que a mulher, na mesma manhã, partira para se instalar numa casinha de campo que alugavam em Auteuil, pois já não possuíam a de Saint-Cloud.

— É mais uma das manias dela! Enfim, já que isso lhe arranja! E a mim também, aliás; melhor assim! Jantamos juntos à noite?

Frédéric alegou um negócio urgente, depois correu para Auteuil.

A sra. Arnoux deixou escapar um grito de alegria. Então, todo o seu rancor se desfez.

Ele já não falou de seu amor. Para lhe inspirar mais confiança, até exagerou sua reserva; e quando perguntou se podia voltar, ela respondeu: “Mas com certeza”, oferecendo sua mão, que retirou quase na mesma hora.

Desde então, Frédéric multiplicou as visitas. Prometia ao cocheiro gordas gorjetas. Mas volta e meia a lentidão do cavalo o impacientava, e ele descia; depois, sem fôlego, subia num ônibus; e com que desdém examinava o rosto das pessoas sentadas à sua frente, e que não iam à casa dela!

Reconhecia de longe sua casa, por uma madressilva enorme que cobria, de um só lado, as tábuas do telhado; era uma espécie de chalé suíço pintado de vermelho, com um balcão externo. Havia no jardim três velhas castanheiras, e no meio, sobre um morrinho, um guarda-sol de colmo sustentado por um tronco de árvore. Sob a ardósia dos muros, uma grande videira, mal presa, caía aqui e ali, como um cabo podre. A sineta do portão, um pouco dura de puxar, prolongava seu carrilhão, e sempre se esperava muito tempo até vir alguém. Toda vez ele sentia uma angústia, um medo indefinido.

Depois ouvia os estalos, na areia, das chinelas da empregada; ou então a própria sra. Arnoux aparecia. Um dia, ele chegou por trás dela, que estava de cócoras, em frente à grama, apanhando violeta.

O temperamento da filha a forçara a interná-la num colégio. Seu garoto passava a tarde numa escola. Arnoux fazia longos almoços no Palais-Royal com Regimbart e o amigo Compain. Nenhum importuno podia flagrá-los.

Estava acertado que não deveriam se pertencer. Essa convenção, que os garantia contra o perigo, facilitava as efusões.

Ela lhe contou sua existência de outrora, em Chartres, na casa da mãe; sua devoção por volta dos doze anos; depois, a paixão pela música, quando cantava até de noite, em seu quartinho, de onde se avistavam as muralhas. Ele lhe contou suas melancolias no colégio, e como em seu céu poético resplandecia um rosto de mulher, tanto assim que, ao vê-la pela primeira vez, a reconhecera.

Em geral, esses discursos só abarcavam os anos em que se conheciam. Ele lhe lembrava detalhes insignificantes, a cor de seu vestido em tal época, que pessoa um dia aparecera, o que ela dissera uma outra vez; e ela respondia, maravilhada:

— Sim, me lembro!

Seus gostos, seus julgamentos eram os mesmos. Muitas vezes aquele que ouvia o outro exclamava:

— Eu também!

E, por sua vez, o outro respondia:

— Eu também!

Depois, vinham as intermináveis queixas da Providência:

— Por que o céu não quis? Se tivéssemos nos encontrado!...

— Ah! Se eu fosse mais jovem! — ela suspirava.

— Não! Se eu fosse um pouco mais velho.

E imaginavam uma vida exclusivamente amorosa, bastante fecunda para encher as mais vastas solidões, excedendo todas as alegrias, desafiando todas as misérias, em que as horas tivessem desaparecido numa contínua efusão deles mesmos, e que teria criado algo resplandecente e elevado, como a palpitação das estrelas.

Quase sempre ficavam ao ar livre, no alto da escada; diante deles, as copas das árvores amareladas pelo outono criavam protuberâncias, de forma desigual, até a beira do céu pálido; ou então iam para o fim da

alameda, para um pavilhão que tinha como única mobília um canapé de lona cinza. Pontos pretos manchavam o espelho; as paredes exalavam um cheiro de mofo; — e ficavam ali, conversando sobre si mesmos, sobre os outros, sobre qualquer coisa, radiantes. Às vezes, os raios do sol, atravessando a gelosia, esticavam do teto ao chão como que as cordas de uma lira, e grãos de poeira rodopiavam naquelas barras luminosas. Ela se divertia em dispersá-los, com a mão; — Frédéric a agarrava, devagarinho; e contemplava o entrelaçado de suas veias, os grãos da pele, a forma dos dedos. Cada dedo era, para ele, mais que uma coisa, quase uma pessoa.

Ela lhe deu suas luvas, na semana seguinte, seu lenço. Chamava-o de “Frédéric”. Ele a chamava de “Marie”, adorando esse nome, criado de propósito, dizia, para ser suspirado no êxtase, e que parecia conter nuvens de incenso, ou juncadas de rosas.

Chegaram a fixar de antemão o dia de suas visitas; e, saindo como que por acaso, ela ia encontrá-lo, na estrada.

Ela nada fazia para excitar seu amor, perdida nessa displicência que caracteriza as grandes felicidades. Durante toda a temporada, usou um robe de chambre de seda marrom, bordado de veludo também marrom, roupa larga que convinha à languidez de suas atitudes e à sua fisionomia séria. Aliás, essa languidez tocava as mulheres no mês de agosto, época ao mesmo tempo de reflexão e ternura, em que a maturidade que se inicia colore o olhar com uma chama mais profunda, quando a força do coração se mistura à experiência de vida, e quando, no fim de seu desabrochar, o ser completo transborda de riquezas na harmonia de sua beleza. Nunca ela demonstrara tamanha doçura, indulgência. Certa de não fraquejar, entregava-se a um sentimento que lhe parecia um direito conquistado por suas tristezas. Aliás, aquilo era tão bom, e tão novo! Que abismo entre a grosseria de Arnoux e as adorações de Frédéric!

Ele tremia de medo de perder, por uma palavra, o que acreditava ter ganhado, pensando que é possível recuperar uma oportunidade mas que nunca ninguém se recupera de uma bobagem. Queria que ela se desse, e não tomá-la. A segurança de seu amor o deliciava como um gostinho prévio da posse, e, além disso, o charme de sua pessoa perturbava seu coração, mais que seus sentidos. Era uma beatitude indefinida, um tal arrebatamento, que ele esquecia até a possibilidade de uma felicidade absoluta. Longe dela, desejos furiosos o devoravam.

Breve houve em seus diálogos grandes intervalos de silêncio. Às vezes, uma espécie de pudor sexual os fazia corar, um na frente do outro. Todas as precauções para esconder o amor o revelavam; quanto mais forte se tornava, mais suas maneiras eram contidas. Pelo exercício de tal mentira, a sensibilidade deles se exacerbou. Desfrutavam deliciosamente do cheiro das folhas úmidas, sofriam com o vento de leste, tinham irritações sem causa, pressentimentos fúnebres; um ruído de passos, o estalo de uma madeira lhes causavam pavores como se fossem culpados; sentiam-se impelidos para um abismo; uma atmosfera tempestuosa os envolvia; e quando reclamações escapavam de Frédéric, ela acusava a si mesma.

— Sim! Ajo errado! Estou parecendo uma sedutora! Então não volte aqui!

E então ele repetia as mesmas juras — que ela sempre escutava com prazer.

Seu regresso a Paris e os embaraços do dia de ano-novo suspenderam um pouco os encontros. Quando ele voltou a vê-la, tinha em suas maneiras algo mais atrevido. Ela saía a todo minuto para dar ordens, e recebia, apesar de seus pedidos, todos os burgueses que iam vê-la. Então, entregavam-se a conversas sobre Léotade, o sr. Guizot, o Papa, a insurreição de Palermo e o banquete do 12^o Arrondissement, que inspirava preocupações. Frédéric sentia-se aliviado ao deblaterar contra o Poder; pois desejava, assim como Deslauriers, uma revolução universal, de tão amargo estava agora. A sra. Arnoux, de seu lado, ia se tornando sombria.

O marido, pródigo em extravagâncias, sustentava uma operária da manufatura, aquela a quem chamavam de Bordelesa. A própria sra. Arnoux contou a Frédéric. Disso ele queria extrair um argumento, “já que a traíam”.

— Ah! Não me incomode com isso! — disse ela.

Essa declaração lhe pareceu consolidar de vez a intimidade deles. Arnoux desconfiaria de algo?

— Não! Agora, não!

Ela lhe contou que, uma noite, ele os deixara a sós e depois retornara, escutara atrás da porta e, como os dois falavam de coisas indiferentes, ele vivia, desde essa época, em absoluta segurança.

— Com razão, não é? — disse Frédéric, amargo.

— Sim, sem dúvida!

Teria sido melhor se ela não arriscasse uma frase dessas.

Um dia, ela não estava em casa na hora em que ele costumava ir. Para ele, foi como uma traição.

Em seguida, zangou-se ao ver as flores que levava sempre enfiadas num copo de água.

— Mas onde quer que estejam?

— Ah! Não ali! Aliás, estão ali menos friamente que sobre o seu coração.

Algum tempo depois, criticou-a por ter estado na véspera no Italiens, sem avisá-lo. Outros a tinham visto, admirado, amado talvez; Frédéric se agarrava às suas suspeitas unicamente para brigar com ela, atormentá-la; pois começava a odiá-la, e era bom que, pelo menos, ela sentisse uma parte de seus sofrimentos!

Certa tarde (por volta de meados de fevereiro), flagrou-a muito emocionada. Eugène se queixava de dor de garganta. O médico dissera, porém, que não era nada, um resfriado forte, a gripe. Frédéric se espantou com o aspecto prostrado da criança. No entanto, tranquilizou a mãe, citou como exemplo vários meninos da idade dele que acabavam de ter afecções parecidas e depressa se curaram.

— É mesmo?

— Mas claro que sim!

— Ah! Como você é bom!

E pegou sua mão. Ele a apertou dentro da sua.

— Ah! Largue-a.

— O que tem de mais, já que é ao consolador que a senhora a oferece?... Para essas coisas acredita em mim, e duvida de mim... quando lhe falo do meu amor!

— Não duvido, meu pobre amigo!

— Por que essa desconfiança, como se eu fosse um miserável capaz de abusar?...

— Oh! Não!...

— Se pelo menos eu tivesse uma prova!...

— Que prova?

— A que se daria ao primeiro que aparecesse, essa que já concedeu a mim.

E lembrou-lhe que uma vez tinham saído juntos, durante um crepúsculo de inverno, tempo de nevoeiro. Agora, tudo isso estava bem longe! Quem então a impedia de se mostrar de braço dado com ele, na frente de todo

mundo, sem temor de sua parte, sem segunda intenção da parte dele, não tendo ninguém ao redor para importuná-los?

— Que seja! — ela disse, com uma coragem de decisão que de início deixou Frédéric perplexo.

Mas ele retrucou prontamente:

— Quer que a espere na esquina da Rue Tronchet com a Rue de la Ferme?

— Meu Deus! Meu amigo... — balbuciou a sra. Arnoux.

Sem lhe dar tempo de refletir, acrescentou:

— Terça-feira que vem, pode ser?

— Terça-feira?

— Sim, entre duas e três horas!

— Lá estarei!

Ela virou o rosto, com um gesto de vergonha. Frédéric encostou os lábios em sua nuca.

— Ah! Não faça isso — ela disse. — Você me faria arrepender-me.

Ele se afastou, temendo a volubilidade usual das mulheres. Depois, na soleira, murmurou suavemente, como algo já bem combinado:

— Até terça!

Ela baixou os belos olhos de um jeito discreto e resignado.

Frédéric tinha um plano.

Esperava que, graças à chuva ou ao sol, pudesse fazê-la parar numa porta, e, uma vez na porta, ela entrasse no prédio. O difícil era descobrir um que conviesse.

Portanto, saiu à procura, e pelo meio da Rue Tronchet leu de longe, numa tabuleta: *Apartamentos mobiliados*.

O rapaz, entendendo sua intenção, mostrou-lhe imediatamente, no entressolo, um quarto e um gabinete com duas saídas. Frédéric o alugou por um mês e pagou adiantado.

Depois foi a três lojas comprar a mais fina perfumaria; conseguiu um retalho de falsa guipure para substituir a colcha horrorosa de algodão vermelho, escolheu um par de pantufas de cetim azul; só o temor de parecer grosseiro o moderou em suas compras; voltou com elas; — e, mais devotamente do que os que arrumam os sacrários, mudou de lugar os móveis, afofou ele mesmo as cortinas, jogou urzes na lareira, violetas em cima da cômoda; gostaria de cobrir de ouro todo o quarto. “É amanhã”,

dizia-se, “sim, amanhã! Não estou sonhando.” E sentia o coração disparar sob o delírio da esperança; depois, quando ficou tudo pronto, pôs a chave no bolso, como se a felicidade que ali dormia pudesse levantar voo.

Uma carta de sua mãe o esperava em casa.

Por que uma ausência tão longa? Seu comportamento começa a parecer ridículo. Compreendo que, em certa medida, tenha primeiro hesitado diante dessa união; reflita, porém!

E ela esclarecia as coisas: quarenta e cinco mil libras de renda. Aliás, “comentava-se isso”, e o sr. Roque esperava uma resposta definitiva. Quanto à jovem pessoa, sua posição era verdadeiramente embaraçosa. “Ela te ama muito.”

Frédéric largou a carta sem terminá-la, e abriu outra, um bilhete de Deslauriers.

Meu velho,

A *pera* está madura.⁵⁷ Conforme sua promessa, contamos com você. Reunimo-nos amanhã de manhãzinha, na Place du Panthéon. Entre no café Soufflot. Preciso lhe falar antes da manifestação.

“Ah, eu conheço, as manifestações deles. Agradeço muito! Tenho um encontro mais agradável.”

E no dia seguinte, já às onze horas, Frédéric tinha saído. Queria dar uma última olhada nos preparativos; depois, quem sabe, ela podia por um acaso qualquer estar adiantada. Ao desembocar na Rue Tronchet, ouviu atrás da Madeleine um grande clamor; avançou e avistou no fundo da praça, à esquerda, gente de avental de operário e burgueses.

De fato, um manifesto publicado nos jornais havia convocado para aquele local todos os subscritores do banquete reformista. O Ministério, quase imediatamente, afixara uma proclamação proibindo-o. Na noite anterior a oposição parlamentar tinha desistido; mas os patriotas, que ignoravam essa resolução dos chefes, tinham ido ao encontro, seguidos por uma multidão de curiosos. Havia pouco, uma delegação das escolas tinha ido ver Odilon Barrot.⁵⁸ Estava agora no Ministério das Relações Exteriores; e não se sabia

se o banquete ocorreria, se o Governo executaria sua ameaça, se os guardas nacionais se apresentariam. Era grande o rancor contra os deputados e contra o Poder. A multidão crescia cada vez mais, quando de repente vibrou nos ares o refrão de *A Marselhesa*.

Era a coluna dos estudantes que chegava. Andavam a passo, em duas filas, em ordem, o semblante irritado, as mãos nuas, e todos gritando a intervalos:

— Viva a reforma! Abaixo Guizot!

Os amigos de Frédéric estavam lá, é claro. Iam avistá-lo e arrastá-lo. Ele se refugiou rapidamente na Rue de l'Arcade.

Quando os estudantes tinham dado duas ou três voltas pela Madeleine, desceram para a Place de la Concorde, que estava lotada; e a multidão apinhada parecia, de longe, um campo de espigas pretas que balançavam.

No mesmo momento, soldados de infantaria se puseram em posição de ataque, à esquerda da igreja.

Os grupos, porém, continuavam parados. Para acabar com aquilo, agentes de polícia disfarçados de burgueses apanhavam os mais rebeldes e os levavam para a delegacia, brutalmente. Frédéric, apesar de sua indignação, continuava mudo; poderiam tê-lo apanhado, com os outros, e ele teria perdido a sra. Arnoux.

Pouco tempo depois, apareceram os capacetes dos guardas da polícia montada. Golpearam ao redor, dando pranchadas de sabre. Um cavalo caiu, correram para lhe prestar socorro, e, assim que o cavaleiro voltou para a sela, todos fugiram.

Então fez-se um grande silêncio. A chuva fina, que molhara o asfalto, parou de cair. Nuvens se desfaziam, varridas molemente pelo vento de oeste.

Frédéric começou a percorrer a Rue Tronchet, olhando para a frente e para trás.

Finalmente, bateram duas horas.

“Ah! É agora!”, pensou, “ela está saindo de casa, vai chegar”; e, um minuto depois: “já dava tempo de ter chegado”. Até as três horas tentou se acalmar. “Não, ela não está atrasada; um pouco de paciência!”

E, na falta do que fazer, examinava as raras lojas: um livreiro, um seleiro, uma agência funerária. Logo ficou conhecendo os nomes dos livros, todos os arreios, todos os tecidos. Os comerciantes, de tanto vê-lo passar e

repassar continuamente, ficaram de início espantados, depois assustados, e baixaram as portas.

Com certeza ela teve um contratempo, e também estaria sofrendo. Mas que alegria daqui a pouco! — Pois ia chegar, isso era certo! “Ela me prometeu, sim!” No entanto, uma angústia intolerável o ganhava.

Num gesto absurdo, entrou no apartamento, como se ela pudesse estar ali. Talvez estivesse, no mesmo instante, chegando à rua. Foi para lá. Ninguém! E recomeçou a ir e vir pela calçada.

Observava as fendas dos paralelepípedos, as bocas das calhas, os candelabros, os números no alto das portas. Os objetos mais ínfimos tornaram-se seus companheiros, ou melhor, espectadores irônicos; e as fachadas regulares das casas lhe pareciam implacáveis. Sofria de frio nos pés. Sentia-se desfeito pela prostração. O eco de seus passos lhe sacudia o cérebro.

Quando viu quatro horas em seu relógio, sentiu como uma vertigem, um pavor. Tentou repetir versos, calcular qualquer coisa, inventar uma história. Impossível! A imagem da sra. Arnoux o obcecava. Tinha vontade de correr ao seu encontro. Mas que caminho pegar para não se desencontrarem?

Aproximou-se de um moço de recados, pôs-lhe cinco francos na mão e o encarregou de ir à Rue Paradis, casa de Jacques Arnoux, para indagar com o porteiro “se a senhora estava em casa”. Depois plantou-se na esquina da Rue de la Ferme com a Rue Tronchet, de maneira a ver simultaneamente as duas. No fundo da perspectiva, no bulevar, massas confusas deslizavam. Às vezes distinguia o penacho de um dragão, um chapéu de mulher; e arregalava as pupilas para reconhecê-la. Uma criança esfarrapada, que mostrava uma marmota dentro de uma caixa, lhe pediu uma esmola, sorrindo.

O homem do casaco de veludo reapareceu. “O porteiro não a tinha visto sair.” Quem a prendia? Se estivesse doente, teriam lhe dito! Seria uma visita? Nada mais fácil do que não receber. Ele bateu na testa.

“Ah! Como sou bobo! É o motim!” Essa explicação natural o aliviou. Depois, de repente: “Mas o bairro dela está tranquilo”. E uma dúvida abominável o invadiu. “E se não viesse? Se sua promessa fosse apenas uma palavra para se desvencilhar de mim? Não! Não!” O que talvez a impedisse seria um acaso extraordinário, um desses acontecimentos que frustram

qualquer previsão. Nesse caso, ela teria escrito. E ele enviou o mensageiro a seu domicílio, na Rue Rumfort, para saber se não havia alguma carta.

Não tinham entregado nenhuma carta. Essa ausência de notícias o sossegou.

Do número de moedas apanhadas ao acaso na mão, da fisionomia dos passantes, da cor dos cavalos, ele deduzia presságios; e quando o augúrio era contrário, esforçava-se para não acreditar. Em seus acessos de fúria contra a sra. Arnoux, ele a injuriava à meia-voz. Depois, eram fraquezas de desmaiar, e de repente novos impulsos de esperança. Ela ia aparecer. Ela estava ali, atrás dele. Virava-se: nada! Uma vez avistou, a cerca de trinta passos, uma mulher do mesmo tamanho, com o mesmo vestido. Foi encontrá-la: não era ela!

Deram cinco horas! Cinco e meia! Seis horas! O gás estava sendo aceso. A sra. Arnoux não tinha vindo.

Na noite anterior, ela sonhara que estava na calçada da Rue Tronchet havia muito tempo. Esperava algo indeterminado, considerável porém, e, sem saber por quê, receava ser vista. Mas um maldito cãozinho, encarniçado contra ela, mordiscava a barra de seu vestido. Ele voltava obstinadamente e latia cada vez mais alto. A sra. Arnoux acordou. O latido do cão continuou. Ela apurou o ouvido. Aquilo vinha do quarto de seu filho. Foi lá correndo, descalça. Era o menino que tossia. Estava com as mãos ardendo, a face vermelha e a voz singularmente rouca. A dificuldade de respirar aumentava de minuto em minuto. Ela ficou ali até clarear, debruçada sobre seu cobertor, a observá-lo.

Às oito horas, o tambor da guarda nacional foi avisar ao sr. Arnoux que seus companheiros o esperavam. Ele se vestiu prontamente e foi embora, prometendo passar de imediato pelo médico deles, o dr. Colot. Às dez horas, como o dr. Colot não tinha ido, a sra. Arnoux despachou sua camareira. O doutor se encontrava em viagem, no campo, e o rapaz que o substituía andava fazendo visitas.

Eugène estava com a cabeça de lado, sobre o travesseiro, sempre de cenho franzido, dilatando as narinas; seu pobre rostinho ia ficando mais pálido que os lençóis; e de sua laringe escapava um assobio produzido pela respiração, mais e mais curta, seca, e como metálica. Sua tosse parecia o ruído desses mecanismos bárbaros que fazem ladrar os cães de brinquedo.

A sra. Arnoux foi tomada de pavor. Jogou-se em cima das campainhas, chamando por socorro, gritando:

– Um médico! Um médico!

Dez minutos depois chegou um senhor velho, de gravata branca e suíças grisalhas, bem aparadas. Fez muitas perguntas sobre os hábitos, a idade e o temperamento do jovem doente, depois examinou sua garganta, encostou a cabeça em suas costas e escreveu uma receita. O jeito tranquilo desse indivíduo era odioso. Cheirava a embalsamado. Ela gostaria de bater nele. Ele disse que voltaria à noitinha.

Longo os horríveis acessos de tosse recomeçaram. Às vezes a criança se levantava, de repente. Movimentos convulsos lhe sacudiam os músculos do peito, e em suas aspirações o ventre se cavava como se ele estivesse sufocado por ter corrido. Depois, jogava de novo a cabeça para trás e escancarava a boca. Com infinitas precauções, a sra. Arnoux tentava fazê-lo engolir o conteúdo de frascos, um xarope de ipecacuanha, uma poção de quermes, expectorante. Mas ele rejeitava a colher, gemendo baixinho. Parecia soprar as palavras.

De vez em quando, ela relia a receita. As observações do formulário a apavoravam; talvez o farmacêutico tivesse se enganado! Sua impotência a desesperava. O aluno do dr. Colot chegou.

Era um rapaz de modos modestos, novo na profissão, e que não escondeu sua impressão. Primeiro ficou indeciso, com medo de se comprometer, e depois prescreveu a aplicação de pedaços de gelo. Levaram muito tempo para encontrar gelo. A bexiga que continha os pedaços arrebentou. Foi preciso mudar a camisa dele. Todo esse transtorno provocou um novo acesso, mais terrível.

O menino começou a arrancar os panos em volta do pescoço, como se quisesse retirar o obstáculo que o sufocava, e arranhava a parede, agarrava as cortinas da cama, procurando um ponto de apoio para respirar. Agora seu rosto estava azulado, e todo o seu corpo, encharcado de um suor frio, parecia emagrecer. Os olhos esgazeados se agarravam na mãe, aterrorizados. Ele atirava os braços no seu pescoço, suspendendo-se de um jeito desesperado; e, prendendo os soluços, ela balbuciava palavras meigas:

– Sim, meu amor, meu anjo, meu tesouro!

Depois, vinham momentos de calma.

Ela foi buscar brinquedos, um polichinelo, uma coleção de imagens, e os espalhou na cama, para distraí-lo. Até tentou cantar.

Começou com uma música que cantava para ele antigamente, quando o ninava, trocando-lhe fraldas, naquela mesma cadeirinha estofada. Mas todo o seu corpo tiritou, como uma onda sob uma ventania; os globos dos olhos estavam saltados; ela achou que ele ia morrer, e virou-se para não vê-lo.

Um instante depois, teve a força de olhar para ele. Ainda vivia. As horas se sucediam, pesadas, sombrias, intermináveis, desesperadoras; e ela só contava os minutos pela progressão dessa agonia. Os solavancos de seu peito o jogavam para a frente, como a quebrá-lo; no fim, vomitou algo esquisito, que parecia um rolo de pergaminho.⁵⁹ Que era aquilo? Imaginou que ele pusera para fora um pedaço de suas entranhas. Mas ele respirava bem, regularmente. Essa aparência de bem-estar a assustou mais que todo o resto; ela continuava como que petrificada, com os braços balançando, os olhos parados, quando o dr. Colot chegou. A criança, segundo ele, estava salva.

De início ela não entendeu e lhe pediu que repetisse a frase. Não seria uma dessas consolações próprias dos médicos? O doutor foi embora com ar tranquilo. Então, foi para ela como se as cordas que apertavam seu coração tivessem afrouxado.

— Salvo! Será possível?

De repente, a proposta de Frédéric lhe veio com nitidez inexorável. Era um aviso da Providência. Mas o Senhor, em sua misericórdia, não quisera puni-la totalmente! Que expiação, mais tarde, se ela perseverasse naquele amor! Sem dúvida, insultariam seu filho por sua causa; e a sra. Arnoux o viu rapaz, ferido numa briga, transportado numa maca, moribundo. Com um pulo jogou-se na cadeirinha; e com todas as suas forças, lançando a alma nas alturas, ofereceu a Deus, como um holocausto, o sacrifício de sua primeira paixão, de sua única fraqueza.

Frédéric voltara para casa. Ficou na poltrona, sem sequer ter força para amaldiçoá-la. Uma espécie de sono o ganhou, e em seu pesadelo ouviu a chuva cair, acreditando que ainda estava lá, na calçada.

No dia seguinte, por uma derradeira covardia, enviou outro moço de recados à casa da sra. Arnoux.

Ou o bronco não deu o recado, ou a senhora tinha muito a dizer para se explicar em poucas palavras, o fato é que ele trouxe de volta a mesma resposta. A insolência era forte demais. Uma raiva de orgulho o agarrou. Jurou não ter nem mais sequer um desejo; e como uma folha levada pelo furacão, seu amor desapareceu. Sentiu um alívio, uma alegria estoica, e depois uma necessidade de ações violentas; e foi andando a esmo, pelas ruas.

Passavam homens dos arrabaldes, armados de fuzis, sabres velhos, alguns usando gorros vermelhos, e todos cantando *A Marselhesa* ou *Les Girondins*.⁶⁰ Aqui e ali, um guarda nacional se apressava em ir para a caserna. Ao longe, tambores ecoavam. Lutava-se na Porte Saint-Martin. Havia no ar algo alegre e belicoso. Frédéric continuava a caminhar. A agitação da cidade grande o alegrava.

Na altura do Café Frascati, avistou as janelas da Marechala; veio-lhe uma ideia louca, uma reação de juventude. Atravessou o bulevar.

Estavam fechando a porta-cocheira, e Delphine, a camareira, escrevendo ali em cima, com um carvão, “Armas dadas”, disse-lhe prontamente:

— Ah! A senhora está num humor daqueles! De manhã, despediu o moço dos cavalos, que a insultava. Acha que vão saquear tudo! Está morta de medo!, mais ainda porque o Senhor partiu!

— Que Senhor?

— O príncipe!

Frédéric entrou no boudoir. A Marechala apareceu, de saiote, cabelos soltos nas costas, transtornada.

— Ah! Obrigada, você vem me salvar! É a segunda vez! E você nunca pergunta o preço!

— Mil perdões! — disse Frédéric, pegando sua cintura com as duas mãos.

— Como? O que está fazendo? — balbuciou a Marechala, ao mesmo tempo surpresa e achando graça nessas maneiras.

Ele respondeu:

— Sigo a moda, me reformo.

Ela se deixou cair no divã, e continuava a rir sob seus beijos.

Passaram a tarde a olhar, da janela, o povo na rua. Depois ele a levou para jantar no Trois-Frères-Provençaux. O jantar foi longo, delicado. Voltaram a pé, na falta de carruagem.

Com a notícia de uma troca de ministério, Paris tinha mudado.⁶¹ Todo mundo estava alegre; as pessoas circulavam, as lamparinas criavam em cada andar uma claridade como em pleno dia. Os soldados voltavam lentamente para as casernas, extenuados, o ar triste. Todos os cumprimentavam, gritando: “Viva a infantaria!”. Eles prosseguiram, sem responder. Na guarda nacional, ao contrário, os oficiais, rubros de entusiasmo, brandiam o sabre vociferando: “Viva a reforma!”, e, toda vez, essa frase fazia os dois amantes rir. Frédéric gracejava, estava muito alegre.

Pela Rue Duphot, alcançaram os bulevares. Lanternas venezianas, suspensas nas casas, formavam guirlandas de fogo. Um formigueiro confuso agitava-se lá embaixo; no meio dessa sombra, aqui e ali brilhavam as brancuras das baionetas. Um grande zum-zum se elevava. A multidão era muito compacta, recuar era impossível; então entraram na Rue Caumartin, quando, de repente, estourou atrás deles um ruído, parecido com o estalo de uma imensa peça de seda que se rasga. Era o tiroteio do Boulevard des Capucines.⁶²

— Ah! Estão quebrando uns burgueses — disse Frédéric tranquilamente, pois há situações em que o homem menos cruel está tão distante dos outros que veria o gênero humano morrer sem um batimento de coração.

A Marechala, agarrada no seu braço, batia os dentes. Declarou-se incapaz de dar mais vinte passos. Então, por um requinte de ódio, para melhor ultrajar em sua alma a sra. Arnoux, ele a levou ao prédio da Rue Tronchet, ao apartamento preparado para a outra.

As flores não estavam murchas. A guipure estendia-se sobre a cama. Ele tirou do armário as chinelinhas. Rosanette achou muito delicadas essas amabilidades.

Por volta de uma da manhã, acordou com os rufos distantes; e o viu soluçando, com a cabeça enfiada no travesseiro.

— Mas o que você tem, amor querido?

— É o excesso de felicidade — disse Frédéric. — Havia muito tempo que eu te desejava!

-
1. A prescrição era tema sensível na época porque entre confiscos, atribuições e restituições de propriedade, a Revolução Francesa, o Império e a Restauração redistribuíram muitos bens, provocando uma profusão de recursos jurídicos. A nobreza descendia dos francos, isto é, dos germanos que foram se estabelecer na Gália, e o combate dos revolucionários contra a aristocracia seria, assim, a continuação da revolta dos gauleses contra os francos invasores.
 2. Famoso charlatão do século XVII, que enriqueceu vendendo remédios falsos. Seu nome ficou associado aos que fazem fortuna sem esforço.
 3. Auguste Barthélemy (1796-1867), poeta e autor de várias sátiras sobre a Monarquia de Julho.
 4. Famoso lugarejo do século XVIII, em pleno campo, com inúmeros bares aonde se ia beber aos domingos. Corresponde ao atual bairro Saint-Lazare.
 5. Pó perfumado extraído do rizoma do íris.
 6. Pó usado no Oriente para escurecer o contorno dos olhos.
 7. Jusepe de Ribera (1591-1652), pintor espanhol do “tenebrismo” que privilegiava temas de martírio.
 8. O Velho da Montanha era o chefe dos haxixins (comedores de haxixe), seita do século XII famosa graças à *Histoire des Croisades*, de Michaud, publicada em 1838. Cruel e poderoso, o Velho da Montanha tinha uma imensa fortuna angariada no crime. O apelido se aplica ao sr. Oudry.
 9. Em 11 de abril de 1847 foram executados na praça de Buzançais, em Indre, três aldeãos acusados de matar proprietários de terras e organizar revoltas de famintos. A França enfrentava uma grave crise de abastecimento nas regiões mais pobres, e as mortes de Buzançais foram vistas como incapacidade do governo de Luís Filipe e Guizot em resolver o problema da fome.
 10. *Deixai fazer, deixai passar*: divisa dos fisiocratas no século XVIII, e retomada pelo liberalismo absoluto defendido pelo primeiro-ministro Guizot.
 11. Flaubert achava o malthusianismo uma teoria “infame” e descobrira num número de *La Revue des Deux Mondes* um artigo de certo Marcus, cientista inglês discípulo de Malthus que preconizava a asfixia sem dor para as crianças excedentes.
 12. Os casamentos espanhóis foram realizados em 10 de outubro de 1846: a jovem rainha Isabel da Espanha casou-se com o primo Francisco de Asís de Borbón, das Duas Sicílias, e sua irmã Luisa Fernanda casou-se com o duque de Montpensier, filho do rei Luís Filipe. Esses casamentos, que contrariavam os planos ingleses, foram vistos como o símbolo da boa diplomacia francesa. O Arsenal de Rochefort foi pivô de um escândalo de corrupção envolvendo cinco de seus empregados, condenados em 1847. O novo capítulo da basílica de Saint-Denis simbolizava as gastanças do trono com a Igreja, numa época em que ainda não havia a separação entre a Igreja e o Estado.
 13. Armand Barbès (1809-70), revolucionário e ativista, na época condenado à morte por tentativa de insurreição. A pena foi comutada em prisão perpétua, e nesse momento (1847) ele estava preso incomunicável.
 14. Quando eclodiu a revolução polonesa de novembro de 1830, La Fayette foi dos que pediram à Câmara dos Deputados a intervenção do exército francês contra os russos, para defender a nação polonesa.
 15. O príncipe polonês Jozef Poniatowski (1763-1813), que chegou a marechal do Exército napoleônico, afogou-se no Elster em 1813, quando dava cobertura a Napoleão durante a retirada depois da batalha de Leipzig.

16. Confederação de católicos que teve papel importante nas guerras de religião na França, no século XVI.
17. Lola Montès (1824-61), mestiça de 23 anos, já famosa em Madri e Varsóvia por dançar nua, tornou-se amante de Luís I da Baviera em 1847 e recebeu o título de baronesa. O escândalo levou o soberano a abdicar um ano depois.
18. Uma lei de 1835 estabelecia o pagamento de uma garantia de cem mil francos-ouro para os jornais que circulassem mais de duas vezes por semana.
19. *L'Histoire des Treize*, de Balzac, reúne três relatos – *Ferragus* (1833), *A duquesa de Langeais* (1833-4) e *A moça dos olhos de ouro* (1835) – que falam de uma associação secreta de homens excepcionais.
20. Os osages são os peles-vermelhas das margens do rio Missouri, nos Estados Unidos, e que foram exibidos na França durante a Monarquia de Julho.
21. Drama de Alexandre Dumas estreado em 20 de fevereiro de 1847, em que ele retrata a corte de Carlos IX sob um aspecto especialmente sombrio.
22. As *culottes*, calças até a altura do joelho, eram no Antigo Regime o traje dos aristocratas e da alta burguesia. O *pantalon*, ou calça comprida, estava reservado aos meios populares, assim como aos republicanos mais radicais da Revolução Francesa, os chamados *sans-culottes*.
23. “Quando perguntaram a Adolphe Thiers [primeiro-ministro do rei Luís Filipe], se alguns escritores fariam parte da expedição a Santa Helena [para buscar as cinzas de Napoleão], ele respondeu: ‘Não, quero lhe deixar toda a sua gravidade.’” In *Les Guêpes*, de Alphonse Karr, escritor satírico da época.
24. Alusão ao atentado cometido por Pierre Lecomte contra Luís Filipe em 16 de abril de 1846.
25. Joseph Lesurques, condenado à morte por um crime cometido em 1796, morreu clamando inocência, e depois o verdadeiro criminoso foi preso. O caso se tornou sinônimo de erro judiciário.
26. Herói de um drama de Alexandre Dumas de 1831, Antony é o estereótipo do amante romântico que por uma paixão fatal chega ao crime.
27. Xeiique muito famoso na época. Chefe da rebelião antifrancesa na Argélia, ele se entregara às autoridades francesas em 1847 e vivia em Paris, entre a alta sociedade.
28. O *escargot*, caracol, era um cabriolé muito baixo atrelado a um só cavalo.
29. Carruagem de grande luxo atrelada à maneira do duque d’Aumont (1762-1831): os quatro cavalos eram conduzidos por dois postilhões.
30. As *briskas* eram caleches de viagem leves e descobertas; os *wurts* eram carros com bancos que faziam transporte militar e podiam levar muitos viajantes; os *tandens* eram cabriolés sem capota, puxados por dois cavalos um atrás do outro; os *tílburis* eram cabriolés leves de dois lugares; os *dogcarts* eram carros leves equipados para transportar cães de caça; as *tapissières* eram carros abertos dos lados, com ou sem cortinas; as *demi-fortunes* eram carroças modestas de quatro rodas e um só cavalo.
31. No início de 1847 Edgar Quinet foi destituído da cátedra de literatura meridional por suas opiniões liberais e ataques aos jesuítas. O polonês Adam Mickiewicz perdera a cátedra de literatura eslava em 1845, acusado de professar o iluminismo.
32. Polêmica entre F. Baucher, defensor das tradições equestres do Antigo Regime, e o conde d’Aure, cavaleiro que queria introduzir na França o método inglês de equitação.
33. Em fevereiro de 1847, o banqueiro Drouillard foi condenado por corrupção eleitoral. No ano anterior, descobrira-se que Bénier, diretor da Manutenção Geral dos Viveres, era culpado de um déficit imenso e de desfalques pelos quais nunca foi punido, pois faleceu em maio de 1845.
34. Godefroy de Cavaignac (1801-45) fundou a Sociedade dos Direitos Humanos e foi uma grande figura do movimento republicano.

35. Galo silvestre, em francês: *coq de bruyère*. Jean de La Bruyère (1645-96) é autor de *Les Caractères ou les mœurs du siècle*.
36. A cantora Sophie Arnould (1740-1802) tinha sido famosa pela libertinagem.
37. La Fougère, em seu *Traité de l'art de faire des armes* (1825), recomendava golpes muito complicados.
38. Sociedade secreta dirigida por Armand Barbès, Auguste Blanqui e Martin Bernard, as “famílias” eram as células revolucionárias republicanas. Proibida em 1836, reconstituiu-se com o nome de *Société des Saisons*.
39. Em 12 de maio de 1839, Auguste Blanqui liderou o saque de uma fábrica de armas, e o assalto ao Hôtel de Ville e à prefeitura do Quarto Arrondissement de Paris. Sem apoio popular, a insurreição fracassou, e Barbès e Blanqui foram condenados à morte.
40. Em 25 de junho de 1836, Louis Alibaud tentou assassinar o rei Luís Filipe com um fuzil. Foi guilhotinado.
41. Austen e Steuben eram, como Barbès, dirigentes da *Société des Saisons*, e foram encarcerados na prisão do Mont Saint-Michel depois da insurreição de 12 de maio de 1839.
42. Alusão a *O barbeiro de Sevilha*, peça de Beaumarchais, em que Bazile pronuncia essa réplica, na cena XI do ato III.
43. A Carbonária, inspirada no carbonarismo italiano, foi fundada em 1821 por sociedades republicanas, para tirar os Bourbons do trono. Depois da Revolução de 1830, vários carbonários aliaram-se ao rei Luís Filipe.
44. Casa no campo, isolada, que servia desde o século XVII para diversões e recepções.
45. Fumo muito forte, aromatizado com aloé, e às vezes com pó de haxixe e ópio.
46. O cançonetista Pierre Jean de Béranger (1780-1857), muito popular, foi perseguido na Restauração por suas opiniões liberais e republicanas. Uniu-se à Monarquia de Julho, em 1830, mas se manteve afastado da vida política.
47. Em meados de 1847 ocorreu em Paris o primeiro dos muitos banquetes da oposição em favor da reforma eleitoral. No mesmo momento, os diferentes Estados italianos enfrentavam grande agitação política em favor da democratização e da liberdade de imprensa.
48. União alfandegária alemã formada em torno da Prússia, e que em 1847 começava a preocupar os países vizinhos.
49. Alusão ao discurso parlamentar de 27 de abril de 1847, proferido pelo deputado Demousseaux de Givré, que o terminou atacando o governo de Guizot: “Que fizemos nestes sete anos? Nada! Nada! Nada!”.
50. Referência às explicações dadas pelo primeiro-ministro Guizot em resposta às acusações de corrupção de seu governo. Depois de seus esclarecimentos pouco convincentes, a Câmara “se declarou satisfeita”.
51. Escândalo de corrupção de julho de 1847, em que o general Cubières, ex-ministro da Guerra, e Jean-Baptiste Teste, ministro das Obras Públicas, foram condenados à degradação cívica.
52. A duquesa de Choiseul-Pralin foi assassinada em 17 de agosto de 1847. O marido se suicidou sem ter confessado. A oposição viu no caso mais uma prova da corrupção da alta classe. Sénecal se refere a um livro que teriam descoberto debaixo do travesseiro da duquesa, *Les Gens comme il faut* [Gente de bem].
53. O papa Pio IX marcou o início de seu pontificado com medidas liberais, como a anistia geral para os presos políticos dos Estados Pontifícios.
54. Foi no Hôtel de Ville, prefeitura de Paris, que Luís Filipe foi proclamado rei em 1830. Em 1793, o futuro rei servira sob o comando do general Dumouriez, que desertara e passara para o lado dos austríacos contra a França.

55. *La Tour de Nesle* (1832), peça histórica de Alexandre Dumas, conta a história da rainha Margarida de Bourgogne, que matava os parceiros para não deixar rastro de suas farras noturnas. O leitmotiv da peça era “São grandes damas”.

56. Refrão de uma canção famosa, *Les Bœufs*, escrita em 1845 pelo poeta-operário Pierre Dupont, uma das glórias da Revolução de 1848.

57. Alusão à iminente queda do rei Luís Filipe, cuja cabeça aparecia nas caricaturas em forma de pera.

58. Advogado e adversário monarquista de Luís Filipe, Odilon Barrot (1791-1873) era um dos organizadores dos banquetes reformistas, em especial o do 12º Arrondissement. Os republicanos fizeram uma grande manifestação de protesto em toda a cidade, o que levou a enfrentamentos e iniciou, na noite de 22 para 23 de fevereiro, a Revolução de 1848 que implantaria a República.

59. Trata-se da “pseudomembrana”, que causa a sufocação nos casos de crupe.

60. Hino patriótico escrito em 1792 por Rouget de Lisle, o mesmo autor da letra de *A Marselhesa*, e musicado em 1847 por Varney.

61. A tropa militar voltara para os quartéis e o policiamento ficou a cargo da guarda nacional, que, fiel ao rei mas hostil ao primeiro-ministro Guizot, desfilara aos gritos de “Viva a reforma”. O rei Luís Filipe, tentando salvar a Monarquia, substituiu Guizot por um novo primeiro-ministro, Mathieu Molé.

62. No dia 23 de fevereiro de 1848, por volta das nove e meia da noite, um grupo de manifestantes foi desafiar Guizot debaixo de sua janela, no Ministério das Relações Exteriores, no Boulevard des Capucines. Os soldados abriram fogo, deixando 52 mortos e 74 feridos. Sobreviventes puseram os cadáveres em carroças e os levaram para desfilarem pelos bairros populares. Esse massacre transformou o motim em revolução.

Terceira parte

I

O barulho de uma fuzilaria o tirou abruptamente do sono; e apesar da insistência de Rosanette, Frédéric quis, à força, ir ver o que estava acontecendo. Descia em direção aos Champs-Élysées, de onde os tiros tinham partido. Na esquina da Rue Saint-Honoré, operários cruzaram com ele, gritando:

— Não! Por aí, não! Vamos para o Palais-Royal!

Frédéric os seguiu. Tinham arrancado as grades da Assomption. Mais longe, ele observou três paralelepípedos no meio da rua, o começo de uma barricada, provavelmente, e depois, cacos de garrafas e pacotes de rolos de arame para atrapalhar a cavalaria; foi quando, de repente, surgiu de uma ruela um jovem pálido, alto, cujos cabelos pretos pairavam sobre os ombros enrolados numa espécie de camiseta com poás coloridos. Segurava um fuzil comprido de soldado, e corria na ponta das chinelas, com ar de sonâmbulo e rápido como um tigre. De vez em quando ouvia-se uma detonação.

Na noite da véspera, o espetáculo da carroça com cinco cadáveres recolhidos entre os do Boulevard des Capucines mudara as disposições do povo; e enquanto nas Tuileries sucediam-se os ajudantes de ordens, e o sr. Molé, formando um novo gabinete, não aparecia, e o sr. Thiers tentava formar outro, e o Rei fazia suas chicanas, hesitante, e depois entregava a Bugeaud o comando geral para impedi-lo de usá-lo,¹ a insurreição, como dirigida por um só braço, organizava-se formidavelmente. Homens de uma eloquência frenética arengavam a multidão nas esquinas das ruas; outros,

nas igrejas, tocavam o sino a rebate com toda a força; derretia-se chumbo, enrolavam-se cartuchos; as árvores dos bulevares, os mictórios públicos, os bancos, os portões de grade, os bicos de gás, tudo foi arrancado, derrubado; de manhã, Paris estava coberta de barricadas. A resistência não durou; por todo lado a guarda nacional se interpunha; — tanto assim que, às oito horas, o povo, bem ou mal, se apoderara de cinco casernas, quase todas as prefeituras, os pontos estratégicos mais seguros. Sem abalos, por si só a Monarquia derretia, numa dissolução rápida; e atacava-se o posto do Château-d’Eau, para soltar cinquenta presos, que não estavam lá.

Frédéric parou, forçosamente, na entrada da praça. Grupos armados a enchiam. Companhias de infantaria ocupavam a Rue Saint-Thomas e a Fromanteau. Uma enorme barricada obstruía a Rue de Valois. A fumaça que se agitava no alto da barricada entreabriuse, homens correram atravessando-a e fazendo grandes gestos e desapareceram; depois o tiroteio recomeçou. O posto respondia, sem que se visse ninguém lá dentro; suas janelas, protegidas por postigos de carvalho, estavam perfuradas de seteiras; e o monumento com seus dois andares, duas alas, a fonte no primeiro andar e a portinha no meio, começava a ficar mosqueado de manchas brancas sob o impacto das balas. A escada de três degraus continuava vazia.

Ao lado de Frédéric, um homem de barrete grego e com uma cartucheira por cima do casaco de malha brigava com uma mulher de lenço na cabeça. Ela lhe dizia:

— Mas volte para cá! Volte logo!

— Deixe-me em paz! — respondia o marido. — Você pode muito bem vigiar a portaria sozinha. Cidadãos, pergunto a vocês, isso é justo? Cumpri meu dever em todos os lugares, em 1830, em 32, em 34, em 39! Hoje, lutamos! Eu tenho que lutar! Vá embora!

E a porteira acabou cedendo às suas admoestações e às de um guarda nacional perto deles, um quarentão cujo rosto bonachão estava ornado de um colar de barba loura. Ele carregava a arma e disparava, enquanto conversava com Frédéric, tão tranquilo no meio do motim como um horticultor em sua horta. Um rapaz de avental de aniagem o adulava para obter cápsulas de pólvora, a fim de usar seu fuzil, uma bela carabina de caça que “um senhor” tinha lhe dado.

— Apanhe aqui nas minhas costas — disse o burguês —, e suma! Você vai ser morto!

Os tambores batiam à carga. Gritos agudos, hurras de triunfo elevavam-se. Um turbilhão contínuo fazia a multidão oscilar. Frédéric, preso entre duas massas compactas, não se mexia, fascinado, aliás, e se divertindo tremendamente. Os feridos que caíam, os mortos estendidos não pareciam verdadeiros feridos, verdadeiros mortos. Ele tinha a impressão de assistir a um espetáculo.

No meio daquela onda, por cima das cabeças, viu um velhote de casaca preta sobre um cavalo branco com sela de veludo. Numa das mãos segurava um ramo verde, na outra, um papel, e os sacudia com obstinação. Por fim, perdendo a esperança de ser ouvido, retirou-se.

A tropa de infantaria desaparecera e os guardas municipais ficaram sozinhos para defender o posto. Uma vaga de intrépidos se precipitou pela escada; foram abatidos, outros chegaram; e a porta, abalada pelos golpes de barra de ferro, rangia; os guardas municipais não cediam. Mas uma caleche abarrotada de feno, e que queimava como uma tocha gigantesca, foi jogada contra as paredes. Trouxeram depressa feixes de lenha, palha, um barril de aguardente. O fogo subiu ao longo das pedras; o edifício começou a fumar por todo lado, como uma solfatara; e chamas grandes, no alto, entre os balaústres do terraço, escapavam com um barulho estridente. O primeiro andar do Palais-Royal estava lotado de guardas nacionais. Atiravam de todas as janelas da praça; as balas assobiavam; a água da fonte perfurada se misturava com o sangue, formando poças no chão; escorregava-se na lama, em cima de roupas, barretinas, armas; Frédéric sentiu debaixo do pé uma coisa mole; era a mão de um sargento de capote cinza, deitado de cara para a valeta. Novos bandos de populares continuavam a chegar, empurrando os combatentes para o posto. A fuzilaria se tornava mais cerrada. Os comércios de vinho estavam abertos; de vez em quando ia-se lá fumar um cachimbo, beber uma cerveja, depois voltava-se para lutar. Um cão perdido uivava. Isso era engraçado.

Frédéric foi sacudido pelo choque de um homem que, com uma bala nos rins, tombou sobre o seu ombro, agonizando. Diante desse tiro, talvez dirigido a ele, sentiu-se furioso; e se jogava para a frente quando um guarda nacional o deteve.

— É inútil! O Rei acaba de partir. Ah! Se não acredita em mim, vá lá ver!

Tal asserção acalmou Frédéric. A Place du Carrousel tinha uma aparência tranquila. O Hôtel de Nantes continuava de pé, solitário; e as casas por

trás, a cúpula do Louvre em frente, a longa galeria de madeira à direita e o terreno baldio que ondulava até as barracas dos vendedores estavam como que afogados na cor cinza do ar, em que murmúrios distantes pareciam se confundir com a bruma — enquanto no outro extremo da praça uma luz crua, caindo por uma nesga das nuvens sobre a fachada das Tuileries, recortava na brancura todas as suas janelas. Perto do Arco do Triunfo havia um cavalo morto, estirado. Atrás dos portões, grupos de cinco a seis pessoas conversavam. As portas do castelo estavam abertas; os criados, na soleira, franqueavam a entrada.

Embaixo, numa salinha, serviam-se canecos de café com leite. Alguns curiosos sentaram-se à mesa, fazendo gracejos; os outros continuavam em pé, e entre eles um cocheiro de fiacre. Ele pegou com as duas mãos um pote cheio de açúcar em pó, deu uma olhada inquieta à direita e à esquerda, e depois começou a comer vorazmente, com o nariz enfiado na vasilha. Ao pé da grande escada um homem escrevia seu nome num registro; Frédéric o reconheceu pelas costas.

— Veja! Hussonnet!

— Mas sim — respondeu o boêmio. — Introduzo-me na corte. Aí está uma boa piada, hein?

— E se subíssemos?

E chegaram à sala dos Marechais. Os retratos desses ilustres, salvo o de Bugeaud, furado no ventre, estavam todos intactos. Exibiam-se encostados no sabre, com um suporte de canhão atrás deles, e em poses formidáveis adequadas à circunstância. Um grande relógio de pêndulo marcava uma hora e vinte minutos.²

De repente, *A Marselhesa* ecoou. Hussonnet e Frédéric se debruçaram sobre a rampa. Era o povo. O qual se desabalou pela escada, sacudindo em ondas vertiginosas cabeças nuas, capacetes, barretes vermelhos, baionetas e ombros, tão impetuoso que pessoas desapareciam naquela massa fervilhante que continuava a subir, como um rio empurrado por uma maré de equinócio, com um longo mugido, sob um impulso irresistível. No alto, a massa se espalhou e o canto terminou.

Agora só se ouvia o pisotear de todos os sapatos, junto com o marulho das vozes. A massa inofensiva contentava-se em olhar. Mas, de vez em quando, um cotovelo se sentindo muito apertado quebrava uma vidraça; ou um vaso, uma estatueta rolavam do alto de um console, indo parar no

chão. Os lambris, sob pressão, estalavam. Todos os rostos estavam vermelhos, o suor escorria em bicas; Hussonnet fez esta observação:

— Os heróis não cheiram bem!

— Ah! Você é irritante — retrucou Frédéric.

E, empurrados sem querer, entraram num aposento onde se estendia, no teto, um dossel de veludo vermelho. Embaixo, estava sentado no trono um proletário de barba preta, camisa entreaberta, ar hilário e apatetado como um bode. Outros trepavam no estrado para se sentar no lugar dele.

— Que mito! — disse Hussonnet. — Aí está o povo soberano!

O trono foi levado pelos muitos braços e atravessou toda a sala, balançando-se.

— Caramba! Como bamboleia! O navio do Estado está sendo sacudido num mar de tempestade! Que dance o cançã! Que dance o cançã!

Tinham-no aproximado de uma janela, e, em meio aos assobios, o jogaram lá embaixo.

— Pobre velho! — disse Hussonnet, ao ver o trono cair no jardim, onde foi prontamente agarrado de novo para, em seguida, ir passeando até a Bastilha, e ser queimado.

Então, explodiu uma alegria frenética, como se, no lugar do trono, um futuro de felicidade ilimitada tivesse surgido; e o povo, menos por vingança do que para afirmar sua posse, quebrou, estilhaçou os espelhos e as cortinas, os lustres, os candelabros, as mesas, as cadeiras, os tamboretas, todos os móveis, até álbuns de desenhos, até cestas de bordado. Já que eram vitoriosos, não deviam se divertir? Ironicamente, a malta se enfarpelou com rendas e caxemiras. Galões dourados se enrolaram nas mangas de macacões, chapéus de penas de avestruz ornavam a cabeça dos ferreiros, fitas da Legião de Honra viraram cintos das prostitutas. Cada um satisfazia seu capricho; uns dançavam, outros bebiam. No quarto da rainha, uma mulher lustrava seus bandós com uma pomada; atrás de um biombo, dois amadores jogavam cartas; Hussonnet mostrou a Frédéric um indivíduo que fumava cachimbo acovotelado num balcão; e o delírio redobrava com o alarido contínuo das porcelanas quebradas e dos cacos de cristal que tilintavam, ao ricochetear, como lâminas de harmônica.

Depois, a fúria ensombreceu. Uma curiosidade obscena fez com que remexessem todos os gabinetes, todos os recantos, abrissem todas as gavetas. Condenados às galés esticaram os braços sobre a cama das

princesas, e rolaram ali em cima por consolação de não as terem violado. Outros, de rosto mais sinistro, perambulavam em silêncio, tentando roubar alguma coisa; mas a multidão era grande demais. Pelas vidraças das portas, só se via na enfiada dos aposentos a sombria massa do povo entre os dourados, sob uma nuvem de poeira. Todos os peitos arfavam; o calor ia ficando cada vez mais abafado; os dois amigos, temendo se sufocar, saíram.

Na antessala, em pé sobre uma pilha de roupas, estava uma mulher da vida, como estátua da Liberdade — imóvel, olhos arregalados, assustadora.

Tinham dado três passos lá fora quando um pelotão de guardas municipais, encapotados, avançou para eles e, retirando seus quepes de polícia e descobrindo ao mesmo tempo os crânios meio calvos, saudaram o povo, fazendo uma grande reverência. Diante dessa demonstração de respeito, os vencedores maltrapilhos se pavonearam. Hussonnet e Frédéric tampouco deixaram de sentir um certo prazer.

Um ardor os animava. Voltaram para o Palais-Royal. Diante da Rue Fromenteau, cadáveres de soldados estavam empilhados em cima da palha. Passaram perto deles, impassíveis, e até mesmo orgulhosos de sentir que mostravam presença de espírito.

O palácio transbordava de gente. No pátio interno, sete fogueiras ardiam. Lançavam-se pela janela pianos, cômodas e relógios de pêndulo. Bombas de incêndio cuspiam água até os tetos. Uns vagabundos tentavam cortar as mangueiras com seus sabres. Frédéric incitou um aluno da Politécnica a se interpor. O aluno não entendeu nada, aliás parecia imbecil. Em volta, nas duas galerias, o populacho, senhor das adegas, se entregava a uma terrível esbórnia. O vinho corria a rodo, molhava os pés, os vadios bebiam os fundos de garrafa e vociferavam, cambaleando.

— Vamos sair daqui — disse Hussonnet —, esse povo me dá nojo.

Ao longo de toda a galeria d'Orléans, feridos jaziam no chão, sobre colchões, tendo como cobertores as cortinas de púrpura; e pequeno-burguesas do bairro lhes traziam caldos, roupa.

— Pouco importa! — disse Frédéric —, eu acho o povo sublime.

O grande vestíbulo estava lotado de uma turba de gente enfurecida; homens queriam subir aos andares para acabar de destruir tudo; guardas nacionais, nos degraus, esforçavam-se para contê-los. O mais intrépido era um caçador, de cabeça descoberta, a cabeleira eriçada, os correames arrebatados. Sua camisa formava uma almofada entre a calça e a casaca, e

ele se debatia, com afinco, no meio dos outros. Hussonnet, que tinha olhos de águia, reconheceu de longe Arnoux.

Depois alcançaram o Jardin des Tuileries, para respirar mais à vontade. Sentaram-se num banco; e ficaram por alguns minutos de olhos fechados, tão atordoados que não tinham força para falar. Ao redor, os passantes conversavam. A duquesa d'Orléans tinha sido nomeada regente; tudo estava terminado; e sentiam aquela espécie de bem-estar que se segue aos desfechos rápidos, quando em cada mansarda do castelo apareceram domésticos rasgando suas casacas de libré. Atiravam-nas no jardim, em sinal de abjuração. O povo os vaiou. Eles se retiraram.

A atenção de Frédéric e Hussonnet foi distraída por um rapagão que andava célere entre as árvores, com um fuzil no ombro. Uma cartucheira lhe apertava na cintura o dólman vermelho, um lenço se enrolava em sua testa, debaixo do boné. Ele virou a cabeça. Era Dussardier; e, jogando-se em seus braços:

— Ah! Que felicidade, meus velhos! — sem conseguir dizer outra coisa, de tanto que ofegava de alegria e cansaço.

Fazia quarenta e oito horas que estava em pé. Tinha trabalhado nas barricadas do Quartier Latin, batera-se na Rue Rambuteau, salvara três dragões, entrara nas Tuileries com a coluna Dunoyer, em seguida fora à Câmara, depois ao Hôtel de Ville.

— Estou chegando de lá! Vai tudo bem! O povo triunfa! Os operários e os burgueses se abraçam! Ah! Se soubessem o que eu vi! Que gente fantástica! Como é bonito!

E, sem perceber que eles não tinham armas:

— Eu tinha certeza de encontrá-los aqui! Foi duro por um momento, mas pouco importa!

Uma gota de sangue escorria por sua face, e diante das perguntas dos dois outros:

— Oh! Nada! O arranhão de uma baioneta!

— Mas é bom se cuidar.

— Ora! Sou sólido! Isso não dá em nada. A República está proclamada! Agora seremos felizes! Jornalistas que há pouco conversavam na minha frente diziam que vão libertar a Polônia e a Itália! Acabaram-se os reis, entendem? Toda a terra livre! Toda a terra livre!

E, abarcando o horizonte com um só olhar, abriu os braços numa atitude triunfante. Mas uma longa fila de homens corria pelo terraço, à beira da água.

— Ah! Caramba! Estava esquecendo! Os fortes estão ocupados. Tenho que ir! Adeus!

Virou-se para gritar, enquanto brandia o fuzil:

— Viva a República!

Das chaminés do castelo escapavam enormes volutas de fumaça preta, que carregavam faíscas. O badalar dos sinos criava, ao longe, como que balidos assustados. À direita e à esquerda, por todo lado, os vencedores descarregavam as armas. Frédéric, embora não fosse guerreiro, sentiu ferver seu sangue gaulês. O magnetismo das massas entusiastas o agarrara. Ele aspirava, voluptuoso, o ar de tempestade, cheio de odores de pólvora; e no entanto estremecia sob os eflúvios de um imenso amor, de um enternecimento supremo e universal, como se o coração da humanidade inteira tivesse batido em seu peito.

Disse Hussonnet, bocejando:

— Talvez seja hora de ir instruir as massas!

Frédéric o seguiu até seu escritório de correspondente, na Place de la Bourse; e começou a escrever para o jornal de Troyes um relato dos acontecimentos, em estilo lírico, uma verdadeira peça literária — que assinou. Depois, jantaram juntos numa taberna. Hussonnet estava pensativo; as excentricidades da Revolução ultrapassavam as suas.

Depois do café, quando foram ao Hôtel de Ville para saber as novidades, sua personalidade de criança se sobrepôs. Escalava as barricadas, como uma camurça, e respondia às sentinelas com gracejos patrióticos.

Ouviram, ao clarão das tochas, ser proclamado o Governo provisório. Finalmente, à meia-noite, Frédéric, alquebrado de cansaço, voltou para casa.

— E então — disse ao seu criado, que o estava despindo —, está contente?

— Sim, sem dúvida, senhor! Mas o que eu não gosto é desse povo desfilando em cadência!

No dia seguinte, ao acordar, Frédéric pensou em Deslauriers. Correu à casa dele. O advogado acabava de sair, tendo sido nomeado comissário na província.³ Na noite da véspera, ele conseguira chegar ao ministro Ledru-Rollin, e, importunando-o em nome das Escolas, arrancara um posto, uma

missão. Aliás, dizia o porteiro, ele devia escrever na próxima semana, para dar o novo endereço.

Depois, Frédéric foi ver a Marechala. Ela o recebeu com azedume, pois estava zangada com ele por tê-la abandonado. Seu rancor se desfez diante das reiteradas garantias de paz. Agora tudo estava tranquilo, nenhuma razão de ter medo; beijava-a, e ela se declarou pela República — como já havia feito o Monsenhor arcebispo de Paris, e como iriam fazer com maravilhosa presteza de zelo: a Magistratura, o Conselho de Estado, o Instituto, os Marechais da França, Changarnier, o sr. de Falloux, todos os bonapartistas, todos os legitimistas, e um número considerável de orleanistas.

A queda da Monarquia tinha sido tão rápida que, passada a primeira perplexidade, houve entre os burgueses como que um espanto de ainda estarem vivos. A execução sumária de alguns ladrões, fuzilados sem julgamentos, pareceu uma coisa muito justa. Durante um mês, repetiram a frase de Lamartine sobre a bandeira vermelha, “que apenas dera a volta do Champ de Mars, ao passo que a bandeira tricolor” etc., e todos se alinharam à sua sombra, cada partido vendo, entre as três cores, apenas a sua — e prometendo, assim que fosse o mais forte, arrancar as outras duas.

Como os negócios estavam parados, a inquietação e a curiosidade empurravam todo mundo para fora de casa. A displicência dos costumes atenuava a diferença entre os níveis sociais, o ódio se escondia, as esperanças se espalhavam, a multidão era um poço de doçura. O orgulho de um direito conquistado brilhava nos rostos. Havia uma alegria de carnaval, um clima de acampamento; nada foi divertido como o aspecto de Paris nos primeiros dias.

Frédéric pegou o braço da Marechala e passearam pelas ruas. Ela se divertia com as rosetas que decoravam todas as lapelas, com os estandartes suspensos em todas as janelas, com os cartazes de todas as cores afixados nos muros, e jogava aqui e ali uma moedinha na caixa de esmolas para os feridos, posta em cima de uma cadeira, no meio da rua. Depois, parou diante das caricaturas que representavam Luís Filipe como pasteleiro, saltimbanco, cão, sanguessuga. Mas os homens de Caussidière,⁴ com seu sabre e seu lenço no pescoço, a assustavam um pouco. Outras vezes, era uma Árvore da Liberdade que se plantava. Os senhores eclesiásticos acorriam à cerimônia, abençoando a República, escoltados por servidores

de galões dourados; e a multidão achava isso muito bom. O espetáculo mais frequente era o das delegações de qualquer coisa, indo exigir algo no Hôtel de Ville — pois cada ofício, cada indústria esperava do Governo o fim radical de sua miséria. Alguns, é verdade, apresentavam-se a ele para aconselhá-lo, ou felicitá-lo, ou pura e simplesmente para lhe fazer uma visitinha e ver a máquina funcionar.

Pelo meio de março, um dia em que ele atravessava o Pont d'Arcole, tendo que cuidar de uma incumbência para Rosanette no Quartier Latin, Frédéric viu avançar uma coluna de indivíduos com uns chapéus estranhos e barbas compridas. À frente e batendo tambor, marchava um negro, um antigo modelo de ateliês, e o homem que levava a bandeira na qual balançava ao vento a inscrição “Artistas pintores”, não era outro senão Pellerin.

Ele fez sinal a Frédéric para esperá-lo, e reapareceu cinco minutos depois, tendo tempo pela frente, pois o Governo recebia naquele momento os artífices quebradores de pedras. Ia, junto com os colegas, exigir a criação de um Fórum da Arte, uma espécie de Bolsa onde se debateriam os interesses da Estética; obras sublimes se produziriam já que os trabalhadores compartilhariam seu gênio. Em breve Paris estaria coberta de monumentos gigantescos; ele os decoraria; tinha começado até mesmo uma figura da República. Um de seus colegas foi pegá-lo, pois já atrás deles ia chegar a delegação do comércio e das aves de criação.

— Que besteira! — resmungou uma voz na multidão. — Sempre essas piadas! Nada de sério!

Era Regimbart. Não cumprimentou Frédéric, mas aproveitou a ocasião para desabafar sua amargura.

O Cidadão empregava seus dias em vagabundar pelas ruas, cofiando os bigodes, revirando os olhos, aceitando e propagando notícias lúgubres; tinha apenas duas frases: “Tomem cuidado, vamos ser levados ao desespero!”, ou então: “Mas que diachos! Estão acabando com a República!”. Estava descontente com tudo, e em especial com o fato de que não tínhamos recuperado nossas fronteiras naturais. Só de ouvir o nome de Lamartine ele já encolhia os ombros. Não achava Ledru-Rollin “suficiente para o problema”, tratou Dupont (do Eure) de velho palerma; Albert, de idiota; Louis Blanc, de utopista; Blanqui, de homem extremamente

perigoso;⁵ e quando Frédéric lhe perguntou o que deveria ter sido feito, respondeu apertando seu braço a ponto de triturá-lo:

— Pegar o Reno, estou lhe dizendo, pegar o Reno! Diachos!

Depois, acusou os grupos reacionários.

Eles se desmascaravam. A pilhagem aos castelos de Neuilly e Suresnes, o incêndio de Batignolles, os distúrbios em Lyon, todos os excessos, todos os danos, agora eles os exageravam, acrescentando a circular de Ledru-Rollin, a cotação forçada das notas bancárias, a renda que caíra a sessenta francos, enfim, como iniquidade suprema, como derradeiro golpe, como acréscimo de horror, o imposto dos quarenta e cinco centavos!⁶ E, para completar, ainda havia o Socialismo! Embora essas teorias, tão novas quanto o jogo de dados, tivessem sido nos últimos quarenta anos suficientemente debatidas para encher bibliotecas, elas apavoraram os burgueses, como uma saraivada de aerólitos; e houve indignação, em virtude desse ódio provocado pelo advento de qualquer ideia só porque é uma ideia, execração da qual ela tira mais tarde sua glória, e que faz com que seus inimigos estejam sempre abaixo dela, por mais medíocre que seja.

Então, a Propriedade ascendeu, em matéria de respeito, ao nível da Religião e confundiu-se com Deus. Os ataques que lhe faziam pareceram sacrilégio, quase antropofagia. Apesar da legislação mais humana que jamais houve, o espectro de 1793 reapareceu e a lâmina da guilhotina vibrou em todas as sílabas da palavra “República” — o que não impedia que a desprezassem por sua fraqueza. A França, já não sentindo ter um guia, começou a gritar de pavor, como um cego sem bengala, como um pirralho que se perdeu da empregada.

De todos os franceses, quem tremia com mais intensidade era o sr. Dambreuse. O novo estado de coisas ameaçava sua fortuna, mas sobretudo desmentia a sua experiência. Um sistema tão bom, um rei tão sensato! Seria possível? A terra ia desmoronar! Já no dia seguinte, despediu três criados, vendeu os cavalos, comprou, para sair às ruas, um chapéu mole, até pensou em deixar a barba crescer; ficava em casa, prostrado, alimentando-se amargamente dos jornais mais hostis às suas ideias, e tornou-se tão sombrio que as brincadeiras sobre o cachimbo de Flocon sequer tinham a força de fazê-lo sorrir.

Como fora um suporte do último reino, temia as vinganças do povo em suas propriedades da Champagne, quando a elucubração de Frédéric⁷ lhe

caiu nas mãos. Então imaginou que seu jovem amigo era um personagem muito influente e que poderia, senão servi-lo, ao menos defendê-lo; de modo que, uma manhã, o sr. Dambreuse apresentou-se na casa dele, acompanhado de Martinon.

Essa visita só tinha o objetivo, dizia ele, de vê-lo um pouco e conversar. Em suma, alegrava-se com os acontecimentos e adotava de bom grado “nossa sublime divisa: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, tendo sempre, no fundo, sido republicano”. Se votava, no outro regime, com o ministério, era simplesmente para acelerar uma queda inevitável. Até se exaltou contra o sr. Guizot, “que nos pôs numa bela enrascada, convenhamos!”. Em compensação, admirava muito Lamartine, que se mostrara “magnífico, palavra de honra, quando, a respeito da bandeira vermelha...”.

— Sim! Eu sei — disse Frédéric.

— Depois do quê, declarou sua simpatia pelos operários.

— Pois, afinal, todos somos, mais ou menos, operários! — E levava a imparcialidade a ponto de reconhecer que Proudhon tinha lógica. — Ah! Muita lógica, que diabo!

— Depois, com a distância de uma inteligência superior, conversou sobre a exposição de pintura em que tinha visto o quadro de Pellerin. Achava aquilo original, bem executado.

Martinon apoiava todas as suas palavras com observações aprobatórias; também pensava que era preciso “aliar-se abertamente à República”, e, fazendo-se de camponês, de homem do povo, falou de seu pai lavrador. Logo chegaram às eleições para a Assembleia Nacional, e aos candidatos no distrito de La Fortelle. O da oposição não tinha chance.

— O senhor devia pegar o lugar dele! — disse o sr. Dambreuse. Frédéric protestou.

— Eu! Mas por quê?

Porque obteria os votos dos ultras, tendo em vista suas opiniões pessoais, e o dos conservadores, por causa de sua família. — E talvez também — acrescentou o banqueiro sorrindo — graças, um pouco, à minha influência.

Frédéric objetou que não saberia como fazer. Nada mais fácil, bastava ser recomendado aos patriotas do Aube por um clube da capital. Tratava-se de ler, não uma profissão de fé como se via diariamente, mas uma exposição de princípios séria.

— Traga-me isso; eu sei o que convém à localidade! E poderá, repito, prestar grandes serviços ao país, a nós todos, a mim mesmo.

Em tempos como aqueles, deviam se ajudar uns aos outros, e se Frédéric precisasse de alguma coisa, ele ou seus amigos...

— Oh! Mil obrigados, caro senhor!

— Com a condição de haver contrapartida, é claro!

O banqueiro, decididamente, era um bom homem.

Frédéric não pôde deixar de refletir sobre seu conselho; e logo uma espécie de vertigem o deslumbrou.

As grandes figuras da Convenção passaram diante de seus olhos. Pareceu-lhe que uma aurora magnífica ia se levantar. Roma, Viena, Berlim estavam em insurreição, os austríacos tinham sido expulsos de Veneza; toda a Europa se agitava. Era hora de se atirar no movimento, talvez de acelerá-lo; e além disso, era seduzido pelo traje que os deputados, dizia-se, usariam. Já se via com o colete de abas com uma faixa tricolor; e esse prurido, essa alucinação ficou tão forte que ele se abriu com Dussardier.

O entusiasmo do bravo rapaz não fraquejava.

— Com certeza, claro! Apresente-se!

Frédéric, porém, consultou Deslauriers. A oposição idiota que entravava o comissário na província tinha aumentado o seu liberalismo. Ele lhe enviou imediatamente violentas exortações.

No entanto, Frédéric precisava ser aprovado por um número maior de pessoas; e confiou a coisa a Rosanette, num dia em que a srta. Vatnaz estava lá.

Ela era uma dessas solteironas parisienses que, toda noite, quando acabaram de dar suas aulas, ou tentaram vender pequenos desenhos, ou vender uns pobres manuscritos, voltam para casa com lama nas saias, preparam o jantar, comem sozinhas, e depois, com os pés sobre uma escalfeta, sob a luz de um abajur sujo, sonham com um amor, uma família, um lar, a fortuna, tudo o que lhes falta. Assim, como muitas outras, saudara na Revolução o advento da vingança — e dedicava-se a uma propaganda socialista desenfreada.

A libertação do proletariado, segundo a Vatnaz, só era possível com a libertação das mulheres. Queria o acesso delas a todos os empregos, a busca da paternidade, um outro código, a abolição, ou pelo menos “uma regulamentação mais inteligente do casamento”. Então, cada francesa

deveria se casar com um francês ou adotar um velhinho. As amas de leite e as parteiras deveriam ser funcionárias assalariadas do Estado; que houvesse um júri para examinar as obras de mulheres, editores especiais para as mulheres, uma escola politécnica para as mulheres, uma guarda nacional para as mulheres, tudo para as mulheres! E, já que o Governo desconhecia seus direitos, elas deviam derrotar a força pela força. Dez mil cidadãs, com bons fuzis, podiam fazer tremer o Hôtel de Ville!

A candidatura de Frédéric lhe pareceu favorável às suas ideias. Encorajou-o, mostrando-lhe a glória no horizonte. Rosanette se alegrou de ter um homem que falaria na Câmara.

— E além disso vão lhe dar, talvez, um bom lugar.

Frédéric, homem de todas as fraquezas, foi conquistado pela demência universal. Escreveu um discurso e foi mostrá-lo ao sr. Dambreuse.

Depois do ruído da grande porta que se fechava, entreabriu-se uma cortina atrás de uma janela; apareceu uma mulher. Ele não teve tempo de reconhecê-la; mas, na antessala, um quadro o reteve, o quadro de Pellerin, posto sobre uma cadeira, provisoriamente sem dúvida.

Aquilo representava a República, ou o Progresso, ou a Civilização, na figura de Jesus Cristo conduzindo uma locomotiva que atravessava uma floresta virgem. Depois de um minuto de contemplação, Frédéric exclamou:

— Que torpeza!

— Não é mesmo? — disse o sr. Dambreuse, que apareceu depois dessa frase e imaginando que ela se referia, não à pintura, mas à doutrina glorificada pelo quadro. Martinon chegou no mesmo instante. Passaram para o escritório e Frédéric tirava do bolso um papel quando a srta. Cécile, ao entrar de repente, articulou com ar ingênuo:

— Minha tia está aí?

— Você sabe muito bem que não — retrucou o banqueiro. — Pouco importa! Faça como se estivesse em casa, senhorita.

— Ah! Obrigada! Vou embora.

Mal saiu, Martinon pareceu procurar o lenço.

— Esqueci-o no paletó, desculpem-me!

— Bem! — disse o sr. Dambreuse.

Evidentemente, ele não se enganava com essa manobra, e até parecia favorecê-la. Por quê? Mas logo Martinon reapareceu e Frédéric começou

seu discurso. Já na segunda página, que assinalava como uma vergonha a preponderância dos interesses pecuniários, o banqueiro fez careta. Depois, ao mencionar as reformas, Frédéric pedia a liberdade de comércio.

— Como?... Mas me permita?

O outro não ouvia, e continuou. Ele exigia o imposto de renda, o imposto progressivo, uma federação europeia, e a instrução do povo, e estímulos mais abrangentes para as belas-artes.

— Quando o país fornecer a homens como Delacroix ou Hugo cem mil francos de renda, qual será o mal?

Tudo aquilo acabava com conselhos às classes superiores.

— Não poupem nada, ó ricos! Deem! Deem!

Parou, e permaneceu de pé. Seus dois ouvintes, sentados, não falaram; Martinon arregalou os olhos, o sr. Dambreuse estava muito pálido. Por fim, disfarçando a emoção com um sorriso amarelo:

— Está perfeito, o seu discurso! — e elogiou muito a forma, para não precisar se expressar sobre o fundo.

Essa virulência por parte de um rapaz inofensivo o assustava, sobretudo como sintoma. Martinon tentou tranquilizá-lo. Dali a pouco o partido conservador iria à forra, certamente; em várias cidades tinham expulsado os comissários do governo provisório; as eleições só estavam marcadas para o dia 23 de abril, tinham tempo; em suma, era preciso que o sr. Dambreuse em pessoa se candidatasse no Aube; e a partir daí, Martinon não o largou mais, tornou-se seu secretário e o cercou de cuidados filiais.

Frédéric chegou muito contente consigo mesmo à casa de Rosanette. Delmar estava lá e lhe informou que “definitivamente” ele se apresentava como candidato nas eleições do Sena. Num cartaz dirigido “ao Povo” e no qual o tratava por tu, o ator se gabava de compreendê-lo, “a ele”, e de ter, para sua salvação, “se sacrificado pela Arte”, tanto assim que era sua encarnação, seu ideal; — acreditando de fato ter sobre as massas uma influência enorme, a ponto de propor mais tarde, numa sala de ministério, liquidar com um motim sozinho; e quanto aos meios que empregaria, deu esta resposta:

— Não tenham medo! Mostrarei a eles a minha cabeça!

Frédéric, para mortificá-lo, notificou-lhe sua própria candidatura. Do momento em que seu futuro colega visava a província, o cabotino se declarou seu servidor e ofereceu-se para pilotá-lo nos clubes.

Visitaram todos, ou quase todos, os vermelhos e os azuis, os furibundos e os tranquilos, os puritanos, os desleixados, os místicos e os bêbados, aqueles onde se decretava a morte dos reis, aqueles onde se denunciavam as fraudes da quitanda; e por todo lado, os inquilinos amaldiçoavam os proprietários, o macacão desafiava a casaca, e os ricos conspiravam contra os pobres. Vários queriam indenizações como antigos mártires da polícia, outros imploravam dinheiro para lançar invenções, ou então eram planos de falanstérios, projetos de bazares cantonais, sistemas de felicidade pública; — depois, aqui e ali, um lampejo de inteligência nessas nuvens de bobagem, apóstrofes, súbitas como respingos, o direito formulado por um palavrão, e flores de eloquência nos lábios de um bronco que levava sobre o peito sem camisa o bodrié de um sabre. Às vezes, também, aparecia um cavalheiro, aristocrata de jeito humilde, dizendo coisas plebeias, e que não tinha lavado as mãos para fazê-las parecer calosas. Um patriota o reconhecia, os mais virtuosos o injuriavam; e ele saía, com raiva na alma. Para fingir bom senso, sempre se devia falar mal dos advogados, e usar o mais possível estas locuções: “levar sua pedra ao edifício — problema social — oficina”.

Delmar não perdia as ocasiões de tomar a palavra; e quando não achava mais nada a dizer, seu recurso era colocar a mão no quadril, o outro braço no colete, e virar de perfil, abruptamente, de modo a mostrar bem sua cabeça. Então, os aplausos pipocavam, e os da srta. Vatnaz, no fundo da sala.

Frédéric, apesar da fraqueza dos oradores, não ousava se arriscar. Todas aquelas pessoas lhe pareciam incultas demais ou hostis demais.

Mas Dussardier saiu à procura e lhe anunciou que havia, na Rue Saint-Jacques, um clube chamado *Le Club de l'Intelligence*. Um nome desse dava boa esperança. Aliás, ele levaria amigos.

Levou os que convidara para o ponche: o guarda-livros, o vendedor de vinhos, o arquiteto; até Pellerin foi, talvez Hussonnet também fosse; e na calçada, diante da porta, Regimbart estava parado com dois indivíduos, sendo o primeiro o seu fiel Compain, homem meio atarracado, marcado pela bexiga, olhos vermelhos; e o segundo, uma espécie de macaco preto, extremamente cabeludo, e que ele só conhecia por ser “um patriota de Barcelona”.

Passaram por um corredor, depois foram introduzidos numa grande sala, provavelmente para uso de um marceneiro, e cujas paredes ainda novas

cheiravam a gesso. Quatro lamparinas penduradas paralelamente criavam uma luz desagradável. Sobre um estrado, no fundo, havia uma escrivaninha com uma sineta, embaixo uma mesa que fazia as vezes de tribuna, e de cada lado duas outras mais baixas, para os secretários. O auditório formado por bancos era composto de velhos aprendizes de pintores, bedéis, literatos inéditos. Por cima dessas fileiras de abrigos de golas gordurentas, via-se aqui e ali o gorro de uma mulher ou o avental de um operário. O fundo da sala estava até mesmo cheio de operários, que lá acorreram, provavelmente, por falta do que fazer, ou porque foram levados por oradores para serem aplaudidos.

Frédéric teve o cuidado de se sentar entre Dussardier e Regimbart, que, mal se sentou, pôs as duas mãos sobre a bengala, o queixo sobre as duas mãos e fechou as pálpebras, enquanto no outro extremo da sala Delmar, em pé, dominava a assembleia.

Na mesa do presidente, Sénécal apareceu.

Essa surpresa, pensara o bom empregado, agradaria a Frédéric. Ela o contrariou.

A plateia demonstrava grande deferência pelo presidente. Era daqueles que, no dia 25 de fevereiro, quiseram a organização imediata do trabalho; no dia seguinte, no Prado, pronunciara-se em favor de que se atacasse o Hôtel de Ville. E como então cada personagem se pautava a partir de um modelo, um copiando Saint-Just, outro Danton, outro Marat, ele tentava parecer Blanqui, o qual imitava Robespierre. As luvas pretas e o cabelo à escovinha lhe davam um aspecto rígido, extremamente apropriado.

Abriu a sessão com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, ato de fé habitual. Depois, uma voz vigorosa entoou *Les Souvenirs du Peuple*, de Béranger.⁸

Outras vozes se elevaram:

— Não! Não! Isso não!

— *La Casquette!* — começaram a berrar, no fundo, os patriotas.

E cantaram em coro a poesia do dia:

*Tirar o chapéu diante de minha casquete,
De joelhos diante do operário!*

Depois de uma palavra do presidente, o auditório se calou. Um dos secretários procedeu à verificação das cartas.

Jovens anunciam que queimam, toda noite, na frente do Panthéon, um exemplar de *L'Assemblée Nationale*, e incitam todos os patriotas a seguir seu exemplo.

— Bravo! Apoiado! — respondeu a plateia.

— O cidadão Jean-Jacques Langreneu, tipógrafo, morador da Rue Dauphine, gostaria que se erguesse um monumento à memória dos mártires do Termidor!⁹

— Michel-Évariste-Népomucène Vincent, ex-professor, expressa os votos de que a democracia europeia adote a unidade de linguagem. Poderíamos usar uma língua morta, como por exemplo o latim aperfeiçoado.

— Não! Latim não! — exclamou o arquiteto.

— Por quê? — retrucou um professor.

E esses dois senhores iniciaram uma discussão, na qual outros se meteram, cada um soltando sua frase para deslumbrar, e que não demorou a ficar tão fastidiosa que muitos foram embora.

Mas um velhote baixinho, com seus óculos verdes na testa prodigiosamente alta, pediu a palavra para uma comunicação urgente.

Era uma exposição sobre a repartição dos impostos. Os algarismos pingavam, a coisa não acabava mais! A impaciência se manifestou primeiro em murmúrios, conversas; nada o perturbava. Depois, começaram a vaiá-lo, gritavam “Fiu!”; Sénécal repreendeu o público e o orador continuou, como uma máquina. Para interrompê-lo foi preciso pegá-lo pelo cotovelo. O pobre homem pareceu sair de um sonho e, levantando tranquilamente os óculos:

— Desculpem! Cidadãos! Desculpem! Vou me retirar! Mil desculpas!

O insucesso dessa leitura desconcertou Frédéric. Tinha seu discurso no bolso, mas um improviso teria sido melhor.

Por fim, o presidente anunciou que iam passar para o assunto importante, a questão eleitoral. Não discutiriam as grandes listas republicanas. No entanto, o *Club de l'Intelligence* tinha o direito, como qualquer um, de formar uma lista, “a despeito dos senhores paxás do Hôtel de Ville”, e os cidadãos que lutavam pelo mandato popular podiam expor seus títulos.

— Então vá lá! — disse Dussardier.

Um homem de batina, cabelo crespo e fisionomia petulante, levantou a mão. Declarou, resmungando, chamar-se Ducretot, padre e agrônomo; autor de um livro intitulado *A dubos*. Despacharam-no para um círculo de horticultura.

Depois um patriota de avental subiu à tribuna. Era um plebeu, de ombros largos, um rosto gordo muito suave e cabelos pretos compridos. Percorreu a assembleia com um olhar quase voluptuoso, virou a cabeça para trás e, por fim, abrindo os braços:

— Os senhores rejeitaram Ducretot, ó meus irmãos! E fizeram bem, mas não é por falta de religião, pois todos somos religiosos.

Vários ouviam de boca aberta, com ares de catecúmenos, poses extáticas.

— Tampouco é porque ele é padre, pois nós todos também somos padres! O operário é padre, como era o fundador do socialismo, Mestre de todos nós, Jesus Cristo!

Chegara o momento de inaugurar o reino de Deus! O Evangelho conduzia diretamente a 1789! Depois da abolição da escravatura, a abolição do proletariado. Tinha havido a era do ódio, ia começar a era do amor.

— O cristianismo é a pedra angular e o fundamento do novo edifício...

— Estão debochando de nós? — exclamou o vendedor de vinhos. — Quem foi que me arrumou um carola desse!

Essa interrupção causou grande escândalo. Quase todos subiram nos bancos e, de punho cerrado, vociferaram: “Ateu! Aristocrata! Canalha!”, enquanto a sineta do presidente tilintava sem parar e redobravam os gritos: “Ordem! Ordem!”. Mas, intrépido, e aliás apoiado por “três cafés” tomados antes de ir, ele se debatia no meio dos outros.

— Como? Eu, um aristocrata? Era o que faltava!

Podendo enfim se explicar, declarou que jamais estariam tranquilos com os padres, e já que, fazia pouco, tinham falado de economias, seria uma excelente economia suprimir as igrejas, os santos cibórios e, finalmente, todos os cultos.

Alguém lhe objetou que ele ia longe demais.

— Sim! Vou longe! Mas quando um navio é surpreendido pela tempestade...

Sem esperar o fim da comparação, outro lhe respondeu:

— De acordo! Mas é demolir de uma só vez, como um pedreiro sem discernimento...

— O senhor está insultando os pedreiros! — berrou um cidadão coberto de reboco; e, obstinando-se em crer que o haviam provocado, vomitou injúrias, quis brigar, se agarrou em seu banco. Três homens foram insuficientes para botá-lo para fora.

Enquanto isso, o operário continuava na tribuna. Os dois secretários o advertiram para que descesse. Ele protestou contra a injustiça que lhe faziam.

— Vocês não me impedirão de gritar: amor eterno à nossa querida França! Amor eterno também à República!

— Cidadãos! — disse então Compain —, cidadãos!

E de tanto repetir: “Cidadãos”, tendo conseguido um pouco de silêncio, apoiou na tribuna suas duas mãos vermelhas, que pareciam uns cotocos, jogou o corpo para a frente e, piscando os olhos:

— Creio que seria preciso difundir mais amplamente a cabeça de vitela.

Todos se calaram, pensando terem ouvido mal.

— Sim! a cabeça de vitela!

Trezentos risos estouraram de uma só vez. O teto estremeceu. Diante de todos aqueles rostos transtornados pela alegria, Compain recuou. Prosseguiu num tom furioso:

— Como? Então não conhecem a cabeça de vitela?

Foi um paroxismo, um delírio. Riam às gargalhadas. Alguns até chegavam a cair no chão, debaixo dos bancos. Compain, não aguentando mais, refugiou-se perto de Regimbart e quis arrastá-lo dali.

— Não! Fico até o fim! — disse o Cidadão.

Essa resposta determinou Frédéric; e quando procurava à direita e à esquerda seus amigos para apoiá-lo, avistou, diante dele, Pellerin na tribuna. O artista o olhou de cima, a ele e à plateia.

— Gostaria de saber um pouco onde está o candidato da Arte em tudo isso. Eu fiz um quadro...

— Estamos pouco ligando para quadros! — disse brutalmente um homem magro, com placas vermelhas nas maçãs do rosto.

Pellerin gritou que o estavam interrompendo.

Mas o outro, em tom trágico:

— Será que o Governo já não deveria ter abolido, por decreto, a prostituição e a miséria?

E, tendo essa frase lhe angariado a simpatia do povo, ele esbravejou contra a corrupção das grandes cidades.

— Vergonha e infâmia! Deveríamos agarrar os burgueses ao saírem do Maison d'Or e cuspir na cara deles! Pelo menos, se o Governo não favorecesse a libidinagem! Mas os funcionários da alfândega são de uma indecência com nossas filhas e nossas irmãs...

Uma voz proferiu de longe:

— É engraçado!

— Para o olho da rua!

— Tiram de nós contribuições para pagar a libertinagem! Assim, os grandes salários dos atores...

— Agora sou eu! — exclamou Delmar.

Ele pulou para a tribuna, afastou todo mundo, fez sua pose; e, declarando que desprezava acusações tão banais, estendeu-se sobre a missão civilizadora do ator. Já que o teatro era o foco da instrução nacional, votava pela reforma do teatro; e, primeiro, pelo fim das direções, fim dos privilégios!

— Sim! De nenhum tipo!

O jogo do ator aquecia a plateia, e moções subversivas se cruzavam.

— Fim das academias! Fim do Instituto!

— Fim das missões!

— Fim do bacharelato!

— Abaixo os graus universitários!

— Vamos conservá-los — disse Sénecal —, mas que sejam conferidos pelo sufrágio universal, pelo Povo, único verdadeiro juiz!

O mais útil, aliás, não era isso. Precisava-se, primeiro, passar a plaina na cabeça dos ricos! E ele os representou empanturrando-se de crimes sob seus tetos dourados, enquanto os pobres, torcendo-se de fome em seus casebres, cultivavam todas as virtudes. Os aplausos foram tão fortes que ele parou. Por alguns minutos, ficou de olhos fechados, a cabeça para trás e como que ninado por essa cólera que ele provocava.

Depois, recomeçou a falar num tom dogmático, com frases imperiosas como leis. O Estado devia se apropriar da Banca e dos seguros. As heranças seriam abolidas. Seria estabelecido um fundo social para os trabalhadores. Muitas outras medidas seriam boas no futuro. Estas, por ora, bastavam; e, voltando às eleições:

— Precisamos de cidadãos puros, homens inteiramente novos! Alguém se apresenta?

Frédéric se levantou. Houve um zum-zum de aprovação provocado por seus amigos. Mas Sénécal, assumindo um semblante à Fouquier-Tinville,¹⁰ se pôs a interrogá-lo sobre seu nome, sobrenome, antecedentes, vida e costumes.

Frédéric respondia sumariamente e mordia os lábios. Sénécal perguntou se alguém via algum impedimento nessa candidatura.

— Não! Não!

Mas ele via. Todos se inclinaram e prestaram atenção. O cidadão postulante não tinha entregado uma certa quantia prometida para uma instituição democrática, um jornal. Ademais, no dia 22 de fevereiro, embora suficientemente advertido, faltara ao encontro na Place du Panthéon.

— Eu juro que ele estava nas Tuileries! — exclamou Dussardier.

— Pode jurar tê-lo visto no Panthéon?

Dussardier abaixou a cabeça; Frédéric se calou; seus amigos escandalizados o olhavam, inquietos.

— Pelo menos — continuou Sénécal —, conhece um patriota que nos responda sobre os princípios dele?

— Eu! — disse Dussardier.

— Ah! Isso não basta! Mais um!

Frédéric se virou para Pellerin. O artista lhe respondeu com uma abundância de gestos que significava:

“Ah! meu caro, eles me rejeitaram! Diachos! O que quer que eu faça?”

Então Frédéric cutucou Regimbart.

— Sim! É verdade! Chegou a hora, vou lá!

E Regimbart pulou para o estrado; depois, mostrando o espanhol que o seguira:

— Permitam-me, cidadãos, apresentar-lhes um patriota de Barcelona!

O patriota fez um grande cumprimento, revirou como um autômato seus olhos de prata e, com a mão no coração:

— Ciudadanos! Mucho aprecio el honor que me dispensáis, y si grande es vuestra bondad mayor es vuestra atención.

— Peço a palavra! — gritou Frédéric.

— Desde que se proclamó la constitución de Cádiz, ese pacto fundamental de las libertades españolas, hasta la última revolución, nuestra patria cuenta

numerosos y heroicos mártires.

Frédéric, mais uma vez, quis ser ouvido:

— Mas, cidadãos!...

O espanhol continuava:

— El martes próximo tendrá lugar en la iglesia de la Magdalena un servicio fúnebre.

— Isso é um absurdo, ora essa! Ninguém entende!

Essa observação exasperou a plateia.

— Ponha-se porta afora! Dê o fora!

— Quem? Eu? — perguntou Frédéric.

— Você mesmo! — disse majestosamente Sénecal. — Saia!

Ele se levantou para sair; e a voz do ibérico o perseguia:

— Y todos os Españoles desearían ver allí reunidas las deputaciones de los clubs y de la milicia nacional. Una oración fúnebre en honor de la libertad española y del mundo entero será pronunciada por un miembro del clero de Paris en la sala Bonne-Nouvelle. Honor al pueblo francés, que llamaría yo el primer pueblo del mundo, si no fuese ciudadano de otra nación.¹¹

— Aristocrata! — grunhiu um vadio, de punho em riste para Frédéric, que se lançava pelo pátio, indignado.

Recriminou a si mesmo por sua dedicação, sem refletir que as acusações feitas contra ele eram, afinal de contas, justas. Que ideia funesta aquela candidatura! Mas que burros, que cretinos! Comparava-se àqueles homens e aliviava com a estupidez deles a ferida de seu orgulho.

Em seguida, sentiu necessidade de ver Rosanette. Depois de tantas torpezas e tanta ênfase, sua gentil pessoa seria uma distração. Ela sabia que ele deveria, à noite, se apresentar num clube. No entanto, quando ele entrou não lhe fez uma pergunta sequer.

Estava perto da lareira, descosturando o forro de um vestido. Um trabalho daquele o surpreendeu.

— Nossa! O que está fazendo?

— Você está vendo — ela disse, seca. — Remendando meus trapos! É a sua República.

— Por que a minha República?

— É a minha, talvez?

E começou a repreendê-lo por tudo o que acontecia na França nos últimos dois meses, acusando-o de ter feito a revolução, de ser a causa dos

que estavam arruinados, de as pessoas ricas estarem abandonando Paris e de mais tarde ela ir morrer num hospital.

— Você pode falar à vontade, você e suas rendas! Aliás, na toada em que isso vai, já não terá por muito tempo as suas rendas.

— Pode ser — disse Frédéric —, os mais dedicados são sempre desconhecidos; e se não nos sentíssemos em paz com a nossa consciência, os estúpidos com quem nos comprometemos nos fariam sentir repugnância pela nossa abnegação!

Rosanette olhou para ele, com os olhos apertados.

— Hein? O quê? Que abnegação? Pelo visto o cavalheiro não teve êxito, teve? Melhor assim! Isso vai lhe ensinar a fazer dons patrióticos. Oh! Não estou mentindo! Sei que você lhes deu trezentos francos, pois a sua República se faz sustentar! Então divirta-se com ela, meu bobinho!

Diante dessa avalanche de asneiras, Frédéric passou de seu primeiro desapontamento para uma decepção mais pesada.

Ele se retirara para o fundo do quarto. Ela foi até lá.

— Vejamos! Raciocine um pouco! Num país, como numa casa, é preciso haver um dono; do contrário todo mundo mete a mão no dinheiro. Primeiro, todo mundo sabe que Ledru-Rollin está crivado de dívidas! Quanto a Lamartine, como quer que um poeta entenda de política? Ah! Não adianta balançar a cabeça e acreditar ser mais esperto que os outros, embora isso seja verdade! Você vive reclamando; a gente não pode dizer uma palavra para você! Veja por exemplo Fournier-Fontaine, dos armazéns de Saint-Roch: sabe de quanto ele está precisando? De oitocentos mil francos! E Gomer, o empacotador daqui da frente, outro republicano, esse aí descia o sarrafo na cabeça da mulher, e bebeu tanto absinto que vão pô-lo numa casa de saúde! É assim que todos eles são, os republicanos! Uma República a vinte e cinco por cento! Ah, sim! Vanglorie-se!

Frédéric foi embora. A inépcia daquela moça, revelando-se de repente numa linguagem do populacho, lhe deu nojo. Até se sentiu um pouco patriota outra vez.

O mau humor de Rosanette só fez crescer. A srta. Vatnaz a irritava com seu entusiasmo. Acreditando ter uma missão, ela ansiava perorar, catequizar, e, sendo mais preparada que sua amiga nessas matérias, a esmagava com argumentos.

Um dia, chegou muito indignada com Hussonnet, que acabava de se permitir umas sem-vergonhices no clube das mulheres. Rosanette aprovou o comportamento dele, chegando a declarar que vestiria roupas de homem para ir “lhes dizer umas boas verdades, e chicoteá-las”. Frédéric estava entrando no mesmo momento.

— Vai me acompanhar, não vai?

E, apesar da presença dele, elas se desentenderam, uma fazendo-se de burguesa, a outra de filósofa.

Segundo Rosanette, as mulheres tinham nascido exclusivamente para o amor ou para criar os filhos, para administrar uma casa.

Segundo a srta. Vatnaz, a mulher devia ter seu lugar no Estado. Antigamente, as gaulesas legislavam, as anglo-saxônicas também, as esposas dos huronianos faziam parte do conselho. A obra civilizatória era comum. Todas deviam concorrer para isso, e substituir enfim o egoísmo pela fraternidade, o individualismo pela associação, a fragmentação pela grande cultura.

— Ora vejam só! Agora você entende de cultura?

— Por que não? Aliás, trata-se da humanidade, do seu futuro!

— Meta-se com o seu!

— Isso é problema meu!

Zangaram-se. Frédéric se interpôs. A Vatnaz estava esquentada, e até chegou a apoiar o comunismo.

— Que besteira! — disse Rosanette. — Será que algum dia isso vai funcionar?

A outra citou como prova os essênios, os irmãos morávios, os jesuítas do Paraguai, a família dos Pingons, perto de Thiers, na Auvergne; e como gesticulava muito, a corrente de seu relógio enroscou no seu monte de berloques, num carneirinho de ouro pendurado.

De repente, Rosanette empalideceu incrivelmente.

A srta. Vatnaz continuava a tentar soltar o berloque.

— Não se esforce tanto — disse Rosanette; — agora conheço as suas opiniões políticas.

— O quê? — retrucou a Vatnaz, que ficou vermelha como uma virgem.

— Ah! Ah! Você me entende!

Frédéric não entendia. Entre elas, evidentemente, tinha acontecido alguma coisa mais capital e mais íntima que o socialismo.

— E ainda que fosse isso! — retrucou a Vatnaz, endireitando-se intrepidamente. — É um empréstimo, minha querida, dívida contra dívida!

— Eu, hein! Eu não nego as minhas! Por uns mil francos, que bela história! Eu pelo menos peço emprestado; não roubo ninguém!

A srta. Vatnaz esforçou-se para rir.

— Ah! Eu poria a minha mão no fogo!

— Tome cuidado! Ela está bastante seca, a ponto de queimar.

A solteirona lhe apresentou a mão direita, e, mantendo-a levantada bem na frente dela:

— Mas há amigos seus que a consideram ao seu gosto!

— Andaluzes, será? Como castanholas!

— Rameira!

A Marechala fez uma bela reverência.

— Ninguém é mais encantadora!

A srta. Vatnaz nada respondeu. Pingos de suor brotaram em suas têmporas. Seus olhos encaravam o tapete. Ela ofegava. Por fim, alcançou a porta e, batendo-a vigorosamente:

— Boa noite! Vão ter notícias minhas!

— Com muita honra! — disse Rosanette.

Esse incidente a deixara alquebrada. Caiu no divã, toda trêmula, balbuciando injúrias, derramando lágrimas. Seria aquela ameaça da Vatnaz que a atormentava? Que nada! Estava pouco ligando! Feitas as contas, a outra talvez lhe devesse dinheiro! Era o carneirinho de ouro, um presente; e em meio às suas lágrimas, o nome de Delmar lhe escapou. Portanto, ela amava o cabotino!

“Então, por que me quis?”, pensou Frédéric. “Desde quando ele voltou? Quem é que a força a ficar comigo? Qual é o sentido de tudo isso?”

Os pequenos soluços de Rosanette continuavam. Ainda estava na beira do divã, deitada de lado, com a face direita sobre as duas mãos — e parecia uma criatura tão delicada, inconsciente e dolorida, que ele se aproximou e beijou-a na testa, suavemente.

Então ela lhe fez promessas de ternura; o príncipe acabava de partir, eles estariam livres. Mas por ora andava... atrapalhada. “Você mesmo viu no outro dia, quando usei meus forros velhos.” Agora nada de carruagens! E não era só isso; o estofador ameaçava retomar os móveis do quarto e do grande salão. Ela não sabia o que fazer.

Frédéric teve vontade de responder: “Não se preocupe! Pagarei!”. Mas a senhora poderia estar mentindo. A experiência lhe ensinara. Limitou-se simplesmente a consolá-la.

Os temores de Rosanette não eram vãos; teve de devolver os móveis e sair do belo apartamento na Rue Drouot. Pegou outro, no Boulevard Poissonnière, quarto andar. As curiosidades de seu antigo boudoir foram suficientes para dar às três peças um ar elegante. Tinha estores chineses, um toldo no terraço, no salão um tapete de segunda mão, e pufes de seda rosa. Frédéric contribuíra amplamente para essas aquisições; sentia a alegria de um recém-casado que possui enfim uma casa sua, uma mulher sua; e, tendo muito prazer em estar ali, ia dormir lá quase todas as noites.

Uma manhã, quando saía da antessala, viu no terceiro andar, na escada, a barretina de um guarda nacional que subia. Mas aonde ia? Frédéric esperou. O homem continuava a subir, com a cabeça meio baixa. Ergueu os olhos. Era o sr. Arnoux. A situação era clara. Enrubesceram ao mesmo tempo, tomados pelo mesmo constrangimento.

Arnoux foi o primeiro que deu um jeito de disfarçar.

— Ela está melhor, não é mesmo? — como se, Rosanette estando doente, ele se apresentasse para ter notícias suas.

Frédéric aproveitou essa brecha.

— Sim, com certeza! Pelo menos foi o que a empregada me disse — querendo dar a entender que não tinha sido recebido.

Depois ficaram frente a frente, um e outro indecisos, e observando-se. Era para ver qual dos dois ficaria ali. Mais uma vez, Arnoux decidiu a questão.

— Ah! Bem! Voltarei mais tarde! Para onde vai? Vou acompanhá-lo.

E, quando chegaram à rua, conversou tão naturalmente como de costume. Sem dúvida não tinha um temperamento ciumento, ou então era muito boa pessoa para se zangar.

Aliás, a pátria o preocupava. Agora não tirava mais o uniforme. No dia 29 de março, defendera a redação do *La Presse*. Quando invadiram a Câmara, assinalou-se por sua coragem, e esteve no banquete oferecido à guarda nacional de Amiens.

Hussonnet, sempre de serviço com ele, aproveitava, mais que ninguém, de seu cantil e de seus charutos; mas, irreverente por natureza, gostava de contradizê-lo, achincalhando o estilo pouco correto dos decretos, as conferências do Luxembourg, as vesuvianas, os tiroleses, tudo, até o carro

da Agricultura, puxado por cavalos no lugar de bois e escoltado por moças feias.¹² Arnoux, ao contrário, defendia o poder e sonhava com a fusão dos partidos. No entanto, seus negócios começavam a dar errado. Ele se inquietava, moderadamente.

As relações entre Frédéric e a Marechala não o haviam entristecido; pois essa descoberta o autorizou (em sua consciência) a suprimir a pensão que voltara a dar a ela desde a partida do príncipe. Alegou as dificuldades das circunstâncias, queixou-se muito, e Rosanette foi generosa. Então o sr. Arnoux se considerou o amante do coração — o que o realçava em sua estima, e o rejuvenesceu. Não duvidando de que Frédéric pagasse à Marechala, imaginava lhe “pregar uma boa peça”, e chegou até a se esconder para lhe deixar o terreno livre quando se encontrassem.

Essa partilha magoou Frédéric; e as cortesias do rival lhe pareciam uma troca demasiado prolongada. Mas caso se zangasse, ele perderia qualquer chance de um retorno à outra, e além disso era o único jeito de ouvir falar dela. O negociante de faianças, segundo seu costume, ou talvez por malícia, de bom grado a lembrava, durante a conversa, e até lhe perguntava por que ele não ia mais vê-la.

Frédéric, tendo esgotado todos os pretextos, garantiu que tinha ido ver a sra. Arnoux várias vezes, à toa. Arnoux se convenceu, pois volta e meia se admirava, diante dela, da ausência do amigo; e ela sempre respondia ter perdido a visita dele; de sorte que essas duas mentiras, em vez de se anularem, se corroboravam.

A amabilidade do rapaz e a alegria de tê-lo tapeado faziam com que Arnoux gostasse ainda mais dele. Levava a familiaridade até os últimos limites, não por desdém, mas por confiança. Um dia, escreveu-lhe que um negócio urgente o conduzia por vinte e quatro horas à província; pedia-lhe para montar guarda em seu lugar. Frédéric não ousou recusar, e apresentou-se no posto do Carrousel.

Teve de suportar o convívio com os guardas nacionais!, e, com exceção de um dono de destilaria, homem brincalhão que bebia de modo exorbitante, todos lhe pareceram mais imbecis do que as respectivas cartucheiras. A conversa capital foi sobre a substituição dos correames pelo cinturão. Outros se exaltavam contra as oficinas nacionais.¹³ Diziam: “Onde vamos parar?”. Aquele que tinha sido interpelado respondia arregalando os olhos, como na beira de um abismo: “Onde vamos parar?”.

Então um mais valente exclamava: “Isso não pode durar! Tem que acabar com isso!”. E como os mesmos discursos se repetiam até de noite, Frédéric sentia um tédio mortal.

Foi grande sua surpresa quando, às onze horas, viu Arnoux aparecer, logo dizendo que acorria para liberá-lo, pois seu negócio estava terminado.

Ele não tivera nenhum negócio. Era uma invenção para passar vinte e quatro horas a sós com Rosanette. Mas o bravo Arnoux esperara muito de si mesmo, tanto assim que, na sua lassidão, fora invadido por um remorso. Vinha apresentar seus agradecimentos a Frédéric e convidá-lo para cear.

— Muitíssimo obrigado! Não estou com fome! Só peço minha cama!

— Razão a mais para comermos juntos, daqui a pouco! Que molengão você é! Não se volta para casa a uma hora dessa! É muito tarde! Seria perigoso!

Frédéric, mais uma vez, cedeu. Arnoux, que ninguém esperava ver, foi paparicado por seus irmãos de armas, principalmente pelo dono da destilaria. Todos gostavam dele; e era tão bom rapaz que lastimou a ausência de Hussonnet. Mas precisava fechar o olho um minuto, não mais.

— Ponha-se perto de mim — disse a Frédéric, enquanto se esticava no leito de campanha, sem tirar os correames.

Temendo um alerta, a despeito do regulamento manteve-se com o fuzil; depois balbuciou umas palavras: “Minha querida! Meu anjinho!”, e não demorou a pegar no sono.

Os que estavam falando se calaram; e aos poucos fez-se no posto um grande silêncio. Frédéric, atormentado pelas pulgas, olhava ao redor. A parede, pintada de amarelo, tinha a meia altura uma tábua comprida onde as mochilas formavam uma série de pequenas protuberâncias, enquanto embaixo os fuzis cor de chumbo estavam arrumados uns perto dos outros; e elevavam-se roncões, produzidos pelos guardas nacionais, cujos ventres se delineavam confusamente, na sombra. Uma garrafa vazia e pratos cobriam a estufa. Três cadeiras de palha cercavam a mesa, onde se estendia um baralho. No meio do banco, havia um tambor com a correia caída. O vento quente que chegava pela porta fazia a lamparina fumegar. Arnoux dormia, de braços abertos; e como seu fuzil estava colocado com a coronha para baixo, um pouco obliquamente, a boca do cano lhe chegava sob a axila. Frédéric observou isso e ficou apavorado.

“Que nada! Estou errado! Não há nada a temer. Se ele morresse, porém...”

E imediatamente quadros sem fim desfilaram. Viu-se com Ela, de noite, numa carruagem; depois, à beira de um rio numa noite de verão, e sob o reflexo de uma lamparina, em casa, na casa deles. Até se deteve em cálculos do lar, providências domésticas, já contemplando, apalpando a sua felicidade; — e para realizá-la, seria preciso apenas que o cão do fuzil se levantasse! Era possível empurrá-lo com a ponta do pé; o tiro partiria, seria um acaso, nada mais!

Frédéric desenvolveu essa ideia, como um dramaturgo que compõe. De repente, pareceu-lhe que ela não estava longe de se tornar ação, e que ele ia contribuir para isso, pois era o seu desejo; então, agarrou-lhe um imenso medo. Em meio a essa angústia ele sentia prazer, e nele se afundava cada vez mais, sentindo com pavor desfazerem-se os seus escrúpulos; no furor do devaneio, o resto do mundo desaparecia; e só tinha consciência de si mesmo por um intolerável aperto no peito.

— Vamos tomar vinho branco? — disse o dono da destilaria, que acordava.

Arnoux pulou para o chão; e depois de tomar o vinho branco, quis ficar de sentinela para Frédéric.

Então o levou para almoçar na Rue de Chartres, no Parly; e como precisava se recuperar, pediu dois pratos de carne, uma lagosta, uma omelete ao rum, uma salada etc., tudo isso regado a um sauternes 1819, com um romanée 42, sem contar o champanhe da sobremesa e os licores.

Frédéric não o contrariou em nada. Estava constrangido, como se o outro tivesse descoberto, em seu rosto, os rastros de seu pensamento.

Com os dois cotovelos na quina da mesa, e bem inclinado para a frente, Arnoux, cansando-o com o olhar, contou-lhe suas divagações.

Tinha vontade de arrendar todos os aterros da linha do Norte para fazer uma plantação de batatas, ou organizar nos bulevares uma cavalgada monstruosa, em que as “celebridades da época” figurariam. Alugaria todas as janelas, o que, à razão de três francos em média, renderia um belo lucro. Em suma, sonhava com um grande golpe da sorte por meio de um monopólio. No entanto, era uma criatura moral, criticava os excessos, o mau procedimento, falava de seu “pobre pai” e, todas as noites, dizia ele, fazia seu exame de consciência, antes de oferecer a alma a Deus.

– Um pouco de curaço, hein?

– Como quiser.

Quanto à República, as coisas se arranjariam; em suma, achava-se o homem mais feliz da terra; e, esquecendo-se de si, elogiou as qualidades de Rosanette, até a comparou com sua mulher. Era de fato outra coisa! Não se imaginavam coxas tão belas.

– À sua saúde!

Frédéric brindou. Bebera um pouco demais, por condescendência; aliás, o sol forte o ofuscava; e quando subiram juntos a Rue Vivienne, suas dragonas se tocavam fraternalmente.

Voltando para casa, Frédéric dormiu até as sete horas. Depois, foi à casa da Marechala. Ela tinha saído com alguém. Com Arnoux, talvez? Não sabendo o que fazer, continuou o passeio pelo bulevar, mas não conseguiu ir mais longe que a Porte Saint-Martin, de tanta gente havia.

A miséria abandonava a si mesmos um número considerável de operários; e eles iam ali todas as noites, provavelmente para se passar em revista e esperar um sinal. Apesar da lei contra os ajuntamentos, esses *clubes do desespero* aumentavam de maneira assustadora; e muitos burgueses iam lá diariamente, por bravata, por moda.

De repente, Frédéric avistou, a três passos de distância, o sr. Dambreuse com Martinon; virou a cabeça, pois como o sr. Dambreuse tinha se feito nomear deputado, ele lhe guardava rancor. Mas o capitalista o deteve.

– Uma palavrinha, meu caro! Tenho explicações a lhe dar.

– Não estou pedindo.

– Por favor! Escute-me.

Não era de jeito nenhum culpa dele. Tinham-lhe pedido, fora obrigado, de certa forma. Martinon, na mesma hora, corroborou suas palavras: os habitantes de Nogent tinham ido, em delegação, à casa dele.

– Aliás, pensei estar desimpedido, do momento em que...

Uma leva de gente na calçada forçou o sr. Dambreuse a se afastar. Um minuto depois, reapareceu, dizendo a Martinon:

– É um verdadeiro favor, isso! Você não terá do que se arrepender...

Os três encostaram numa loja, para conversar mais à vontade.

De vez em quando gritava-se: “Viva Napoleão! Viva Barbès! Abaixo Marie!”.¹⁴ A multidão falava muito alto; – e todas aquelas vozes, repercutidas pelas casas, faziam como que o barulho contínuo das ondas

num porto. De vez em quando elas se calavam, então *A Marselhesa* se elevava. Sob as portas-cocheiras, homens de aspecto misterioso ofereciam bengalas que eram espadas disfarçadas. Às vezes, dois indivíduos passavam um na frente do outro, piscavam o olho e se afastavam prontamente. Grupos de curiosos ocupavam as calçadas; uma multidão compacta se agitava nas ruas. Bandos inteiros de agentes de polícia, saindo das ruelas, desapareciam mal tinham surgido. Bandeirinhas vermelhas, aqui e acolá, pareciam chamas; os cocheiros, do alto de seu assento, faziam grandes gestos, depois iam embora. Era um movimento, um espetáculo dos mais divertidos.

— Como tudo isso teria divertido a srta. Cécile! — disse Martinon.

— Minha mulher, sabe, não gosta que minha sobrinha saia com você — retrucou, sorrindo, o sr. Dambreuse.

Estava irreconhecível. Fazia três meses que gritava: “Viva a República!”, e até votara pelo banimento dos D’Orléans. Mas as concessões iriam terminar. Ele andava furioso, a ponto de levar um cassetete no bolso.

Martinon também tinha um. Como a magistratura já não era inamovível, ele se retirara do Ministério Público, tanto assim que superava em violência o sr. Dambreuse.

O banqueiro odiava especialmente Lamartine (por ter apoiado Ledru-Rollin), e com ele Pierre Lerou, Proudhon, Considérant, Lamennais, todos os desmiolados, todos os socialistas.

— Pois, afinal, o que querem? Suprimiram o imposto sobre a carne e a prisão para os devedores; agora estudam o projeto de um banco hipotecário; outro dia, era um banco nacional! E aí estão cinco milhões do orçamento para os operários! Mas felizmente acabou, graças ao sr. de Falloux. Boa viagem! Que deem o fora!

De fato, não sabendo como alimentar os cento e trinta mil homens das oficinas nacionais, o ministro das Obras Públicas tinha, naquele mesmo dia, assinado um decreto que convidava todos os cidadãos entre dezoito e vinte anos a se alistarem como soldados, ou então a partir para suas províncias, para trabalhar na terra.

Essa alternativa os indignou, convencidos de que os outros queriam destruir a República. A vida longe da capital os afligia como um exílio; viam-se moribundos por causa das febres, em regiões selvagens. Para muitos, aliás, acostumados a trabalhos delicados, a agricultura parecia um

aviltamento; era, enfim, um engodo, um escárnio, a negação formal de todas as promessas. Se resistissem, seria empregada a força; não duvidavam disso e se dispunham a evitá-la.

Por volta das nove horas, os ajuntamentos formados na Bastilha e no Châtelet refluíram para o bulevar. Da Porte Saint-Denis à Porte Saint-Martin, aquilo não era mais que um bulício enorme, uma só massa de um azul-escuro quase preto. Os homens ali reunidos tinham, todos, os olhos ardendo, a tez pálida, rostos emagrecidos pela fome, exaltados pela injustiça. Enquanto isso, nuvens se amontoavam; o céu de tempestade aquecia a eletricidade da multidão, que volteava sobre si mesma, indecisa, com um amplo balanço de marulho; e sentia-se nas profundezas uma força incalculável, e como que a energia de um elemento. Depois todos começaram a cantar: “Lampiões! Lampiões!”.¹⁵ Várias janelas não se acenderam; pedras foram lançadas em suas vidraças. O sr. Dambreuse considerou prudente ir embora. Os dois jovens o acompanharam.

Ele previa grandes desastres. O povo, mais uma vez, poderia invadir a Câmara; e a propósito, contou como teria sido morto no dia 15 de maio sem a dedicação de um guarda nacional.

— Mas é o seu amigo, ia esquecendo!, o seu amigo, o fabricante de faianças, Jacques Arnoux! — Os amotinados o sufocavam; aquele bravo cidadão o pegara nos braços e o levava para longe. Assim, desde então uma espécie de vínculo se estabelecera. — Um dia desses teremos de jantar juntos, e já que o vê com frequência, diga-lhe que gosto muito dele. É um homem excelente, caluniado, a meu ver; e tem muita malícia, o espertinho! Meus cumprimentos, mais uma vez! Bem, boa noite!...

Depois de deixar o sr. Dambreuse, Frédéric voltou para a casa da Marechala; e, com ar muito sombrio, disse que ela devia optar entre ele e Arnoux. Ela respondeu com meiguice que não entendia patavina “desses mexericos”, não amava Arnoux, não fazia a menor questão de vê-lo. Frédéric tinha sede de abandonar Paris. Ela não rejeitou essa fantasia, e partiram para Fontainebleau já no dia seguinte.

O hotel onde se hospedaram diferenciava-se dos outros por um chafariz que sussurrava no meio do pátio. As portas dos quartos davam para um corredor, como nos mosteiros. O que lhe deram era grande, guarnecido de bons móveis, forrado de chita da Índia e silencioso, tendo em vista a escassez dos viajantes. Ao longo das casas, burgueses desocupados

passavam, e depois, debaixo de suas janelas, quando o dia se pôs, crianças brincaram na rua de apostar corrida; — e aquele sossego, que para eles sucedia-se ao tumulto de Paris, causou-lhes uma surpresa, uma tranquilidade.

De manhã bem cedinho, foram visitar o castelo. Quando entravam pelo portão de grade, avistaram sua fachada inteira, com os cinco pavilhões de telhados pontiagudos e a escadaria em forma de ferradura exibindo-se no fundo do pátio, ladeado à direita e à esquerda por dois corpos de edifícios mais baixos. De longe, líquens nos paralelepípedos se misturavam ao tom fulvo dos tijolos; e o conjunto do palácio, cor de ferrugem como uma velha armadura, tinha algo de regimento impassível, uma espécie de grandeza militar e triste.

Por fim, um empregado, carregando um molho de chaves, apareceu. Mostrou-lhes primeiro os aposentos das rainhas, o oratório do Papa, a galeria de Francisco I, a mesinha de mogno na qual o Imperador assinou a abdicação e, numa das salas que dividiam a antiga galeria dos Cervos, o lugar onde Cristina mandou assassinar Monaldeschi. Rosanette escutou atentamente essa história; depois, virando-se para Frédéric:

— Foi por ciúme, talvez? Tome cuidado!

Em seguida, atravessaram a sala do Conselho, a sala dos Guardas, a sala do Trono, o salão de Luís XIII. As janelas altas, sem cortinas, espalhavam uma luz branca; a poeira embaçava ligeiramente as maçanetas das janelas, o pé de cobre dos consoles; capas de pano grosso escondiam as poltronas; viam-se por cima das portas cenas de caça de Luís XV, e, aqui e ali, tapeçarias representando os deuses do Olimpo, Psiquê ou as batalhas de Alexandre.

Quando passava diante dos espelhos, Rosanette parava um minuto para alisar os bandós.

Depois do pátio do torreão e da capela de Saint-Saturnin, chegaram ao salão de festas.

Ficaram deslumbrados com o esplendor do teto, dividido em compartimentos octogonais, realçado de ouro e prata, mais cinzelado que uma joia, e com a abundância das pinturas que cobrem as paredes desde a gigantesca chaminé, onde crescentes e aljavas cercam as armas da França, até a tribuna para os músicos, construída na outra extremidade, na largura da sala. As dez janelas em arcadas estavam escancaradas; o sol fazia as

pinturas brilharem, o céu azul continuava infinitamente o lápis-lázuli dos arcos da abóbada; e, do fundo dos bosques, cujas copas vaporosas enchiam o horizonte, parecia vir um eco de gritos de caçadores entoados pelas trompas de marfim, e danças mitológicas, reunindo sob a folhagem princesas e senhores disfarçados de ninfas e silvanos — época de ciência ingênua, de paixões violentas e de arte suntuosa, quando o ideal era transportar o mundo para um sonho das Hespérides, e quando as amantes dos reis se confundiam com os astros. A mais bela dessas famosas fora pintada, à direita, na figura de Diana Caçadora, e até mesmo como Diana Infernal, talvez para marcar sua força mais além do túmulo. Todos esses símbolos confirmam sua glória; e resta ali algo dela, uma voz indistinta, uma emanação que se prolonga.

Frédéric foi invadido por uma concupiscência retrospectiva e inexprimível. A fim de desviar seu desejo, começou a observar carinhosamente Rosanette, perguntando-lhe se não gostaria de ter sido aquela mulher.

— Que mulher?

— Diana de Poitiers!

Repetiu:

— Diana de Poitiers, amante de Henrique II.

Ela fez um pequeno: “Ah!”. Mais nada.

Seu mutismo provava claramente que não sabia nada, não entendia nada, tanto assim que, por condescendência, ele lhe disse:

— Talvez esteja se aborrecendo?

— Não, não, pelo contrário!

E, de queixo levantado, enquanto examinava tudo ao redor muito vagamente, Rosanette soltou esta frase:

— Isso me traz lembranças!

No entanto, via-se em seu rosto um esforço, uma intenção de respeito; e como esse ar sério a tornava mais bonita, Frédéric a desculpou.

O lago das carpas a divertiu mais. Por quinze minutos jogou pedacinhos de pão na água para ver os peixes pularem.

Frédéric se sentara ao seu lado, sob as tílias. Pensava em todos os personagens que tinham frequentado aqueles interiores. Carlos V, os Valois, Henrique IV, Pedro, o Grande, Jean-Jacques Rousseau e “as belas choronas das primeiras filas”,¹⁶ Voltaire, Napoleão, Pio VII, Luís Filipe; sentia-se

cercado, roçado por esses mortos tumultuosos; tal confusão de imagens o atordoava, embora achasse tudo aquilo um encanto, porém.

Finalmente desceram para o jardim.

É um vasto retângulo, deixando ver com um só olhar as largas alamedas amarelas, os quadrados de relva, os caminhos de buxos, os teixos em pirâmide, as plantas baixas e os estreitos canteiros, onde flores espalhadas formam manchas sobre a terra cinza. No fim do jardim, abre-se um parque atravessado em toda a sua extensão por um longo canal.

As residências reais têm em si uma melancolia peculiar, que sem dúvida decorre de suas dimensões demasiado grandes para o pequeno número de hóspedes, do silêncio que nos surpreende encontrar ali depois de tantas fanfarras, do luxo imóvel provando por sua velhice a fugacidade das dinastias, a eterna miséria de tudo; — e essa exalação dos séculos, entorpecente e fúnebre como um perfume de múmia, faz-se sentir até pelas cabeças ingênuas. Rosanette bocejava muito. Voltaram para o hotel.

Depois do almoço, levaram-lhes uma carruagem com a capota arriada. Saíram de Fontainebleau por uma larga rotunda, depois subiram a passo uma estrada arenosa, dentro de um bosque de pinheirinhos. As árvores tornaram-se maiores, e o cocheiro dizia, de vez em quando: “Aqui estão as Irmãos Siameses, a Pharamond, a Bouquet-du-Roi...”, não esquecendo nenhuma das árvores célebres, às vezes até parando para que as admirassem.

Entraram na mata de Franchard. A carruagem deslizava como um trenó sobre a relva; pombos invisíveis arrulhavam; de repente, apareceu o garçom de um café; e eles desceram diante da cancela de um jardim onde havia mesas redondas. Depois, deixando à esquerda os muros de uma abadia em ruínas, caminharam sobre rochedos e logo alcançaram o fundo do desfiladeiro.

Este é coberto, de um lado, por um entremeado de grés e zimbros, enquanto, do outro, o terreno quase nu inclina-se para o fundo do vale, onde uma trilha forma uma linha pálida, na cor das urzes; e bem ao longe avista-se uma elevação em cone achatado, com a torre de um telégrafo atrás.

Meia hora depois, desceram de novo para escalar as alturas de Aspremont.

O caminho faz zigue-zagues entre os pinheiros atarracados e rochedos de perfil anguloso; todo esse canto da floresta tem algo de abafado, um pouco selvagem e recolhido. Pensa-se nos eremitas, companheiros dos grandes cervos que levam uma cruz de fogo entre os chifres, e que recebiam com sorrisos paternais os bons reis da França, ajoelhados diante de sua gruta. Um odor resinoso enchia o ar quente, raízes rentes ao chão se entrecruzavam como veias. Rosanette tropeçou ali e ficou desesperada, com vontade de chorar.

Mas bem lá no alto voltou-lhe a alegria, ao encontrar sob um telhado de folhagens uma espécie de birosca onde se vendem madeiras esculpidas. Bebeu uma garrafa de limonada, comprou um pau de azevinho; e, sem nem admirar a paisagem que se descobre do planalto, entrou na Caverne-des-Brigands, precedida por um garoto levando uma lanterna.

A carruagem os esperava no Bas-Bréau.

Um pintor de bata azul trabalhava ao pé de um carvalho, com sua caixa de tintas no colo. Levantou a cabeça e os olhou passar.

No meio da encosta de Chailly, uma nuvem que de súbito arrebentou levou-os a puxar a capota. Quase de imediato a chuva parou; e o calçamento das ruas brilhava sob o sol quando eles voltaram para a cidade.

Viajantes recém-chegados lhes informaram que uma batalha horrorosa ensanguentava Paris. Rosanette e seu amante não se surpreenderam. Depois, todos foram embora, o hotel voltou ao sossego, o gás se apagou, e eles dormiram ao murmúrio do chafariz no pátio.

No dia seguinte, foram ver a Gorge-au-Loup, a Mare-aux-Fées, o Long-Rocher, a Marlotte; mais um dia e recomeçaram os passeios, ao léu, como o cocheiro queria, sem perguntar onde estavam, e muitas vezes até mesmo desprezando os locais famosos.

Sentiam-se tão bem dentro do velho landau, baixo como um sofá e coberto por uma lona de listras desbotadas! Os fossos cheios de mato desfilavam diante de seus olhos, num movimento suave e contínuo. Raios brancos atravessavam como flechas as samambaias altas; às vezes, um caminho que já não era usado apresentava-se diante deles, em linha reta; e aqui e ali erguiam-se plantas, indolentes. No meio das encruzilhadas, uma cruz estendia seus quatro braços; em outro lugar, postes se inclinavam como árvores mortas, e pequenas trilhas curvas se perdiam sob as folhas, dando vontade de segui-las; no mesmo momento, o cavalo fazia uma

curva, eles entravam por ali, enfiavam-se na lama; mais adiante, o musgo crescera à beira dos sulcos profundos.

Pensavam estar longe dos outros, bem sozinhos. Mas de repente passava um guarda-florestal com sua espingarda, ou um grupo de mulheres esfarrapadas, arrastando nas costas grandes feixes de gravetos.

Quando a carruagem parava, fazia-se um silêncio universal; só se ouvia o bafo do cavalo preso aos varais, e um grito muito fraco de pássaro, repetido.

A luz, que aqui e ali iluminava a orla do bosque, deixava os fundos na sombra; ou, atenuada nos primeiros planos por uma espécie de crepúsculo, espalhava nas lonjuras vapores violeta e uma claridade branca. No meio do dia, o sol, caindo a pino sobre as grandes plantações, salpicava-as, suspendia gotas argêntas na ponta dos galhos, riscava a relva com rastros de esmeraldas, jogava manchas de ouro sobre as camadas de folhas mortas; e, virando-se a cabeça para trás, via-se o céu entre as copas das árvores. Algumas, de altura descomunal, tinham ares de patriarcas e imperadores, ou, tocando-se nas extremidades, formavam com seus longos fustes como que arcos de triunfo; outras, crescidas desde baixo obliquamente, pareciam colunas prestes a cair.

Essa profusão de grandes linhas verticais se entreabria. Então, enormes ondas verdes se desdobravam em relevos desiguais até a superfície dos vales, por onde avançava o cume de outras colinas dominando planícies amarelas, que terminavam se perdendo numa palidez indecisa.

Em pé, lado a lado, sobre alguma elevação do terreno, eles sentiam, aspirando o vento, entrar-lhes na alma como que o orgulho de uma vida mais livre, com uma exuberância de forças, uma alegria sem causa.

A diversidade das árvores formava um espetáculo cambiante. As faias, de casca branca e lisa, entremeavam suas coroas; freixos curvavam molemente suas ramagens esverdeadas; nos tufos com rebentos de carpas, erguiam-se azevinhos parecidos com bronze; depois vinha uma fileira de bétulas finas, inclinadas em atitudes elegíacas; e os pinheiros, simétricos como tubos de órgão, balançando-se continuamente, pareciam cantar. Havia carvalhos rugosos, enormes, que se contorciam e se esticavam no chão, abraçavam-se uns aos outros, e, firmes sobre seus troncos, parecendo torsos, lançavam com os braços nus apelos de desespero, ameaças furiosas, como um grupo de titãs imobilizados na raiva. Algo mais pesado, um langor febril pairava

acima dos pântanos, recortando a superfície de suas águas entre arbustos de espinheiros; os líquens da margem, onde os lobos iam beber, são cor de enxofre, como se queimados pelos passos das bruxas, e o coaxar ininterrupto das rãs responde ao grito das gralhas que volteiam. Em seguida, atravessaram clareiras monótonas, plantadas aqui e ali de árvores jovens não podadas. Ouvia-se um ruído de ferro, pancadas fortes e numerosas: era, no flanco de uma colina, um grupo de exploradores de pedreiras quebrando as rochas. Estas se multiplicavam cada vez mais, e acabavam enchendo toda a paisagem, cúbicas como casas, chatas como lajes, estendendo-se, inclinando-se, confundindo-se, como ruínas irreconhecíveis e monstruosas de alguma cidade desaparecida. Mas a própria fúria de seu caos mais faz pensar em vulcões, em dilúvios, nos grandes cataclismos ignorados. Frédéric dizia que elas estavam ali desde o começo do mundo e assim continuariam, até o fim; Rosanette virava a cabeça, afirmando que “aquilo a deixava louca”, e ia colher urzes. Suas florezinhas violeta, amontoadas umas perto das outras, formavam placas desiguais, e a terra que desabava debaixo delas criava como que franjas pretas na beira das areias em que brilhava a mica.

Um dia, chegaram à meia altura de uma duna. Sua superfície, virgem de passos, era riscada por ondulações simétricas; aqui e ali, como promontórios sobre o leito seco de um oceano, levantavam-se rochas com vagas formas de animais: tartarugas avançando a cabeça, focas que rastejam, hipopótamos e ursos. Ninguém. Nenhum barulho. As areias, batidas pelo sol, ofuscavam; — e de repente, naquela vibração de luz, os animais pareceram se mexer. Voltaram depressa, fugindo da vertigem, quase aterrorizados.

A seriedade da floresta os conquistava; e tinham horas de silêncio em que, deixando-se ninar pelo embalo da suspensão da carruagem, ficavam como que entorpecidos numa embriaguez tranquila. Abraçando-a pela cintura, ele a ouvia falar enquanto os pássaros chilreavam, observava quase com o mesmo olhar as uvas pretas de seu chapéu e as bagas dos pés de zimbro, os drapeados de seu véu e as volutas das nuvens; e quando se inclinava para o lado dela, o frescor de sua pele misturava-se com o grande perfume dos bosques. Divertiam-se com tudo; mostravam um ao outro, como uma curiosidade, teias de aranha suspensas nos arbustos, buracos cheios de água no meio das pedras, um esquilo nos galhos, o voo de duas borboletas que

os seguiam; ou, a vinte passos, sob as árvores, uma corça que andava tranquilamente, nobre e suave, com sua cria ao lado. Rosanette gostaria de correr atrás dela, beijá-la.

Uma vez teve muito medo, quando um homem, surgindo de repente, mostrou-lhe numa caixa três víboras. Jogou-se prontamente para cima de Frédéric; — que ficou feliz por ser ela tão fraca e por se sentir bastante forte para defendê-la.

Nessa noite, jantaram num albergue, na beira do Sena. A mesa era perto da janela, Rosanette estava na frente de Frédéric, que contemplava seu narizinho fino e branco, seus lábios em biquinho, seus olhos claros, seus bandós castanhos armados, seu lindo rosto oval. O vestido de seda crua colava nos ombros meio caídos; e saindo dos punhos lisos, suas duas mãos trinchavam, serviam a bebida, avançavam sobre a toalha. Serviram-lhes uma galinha com os quatro membros estendidos, uma caldeirada de enguias numa tigela de barro, vinho rascante, pão muito duro, facas embotadas. Tudo isso aumentava o prazer, a ilusão. Quase acreditavam estar no meio de uma viagem, na Itália, em sua lua de mel.

Antes de ir embora, foram passear pela beira do Sena.

No horizonte, o céu, de um azul suave, arredondado como um domo, apoiava-se no recorte dentado dos bosques. Em frente, no fim da pradaria, havia um campanário numa aldeia; e mais longe, à esquerda, o telhado de uma casa formava uma mancha vermelha sobre o rio, que parecia imóvel em toda a extensão de sua sinuosidade. Juncos debruçavam-se ali, porém, e a água sacudia levemente as varas fincadas na beira para sustentar as redes; uma nassa de vime, duas ou três velhas chalupas estavam por lá. Perto do albergue, uma moça de chapéu de palha puxava baldes de um poço; — toda vez que eles subiam, Frédéric escutava com alegria inexprimível o rangido da corrente.

Não duvidava de que seria feliz até o fim de seus dias, de tal forma sua felicidade lhe parecia natural, inerente à vida e àquela mulher. Uma necessidade o impelia a dizer-lhe ternuras. Ela respondia com palavras gentis, tapinhas no ombro, meiguices cuja surpresa o encantava. Ele descobria nela, enfim, uma beleza toda nova, que talvez fosse apenas o reflexo do ambiente, a menos que suas virtualidades secretas a tivessem feito desabrochar.

Quando descansavam, no meio do campo, ele se deitava com a cabeça em seu colo, ao abrigo da sombrinha; — ou, de bruços no meio da relva, ficavam um em frente ao outro, olhando-se, afundados nas pupilas, sedentos de si mesmos, sempre se saciando, e depois de pálpebras semifechadas, já não falando.

Às vezes, ouviam bem longe o rufar de tambores. Era o sinal da mobilização geral dos combatentes, que se tocava nas aldeias, para irem defender Paris.

— Ah! Veja só! O motim! — dizia Frédéric com uma piedade desdenhosa, pois toda aquela agitação lhe parecia miserável ao lado do amor deles e da natureza eterna.

E conversavam sobre qualquer assunto, sobre coisas que sabiam perfeitamente, pessoas que não lhes interessavam, mil bobagens. Ela o entretinha sobre sua camareira e seu cabeleireiro. Um dia, descuidou-se e disse sua idade: vinte e nove anos; estava ficando velha.

Várias vezes, sem querer, contou-lhe detalhes de si mesma. Tinha sido “senhorita numa loja”, feito uma viagem à Inglaterra, começado estudos para ser atriz; tudo isso sem transições, e ele não conseguia reconstituir um conjunto. Contou mais coisas, um dia que estavam sentados sob um plátano, na encosta de um prado. Embaixo, na beira da estrada, uma garotinha descalça, na poeira, pastoreava uma vaca. Assim que os viu, foi pedir esmola; e, segurando com uma das mãos a saia esfarrapada, com a outra coçava o cabelo preto que rodeava, como uma peruca à Luís XIV, toda a sua cabeça morena, iluminada por olhos esplêndidos.

— Mais tarde ela vai ser bem bonita — disse Frédéric.

— Que sorte dela se não tiver mãe! — retrucou Rosanette.

— Hein? Como assim?

— Mas claro; eu, sem a minha...

Suspirou e começou a falar da infância. Os pais eram operários das tecelagens de seda da Croix-Rousse. Ela ajudava o pai, como aprendiz. Por mais que ele se esfalfasse, a mulher do pobre homem lhe atirava invectivas e vendia tudo para ir beber. Rosanette via o quarto deles, com os bastidores arrumados entre as janelas, a gororoba em cima da estufa, a cama pintada de acaju, um armário em frente, e o sótão escuro onde dormira até os quinze anos. Por fim, chegara um senhor, um homem gordo, rosto cor de buxo, modos de beato, vestido de preto. Sua mãe e ele tiveram uma

conversa, tanto assim que, três dias depois... Rosanette parou, e com um olhar cheio de impudor e amargura:

– Negócio fechado!

Depois, respondendo ao gesto de Frédéric:

– Como ele era casado (ele teria medo de se comprometer em casa), me levaram para a sala reservada de um restaurante e me disseram que eu seria feliz, que receberia um belo presente.

“Já na porta, a primeira coisa que me impressionou foi um candelabro de vermeil, em cima de uma mesa onde havia dois lugares postos. Um espelho no teto os refletia, e as paredes forradas de seda azul faziam toda a saleta parecer uma alcova. Fiquei intrigada com uma surpresa. Compreenda, uma pobre criatura que nunca tinha visto nada! Apesar de meu deslumbramento, eu tinha medo. Queria ir embora. Mas fiquei.

“O único assento que havia era um divã encostado na mesa. Ele cedeu debaixo de mim, mole; a boca do calorífero no tapete me enviava um bafo quente, e fiquei ali sem tomar nada. O garçom que estava em pé me incitou a comer. Serviu-me imediatamente um grande copo de vinho; a cabeça me rodava, quis abrir a janela, ele disse: ‘Não, senhorita, é proibido’. E me deixou. A mesa estava coberta de um monte de coisas que eu não conhecia. Nada me pareceu bom. Então ataquei um pote de geleia, e continuei a esperar. Não sei o que o impedia de vir. Era muito tarde, no mínimo meia-noite, eu não aguentava mais de cansaço; quando empurro um dos travesseiros para melhor me esticar, encontro debaixo de minha mão uma espécie de álbum, um caderno: eram imagens obscenas... Eu dormia em cima daquilo quando ele entrou.”

Baixou a cabeça e ficou pensativa.

As folhas ao redor sussurravam, numa confusão de plantas uma grande dedaleira balançava, a luz corria como uma onda sobre a grama, e o silêncio era cortado a intervalos rápidos pela vaca pastando, agora invisível.

Rosanette observava um ponto no chão, a três passos, fixamente, com as narinas latejando, absorta. Frédéric pegou sua mão.

– Como você sofreu, pobre querida!

– Sim – ela disse –, mais do que você pensa!... A ponto de querer acabar tudo; fui repescada.

– Como?

— Ah! Não pensemos mais nisso!... Eu te amo, sou feliz! Beije-me. — E tirou, um por um, os fiapinhos de cardos presos na barra do vestido.

Frédéric continuava a pensar no que ela não tinha dito. Por quais recursos conseguira sair da miséria? A qual amante devia sua educação? O que tinha acontecido em sua vida até o dia em que ele fora à sua casa pela primeira vez? Sua última confissão proibia as perguntas. Perguntou-lhe apenas como tinha conhecido Arnoux.

— Pela Vatnaz.

— Não foi você que eu vi, uma vez, no Palais-Royal, com os dois?

Citou a data exata. Rosanette fez um esforço.

— Sim, é verdade!... Eu não andava muito bem naquela época!

Mas Arnoux se mostrara excelente. Frédéric não duvidava; no entanto, o amigo deles era um homem curioso, cheio de defeitos; ele teve o cuidado de lembrá-los. Ela concordou.

— Pouco importa!... Assim mesmo a gente gosta desse tratante!

— Ainda? Agora? — perguntou Frédéric.

Ela foi ficando vermelha, meio rindo, meio zangada.

— Ei, não! É história antiga. Não escondo nada de você. Mesmo que fosse assim, com ele é diferente! Aliás, você não está sendo gentil com a sua vítima.

— Minha vítima?

Rosanette pegou seu queixo.

— Com certeza!

E, falando como as amas de leite:

— A gente não se comportou direitinho! A gente foi pra caminha com a mulher dele!

— Eu? Nunca na vida!

Rosanette sorriu. Ele ficou magoado com esse sorriso, prova de indiferença, pensou. Mas ela prosseguiu, meiga, e com um desses olhares que imploram a mentira:

— Tem certeza?

— Com certeza!

Frédéric deu sua palavra de honra de que nunca tinha pensado na sra. Arnoux, por estar muito apaixonado por outra.

— Por quem então?

— Mas por você, minha beldade!

— Ah! Não zombe de mim! Você me irrita!

Ele achou prudente inventar uma história, uma paixão. Encontrou detalhes circunstanciados. Essa pessoa, aliás, o fizera muito infeliz.

— Decididamente, você não tem sorte! — disse Rosanette.

— Oh! Oh! Talvez! — querendo com isso dar a entender várias boas fortunas, a fim de dar de si mesmo melhor opinião, assim como Rosanette não confessava todos os amantes para que ele a estimasse mais; — pois, em meio às confidências mais íntimas, sempre há restrições, por falsa vergonha, delicadeza, piedade. Descobrimos no outro ou em nós mesmos precipícios ou lamaçais que impedem que prossigamos; aliás, sentimos que não seríamos compreendidos; é difícil expressar exatamente o que quer que seja; assim, são raras as uniões completas.

A pobre Marechala nunca tinha conhecido uma união melhor. Volta e meia, quando fitava Frédéric, lágrimas lhe vinham aos olhos, e depois ela os erguia ou os projetava para o horizonte, como se tivesse avistado uma grande aurora, perspectivas de felicidade sem limites. Enfim, um dia, confessou que desejava mandar rezar uma missa, “para que isso traga sorte ao nosso amor”.

De onde vinha, afinal, o fato de que lhe tivesse resistido por tanto tempo? Ela mesma não tinha a menor ideia. Ele renovou muitas vezes a pergunta; e ela respondia apertando-o nos braços:

— É que eu tinha medo de te amar demais, meu querido!

No domingo de manhã, Frédéric leu num jornal, numa lista de feridos, o nome de Dussardier. Deu um grito e, mostrando a folha a Rosanette, declarou que ia partir imediatamente.

— Para fazer o quê?

— Mas para vê-lo, cuidar dele!

— Não vai me deixar sozinha, imagino?

— Venha comigo.

— Ah! Para eu ir me meter numa confusão dessa? Obrigada!

— Mas eu não posso...

— Tá, tá, tá! Como se estivessem faltando enfermeiras nos hospitais! E além do mais, o que é que esse aí ainda tinha de se meter nisso? Cada um por si!

Ele ficou indignado com esse egoísmo; e criticou-se por não estar lá com os outros. Tanta indiferença às desgraças da pátria tinha algo mesquinho e

burguês. De repente, seu amor lhe pesou como um crime. Ficaram amuados durante uma hora.

Depois ela lhe suplicou que esperasse, que não se expusesse.

— Se por acaso matarem você?!

— Bem! Eu apenas teria cumprido meu dever!

Rosanette deu um pulo. Primeiro, seu dever era amá-la. É que ele não queria mais saber dela, era isso! Aquilo não tinha o menor sentido! Que ideia, meu Deus!

Frédéric tocou para pedir a nota. Mas não era fácil voltar para Paris. O carro dos transportes de mercadorias Leloir acabava de partir, as berlindas Lecomte não partiriam, a diligência do Bourbonnais só passaria mais tarde, de noite, e talvez estivesse cheia; não se sabia de nada. Quando já tinha perdido muito tempo nessas informações, veio-lhe a ideia de pegar a mala-posta. O chefe da posta recusou-se a fornecer os cavalos, pois Frédéric não tinha passaporte. Por fim, alugou uma caleche (a mesma que tinha passeado com eles) e chegaram diante do Hôtel du Commerce, em Melun, por volta das cinco horas.

A Place du Marché estava coberta de armas ensarilhadas. O prefeito proibira os guardas nacionais de ir para Paris. Os que não eram de sua circunscrição queriam prosseguir viagem. Gritavam. O albergue estava um grande tumulto.

Rosanette, morta de medo, declarou que não iria mais longe, e mais uma vez lhe suplicou que ficasse. O estalajadeiro e sua mulher juntaram-se a ela. Um homem que estava jantando se meteu, afirmando que dali a pouco a batalha estaria terminada; aliás, era preciso cumprir seu dever. Então, a Marechala redobrou os soluços. Frédéric estava desesperado. Deu-lhe sua bolsa, beijou-a vivamente e desapareceu.

Chegando a Corbeil, na estação, foi informado de que os insurgentes tinham, a intervalos, cortado os trilhos, e o cocheiro se negou a levá-lo mais longe; seus cavalos, dizia, estavam “moídos”.

Por seu intermédio, porém, Frédéric conseguiu um cabriolé ruim que, pela quantia de sessenta francos, sem contar a gorjeta, aceitou levá-lo até a barreira de Italie. Mas a cem passos da barreira o condutor o fez descer e voltou. Frédéric andava pelo caminho quando, de repente, uma sentinela lhe apontou a baioneta. Quatro homens o agarraram, vociferando:

— É um deles! Tomem cuidado! Revistem-no! Bandido! Canalha!

E sua perplexidade foi tão profunda que ele se deixou arrastar até o posto da barreira, na mesma rotunda para onde convergem o Boulevard des Gobelins e o de l'Hôpital e a Rue Godefroy e a Mouffetard.

Quatro barricadas formavam, no fim das quatro vias, enormes taludes de paralelepípedos; aqui e ali tochas crepitavam; apesar da poeira que se levantava, ele distinguiu os soldados de infantaria e os guardas nacionais, todos com o rosto negro, desleixados, desvairados. Acabavam de pegar aquela praça, tinham fuzilado vários homens; a cólera ainda perdurava. Frédéric disse que estava chegando de Fontainebleau para socorrer um companheiro ferido que morava na Rue Bellefond; de início, ninguém quis acreditar nele; examinaram suas mãos, até farejaram sua orelha para ter certeza de que não estava com cheiro de pólvora.

Porém, de tanto repetir a mesma coisa, acabou convencendo um capitão, que ordenou a dois fuzileiros que o conduzissem ao posto do Jardin des Plantes.

Desceram o Boulevard de l'Hôpital. Uma forte brisa soprava. Ela o reanimou.

Em seguida, viraram na Rue du Marché-aux-Chevaux. O Jardin des Plantes, à direita, formava uma grande massa preta, enquanto, à esquerda, a fachada inteira do hospital La Pitié, com todas as janelas iluminadas, flamejava como um incêndio e sombras passavam rapidamente atrás das vidraças.

Os dois homens de Frédéric foram embora. Outro o acompanhou até a École Polytechnique.

A Rue Saint-Victor estava toda escura, sem um bico de gás nem uma luz nas casas. De dez em dez minutos, ouvia-se:

— Sentinelas! Fiquem atentos! — e esse grito, jogado no meio do silêncio, prolongava-se como o eco de uma pedra caindo num abismo.

Às vezes, um ruído de passos pesados se aproximava. Era uma patrulha de cem homens no mínimo; cochichos, vagos tinidos de ferro escapavam dessa massa confusa; e afastando-se com um balanço rítmico, ela se fundia na escuridão.

Havia no meio dos cruzamentos um dragão a cavalo, imóvel. De vez em quando, um estafeta passava em grande galope, depois o silêncio voltava. Canhões em marcha provocavam ao longe, no calçamento, um ruído de rodas surdo e assustador. O coração se apertava diante desses barulhos

diferentes de todos os barulhos correntes. Até pareciam ampliar o silêncio, que era profundo, absoluto — um silêncio negro. Homens com roupa de operário abordavam os soldados, diziam-lhes uma palavra e desapareciam como fantasmas.

O posto da École Polytechnique transbordava de gente. Mulheres atravancavam a entrada, pedindo para ver o filho ou o marido. Eram enviadas para o Panthéon transformado em depósito de cadáveres — e ninguém ouvia Frédéric. Ele se obstinou, jurando que seu amigo Dussardier o esperava, ia morrer. Cederam-lhe enfim um cabo para levá-lo até o alto da Rue Saint-Jacques, até a prefeitura do 12^o Arrondissement.

A Place du Panthéon estava cheia de soldados deitados sobre a palha. O dia raiava. As fogueiras de acampamento apagavam-se.

A insurreição deixara nesse bairro rastros colossais. O chão das ruas estava, de um extremo a outro, desigualmente esburacado. Sobre as barricadas em ruína, restavam ônibus, canos de gás, rodas de carroças; pequenas poças pretas, em certos lugares, deviam ser de sangue. As casas estavam crivadas de projéteis e seu madeiramento aparecia sob o reboco quebrado. Gelasias, presas por um prego, pendiam como farrapos. Como as escadas tinham desabado, portas se abriam para o vazio. Via-se o interior dos quartos com o papel de parede todo rasgado; às vezes, coisas delicadas tinham se conservado ali. Frédéric observou um relógio de pêndulo, um poleiro de papagaio, gravuras.

Quando entrou na prefeitura, os guardas nacionais conversavam sem parar sobre os mortos de Bréa e de Négrier, sobre o deputado Charbonnel e o arcebispo de Paris.¹⁷ Diziam que o duque d'Aumale havia desembarcado em Boulogne, que Barbès tinha fugido de Vincennes, que a artilharia chegava de Bourges e que os socorros da província afluíam. Pelas três horas, alguém trouxe boas notícias; parlamentares do motim estavam com o presidente da Assembleia.

Então todos se alegraram; e como ainda tinha doze francos, Frédéric mandou buscar doze garrafas de vinho, esperando com isso apressar sua liberação. De repente, tiveram a impressão de ouvir uma fuzilaria. As libações se interromperam; olharam para o desconhecido com olhos desconfiados: podia ser Henrique V.¹⁸

Para não assumir nenhuma responsabilidade, eles o transportaram à prefeitura do 11^o Arrondissement, de onde não lhe permitiram sair antes

das nove da manhã.

Frédéric foi correndo até o Quai Voltaire. Numa janela aberta, um velhote em mangas de camisa chorava olhando para cima. O Sena corria tranquilo. O céu estava todo azul; passarinhos cantavam nas árvores das Tuileries.

Frédéric atravessava o Carrousel quando passou uma padiola. O corpo de guarda, imediatamente, apresentou armas, e o oficial disse, pondo a mão na barretina: “Honra à coragem deste infeliz!”. Essa frase se tornara quase obrigatória; quem a pronunciava sempre parecia solenemente emocionado. Um grupo de gente furiosa escoltava a padiola, gritando:

— Nós os vingaremos! Nós os vingaremos!

Os carros circulavam pelo bulevar, e mulheres diante das portas faziam curativos com pano velho. No entanto, o motim estava derrotado, ou quase; uma proclamação do general Cavaignac, afixada havia pouco, anunciava isso. No alto da Rue Vivienne, surgiu um pelotão de guardas móveis. Então os burgueses deram gritos de entusiasmo; levantavam os chapéus, aplaudiam, dançavam, queriam beijá-los, oferecer-lhes bebida — e flores jogadas pelas senhoras caíam dos balcões.

Por fim, às dez horas, quando o canhão ribombava antes de pegar o Faubourg Saint-Antoine, Frédéric chegou à casa de Dussardier. Encontrou-o em sua mansarda, deitado de bruços e dormindo. Do aposento ao lado saiu uma mulher com passos mudos, a srta. Vatnaz.

Ela chamou Frédéric à parte e lhe contou como Dussardier fora ferido.

No sábado, no alto de uma barricada na Rue Lafayette, um garoto enrolado numa bandeira tricolor gritava para os guardas nacionais: “Vão atirar contra os seus irmãos!”. Como eles avançavam, Dussardier jogou no chão seu fuzil, afastou os outros, pulou para cima da barricada e, com um pontapé, abateu o insurgente, arrancando-lhe a bandeira. Encontraram-no sob os escombros, com a coxa perfurada por um lingote de cobre. Foi preciso abrir a ferida, extrair a bala. A srta. Vatnaz tinha chegado na mesma noite, e desde então não o deixara.

Preparava com conhecimento todo o necessário para os curativos, ajudava-o a beber, espreitava seus menores desejos, ia e vinha, mais leve que uma mosca, e o contemplava com olhos meigos.

Frédéric, durante duas semanas, não deixou de voltar toda manhã; um dia em que estava falando da dedicação da Vatnaz, Dussardier deu de ombros.

— Pois sim! É por interesse!

— Você acha?

Ele continuou: “Tenho certeza!”, sem querer se explicar mais.

Ela o cobria de atenções, a ponto de lhe levar os jornais em que se exaltava sua bela ação. Essas homenagens pareciam importuná-lo. E ele até confessou a Frédéric que estava com um problema de consciência.

Talvez devesse ter se posto do outro lado, com os operários; pois, afinal, tinham-lhes prometido um monte de coisas que não foram cumpridas. Os vencedores detestavam a República; e além do mais, tinham se mostrado muito duros com eles! Estavam errados, provavelmente, mas não de todo; e o bom rapaz estava torturado por essa ideia de que poderia ter combatido a justiça.

Sénécal, trancado nas Tuileries debaixo do terraço à beira da água,¹⁹ não tinha nenhuma dessas angústias.

Estavam ali novecentos homens, amontoados no lixo, misturados, pretos de pólvora e sangue coagulado, tiritando de febre, gritando de raiva; e os que acabavam morrendo no meio dos outros não eram retirados. Às vezes, depois do espocar súbito de um tiro, todos achavam que iam ser fuzilados; então se jogavam contra as paredes, depois tornavam a cair no chão, e de tal forma estavam aparvalhados pela dor, que pareciam viver num pesadelo, numa alucinação fúnebre. A lamparina suspensa na abóbada parecia uma mancha de sangue; e pequenas chamas verdes e amarelas, produzidas pelas emanções da masmorra, rodopiavam. Com receio de epidemias, uma comissão foi nomeada. Já nos primeiros degraus, o presidente se jogou para trás, horrorizado com o odor dos excrementos e dos cadáveres. Quando os presos se aproximavam de um respiradouro, os guardas nacionais que estavam de serviço — para impedi-los de puxar as grades — tascavam-lhes golpes com as baionetas, a esmo, às cegas.

De modo geral, foram impiedosos. Os que não tinham lutado queriam se identificar. Era uma torrente de medo. Vingavam-se ao mesmo tempo dos jornais, dos clubes, dos agrupamentos, das doutrinas, de tudo o que os exasperava fazia três meses; e a despeito da vitória, a igualdade (assim como o castigo de seus defensores e o escárnio de seus inimigos) se manifestava triunfalmente, uma igualdade de animais brutos, um mesmo nível de torpezas sangrentas; pois o fanatismo dos interesses equilibrou os delírios da necessidade, a aristocracia teve furores de crápula, e o barrete de algodão mostrou-se tão hediondo quanto o barrete vermelho. A razão

pública estava perturbada, como depois das grandes revoluções da natureza. Gente de espírito ficou idiotizada para o resto da vida.

O s. Roque tinha se tornado muito corajoso, quase temerário. Tendo chegado no dia 26 a Paris, junto com as forças de Nogent, em vez de voltar ao mesmo tempo que elas foi se juntar à guarda nacional que acampava nas Tuileries; e ficou muito contente de ser colocado como sentinela diante do terraço à beira da água. Ali, pelo menos, tinha aqueles bandidos sob controle! Deliciava-se com a derrota deles, com sua abjeção, e não conseguia se abster de lhes soltar invectivas.

Um deles, adolescente de cabelo louro comprido, pôs o rosto nas grades e pediu pão. O sr. Roque lhe deu ordens de se calar. Mas o rapaz repetia com voz lastimável:

— Pão!

— E acha que eu tenho, ora essa!

Outros presos apareceram no respiradouro, com as barbas desgrenhadas, os olhos flamejantes, todos se empurrando e berrando:

— Pão!

O s. Roque ficou indignado ao ver sua autoridade ignorada. Para meter-lhes medo, apontou-lhes a arma, e o jovem, levado até a abóbada pela vaga que o sufocava, com a cabeça para trás gritou mais uma vez:

— Pão!

— Tome! Está aqui! — disse o s. Roque, descarregando o fuzil.

Ouviu-se um berro atroz, e depois, mais nada. Na beira da janela restara alguma coisa branca.

Depois disso, o sr. Roque voltou para casa, pois possuía na Rue Saint-Martin um prédio onde reservara para si um apartamentinho; e os prejuízos causados na fachada de seu imóvel pelo motim não tinham contribuído pouco para enfurecê-lo. Ao revê-lo, pareceu-lhe que tinha exagerado a desgraça. Seu gesto de um pouco antes o acalmou, como uma indenização.

Foi a própria filha que lhe abriu a porta. Disse-lhe logo que sua ausência muito longa a inquietara; temera uma calamidade, um ferimento.

Essa prova de amor filial enterneceu o s. Roque. Espantou-se por ela ter pegado a estrada sem Catherine.

— Mandei-a entregar um recado — respondeu Louise.

E informou-se sobre sua saúde, sobre uma coisa e outra; depois, com ar indiferente, perguntou-lhe se por acaso não tinha encontrado Frédéric.

— Não! Nem de perto nem de longe!

Era só por ele que ela fizera a viagem.

Alguém andou no corredor.

— Ah! Desculpe...

E ela desapareceu.

Catherine não encontrara Frédéric. Fazia vários dias que ele estava ausente, e seu amigo íntimo, o sr. Deslauriers, agora morava na província.

Louise reapareceu, toda trêmula, sem conseguir falar. Encostou-se nos móveis.

— O que você tem? Mas o que você tem? — exclamou o pai.

Ela fez sinal de que não era nada, e com grande força de vontade se refez.

O dono do restaurante em frente trouxe a sopa. Mas o s. Roque sofrera uma emoção forte demais. “Aquilo não queria passar”, e ele sentiu à sobremesa uma espécie de desmaio. Mandaram buscar rápido um médico, que prescreveu uma poção. Depois, quando foi para a cama, o sr. Roque exigiu o máximo possível de cobertores, para suar. Suspirava, gemia.

— Obrigado, minha boa Catherine! — Beije seu pobre pai, meu amorzinho! Ah, essas revoluções!

E como a filha ralhava com ele por ter adoecido ao se atormentar por sua causa, ele retrucou:

— Sim! Tem razão! Mas é mais forte que eu! Sou muito sensível!

II

A sra. Dambreuse, em seu boudoir, entre a sobrinha e miss Johnson, escutava o sr. Roque falar, contando suas lides militares.

Mordia os lábios, parecia sofrer.

— Oh! Não é nada! Vai passar!

E com um ar gracioso:

— Teremos no jantar um conhecido seu, o sr. Moreau.

Louise estremeceu.

— Além dele, só alguns íntimos, Alfred de Cisy, entre outros.

E elogiou suas maneiras, sua personalidade, e principalmente seus hábitos.

A sra. Dambreuse mentia menos do que pensava; o visconde sonhava com o casamento. Dissera-o a Martinon, acrescentando que tinha certeza de agradar à srta. Cécile e que seus pais a aceitariam.

Para arriscar-se a tal confiança, devia ter informações valiosas sobre o dote. Ora, Martinon desconfiava que Cécile fosse a filha natural do sr. Dambreuse; e provavelmente teria sido muito audacioso pedir sua mão irrefletidamente. Essa audácia oferecia perigos; assim, Martinon, até agora, comportara-se de modo a não se comprometer; aliás, não sabia como se livrar da tia. As palavras de Cisy o decidiram, e ele fizera o pedido ao banqueiro, o qual, não vendo obstáculo, acabava de avisar à sra. Dambreuse.

Cisy apareceu. Ela se levantou e disse:

— Anda nos esquecendo... Cécile, shake hands!

No mesmo instante, Frédéric entrava.

— Ah! Até que enfim o reencontramos! — exclamou o velho Roque. — Fui três vezes à sua casa, com Louise, esta semana!

Frédéric os evitara cuidadosamente. Alegou que passava todos os dias junto a um amigo ferido. Fazia muito tempo, aliás, que andava ocupado com um monte de coisas; e inventava histórias. Felizmente, os convidados chegaram: primeiro o sr. Paul de Grémonville, o diplomata entrevisto no baile; depois Fumichon, aquele industrial cuja devoção conservadora certa noite o escandalizara; a velha duquesa de Montreuil-Nantua os seguia.

Mas duas vozes se elevaram na antessala.

— Tenho certeza — dizia uma.

— Minha querida e bela senhora! Minha querida e bela senhora! — respondia a outra —, por favor, acalme-se!

Eram o sr. de Nonancourt, um velho gaiteiro, de rosto mumificado pelo *cold cream*,²⁰ e a sra. De Larsillois, esposa de um prefeito de Luís Filipe. Ela tremia muitíssimo, pois ouvira num realejo, havia pouco, uma polca que era uma senha entre os insurgentes. Muitos burgueses imaginavam coisas semelhantes; acreditavam que homens nas catacumbas iam mandar para os ares o Faubourg Saint-Germain; rumores escapavam dos porões, e nas janelas aconteciam coisas suspeitas.

Todos se esforçaram, porém, em tranquilizar a sra. De Larsillois. A ordem havia sido restabelecida. Mais nada a temer. “Cavaignac nos salvou!” Como se os horrores da insurreição não tivessem sido suficientes, todos os

exageraram. Houve vinte e três mil condenados às galés do lado dos socialistas — nada menos!

Ninguém duvidava dos comestíveis envenenados, dos soldados da guarda móvel serrados entre duas tábuas, e das inscrições das bandeiras que exigiam a pilhagem, o incêndio.

— E mais alguma coisa! — acrescentou a mulher do ex-prefeito.

— Ah! Minha cara! — disse por pudor a sra. Dambreuse, apontando com o olhar para as três mocinhas.

O sr. Dambreuse saiu de seu gabinete junto com Martinon. Ela desviou a cabeça e respondeu aos cumprimentos de Pellerin, que vinha entrando. O artista observava as paredes, inquieto. O banqueiro o pegou à parte e o fez compreender que, por ora, tivera de esconder sua tela revolucionária.

— Sem dúvida! — disse Pellerin, que depois de seu fracasso no *Club de l'Intelligence* mudara suas opiniões.

O sr. Dambreuse insinuou muito cortesmente que lhe encomendaria outros trabalhos.

— Mas desculpe!... — Ah! Caro amigo! Que alegria!

Arnoux e a sra. Arnoux estavam na frente de Frédéric.

Ele sentiu como uma vertigem. Rosanette, com sua admiração pelos soldados, o irritara a tarde toda; e o velho amor despertou.

O mordomo veio anunciar à senhora que o jantar estava servido. Com um olhar, ela ordenou ao visconde de Cisy que pegasse o braço de Cécile, e disse baixinho a Martinon: “Miserável!”, e passaram para a sala de jantar.

Sob as folhas verdes de um abacaxi, estendia-se no meio da toalha uma dourada, com a cabeça virada para um quarto de cabrito e a cauda tocando uma cascata de lagostins. Figos, cerejas enormes, peras e uvas (primícias do cultivo parisiense) subiam em pirâmides dentro de cestas de velha porcelana de Saxe; aqui e ali, um tufo de flores misturava-se às pratarias brilhantes; as cortinas de seda branca, abaixadas defronte das janelas, enchiam o apartamento de uma luz suave; o ambiente era refrescado por duas fontes onde havia pedaços de gelo; e criados altos de calça curta serviam. Tudo isso parecia ainda melhor depois da emoção dos dias passados. Todos entravam no gozo das coisas que temeram perder; e Nonancourt expressou o sentimento geral ao dizer:

— Ah! Esperemos que os senhores republicanos nos permitam jantar!

— Apesar da fraternidade deles! — acrescentou, espirituoso, o s. Roque.

Esses dois honoráveis ficaram à direita e à esquerda da sra. Dambreuse, que tinha diante de si o marido, entre a sra. De Larsillois, ladeada pelo diplomata, e a velha duquesa, que tinha ao lado Fumichon. Depois vinham o pintor, o negociante de faianças, a srta. Louise; e graças a Martinon, que tomara o seu lugar para se pôr perto de Cécile, Frédéric estava ao lado da sra. Arnoux.

Ela usava um vestido de *barège*²¹ preto, uma pulseira de ouro no pulso, e, como no primeiro dia em que ele jantara em sua casa, alguma coisa vermelha nos cabelos, um ramo de fúcsia enrolado no coque. Ele não pôde deixar de dizer:

— Há tempos que não nos vemos!

— Ah! — ela replicou, fria.

Ele continuou, com uma suavidade na voz que atenuava a impertinência da pergunta:

— Pensou em mim algumas vezes?

— Por que pensaria?

Frédéric se magoou com essas palavras.

— Bem, afinal, talvez tenha razão.

Mas, arrependendo-se depressa, jurou que não tinha vivido um só dia sem ser devastado pela lembrança dela.

— Não acredito em absolutamente nada disso, cavalheiro.

— No entanto, sabe que a amo!

A sra. Arnoux não respondeu.

Continuava calada.

“Pois então, vá passear!”, pensou Frédéric.

E erguendo os olhos avistou, na outra ponta da mesa, a srta. Roque.

Ela imaginara ficar chique vestindo-se toda de verde, cor que destoava grosseiramente do tom de seus cabelos ruivos. A fivela do cinto era grande demais, a gola enterrava seu pescoço nos ombros; essa pouca elegância contribuíra provavelmente para a fria aproximação de Frédéric. Ela o observava de longe, curiosa; e Arnoux, perto dela, por mais que fosse pródigo em galanteios, não conseguia lhe arrancar nem três palavras, tanto assim que, desistindo de agradar, ficou escutando a conversa. Agora falavam sobre as compotas de abacaxi do Luxembourg.²²

Louis Blanc, segundo Fumichon, possuía um palacete na Rue Saint-Dominique mas se negava a alugá-lo para os operários.

— O que eu acho engraçado — disse Nonancourt — é Ledru-Rollin caçando nos domínios da Coroa!

— Ele deve vinte mil francos a um ourives! — acrescentou Cisy; — e até se afirma que...

A sra. Dambreuse o interrompeu.

— Ah! Como é feio se exaltar com a política! E logo um rapaz, que coisa! Melhor se ocupar da sua vizinha!

Em seguida, as pessoas sérias atacaram os jornais.

Arnoux tomou a defesa deles; Frédéric se meteu, chamando-os de casas de comércio semelhantes às outras. Seus redatores, em geral, eram imbecis ou mentirosos; deu-se ares de que os conhecia e combateu com sarcasmos os sentimentos generosos de seu amigo. A sra. Arnoux não notou que era uma vingança contra ela.

Enquanto isso, o visconde torturava o intelecto para conquistar a srta. Cécile. Primeiro, exibiu gostos de artista, criticando a forma das garrafas e as facas lavradas. Depois, falou de sua cavalaria, de seu alfaiate e de seu camiseiro; por fim, abordou o capítulo da religião e deu um jeito de insinuar que cumpria todos os seus deveres.

Martinon sabia se sair melhor. Num tom monótono, e olhando continuamente para ela, elogiava seu perfil de pássaro, sua desbotada cabeleira loura, suas mãos curtas demais. A mocinha feia se deliciava com essa chuva de afagos.

Não se conseguia ouvir nada, pois todos falavam muito alto. O sr. Roque queria, para governar a França, “um braço de ferro”. Nonancourt até lamentou que o cadafalso político tivesse sido abolido. Deveriam ter matado em massa todos aqueles velhacos!

— São mesmo uns covardes — disse Fumichon. — Não enxergo bravura em se meter atrás de barricadas!

— A propósito, fale-nos então de Dussardier! — disse o sr. Dambreuse virando-se para Frédéric.

O bom empregado era, agora, um herói, como Sallesse, os irmãos Jeanson, a Péquillet etc.²³

Frédéric, sem se fazer de rogado, contou a história de seu amigo; coube-lhe uma espécie de auréola.

Inevitavelmente, chegaram aos relatos sobre as distintas facetas da coragem. Segundo o diplomata, não era difícil enfrentar a morte, como

testemunham os que se batem em duelo.

— Podemos perguntar ao visconde — disse Martinon.

O visconde ficou muito vermelho.

Os convidados olharam para ele; e Louise, mais espantada que os outros, murmurou:

— Mas de que se trata?

— Ele *arrepiou carreira* diante de Frédéric — retrucou baixinho Arnoux.

— Sabe de alguma coisa, senhorita? — logo perguntou Nonancourt; e deu sua resposta à sra. Dambreuse, que, inclinando-se um pouco, pôs-se a olhar para Frédéric.

Martinon não esperou as perguntas de Cécile. Contou-lhe que aquele caso se referia a uma pessoa inqualificável. A moça recuou ligeiramente na cadeira, como para fugir do contato com aquele libertino.

A conversa se reiniciara. Os grandes vinhos de Bordeaux circulavam, todos se animavam; Pellerin não gostava da Revolução por causa do museu espanhol, definitivamente perdido. Era o que mais o afligia, como pintor. Diante dessas palavras, o sr. Roque o interpelou.

— Acaso o senhor não seria o autor de um quadro notável?

— Talvez! Qual?

— Ele representa uma dama numa roupa... palavra!... um pouco... leve, com uma bolsa e um pavão atrás.

Frédéric, por sua vez, ficou rubro. Pellerin fingia não entender.

— No entanto, é mesmo seu! Pois há o seu nome escrito embaixo, e uma inscrição na moldura atestando que é propriedade do sr. Moreau.

Um dia em que o velho Roque e a filha o esperavam na casa dele, tinham visto o retrato da Marechala. O homem até o confundira com “um quadro gótico”.

— Não! — disse Pellerin brutalmente. — É um retrato de mulher.

Martinon acrescentou:

— De uma mulher bem viva! Não é, Cisy?

— Ah! Eu não sei de nada.

— Achei que a conhecesse. Mas já que isso lhe causa aborrecimento, peço mil desculpas!

Cisy baixou os olhos, provando por seu constrangimento que devia ter tido um papel lastimável quando aquele retrato foi feito. Quanto a Frédéric,

a modelo só podia ser sua amante. Foi essa uma dessas convicções que se formam de imediato, e os rostos dos presentes a manifestaram claramente.

“Como ele me mentia!”, pensou a sra. Arnoux.

“Então foi por isso que ele me deixou!”, pensou Louise.

Frédéric imaginava que essas duas histórias podiam comprometê-lo; e, quando estavam no jardim, repreendeu Martinon.

O apaixonado pela srta. Cécile caiu na risada, na cara dele.

— Ora! De jeito nenhum! Isso vai lhe servir! Vá em frente!

O que ele queria dizer? Aliás, por que essa benevolência tão contrária a seus hábitos? Sem nada explicar, ele foi para o fundo, onde as damas estavam sentadas. Os homens se mantinham de pé, e Pellerin, no meio deles, emitia ideias. O que havia de mais favorável para as artes era uma monarquia bem-aceita. Tinha repugnância pelos tempos modernos, “quando nada por causa da guarda nacional”, sentia saudade da Idade Média, de Luís XIV; o sr. Roque o felicitou por suas opiniões, chegando a confessar que derrubavam todos os seus preconceitos contra os artistas. Mas afastou-se quase de imediato, atraído pela voz de Fumichon. Arnoux tentava estabelecer que há dois socialismos, um bom e um mau. O industrial não via diferença, e sua cabeça rodopiava de raiva ao ouvir a palavra “propriedade”.

— É um direito inscrito na natureza! As crianças se apegam a seus brinquedos; todos os povos são da minha opinião, todos os animais; até o leão, se pudesse falar, se declararia proprietário! Assim, eu, cavalheiros, comecei com quinze mil francos de capital! Por trinta anos, saibam, levantei-me regularmente às quatro horas da manhã! Tive uma dificuldade dos diabos para fazer minha fortuna! E virão me afirmar que não sou dono dela, que meu dinheiro não é meu dinheiro, em suma, que a propriedade é o roubo?

— Mas Proudhon...

— Deixe-me em paz com o seu Proudhon! Se ele estivesse aqui, acho que eu o estrangularia!

Ele o teria estrangulado. Depois dos licores sobretudo, Fumichon já não sabia quem era; e seu rosto apoplético estava prestes a estourar como um obus.

— Boa noite, Arnoux — disse Hussonnet, que passou levemente pela relva.

Levava para o sr. Dambreuse a primeira página de uma brochura chamada *L'Hydre*, pois o boêmio defendia os interesses de um círculo reacionário, e o banqueiro o apresentou como tal a seus convidados.

Hussonnet os divertiu, primeiro afirmando que os vendedores de sebo pagam a trezentos e noventa e dois garotos para gritarem toda noite: “Lampiões!”,²⁴ e depois, fazendo piada sobre os princípios de 1789, a libertação dos negros, os oradores da esquerda; e entusiasmou-se a ponto de fazer um *Prudhomme em cima de uma barricada*,²⁵ talvez pelo efeito de uma inveja ingênua daqueles burgueses que tinham jantado bem. A caricatura agradou medianamente. Seus rostos se fecharam.

De resto, não era hora de brincar; Nonancourt disse isso, lembrando a morte do monsenhor Affre e do general Bréa. Estas eram sempre lembradas, dando origem a argumentos. O sr. Roque declarou que a morte do Arcebispo era “tudo o que havia de mais sublime”; Fumichon dava a palma ao militar; e em vez de simplesmente deplorarem essas duas mortes, discutiram para saber qual devia provocar a maior indignação. Um segundo paralelo veio depois, entre Lamoricière e Cavaignac.²⁶ Ninguém do grupo, a não ser Arnoux, pudera vê-los em ação. Ainda assim, todos proferiram sobre suas operações um julgamento taxativo. Frédéric se recusara a fazer isso, confessando que não tinha pegado em armas. O diplomata e o sr. Dambreuse lhe fizeram um aceno de cabeça aprobativo. De fato, ter combatido o motim era ter defendido a República. O resultado, embora favorável, a consolidava; e agora que tinham se livrado dos vencidos, desejavam se livrar dos vencedores.

Assim que se encontraram no jardim, a sra. Dambreuse pegou Cisy e o repreendeu por sua falta de tato; ao ver Martinon, ela o despachou, e depois quis saber de seu futuro sobrinho a razão dos gracejos sobre o visconde.

— Não há.

— E tudo aquilo para a glória do sr. Moreau! Com que objetivo?

— Objetivo nenhum. Frédéric é um rapaz encantador. Gosto muito dele.

— E eu também! Que ele venha! Vá buscá-lo!

Depois de duas ou três frases banais, ela começou por depreciar ligeiramente os convidados, o que significava colocá-lo acima deles. Ele não deixou de depreciar um pouco as outras mulheres, maneira hábil de lhe dirigir cumprimentos. Mas de vez em quando ela se afastava, pois era noite

de recepção e senhoras estavam chegando; depois voltava para o seu lugar, e a disposição totalmente fortuita das cadeiras lhes permitia não serem ouvidos.

Ela se mostrou alegre, séria, melancólica e sensata. As preocupações do momento a interessavam medianamente; havia toda uma ordem de sentimentos menos transitórios. Queixou-se dos poetas que desnaturam a verdade, depois ergueu os olhos para o céu, perguntando-lhe o nome de uma estrela.

Tinham posto na árvore duas ou três lanternas chinesas; o vento as balançava, raios coloridos tremulavam sobre seu vestido branco. Como de hábito, ela se mantinha um pouco recostada na poltrona, com um banquinho à sua frente; via-se a ponta de um sapato de cetim preto; e, vez por outra, a sra. Dambreuse lançava uma palavra mais alta, às vezes até um riso.

Esses coquetismos não atingiam Martinon, ocupado com Cécile; mas iam bater na filha de Roque, que conversava com a sra. Arnoux. Era a única, entre aquelas mulheres, cujas maneiras Cécile não achava desdenhosas. Fora se sentar ao lado dela; depois, cedendo a uma necessidade de extroversão:

— Não é verdade que ele fala bem, Frédéric Moreau?

— Conhece-o?

— Ah! Muito! Somos vizinhos, ele brincou comigo quando eu era pequena.

A sra. Arnoux lhe lançou um longo olhar que significava: “Será que você o ama?”.

A moça revidou o olhar, firme: “Amo!”.

— Então o vê com frequência?

— Ah! Não! Só quando ele vai à casa da mãe. Faz dez meses que não vai! No entanto, prometera ser mais pontual.

— Não se deve acreditar muito nas promessas dos homens, minha menina.

— Mas a mim ele não enganou!

— Como a outras!

Louise estremeceu: “Será que por acaso ele também tinha prometido alguma coisa a ela?”, e seu rosto ficou crispado de desconfiança e ódio.

A sra. Arnoux quase teve medo; gostaria de engolir o que dissera. Depois, as duas se calaram.

Como Frédéric estava em frente, numa cadeira dobrável, elas o observaram, uma com decência, de canto de olho, a outra às claras, de boca aberta, tanto assim que a sra. Dambreuse disse a ele:

— Mas fique de lado, para que ela o veja!

— Ela quem?

— A filha do sr. Roque, ora essa!

E brincou com ele sobre o amor daquela jovem provinciana. Ele se defendia, tentando rir.

— Dá para acreditar? É o que lhe pergunto! Uma feiosa dessas!

No entanto, sentia um imenso prazer de vaidade. Lembrava-se da outra noite, aquela da qual saíra com o coração cheio de humilhações; e respirava profundamente; sentia-se no seu verdadeiro ambiente, quase em casa, como se tudo aquilo, inclusive o palacete Dambreuse, lhe tivesse pertencido. As senhoras formaram um semicírculo para escutá-lo; e, a fim de brilhar, pronunciou-se a favor do restabelecimento do divórcio, que devia ser facilitado até se poder abandonar e voltar indefinidamente para o cônjuge, tanto quanto se desejasse. Elas soltaram exclamações; outras cochichavam, houve uns gritinhos à sombra, ao pé da parede coberta de aristolóquias. Era como um cacarejo de galinhas alegres; e ele desenvolvia sua teoria, com esse atrevimento que a consciência do sucesso propicia. Um criado levou para o caramanchão uma bandeja repleta de sorvetes. Os senhores se aproximaram. Conversavam sobre as prisões.

Então, Frédéric vingou-se do visconde fazendo-o crer que talvez ele fosse processado por ser legitimista. O outro objetava que não tinha saído do quarto; seu adversário acumulou as oportunidades perdidas; os próprios srs. Dambreuse e De Grémonville se divertiam. Depois felicitaram Frédéric, lamentando, porém, que ele não empregasse suas faculdades na defesa da ordem; e o aperto de mão entre eles foi cordial; agora podia contar com eles. Por fim, quando todos iam embora, o visconde fez uma profunda reverência na frente de Cécile.

— Senhorita, tenho a grande honra de lhe desejar boa noite.

Ela respondeu num tom seco:

— Boa noite! — Mas enviou um sorriso para Martinon.

O s. Roque, para continuar a conversa com Arnoux, propôs acompanhá-lo até em casa, “bem como a senhora”, pois o caminho deles era o mesmo. Louise e Frédéric andavam na frente. Ela pegara seu braço e, quando ficou um pouco longe dos outros:

— Ah! Finalmente! Finalmente! Sofri um bocado a noite toda! Como aquelas mulheres são más! Que ares de altivez!

Ele quis defendê-las.

— Primeiro, você bem que poderia ter falado comigo ao entrar, faz um ano que não aparece!

— Não faz um ano — disse Frédéric, feliz de pegá-la nesse detalhe para esquivar os outros.

— Vá lá! O tempo me pareceu longo, só isso! Mas durante esse abominável jantar era de crer que você estivesse com vergonha de mim! Ah! Entendo, não tenho o que é necessário para agradar, como elas.

— Engana-se — disse Frédéric.

— É mesmo? Jura que não ama nenhuma delas?

Ele jurou.

— E que só ama a mim?

— Por Deus!

Essa segurança deixou-a alegre. Gostaria de se perder nas ruas, para passearem juntos a noite toda.

— Fiquei tão atormentada lá longe! Só se falava das barricadas! E eu via você caindo de costas, coberto de sangue! A sua mãe estava de cama com seus reumatismos. Não sabia de nada. Eu tinha de me calar! Não estava aguentando mais! Então, peguei Catherine e vim.

E lhe contou a partida, todo o percurso, e a mentira pregada ao pai.

— Ele me leva para casa daqui a dois dias. Venha amanhã à noite, como por acaso, e aproveite para me pedir em casamento.

Nunca Frédéric estivera mais longe do casamento. Aliás, a srta. Roque lhe parecia uma pessoinha bastante ridícula. Que diferença de uma mulher como a sra. Dambreuse! Um futuro bem diferente lhe estava reservado! Hoje tinha absoluta certeza disso; assim não era hora de se comprometer, por um impulso do coração, numa decisão daquela importância. Agora precisava ser positivo; — e além disso, tinha reencontrado a sra. Arnoux. No entanto, a franqueza de Louise o embaraçava. Respondeu:

— Você refletiu bem sobre essa decisão?

— E como! — ela exclamou, gelada de surpresa e indignação.

Ele disse que se casar atualmente seria uma loucura.

— Então não quer saber de mim?

— Mas você não está me entendendo!

E lançou-se num palavrório muito embrulhado, para fazê-la entender que estava preso a considerações maiores, que tinha coisas a tratar que não acabavam nunca, que até mesmo sua fortuna estava comprometida (Louise atalhava tudo, com uma palavra seca), em suma, que as circunstâncias políticas se opunham a isso. Portanto, o mais sensato era esperar algum tempo. As coisas se arranjariam, com certeza; pelo menos, assim ele esperava; e, como não encontrasse mais razões, fingiu se lembrar bruscamente de que deveria estar, já fazia duas horas, na casa de Dussardier.

Depois, cumprimentou os outros e enfiou-se pela Rue Hauteville, deu a volta no Gymnase, retornou ao bulevar e subiu correndo os quatro andares de Rosanette.

O sr. e a sra. Arnoux deixaram o s. Roque e a filha na entrada da Rue Saint-Denis. Voltaram para casa sem dizer nada; ele, não aguentando mais conversar, e ela sentindo um grande cansaço; a ponto de se encostar no ombro dele. Fora o único homem que durante o jantar demonstrara sentimentos honestos. Ela se sentiu cheia de indulgência em relação a ele, o qual, porém, guardava um certo rancor de Frédéric.

— Viu a cara dele quando se falou do retrato? Quando eu lhe dizia que é amante dela? Você não queria me acreditar!

— Ah! Sim, eu estava errada!

Arnoux, contente com seu triunfo, insistiu.

— Aposto até que há pouco ele nos largou para ir encontrá-la! Agora está na casa dela, decerto! E vai passar a noite lá.

A sra. Arnoux tinha puxado bem para a frente a capelina.

— Mas você está tremendo!

— É que estou com frio — ela retrucou.

Assim que seu pai adormeceu, Louise entrou no quarto de Catherine e, sacudindo-a pelo ombro:

— Levante-se!... Depressa! Ande logo! E vá me buscar um fiacre.

Catherine lhe respondeu que àquela hora não havia mais.

— Então você mesma vai me levar!

— Mas para onde?

— Para a casa de Frédéric!

— Não é possível! Por quê?

Era para falar com ele. Não podia esperar. Queria vê-lo imediatamente.

— Nem pense nisso! Fazer uma visita assim numa casa, no meio da noite!

Aliás, agora ele está dormindo!

— Vou acordá-lo!

— Mas não é adequado para uma senhorita!

— Não sou uma senhorita! Sou mulher dele! Eu o amo! Vamos, ponha o seu xale.

Catherine, em pé na beira da cama, refletia. Acabou dizendo:

— Não! Não quero!

— Pois então, fique! Eu vou!

Louise deslizou pela escada como uma cobra. Catherine se lançou atrás, agarrou-a na calçada. Suas admoestações foram inúteis; e ela a seguia, enquanto acabava de dar o nó no casaquinho. O caminho lhe pareceu extremamente longo. Queixava-se de suas velhas pernas.

— E para completar, não sei o que a leva lá, palavra!

Depois se enterneceu.

— Pobre coração! Só tem mesmo a sua Catau, sabe!

De vez em quando, escrúpulos a invadiam.

— Ah! Que linda coisa você me leva a fazer! Se o seu pai acordasse! Senhor Deus! Tomara que não aconteça uma desgraça!

Em frente ao Théâtre des Variétés, uma patrulha da guarda nacional parou as duas. Louise disse imediatamente que ia com sua empregada até a Rue Rumfort buscar um médico. Deixaram-nas passar.

Na esquina da Madeleine, encontraram uma segunda patrulha, e como Louise deu a mesma explicação, um dos cidadãos retrucou:

— Será para uma doença de nove meses, minha gatinha?

— Gougibaud! — exclamou o capitão — nada de sem-vergonhices nas fileiras! — Senhoras, circulem!

Apesar da ordem, os gracejos continuaram:

— Que prazer!

— Meus respeitos ao doutor!

— Tome cuidado com o lobo!

— Eles gostam de rir — observou bem alto Catherine. — É da juventude!

Finalmente, chegaram à casa de Frédéric. Louise puxou a sineta com vigor, várias vezes. A porta entreabriu e o porteiro respondeu à sua pergunta:

— Não!

— Mas ele deve estar dormindo?

— Estou lhe dizendo que não! Faz quase três meses que não dorme em casa!

E a janelinha da portaria fechou-se prontamente, como uma guilhotina. Elas ficaram no escuro, debaixo da abóbada. Uma voz furiosa lhes gritou:

— Saíam daí!

A porta tornou a abrir; elas saíram.

Louise foi obrigada a sentar num marco de pedra; e chorou, com a cabeça entre as mãos, copiosamente, com todo o seu coração. O dia raiava, charretes passavam.

Catherine a levou de volta amparando-a, beijando-a, dizendo-lhe todo tipo de coisas boas tiradas de sua experiência. Ela não tinha que sofrer tanto pelos namorados. Se esse aí fazia falta, encontraria outros!

III

Quando o entusiasmo de Rosanette pelos guardas da brigada móvel arrefeceu, voltou a ser mais encantadora do que nunca, e sem perceber Frédéric se habituou a viver na casa dela.

O melhor do dia era a manhã, no terraço. De corpete de cambraia e pés descalços dentro das pantufas, ela ia e vinha ao seu redor, limpava a gaiola dos canários, trocava a água dos peixes vermelhos, e jardinava com uma pá de fogão na caixa cheia de terra, de onde subia uma cerca de capuchinhas que guarneciam a parede. Depois, acotovelados no balcão, olhavam juntos as carruagens, os passantes; e se aqueciam ao sol, faziam projetos para a noite. Ele se ausentava por duas horas no máximo; em seguida, iam a um teatro qualquer, nas frisas; e Rosanette, com um grande buquê de flores na mão, ouvia os instrumentos, enquanto Frédéric, inclinado ao seu ouvido, lhe contava coisas joviais ou galantes. Outras vezes pegavam uma caleche para levá-los ao Bois de Boulogne; passeavam até tarde, até o meio da noite. Por fim, voltavam pelo Arco do Triunfo e pela grande avenida,

respirando o ar, com as estrelas acima de suas cabeças, e, até onde a perspectiva alcançava, todos os bicos de gás enfileirados como um cordão duplo de pérolas luminosas.

Quando deviam sair, Frédéric sempre a esperava; era muito demorada para arrumar em torno do queixo as duas fitas do chapéu, e sorria para si mesma, na frente do espelho do armário. Depois, passava o braço pelo dele, forçando-o a mirar-se ao lado dela:

— Ficamos bem assim, os dois lado a lado! Ah, meu pobre amor, eu bem que te devoraria!

Agora ele era coisa sua, propriedade sua. Rosanette tinha no rosto um esplendor contínuo, ao mesmo tempo parecia mais langorosa nas maneiras, mais redonda nas formas; e sem conseguir dizer como, ele a achava mudada, porém.

Um dia, ela lhe contou, como se fosse uma notícia muito importante, que o sr. Arnoux acabava de montar uma loja de roupa de cama e mesa para uma antiga operária da fábrica; ia lá todas as noites, “gastava muito, ainda na semana passada tinha até lhe dado uma mobília de pau-santo”.

— Como sabe? — disse Frédéric.

— Ah! Tenho certeza!

Delphine, ao executar suas ordens, colhera informações. Então é porque ela gostava muito de Arnoux, para se preocupar tanto com ele! Ele se contentou em responder:

— E o que isso lhe importa?

Rosanette fez cara de surpresa com essa pergunta.

— Mas o canalha me deve dinheiro! Não é abominável vê-lo sustentar rameiras?

Depois, com uma expressão de ódio triunfante:

— Aliás, essa aí zomba dele lindamente! Tem outros três amiguinhos! Antes isso! E que o devore até o último vintém, vou ficar felicíssima!

De fato, Arnoux se deixava explorar pela Bordelesa, com a indulgência dos amores senis.

Sua fábrica não funcionava mais; o conjunto de seus negócios era de dar pena; tanto assim que, para trazê-los de novo à tona, primeiro pensou em abrir um café-concerto, no qual só se cantariam músicas patrióticas; como o ministro lhe concedera uma subvenção, esse estabelecimento se tornaria ao mesmo tempo um foco de propaganda e uma fonte de lucro. Mas a

cúpula do Poder mudara, portanto era uma coisa impossível. Agora, sonhava com uma grande fábrica de chapéus militares. Faltavam-lhe os fundos para começar.

Não era mais feliz no seu interior doméstico. A sra. Arnoux se mostrava menos doce com ele, às vezes até meio rude. Marthe sempre se punha do lado do pai. Isso aumentava o desacordo, e o lar se tornava intolerável. Volta e meia saía já pela manhã, passava o dia fazendo longas caminhadas, para se atordoar, e depois jantava numa birosca no campo, abandonando-se às suas reflexões.

A ausência prolongada de Frédéric perturbava seus hábitos. Portanto, uma tarde ele apareceu, suplicou-lhe para ir vê-lo como antigamente, e obteve sua promessa.

Frédéric não ousava retornar à casa da sra. Arnoux. Parecia-lhe tê-la traído. Mas esse comportamento era bastante covarde. Faltavam as desculpas. Era preciso acabar com aquilo!, e uma noite se pôs a caminho.

Como estava chovendo, ele acabava de entrar na Passage Jouffroy quando, sob a luz das vitrines, um homenzinho gordo e de boné o abordou. Frédéric não custou a reconhecer Compain, aquele orador cuja moção causara tantas risadas no clube. Apoiava-se no braço de um indivíduo que usava um boné vermelho de zuavo, tinha o lábio superior muito grande, a tez amarela como uma laranja, o maxilar coberto por uma barbicha, e o contemplava com olhos grandes, lubrificadas de admiração.

Compain, com certeza, estava muito orgulhoso dele, pois disse:

— Apresento-lhe este rapagão! É um sapateiro amigo meu, um patriota! Vamos tomar algo juntos?

Frédéric agradeceu, e imediatamente Compain vociferou contra a proposta Rateau, uma manobra de aristocratas.²⁷ Para acabar com isso, era preciso retomar 1793! Depois, pediu notícias de Regimbart e de alguns outros, igualmente famosos, como Masselin, Sanson, Lecornu, Maréchal, e um certo Deslauriers, envolvido no negócio das carabinas interceptadas ultimamente em Troyes.

Tudo isso era novidade para Frédéric. Compain não sabia mais nada a respeito. Deixou-o, dizendo:

— Até breve, não é mesmo? Porque você também faz parte?

— De quê?

— Da cabeça de vitela!

— Que cabeça de vitela?

— Ah! Brincalhão! — retrucou Compain, dando-lhe um tapinha na barriga. E os dois terroristas se enfiaram num café.

Dez minutos depois, Frédéric não pensava mais em Deslauriers. Estava na calçada da Rue Paradis, em frente a um prédio; e olhava no segundo andar, atrás das cortinas, o clarão de um candeeiro.

Finalmente, subiu a escada.

— Arnoux está?

A camareira respondeu:

— Não! Mas entre assim mesmo.

E abrindo bruscamente uma porta:

— Senhora, é o sr. Moreau!

Ela se levantou, mais pálida que sua gola. Tremia.

— A que devo a honra... de uma visita... tão imprevista?

— Nada! O prazer de rever velhos amigos!

E, sentando-se:

— Como vai nosso bom Arnoux?

— Muito bem! Saiu.

— Ah, entendo! Sempre seus antigos hábitos noturnos; um pouco de distração!

— Por que não? Depois de um dia de cálculos, a cabeça precisa repousar!

Ela até elogiou o marido, tão trabalhador. Esse elogio irritou Frédéric; e, apontando para um pedaço de pano preto, com sutaches azuis, que estava sobre seus joelhos:

— O que está fazendo?

— Estou consertando um casaco para a minha filha.

— A propósito, não a vejo, onde ela anda afinal?

— Num pensionato — respondeu a sra. Arnoux.

Lágrimas vieram a seus olhos; ela as segurava, empurrando rapidamente a agulha; ele pegara, para disfarçar o constrangimento, um número da *L'Illustration*, em cima da mesa perto dela.

— Essas caricaturas de Cham são muito engraçadas, não são?

— São.

Depois caíram de novo no silêncio.

Uma rajada de vento abalou de repente as vidraças.

— Que tempo! — disse Frédéric.

— De fato, é muita gentileza ter vindo com essa chuva horrível!

— Ah! Pouco me importa! Não sou como aqueles que a chuva impede, sem dúvida, de ir a seus encontros!

— Que encontros? — ela perguntou ingenuamente.

— Não se lembra?

Um arrepio a percorreu, e ela baixou a cabeça.

Ele pôs suavemente a mão em seu braço.

— Garanto-lhe que me fez sofrer um bocado!

Ela prosseguiu, com uma espécie de lamentação na voz:

— Mas eu estava com tanto medo por meu filho!

Contou-lhe a doença do pequeno Eugène e todas as angústias daquele dia.

— Obrigado! Obrigado! Não duvido mais! Amo-a como sempre!

— Ah, não! Não é verdade!

— Por quê?

Ela olhou para ele, friamente.

— Esquece a outra! Aquela que leva para passear nas corridas! A mulher de quem tem o retrato, a sua amante!

— Pois bem, sim! — exclamou Frédéric. — Não nego nada! Sou um miserável! Escute-me!

Se ele a tivera, fora por desespero, como quem se suicida. Aliás, ele a tornara muito infeliz, pois nela se vingara da própria vergonha. “Que suplício! Será que não entende?”

A sra. Arnoux virou seu belo rosto, estendendo-lhe a mão; e fecharam os olhos, absortos num êxtase que era como um ninar suave e finito. Depois, ficaram se contemplando, frente a frente, um ao lado do outro.

— Será que poderia acreditar que eu já não a amava?

Ela respondeu baixinho, cheia de carinho:

— Não! Apesar de tudo, eu sentia no fundo do coração que isso era impossível e que um dia o obstáculo entre nós dois se dissiparia!

— Eu também! E sentia necessidade de revê-la, a ponto de morrer!

— Uma vez — ela prosseguiu —, no Palais-Royal, passei ao seu lado!

— É mesmo?

E ele lhe disse a felicidade que sentira ao encontrá-la na casa dos Dambreuse.

— Mas como a detestei à noite, ao sair de lá!

— Pobre rapaz!

— Minha vida é tão triste!

— E a minha!... Se só houvesse as tristezas, as preocupações, as humilhações, tudo o que eu suporto como esposa e mãe, já que devemos morrer, eu não me queixaria; o que há de pavoroso é a solidão, sem ninguém...

— Mas eu estou aqui!

— Ah! Sim!

Um soluço de ternura a sacudira. Seus braços se afastaram; e abraçaram-se em pé, num prolongado beijo.

Ouviu-se um estalo no assoalho. Uma mulher estava perto deles, Rosanette. A sra. Arnoux a reconhecera; seus olhos, arregalados, a examinavam, cheios de surpresa e indignação. Finalmente Rosanette lhe disse:

— Venho falar com o sr. Arnoux sobre negócios.

— Ele não está, como vê.

— Ah! É verdade! — continuou a Marechala —, a sua criada estava certa!

Mil desculpas!

E, virando-se para Frédéric:

— Então você está aqui, hein?

Esse tratamento íntimo, na frente dela, fez a sra. Arnoux enrubescer, como se fosse uma bofetada no meio da cara.

— Ele não está em casa, repito-lhe!

Então, a Marechala, que olhava aqui e acolá, disse tranquilamente:

— Vamos para casa? Estou com um fiacre, embaixo.

Ele fazia de conta que não estava entendendo.

— Vamos, venha!

— Ah, sim! É uma boa ocasião! Vá! Vá! — disse a sra. Arnoux.

Saíram. Ela ainda se debruçou no corrimão para vê-los; e um riso agudo, dilacerante, caiu sobre eles, do alto da escada. Frédéric empurrou Rosanette para dentro do fiacre, pôs-se na frente dela e, durante todo o caminho, não disse uma só palavra.

A infâmia cujos respingos o ultrajavam tivera ele mesmo como causa. Frédéric sentia ao mesmo tempo a vergonha de uma humilhação esmagadora e o arrependimento de sua felicidade; quando ia enfim agarrá-la, ela ficara irremediavelmente impossível! — e por culpa daquela ali, daquela moça, daquela vagabunda! Gostaria de estrangulá-la; estava sufocado. Ao chegar em casa, jogou o chapéu sobre um móvel, arrancou a gravata.

— Ah! Você acaba de fazer um trabalho muito limpo, confesse!

Ela se postou orgulhosa na frente dele.

— Pois é, e daí? O que tem de mau?

— Como? Você me espiona?

— É culpa minha? Por que vai se divertir na casa de mulheres honestas?

— Pouco importa! Não quero que as insulte.

— Como foi que a insultei?

Ele não teve o que responder; e, com um tom mais odioso:

— Mas da outra vez, no Champ de Mars...

— Ah! Você nos aborrece com as suas velhas!

— Miserável!

Ele levantou a mão.

— Não me mate! Estou grávida!

Frédéric recuou.

— Está mentindo!

— Olhe para mim!

Ela pegou uma tocha e, mostrando o rosto:

— Sabe o que é isto?

Manchinhas amarelas maculavam sua pele, que estava singularmente inchada. Frédéric não negou a evidência. Foi abrir a janela, deu uns passos para lá e para cá, depois afundou-se numa poltrona.

Esse acontecimento era uma calamidade, que primeiro adiava o rompimento entre eles — e depois atrapalhava todos os seus projetos. Aliás, a ideia de ser pai parecia-lhe grotesca, inadmissível. Mas por quê? Se, em vez da Marechala...? E seu devaneio tornou-se tão profundo que ele teve uma espécie de alucinação. Via ali, sobre o tapete, diante da lareira, uma garotinha. Ela parecia a sra. Arnoux e ele mesmo, um pouco; — morena e de pele branca, olhos pretos, sobrancelhas muito grandes, uma fita cor-de-rosa nos cabelos encaracolados! (Ah! Como ele a amaria!) E parecia-lhe ouvir sua voz: “Papai! Papai!”.

Rosanette, que acabava de se despir, aproximou-se dele, viu uma lágrima em seus olhos e o beijou na testa, gravemente. Ele se levantou, dizendo:

— Por Deus! Não hão de matar esse pirralho!

Então ela falou muito. Seria um menino, é claro! Iam chamá-lo Frédéric. Era preciso começar o enxoval — e, vendo-a tão feliz, invadiu-o uma compaixão. Como agora não sentia nenhuma raiva, quis saber a razão de sua iniciativa, há pouco.

É que a srta. Vatnaz tinha lhe mandado, naquele dia mesmo, uma promissória protestada havia muito tempo; e ela correria à casa de Arnoux para conseguir o dinheiro.

— Eu teria lhe dado! — disse Frédéric.

— Era mais simples pegar lá o que me pertence, e devolver à outra seus mil francos.

— Pelo menos, é tudo o que lhe deve?

Ela respondeu:

— Com certeza!

No dia seguinte, às nove da noite (hora indicada pelo porteiro), Frédéric foi à casa da srta. Vatnaz.

Na antessala, tropeçou nos móveis amontoados. Mas um ruído de voz e música o guiou. Abriu uma porta e viu-se em meio a uma festa. Em pé, em frente ao piano que uma senhorita de óculos tocava, Delmar, sério como

um pontífice, declamava uma poesia humanitária sobre a prostituição; e sua voz cavernosa vibrava, sustentada pelos acordes longos. Uma fila de mulheres ocupava a parede, vestidas em geral de cores escuras, com blusas sem gola nem punhos. Cinco ou seis homens, todos pensadores, estavam aqui e ali, em cadeiras. Havia numa poltrona um antigo autor de fábulas, uma ruína; — e o cheiro acre de duas lamparinas se misturava ao aroma do chocolate, que enchia as canecas que entulhavam a mesa de jogo.

A srta. Vatnaz, com uma echarpe oriental enrolada nos quadris, estava num canto da lareira. Dussardier estava no outro canto, em frente; parecia um pouco constrangido com a sua situação. Aliás, aquele meio artístico o intimidava.

A Vatnaz tinha terminado com Delmar? Não, talvez. No entanto, parecia ter ciúme do bom Dussardier; e como Frédéric tivesse pedido a ela para terem uma conversinha, ela lhe fez sinal para passar com eles ao seu quarto. Quando os mil francos foram exibidos, ela pediu, além disso, os juros.

— Não vale a pena! — disse Dussardier.

— Mas cale-se, ora!

Essa covardia de um homem tão corajoso agradou a Frédéric, como uma justificação da sua própria. Ele levou a promissória e nunca mais tornou a falar do escândalo na casa da sra. Arnoux. Mas, a partir daí, todos os defeitos da Marechala lhe pareceram evidentes.

Tinha um mau gosto irremediável, uma incompreensível preguiça, uma ignorância de selvagem, a ponto de considerar famosíssimo o dr. Desrogis; e estava orgulhosa de recebê-lo, a ele e sua esposa, porque eram “pessoas casadas”. Ela orientava com um ar pedantesco, sobre as coisas da vida, a srta. Irma, pobre criaturinha dotada de uma vozinha, e que tinha como protetor um senhor “muito bom”, ex-funcionário da alfândega, e muito expedito nos truques com as cartas; Rosanette o chamava de “meu grande lulu”. Frédéric também não conseguia suportar a repetição de suas frases idiotas, como: “Comigo não, violão!”, “Não me encha a paciência”, “Nunca se conseguiu saber” etc.; e, de manhã, teimava em tirar o pó de seus bibelôs com um par de velhas luvas brancas! Ele ficava revoltado, sobretudo, com seus modos com a empregada — cujos ordenados estavam o tempo todo atrasados, e que até lhe emprestava dinheiro. Nos dias em que acertavam as contas, elas brigavam como duas vendedoras de peixe, e

depois se reconciliavam abraçando-se. Ficar a sós com ela tornara-se triste. Foi um alívio para ele quando as festas da sra. Dambreuse recomeçaram.

Essa aí, pelo menos, o divertia! Conhecia as intrigas da sociedade, as transferências de embaixadores, o pessoal das costureiras; e se lhe escapavam lugares-comuns, era numa fórmula tão convencional que sua frase podia passar por uma deferência ou uma ironia. Só vendo-a no meio de vinte pessoas que conversavam, não se esquecendo de nenhuma, dando as respostas que queria, evitando as perigosas! Coisas muito simples, contadas por ela, pareciam confidências; o menor de seus sorrisos fazia sonhar; seu charme, enfim, como o refinado perfume que usava normalmente, era complexo e indefinível. Em sua companhia, Frédéric sempre sentia o prazer de uma descoberta; e no entanto, sempre a reencontraria com a mesma serenidade, parecida com o reflexo de águas límpidas. Mas por que suas maneiras com a sobrinha eram tão frias? Ela até lhe lançava, em certos momentos, um curioso olhar.

Assim que se tratou da questão do casamento, ela objetara ao sr. Dambreuse a saúde da “querida menina” e a levava imediatamente para os banhos de Balaruc. Ao voltarem, novos pretextos surgiram: o rapaz não tinha uma situação, aquele grande amor não parecia sério, não havia nenhum risco em esperar. Martinon respondera que esperaria. Seu comportamento foi sublime. Enalteceu Frédéric. E fez mais: ensinou-lhe os meios de agradar à sra. Dambreuse, deixando até mesmo entrever que conhecia, pela sobrinha, os sentimentos da tia.

Quanto ao sr. Dambreuse, longe de mostrar ciúme, cercava de atenções seu jovem amigo, consultava-o sobre coisas variadas, e até se preocupava com seu futuro, tanto assim que um dia, quando se falava do s. Roque, disse-lhe ao ouvido, com ar maroto:

— O senhor fez muito bem.

E Cécile, miss Johnson, os domésticos, o porteiro, não havia ninguém naquela casa que, para ele, não fosse encantador. Ia lá todas as noites, abandonando Rosanette. Sua futura maternidade a tornava mais séria, até um pouco triste, como se as preocupações a tivessem atormentado. A todas as perguntas, ela respondia:

— Engano seu! Estou passando bem!

Eram cinco promissórias que ela subscrevera no passado; e não ousando dizer isso a Frédéric depois do pagamento da primeira, retornara à casa de

Arnoux, que lhe prometera por escrito um terço de seus lucros na iluminação a gás das cidades do Languedoc (uma empresa maravilhosa!), recomendando-lhe não se servir daquela carta antes da assembleia dos acionistas; a assembleia era adiada de semana em semana.

Mas a Marechala precisava de dinheiro. Preferiria morrer a pedir a Frédéric. Não queria dinheiro dele. Isso estragaria o seu amor. Ele já arcava com as despesas do lar, mais uma pequena carruagem alugada por mês, e outros sacrifícios indispensáveis desde que frequentava os Dambreuse o impediam de fazer mais pela amante. Duas ou três vezes, voltando a horas inabituais, ele teve a impressão de ver costas masculinas desaparecendo entre as portas; e volta e meia ela saía sem dizer aonde ia. Frédéric não tentou aprofundar as coisas. Um dia desses, tomaria uma decisão definitiva. Sonhava com outra vida, que seria mais divertida e mais nobre. Um ideal desse o tornava indulgente com o palacete Dambreuse.

Ali era uma sucursal íntima da Rue de Poitiers.²⁸ Ali encontrou o grande sr. A., o ilustre B., o profundo C., o eloquente Z., o imenso Y., os velhos caciques do centro-esquerda, os paladinos da direita, os burgraves do meio-termo, os eternos atores da comédia. Ficou perplexo com a execrável linguagem deles, suas mesquinhas, seus rancores, sua má-fé — todas aquelas pessoas que tinham votado pela Constituição esforçavam-se em demoli-la; — e agitavam-se muito, lançavam manifestos, panfletos, biografias; a de Fumichon, por Hussonnet, foi uma obra-prima. Nonancourt cuidava da propaganda nas províncias, o sr. De Grémonville trabalhava o clero, Martinon aliava-se aos jovens burgueses. Todos, conforme seus meios, dedicaram-se a isso, até Cisy em pessoa. Este, agora pensando nas coisas sérias, ao longo de todo o dia executava missões, no cabriolé, para o partido.

O sr. Dambreuse, como um barômetro, expressava constantemente a última variação. Não se falava de Lamartine sem que ele citasse esta frase de um homem do povo: “Chega de lira!”.²⁹ Cavaignac já não passava, a seu ver, de um traidor. O Presidente, que ele admirara durante três meses, começava a cair na sua estima (pois achava que ele não tinha a “energia necessária”); e como sempre precisava de um salvador, sua gratidão, desde o caso do Conservatoire, ia para Changarnier: “Graças a Deus, Changarnier... Esperemos que Changarnier... Oh! Nada a temer enquanto Changarnier...”.³⁰

Exaltavam, em primeiro lugar, o sr. Thiers, por seu livro contra o socialismo, em que ele se mostrara tão pensador como escritor. Riam enormemente de Pierre Leroux, que citava na Câmara trechos dos filósofos. Faziam piadas sobre a cauda falansteriana.³¹ Iam aplaudir a *Feira das ideias*,³² e comparavam seus autores a Aristófanos. Frédéric esteve lá, como os outros.

A verborreia política e a boa mesa embotavam sua moralidade. Por mais medíocres que lhe parecessem esses personagens, Frédéric estava orgulhoso de conhecê-los e interiormente ansiava pela consideração burguesa. Uma amante como a sra. Dambreuse consolidaria isso.

Começou a fazer tudo o que devia.

Punha-se em seu caminho durante o passeio, não deixava de ir cumprimentá-la no seu camarote no teatro; e, sabendo as horas em que ia à igreja, plantava-se atrás de uma pilastra numa pose melancólica. Para indicações de curiosidades, informações sobre um concerto, empréstimos de livros ou revistas, era uma troca contínua de bilhetinhos. Além da visita à noite, fazia-lhe às vezes outra, ali pelo fim do dia; e sentia uma gradação de alegrias ao passar sucessivamente pela grande porta, pelo pátio, pela antessala, pelos dois salões; por fim, chegava ao seu boudoir, discreto como um túmulo, tépido como uma alcova, onde esbarrava nos capitonês dos móveis entre todo tipo de objetos aqui e ali: armários altos de gavetinhas, guarda-fogos, taças e bandejas de laca, de tartaruga, de marfim, de malaquita, bugigangas caras, muitas vezes restauradas. Havia os simples: três seixos de Étretat para servir de peso de papéis, um barrete da Frísia pendurado num biombo chinês; todas essas coisas, porém, se harmonizavam; e a nobreza do conjunto até impressionava, o que decorria talvez da altura do pé-direito, da opulência dos reposteiros e das longas franjas de seda, flutuando sobre os pés dourados dos banquinhos.

Quase sempre ela estava numa pequena conversadeira, perto da floreira que guarnecia o vão da janela. Sentado na beira de um grande pufe de rodinhas, ele lhe dirigia os cumprimentos mais corretos possíveis; e ela o fitava, com a cabeça meio de lado, a boca sorridente.

Lia para ela páginas de poesia, pondo nisso toda a sua alma, para emocioná-la e ser admirado. Ela o interrompia com uma observação depreciativa ou uma observação prática; e a conversa deles caía sem parar na eterna questão do Amor! Perguntavam-se o que o ocasionava, se as

mulheres o sentiam menos que os homens, quais eram, nesse tema, suas diferenças. Frédéric tentava emitir sua opinião, evitando ao mesmo tempo a grosseria e a insipidez. Isso se tornava uma espécie de luta, agradável em certos momentos, fastidiosa em outros.

Ao lado dela, ele não sentia esse enlevo de todo o seu ser que o impelia para a sra. Arnoux, nem a desordem alegre em que, de início, Rosanette o deixara. Mas a cobiçava como algo anormal e difícil, porque ela era nobre, porque ela era rica, porque ela era devota, imaginando que possuía delicadezas de sentimento, raras como seus rendados, com amuletos sobre a pele e pudores na depravação.

Ele se serviu do antigo amor. Contou-lhe, como inspirado pela sra. Arnoux, tudo o que antigamente ela o fazia sentir, seus langores, suas apreensões, seus sonhos. Ela recebia aquilo como uma pessoa acostumada a essas coisas, sem rejeitá-lo formalmente, mas em nada cedendo; e ele não conseguia seduzi-la tanto quanto Martinon não conseguia se casar. Para liquidar de vez com o apaixonado pela sobrinha, ela o acusou de visar só o dinheiro, e até pediu ao marido que tentasse provar isso. Então o sr. Dambreuse declarou ao rapaz que Cécile, sendo órfã de pais pobres, não tinha nenhuma “esperança” de dote.

Martinon, não acreditando que isso fosse verdade, ou avançado demais para se desdizer, ou por uma dessas teimosias de idiota que são rasgos de gênio, respondeu que seu patrimônio, quinze mil libras de rendas, lhes bastaria. Esse desinteresse imprevisto tocou o banqueiro. Ele lhe prometeu uma fiança para o cargo de recebedor público, e se comprometeu a lhe conseguir o posto; e, no mês de maio de 1850, Martinon casou com a srta. Cécile. Não houve baile. Os jovens partiram na mesma noite para a Itália. No dia seguinte, Frédéric foi fazer uma visita à sra. Dambreuse. Ela lhe pareceu mais pálida que de costume. Ela o contradisse com azedume a respeito de dois ou três assuntos sem importância. Aliás, todos os homens eram uns egoístas.

No entanto, havia alguns dedicados, quando nada, ele mesmo.

— Ah! Ora! Como os outros!

Suas pálpebras estavam vermelhas; ela chorava. Depois, esforçando-se em sorrir:

— Desculpe! Estou errada! Foi uma ideia triste que me veio!

Ele não estava entendendo nada.

“Pouco importa! Ela é menos forte do que eu imaginava”, pensou.

Ela tocou a sineta para lhe trazerem um copo de água, deu um gole, mandou-o de volta, depois se queixou de que a serviam horrivelmente. Para diverti-la, ele se ofereceu como criado, pretendendo ser capaz de servir à mesa, tirar pó dos móveis, anunciar as visitas, ser enfim um criado de quarto, ou melhor, um moço de recados, embora estes já tivessem saído de moda. Ele gostaria de ir atrás de sua carruagem com um chapéu de penas de galo.

— E como a seguiria a pé, majestosamente, tendo nos braços um cãozinho!

— Você é divertido — disse a sra. Dambreuse.

— Não seria uma loucura — ele prosseguiu — levar tudo a sério?

Já havia misérias suficientes para que se precisasse forjar mais algumas. Nada merecia o sacrifício de uma dor. A sra. Dambreuse franziu o cenho, com um jeito de vaga aprovação.

Essa paridade de sentimentos levou Frédéric a mais atrevimento. Suas decepções de outrora lhe criavam, agora, uma clarividência. Prosseguiu:

— Nossos avós viviam melhor. Por que não obedecer ao impulso que nos move? O amor, afinal de contas, não era em si uma coisa tão importante.

— Mas isso que você está dizendo é imoral!

Ela voltara a se sentar na conversadeira. Ele se sentou na beirinha, encostado em seus pés.

— Não vê que estou mentindo? Pois, para agradar às mulheres, é preciso exibir uma despreocupação de bufão ou os furores de uma tragédia! Elas caçoam de nós quando lhes dizemos que as amamos, simplesmente! Quanto a mim, acho essas hipérboles com as quais se divertem uma profanação ao amor verdadeiro; tanto assim que já não sabemos como expressá-lo, sobretudo na frente dessas... que têm... muito espírito.

Ela o observava, com os olhos semicerrados. Ele baixava a voz, inclinando-se para seu rosto.

— Sim! Na sua frente, sinto medo! Ofendo-a, talvez?... Desculpe!... Não queria dizer tudo isso! Não é culpa minha! É que é tão bela!

A sra. Dambreuse fechou os olhos e ele ficou surpreso com a facilidade de sua vitória. As grandes árvores do jardim, que estremeciam molemente, se imobilizaram. Nuvens imóveis riscavam o céu com longas nergas vermelhas, e houve como uma suspensão universal das coisas. Então,

noites semelhantes com silêncios parecidos voltaram ao seu espírito, confusamente. Onde teria sido?...

Ajoelhou-se, pegou sua mão e lhe jurou amor eterno. Depois, enquanto falava, ela o chamou com um sinal e disse baixinho:

— Volte para jantar! Estaremos a sós!

Ao descer a escada, Frédéric tinha a impressão de que se tornara outro homem, de que a temperatura perfumada das estufas quentes o rodeava, de que entrava definitivamente no mundo superior dos adúlteros patricios e das altas intrigas. Para ocupar o primeiro lugar, bastava uma mulher como aquela. Ávida, sem dúvida, de poder e de ação, e casada com um homem medíocre a quem servira prodigiosamente, desejava ela alguém forte para conduzi-la? Agora nada era impossível! Sentia-se capaz de andar duzentas léguas a cavalo, trabalhar por várias noites seguidas, sem cansaço; seu coração transbordava de orgulho.

Na calçada, na frente dele, um homem coberto por um velho sobretudo andava de cabeça baixa, e com ar tão acabrunhado que Frédéric se virou para vê-lo. O outro levantou o rosto. Era Deslauriers. Hesitava. Frédéric pulou em seu pescoço.

— Ah! Meu pobre amigo! Como? É você!

E o arrastou para sua casa, fazendo-lhe muitas perguntas ao mesmo tempo.

O ex-comissário de Ledru-Rolin contou, primeiro, os tormentos que enfrentara. Como pregava a fraternidade aos conservadores e o respeito às leis aos socialistas, uns lhe tinham disparado tiros de fuzil, os outros, levado uma corda para enforcá-lo. Depois de junho, fora brutalmente destituído. Jogara-se num complô, o das armas apreendidas em Troyes. Soltaram-no, por falta de provas. Depois, o comitê de ação o enviara para Londres, onde tinha trocado uns sapatos com os companheiros, no meio de um banquete. De volta a Paris...

— Por que não veio à minha casa?

— Você estava sempre ausente! O seu porteiro tinha ares misteriosos, eu não sabia o que pensar; e além disso, não queria reaparecer como derrotado.

Ele batera às portas da Democracia, oferecendo-se para servi-la com sua pena, com sua palavra, com suas iniciativas; por todo lado o haviam

rejeitado; desconfiavam dele; e tinha vendido o relógio, a biblioteca, a roupa.

— Mais valeria morrer nos pontões de Belle-Isle, com Sénécal!³³

Frédéric, que nesse instante ajeitava a gravata, não pareceu muito comovido com essa notícia.

— Ah! Esse bom Sénécal foi deportado?

Deslauriers retrucou, percorrendo as paredes com ares invejosos:

— Nem todo mundo tem a sua sorte!

— Desculpe — disse Frédéric, sem observar a alusão —, mas tenho um jantar. Vão preparar sua refeição; peça o que quiser! E pode pegar a minha cama.

Diante de uma cordialidade tão cabal, a amargura de Deslauriers desapareceu.

— Sua cama? Mas... isso o constrangeria!

— Ah, não! Tenho outras!

— Ah! Muito bem — retrucou o advogado, rindo. — Então onde vai jantar?

— Na casa da sra. Dambreuse.

— Será que... por acaso... seria...?

— Você é muito curioso — disse Frédéric com um sorriso que confirmava a suposição.

Depois, tendo olhado para o relógio de parede, tornou a se sentar.

— É assim! E não se deve perder a esperança, velho defensor do povo!

— Misericórdia! Que outros se metam nisso!

O advogado detestava os operários, por ter sofrido com eles na sua província, uma terra de hulha. Cada mina de extração nomeara um governo provisório que lhe dava ordens.

— Aliás, o comportamento deles foi encantador, e por todo lado: em Lyon, Lille, Havre, Paris! Pois, a exemplo dos fabricantes que gostariam de excluir os produtos do estrangeiro, esses senhores exigem que sejam banidos os trabalhadores ingleses, alemães, belgas e savoianos! Quanto ao entendimento entre eles, de que serviram, na Restauração, as famosas corporações? Em 1830, entraram para a guarda nacional, sem sequer ter o bom senso de dominá-la! Acaso, já logo depois de 1848, os corpos de ofícios não reapareceram, com seus estandartes? Pediam até representantes do povo próprios, que só falariam em nome deles! Assim como os

deputados da beterraba só se preocupam com a beterraba! — Ah! Estou farto desses malandros, que se prosternam sucessivamente perante o cadafalso de Robespierre, as botas do Imperador e o guarda-chuva de Luís Filipe, essa ralé eternamente devotada a quem lhe joga pão na goela! Sempre se grita contra a venalidade de Talleyrand e de Mirabeau, mas qualquer carregador chinfrim venderia a pátria por cinquenta centavos se lhe promettessem pagar três francos pelo frete! Ah! Que erro! Deveríamos ter ateado fogo nos quatro cantos da Europa!

Frédéric lhe respondeu:

— Faltava a faísca! Vocês eram simplesmente uns pequeno-burgueses, e os melhores de vocês, uns pedantes! Quanto aos operários, têm do que se queixar, pois com exceção do milhão subtraído à lista civil, e que vocês lhes outorgaram com a mais baixa bajulação, vocês nada fizeram por eles além de frases!³⁴ A carteira de trabalho continua nas mãos do patrão, e o assalariado (mesmo perante a justiça) permanece inferior ao chefe, já que não se acredita na palavra dele. Em suma, a República me parece velha. Quem sabe se o Progresso, talvez, só seja realizável por uma aristocracia ou por um homem? A iniciativa sempre vem do alto! O povo é menor, pouco importa o que se alegue!

— Talvez seja verdade — disse Deslauriers.

Segundo Frédéric, a grande massa dos cidadãos só aspirava ao repouso (do que o palacete Dambreuse se aproveitara), e todas as oportunidades eram para os conservadores. Nesse partido, porém, faltavam homens novos.

— Se você se apresentasse, tenho certeza...

Não terminou. Deslauriers compreendeu, passou as mãos na testa; depois, de repente:

— Mas, e você? Nada o impede? Por que não seria deputado? — Em seguida a uma dupla eleição, havia no Aube uma candidatura vaga. O sr. Dambreuse, reeleito na Legislativa, pertencia a outro distrito. — Quer que eu cuide disso?

Conhecia muitos donos de bares, professores, médicos, escreventes de cartórios e seus patrões.

— Aliás, a gente consegue que os camponeses acreditem em tudo o que se quiser!

Frédéric sentia sua ambição reacender.

Deslauriers acrescentou:

— Você deveria me encontrar um lugar em Paris.

— Ah! Não será difícil, pelo sr. Dambreuse.

— Já que estamos falando de hulhas — prosseguiu o advogado —, que fim levou a grande sociedade dele? É de uma ocupação desse gênero que eu precisaria! E lhes seria útil, mantendo sempre a minha independência.

Frédéric prometeu levá-lo à casa do banqueiro antes de três dias.

Seu jantar a sós com a sra. Dambreuse foi delicioso. Ela sorria em frente a ele, do outro lado da mesa, por cima das flores dentro de uma cesta, à luz do lustre suspenso; e, como a janela estava aberta, avistavam-se as estrelas. Conversaram muito pouco, desconfiando de si mesmos, talvez; mas assim que os criados viravam as costas, enviavam-se um beijo, com a ponta dos lábios. Ele falou de sua ideia de candidatura. Ela aprovou, comprometendo-se até a fazer o sr. Dambreuse trabalhar para isso.

À noite, alguns amigos apareceram para felicitá-la e consolá-la: ela devia estar tão triste de não ter mais a sobrinha, não? Aliás, os jovens recém-casados tinham feito muito bem em viajar; mais tarde, os contratemplos, os filhos que chegam! Mas a Itália não correspondia à ideia que faziam dela. Além disso, estavam na idade das ilusões! E a lua de mel embelezava tudo! Os dois últimos que ficaram foram o sr. de Grémonville e Frédéric. O diplomata não queria ir embora. Por fim, à meia-noite, se levantou. A sra. Dambreuse fez um sinal a Frédéric para partir com ele, e lhe agradeceu essa obediência com uma pressão de mão, mais suave que todo o resto.

A Marechala deu um grito de alegria ao revê-lo. Fazia cinco horas que o esperava. Ele deu como desculpa uma providência indispensável no interesse de Deslauriers. Seu rosto tinha um ar de triunfo, uma auréola, com que Rosanette ficou deslumbrada.

— Talvez seja por causa da sua casaca preta, que lhe vai tão bem; mas nunca o achei tão belo! Como você é bonito!

Num ímpeto de ternura, jurou a si mesma não mais pertencer a outros, acontecesse o que acontecesse, mesmo que tivesse de morrer na miséria!

Seus lindos olhos úmidos cintilavam de uma paixão tão poderosa que Frédéric a atraiu para seu colo e pensou: “Como sou canalha!”, aplaudindo-se por sua perversidade.

Quando Deslauriers se apresentou em sua casa, o sr. Dambreuse pensava em relançar seu grande negócio de hulha. Mas essa fusão de todas as companhias numa só era malvista; denunciava-se o monopólio, como se, para tais explorações, não se precisasse de imensos capitais!

Deslauriers, que acabava de ler de propósito a obra de Gobet e os artigos do sr. Chappe no *Journal des Mines*, conhecia a questão perfeitamente. Demonstrou que a lei de 1810 estabelecia em favor do concessionário um direito impermutável. Aliás, podia-se dar à empresa um verniz democrático: impedir a união das hulheiras era um atentado ao próprio princípio de associação.

O sr. Dambreuse entregou-lhe notas para redigir um memorando. Quanto à maneira como lhe pagaria seu trabalho, fez promessas melhores ainda por não serem firmes.

Deslauriers voltou para a casa de Frédéric e lhe contou a conversa. Além disso, tinha visto a sra. Dambreuse ao pé da escada, quando saía.

— Puxa vida, você merece os parabéns!

Então conversaram sobre a eleição. Haveria algo a inventar.

Três dias depois, Deslauriers reapareceu com uma página de texto destinada aos jornais e que era uma carta familiar, na qual o sr. Dambreuse aprovava a candidatura do amigo. Apoiada por um conservador e apregoada por um vermelho, ela deveria triunfar. Como o capitalista assinava uma elucubração daquelas? O advogado, sem o menor constrangimento, por sua própria iniciativa, tinha ido mostrá-la à sra. Dambreuse, que, considerando-a muito boa, se encarregara do resto.

Essa iniciativa surpreendeu Frédéric. Aprovou-a porém; depois, como Deslauriers ia entrar em contato com o sr. Roque, contou-lhe sua situação perante Louise.

— Diga-lhes tudo o que quiser, que meus negócios são confusos, que os arranjarei, e que ela é bastante moça para esperar!

Deslauriers partiu, e Frédéric se considerou um homem muito competente. Aliás, sentia um contentamento, uma satisfação profunda. Nenhum contraste estragava sua alegria de possuir uma mulher rica: o sentimento harmonizava-se com o ambiente. Sua vida, agora, tinha doçuras por todo lado.

A mais deliciosa, talvez, era contemplar a sra. Dambreuse em seu salão, entre várias pessoas. O decoro de suas maneiras o fazia sonhar com outras atitudes; enquanto ela conversava em tom frio, ele se lembrava de suas palavras de amor balbuciadas; todos os respeitos por sua virtude o deliciavam como uma homenagem dirigida a ele; e às vezes tinha desejos de exclamar: “Mas a conheço melhor que os senhores! Ela é minha!”.

A relação deles não demorou a ser uma coisa convencional, aceita. A sra. Dambreuse, durante todo o inverno, arrastou Frédéric pela alta sociedade.

Quase sempre ele chegava antes dela; e a via entrar, de braços nus, leque na mão, pérolas nos cabelos. Ela parava na soleira (o lintel da porta a rodeava como uma moldura) e fazia um leve gesto de indecisão, piscando os olhos, para descobrir se ele estava lá. Levava-o de volta em sua carruagem; a chuva fustigava os vidros, e os passantes, como sombras, se agitavam na lama. E, apertados um contra o outro, viam tudo aquilo confusamente, num desprezo tranquilo. Com pretextos diversos, ele ainda ficava uma boa hora no seu quarto.

Fora sobretudo por tédio que a sra. Dambreuse tinha cedido. Mas essa última decisão não devia ser perdida. Ela queria um grande amor, e pôs-se a cobri-lo de adulações e afagos.

Enviava-lhe flores, bordou-lhe a tapeçaria de uma cadeira; deu-lhe uma cigarreira, mil pequenas coisas de uso diário, para que ele não fizesse um só gesto não associado à lembrança dela. Primeiro essas atenções o encantaram, e logo lhe pareceram bem simples.

Ela subia num fiacre, despachava-o na entrada de uma passagem, saía do outro lado; depois, esgueirando-se ao longo dos muros, com um véu duplo sobre o rosto, alcançava a rua onde Frédéric, em sentinela, lhe pegava o braço com força, para conduzi-la até sua casa. Seus dois criados iam passear, o porteiro saía para fazer compras; ela dava uma olhada ao redor: nada a temer!, e soltava como que um suspiro de exilado que revê a pátria. A sorte os deixou mais atrevidos. Seus encontros se multiplicaram. Uma noite, ela até se apresentou de repente, em traje de baile. Essas surpresas podiam ser perigosas; ele a censurou pela imprudência; aliás, ela lhe desagradou. Seu corpete aberto descobria demais o peito magro.

Então ele reconheceu o que escondera de si mesmo, a desilusão de seus sentidos. Nem por isso deixava de fingir grandes ardores; mas para senti-los precisava evocar a imagem de Rosanette ou da sra. Arnoux.

Essa atrofia sentimental deixava-o com a cabeça inteiramente livre, e mais que nunca ambicionava uma alta posição na sociedade. Já que tinha um estribo daqueles, o mínimo que podia fazer era usá-lo.

Em meados de janeiro, certa manhã, Sénécal entrou em seu gabinete; e diante de sua exclamação de surpresa, respondeu que era secretário de Deslauriers. E até lhe trazia uma carta. Ela continha boas notícias, mas o repreendia por sua negligência; ele precisava ir até lá.

O futuro deputado disse que pegaria a estrada dali a dois dias.

Sénécal não expressou opinião sobre essa candidatura. Falou de sua pessoa e dos negócios do país.

Por mais lamentáveis que fossem, esses negócios o alegravam, pois marchava-se rumo ao comunismo. Primeiro, a própria Administração é que levava a isso, já que todo dia havia mais coisas regidas pelo Governo. Quanto à Propriedade, a Constituição de 1848, apesar de suas fraquezas, não a havia poupado; em nome da utilidade pública, agora o Estado podia pegar o que julgava lhe convir. Sénécal declarou-se a favor da Autoridade; e Frédéric percebeu em seus discursos o exagero de suas próprias palavras a Deslauriers. O republicano até esbravejou contra a insuficiência das massas.

— Robespierre, ao defender o direito da minoria, levou Luís XVI perante a Convenção Nacional e salvou o povo. O fim das coisas as legitima. Às vezes a ditadura é indispensável. Viva a tirania, contanto que o tirano faça o bem!

A conversa durou muito tempo, e quando estava indo embora, Sénécal confessou (era o objetivo da visita, talvez) que Deslauriers andava muito impaciente com o silêncio do sr. Dambreuse.

Mas o sr. Dambreuse estava doente. Frédéric o via diariamente, pois sua condição de íntimo o levava a ser admitido perto dele.

A exoneração do general Changarnier comovera extremamente o capitalista. Na mesma noite, ele foi tomado por um grande calor no peito, uma opressão a ponto de não poder ficar deitado. Sanguessugas trouxeram um alívio imediato. A tosse seca desapareceu, a respiração ficou mais calma; e oito dias depois ele disse, engolindo um caldo:

— Ah! Estou melhor! Mas por pouco não fiz a grande viagem!

— Não sem mim! — exclamou a sra. Dambreuse, notificando com essas palavras que não conseguiria sobreviver a ele.

Em vez de responder, ele exibiu para ela e seu amante um sorriso singular, em que havia ao mesmo tempo resignação, indulgência, ironia, e até como que uma indireta, um subentendido quase de alegria.

Frédéric quis partir para Nogent, a sra. Dambreuse se opôs; e ele desfazia e refazia sucessivamente as malas, dependendo das fases da doença.

De repente, o sr. Dambreuse cuspiu sangue abundantemente. “Os príncipes da ciência”, consultados, não descobriram nada de novo. Suas pernas inchavam, sua fraqueza aumentava. Diversas vezes manifestou o desejo de ver Cécile, que estava no outro extremo da França, com o marido, nomeado recebedor fazia um mês. Ordenou expressamente que a mandassem buscar. A sra. Dambreuse escreveu três cartas e mostrou-as a ele.

Sem confiar nem mesmo na religiosa, ela não o abandonava nem um segundo e já não dormia. As pessoas que pediam notícias ao porteiro falavam dela com admiração; e os passantes estavam tomados de respeito pela quantidade de palha que havia na rua, debaixo das janelas.³⁵

No dia 12 de fevereiro, às cinco horas, declarou-se uma terrível hemoptise. O médico de plantão explicou o perigo. Correram depressa à casa de um padre.

Durante a confissão do sr. Dambreuse, a senhora o olhava de longe, curiosa. Depois disso, o jovem doutor colocou um vesicante, e esperou.

A luz das lâmpadas, ocultada pelos móveis, iluminava o quarto de modo desigual. Frédéric e a sra. Dambreuse, ao pé da cama, observavam o moribundo. No vão de uma janela, o padre e o médico conversavam à meia-voz; a freira, ajoelhada, murmurava orações.

Por fim, elevou-se um ronco. As mãos esfriaram, o rosto começou a empalidecer. Às vezes ele tinha, de repente, uma respiração profunda; elas se tornaram cada vez mais raras; duas ou três palavras confusas lhe escaparam; exalou um leve sopro ao mesmo tempo que revirava os olhos, e a cabeça caiu de lado sobre o travesseiro.

Por um minuto, todos ficaram imóveis.

A sra. Dambreuse se aproximou; e sem esforço, com a simplicidade do dever, fechou-lhe as pálpebras.

Depois abriu os braços, torcendo a cintura como no espasmo de um desespero contido, e saiu do aposento, apoiada por um médico e pela religiosa. Quinze minutos depois, Frédéric subiu para o quarto dela.

Sentia-se um odor indefinível, emanção das coisas delicadas que enchem o aposento. No meio da cama, estendia-se um vestido preto, contrastando com a coberta cor-de-rosa.

A sra. Dambreuse estava no canto da lareira, em pé. Sem imaginar que ela sentisse violentos pesares, ele acreditava que estaria um pouco triste; e com voz dolente:

— Está sofrendo?

— Eu? Não, de jeito nenhum.

Quando ela se virou, viu o vestido, o examinou; depois disse-lhe que não se constrangesse:

— Fume se quiser! Está nos meus aposentos!

E, com um grande suspiro:

— Ah! Santa Virgem! Que alívio!

Frédéric se surpreendeu com a exclamação. Retrucou, beijando-lhe a mão:

— No entanto, éramos livres!

Essa alusão à facilidade de seus amores pareceu magoar a sra. Dambreuse.

— Ah! Não sabe os serviços que eu prestava a ele, nem as angústias que vivi!

— Como?

— Mas é claro! Acaso era uma segurança ter sempre perto de mim aquela bastarda, uma criança introduzida na casa após cinco anos de casamento, e que sem mim, é claro, o teria levado a cometer alguma besteira?

Então explicou os negócios dele. Tinham se casado pelo regime de separação. Seu patrimônio era de trezentos mil francos. O sr. Dambreuse, pelo contrato deles, lhe garantira, em caso de sobrevivência, quinze mil libras de renda, além da propriedade do palacete. Mas, pouco tempo depois, fizera um testamento em que lhe dava toda a sua fortuna; e ela a avaliava, tanto quanto era possível saber agora, em mais de três milhões.

— Valia a pena, não valia? Aliás, contribuí muito para isso! Era o meu patrimônio que eu estava defendendo; Cécile teria me despojado, injustamente.

— Por que ela não veio ver o pai? — indagou Frédéric.

Diante dessa pergunta, a sra. Dambreuse o observou; e depois, em tom seco:

— Não sei de nada! Falta de coração, provavelmente! Oh! Eu a conheço! Portanto não terá de mim nem um óbolo!

Mas ela não era propriamente incômoda, pelo menos desde o casamento.

— Ah! O seu casamento! — disse a sra. Dambreuse, escarnecendo.

E criticava-se por ter tratado bem demais aquela petulante, que era ciumenta, interesseira, hipócrita. “Todos os defeitos do pai!” E o destratava cada vez mais. Ninguém era de uma falsidade tão profunda, implacável aliás, duro como uma pedra, “um mau homem, um mau homem!”.

Até os mais sensatos cometem erros. A sra. Dambreuse acabava de cometer um, por essa torrente de ódio. Em frente a ela, Frédéric, sentado numa bergère, refletia, escandalizado.

Ela se levantou, pôs-se devagarinho em seu colo.

— Só você é bom! Só a você eu amo!

Ao olhar para ele, seu coração amoleceu, uma reação nervosa levou-lhe lágrimas aos olhos, e ela murmurou:

— Quer casar comigo?

Primeiro ele pensou não ter entendido. Aquela riqueza o atordoava. Ela repetiu mais alto:

— Quer casar comigo?

Por fim, ele disse sorrindo:

— Tem alguma dúvida?

Depois um pudor o invadiu, e para fazer ao defunto uma espécie de reparação, ofereceu-se para velá-lo pessoalmente. Mas como tinha vergonha desse sentimento piedoso, acrescentou com ar distante:

— Talvez fosse mais conveniente.

— Sim, talvez mesmo — ela disse —, por causa dos criados!

Tinham tirado a cama para fora da alcova. A religiosa estava aos pés da cama, e à cabeceira havia um padre, outro, um homem alto e magro, com jeito de espanhol e fanático. Sobre a mesa de cabeceira, coberta por um guardanapo branco, três velas queimavam.

Frédéric pegou uma cadeira e olhou para o morto.

Seu rosto estava amarelo como palha; um pouco de espuma sanguinolenta marcava os cantos da boca. Trazia um lenço em volta do crânio, um colete de malha, e um crucifixo de prata sobre o peito, entre os braços cruzados.

Tinha terminado essa existência cheia de agitações! Quantas vezes não fizera idas e vindas a escritórios, não alinhara algarismos, não tramara negócios, não ouvira relatórios! Quantas conversas fiadas, sorrisos, reverências! Pois aclamara Napoleão, os cossacos, Luís XVIII, 1830, os operários, todos os regimes, adorando o Poder com tal amor que teria pagado para se vender.

Mas deixava a propriedade de La Fortelle, três manufaturas na Picardia, o bosque de Crancé, na Yonne, uma fazenda perto de Orléans, valores mobiliários consideráveis.

Fredéric fez, assim, a recapitulação de sua fortuna; e ela ia, porém, lhe pertencer! Pensou primeiro “no que se diria”, depois num presente para a mãe, em seus futuros cavalos, num velho cocheiro de sua família que ele queria transformar em porteiro. A libré não seria mais a mesma, naturalmente. Pegaria o grande salão como gabinete de trabalho. Nada impedia, derrubando três paredes, ter no segundo andar uma galeria de quadros. Havia uma maneira, talvez, de organizar embaixo uma sala de banhos turcos. Quanto ao escritório do sr. Dambreuse, aposento desagradável, para que poderia servir?

O padre que se assoava ou a religiosa mexendo na lareira interrompiam brutalmente essas conjecturas. Mas a realidade as confirmava; o cadáver continuava ali. Suas pálpebras haviam reaberto; e as pupilas, embora afundadas em trevas viscosas, tinham uma expressão enigmática, intolerável. Frédéric acreditava ver nelas como um julgamento a seu respeito, e sentia quase um remorso, pois nunca tivera nenhuma queixa daquele homem, que, ao contrário... “Mas ora essa! Um velho miserável!”, e o observava mais de perto, para se fortalecer, gritando-lhe mentalmente:

“Pois é, e daí? Será que fui eu que o matei?”

Enquanto isso, o padre lia o breviário; a religiosa, imóvel, cochilava; os pavios das três velas se alongavam.

Ouviram, por duas horas, as rodas surdas das carroças desfilando rumo ao Halles. As vidraças embranqueceram, um fiacre passou, depois um bando de jumentas que trotavam pelo calçamento, e marteladas, gritos de vendedores ambulantes, toques de trombeta; já tudo se confundia na grande voz de Paris que desperta.

Frédéric foi tomar as providências. Primeiro dirigiu-se à prefeitura para fazer a declaração; depois, quando o médico dos mortos deu uma certidão,

voltou à prefeitura para dizer qual cemitério a família escolhia, e para se entender com o escritório da funerária.

O empregado exibiu um desenho e uma lista, um indicando as diversas categorias de enterro, o outro, o detalhe completo da decoração. Queria ele um carro com galeria ou um carro com penachos, tranças nos cavalos, egretes nos chapéus dos empregados, iniciais ou um brasão, candeeiros fúnebres, um homem para transportar as medalhas, e quantas carruagens? Frédéric foi generoso; a sra. Dambreuse insistia em não fazer nenhuma economia.

Depois, foi à igreja.

O vigário dos enterros começou por criticar a exploração da funerária; assim, o oficial para as medalhas e honrarias era realmente inútil; mais valia ter muitas velas! Combinaram uma missa baixa, mas realçada pela música. Frédéric assinou o que estava combinado, com obrigação solidária de pagar todas as despesas.

Em seguida foi ao Hôtel de Ville para a compra do lote. Uma concessão de dois metros de comprimento por um de largura custava quinhentos francos. Era uma concessão de meio século ou perpétua?

— Ah! Perpétua! — disse Frédéric.

Ele levava a sério a coisa, empenhava-se. No pátio do palacete, um marmoeiro o esperava para lhe mostrar orçamentos e planos de túmulos gregos, egípcios, mouriscos; mas o arquiteto da casa já tinha conferenciado com a senhora; e em cima da mesa, no vestíbulo, havia todo tipo de prospecto relativo à limpeza dos colchões, à desinfecção dos quartos, a diversos processos de embalsamamento.

Depois do jantar, voltou ao alfaiate para o luto dos criados; e teve de dar uma última saída, pois encomendara luvas de castor, e eram luvas de filosela que convinham.

Quando, no dia seguinte, chegou às dez horas, o grande salão se enchia de gente, e quase todos, dirigindo-se uns aos outros com ar melancólico, diziam:

— E eu que ainda o vi há um mês! Meu Deus! É o destino de todos nós!

— Sim, mas façamos que seja o mais tarde possível!

Então, davam um risinho de satisfação, e até se lançavam em diálogos perfeitamente estranhos à circunstância. Por fim, o mestre de cerimônias, de casaca preta à francesa e calça curta, com capa, crepe, espada comprida de

lado e tricorne debaixo do braço, articulou, cumprimentando, as palavras de praxe: “Senhores, quando for de vosso agrado”. Partiram.

Era dia de mercado das flores na Place de la Madeleine. O tempo estava claro e suave; e a brisa, que balançava um pouco as barracas de lona, inflava, pelas bordas, o imenso pano preto pendurado na fachada da igreja. O brasão do sr. Dambreuse, ocupando um quadrado de veludo, estava ali repetido três vezes. Ele era *de areia com sinistrogiro de ouro, de punho fechado, enlavadado de prata*, com a coroa de conde, e esta divisa: *Por todas as vias*.

Os carregadores subiram o caixão pesado até o alto da escada e entraram.

As seis capelas, o hemiciclo e as cadeiras estavam cobertas de preto. O catafalco, ao pé do coro, formava com seus grandes círios um só foco de luzes amarelas. Nos dois cantos, sobre candelabros, chamas de lamparinas a álcool queimavam.

Os figurões tomaram assento no santuário, os outros na nave; começou o ofício.

Com raras exceções, a ignorância religiosa de todos era tão profunda que o mestre de cerimônias lhes fazia, de vez em quando, sinal para se levantar, se ajoelhar, se sentar. O órgão e dois contrabaixos alternavam com as vozes; nos intervalos de silêncio, ouvia-se o murmúrio do padre no altar; depois a música e os cantos recomeçavam.

Uma luz opaca caía das três cúpulas; mas a porta aberta enviava horizontalmente como que um rio de claridade branca, que batia em todas as cabeças descobertas; e no ar, a meia altura da nave, pairava uma sombra penetrada pelo reflexo dos dourados que decoravam a nervura dos pendentis e a folhagem dos capitéis.

Para se distrair, Frédéric escutou o *Dies irae*; observava os presentes, tentava ver as pinturas altas demais, que representavam a vida de Madalena. Felizmente, Pellerin veio sentar perto dele, e começou de imediato, a respeito dos afrescos, uma longa dissertação. O sino tocou. Saíram da igreja.

O rabeção, ornamentado com panos caindo e altos penachos, encaminhou-se para o Père-Lachaise, puxado por quatro cavalos pretos com tranças na crina, penachos na cabeça, envoltos até os cascos por longas gualdrapas bordadas de prata. O cocheiro, de botas de montaria, usava um chapéu de três bicos com um crepe comprido caindo. As alças do

caixão eram levadas por quatro personagens: um administrador da Câmara dos Deputados, um membro do Conselho Geral do Aube, um delegado das hulhas — e Fumichon, como amigo. A caleche do defunto e doze carros fúnebres seguiam. Os convidados, atrás, enchiam o meio do bulevar.

Os passantes paravam para ver tudo aquilo; mulheres, com o pirralho nos braços, subiam em cadeiras; e pessoas que tomavam cerveja nos cafés apareciam nas janelas, com um taco de bilhar na mão.

O caminho era longo, e — como nos jantares de cerimônia, em que primeiro se fica reservado, e depois expansivo —, logo o comportamento geral relaxou. Só se conversava sobre a recusa de subsídio apresentada pela Câmara ao Presidente.³⁶ O sr. Piscatory se mostrara muito acerbo, Montalembert, “magnífico, como sempre”, e os srs. Chambolle, Pidoux, Creton, em suma toda a comissão deveria ter seguido, talvez, a opinião dos srs. Quentin-Bauchard e Dufour.

Essas conversas continuaram pela Rue de la Roquette, margeada de lojas onde só se veem correntes de vidro colorido e rodela pretas cobertas de desenhos e letras douradas — o que as faz parecerem grutas cheias de estalactites e armazéns de faiança. Mas em frente à grade do portão do cemitério, todos se calaram instantaneamente.

Os túmulos erguiam-se no meio das árvores, colunas quebradas, pirâmides, templos, dólmens, obeliscos, jazigos etruscos com porta de bronze. Avistavam-se em alguns umas espécies de boudoirs fúnebres, com poltronas rústicas e cadeiras dobráveis. Teias de aranha pendiam como farrapos das correntes das urnas; e a poeira cobria os buquês com fitas de cetim e os crucifixos. Por todo lado, entre as balaustradas, em cima dos túmulos, coroas de perpétuas e castiçais, vasos, flores, rodela pretas realçadas com letras douradas, imagens de gesso: garotinhos e senhoritas pequenas, ou anjinhos presos no ar por um fio de latão; muitos têm até mesmo um teto de zinco sobre a cabeça. Enormes correntes de vidro trabalhado, preto, branco e azul, desciam do alto de estelas até o pé das lápides, com ondulações longas, como serpentes. O sol, batendo em cima, fazia-as cintilar entre as cruces de madeira preta; — e o rabeção avançava pelos caminhos largos, calçados como as ruas de uma cidade. De vez em quando, os eixos estalavam. Mulheres ajoelhadas, com o vestido arrastando na grama, falavam baixinho com os mortos. Luzinhas esbranquiçadas saíam

dos pés de teixos. Eram oferendas abandonadas, detritos que eram queimados.

A sepultura do sr. Dambreuse ficava na vizinhança de Manuel e de Benjamin Constant.³⁷ Nesse lugar, o terreno desce por uma ladeira íngreme. Temos a nossos pés copas verdes de árvores; mais longe, chaminés das bombas acionadas a vapor, e depois toda a cidade grande.

Frédéric pôde admirar a paisagem enquanto pronunciavam os discursos.

O primeiro foi em nome da Câmara dos Deputados, o segundo, em nome do Conselho Geral do Aube, o terceiro, em nome da Sociedade Hulheira de Saône-et-Loire, o quarto, em nome da Sociedade de Agricultura do Yonne; e houve um outro, em nome de uma sociedade filantrópica. Por fim, todos se iam, quando um desconhecido começou a ler um sexto discurso, em nome da Sociedade dos Antiquários de Amiens.

E todos aproveitaram a ocasião para esbravejar contra o socialismo, do qual o sr. Dambreuse tinha morrido como vítima. O espetáculo da anarquia e sua dedicação à ordem é que haviam abreviado seus dias. Exaltaram suas luzes, sua probidade, sua generosidade e até seu mutismo como representante do povo, pois, se ele não era orador, possuía, em compensação, essas qualidades sólidas, mil vezes preferíveis etc., com todas as palavras que devem ser ditas: “Fim prematuro — saudades eternas — a outra pátria — adeus, ou melhor, não, até logo!”.

A terra, misturada com pedrinhas, caiu; e já não se falaria dele neste mundo.

Ainda conversaram um pouco sobre ele ao descerem pelo cemitério; e não se constrangiam ao apreciá-lo. Hussonnet, que devia relatar o enterro nos jornais, até retomou, gracejando, todos os discursos; — pois afinal o bom Dambreuse havia sido um dos *propineiros*³⁸ mais distintos do último reinado. Depois, os carros fúnebres reconduziram os burgueses para seus negócios; a cerimônia não tinha durado muito; e todos se felicitavam por isso.

Frédéric, cansado, voltou para casa.

Quando, no dia seguinte, apresentou-se no palacete Dambreuse, avisaram-lhe que a senhora trabalhava embaixo, no escritório. As caixas e gavetas estavam abertas e todas misturadas, os livros de contas jogados de um lado e outro; um maço de papéis tendo como etiqueta “Cobranças sem

esperança” estava jogado no chão; ele quase caiu ali em cima e o apanhou. A sra. Dambreuse desaparecia, enterrada na grande poltrona.

— E então? Mas onde está? O que há?

Ela se levantou num pulo.

— O que há? Estou arruinada, arruinada!, está ouvindo?

O tabelião, sr. Adolphe Langlois, a mandara ir a seu cartório e lhe comunicara um testamento, escrito pelo marido, antes do casamento deles. Legava tudo a Cécile; e o outro testamento estava perdido. Frédéric ficou muito pálido. Talvez ela tivesse procurado mal?

— Mas olhe então! — disse a sra. Dambreuse, mostrando-lhe o aposento.

Os dois cofres-fortes estavam abertos, arrombados a cajadadas, e ela tinha virado de pernas para o ar a escrivaninha, remexido nos armários, sacudido os capachos, quando de repente, dando um grito agudo, precipitou-se para um canto onde acabava de ver uma caixinha com fechadura de cobre; abriu-a, nada!

— Ah! O miserável! Eu, que cuidei dele com tanta dedicação!

Depois desfez-se em soluços.

— E se estiver em outro lugar? — disse Frédéric.

— Ah, não! Estava aqui! Neste cofre. Recentemente o vi. Foi queimado, tenho certeza!

Um dia, no começo de sua doença, o sr. Dambreuse descera para assinar coisas.

— Foi então que terá armado o seu golpe!

E tornou a cair numa cadeira, arrasada. Uma mãe de luto perto de um berço vazio não é mais digna de pena do que a sra. Dambreuse diante dos cofres-fortes escancarados. Enfim, sua dor — apesar da baixezinha do motivo — parecia tão profunda, que ele tentou consolá-la dizendo que, afinal de contas, ela não estava reduzida à miséria.

— É a miséria, já que não posso oferecer a você uma grande fortuna!

Ela não tinha mais do que trinta mil francos de renda, sem contar o palacete, que valia de dezoito a vinte, talvez.

Conquanto isso fosse uma opulência para Frédéric, nem por isso ele deixava de sentir uma decepção. Adeus, seus sonhos e toda a bela vida que iria levar! A honra o forçava a se casar com a sra. Dambreuse. Refletiu um minuto, e depois, com ar meigo:

— Sempre terei a sua pessoa!

Ela se jogou em seus braços; e ele a apertou contra o peito, com uma ternura em que havia um pouco de admiração por si mesmo. A sra. Dambreuse, cujas lágrimas já não corriam, levantou o rosto, radiante de felicidade e, pegando sua mão:

— Ah! Nunca duvidei de você! Eu contava com você!

Essa certeza antecipada daquilo que ele considerava uma bela ação desagradou ao rapaz.

Depois ela o levou para o quarto, e fizeram projetos. Frédéric devia agora pensar em se lançar. Ela até lhe deu admiráveis conselhos sobre a sua candidatura.

O primeiro ponto era saber duas ou três frases de economia política. Era preciso escolher uma especialidade, como os haras, por exemplo, escrever vários memorandos sobre uma questão de interesse local, ter sempre à disposição agências de correio ou bares onde se vende tabaco, e prestar uma enormidade de pequenos favores. Quanto a isso, o sr. Dambreuse se mostrara um verdadeiro exemplo. Assim, uma vez, no campo, mandou parar o seu carro de transporte, cheio de amigos, na frente da loja de um sapateiro, pegara para seus convidados doze pares de sapatos e, para ele, umas botas horrorosas — que teve até o heroísmo de usar durante quinze dias. Essa história os alegrou. Contou outras, e com um novo alento de graça, juventude e espírito.

Ela aprovou sua ideia de uma viagem imediata a Nogent. As despedidas foram carinhosas; depois, na soleira da porta, murmurou mais uma vez:

— Você me ama, não é?

— Eternamente! — ele respondeu.

Um moço de recados o esperava em casa, com um bilhete escrito a lápis, avisando-lhe que Rosanette ia dar à luz. Nos últimos dias ele tivera tantas ocupações, que não pensava mais nisso. Ela se internara num estabelecimento especial, em Chaillot.

Frédéric pegou um fiacre e foi para lá.

Na esquina da Rue de Marbeuf, leu numa tabuleta em letras grandes: “Casa de saúde e de partos, dirigida pela sra. Alessandri, parteira de primeira classe, ex-aluna da Maternité, autora de diversas obras etc.”. Depois, do meio da rua, viu no alto da porta, na verdade uma portinha falsa, que a tabuleta repetia (sem a palavra “parto”): “Casa de saúde da sra. Alessandri”, com todos os seus títulos.

Frédéric bateu a aldraba.

Uma camareira, com um jeito assanhado, o introduziu no salão, ornamentado com uma mesa de mogno, poltronas de veludo grená e um relógio dentro de um globo.

Quase imediatamente, a Senhora apareceu. Era uma morena alta de quarenta anos, cintura fina, belos olhos, modos mundanos. Informou a Frédéric o feliz parto da mãe e o fez subir ao quarto.

Rosanette começou a sorrir inefavelmente; e, como submersa sob as vagas de amor que a sufocavam, disse baixinho:

— Um menino, ali, ali! — apontando, perto de seu leito, para um bercinho de balanço.

Ele afastou o cortinado e viu, no meio das roupas, algo vermelho amarelado, extremamente enrugado, que cheirava mal e soltava vagidos.

— Beije-o!

Ele respondeu, para esconder a repugnância:

— Mas tenho medo de machucá-lo!

— Não! Não!

Então beijou o filho, com a ponta dos lábios.

— Como se parece com você!

E, com os dois braços fracos, ela se pendurou em seu pescoço, com uma efusão de sentimentos que ele jamais tinha visto.

A lembrança da sra. Dambreuse lhe voltou. Censurou-se por ser uma monstruosidade trair aquela pobre criatura, que amava e sofria com toda a sinceridade de sua natureza. Por vários dias, lhe fez companhia até de noite.

Ela se sentia feliz naquela casa discreta; os postigos da fachada ficavam, aliás, constantemente fechados; seu quarto, forrado de madras claro, dava para um grande jardim; a sra. Alessandri, cujo único defeito era citar como íntimos os médicos ilustres, a cercava de atenções; suas companheiras, quase todas senhoritas do interior, se entediavam muito, não tendo ninguém que fosse vê-las; Rosanette se deu conta de que a invejavam e disse isso a Frédéric, orgulhosa. Precisavam falar baixo, porém; as paredes eram finas e todo mundo ficava à escuta, apesar do barulho constante dos pianos.

Ele ia enfim partir para Nogent quando recebeu uma carta de Deslauriers.

Dois novos candidatos se apresentavam, um conservador, o outro vermelho; um terceiro, fosse quem fosse, não tinha chance. Era culpa de

Frédéric; ele deixara passar o momento certo, deveria ter ido mais cedo, se mexido. “Nem sequer vimos você nos comícios agrícolas!” O advogado o criticava por não ter nenhuma ligação com os jornais. “Ah! Se outrora tivesse seguido os meus conselhos! Se tivéssemos uma folha pública nossa!” Insistia nisso. Aliás, muita gente que teria votado nele, por consideração ao sr. Dambreuse, o abandonaria agora. Deslauriers aí se incluía. Não tendo mais nada a esperar do capitalista, abandonava o seu protegido.

Frédéric levou a carta para a sra. Dambreuse.

— Então você não esteve em Nogent? — disse ela.

— Por quê?

— É que vi Deslauriers, há três dias.

Sabendo da morte do marido dela, o advogado tinha ido levar umas notas sobre as hulhas e lhe oferecer seus préstimos como homem de negócios. Frédéric achou isso estranho; e o que fazia o seu amigo ali?

A sra. Dambreuse quis saber o emprego de seu tempo desde a separação deles.

— Estive doente — ele respondeu.

— Deveria ter me avisado, pelo menos.

— Ah! Não valia a pena; aliás, houve uma porção de transtornos, encontros, visitas.

A partir de então levou uma vida dupla, dormindo religiosamente na casa da Marechala e passando a tarde com a sra. Dambreuse, tanto assim que apenas lhe restava, no meio do dia, uma hora de liberdade.

A criança estava no campo, em Andilly. Iam vê-la toda semana.

A casa da ama de leite ficava no alto da aldeia, no fundo de um pequeno pátio escuro como um poço, com palha no chão, galinhas aqui e ali, uma carroça de legumes debaixo do galpão. Rosanette começava beijando freneticamente seu pequetito; e, tomada por uma espécie de delírio, ia e vinha, tentava ordenhar a cabra, comia pão caseiro, aspirava o cheiro do estrume, do qual queria pôr um pouco no seu lenço.

Depois davam grandes passeios; ela entrava nas casas dos donos de viveiros de plantas, arrancava os galhos de lilases que caíam para fora dos muros, gritava: “Eia, burrinho!” para os burros que puxavam uma carrocinha, parava para contemplar pelo portão o interior dos belos jardins; ou então a ama de leite pegava o menino e o punham à sombra de uma

nogueira; e as duas mulheres conversavam, horas a fio, sobre bobagens enfadonhas.

Perto delas, Frédéric contemplava os lotes de vinhas nas encostas do terreno, com a ramagem de uma árvore aqui e ali, as trilhas poeirentas lembrando fitas acinzentadas, as casas exibindo na horta manchas brancas e vermelhas; e, às vezes, a fumaça de uma locomotiva alongava-se horizontalmente, ao pé das colinas cobertas de folhagens, como uma gigantesca pluma de avestruz cuja ponta leve voasse.

Depois seus olhos recaíam no filho. Imaginava-o um rapaz, que ele transformaria em seu companheiro; mas talvez ele fosse um bobo, um desgraçado com toda a certeza. A ilegalidade de seu nascimento sempre o oprimiria; teria sido melhor para ele não nascer, e Frédéric murmurava: “Pobre criança!”, com o coração cheio de uma incompreensível tristeza.

Volta e meia, perdiam o último transporte. Então a sra. Dambreuse ralhava com ele pela impontualidade. Ele inventava uma história.

Tinha de inventar também para Rosanette. Ela não entendia em que ele empregava todas as tardes; e quando mandava alguém à sua casa, ele nunca estava! Um dia, quando lá estava, elas apareceram quase ao mesmo tempo. Ele fez a Marechala sair e escondeu a sra. Dambreuse dizendo que a mãe ia chegar.

Logo essas mentiras o divertiram; repetia a uma o juramento que acabava de fazer à outra, enviava-lhes dois buquês parecidos, escrevia-lhes ao mesmo tempo, depois estabelecia comparações entre elas; — havia uma terceira, sempre presente em seu pensamento. A impossibilidade de tê-la o justificava por essas perfídias, que avivavam o prazer, aí introduzindo a alternância; e quanto mais tivesse enganado qualquer das duas, mais elas o amavam, como se seus amores tivessem se aquecido reciprocamente e, numa espécie de emulação, cada uma delas tivesse desejado fazê-lo esquecer a outra.

— Admire a minha confiança! — disse-lhe um dia a sra. Dambreuse, abrindo um papel em que a avisavam que o sr. Moreau vivia maritalmente com uma certa Rose Bron.

— Será por acaso a senhorita das corridas?

— Que absurdo! — ele retrucou. — Deixe-me ver.

A carta, escrita em letra de forma, não estava assinada. A sra. Dambreuse, de início, tolerara essa amante que acobertava o adultério deles. Mas como

sua paixão tornava-se mais forte, ela exigira um rompimento, coisa feita há muito tempo, segundo Frédéric; e quando ele terminou seus protestos, ela replicou, piscando as pálpebras em que brilhava um olhar parecido com a ponta de um estilete envolto em musselina:

— E então, e a outra?

— Que outra?

— A mulher do negociante de faianças!

Ele deu de ombros, desdenhando. Ela não insistiu.

Mas um mês depois, quando falavam de honra e lealdade, e ele se gabava da sua (de maneira incidental, por precaução), ela lhe disse:

— É verdade, você é honesto, não volta mais lá.

Frédéric, que pensava na Marechala, balbuciou:

— Aonde mesmo?

— À casa da sra. Arnoux.

Ele lhe pediu que confessasse de onde tinha essa informação. Fora por sua costureira, a sra. Regimbart.

Com que então ela conhecia a vida dele, e ele não sabia nada da sua!

No entanto, tinha descoberto em seu gabinete de toailete a miniatura de um senhor de bigodes compridos: seria o mesmo sobre quem lhe haviam contado outrora uma vaga história de suicídio? Mas não havia nenhuma maneira de saber mais a respeito! Aliás, qual o interesse? Os corações das mulheres são como esses pequenos móveis com segredo, cheios de gavetas metidas umas nas outras; e a gente se esforça, quebra as unhas, e encontra no fundo alguma flor ressequida, grãosinhos de poeira — ou o vazio! E além disso, ele temia talvez ficar sabendo demais.

Ela o fazia recusar os convites em que não podia acompanhá-lo, mantinha-o a seu lado, temia perdê-lo; e apesar dessa união cada dia forte, de repente abismos se revelavam entre eles, a propósito de coisas insignificantes, a apreciação de uma pessoa, de uma obra de arte.

Ela tocava piano de um jeito correto, mas duro. Seu espiritualismo (a sra. Dambreuse acreditava na transmigração das almas nas estrelas) não a impedia de cuidar de seu dinheiro admiravelmente. Era ativa com os empregados; os olhos ficavam secos diante dos andrajos dos pobres. Um egoísmo ingênuo explodia em suas locuções correntes: “O que isso me interessa? Eu seria uma boba! E eu lá preciso disso?”, e em mil pequenas ações não analisáveis, odiosas. Teria escutado atrás de portas; devia mentir

para seu confessor. Por espírito de dominação, quis que Frédéric a acompanhasse aos domingos à igreja. Ele obedeceu, e levou o missal.

A perda de sua herança a transformara consideravelmente. Essas marcas de uma tristeza, que era atribuída à morte do sr. Dambreuse, a tornavam interessante; e, como no passado, recebia muita gente. Desde o fracasso eleitoral de Frédéric, ela ambicionava para eles dois uma legação na Alemanha; assim, a primeira coisa a fazer era se submeter às ideias reinantes.

Uns desejavam o Império, outros, os Orléans, outros, o conde de Chambord; mas todos estavam de acordo sobre a urgência da descentralização, e vários meios eram propostos, como: cortar Paris numa profusão de grandes ruas para aí estabelecer vilarejos, transferir para Versailles a sede do governo, pôr as escolas em Bourges, suprimir as bibliotecas, confiar tudo aos generais de divisão; — e se exaltavam os campos, pois o homem iletrado tinha naturalmente mais sensatez que os outros! Os ódios pululavam: ódio contra os professores primários e contra os comerciantes de vinho, contra as aulas de filosofia, contra os cursos de história, contra os romances, os coletes vermelhos,³⁹ as barbas compridas, contra qualquer independência, qualquer manifestação individual; pois era preciso “reconstituir o princípio de autoridade”, para que esta se exercesse em nome de qualquer pessoa, que viesse de qualquer lugar, contanto que fosse a Força, a Autoridade! Os conservadores agora falavam como Sénécal. Frédéric não entendia mais nada; e encontrava na casa de sua antiga amante as mesmas propostas, feitas pelos mesmos homens!

Os salões das madames⁴⁰ (é desse tempo que data sua importância) eram um terreno neutro, em que os reacionários de campos diversos se encontravam. Hussonnet, que se dedicava ao achincalhe das glórias contemporâneas (boa coisa para a restauração da Ordem), inspirou a Rosanette o desejo de ter, como qualquer outra, as suas noitadas; ele escreveria a respeito; e para isso levou, primeiro, um homem sério, Fumichon; depois apareceram Nonancourt, o sr. de Grémonville, o sr. de Larsillois, ex-prefeito, e Cisy, que agora era agrônomo, baixo-bretão e mais que nunca cristão.

Iam, além desses, antigos amantes da Marechala, como o barão de Comaing, o conde de Jumillac e alguns outros; a liberdade de suas maneiras magoava Frédéric.

Para se impor como dono da casa, elevou o padrão doméstico. Então, contrataram um laçao, trocaram de apartamento e compraram uma mobília nova. Essas despesas eram úteis para fazer com que seu casamento parecesse mais proporcional à sua fortuna. Aliás, essa fortuna diminuía a olhos vistos; — e Rosanette não entendia rigorosamente nada daquilo!

Burguesa desclassificada, adorava a vida do lar, um pequeno interior sossegado. No entanto, estava contente de ter “o seu dia”. Dizia: “Aqueles mulheres!”, ao falar de suas semelhantes; queria ser “uma senhora da sociedade”, e acreditava ser uma. Pediu-lhe que não mais fumasse no salão, tentou fazê-lo comer peixe às sextas-feiras, por ser de bom-tom.

Em suma, mentia no seu papel, pois ia levando aquilo a sério, e até, antes de dormir, sempre mostrava um pouco de melancolia, assim como há ciprestes na porta de um bar.

Ele descobriu a razão disso: ela sonhava com o casamento — ela também! Frédéric ficou desesperado. Aliás, lembrava-se de sua aparição na casa da sra. Arnoux, e além disso sentia rancor por ela por sua longa resistência.

Nem por isso deixava de tentar saber quais tinham sido os seus amantes. Ela os negava todos. Uma espécie de ciúme o invadiu. Irritou-se com os presentes que ela recebera, que ela recebia; — e à medida que a própria essência de sua pessoa o agastava mais, um gosto acre e bestial dos sentidos o arrastava para ela, ilusões de um minuto que se dissolviam em ódio.

Suas palavras, sua voz, seu sorriso, tudo acabou por desagradá-lo, seus olhares sobretudo, aqueles olhos de mulher eternamente límpidos e inertes. Às vezes ficava tão fora de si, que a teria visto morrer sem emoção. Mas como se zangar? Ela era de uma doçura desesperadora.

Deslauriers reapareceu e explicou sua estada em Nogent, dizendo que estava negociando por lá um escritório de advocacia. Frédéric ficou feliz em revê-lo; ele era alguém! E o pôs como a terceira pessoa que faria companhia às duas que formavam o casal.

Veza por outra o advogado jantava na casa deles, e, quando surgiam pequenas contestações, sempre se declarava a favor de Rosanette, tanto assim que uma vez Frédéric lhe disse:

— Ah! Durma com ela para ver o que é bom! — de tal forma desejava um acaso que o livrasse dela.

Em meados de junho, ela recebeu uma intimação em que o dr. Athanase Gautherot, oficial de justiça, lhe ordenava que pagasse quatro mil francos devidos à srta. Clémence Vatnaz; do contrário, viria no dia seguinte para a penhora.

De fato, das quatro promissórias subscritas anteriormente, só uma estava paga; — o dinheiro que ela conseguira juntar desde então tinha ido para outras necessidades.

Ela correu à casa de Arnoux. Ele estava morando no Faubourg Saint-Germain, mas o porteiro ignorava a rua. Ela se dirigiu à casa de vários amigos, não encontrou ninguém e voltou desesperada. Não queria dizer nada a Frédéric, morrendo de medo que essa nova história prejudicasse o seu casamento.

Na manhã seguinte, o dr. Athanase Gautherot se apresentou, ladeado por dois acólitos, um pálido, com cara de sonso, o semblante devorado de inveja, o outro usando um colarinho postiço e presilhas muito esticadas, com uma dedeira de tafetá preto no indicador; — e ambos, ignobilmente sujos, com golas sebatas, mangas de sobrecasaca muito curtas.

O chefe deles, ao contrário, um homem muito bonito, começou se desculpando de sua penosa missão, enquanto olhava para o apartamento “cheio de coisas bonitas, palavra de honra!”. Acrescentou: “além daquelas que não é possível penhorar”. Com um gesto, os dois auxiliares de beleguim desapareceram.

Então, seus cumprimentos redobram. Podia-se acreditar que uma pessoa tão... encantadora não tivesse um amigo sério? Uma venda por decisão judicial era uma verdadeira desgraça! Nunca mais nos recuperamos. Tentou assustá-la; depois, vendo-a emocionada, adotou subitamente um tom paternal. Conhecia a sociedade, tratara com todas aquelas senhoras; e ao nomeá-las, examinava os quadros nas paredes. Eram antigos quadros do bravo Arnoux, esboços de Sombaz, aquarelas de Burieu, três paisagens de Dittmer. Rosanette não sabia o preço deles, evidentemente. O dr. Gautherot virou-se para ela:

— Veja! Para lhe mostrar que sou um bom rapaz, façamos uma coisa: ceda-me aqueles Dittmer ali! E eu pago tudo. Está combinado?

Nesse momento, Frédéric, que fora avisado por Delphine na antessala e que acabava de ver os dois auxiliares, entrou com o chapéu na cabeça e um

ar brutal. O dr. Gautherot recuperou a dignidade; e como a porta ficara aberta:

— Vamos, senhores, escrevam! No segundo aposento, dizemos: uma mesa de carvalho, com as duas extensões, dois bufês...

Frédéric o interrompeu, perguntando se não havia alguma maneira de impedir a penhora.

— Ah! Perfeitamente! Quem pagou os móveis?

— Eu.

— Pois bem, formule uma reivindicação; é sempre um modo de ganhar tempo.

O dr. Gautherot acabou rapidamente as anotações e, no relatório, intimou para que comparecesse ao tribunal a srta. Bron, e depois se retirou.

Frédéric não fez nenhuma crítica. Contemplava sobre o tapete os rastros de lama deixados pelos sapatos dos auxiliares; e, falando consigo mesmo:

“Vai ser preciso achar dinheiro!”

— Ah! Meu Deus, como sou boba! — disse a Marechala.

Remexeu numa gaveta, pegou uma carta e foi depressa à Société d'Éclairage du Languedoc, a fim de obter a transferência de suas ações.

Voltou uma hora depois. Os títulos tinham sido vendidos a outro! O funcionário lhe respondera, ao examinar o papel com a promessa escrita por Arnoux: “Este ato não a constitui proprietária, de maneira nenhuma. A Companhia não reconhece isso”. Em suma, ele a havia despachado, e ela se sufocava com isso; e Frédéric devia ir dali a pouco à casa de Arnoux, para esclarecer a coisa.

Mas Arnoux pensaria, talvez, que ele estava indo para cobrar indiretamente os quinze mil francos de sua hipoteca perdida; e depois, essa reclamação feita a um homem que tinha sido amante de sua amante lhe parecia uma torpeza. Escolhendo um meio-termo, foi pegar no palacete Dambreuse o endereço da sra. Regimbart, mandou um moço de recados à casa dela, e assim conheceu o café que agora o Cidadão frequentava.

Era um pequeno café na Place de la Bastille, onde ele ficava o dia todo, no canto da direita, no fundo, mexendo-se tão pouco como se fizesse parte do imóvel.

Depois de passar sucessivamente pela meia taça, pelo grogue, pelo vinho com laranja, pelo vinho quente, e até pela água batizada de vinho, voltara para a cerveja; e de meia em meia hora deixava cair estas palavras: “Uma

caneca!”, tendo reduzido sua linguagem ao indispensável. Frédéric lhe perguntou se às vezes via Arnoux.

— Não.

— Mas por quê?

— Um imbecil!

A política, talvez, os separasse, e Frédéric achou que era boa coisa informar-se sobre Compain.

— Que estúpido! — disse Regimbart.

— Como assim?

— Sua cabeça de vitela!

— Ah! Conte-me o que é a cabeça de vitela!

Regimbart deu um sorriso de piedade.

— Umas besteiras!

Frédéric, depois de um longo silêncio, prosseguiu:

— Então ele mudou de casa?

— Quem?

— Arnoux!

— Sim: Rue de Fleurus!

— Que número?

— E você acha que eu frequento os jesuítas?

— Como assim, jesuítas?

O Cidadão respondeu, furioso:

— Com o dinheiro de um patriota que eu apresentei a ele, esse porco se estabeleceu como vendedor de terços!

— Não é possível!

— Vá lá ver!

Nada mais verdadeiro; Arnoux, enfraquecido por um ataque, tinha caído na religião; aliás, “sempre tivera um fundo de religião”, e (com a aliança de mercantilismo e ingenuidade que lhe era natural) para conseguir sua salvação e sua fortuna, metera-se no comércio de objetos religiosos.

Frédéric não custou a descobrir o estabelecimento, cujo anúncio dizia: “Às *artes góticas*. — Restauração do culto. — Ornamentos de igreja. — Imagens policromadas. — Incenso dos reis magos etc.”.

Nos dois cantos da vitrine erguiam-se duas imagens de madeira, salpicadas de ouro, cinábrio e azul; um são João Batista com sua pele de carneiro, e uma santa Genoveva, com rosas sobre o avental e uma roca

debaixo do braço; depois, conjuntos de gesso: uma freira instruindo uma garotinha, uma mãe de joelhos perto de um berço, três colegas diante da santa ceia. O mais bonito era uma espécie de chalé figurando o interior do presépio, com o burro, o boi e o Menino Jesus estendido sobre palha, palha de verdade. De alto a baixo das prateleiras, viam-se medalhas vendidas à dúzia, terços de toda espécie, pias de água benta em forma de concha e os retratos das glórias eclesiásticas, entre as quais brilhavam o monsenhor Affre e nosso Santo Padre, ambos sorrindo.

Arnoux, em seu balcão, cochilava de cabeça baixa. Estava tremendamente envelhecido, e até tinha ao redor das têmporas uma coroa de carocinhos cor-de-rosa,⁴¹ onde caía o reflexo dos crucifixos dourados sobre os quais o sol batia.

Frédéric, diante dessa decadência, foi tomado de tristeza. Por dedicação à Marechala, resignou-se, porém, e avançou; no fundo da loja, apareceu a sra. Arnoux; então, ele voltou atrás.

— Não o encontrei — disse ao voltar para casa.

E de nada adiantou responder que ia escrever, agora mesmo, ao seu tabelião do Havre para ter dinheiro, pois Rosanette se exaltou. Nunca tinha se visto um homem tão fraco, tão molenga; enquanto ela suportava mil privações, os outros se refestelavam.

Frédéric pensava na pobre sra. Arnoux, imaginando a mediocridade lamentável de sua casa. Sentou-se à escrivania, e como a voz azeda de Rosanette continuasse:

— Ah! Pelo amor de Deus, cale-se!

— Vai defendê-los, por acaso?

— Pois bem, vou! — ele exclamou —, e de onde vem essa sanha?

— Mas você, por que não quer que eles paguem? É que está com medo de afligir a sua antiga amante, confesse!

Ele teve vontade de matá-la com o relógio de pêndulo; as palavras lhe faltaram. Calou-se. Rosanette, enquanto andava pelo quarto, acrescentou:

— Vou tascar um processo nesse seu Arnoux. Ah! Não preciso de você! — E, mordendo os lábios: — Vou fazer uma consulta.

Três dias depois, Delphine entrou abruptamente.

— Senhora, senhora, tem lá embaixo um homem com um pote de cola e que me dá medo.

Rosanette passou para a cozinha e viu um vagabundo, com a cara crivada de bexiga, parálitico de um braço, quase totalmente embriagado e gaguejando.

Era o colador de avisos do dr. Gautherot. Como a oposição à penhora fora indeferida, a venda, naturalmente, seguia.

Por seu trabalho de ter subido a escada, ele primeiro pediu um copinho; — depois, implorou outro favor, a saber, ingressos de espetáculo, achando que a Senhora era uma atriz. Em seguida, ficou vários minutos dando piscadelas incompreensíveis. Por fim, declarou que, mediante quarenta tostões, rasgaria os cantos do aviso já colado embaixo, na porta. Ali Rosanette via-se designada por seu nome, rigor excepcional que marcava todo o ódio da Vatnaz.

Outrora tinha sido sensível, e até, num gesto do coração, escrevera a Béranger para obter um conselho. Mas se tornara amarga devido às borrascas da vida, tendo, sucessivamente, dado aulas de piano, comandado as mesas de um restaurante, colaborado em jornais de moda, sublocado apartamentos, feito tráfico de rendas no mundo das mulheres de vida fácil — onde suas relações lhe permitiram obsequiar muitas pessoas, Arnoux entre outras. Antes, trabalhara numa casa comercial.

Ali, era quem pagava às operárias; e havia para cada uma delas duas cadernetas, uma das quais sempre ficava em suas mãos. Dussardier, que guardava por gentileza a caderneta de uma certa Hortense Baslin, um dia apresentou-se à caixa no momento em que a srta. Vatnaz apresentava a conta dessa moça, 1682 francos, que então o caixeiro lhe pagou. Ora, ainda na véspera Dussardier só tinha inscrito 1082 no livro da Baslin.⁴² Ele lhe pediu de novo a caderneta, com uma desculpa qualquer; depois, querendo enterrar essa história de roubo, contou-lhe que a havia perdido. A operária repetiu ingenuamente essa mentira para a srta. Vatnaz; esta, para pôr tudo em pratos limpos, foi com um ar indiferente falar a respeito com o bravo empregado. Ele se contentou em responder: “Eu a queimei”; e mais nada. Pouco tempo depois ela deixou a casa comercial, sem acreditar na destruição da caderneta e imaginando que Dussardier a guardava.

Ao saber da notícia de seu ferimento, acorrera à casa dele, com a intenção de recuperá-la. Depois, não tendo descoberto nada, apesar das averiguações mais minuciosas, passara a ter respeito, e logo amor, por aquele rapaz tão leal, tão doce, tão heroico e tão forte! Uma sorte dessa, na sua idade, era

inesperada. Jogou-se em cima dele com um apetite de ogro — e abandonara a literatura, o socialismo, “as doutrinas consoladoras e as utopias generosas”, o curso que proferia sobre a *Dessubalternização da mulher*, tudo, o próprio Delmar; afinal, ofereceu a Dussardier unirem-se por casamento.

Embora ela fosse sua amante, ele não estava nem um pouco apaixonado. Aliás, não se esquecera do roubo. Além disso, era muito rica. Recusou-a. Então ela lhe disse, chorando, os sonhos que alimentava: terem, os dois, uma loja de confecção. Ela possuía os primeiros fundos indispensáveis, que na semana seguinte seriam acrescidos de quatro mil francos; e falou das suas ações judiciais contra a Marechala.

Dussardier ficou triste com isso, por causa de seu amigo. Lembrava-se da cigareira oferecida no corpo de guarda, das noites no Quai Napoléon, de tantas boas conversas, dos livros emprestados, das mil condescendências de Frédéric. Pediu à Vatnaz que desistisse.

Ela o repreendeu por sua bondade, manifestando contra Rosanette uma execração incompreensível; desejava a fortuna só mesmo para, mais tarde, esmagá-la com sua carruagem.

Esses abismos de perfídia apavoraram Dussardier; e quando soube com certeza do dia da venda, saiu. Já na manhã seguinte entrava na casa de Frédéric um tanto constrangido.

— Tenho que lhe pedir desculpas.

— Mas de quê?

— Você deve me julgar um ingrato, eu, de quem ela é... — Balbuciava. — Ah! Não voltarei a vê-la, não serei seu cúmplice! — E como o outro o olhasse muito surpreso: — Não vão, daqui a três dias, vender os móveis da sua amante?

— Quem lhe disse isso?

— Ela mesma, a Vatnaz! Mas receio o estar ofendendo...

— Impossível, caro amigo!

— Ah! É verdade, você é tão bom!

E entregou-lhe, num gesto discreto, uma carteirinha de couro.

Eram quatro mil francos, todas as suas economias.

— Como? Ah, não!... Não!...

— Eu bem sabia que iria feri-lo — replicou Dussardier, com uma lágrima no canto dos olhos.

Frédéric apertou sua mão; e o bravo rapaz prosseguiu, com voz dolente:

— Aceite-os! Dê-me esse prazer! Estou tão desesperado! Aliás, não está tudo terminado? Quando a revolução chegou, acreditei que seríamos felizes. Lembre-se de como foi bonito! Como respirávamos bem! Mas eis-nos novamente caídos, piores que nunca.

E, fixando os olhos no chão:

— Agora, eles matam a nossa República, como mataram a outra, a romana, e a pobre Veneza, a pobre Polônia, a pobre Hungria! Que abominações! Primeiro, abateram as árvores da liberdade, depois restringiram o direito de sufrágio, fecharam os clubes, restabeleceram a censura e entregaram o ensino aos padres, à espera da Inquisição. Por que não? Conservadores nos desejam até mesmo a chegada dos cossacos! Condenam os jornais quando falam contra a pena de morte, Paris está repleta de baionetas, dezesseis departamentos estão em estado de sítio; — e a anistia, que está sendo mais uma vez rejeitada!

Pôs as mãos na testa; depois, abrindo os braços como num imenso desespero:

— Se, porém, tentássemos! Se tivéssemos boa-fé, poderíamos nos entender! Mas não! Os operários não valem mais do que os burgueses, sabe! Ultimamente, em Elbeuf recusaram-se a prestar socorro num incêndio. Uns miseráveis chamam Barbès de aristocrata! Para zombarem do povo, querem nomear Nadaud presidente,⁴³ um pedreiro, veja que coisa! E não jeito, não há remédio! Todo mundo está contra nós! Eu nunca fiz mal a ninguém, e no entanto é como um peso que me oprime o estômago. Vou enlouquecer se isso continuar. Tenho vontade de me deixar matar. Estou lhe dizendo que não preciso do meu dinheiro! Você vai me devolvê-lo, ora essa! Estou emprestando!

Frédéric, forçado pela necessidade, acabou pegando seus quatro mil francos. Assim, em relação à Vatnaz, já não tinham preocupação.

Mas breve Rosanette perdeu seu processo contra Arnoux e, por teimosia, quis apelar.

Deslauriers se cansava em fazê-la entender que a promessa de Arnoux não constituía uma doação, nem uma cessão regular; ela sequer o escutava, achando injusta a lei; era porque ela era uma mulher, pois os homens, entre si, se apoiavam! No final, porém, seguiu seus conselhos.

Ele se sentia tão à vontade na casa que, várias vezes, levou Sénécal para jantar lá. Essa sem-cerimônia desagradou a Frédéric, que lhe adiantava dinheiro, e até mesmo o fazia se vestir com o seu alfaiate; e o advogado dava suas velhas sobrecasacas ao socialista, cujos meios de subsistência eram desconhecidos.

Deslauriers gostaria de fazer um favor a Rosanette, porém. Um dia que ela lhe mostrava doze ações da companhia de caulim (a empresa que levava Arnoux a ser condenado a trinta mil francos), disse-lhe:

— Isso é meio desonesto! Mas é fantástico!

Ela tinha o direito de processá-lo para o reembolso de seus créditos. Primeiro, provaria que ele devia, solidariamente, pagar todo o passivo da companhia, e depois, que tinha declarado como dívidas coletivas as dívidas pessoais, e por último, que tinha desviado muitos fundos da sociedade.

— Tudo isso o torna culpado de bancarrota fraudulenta, artigos 586 e 587 do Código de Comércio; e vamos engaiolá-lo, tenha certeza, minha boneca.

Rosanette pulou no seu pescoço. Ele a recomendou, no dia seguinte, ao seu antigo patrão, pois não podia ele mesmo cuidar do processo, já que estava sendo requisitado em Nogent; Sénécal lhe escreveria, em caso de urgência.

Suas negociações para a compra de um escritório eram um pretexto. Passava o tempo na casa do sr. Roque, onde começara, não só a elogiar o amigo comum, mas a imitá-lo em seus jeitos e na linguagem, tanto quanto possível; — o que lhe conferira a confiança de Louise, enquanto ele ganhava a de seu pai jogando-se furiosamente contra Ledru-Rollin.

Se Frédéric não voltava era porque frequentava a alta-roda; e aos poucos Deslauriers lhes informou que ele amava alguém, que tinha um filho, que sustentava uma criatura.

O desespero de Louise foi imenso, a indignação da sra. Moreau não menos forte. Via o filho sendo levado num turbilhão para o fundo de um vago abismo, estava ferida em sua religião das conveniências e sentia como que uma desonra pessoal, quando de repente sua fisionomia mudou. Às perguntas que lhe faziam sobre Frédéric, respondia com ar maroto:

— Ele vai bem, muito bem.

Sabia de seu casamento com a sra. Dambreuse.

A data estava marcada; e ele até tentava fazer Rosanette engolir aquilo.

Em meados de outubro, ela ganhou o processo relativo às ações do caulim. Frédéric soube disso ao encontrar em sua porta Sénécal, que saía da audiência.

Tinham reconhecido o sr. Arnoux como cúmplice de todas as fraudes; e o ex-professor parecia se alegrar tanto que Frédéric o impediu de subir, garantindo que se encarregaria de dar o recado a Rosanette. Entrou na casa dela com cara irritada.

— Pois bem, está muito contente, não está?

Sem reparar nessas palavras, ela disse:

— Mas olhe só!

E mostrou-lhe o filho deitado num berço, perto da lareira. Ela o encontrara tão mal de manhã, na casa da ama de leite, que o trouxera para Paris.

Todos os seus membros tinham definhado terrivelmente e seus lábios cobertos de pontos brancos formavam dentro da boca como que coágulos de leite.

— O que o médico disse?

— Ah! O médico! Alega que a viagem aumentou sua... não sei mais, uma palavra em *ite*... em suma, que ele está com sapinhos! Conhece isso?

Frédéric não hesitou em responder: “Com certeza”, acrescentando que não era nada.

Mas à noite ficou assustado com o aspecto frágil da criança e o avanço daquelas manchas esbranquiçadas, parecendo mofo, como se a vida, já abandonando aquele pobre corpinho, só tivesse deixado uma matéria em que a vegetação crescia. Suas mãos estavam frias; agora ele não conseguia mais beber; e a ama de leite, uma outra que o porteiro tinha ido buscar num escritório, repetia:

— Ele me parece bem ruinzinho, bem ruinzinho!

Rosanette ficou em pé a noite toda.

De manhã, foi falar com Frédéric.

— Venha ver. Ele não se mexe mais.

De fato, estava morto. Ela o pegou, o sacudiu, o abraçou chamando-o pelos nomes mais carinhosos, cobria-o de beijos e soluços, girava sobre si mesma, desesperada, arrancava os cabelos, dava gritos; — e deixou-se cair na beira do sofá, onde ficou de boca aberta, com uma torrente de lágrimas caindo de seus olhos parados. Depois, um torpor a invadiu, e no

apartamento tudo sossegou. Os móveis estavam derrubados. No chão havia duas ou três toalhas. Seis horas bateram. A lamparina se apagou.

Ao olhar aquilo tudo, Frédéric quase acreditava sonhar. Seu coração estava apertado de angústia. Parecia-lhe que aquela morte era apenas um começo, e que por trás havia uma desgraça mais considerável prestes a acontecer.

De repente Rosanette disse com voz carinhosa:

— Nós vamos conservá-lo, não é mesmo?

Desejava embalsamá-lo. Havia muitos obstáculos a isso. O maior, segundo Frédéric, era que a coisa era impraticável em crianças tão jovens. Era melhor um retrato. Ela acatou a ideia. Ele escreveu um bilhete a Pellerin, e Delphine foi correndo levá-lo.

Pellerin chegou prontamente, querendo apagar com esse zelo qualquer lembrança de seu comportamento. Disse, primeiro:

— Pobre anjinho! Ah! Meu Deus, que desgraça!

Mas aos poucos (impondo-se o artista que havia nele), disse que não se podia fazer nada com aqueles olhos bistres, aquela face lívida, que era uma verdadeira natureza-morta, que seria preciso muito talento; e murmurava:

— Ah! Nada fácil, nada fácil!

— Contanto que fique parecido — objetou Rosanette.

— Ora! Estou pouco ligando para semelhança! Abaixo o Realismo! É o espírito que pintamos! Deixem-me! Vou tentar imaginar como deve ser isso.

Refletiu, com a testa na mão esquerda e o cotovelo na direita; depois, de repente:

— Ah! Uma ideia! Um pastel! Com meias-tintas coloridas, passadas quase horizontalmente, é possível obter um belo modelado, só nos contornos.

Mandou a camareira buscar sua caixa; depois, com uma cadeira sob os pés e outra perto dele, começou a fazer uns grandes traços, tão calmo como se estivesse trabalhando a partir de um relevo. Elogiava os pequenos são João de Correggio, a infanta Rosa de Velázquez, as carnes leitosas de Reynolds, a distinção de Lawrence, e sobretudo a criança de cabelos compridos que está no colo de Lady Glower.

— Aliás, pode haver algo mais encantador do que aqueles meninotes? O sublime típico (como Rafael provou com suas madonas) não seria talvez a mãe com o filho?

Rosanette, que se sentia sufocada, saiu; e Pellerin logo disse:

— Pois é, Arnoux!... Sabe o que está acontecendo?

— Não! O quê?

— Por sinal, aquilo devia acabar assim!

— Mas o que é?

— Ele talvez esteja agora... Desculpe!

O artista se levantou para elevar a cabeça do pequeno cadáver.

— Estava dizendo...? — recomeçou Frédéric.

E Pellerin, enquanto piscava para melhor tomar as medidas:

— Eu estava dizendo que nosso amigo Arnoux talvez esteja, agora, atrás das grades!

Depois, num tom satisfeito:

— Olhe um pouco! É isso?

— Sim, muito bem! Mas, e Arnoux?

Pellerin largou o lápis.

— Pelo que pude entender, está sendo processado por um certo Mignot, um íntimo de Regimbart, que boa cabeça, esse aí, hein? Que idiota! Imagine que um dia...

— Ei! Não se trata de Regimbart!

— É verdade. Pois bem, Arnoux, ontem à noite, deveria encontrar doze mil francos, senão estaria frito.

— Ah! Talvez seja um exagero — disse Frédéric.

— De jeito nenhum! Aquilo me pareceu grave, muito grave!

Rosanette, nesse momento, reapareceu com olheiras vermelhas, ardentes, como camadas de maquiagem. Foi para perto da tela e olhou. Pellerin fez sinal de que se calaria por causa dela. Mas Frédéric, sem prestar atenção:

— Não consigo acreditar...

— Repito-lhe que o encontrei ontem — disse o artista —, às sete da noite, na Rue Jacob. Ele estava até com o passaporte, por precaução; e falava em embarcar para o Havre, ele e toda a tribo.

— Como? Com a mulher?

— Sem dúvida! Ele é muito bom pai de família para viver sozinho.

— Tem certeza?...

— Ora bolas! Onde é que você acha que ele vai conseguir doze mil francos?

Frédéric deu duas ou três voltas pelo quarto. Estava ofegante, mordida os lábios, depois pegou o chapéu.

— Mas aonde você vai? — disse Rosanette.

Ele não respondeu, e desapareceu.

V

Ele precisava de doze mil francos, ou então não tornaria a ver a sra. Arnoux; e, até agora, uma esperança invencível lhe ficara. Será que ela não formava como que a substância de seu coração, o próprio fundo de sua vida? Por alguns minutos cambaleou na calçada, corroendo-se de angústias, feliz porém de já não estar na casa da outra.

Onde conseguir dinheiro? Frédéric sabia por experiência como é difícil obtê-lo imediatamente, a qualquer preço. Uma só pessoa podia ajudá-lo, a sra. Dambreuse. Ela sempre guardava na escrivaninha várias notas de dinheiro. Foi à casa dela; e, num tom atrevido:

— Tem doze mil francos para me emprestar?

— Por quê?

Era um segredo de outra pessoa. Ela queria saber quem era. Ele não cedeu. Os dois se obstinavam. Por fim, ela declarou não dar nada antes de esclarecer com que objetivo. Frédéric ficou muito vermelho. Um de seus companheiros tinha cometido um roubo. A quantia devia ser devolvida hoje mesmo.

— Como você o chama? Nome dele? Vejamos, nome dele?

— Dussardier.

E ele se jogou de joelhos, suplicando-lhe não dizer nada.

— Que ideia faz de mim? — retrucou a sra. Dambreuse. — Seria de crer que você é o culpado. Acabe logo com esses seus ares trágicos! Pronto, aqui estão, que ele faça bom proveito!

Correu à casa de Arnoux. O comerciante não estava na loja. Mas continuava a morar na Rue Paradis, pois possuía dois domicílios.

Na Rue Paradis, o porteiro jurou que o sr. Arnoux estava ausente desde a véspera; quanto à Senhora, não ousava dizer nada; e Frédéric, tendo subido a escada como uma flecha, colou o ouvido na fechadura. Por fim, abriram.

A senhora tinha partido com o senhor. A empregada ignorava quando voltariam; seus ordenados estavam pagos; ela mesma estava indo embora.

— Mas há alguém?

— Ah, não senhor! É o vento!

Então ele se retirou. Pouco importava, um sumiço tão rápido tinha algo inexplicável.

Regimbart, como íntimo de Mignot, poderia talvez esclarecê-lo? E Frédéric foi conduzido à casa dele, em Montmartre, na Rue de l'Empereur.

Sua casa tinha ao lado um jardimzinho, cercado por uma grade fechada com placas de ferro. Uma escadinha de três degraus realçava a fachada branca; e quem passasse pela calçada avistava os dois cômodos do térreo, o primeiro um salão com vestidos em cima de todos os móveis, e o segundo, o ateliê onde ficavam as costureiras da sra. Regimbart.

Todas estavam convencidas de que o Senhor tinha grandes ocupações, grandes relações, que era um homem absolutamente fora de série. Quando ele atravessava o corredor, com o chapéu de abas viradas, o rosto comprido sério e a sobrecasaca verde, elas paravam suas tarefas. Aliás, nunca deixava de dirigir-lhes uma palavra de estímulo, uma cortesia na forma de provérbio; — e mais tarde, em casa, elas se sentiam infelizes porque o tinham visto como seu ideal.

Nenhuma, contudo, o amava como a sra. Regimbart, criaturinha inteligente que o sustentava com o seu ofício.

Assim que o sr. Moreau disse o seu nome, ela foi prontamente recebê-lo, sabendo pelos criados o que ele era da sra. Dambreuse. Seu marido “estava voltando agora mesmo”, e Frédéric, enquanto a seguia, admirou a arrumação do lar e a quantidade de tecido encerado que havia ali. Depois, esperou uns minutos numa espécie de escritório, onde o Cidadão se retirava para pensar.

Sua acolhida foi menos rebarbativa que de costume.

Contou a história de Arnoux. O ex-fabricante de faianças tinha espinafrado Mignot, um patriota, possuidor de cem ações do *Le Siècle*, demonstrando-lhe que, do ponto de vista democrático, era preciso mudar a gerência e a redação do jornal; e a pretexto de fazer sua opinião triunfar na próxima assembleia dos acionistas, pedira-lhe cinquenta ações, dizendo que as repassaria a amigos seguros, os quais apoiariam o seu voto; Mignot não teria nenhuma responsabilidade nisso, não se indisporia com ninguém;

depois, se fosse bem-sucedido, ele o faria ocupar na administração um bom lugar, de cinco a seis mil francos no mínimo. As ações foram entregues. Mas Arnoux, imediatamente, as vendera; e, com o dinheiro, associara-se a um comerciante de artigos religiosos. Diante disso, seguiram-se reclamações de Mignot e engambelações de Arnoux; afinal, o patriota o ameaçara com uma queixa por falcatrua, se ele não devolvesse seus títulos ou a quantia equivalente: cinquenta mil francos.

Frédéric pareceu desesperado.

— E não é só isso — disse o Cidadão. — Mignot, que é um bom homem, contentou-se com a quarta parte. Novas promessas do outro, novas trapanças, naturalmente. Em suma, anteontem de manhã Mignot o intimou a lhe devolver, em vinte e quatro horas, e sem prejuízo do resto, doze mil francos.

— Mas eu os tenho! — disse Frédéric.

O Cidadão se virou, lentamente:

— Está de brincadeira!

— Como? Estão no meu bolso. Eu os trouxe.

— Vamos com calma! Pelo amor de Deus! Aliás, não dá mais tempo; a queixa foi registrada, e Arnoux partiu.

— Sozinho?

— Não! Com a mulher. Foram vistos na Gare du Havre.

Frédéric ficou extremamente pálido. A sra. Regimbart pensou que ele fosse desmaiar. Ele se conteve, e até lhe veio força para fazer duas ou três perguntas sobre a aventura. Regimbart se entristecia com aquilo, pois tudo, em suma, prejudicava a Democracia. Arnoux nunca soubera se comportar e era desorganizado.

— Um verdadeiro cabeça-tonta! Gastava a rodo! As saias o perderam! Não é dele que tenho pena, mas de sua pobre mulher! — pois o Cidadão admirava as mulheres virtuosas e tinha muito em conta a sra. Arnoux. — Ela deve ter sofrido à beça!

Frédéric ficou-lhe agradecido por essa simpatia; e, como se tivesse recebido um favor, apertou-lhe a mão efusivamente.

— Encontrou todo mundo que devia encontrar? — perguntou Rosanette ao revê-lo.

Ele não tivera coragem, respondeu, e caminhara ao acaso, pelas ruas, para se atordoar.

Às oito horas, passaram à sala de jantar; mas ficaram calados, um na frente do outro, dando de vez em quando um longo suspiro e mandando de volta a comida. Frédéric bebeu aguardente. Sentia-se totalmente arruinado, esmagado, liquidado, já sem consciência de nada senão de um extremo cansaço.

Ela foi buscar o retrato. O vermelho, o amarelo, o verde e o índigo chocavam-se com manchas violentas, faziam daquilo algo hediondo, quase irrisório.

Aliás, o pequeno morto estava agora irreconhecível. O tom arroxeadado de seus lábios agravava a brancura da pele; as narinas ainda estavam mais finas, os olhos mais cavos; e sua cabeça repousava sobre um travesseiro de tafetá azul, entre pétalas de camélias, rosas de outono e violetas; fora uma ideia da camareira, e assim as duas o haviam arrumado, devotamente. A lareira, coberta por um pano de guipure, sustentava candelabros de vermeil espaçados por buquês de buxo bento; nos cantos, nos dois vasos, queimavam dois cones de incenso; tudo aquilo formava, junto com o berço, uma espécie de sacrário; e Frédéric se lembrou do velório do sr. Dambreuse.

A cada quinze minutos, mais ou menos, Rosanette abria as cortinas para contemplar o filho. Avistava-o, dali a alguns meses, começando a andar, depois no colégio, no meio do pátio, brincando nas barras; depois, aos vinte anos, um rapaz; e todas essas imagens que criava lhe faziam como outros tantos filhos que ela teria perdido — o excesso da dor multiplicava a maternidade.

Frédéric, imóvel na outra poltrona, pensava na sra. Arnoux.

Ela estava num trem, provavelmente, com o rosto contra a vidraça de um vagão, olhando o campo que ficava para trás do lado de Paris, ou no convés de um barco a vapor, como na primeira vez que a encontrara; mas aquele ia embora infinitamente para países de onde ela não mais voltaria. Depois, ele a via num quarto de albergue, com as malas no chão, um papel de parede todo rasgado, a porta que tremia ao vento. E depois? O que seria dela? Professora, dama de companhia, camareira, talvez? Ela estava entregue a todos os acasos da miséria. Esse desconhecimento de seu destino o torturava. Deveria ter se oposto à sua fuga ou partido atrás dela. Não era ele seu verdadeiro esposo? E, pensando que nunca mais a encontraria, que tudo estava de fato acabado, que ela estava

irrevogavelmente perdida, sentiu como um dilaceramento de todo o seu ser; suas lágrimas acumuladas desde a manhã transbordaram.

Rosanette se deu conta.

— Ah! Você está chorando como eu! Está triste?

— Sim! Sim! Estou!...

Apertou-a contra o peito e os dois soluçaram mantendo-se abraçados.

A sra. Dambreuse também chorava, deitada na cama, de barriga para cima, com a cabeça entre as mãos.

Olympe Regimbart, quando fora à noite fazê-la provar seu primeiro vestido de cor, contara a visita de Frédéric, e até mesmo que ele tinha, prontinhos, os doze mil francos destinados ao sr. Arnoux.

Assim, aquele dinheiro, o dinheiro dela, era para impedir a partida da outra, para que ele conservasse uma amante!

Primeiro, teve um ataque de raiva; e decidiu expulsá-lo como a um laçaiio. Lágrimas abundantes a acalmaram. Era melhor ocultar tudo, não dizer nada.

No dia seguinte, Frédéric levou de volta os doze mil francos.

Ela lhe pediu que os guardasse, em caso de necessidade, para seu amigo, e o interrogou muito a respeito desse senhor. Quem então o induzira a tamanho abuso de confiança? Uma mulher, com certeza! As mulheres arrastam os homens para todos os crimes.

Esse tom de deboche desconcertou Frédéric. Sentiu um grande remorso por sua calúnia. O que o tranquilizava era que a sra. Dambreuse não teria como conhecer a verdade.

Ela, porém, se obstinou, já que dois dias depois se informou de novo sobre seu amiguinho, e depois sobre um outro, Deslauriers.

— Trata-se de um homem de confiança e inteligente?

Frédéric o elogiou.

— Peça-lhe para passar aqui em casa uma manhã dessas: gostaria de consultá-lo para um negócio.

Encontrara um rolo de papéis contendo promissórias de Arnoux protestadas, e nas quais a sra. Arnoux tinha apostado sua assinatura. Eram aquelas que, uma vez, tinham levado Frédéric à casa do sr. Dambreuse, na hora do almoço; e embora o capitalista não tivesse desejado prosseguir a cobrança, ele fizera o Tribunal de Comércio pronunciar, não só a

condenação de Arnoux, como a de sua mulher, que tudo ignorava, pois seu marido não julgou conveniente avisá-la.

Aquilo era uma arma! A sra. Dambreuse não duvidava. Mas seu tabelião talvez lhe aconselhasse abster-se; ela teria preferido alguém menos conhecido, e lembrara-se daquele grande diabo, de cara impudente, que lhe oferecera seus préstimos.

Frédéric deu, ingenuamente, seu recado.

O advogado ficou encantado em ser posto em relação com tão grande dama.

Acorreu.

Ela o avisou que a sucessão pertencia à sobrinha, razão a mais para liquidar aqueles créditos que ela pagaria, fazendo questão de esmagar o casal Martinon com os mais sutis procedimentos.

Deslauriers compreendeu que por trás daquilo havia um mistério; ao observar as promissórias, conjecturava qual seria. O nome da sra. Arnoux, escrito por ela mesma, pôs diante de seus olhos aquela pessoa e o ultraje que lhe fizera. Já que uma vingança se oferecia, por que não agarrá-la?

Portanto, aconselhou a sra. Dambreuse a mandar vender em leilão aqueles créditos sem esperança,⁴⁴ que dependiam da sucessão. Um testa de ferro os compraria às escondidas e iniciaria as diligências judiciais. Ele se encarregaria de fornecer esse homem.

Pelo fim de novembro, Frédéric, passando pela rua da sra. Arnoux, levantou os olhos para as janelas e avistou colado na porta um aviso em que se lia em letras maiúsculas:

“Venda de um rico mobiliário, consistindo em bateria de cozinha, roupa de cama e mesa, camisas, rendas, saias, calças, caxemiras francesas e da Índia, piano de Érard, dois baús de carvalho Renascença, espelhos venezianos, porcelana da China e do Japão.”

“É o mobiliário deles!”, pensou Frédéric; e o porteiro confirmou suas suspeitas.

Quanto à pessoa que fazia a venda, ele ignorava. Mas o leiloeiro, sr. Berthelot, talvez pudesse esclarecer.

O oficial ministerial não quis, de início, dizer qual credor tinha procedido à venda. Frédéric insistiu. Era um certo sr. Sénecal, agente de negócios; e o leiloeiro Berthelot levou a condescendência a ponto de lhe emprestar seu jornal dos *Petites Affiches*.

Ao chegar à casa de Rosanette, Frédéric jogou-o sobre a mesa, bem aberto.

— Leia isso!

— Pois bem, e daí? — ela disse, com um rosto tão plácido que ele ficou revoltado.

— Ah! Guarde sua inocência!

— Não estou entendendo.

— É você que manda penhorar a sra. Arnoux?

Ela releu o anúncio.

— Onde está o nome dela?

— Ora! É o mobiliário dela! Você sabe melhor que eu!

— E o que eu tenho a ver com isso? — disse Rosanette, dando de ombros.

— O que tem a ver com isso? Mas você está se vingando, mais nada! É a continuação das suas perseguições! Então não a ultrajou, a ponto de ir à casa dela? Você, uma moça que não vale nada. A mulher mais santa, mais encantadora e a melhor! Por que se aferra em arruiná-la?

— Você está enganado, garanto!

— Pois sim! Como se você não tivesse posto Sénécal à frente disso!

— Que idiotice!

Então, um furor o arrebatou.

— Você está mentindo! Está mentindo, miserável! Tem ciúme dela! Conseguiu uma condenação do marido dela! Sénécal já se meteu nos seus negócios! Ele detesta Arnoux, os dois ódios de vocês se entendem. Vi a alegria dele quando você ganhou o processo no caso do caulim. Esse aí, você negaria?

— Dou-lhe minha palavra...

— Ah! Eu conheço a sua palavra!

E Frédéric lhe lembrou seus amantes, citou os nomes, com detalhes circunstanciados. Rosanette foi empalidecendo e recuando.

— E isso a espanta? Você achava que eu era cego porque fechava os olhos. Estou farto, agora! Não se morre pelas traições de uma mulher da sua laia. Quando elas se tornam muito monstruosas, a gente se afasta; castigá-las seria degradar-se.

Ela torcia os braços.

— Meu Deus, quem foi que afinal o mudou?

— Ninguém, senão você mesma!

— E tudo isso pela sra. Arnoux!... — exclamou Rosanette chorando.

Ele prosseguiu, frio:

— Nunca amei ninguém além dela!

Diante desse insulto, suas lágrimas secaram.

— Isso prova o seu bom gosto! Uma pessoa de meia-idade, com a tez cor de alcaçuz, cintura larga, olhos grandes como respiradouros de porão, e vazios iguais a eles! Já que isso lhe agrada, vá se juntar a ela!

— É o que eu esperava! Obrigado!

Rosanette ficou imóvel, estarrecida diante desses modos extraordinários. E até deixou a porta se fechar; depois, num pulo, o agarrou na antessala e, cercando-o com os braços:

— Mas você está louco! Está louco! É absurdo! Eu te amo! — ela lhe suplicava: — Meu Deus, em nome de nosso filhinho!

— Confesse que foi você que armou esse golpe! — disse Frédéric.

Ela protestou mais uma vez sua inocência.

— Não quer confessar?

— Não!

— Pois bem, adeus! E para sempre!

— Escute-me!

Frédéric se virou.

— Se me conhecesse melhor, saberia que minha decisão é irrevogável!

— Ah! Ah! Você voltará para mim!

— Nunca na vida!

E bateu violentamente a porta.

Rosanette escreveu para Deslauriers dizendo que precisava dele imediatamente.

Ele chegou cinco dias depois, numa noite; e quando ela contou o rompimento:

— É só isso? Que bela desgraça, hein!

Ela pensara, primeiro, que ele poderia lhe trazer Frédéric de volta; mas agora estava tudo perdido. Ficara sabendo, pelo seu porteiro, do próximo casamento com a sra. Dambreuse.

Deslauriers deu-lhe uma lição de moral, mostrou-se até singularmente alegre, galhofeiro; e como já era muito tarde, pediu licença para passar a noite numa poltrona. Depois, na manhã seguinte, tornou a partir para

Nogent, avisando-lhe que não sabia quando voltariam a se ver; dentro em pouco, talvez houvesse uma grande mudança na vida dele.

Duas horas depois de seu retorno, a cidade estava em polvorosa. Diziam que o sr. Frédéric ia se casar com a sra. Dambreuse. Finalmente, as três senhoritas Auger, não aguentando mais, se dirigiram à casa da sra. Moreau, que confirmou com orgulho essa notícia. O s. Roque adoeceu por causa disso. Louise se trancou. E até correu o boato de que ela estava louca.

Enquanto isso, Frédéric não conseguia esconder sua tristeza. A sra. Dambreuse, para distraí-lo talvez, redobrou as atenções. Todas as tardes levava-o para passear em sua carruagem; e uma vez que passavam pela Place de la Bourse, ela teve a ideia de entrar no palacete dos leiloeiros, para se divertir.

Era 1º de dezembro, justo o dia em que se devia fazer a venda da sra. Arnoux. Ele se lembrou da data e manifestou sua repugnância, declarando que aquele lugar era intolerável por causa da multidão e do barulho. Ela só queria dar uma olhada. O cupê parou. Ele tinha de acompanhá-la.

No pátio viam-se lavatórios sem pias, armações de poltronas, velhos cestos, cacos de porcelana, garrafas vazias, colchões; e homens de avental ou de sobrecasaca suja, todos cinza de poeira, o rosto ignóbil, alguns com sacos de lona no ombro, conversavam em grupos distintos ou berravam uns para os outros, num tumulto.

Frédéric objetou os inconvenientes de ir mais longe.

— Ah! Ora essa!

E subiram a escada.

Na primeira sala, à direita, senhores, com um catálogo na mão, examinavam quadros; em outra, vendia-se uma coleção de armas chinesas. A sra. Dambreuse quis descer. Olhava os números no alto das portas, e o levou até o fundo do corredor, a uma sala abarrotada de gente.

Ele reconheceu de imediato as duas estantes de *L'Art industriel*, sua mesa de costura, todos os seus móveis! Empilhados no fundo, por tamanho, formavam um largo talude do chão às janelas; e nos outros lados da sala, os tapetes e as cortinas estavam pendurados nas paredes. Havia, embaixo, uns degraus ocupados por velhos cavalheiros que cochilavam. À esquerda, elevava-se uma espécie de balcão em que o leiloeiro, de gravata branca, brandia de leve um martelinho. Perto dele, um jovem escrevia; e mais embaixo, em pé, um rapagão robusto, parecendo meio caixeiro-

viajante, meio vendedor de produtos falsificados, apregoava os móveis a serem vendidos. Três rapazes os levavam para cima de uma mesa, ladeada por antiquários e revendedores sentados em fila. As pessoas circulavam atrás deles.

Quando Frédéric entrou, as saias, as echarpes e os lenços, e até as camisas eram passados de mão em mão, virados pelo avesso; às vezes eram jogados longe, e de repente brancuras atravessavam o ar. Em seguida, venderam seus vestidos, depois um de seus chapéus cuja pena quebrada estava caindo, depois suas peles, depois três pares de botinas; — e a partilha daquelas relíquias, em que ele encontrava confusamente as formas de seus membros, lhe parecia uma atrocidade, como se tivesse visto corvos despedaçando seu cadáver. O ambiente da sala, sobrecarregada de respirações, o enjoava. A sra. Dambreuse lhe ofereceu o seu frasquinho; ela se divertia muito, dizia.

Exibiram os móveis do quarto de dormir.

O leiloeiro Berthelot anunciava um preço. O pregoeiro, imediatamente, o repetia bem alto; e os três funcionários esperavam tranquilos a batida do martelo, e depois levavam o objeto para uma sala contígua. Assim desapareceram, uns depois dos outros, o grande tapete azul salpicado de camélias que seus pés miúdos roçavam quando se encaminhavam para ele, a pequena bergère estofada em que ele sempre se sentava na frente dela quando estavam a sós; os dois guarda-fogos da lareira, cujo marfim se tornara mais suave pelo contato de suas mãos; um novelo de veludo, ainda com as agulhas espetadas. Eram como partes de seu coração que se iam com aquelas coisas; e a monotonia das mesmas vozes, dos mesmos gestos, o embotava de cansaço, causava-lhe um torpor fúnebre, uma dissolução.

Um fru-fru de seda chegou ao seu ouvido; Rosanette tocava nele.

Tivera conhecimento daquela venda pelo próprio Frédéric. Como sua tristeza tinha passado, viera-lhe a ideia de aproveitá-la. Chegava para vê-la, com colete de cetim branco e botões de pérolas, um vestido de babados, luvas justas, o ar vencedor.

Ele empalideceu de raiva. Ela olhou para a mulher que o acompanhava.

A sra. Dambreuse a reconhecera; e, por um minuto, observaram-se de alto a baixo, escrupulosamente, a fim de descobrir o defeito, a falha — uma invejando talvez a juventude da outra, e esta despeitada pelo extremo bom gosto e pela simplicidade aristocrática de sua rival.

Por fim, a sra. Dambreuse virou a cabeça, com um sorriso de inexprimível insolência.

O pregoeiro abriu um piano — seu piano! Mantendo-se de pé, dedilhou uma escala com a mão direita, e anunciou o instrumento por mil e duzentos francos, depois baixou para mil, oitocentos, setecentos.

A sra. Dambreuse, em tom galhofeiro, zombava daquele trambolho.

Puseram diante dos antiquários um pequeno cofre com medalhões, cantos e fechos de prata, o mesmo que ele tinha visto no primeiro jantar na Rue de Choiseul, e que em seguida estivera na casa de Rosanette, e voltara para a casa da sra. Arnoux; muitas vezes, durante as conversas, seus olhos o encontravam; estava ligado às suas lembranças mais queridas, e sua alma se fundia de ternura quando a sra. Dambreuse disse de repente:

— Pronto! Vou comprá-lo!

— Mas não é um objeto curioso — ele retrucou.

Ao contrário, ela o achava muito bonito; e o pregoeiro elogiava a delicadeza:

— Uma joia da Renascença! Oitocentos francos, senhores! Quase inteiramente de prata! Com um pouco de gesso-crê, vai brilhar!

E como ela se enfiasse no meio das pessoas:

— Que ideia estranha! — disse Frédéric.

— Isso o aborrece?

— Não! Mas o que se pode fazer com esse bibelô?

— Quem sabe? Guardar cartas de amor, talvez!

Ela exibiu um olhar que tornava muito clara a alusão.

— Razão a mais para não despojar os mortos de seus segredos.

— Eu não a imaginava tão morta assim.

E acrescentou, com clareza: “Oitocentos e oitenta francos!”.

— O que está fazendo não é correto — murmurou Frédéric.

Ela ria.

— Mas, querida amiga, é o primeiro favor que lhe peço.

— Mas assim você não será um marido amável, sabe?

Alguém acabava de dar um lance; ela levantou a mão:

— Novecentos francos!

— Novecentos francos! — repetiu Berthelot.

— Novecentos e dez... quinze... vinte... trinta! — esganiçava-se o pregoeiro, enquanto percorria os olhos pela plateia, com acenos de cabeça

sincopados.

— Prove-me que minha mulher é sensata — disse Frédéric.

Ele a puxou suavemente para a porta.

O leiloeiro continuava.

— Vamos, vamos, senhores, novecentos e trinta! Há comprador a novecentos e trinta?

A sra. Dambreuse, que chegara à soleira da porta, parou; e, com uma voz forte:

— Mil francos!

Um arrepiou percorreu o público, houve um silêncio.

— Mil francos, senhores, mil francos! Ninguém dá outro lance? Viram bem? Mil francos! — Arrematado!

O martelo de marfim foi batido.

Ela entregou um cartão de visita, entregaram-lhe o cofre. Ela o meteu no regalo.

Frédéric sentiu um imenso frio lhe cruzar o coração.

A sra. Dambreuse não largara o seu braço; e não ousou encará-lo até chegarem à rua, onde sua carruagem a esperava.

Jogou-se ali dentro como um ladrão em fuga, e, quando se sentou, virou-se para Frédéric. Ele estava com o chapéu na mão.

— Não vai subir?

— Não, senhora.

E cumprimentando-a friamente, fechou a portinhola e depois fez sinal ao cocheiro para partir.

Primeiro, conheceu um sentimento de alegria e de independência reconquistada. Estava orgulhoso de ter vingado a sra. Arnoux sacrificando-lhe uma fortuna; depois, ficou espantado com seu gesto, e um cansaço infinito o prostrou.

Na manhã seguinte, seu criado lhe contou as notícias. O estado de sítio tinha sido decretado, a Assembleia, dissolvida, e uma parte dos representantes do povo estava em Mazas.⁴⁵ Os negócios públicos o deixaram indiferente, tão preocupado estava com os seus.

Escreveu a fornecedores para anular várias compras relativas a seu casamento, que agora lhe parecia um negócio um pouco ignóbil; e execrava a sra. Dambreuse porque ele quase cometera, por sua causa, uma baixeza. Esquecia-se da Marechala, sequer se preocupava com a sra. Arnoux — só

pensando nele, apenas nele —, perdido entre os escombros de seus sonhos, doente, cheio de dor e desânimo; e, com ódio do ambiente artificial em que sofrera tanto, desejou o frescor do verde, o repouso da província, uma vida sonolenta passada à sombra do teto natal, ao lado dos corações ingênuos. Por fim, na quarta-feira à noite saiu.

Numerosos grupos estavam parados no bulevar. De vez em quando, uma patrulha os dissolvia; voltavam a se juntar atrás dela. Falavam livremente, vociferavam contra a tropa gracejos e insultos, sem mais que isso.

— Como? Então não vamos combater? — disse Frédéric a um operário.

O homem de avental lhe respondeu:

— Não somos tão bobos para morreremos pelos burgueses! Que se arranjem!

E um senhor resmungou, enquanto olhava de soslaio para o homem do subúrbio:

— Canalhas de socialistas! Se desta vez conseguíssemos exterminá-los!

Frédéric não entendia nada desse rancor e estupidez tão grandes. Seu desgosto com Paris aumentou; e, dois dias depois, partiu para Nogent pelo primeiro trem.

As casas desapareceram, o campo se estendeu. Só no seu vagão, com os pés sobre o assento, ele ruminava os acontecimentos dos últimos dias, todo o seu passado. Logo lhe voltou a recordação de Louise.

“Ela me amava, ela sim! Fiz mal em não agarrar essa felicidade... Bem! Não pensemos mais nisso!”

E, cinco minutos depois:

“Quem sabe, porém?... Mais tarde, por que não?”

Seu devaneio, assim como seus olhos, afundava-se em vagos horizontes.

“Ela era ingênua, uma camponesa, quase uma selvagem, mas tão boa!”

À medida que se aproximava de Nogent, ela se aproximava dele. Quando atravessou o prado de Sourdun, reviu-a sob os choupos como antigamente, cortando juncos à beira das poças de água; estavam chegando; ele desceu.

Depois, acotovelou-se na ponte para rever a ilha e o jardim onde tinham passeado num dia de sol; — e o atordoamento da viagem e do ar livre, a fraqueza que sentia de suas emoções recentes lhe causaram uma espécie de excitação, e ele pensou:

“Talvez ela tenha saído; e se eu fosse encontrá-la?”

O sino da Saint-Laurent repicava; havia na praça, em frente à igreja, um ajuntamento de pobres, com uma caleche, a única da terra (a que servia para os casamentos), quando à porta, de repente, entre uma torrente de burgueses de gravata branca, apareceram os recém-casados.

Pensou que fosse uma alucinação. Mas não! Era ela mesma, Louise! — coberta por um véu branco que caía dos cabelos ruivos aos calcanhares; e era ele mesmo, Deslauriers! — usando uma casaca azul bordada de prata, um traje de prefeito! Mas por que isso?

Frédéric se escondeu na quina de uma casa, para deixar o cortejo passar.

Envergonhado, derrotado, arrasado, retornou à estação e voltou para Paris.

O cocheiro do fiacre garantiu que as barricadas tinham sido erguidas desde o Château-d'Eau até o Gymnase, e pegou pelo Faubourg Saint-Martin. Na esquina da Rue de Provence, Frédéric desceu para chegar a pé aos bulevares.

Eram cinco horas, caía uma chuva fina. Burgueses ocupavam a calçada do lado do Opéra. As casas em frente estavam fechadas. Ninguém nas janelas. Em toda a largura do bulevar, os dragões galopavam a toda a velocidade, inclinados sobre os cavalos, com o sabre desembainhado; e os penachos de seus capacetes, e os grandes mantos brancos levantados atrás deles passavam pela luz dos bicos de gás, que se contorciam ao vento na bruma. A massa de gente olhava para eles, muda, aterrorizada.

Entre as cargas de cavalaria, esquadrões de policiais surgiam para fazer a multidão das ruas recuar.

Mas nos degraus do Torton, um homem — Dussardier —, reconhecível de longe pela alta estatura, permanecia mais imóvel que uma cariátide.

Um dos agentes que marchava à frente, com o tricórnio cobrindo os olhos, o ameaçou com a espada.

Então, o outro, dando um passo à frente, começou a gritar:

— Viva a República!

Caiu de costas, com os braços em cruz.

Um uivo de terror elevou-se da multidão. O agente fez um círculo ao redor dele com o olhar; e Frédéric, boquiaberto, reconheceu Sénécal.

Viajou.

Conheceu a melancolia dos navios, os frios despertares sob a tenda, o assombro das paisagens e das ruínas, a amargura das simpatias interrompidas.

Voltou.

Frequentou a sociedade, e teve mais outros amores. Mas a lembrança permanente do primeiro os tornava insípidos; e além disso, a veemência do desejo, a própria flor da sensação estava perdida. Suas ambições espirituais tinham igualmente diminuído. Anos se passaram; e ele suportava a ociosidade de sua inteligência e a inércia de seu coração.

Pelo fim de março de 1867, quando caía a noite e ele estava sozinho em seu gabinete, uma mulher entrou:

— Sra. Arnoux!

— Frédéric!

Ela o agarrou pelas mãos, o puxou suavemente para a janela, e o observou, repetindo:

— É ele! Então é ele!

Na penumbra do crepúsculo, ele distinguia apenas seus olhos sob o veuzinho de renda preta que ocultava seu rosto.

Depois de colocar sobre a lareira uma carteirinha de veludo grená, ela se sentou. Os dois ficaram sem conseguir falar, sorrindo um para o outro.

Por fim, ele lhe fez intermináveis perguntas sobre ela e o marido.

Moravam no fim da Bretanha, para viver economicamente e pagar suas dívidas. Arnoux, quase sempre doente, agora parecia um velho. A filha se casara em Bordeaux e o filho prestava serviço militar em Mostaganem. Depois ela ergueu a cabeça:

— Mas eu o estou revendo! Sinto-me tão feliz!

Ele não deixou de lhe dizer que, ao saber da notícia da catástrofe, acorrera à casa deles.

— Eu sabia!

— Como?

Ela o avistara no pátio e se escondera.

— Por quê?

Então, com voz trêmula, e longos intervalos entre as palavras:

— Eu tinha medo! Sim... medo de você... de mim!

Essa revelação lhe deu como um arrepio de volúpia. Seu coração batia disparado. Ela continuou:

— Desculpe-me por não ter vindo mais cedo. — E apontando a carteirinha grená coberta de palmas douradas: — Bordei-a pensando em você, de propósito. Ela contém aquela quantia, pela qual os terrenos de Belleville deviam responder.

Frédéric lhe agradeceu o presente, enquanto a repreendia por ter se incomodado.

— Não! Não foi por causa disso que eu vim! Queria muito fazer essa visita, e depois voltarei... para lá.

E lhe falou do lugar onde morava.

Era uma casa baixa, de um só andar, com um jardim repleto de buxos enormes e uma dupla alameda de castanheiras subindo até o alto da colina, de onde se descobre o mar.

— Vou me sentar lá, num banco, que chamei de banco Frédéric.

Depois começou a olhar os móveis, os bibelôs, as molduras, avidamente, para levá-los na memória. O retrato da Marechala estava meio escondido por uma cortina. Mas os dourados e os brancos, que se destacavam no meio das trevas, a atraíram.

— Eu conheço essa mulher, não conheço?

— Impossível! — disse Frédéric. — É uma velha pintura italiana.

Ela confessou que desejava dar uma volta pelas ruas, de braço com ele.

Saíram.

A luz das lojas iluminava, a intervalos, seu perfil pálido; depois, a sombra o envolvia de novo; e no meio dos carros, das pessoas e do barulho, andavam sem se desviar de si mesmos, sem ouvir nada, como os que caminham juntos pelo campo, sobre um leito de folhas mortas.

Contaram-se os antigos dias, os jantares da época de *L'Art industriel*, as manias de Arnoux, seu jeito de puxar as pontas do colarinho postiço, de passar brilhantina nos bigodes, de outras coisas mais íntimas e mais profundas. Como ele ficara radiante na primeira vez, ao ouvi-la cantar! Como ela estava linda no dia de sua festa, em Saint-Cloud! Relembrou-lhe o jardimzinho de Auteuil, noites no teatro, um encontro no bulevar, os antigos criados, a negra.

Ela se admirava com a sua memória. No entanto, disse-lhe:

— Às vezes, as suas palavras me voltam como um eco distante, como o som de um sino levado pelo vento; e parece-me que você está ali, quando leio trechos de amor nos livros.

— Tudo o que se critica por ser um exagero você me fez sentir — disse Frédéric. — Compreendo os Werther que não rejeitam as fatias de pão com manteiga preparadas por Charlotte.

— Meu pobre e querido amigo!

Ela suspirou; e depois de um longo silêncio:

— Pouco importa, nós nos amamos muito!

— Sem pertencer um ao outro, porém!

— Talvez seja melhor assim — ela retrucou.

— Não! Não! Que felicidade teríamos tido!

— Oh! Acredito, com um amor como o seu!

E ele devia ser bem forte para durar depois de uma separação tão longa!

Frédéric lhe perguntou como descobrira esse amor.

— Foi numa noite em que você beijou meu pulso entre a luva e o punho. Pensei: “Mas ele me ama... ele me ama!”. Eu temia ter certeza, porém. A sua reserva era tão encantadora, que eu a usufruía como se fosse uma homenagem involuntária e contínua.

Ele não se arrependia de nada. Seus sofrimentos de outrora estavam recompensados.

Quando voltaram para casa, a sra. Arnoux tirou o chapéu. O candeeiro, posto sobre um console, iluminou seus cabelos brancos. Foi como um choque no meio do peito.

Para lhe esconder essa decepção, ele se ajoelhou diante dela e, pegando suas mãos, começou a lhe dizer ternuras.

— A sua pessoa, os seus menores gestos me pareciam ter no mundo uma importância extra-humana. Meu coração, assim como a poeira, levantava-se atrás de seus passos. Sua presença me causava o efeito de um luar numa noite de verão quando tudo são perfumes, sombras suaves, brancuras, infinito; e as delícias da carne e da alma estavam contidas para mim no seu nome, que eu repetia para mim mesmo, tentando beijá-lo nos meus lábios. Não imaginava nada além disso. Era a sra. Arnoux tal como ela era, com seus dois filhos, meiga, séria, bela de deslumbrar, e tão boa! Essa imagem apagava todas as outras. E eu pensava nisso, só nisso! Pois tinha sempre no fundo de mim a música da sua voz e o esplendor dos seus olhos!

Ela aceitava radiante essas adorações pela mulher que já não era. Frédéric, inebriando-se com as próprias palavras, chegava a acreditar no que dizia. A sra. Arnoux, de costas para a luz, inclinava-se para ele. Ele sentia na testa a carícia de sua respiração, através de suas roupas o contato indeciso de todo o seu corpo. Suas mãos se apertaram; a ponta de sua botina avançava um pouco por baixo do vestido, e ele lhe disse, quase desfalecendo:

— A visão do seu pé me perturba.

Um gesto de pudor a fez se levantar. Depois, imóvel, e com a entonação singular dos sonâmbulos:

— Na minha idade! Ele! Frédéric!... Nenhuma jamais foi amada como eu! Não, não! De que serve ser jovem? Isso pouco me importa! Desprezo-as, todas essas que vêm aqui!

— Oh! Não vem nenhuma! — ele retrucou, condescendente.

Seu rosto desabrochou e ela quis saber se ele se casaria.

Jurou que não.

— Tem certeza? Por quê?

— Por sua causa — disse Frédéric apertando-a nos braços.

Ela ali ficou, com a cintura para trás, a boca entreaberta, os olhos levantados. De repente, empurrou-o com um ar de desespero; e, como ele lhe suplicasse que respondesse, disse baixando a cabeça:

— Eu gostaria de tê-lo feito feliz.

Frédéric desconfiou que a sra. Arnoux tivesse vindo para se oferecer; e sentia-se retomado por um desejo mais forte que nunca, furioso, desenfreado. No entanto, sentia alguma coisa inexprimível, uma repulsa, e como o pavor de um incesto. Outro temor o deteve, o de mais tarde sentir repulsa. Aliás, que complicação seria isso! — e por prudência e ao mesmo tempo para não degradar seu ideal, voltou atrás e começou a enrolar um cigarro.

Ela o contemplava, absolutamente maravilhada.

— Como você é delicado! Só mesmo você! Só mesmo você!

Bateram onze horas.

— Já? — ela disse; — Daqui a quinze minutos vou embora.

Tornou a sentar; mas observava o relógio de pêndulo, e ele continuava a andar, fumando. Os dois não encontravam mais nada a se dizer. Há um momento, nas separações, em que a pessoa amada já não está conosco.

Por fim, quando o ponteiro já tinha ultrapassado os vinte e cinco minutos, ela pegou o chapéu pelas alças, lentamente.

— Adeus, meu amigo, meu amigo querido! Nunca mais tornarei a vê-lo! Era minha última iniciativa de mulher. Minha alma não o deixará. Que todas as bênçãos do céu caiam sobre você!

E o beijou na testa, como uma mãe.

Mas pareceu procurar alguma coisa, e lhe pediu uma tesoura.

Desfez o penteado; todos os seus cabelos brancos caíram.

Cortou, brutalmente, pela raiz, uma longa madeixa.

— Guarde-a! Adeus!

Quando já tinha saído, Frédéric abriu a janela. A sra. Arnoux, na calçada, fez sinal para um fiacre que estava passando. Subiu. O carro desapareceu.

E foi tudo.

VII

Pelo começo deste inverno,⁴⁶ Frédéric e Deslauriers conversavam ao lado da lareira, reconciliados mais uma vez, pela fatalidade de sua natureza que sempre os levava a se reencontrar e gostar um do outro.

Um explicou sumariamente sua desavença com a sra. Dambreuse, a qual tornara a se casar, com um inglês.

O outro, sem dizer como se casara com a srta. Roque, contou que sua mulher, um belo dia, fugira com um cantor. Para se livrar um pouco do ridículo, acabou se comprometendo na prefeitura, por excesso de zelo governamental. Tinham-no demitido. Em seguida, fora chefe de colonização na Argélia, secretário de um paxá, gerente de um jornal, corretor de anúncios, para finalmente ser responsável pelo contencioso numa companhia industrial.

Quanto a Frédéric, tendo comido dois terços de sua fortuna, vivia como um pequeno-burguês.

Depois, informaram-se mutuamente sobre os amigos.

Martinon era agora senador.

Hussonnet ocupava um alto posto, em que tinha sob controle todos os teatros e toda a imprensa.

Cisy, enfiado na religião e pai de oito filhos, morava no castelo de seus antepassados.

Pellerin, depois de ter caído no fourierismo, na homeopatia, nas mesas girantes, na arte gótica e na pintura humanitária, tornara-se fotógrafo; e era visto em todos os muros de Paris, representado de casaca preta, com um corpo minúsculo e uma cabeça grande.

— E o seu íntimo Sénecal? — perguntou Frédéric.

— Desaparecido! Não sei! E você, a sua grande paixão, a sra. Arnoux?

— Deve estar em Roma com o filho, tenente dos caçadores.

— E o marido dela?

— Morreu no ano passado.

— Puxa! — disse o advogado.

Depois, batendo na testa:

— A propósito, outro dia, encontrei numa loja aquela boa Marechala, segurando pela mão um garotinho que ela adotou. É viúva de um certo sr. Oudry, e agora está muito gorda, enorme. Que decadência! Ela, que antigamente tinha a cintura tão fina.

Deslauriers não escondeu que se aproveitara do seu desespero para certificar-se disso pessoalmente.

— Como você tinha me permitido, aliás.

Essa confissão era uma compensação ao silêncio que mantinha sobre a tentativa junto à sra. Arnoux. Frédéric o perdoaria, já que ela havia fracassado.

Conquanto um pouco humilhado com a descoberta, fingiu achar graça; e a lembrança da Marechala lhe trouxe a da Vatnaz.

Deslauriers nunca mais a vira, como tampouco outros que iam à casa de Arnoux; mas se lembrava perfeitamente de Regimbart.

— Ele ainda vive?

— Mal e mal! Todas as noites, regularmente, arrasta-se pelos cafés, desde a Rue de Grammont até a Rue Montmartre, enfraquecido, curvado, seco, um espectro.

— Pois é, e Compain?

Frédéric deu um grito de alegria, e pediu ao ex-delegado do Governo provisório que lhe contasse o mistério da cabeça de vitela.

— É uma importação inglesa. Para parodiar a cerimônia que os adeptos do Rei celebravam no dia 30 de janeiro, os Independentes organizavam um

banquete anual em que comiam cabeças de vitela, bebiam vinho tinto em crânios de vitela, fazendo brindes ao extermínio dos Stuarts. Depois do Termidor, terroristas organizaram uma confraria muito parecida, o que prova que a idiotice é fecunda.

— Você me parece bem sossegado em matéria de política.

— Efeito da idade — disse o advogado.

E resumiram suas vidas.

Os dois tinham fracassado, aquele que sonhara com o amor, aquele que sonhara com o poder. Qual era a razão?

— Talvez seja a falta de uma linha reta — disse Frédéric.

— Para você, pode ser. Eu, ao contrário, pequei por excesso de retidão, sem levar em conta mil coisas secundárias, mais fortes que tudo. Eu tinha demasiada lógica, e você, demasiado sentimento.

Depois, acusaram o acaso, as circunstâncias, a época em que tinham nascido.

Frédéric prosseguiu:

— Não era isso o que acreditávamos nos tornar no passado, em Sens, quando você queria escrever uma história crítica da filosofia, e eu, um grande romance medieval sobre Nogent, cujo tema eu tinha encontrado em Froissart: Como o sr. Brokars de Fénéstranges e o bispo de Troyes atacaram o sr. Eustache d'Ambrecicourt. Lembra-se?

E, exumando sua juventude, a cada frase se diziam:

— Lembra-se?

Revia o pátio do colégio, a capela, o parlatório, a sala de armas ao pé da escada, o rosto dos vigilantes e dos alunos, um tal de Angelmarre, de Versailles, que fabricava presilhas de calças com botas velhas, o sr. Mirbal e suas suíças ruivas, os dois professores de desenho geométrico e de desenho artístico, Varaud e Suriret, sempre em disputa, e o Polonês, conterrâneo de Copérnico, com seu sistema planetário de papelão, astrônomo ambulante cuja sessão eles tinham pagado com uma comida no refeitório — depois, um incrível rega-bofe num passeio, os primeiros cachimbos que fumaram, as entregas de prêmios, a alegria das férias.

Foi nas de 1837 que tinham ido à casa da Turca.

Assim chamavam uma mulher cujo nome verdadeiro era Zoraïde Turc; e muita gente pensava que era muçulmana, uma turca, o que aumentava a poesia do seu estabelecimento, situado à beira da água, atrás da muralha;

mesmo em pleno verão havia sombra ao redor de sua casa, reconhecível por um aquário de peixes vermelhos perto de um vaso de resedá numa janela. Senhoritas, de blusa branca, com ruge nas maçãs do rosto e brincos compridos, batiam nas janelas quando alguém passava, e de noite, na soleira da porta, cantarolavam baixinho com voz rouca.

Esse lugar de perdição projetava em todo o bairro um brilho fantástico. Era designado por perífrases: “O lugar que você sabe — Uma certa rua — Ao pé das pontes”. As mulheres dos arrendatários dos arredores tremiam por seus maridos, as burguesas o temiam por suas criadas, porque a cozinheira do sr. subprefeito tinha sido flagrada lá; e era, evidentemente, a obsessão secreta de todos os adolescentes.

Ora, um domingo, enquanto todos estavam nas vésperas, Frédéric e Deslauriers, tendo ido previamente frisar os cabelos, colheram flores no jardim da sra. Moreau e em seguida saíram pela porta dos campos; e depois de um grande desvio pelas vinhas, voltaram pela Pêcherie e se enfiaram na casa da Turca, sempre com os grandes buquês na mão.

Frédéric apresentou o seu, como um apaixonado à sua noiva. Mas o calor que fazia, a apreensão do desconhecido, um certo remorso, e até o prazer de ver, de uma só vez, tantas mulheres à sua disposição, o emocionaram tanto que ele ficou muito pálido e sem conseguir ir adiante, sem dizer nada. Todas riam, alegres com o seu acanhamento; acreditando que zombavam dele, fugiu; e como Frédéric é que tinha o dinheiro, Deslauriers foi mesmo obrigado a acompanhá-lo.

Viram-nos sair. Isso rendeu numa história que não tinha sido esquecida três anos depois.

Eles a contaram, prolixamente, cada um completando as lembranças do outro; e quando terminaram:

— Foi isso que nós tivemos de melhor! — disse Frédéric.

— Sim, talvez tenha sido! Foi isso que tivemos de melhor! — disse Deslauriers.

-
1. Na manhã de 24 de fevereiro de 1848, Luís Filipe convocou Adolphe Thiers para formar um novo governo e encarregou Thomas Bugeaud, governador-geral da Argélia, de liquidar o motim. Mas a guarda nacional já estava protegendo os revolucionários. Luís Filipe recusou o plano de Thiers, de sair de Paris com a tropa, e no fim da manhã teve de abandonar o palácio das Tuileries, onde os amotinados chegaram meia hora depois.
 2. O rei Luís Filipe saíra do palácio ao meio-dia e meia. Seguiram-se a invasão das Tuileries, a proposta de uma regência a cargo da duquesa d'Orléans, pois o rei abdicara em favor do neto de dez anos, os debates na Câmara dos Deputados, o povo invadindo as salas e exigindo a República, e sua proclamação, às três da tarde, no Hôtel de Ville.
 3. Título dado aos funcionários nomeados com urgência pelo Governo provisório para substituir os representantes da Monarquia de Julho.
 4. Marc Caussidière, revolucionário que foi nomeado chefe de polícia no governo provisório e formou um corpo especial de polícia, os Montagnards, composto de membros das sociedades secretas e de envolvidos nos atentados contra o rei.
 5. O poeta Alphonse de Lamartine (1790-1869) era ministro das Relações Exteriores do governo provisório. Alexandre Ledru-Rollin (1807-74), republicano progressista, era ministro do Interior. Jacques Charles Dupont (1767-1855), um dos chefes do partido liberal, era o presidente do governo provisório. Alexandre-Martin, vulgo Albert (1815-95), mecânico, representava os operários no novo regime. Louis Blanc (1811-82), membro do governo provisório, distinguiu-se na Revolução de 1848 pelas medidas que criaram o direito do trabalho. Quanto a Auguste Blanqui (1805-81), ver nota à p. 303.
 6. O castelo de Neuilly, propriedade de Luís Filipe, e o de Suresnes, propriedade dos Rothschild, foram saqueados em 25 de fevereiro de 1848. Batignolles, bairro recém-anexado à cidade de Paris, teve vários incêndios. Ao saberem da revolução em Paris, os operários de Lyon destruíram máquinas recém-instaladas, que suprimiriam empregos. Uma circular de Ledru-Rollin recomendava que, em toda a França, só fossem nomeados para postos oficiais republicanos confirmados. Para evitar a fuga de capitais, a conversibilidade da moeda em ouro foi provisoriamente suspensa e a população teve de aceitar a moeda fiduciária, isto é, as notas bancárias. Para restabelecer as finanças do Estado, o governo decretou em março um aumento excepcional dos impostos, de 45 centavos por franco, ou seja, 45%.
 7. O artigo “lírico” que Frédéric enviara para o *Journal de Troyes* em 24 de fevereiro.
 8. Canção sobre a epopeia napoleônica, entoada diariamente pelos comitês de apoio à candidatura de Luís Napoleão Bonaparte à presidência da República.
 9. Alusão à centena de revolucionários de 1793, entre eles Saint-Just, que foram guilhotinados a partir do 10 Termidor (28 de julho de 1794), depois da queda de Robespierre e do fim do Terror.
 10. Antoine Quentin Fouquier-Tinville (1746-95), famoso acusador público no Tribunal Revolucionário, foi quem condenou Danton e Maria Antonieta, e acabou executado.
 11. “Cidadãos! Aprecio muito a honra que me dispensais e se grande é vossa bondade, maior é vossa atenção. Desde que se proclamou a constituição de Cádiz, esse pacto fundamental das liberdades espanholas, até a última revolução, nossa pátria conta com inúmeros e heroicos mártires. Na próxima terça-feira haverá na igreja da Madeleine um serviço fúnebre. E todos os espanhóis desejariam ver ali reunidas as delegações dos clubes e da milícia nacional. Uma oração fúnebre em homenagem à liberdade espanhola e do mundo inteiro será proferida por um membro do clero de

Paris na sala Bonne-Nouvelle. Honra ao povo francês, que eu chamaria o primeiro povo do mundo, se não fosse cidadão de outra nação!”

12. Criada em 29 de fevereiro de 1848 para estudar a legislação trabalhista, a Comissão do Luxembourg, presidida por Louis Blanc, acabou sendo suprimida em maio. As vesuvianas eram os grupos feministas, cujas mulheres logo foram vistas como de vida fácil. Os tirolezes eram o outro nome dos policiais do grupo Montagnard. Na festa da agricultura um carro simbólico puxado por vinte cavalos foi seguido por quinhentas moças coroadas de galhos de carvalho, cujo efeito pareceu ridículo.

13. O operariado vitorioso na Revolução de 1848 reivindicou do governo provisório a abertura de oficinas nacionais para contratar os desempregados por 2 francos por dia. Logo houve mais de 100 mil operários inscritos, a quem o governo não tinha emprego para oferecer. As diárias caíram para meio franco.

14. A popularidade de Luís Napoleão Bonaparte, sobrinho do falecido imperador, crescia desde 1848. Ele regressara da Inglaterra falando em servir o governo provisório “sob a bandeira da República”. Os novos governantes, desconfiados, o mandaram de volta para o estrangeiro. Pierre Marie de Saint-Georges, ministro das Obras Públicas, estava no auge da impopularidade por causa da lei contra os ajuntamentos e do fracasso das oficinas nacionais.

15. Durante as manifestações de rua os moradores que ouviam esse slogan acendiam as luzes em suas janelas como maneira de demonstrar apoio à causa popular. Os que não as acendiam corriam o risco de ter as vidraças apedrejadas.

16. Alusão às *Confissões* de Rousseau, em que ele relata a estreia de sua peça *Le Devin du village*, em 1752, no teatro de Fontainebleau, diante da corte.

17. Entre 23 a 26 de junho de 1848 os violentos enfrentamentos de rua deixaram de trinta mil a cinquenta mil mortos em Paris. Vários generais morreram, como Bréa e Négrier, e também Charbonnel. O arcebispo de Paris, monsenhor Affre, foi morto quando tentava se interpor entre a tropa e os insurgentes.

18. Corria o boato de que Henrique V (1820-83), conde de Chambord, neto do antigo rei Carlos X e pretendente legitimista ao trono, estaria preparando um golpe para restabelecer a Monarquia.

19. Nas jornadas de junho, mais de quinze mil parisienses foram presos. Com as prisões lotadas, centenas deles foram encarcerados nas galerias subterrâneas da beira do Sena, sob o terraço das Tuileries.

20. O *cold cream* era um creme para limpar e rejuvenescer a pele, à base de cera, óleo de baleia e óleo de amêndoa doce, e que foi muito popular no século XIX.

21. Lã caprina muito fina, às vezes misturada à seda, originariamente produzida na cidade de Barèges e sinal de riqueza no século XIX.

22. Intriga contra a Assembleia Nacional reunida no palácio do Luxembourg, onde estariam organizando suntuosos jantares de gala.

23. Heróis populares da Revolução de 1848 que, para os burgueses, tinham ficado “do lado certo”, isto é, contra a insurreição.

24. Ver nota da p. 409.

25. Joseph Prudhomme é um personagem caricatural inventado por Henri Monnier (1799-1877) em 1830. Encarnava o burguês solene, imbecil e satisfeito, prolixo em inépcias e preconceitos.

26. O general Juchaut de Lamoricière (1806-65), fiel servidor da Monarquia e depois da República, comandou um grupo constituído por Cavaignac na batalha de junho de 1848, e em 28 de junho tornou-se ministro da Guerra, depois da demissão de Cavaignac.

27. Em 10 de dezembro de 1848 Luís Napoleão Bonaparte foi eleito presidente da República. Em janeiro de 1849 o deputado Lamotte-Rateau (1800-87) propôs a dissolução da Assembleia

Constituinte, que se tornara incômoda por ser marcadamente republicana, e a eleição de uma Assembleia Legislativa, que afinal foi eleita em maio.

28. No n. 12 da Rue de Poitiers, os políticos Thiers e Falloux reuniam seus amigos deputados da corrente conservadora e monarquista.

29. Frase com que os insurgentes da ultraesquerda interromperam a fala de Lamartine, quando invadiram a Câmara em 15 de maio de 1848.

30. Em 13 de junho de 1849, numa grande manifestação popular organizada por Ledru-Rollin, a repressão ficou por conta do general Changarnier, enquanto muitos manifestantes e deputados de esquerda se refugiavam no Conservatoire des Arts et Métiers, antes de serem presos. O episódio resultou na decretação do estado de sítio.

31. Invenção do filósofo socialista Charles Fourier (1772-1837), que consistia numa cauda dotada de um olho na ponta, o que permitiria aos falansterianos desenvolverem sua capacidade visual. Fourier criticava o corpo humano por não ter se dotado desse meio natural de “retrovisão”.

32. Vaudeville de Leuven e Brunswick, representado em quatro dias, entre janeiro e outubro de 1849, e em que os teóricos do socialismo eram ridicularizados.

33. A insurreição de junho de 1848 gerou 25 mil presos políticos, e muitos foram para a prisão de Belle-Île-en-Mer, na Bretanha, onde foram instalados os pontões: velhos navios transformados em penitenciárias flutuantes.

34. Alusão ao decreto de Ledru-Rollin pelo qual o Estado retrocedia aos trabalhadores um milhão de francos amputados da lista civil, isto é, do orçamento de despesas de representação do chefe de Estado.

35. Costumava-se jogar palha defronte da casa de um doente para atenuar o barulho das rodas metálicas e dos cavalos no calçamento da rua. Pela quantidade de palha podia-se calcular a fortuna da casa.

36. Em 14 de fevereiro de 1851, a Câmara recusou-se a votar o crédito suplementar de 1,8 milhão de francos exigido pelo presidente Luís Napoleão Bonaparte para despesas de representação.

37. Jacques-Antoine Manuel (1775-1827), famoso orador político francês. Benjamin Constant (1767-1830), político ligado aos círculos liberais.

38. Alusão à prática de distribuição ou recebimento de propinas para políticos e serviços administrativos, em que Dambreuse se metera nesses anos.

39. Nos anos 1830, era um sinal de reconhecimento dos jovens românticos.

40. Salões das mundanas e sustentadas, antigas prostitutas em busca de respeitabilidade.

41. *Corona veneris*, erupção cutânea que é sintoma da sífilis.

42. A Vatnaz falsificou o 0 em 6, ficando com seiscentos francos.

43. Martin Nadaud (1815-98), operário e deputado socialista na Assembleia Legislativa, era ridicularizado pelos antirrepublicanos por ser mau orador e inculto. Tentou organizar a resistência ao golpe de Estado de Luís Napoleão, em 2 de dezembro de 1851, e foi exilado.

44. Alusão às “cobranças sem esperança” que havia no escritório de Dambreuse. Esses títulos de crédito podiam ser revendidos, abaixo de seu valor, a um terceiro, que depois, por decisão judicial, seria reembolsado pelo valor exato da promissória.

45. O golpe de Estado do então presidente Luís Napoleão foi no dia 2 de dezembro de 1851: depois de uma operação de polícia feita na noite anterior, ele decretou o estado de sítio e a dissolução da Assembleia. Muitos parlamentares, generais, chefes de clubes e opositores foram presos provisoriamente na prisão de Mazas, em Paris.

46. Flaubert terminou o romance em maio de 1869 e o publicou em novembro. O inverno em questão deve ser o de 1868-9, um ou dois anos depois dos fatos narrados no capítulo anterior.

Posfácio – A propósito do “estilo” de Flaubert¹

MARCEL PROUST

Leio somente há pouco (o que me impede empreender um estudo aprofundado) o artigo do distinto crítico de *La Nouvelle Revue Française* “Sobre o estilo de Flaubert”.² Fiquei estupefato, confesso, de ver tratado como pouco dotado para escrever um homem que, pelo uso inteiramente novo e pessoal que fez do passado perfeito, do passado imperfeito, do particípio presente, de certos pronomes e de certas preposições, renovou quase tanto a nossa visão das coisas como Kant, com suas Categorias, renovou as teorias do Conhecimento e da Realidade do mundo exterior.³ Não é que eu goste, entre todos, dos livros de Flaubert, nem sequer do estilo de Flaubert. Por motivos que seriam muito longos a desenvolver aqui, creio que só a metáfora pode dar uma espécie de eternidade ao estilo, e não há talvez em todo Flaubert uma só bela metáfora. Bem mais, suas imagens são geralmente tão fracas que não se elevam acima das que seus personagens mais insignificantes poderiam encontrar. Sem dúvida, quando, numa cena sublime, a sra. Arnoux e Frédéric trocam frases como: “Às vezes, as suas palavras me voltam como um eco distante, como o som de um sino levado pelo vento” [...] “Pois tinha sempre no fundo de mim a música da sua voz e o esplendor dos seus olhos”, com certeza é um pouco *bom demais* para uma conversa entre Frédéric e a sra. Arnoux. Mas se, em

vez de seus personagens, fosse Flaubert que falasse, ele não teria encontrado algo muito melhor. Para expressar na mais perfeita de suas obras, de um modo que ele acredita evidentemente ser encantador, o silêncio que reinava no castelo de Julião, ele diz que “ouviam-se o roçar de uma echarpe ou o eco de um suspiro”. E no final, quando aquele que é carregado por São Julião torna-se Cristo, esse minuto inefável é descrito mais ou menos assim: “Seus olhos tomaram uma claridade de estrelas, seus cabelos alongaram-se como os raios do sol, o sopro de suas narinas tinha a doçura das rosas” etc. Não há aí nada de ruim, nenhuma coisa disparatada, chocante ou ridícula como numa descrição de Balzac ou de Renan; parece, contudo, que mesmo sem o auxílio de Flaubert um simples Frédéric Moreau quase poderia ter encontrado isso. Mas, afinal, a metáfora não é todo o estilo. E para qualquer um que tenha um dia subido nessa grande *Calçada rolante* que são as páginas de Flaubert, de desfile contínuo, monótono, sombrio, indefinido, não é possível desconhecer que elas não têm precedente na literatura. Deixemos de lado, não digo nem mesmo as simples inadvertências, mas a correção gramatical; é uma qualidade útil mas negativa (um bom aluno, encarregado de reler as provas de Flaubert, teria sido capaz de suprimir muitos erros).

Em todo caso, há uma beleza gramatical (assim como há uma beleza moral, dramática etc.) que não tem nada a ver com a correção. Foi uma beleza desse gênero que Flaubert deu à luz laboriosamente. Sem dúvida essa beleza podia às vezes decorrer da maneira de aplicar certas regras de sintaxe. E Flaubert ficava radiante quando encontrava nos escritores do passado uma antecipação de Flaubert, em Montesquieu, por exemplo: “Os vícios de Alexandre eram extremos assim como suas virtudes; ele era terrível na cólera; ela o tornava cruel”. Mas se Flaubert se deliciava com tais frases, não era evidentemente por causa de sua correção, e sim porque, permitindo que surgisse do centro de uma proposição o arco que só recairá bem no meio da proposição seguinte, elas asseguravam a estreita, a hermética continuidade do estilo. Para atingir esse mesmo objetivo, Flaubert costuma se servir das regras que regem o emprego do pronome pessoal. Mas desde que não tenha que alcançar esse objetivo, as mesmas regras tornam-se para ele completamente indiferentes. Assim, na segunda ou terceira página de *A educação sentimental*, Flaubert emprega “ele” para designar Frédéric Moreau quando esse pronome deveria se aplicar ao

tio de Frédéric, e quando deveria se aplicar a Frédéric mas designa Arnoux. Mais adiante, o “eles” que se refere aos chapéus quer dizer pessoas etc. Esses erros constantes são quase tão frequentes em Saint-Simon. Mas nessa segunda página de *A educação*, caso se trate de ligar dois parágrafos para que uma visão não seja interrompida, então o pronome pessoal, em inversão por assim dizer, é empregado com rigor gramatical, porque a ligação das partes do quadro e o ritmo regular característico de Flaubert estão em jogo:

“A colina que seguia à direita o curso do Sena aos poucos se abaixou, e surgiu outra, mais perto, na margem oposta.

“Árvores a coroavam” etc.

A reprodução de sua visão, sem, no intervalo, um toque espirituoso ou um traço de sensibilidade, eis, de fato, o que é cada vez mais importante para Flaubert, à medida que ele melhor revela a própria personalidade e torna-se Flaubert. Em *Madame Bovary*, tudo o que não é ele ainda não foi eliminado; as palavras finais: “Ele acabou de receber a cruz de honra” fazem pensar no fim de *Le Gendre de Monsieur Poirier*: “Par de França em 48”. E mesmo em *A educação sentimental* (título tão bonito por sua solidez — título que conviria, aliás, igualmente bem a *Madame Bovary* — mas que não está correto do ponto de vista gramatical),⁴ ainda se esgueiram, aqui e ali, restos, ínfimos aliás, daquilo que não é Flaubert (“sua pobre pequena garganta”) etc. Apesar disso, em *A educação sentimental* a revolução está concluída; o que até Flaubert era ação torna-se impressão. As coisas têm tanta vida como os homens, pois é o raciocínio que, depois, atribui a cada fenômeno visual causas externas, mas na impressão primeira que recebemos essa causa não está implicada. Retomo na segunda página de *A educação sentimental* a frase de que falava há pouco: “A colina que seguia à direita o curso do Sena aos poucos se abaixou, e surgiu outra, mais perto, na margem oposta”. Jacques Blanche disse que na história da pintura uma invenção, uma novidade costumam ser detectadas pela simples relação entre os tons, por duas cores justapostas. O subjetivismo de Flaubert se exprime por um uso novo dos tempos dos verbos, das preposições, dos advérbios, os dois últimos não tendo quase nunca em sua frase mais do que um valor rítmico. Um estado que se prolonga é indicado pelo imperfeito. Toda essa segunda página de *A educação* (página escolhida absolutamente ao acaso) é feita de imperfeitos, a não ser quando intervém uma mudança,

uma ação, uma ação cujos protagonistas geralmente são coisas (“a colina se abaixou” etc.). Logo em seguida o imperfeito é retomado: “Mais de um desejava ser seu proprietário” etc. Mas muitas vezes a passagem do imperfeito ao perfeito é indicada por um particípio presente, que indica a maneira como a ação se produz, ou o momento em que se produz. Ainda na segunda página de *A educação*: “Contemplava [...] os campanários [...] e logo, *Paris desaparecendo*, soltou um grande suspiro”. (O exemplo, de resto, é muito mal escolhido e se encontrariam em Flaubert outros bem mais significativos.) Notemos de passagem que essa atividade das coisas, dos animais, já que são o sujeito das frases (em lugar de esse sujeito serem os homens) obriga a uma grande variedade de verbos. Pego absolutamente ao acaso, abreviando muito: “As hienas andavam na frente dele, o touro balançava a cabeça, enquanto a pantera, abaulando o dorso, avançava a passos de veludo etc. A serpente sibilava, os bichos fedorentos babavam, o javali etc. Para o ataque do javali havia quarenta cães de caça etc. Mastins da Barbária [...] estavam destinados a perseguir os bisões. O pelo preto dos cães fraldiqueiros luzia como cetim, o ganido dos cães talbot valia o dos cornetins cantores” etc. E essa variedade do verbo ganha os homens, que, nessa visão contínua, homogênea, não são mais do que as coisas mas são, ao menos, “uma ilusão a descrever”. Assim: “Ele gostaria de correr no deserto atrás dos avestruzes, ficar escondido nos bambus à espreita dos leopardos, atravessar florestas cheias de rinocerontes, alcançar o pico dos montes para visar as águias e, sobre os gelos do mar, combater os ursos brancos. Ele se via” etc.

Esse eterno imperfeito (vão me permitir qualificar de eterno um passado indefinido, ao passo que quase sempre, entre os jornalistas, eterno designa, não, e com razão, um amor, mas um lenço ou um guarda-chuva. Com seu *eterno lenço* — e felizes de nós se não for com seu *lenço legendário* — é uma expressão “consagrada”); portanto, esse eterno imperfeito, composto em parte das palavras dos personagens que Flaubert relata habitualmente em estilo indireto para que se confundam com o resto (O Estado devia se apropriar da Banca [...]. Muitas outras medidas seriam boas no futuro [...] Precisava-se, primeiro, passar a plaina na cabeça dos ricos. [...] Agora tudo estava tranquilo. [...] As amas de leite e as parteiras deveriam ser funcionárias assalariadas do Estado. [...] Dez mil cidadãs, com bons fuzis, podiam fazer tremer o Hôtel de Ville — nada disso significa que Flaubert

pense e afirme isso, mas que Frédéric, a Vatnaz ou Sénécal o dizem e que Flaubert resolveu usar o menos possível as aspas); portanto, esse imperfeito, tão novo na literatura, muda inteiramente o aspecto das coisas e dos seres, como ocorre com um abajur que foi trocado de lugar, com a chegada a uma casa nova, com a antiga se estiver quase vazia e que se estiver em plena mudança. É esse gênero de tristeza, feito da ruptura dos hábitos e da irrealidade do cenário, que o estilo de Flaubert cria, esse estilo tão novo, quando nada por isso. Esse imperfeito serve para se referir não só às palavras, mas a toda a vida das pessoas. *A educação sentimental*⁵ é um longo relato de toda uma vida, sem que os personagens tomem, por assim dizer, parte ativa na ação. Às vezes o perfeito interrompe o imperfeito, mas então se torna, como este, algo indefinido que se prolonga: “Viajou. Conheceu a melancolia dos navios [...] teve mais outros amores”, e neste caso, por uma espécie de vaivém, é o imperfeito que vem esclarecer um pouco: “Mas a lembrança permanente do primeiro os tornava insípidos”. Às vezes até, no plano inclinado e totalmente na meia-tinta dos imperfeitos, o presente do indicativo opera uma retificação, joga uma fugaz iluminação de pleno dia que distingue coisas que transmitem uma realidade mais duradoura: “Moravam no fim da Bretanha. [...] Era uma casa baixa [...] com um jardim [...] subindo até o alto da colina, de onde se *descobre* o mar”.

A conjunção “e” não tem em Flaubert nada do objetivo que a gramática lhe atribui. Ela marca uma pausa numa medida rítmica e divide um quadro. Com efeito, em todo lugar onde se poria “e”, Flaubert o suprime. São esses o modelo e o feitio de tantas frases admiráveis. “(E) os celtas lastimavam-se de três pedras brutas, sob um céu chuvoso, num golfo repleto de ilhotas” (talvez seja *semeado* em vez de *repleto*, cito de memória). “Era em Megara, no arrabalde de Cartago, nos jardins de Amílcar.” “O pai e a mãe de Julião moravam num castelo, no meio dos bosques, na encosta de uma colina.” Certamente, a variedade das preposições aumenta a beleza dessas frases ternárias. Mas em outras, de um feitio diferente, nunca há “e”. Já citei (por outras razões): “Viajou. Conheceu a melancolia dos navios, os frios despertares sob a tenda, o assombro das paisagens e das ruínas, a amargura das simpatias interrompidas”. Outro teria posto: “e a amargura das simpatias interrompidas”. Mas o grande ritmo de Flaubert não comporta esse “e”. Em compensação, ali onde ninguém teria ideia de usá-lo, Flaubert

o emprega. É como a indicação de que outra parte do quadro começa, de que a onda que reflui, de novo, tornará a se formar. Totalmente ao acaso de uma memória que fez muito mal suas escolhas: “A Place du Carrousel tinha uma aparência tranquila. O Hôtel de Nantes continuava de pé, solitário; e as casas por trás, a cúpula do Louvre em frente, a longa galeria de madeira à direita [...] estavam como que afogados na cor cinza do ar [...] enquanto no outro extremo da praça” etc. Em suma, em Flaubert, “e” começa sempre uma frase secundária e quase nunca termina uma enumeração. Notemos de passagem que o “enquanto” da frase que acabo de citar não marca, e é sempre assim em Flaubert, um tempo, mas é um dos artifícios bastante ingênuos empregado por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que não querem, porém, separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle haveria que assinalar o papel similar dos “não longe”, dos “mais longe”, dos “ao fundo”, dos “mais baixo”, dos “só” etc. A lentíssima aquisição, admito, de tantas particularidades gramaticais (e falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todos notarão sem mim) prova, a meu ver, não que Flaubert não seja “um escritor de raça”, como pretende o crítico de *La Nouvelle Revue Française*, mas, ao contrário, que é. Como essas singularidades gramaticais traduzem, de fato, uma visão nova, quanta dedicação não era necessária para fixar bem essa visão, para fazê-la passar do inconsciente ao consciente, para incorporá-la, enfim, às diversas partes do discurso!

O que apenas surpreende num tal mestre é a mediocridade de sua correspondência. Geralmente os grandes escritores que não sabem escrever (assim como os grandes pintores que não sabem desenhar) não fizeram, na realidade, mais do que renunciar ao seu virtuosismo, à sua “facilidade” inatos a fim de criar, por uma visão nova, expressões que tentam pouco a pouco adaptar-se a ela. Ora, na correspondência, em que a obediência absoluta ao ideal interior, obscuro, não mais os submete, eles se tornam aquilo que, menos grandes, não deixaram de ser. Quantas mulheres, deplorando as obras de um escritor amigo seu, acrescentam: “E se soubesse que bilhetes encantadores ele escreve quando se deixa levar! Suas cartas são infinitamente superiores a seus livros”. De fato, é uma brincadeira de criança mostrar eloquência, brilho, espírito, decisão no traço, para quem habitualmente carece de tudo isso somente porque deve se moldar por uma

realidade tirânica da qual não lhe é permitido mudar o que quer que seja. Essa elevação brusca e aparente que o talento de um escritor sofre assim que ele improvisa (ou o de um pintor que “desenha como Ingres” no álbum de uma dama que não entende os seus quadros), essa elevação deveria ser sensível na correspondência de Flaubert. Ora, o que se registra é, antes, uma baixa. Essa anomalia se complica com o fato de que todo grande artista que voluntariamente deixa a realidade desabrochar em seus livros priva-se de deixar aparecer neles uma inteligência, um julgamento crítico que ele considera inferiores a seu gênio. Mas tudo isso que não está na sua obra transborda na sua conversa, nas suas cartas. As de Flaubert não mostram nada disso. Para nós é impossível aí reconhecer, como o sr. Thibaudet, as “ideias de um cérebro de primeira ordem”, e dessa vez não é o artigo do sr. Thibaudet, mas a correspondência de Flaubert que nos deixa desconcertados. Mas, enfim, já que somos advertidos do gênio de Flaubert somente pela beleza do seu estilo e pelas singularidades imutáveis de uma sintaxe deformante, notemos mais uma dessas singularidades: por exemplo, um advérbio terminando não só uma frase, um período, mas um livro. (Última frase de *Herodiade*: “Como era muito pesada [a cabeça de são João], levavam-na alternadamente”.) Nele, como em Leconte de Lisle, sente-se a necessidade da solidez, ainda que um pouco maciça, por reação a uma literatura, senão oca, pelo menos muito leve, na qual demasiados interstícios, vazios, se insinuavam. Aliás, os advérbios, as locuções adverbiais etc. estão sempre colocados em Flaubert da maneira ao mesmo tempo mais feia, mais inesperada, mais pesada, como para rebocar essas frases compactas, tapar os menores buracos. Diz o sr. Homais: “Os seus cavalos, *talvez*, sejam fogosos”. Hussonnet: “*Talvez* seja hora de ir instruir as massas”. “*Breve* Paris estaria coberta.” Os “afinal”, os “enquanto isso”, os “no entanto”, os “pelo menos” são sempre colocados em lugar diferente daquele em que estariam se fosse outro que não Flaubert, falando ou escrevendo. “Uma lamparina em forma de pomba ardia acima *continuamente*.”

Pela mesma razão, Flaubert não teme o peso de certos verbos, de certas expressões um pouco vulgares (em contraste com a variedade dos verbos que citamos acima, o verbo *ter*, tão sólido, é empregado constantemente ali onde um escritor de segunda ordem procuraria nuances mais finas: “As casas [térreas] tinham jardins em declive”. “As quatro torres tinham

telhados pontiagudos.”). É característico de todos os grandes inventores em arte, pelo menos no século XX, que enquanto os estetas mostraram a filiação deles com o passado, o público os achou vulgares. Diga-se tanto quanto se quiser que Manet, Renoir, que será enterrado amanhã,⁶ Flaubert foram, não iniciadores, mas a última descendência de Velázquez e de Goya, de Boucher e de Fragonard, também de Rubens e até da Grécia antiga, de Bossuet e de Voltaire, mas seus contemporâneos os acharam um pouco comuns; e, apesar de tudo, às vezes duvidamos um pouco daquilo que eles entendiam pela palavra “comum”. Quando Flaubert diz: “[Uma] tal confusão de imagens o atordoava, embora achasse tudo aquilo um encanto, *porém*”, quando Frédéric Moreau, esteja ele com a Marechala ou com a sra. Arnoux, “começou a lhe dizer ternuras”, não podemos pensar que esse “*porém*” tenha graça, nem que esse “começar a lhe dizer ternuras” tenha distinção. Mas gostamos desses materiais pesados que a frase de Flaubert levanta e deixa cair novamente, com o barulho intermitente de um escavador. Pois se, como se escreveu, a lamparina noturna de Flaubert tinha para os barqueiros o efeito de um farol, também se pode dizer que as frases lançadas por seu “gueuloir”⁷ tinham o ritmo regular dessas máquinas que servem para fazer as terraplenagens. Felizes dos que sentem esse ritmo obsessivo; mas os que não conseguem livrar-se dele, os que, seja qual for o assunto tratado, submetidos aos cortes do mestre fazem invariavelmente “Flaubert”, parecem esses desgraçados das lendas alemãs que são condenados a viver para sempre amarrados ao badalo de um sino. Assim, no que se refere à intoxicação flaubertiana, eu não recomendaria demais aos escritores a virtude purgativa, exorcizante, do pastiche. Quando vimos de acabar um livro, não só gostaríamos de continuar a viver com seus personagens, com a sra. de Beauséant, com Frédéric Moreau, como também nossa voz interior, que foi disciplinada por toda a duração da leitura para seguir o ritmo de um Balzac, de um Flaubert, gostaria de continuar a falar como eles. É preciso deixá-la agir assim por um momento, deixar o pedal prolongar o som, isto é, fazer um pastiche voluntário, para depois poder voltar a ser original, não fazer toda a sua vida um pastiche involuntário. O pastiche voluntário, de qualquer maneira, o fazemos de modo totalmente espontâneo; é de imaginar que, quando escrevi um pastiche, aliás detestável, de Flaubert,⁸ eu não tinha me perguntado se o canto que ouvia em mim decorria da repetição dos imperfeitos ou dos

participios presentes. Sem isso eu jamais teria conseguido transcrevê-lo. Foi um trabalho inverso que realizei hoje, buscando anotar às pressas algumas dessas particularidades do estilo de Flaubert. Nosso espírito nunca está satisfeito se não conseguiu fazer uma análise clara daquilo que primeiro produziu inconscientemente, ou uma recriação viva daquilo que primeiro analisou pacientemente. Eu não me cansaria de observar os méritos, hoje tão contestados, de Flaubert. Um dos que mais me tocam, porque aí encontro a conclusão das modestas pesquisas que fiz, é que ele sabe dar com maestria a impressão do Tempo. A meu ver, a coisa mais bela de *A educação sentimental* não é uma frase, mas um branco. Flaubert acaba de descrever, de relatar durante longas páginas as menores ações de Frédéric Moreau. Frédéric vê um agente caminhar com sua espada para cima de um insurgente que tomba morto. “E Frédéric, boquiaberto, reconheceu Sénecal!” Aqui, um “branco”, um enorme “branco” e, sem sombra de uma transição, de repente a medida do tempo se torna, em vez de quartos de hora, os anos, as décadas (retomo as últimas palavras que citei para mostrar essa extraordinária mudança de velocidade, sem preparação):

“E Frédéric, boquiaberto, reconheceu Sénecal.

Viajou. Conheceu a melancolia dos navios, os frios despertares sob a tenda etc.

Voltou.

Frequentou a sociedade etc.

Pelo fim de março de 1867” etc.

Sem dúvida, em Balzac costumamos ter: “Em 1817, os Séchard eram” etc. Mas nele essas mudanças de tempo têm um caráter ativo ou documental. Flaubert é o primeiro que as livra do parasitismo das anedotas e das escórias da história. O primeiro que as põe em música.

Se escrevo tudo isso em defesa (no sentido em que Joachim du Bellay entende) de Flaubert, de quem não gosto muito, se me sinto privado de não escrever sobre vários outros que prefiro, é porque tenho a impressão de que não sabemos mais ler.⁹

O sr. Daniel Halévy escreveu ultimamente em *Les Débats* um belíssimo artigo sobre o centenário de Sainte-Beuve. Mas, a meu ver, bem mal inspirado nesse dia, não teve ele a ideia de citar Sainte-Beuve como um dos

grandes guias que perdemos? (Não tendo livros nem jornais à mão, neste momento em que improviso “de última hora” o meu estudo, não respondo pela expressão exata que Halévy empregou, mas o sentido era esse.) Ora, permiti-me, mais que ninguém, verdadeiras devassidões com a deliciosa má música que é a língua falada, perolada, de Sainte-Beuve, mas alguém jamais falhou tanto quanto ele em seu ofício de guia? A maior parte de seus *Lundis* são dedicados a autores de quarta categoria, e quando ele tem de falar de um de primeira, de um Flaubert ou de um Baudelaire, compensa imediatamente os breves elogios que lhes faz dando a entender que se trata de um artigo de condescendência, pois o autor é um de seus amigos pessoais. É unicamente como de amigos pessoais que ele fala dos Goncourt, a quem podemos apreciar mais ou menos, mas que em todo caso são infinitamente superiores aos objetos habituais da admiração de Sainte-Beuve. Gérard de Nerval, que seguramente é um dos três ou quatro maiores escritores do século XIX, é desdenhosamente tratado de *gentil Nerval*, a propósito de uma tradução de Goethe. Mas que ele tenha escrito obras pessoais parece ter escapado a Sainte-Beuve. Quanto a Stendhal romancista, ao Stendhal de *A Cartuxa*, nosso “guia” sorri, e vê nisso os efeitos funestos de uma espécie de empreitada (fadada ao insucesso) para erigir Stendhal em romancista, assim como a celebridade de certos pintores parece mais ou menos resultante de uma especulação de negociantes de quadros. É verdade que Balzac, quando Stendhal ainda estava vivo, saudara seu gênio, mas foi mediante remuneração. Se bem que o próprio autor tenha achado (segundo Sainte-Beuve, intérprete inexato de uma carta que aqui não é o lugar de comentar) que ele merecia mais por aquele dinheiro. Em suma, se não tivesse coisas mais importantes a fazer, eu me encarregaria de “esboçar”, como diria o sr. Cuvillier Fleury, segundo Sainte-Beuve, um “Quadro da literatura francesa no século XIX” numa certa escala, em que nem um só grande nome figuraria, em que seriam promovidos a grandes escritores indivíduos que todo mundo esqueceu que eles escreveram. Sem dúvida, é lícito enganar-se e o valor objetivo de nossos julgamentos artísticos não tem muita importância. Flaubert desconheceu Stendhal, que por sua vez achava pavorosas as igrejas românicas e zombava de Balzac. Mas o erro está mais em Sainte-Beuve, porque ele não para de repetir que é fácil fazer um julgamento justo sobre Virgílio ou La Bruyère, sobre autores há muito tempo reconhecidos e classificados, mas que o

difícil, a função própria do crítico, aquilo que lhe vale realmente seu nome de crítico, é pôr no nível certo os autores contemporâneos. Ele mesmo, deve-se admitir, nunca fez isso, nem uma só vez, e é o que basta para que lhe recusemos o título de guia. Talvez o mesmo artigo do sr. Halévy — artigo notável, aliás — me permitisse, se eu o tivesse diante dos olhos, mostrar que não é só a prosa que já não sabemos ler, mas os versos. O autor considera dois versos de Sainte-Beuve. Um deles é mais um verso do sr. André Rivoire que de Sainte-Beuve. O segundo:

Sorrente m'a rendu mon doux rêve infini [Sorrento me devolveu meu doce sonho infinito]

é pavoroso se pronunciarmos o *r* guturalmente, e ridículo se rolarmos os *r*. Em geral, a repetição desejada de uma vogal ou de uma consoante pode criar grandes efeitos (Racine: *Ifigênia*, *Fedra*.) Há uma labial que, repetida seis vezes num verso de Hugo, dá essa impressão de leveza aérea que o poeta quer produzir:

Les souffles de la nuit flottaient sur Galgala. [Os sopros da noite flutuavam sobre Galgala]

Quanto a Hugo, soube se servir até da repetição do *r* que é, ao contrário, pouco harmoniosa em francês. Utilizou-a de modo feliz, mas em condições bem diferentes. Em todo caso, e seja o que for quanto aos versos, já não sabemos ler prosa; no artigo sobre o estilo de Flaubert, o sr. Thibaudet, leitor tão douto e tão ponderado, cita uma frase de Chateaubriand. Escolhas não lhe faltavam. Como são numerosas aquelas em que há algo para nos extasiarmos! O sr. Thibaudet (querendo, é verdade, mostrar que o uso do anacoluto torna mais leve o estilo) cita uma frase do menos belo Chateaubriand, do Chateaubriand apenas eloquente, e sobre o pouco interesse dessa frase o meu distinto confrade poderia ter sido advertido com base no próprio prazer que o sr. Guizot sentia em declamá-la. Em regra geral, tudo o que em Chateaubriand continua ou pressagia a eloquência política dos séculos XVIII e XIX não é o verdadeiro Chateaubriand. E devemos pôr algum escrúpulo, alguma consciência na

nossa apreciação das diversas obras de um grande escritor. Quando Musset, ano após ano, galho após galho, eleva-se até as *Nuits*, e Molière até *Misanthrope*, não há certa crueldade em preferir:

À Saint-Blaise, à la Zuecca,

Nous étions, nous étions bien aise

[Em Saint-Blaise, na Zuecca, / Estávamos, estávamos bem contentes]

às primeiras, e *Les Fourberies de Scapin* ao segundo? Aliás, basta-nos ler os mestres, Flaubert assim como os outros, com mais simplicidade. Vamos nos surpreender de ver como continuam vivos, perto de nós, oferecendo-nos mil exemplos bem-sucedidos do esforço em que nós mesmos falhamos. Flaubert escolhe o dr. Senard para defendê-lo, poderia ter evocado o testemunho notável e desinteressado de todos os grandes mortos. Posso, para terminar, citar dessa sobrevivência protetora dos grandes escritores um exemplo totalmente pessoal. Em *Du côté de chez Swann*, certas pessoas, mesmo muito letradas, desconhecendo a composição rigorosa, conquanto velada (e talvez mais dificilmente discernível porque era de larga abertura de compasso e porque o trecho simétrico a um primeiro trecho, a causa e o efeito encontravam-se a grande intervalo um do outro), acreditaram que meu romance era uma espécie de coletânea de lembranças, encadeando-se segundo as leis fortuitas da associação de ideias. Citaram, para apoiar essa contraverdade, páginas em que algumas migalhas de “madeleine” imersas numa infusão me lembram (ou pelo menos lembram ao narrador que diz “eu” e que nem sempre sou eu) todo um tempo de minha vida, esquecido na primeira parte da obra. Ora, sem falar neste momento do valor que encontro nessas relembrações inconscientes em que baseio, no último volume — ainda não publicado — de minha obra, toda a minha teoria da arte, e para me ater ao ponto de vista da composição, eu tinha simplesmente, para passar de um plano a outro plano, usado não um fato, mas aquilo que achei mais puro, mais precioso como junção, um fenômeno da memória. Abram as *Mémoires d'outre-tombe* [de Chateaubriand], ou *Les Filles du feu*, de Gérard de Nerval. Verão que os dois grandes escritores que as pessoas gostam de — sobretudo o segundo — empobrecer e dessecar por uma interpretação

puramente formal, conheceram à perfeição esse processo de transição brusca. Quando Chateaubriand está — se bem me lembro — em Montboissier, ouve de repente um tordo cantar. E esse canto, que ele escutava tantas vezes em sua juventude, o faz imediatamente voltar a Combourg, o incita a mudar, e a fazer o leitor mudar junto com ele, de tempo e de província. Da mesma maneira, a primeira parte de *Sylvie* se passa diante de um palco e descreve o amor de Gérard de Nerval por uma atriz. De repente, seus olhos caem num anúncio: “Amanhã os arqueiros de Loisy” etc. Essas palavras evocam uma lembrança, ou melhor, dois amores de infância: de imediato o lugar da notícia é deslocado. Esse fenômeno de memória serviu de transição a Nerval, a esse grande gênio de quem quase todas as obras poderiam ter como título aquele que dei primeiro a uma das minhas: *Les Intermittences du cœur*. Nele, tinham outro caráter, dir-se-á, sobretudo pelo fato de que era louco. Mas do ponto de vista da crítica literária, não se pode propriamente chamar de loucura um estado que deixa subsistir a percepção justa (bem mais, que aguça e orienta o sentido da descoberta) das relações mais importantes entre as imagens, entre as ideias. Essa loucura é quase que o momento em que os habituais devaneios de Gérard de Nerval tornam-se inefáveis. Sua loucura é então como um prolongamento de sua obra; dela se evade para logo recomeçar a escrever. E a loucura, resultado da obra precedente, torna-se ponto de partida e a própria matéria da obra que se segue. O poeta tem tanta vergonha do acesso que chega ao fim quanto nós enrubescemos todo dia por ter dormido, e quanto talvez, um dia, ficaremos envergonhados por ter passado um instante pela morte. E ele se exercita em classificar e descrever sonhos alternados. Eis-nos bem longe do estilo de *Madame Bovary* e de *A educação sentimental*. Em razão da pressa com que escrevo estas páginas, o leitor desculpará os erros do meu.

NOTAS

1. Artigo publicado em *La Nouvelle Revue Française*, 1º jan. 1920, t. XIV, n. 76, pp. 72-90. Este artigo de Proust é visto, hoje, como o prenúncio dos críticos que, muitos anos depois, aproximariam Flaubert do *nouveau roman*. (N. T.)
2. Albert Thibaudet, “Sur le style de Flaubert”. *La Nouvelle Revue Française*, 1º nov. 1919. (N. T.)
3. Sei que Descartes tinha começado, com seu “bom senso”, que não é outra coisa senão os princípios racionais. Aprendia-se isso antigamente em sala de aula. Como o sr. Reinach, que,

diferente pelo menos nisso dos Emigrados, tudo aprendeu e nada esqueceu, não sabe e pode acreditar que Descartes deu provas de uma “ironia deliciosa” ao dizer que o bom senso é a coisa do mundo mais bem partilhada? Em Descartes isso significa que o homem mais tolo usa, sem querer, o princípio de causalidade etc. Mas o século XVII francês tinha uma maneira muito simples de dizer as coisas profundas. Quando eu tento, nos meus romances, me pôr a seguir sua escola, filósofos me criticam por empregar no sentido corrente a palavra “inteligência” etc.

4. Por volta de 1919-20, houve uma polêmica nos meios literários de Paris sobre os supostos erros da língua de Flaubert. Críticos consideravam que mais correto seria o título: *A educação do sentimento*. Alegavam que, embora o adjetivo “sentimental” tivesse sido introduzido na França em fins do século XVIII, quando saiu a tradução de *The Sentimental Journey*, de Laurence Sterne, a palavra era mais corrente como substantivo. Marcel Proust não explica neste artigo o motivo da incorreção gramatical, mas em carta ao crítico Jacques Boulenger diz entender o título como “a Educação puramente sentimental, em que os mestres apelaram, no jovem que tinham de educar, apenas para o sentimento”. Curiosamente, nessa carta Proust atribui a seu interlocutor, e não a si mesmo, a ideia de que “o primeiro erro de francês de *A educação sentimental* é o título”. Ver <www.amis-flaubert-maupassant.fr/article-bulletins/031_031/>. (N. T.)
5. *A educação sentimental* à qual, certamente de acordo com a vontade de Flaubert, poderia se aplicar esta frase da quarta página (p. 34 desta edição) do próprio livro: “E o tédio, vagamente disseminado, parecia [...] tornar ainda mais insignificante o aspecto dos viajantes”.
6. Auguste Renoir morreu em 3 de dezembro de 1919. (N. T.)
7. Método pelo qual Flaubert lia quase aos gritos seus textos para sentir a musicalidade das palavras e do estilo. Era a chamada “prova do gueuloir”, termo que deriva de *gueuler*, gritar. (N. T.)
8. Marcel Proust publicou em 1919, a pedido de seu editor Gaston Gallimard, o livro *Pastiches et mélanges*, coletânea de pastiches de Flaubert, Balzac e outros e de artigos para o jornal *Le Figaro*. O pastiche de Flaubert se chama “L’Affaire Lemoine”. (N. T.)
9. As exceções encontram-se às vezes em grandes livros sistemáticos, nos quais não se esperaria crítica literária. Uma nova crítica literária decorre de *L’Hérédito* e de *Le Monde des images*, esses livros admiráveis do sr. León Daudet, e com consequências tão grandes, assim como uma nova física, uma nova medicina da filosofia cartesiana. Sem dúvida, as visões profundas do sr. León Daudet sobre Molière, sobre Hugo, sobre Baudelaire etc. são mais belas ainda se as ligamos, pelas leis da gravitação, a essas esferas que são as Imagens, mas em si mesmas, e separadas dos sistemas, elas provam a vivacidade e a profundidade do gosto literário.

Cronologia

- 1812 Achille-Cléophas Flaubert, pai de Gustave e vice-diretor do hospital Hôtel-Dieu em Rouen, se casa com Anne Justine Caroline Fleuriot, filha adotiva do diretor do hospital.
- 1819 Achille-Cléophas Flaubert é nomeado diretor do Hôtel-Dieu. A família se muda para a ala residencial do hospital.
- 1821 12 DE DEZEMBRO nascimento de Gustave Flaubert, segundo filho do casal, cujo primogênito, Achille-Cléophas, nascera oito anos antes.
- 1824 JULHO nascimento de sua irmã Caroline.
- 1830 A primeira carta de Flaubert de que se tem notícia.
- 1832 Interno no Collège de Rouen. Criação de *Le Garçon*, um gaiato anárquico rabelaisiano. Conhece Ernest Chevalier, com quem em 1834 funda o jornal manuscrito *Art et Progrès*, no qual publica seu primeiro texto.
- 1835 Veraneio no litoral, em Trouville. Conhece a família Collier.
- 1836 Primeiro contato, na praia de Trouville, com Elisa Schlésinger, onze anos mais velha e grande amor idealizado de Flaubert, que recriará essa paixão em *A educação sentimental*.
- 1837 Primeiras publicações na revista *Le Colibri*, de Rouen: “Bibliomanie” e “Une Leçon d’histoire naturelle”.
- 1839 O irmão mais velho se forma em medicina e se casa. Gustave é expulso do colégio por indisciplina.
- 1840 Aprovado no exame do *baccalauréat*; viagem aos Pireneus e à Córsega com o médico Jules Cloquet, amigo de seu pai. Amor de viagem, em Marselha, com Eulalie Foucaud.
- 1841 NOVEMBRO matricula-se na faculdade de direito, em Paris, mas continua morando com a família.
- 1842 JULHO muda-se para Paris, indo morar perto do Jardin de Luxembourg. Termina *Novembre*, obra autobiográfica de publicação póstuma.
DEZEMBRO aprovado nos exames do primeiro ano de direito.
- 1843 FEVEREIRO escreve uma primeira versão de *A educação sentimental* (publicação póstuma) que pouco tem a ver com a definitiva, de 1869.
MARÇO primeiro contato com o escritor Maxime Du Camp.
AGOSTO reprovado nos exames do segundo ano de direito.
- 1844 JANEIRO primeiro ataque nervoso. Abandona a faculdade de direito.
JUNHO a família Flaubert se muda para Croisset.

- 1845 JANEIRO finaliza o primeiro *A educação sentimental*.
MARÇO a irmã se casa com Émile Hamard.
ABRIL-JUNHO a família viaja pela Itália.
NOVEMBRO o pai adoece.
- 1846 JANEIRO morte do pai, deixando uma herança que lhe possibilita viver de renda e dedicar-se integralmente à literatura. A irmã dá à luz uma filha.
MARÇO morte da irmã, cuja filha de dois meses, Caroline, será criada pelo escritor e por sua mãe.
JULHO conhece a poeta Louise Colet; casamento de um de seus amigos mais caros, Alfred Le Poittevin.
AGOSTO trava amizade com Louis Bouilhet; primeira carta a Louise Colet.
- 1847 MAIO-AGOSTO excursão a pé na Touraine e na Bretanha com Maxime Du Camp.
- 1848 FEVEREIRO chega a Paris com Bouilhet para presenciar a insurreição popular e a queda de Luís Filipe, transcritas em *A educação sentimental*.
ABRIL morte de Alfred Le Poittevin.
MAIO começa a trabalhar na primeira versão de *A tentação de santo Antão*.
AGOSTO rompe o relacionamento com Louise Colet.
SETEMBRO conclui a primeira versão de *Santo Antão*, que Bouilhet e Du Camp consideram um fracasso.
OUTUBRO parte com Du Camp em uma excursão de dezoito meses pelo Oriente.
- 1850 FEVEREIRO viagem Nilo acima.
MAIO travessia do deserto a camelo.
AGOSTO morte de Balzac; Flaubert e Du Camp chegam a Jerusalém.
SETEMBRO abandono do plano de visitar a Pérsia; os viajantes rumam para o oeste.
OUTUBRO chegam a Rodes.
NOVEMBRO visitam Constantinopla.
DEZEMBRO chegam a Atenas.
- 1851 ABRIL Flaubert vai a Roma; Du Camp volta a Paris. MAIO Flaubert chega à casa de Croisset; retoma a relação com Louise Colet. SETEMBRO começa a escrever *Madame Bovary*. Está em Paris, em dezembro, quando Luís Napoleão Bonaparte dá o golpe de Estado prévio ao estabelecimento do Segundo Império.
- 1852 JANEIRO Du Camp é agraciado com a *Légion d'honneur*. SETEMBRO Du Camp assume a função de editor da *Revue de Paris*.
- 1853 SETEMBRO morte de *père* Parain, o tio predileto.
- 1854 OUTUBRO ruptura definitiva com Louise Colet.
- 1856 ABRIL conclui *Madame Bovary*
MAIO-OUTUBRO reescreve *Santo Antão*.
OUTUBRO primeiro episódio de *Madame Bovary* publicado na *Revue de Paris*.
- 1857 JANEIRO Flaubert é processado pela publicação de livro imoral.
FEVEREIRO o processo Bovary termina em absolvição. ABRIL *Madame Bovary* publicado em livro.
SETEMBRO começa a trabalhar em *Salammbô*.
- 1858 ABRIL-JUNHO visita Cartago, na Tunísia, e Argélia, ambientação de *Salammbô*.
- 1862 FEVEREIRO conclui *Salammbô*.
NOVEMBRO publicação de *Salammbô*.
- 1863 JANEIRO primeira carta a George Sand.
FEVEREIRO primeiro contato com Turguêniev.

- 1864 JANEIRO noivado da sobrinha Caroline com Ernest Commainville. SETEMBRO começa a redação de *A educação sentimental*.
NOVEMBRO primeira visita a Compiègne a convite do imperador Napoleão III.
- 1865 JULHO viagem a Londres e a Baden-Baden. Frequenta os “jantares Magny”, que reúnem George Sand, Sainte-Beuve, Littré, os irmãos Goncourt, Hippolyte Taine.
- 1866 AGOSTO condecorado como *Chevalier de la Légion d’honneur*.
NOVEMBRO primeira visita de George Sand a Croisset.
- 1868 MAIO estada de George Sand em Croisset.
- 1869 MAIO conclui *A educação sentimental*. Os originais são lidos pelo autor no salão literário da Princesa Mathilde, prima do imperador.
JULHO morte de Louis Bouilhet, “sua consciência literária”.
NOVEMBRO publicação de *A educação sentimental*.
DEZEMBRO passa o Natal com George Sand em Nohant.
- 1870 AGOSTO início da Guerra Franco-Prussiana.
DEZEMBRO vitoriosas, as tropas prussianas chegam a Rouen.
- 1871 JANEIRO assinatura do armistício com a Prússia.
MARÇO-MAIO Comuna de Paris.
JULHO as tropas prussianas saem de Rouen.
- 1872 ABRIL morte da mãe de Flaubert.
JUNHO termina a versão final de *Santo Antônio*.
- 1874 ABRIL publicação de *A tentação de Santo Antônio*.
AGOSTO Tratamento na estação de águas de Kaltbad, na Suíça; começa a escrever *Bouvard et Pécuchet*.
- 1875 Saúde abalada e problemas financeiros decorrentes da falência do viúvo da sobrinha Caroline.
Vende suas terras e entrega o apartamento parisiense da Rue Murillo.
SETEMBRO começa a escrever *A legenda de São Julião Hospitaleiro*.
- 1876 MARÇO morte de Louise Colet.
JUNHO morte de George Sand.
AGOSTO acaba de escrever *Um coração simples*.
NOVEMBRO começa a trabalhar em *Herodiade*.
- 1877 ABRIL publicação de *Três contos*. Retoma a redação de *Bouvard e Pécuchet*.
- 1879 OUTUBRO beneficiado com pensão oficial.
- 1880 FEVEREIRO eleição de Du Camp para a *Académie française*.
- 8 DE MAIO morte de Flaubert, vítima de hemorragia cerebral, em Croisset. Três dias depois, comparecem a seu enterro, em Rouen, os amigos Émile Zola, Alphonse Daudet, Théodore de Banville, Edmond Goncourt, Guy de Maupassant.

Copyright do prefácio © 2017 by Maria Rita Kehl

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
L'Éducation sentimentale

PREPARAÇÃO
Fernanda Alvares

REVISÃO
Thaís Totino Richter
Fernando Nuno

ISBN 978-85-438-1062-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

GUSTAVE FLAUBERT

Madame Bovary

Madame Bovary

Flaubert, Gustave

9788580864168

496 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reconhecido por autores como Henry James como "o romance perfeito", Madame Bovary é a obra fundamental de Gustave Flaubert (1821-80). Trata-se de um raridade, mesmo em um clássico, um exercício meticuloso de escrita que igualmente desafiava as estruturas literárias e as convenções sociais. Não à toa, a época de lançamento o impacto foi duplo: um sucesso de público e a reação feroz do governo francês, que levou o autor a julgamento sob a acusação de imoralidade. Flaubert inventou um estilo totalmente novo e moderno, praticando uma

escrita que, ao longo dos cinco anos que levou para terminar o livro, literalmente avançou palavra a palavra. Cada frase devia refletir o esforço em obtê-la, sendo reescrita e reescrita ad infinitum. Mestre do realismo, o autor documenta a paisagem e o cotidiano da segunda metade do século XIX, ironizando os romances sentimentais e folhetins, gêneros que considerava obsoletos. A história faz um ataque à burguesia, desmoralizando-a com a descrição exuberante de sua banalidade. Em um tempo em que as mulheres eram submissas, Emma Bovary encontra nos tolos romances dos livros o antídoto para o tédio conjugal e inaugura uma galeria de famosas esposas adúlteras atormentadas na literatura.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN &
COMPANHIA
DAS LETRAS

FICÇÃO

Lima Barreto
O homem que
sabia javanês

FICÇÃO



O homem que sabia javanês - Assista a Esse Livro

Barreto, Lima

9788543810720

16 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos contos mais famosos de Lima Barreto, publicado pela primeira vez em 1911, ganha nova edição digital. Notas e estabelecimento de texto de Lilia Moritz Schwarcz. Esta edição faz parte do projeto Assista a Esse Livro, que une clássicos da literatura brasileira a suas adaptações para a TV. Ela contém links para cenas do especial O homem que sabia javanês, exibido pela Rede Globo em 1994, com produção de Guel Arraes, Jorge Furtado e João

Falcão, estrelando Marco Nanini e Fernanda Torres.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS

OSWALD DE ANDRADE

MANIFESTO
ANTROPÓFAGO
E OUTROS
TEXTOS



GRANDES IDEIAS

Manifesto antropófago e outros textos

de Andrade, Oswald

9788543809700

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nesses textos fundamentais do modernismo, estão congregadas as ideias certeiras e beligerantes do autor de Serafim Ponte Grande. Este volume da Coleção Grandes Ideias reúne quatro textos lapidares de Oswald de Andrade: "Manifesto da Poesia Pau Brasil", "Manifesto Antropófago", "falação" e "Antologia". Nessa seleta, é possível ter acesso ao projeto estético cultural e à crítica contundente sobre a ideia de nação, com a marca da inteligência, do humor e do poder de síntese do mais transgressor dos modernistas. Publicado

originalmente no Correio da Manhã em 1924, "Manifesto da Poesia Pau Brasil" sugere novos princípios para a poesia. Ao louvar "a contribuição milionária de todos os erros", o autor propõe a fusão de elementos eruditos e populares e a incorporação do cotidiano e da oralidade. Já o "Manifesto Antropófago", incluído pela primeira vez na Revista de Antropofagia, foi concebido em 1928. Ao questionar a noção de identidade brasileira, a obra viria a se tornar uma mais cultuadas de Oswald. Os outros dois textos são menos conhecidos do público: "falação", publicado como abertura do volume de poemas Pau Brasil, de 1925, é uma síntese das ideias enaltecidas no "Manifesto da Poesia Pau Brasil", e "Antologia", escrito em 1928, levou o trocadilho ao extremo, com seu conteúdo cômico e extremamente combativo.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLASSICOS

F. SCOTT FITZGERALD

O grande Gatsby

O grande Gatsby

Fitzgerald, F. Scott

9788580862676

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nos tempos de Jay Gatsby, o jazz é a música do momento, a riqueza parece estar em toda parte, o gim é a bebida nacional (apesar da lei seca) e o sexo se torna uma obsessão americana. O protagonista deste romance é um generoso e misterioso anfitrião que abre a sua luxuosa mansão às festas mais extravagantes. O livro é narrado pelo aristocrata falido Nick Carraway, que vai para Nova York trabalhar como corretor de títulos. Passa a conviver com a prima, Daisy, por quem Gatsby é apaixonado, o marido dela, Tom Buchanan, e a golfista

Jordan Baker, todos integrantes da aristocracia tradicional. Na raiz do drama, como nos outros livros de Fitzgerald, está o dinheiro. Mas o romantismo obsessivo de Gatsby com relação a Daisy se contrapõe ao materialismo do sonho americano, traduzido exclusivamente em riqueza. Aclamado pelos críticos desde a publicação, em 1925, O grande Gatsby é a obra-prima de Scott Fitzgerald, ícone da "geração perdida" e dos expatriados que foram para a Europa nos anos 1920.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS

JEAN-JACQUES
ROUSSEAU

A ORIGEM DA
DESIGUALDADE
ENTRE OS
HOMENS



GRANDES IDEIAS

A origem da desigualdade entre os homens

Rousseau, Jean-Jacques

9788554510008

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

A matriz do pensamento moral e político de Rousseau em um dos documentos mais revolucionários do século XVIII. Este notável clássico da filosofia política foi escrito por Rousseau para atender à questão posta pela Academia de Dijon — “Qual é a origem da desigualdade entre os homens e se ela é legitimada pela lei natural”. Em sua resposta, o filósofo se pergunta em primeiro lugar “o que é o homem?”. Para tanto, remonta à ideia de estado de natureza, para em seguida evidenciar

o quanto a humanidade se afastou dele e, assim, fixar o cerne do problema da desigualdade entre os homens. Segundo Rousseau, o crescimento da civilização corrompe a felicidade natural do homem e sua liberdade ao criar desigualdades artificiais de riqueza, poder e privilégios sociais. Alvo de duras críticas ao longo dos séculos, este discurso se mantém tão atual e polêmico quanto o foi em 1755.

[Compre agora e leia](#)